



THE
BLACK LILY
JULIETTE CROSS

TALES OF THE BLACK LILY

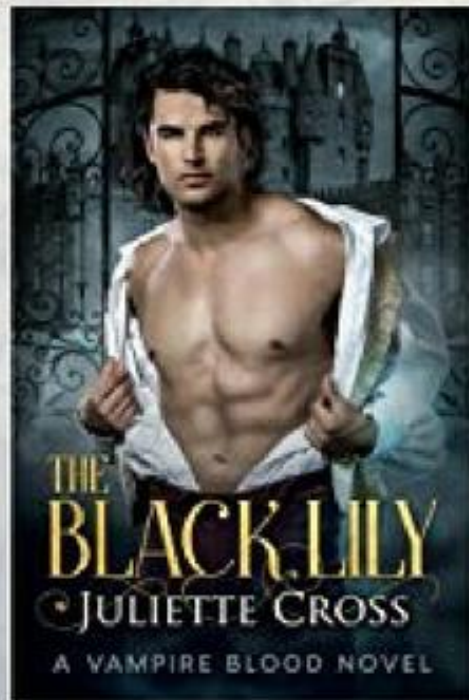


A vibrant watercolor splash in shades of red, orange, yellow, purple, blue, and green, with black ink-like splatters, set against a light gray background.

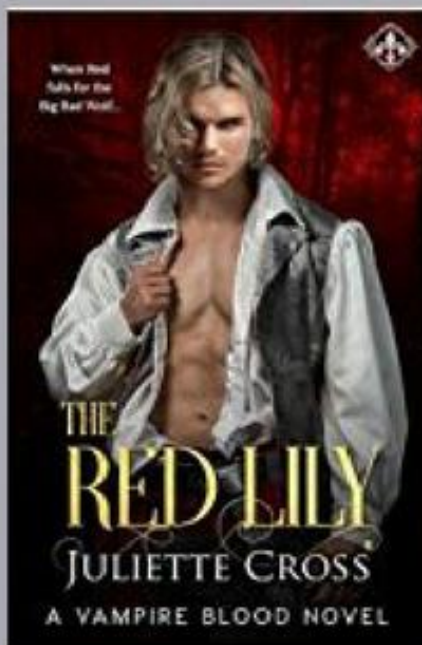
Meraki Traduções

THE BLACK LILY

JULIETTE CROSS



LANÇAMENTO!



Para minha amada mãe, a primeira a me dar um amor de contos de fadas e felizes para sempre!



Sínopse

Cinderela como você nunca viu antes...

Com a ameaça de que a monarquia dos vampiros se torne cada vez mais forte, o Black Lily precisa tomar medidas drásticas. Como líder da resistência secreta, Arabelle arquiteta o plano perfeito para chamar a atenção da Torre de Vidro. Seu plano? Comparecer ao Baile de Sangue do Príncipe vampiro e matá-lo. Felizmente, para o Príncipe Marius, seu assassinato dá errado e Arabelle foge, deixando apenas sua adaga para trás.

Marius está desesperado, tentando encontrar a mulher cujo beijo se transformou em tentativa de assassinato, caçando a misteriosa assassina que ele não consegue esquecer. Mas, o que ele descobre durante essa busca, pode mudar o curso de sua vida para sempre...

Prólogo

Era uma vez humanos que viviam em paz pela terra de Varis. Um Rei benevolente governava a partir da grande Torre de vidro. Até que um dia, o Rei morreu. Ele deixou dois herdeiros para comandar o Reino – irmão gêmeos. Um procurou governar igualmente e em harmonia com seu irmão. Mas o outro foi consumido pela ganância e vaidade, determinado a ser o único com todo o poder.

O gêmeo malvado buscou ajuda nas forças sombrias, bem além das fronteiras do Reino, nas matas solitárias da Floresta de Silvane, onde nenhum homem havia pisado antes. Os rumores se espalharam, gerando sussurros de que um grande, mas, terrível poder se escondia ali, bem no fundo do coração da floresta.

Depois de um ano inteiro, o gêmeo malvado voltou para o palácio e avançou sobre o irmão coroado no trono, mordendo seu pescoço com presas afiadas e bebendo cada gota de seu sangue, até o jovem Rei dar seu último suspiro. Naquele momento, o novo monarca se transformou – ficou mais alto, mais forte, mais sedutor e mais poderoso. Não mais um simples mortal, mas um monstro. Um *vampiro*. Ninguém sabia o que tinha acontecido naquela floresta, mas as trevas agora habitavam dentro do coração do gêmeo malvado.

O governante vampiro matou todos os homens no palácio que se opuseram ao novo reinado. Aqueles que se renderam também se tornaram vampiros, criando um exército de imortais para guardar e proteger o novo Reino. O exército vasculhou as terras do Reino, até que todos em Varis se submetessem à vontade do imortal no poder. Enquanto a humanidade fizesse o que lhes foi dito e fornecesse Bleeders¹ sem protestos, tudo ficaria bem.

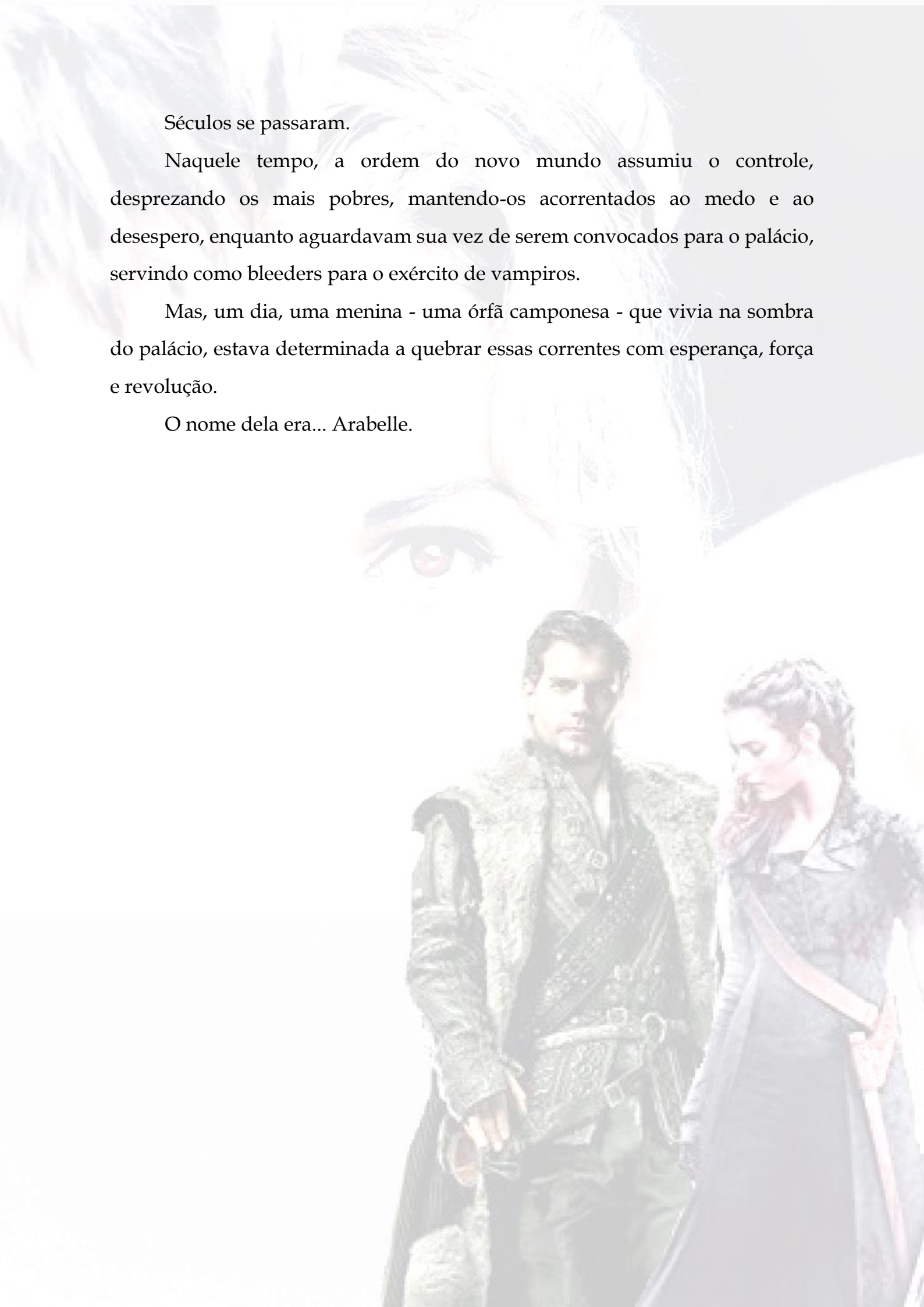
¹ Pessoas que, na maioria das vezes, eram de classe inferior, sendo obrigadas a se “voluntariar”, fornecendo abastecimento de sangue para nutrir o exército do Rei.

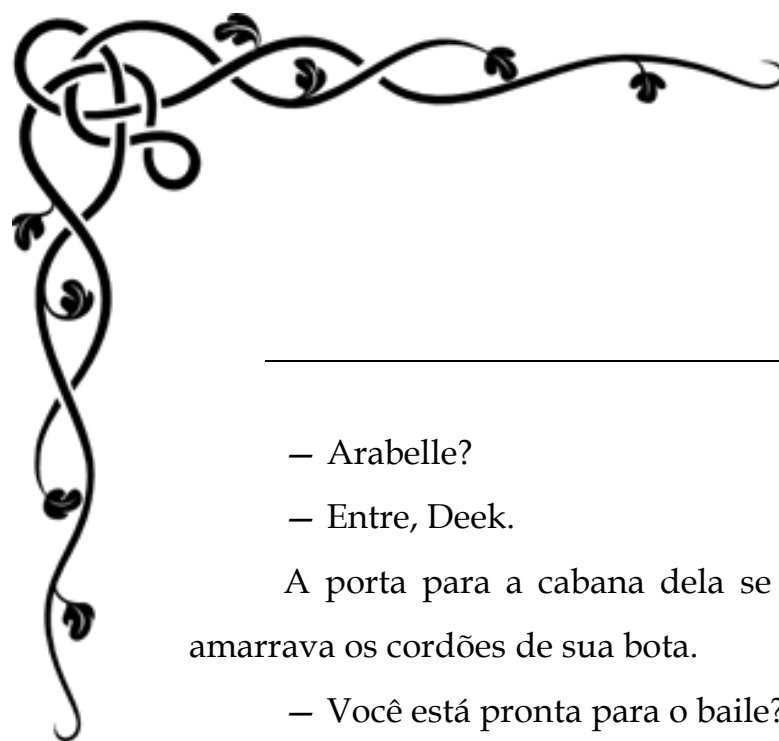
Séculos se passaram.

Naquele tempo, a ordem do novo mundo assumiu o controle, desprezando os mais pobres, mantendo-os acorrentados ao medo e ao desespero, enquanto aguardavam sua vez de serem convocados para o palácio, servindo como bleeders para o exército de vampiros.

Mas, um dia, uma menina - uma órfã camponesa - que vivia na sombra do palácio, estava determinada a quebrar essas correntes com esperança, força e revolução.

O nome dela era... Arabelle.





Capítulo 01

- Arabelle?
- Entre, Deek.

A porta para a cabana dela se fechou com um rangido, enquanto ela amarrava os cordões de sua bota.

- Você está pronta para o baile?

Ela se afastou da tela do biombo, o vestido de seda dourado estava tirando sua capacidade de respirar normalmente. Melhor o espartilho do que um vampiro sanguinário.

– Será que os mortos-vivos sangram? – Ela perguntou, com as mãos nos quadris.

Os olhos dele se arregalaram.

- Caramba. Você fica bem quando se arruma.
- É, quando não estou coberta de suor ou esterco de vaca.

Ele riu, cruzando os braços sobre o peito musculoso. Acenando rudemente com a cabeça em direção às pernas dela, ele disse.

- Deixe-me ver.

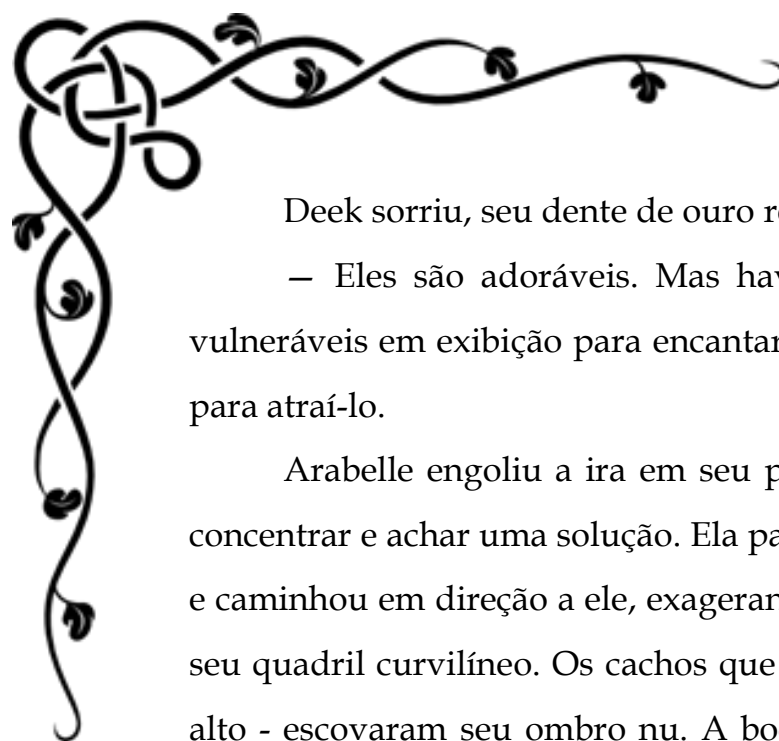
Ela ergueu a saia e a anágua, passando de suas meias para um adorno da cinta liga, que segurava sua adaga serrilhada de dois gumes e com ponta de ouro.

– Satisfeito? – Ela abaixou as saias de volta, alisando ao redor de seu comprimento.

- Não. Como você planeja se aproximar dele?

Ela zombou e endireitou os ombros, empurrando os seios até uma altura desejável.

- Acredito que isso vá atraí-lo.



Deek sorriu, seu dente de ouro reluzindo à luz das velas.

— Eles são adoráveis. Mas haverá muitos peitos grandes e pescoços vulneráveis em exibição para encantar o Príncipe. Isso não vai ser o suficiente para atraí-lo.

Arabelle engoliu a ira em seu peito. Como sempre, a ira a ajudou a se concentrar e achar uma solução. Ela passou as mãos sobre a cintura, alisando-a e caminhou em direção a ele, exagerando propositalmente nos movimentos de seu quadril curvilíneo. Os cachos que ela soltou de seu penteado – um coque alto – escovaram seu ombro nu. A boca de Deek ficou entreaberta. Seu olhar sombrio se desfez. Quando chegou perto dele, ela descruzou seus braços e colocou as mãos dele em seus quadris, pressionando seu corpo no dele, esmagando o decote em seu peito.

— Isso é sedutor o bastante?

Ela lambeu os lábios para atraí-lo ainda mais. Ele nem percebeu ela erguendo a saia para pegar a adaga.

— Arie, o que...

Com um golpe suave e preciso no joelho, ele caiu para trás no chão de madeira. Ela sentou em seu peito, prendendo seus braços com os joelhos, enganchou uma mão em seu cabelo e apontou a adaga de ponta de ouro para sua garganta.

— Será que isso vai funcionar?

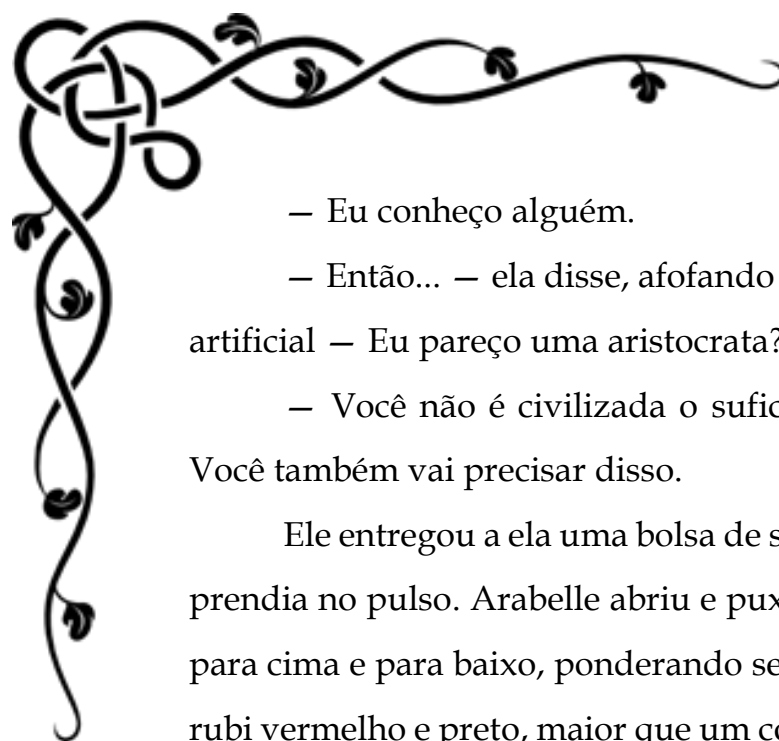
— Você é rápida. Eu tenho que admitir.

— Na verdade, não. Os homens é que são fáceis de distrair. Mesmo os vampiros. — Ela o levantou, mas não antes de arranhar seu queixo com a adaga.

— E não me chame de Arie.

Ele limpou a gota de sangue de seu queixo desalinhado enquanto se levantava do chão.

— Onde você conseguiu este vestido, Deek? Não sabia que você se dedicava ao comércio de seda.



– Eu conheço alguém.

– Então... – ela disse, afofando suas saias de seda e forçando um sorriso artificial – Eu pareço uma aristocrata?

– Você não é civilizada o suficiente. Mas vai ter que ir assim mesmo. Você também vai precisar disso.

Ele entregou a ela uma bolsa de seda preta, amarrada com um cordão que prendia no pulso. Arabelle abriu e puxou uma bugiganga maciça, sacudindo-a para cima e para baixo, ponderando seu peso. Ela assobiou quando ergueu um rubi vermelho e preto, maior que um coração de galinha. A gema pendia do fim de uma corrente de prata.

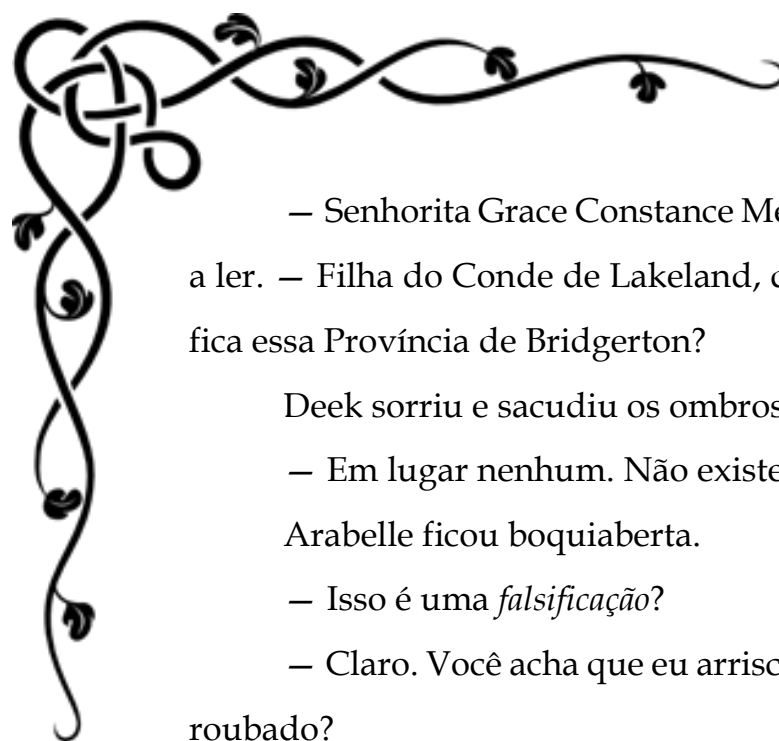
– Meu Deus, Deek.

– Sim, eu sei. É óbvio que é emprestado, então, vou precisar disso de volta. Mas você precisa se misturar. Toda mulher nobre que vai para a Torre de Vidro usa joias. Especialmente, aquelas que pretendem ser concubinas de sangue do Príncipe.

Arabelle estremeceu com o pensamento. Mas ele estava certo. Ela precisava desempenhar bem esse papel se quisesse se aproximar o suficiente para completar sua missão. Ela apertou o colar, se perguntando que amigo de Deek lhe emprestaria tal joia. Mas ele era um homem engenhoso. Ele era rude e grosseiro, mas também tinha beleza suficiente debaixo daquela carapuça desarrumada. Às vezes, senhoras bem-nascidas gostavam de se sujar. Quem melhor para levantar sua saia quando precisa de satisfação do que um ferreiro musculoso, com pecado em seus olhos escuros?

– O convite também está aí. – Ele acrescentou.

Ela puxou o envelope da bolsa e abriu as abas, observando que o selo da monarquia já havia sido rompido. Lá dentro estava o convite para o baile do Príncipe Marius. Ela passou o dedo sobre as letras em prata no pergaminho fino, antes de notar o nome e o título escritos em tinta preta na parte inferior.



— Senhorita Grace Constance Merriweather? — Ela riu, depois continuou a ler. — Filha do Conde de Lakeland, da província de Bridgerton. Onde diabos fica essa Província de Bridgerton?

Deek sorriu e sacudiu os ombros musculosos.

— Em lugar nenhum. Não existe.

Arabelle ficou boquiaberta.

— Isso é uma *falsificação*?

— Claro. Você acha que eu arriscaria que você fosse pega com um convite roubado?

Arabelle dobrou novamente o convite, depois examinou o selo vermelho em relevo - uma letra V ousadamente envolvida em redemoinhos fluorescentes. Beleza e poder unificados. Um arrepio percorreu sua espinha, sabendo da crueldade daqueles que ela estava prestes a enfrentar com o ato de traição de hoje à noite. Ela nunca matou ninguém. Mas, sempre que sua consciência a incomodava, ela endureceria seu coração com a lembrança de sua mãe morta, com os olhos arregalados e vidrados. Este era o caminho certo a seguir. Ela acreditava nisso, como se o próprio destino tivesse traçado esse plano.

— Este é o selo real. Como diabos você conseguiu falsificar isso?

— Eu conheço alguém.

Ela balançou a cabeça e colocou o convite de volta na bolsa de seda preta.

— Você é realmente um prodígio, Deek.

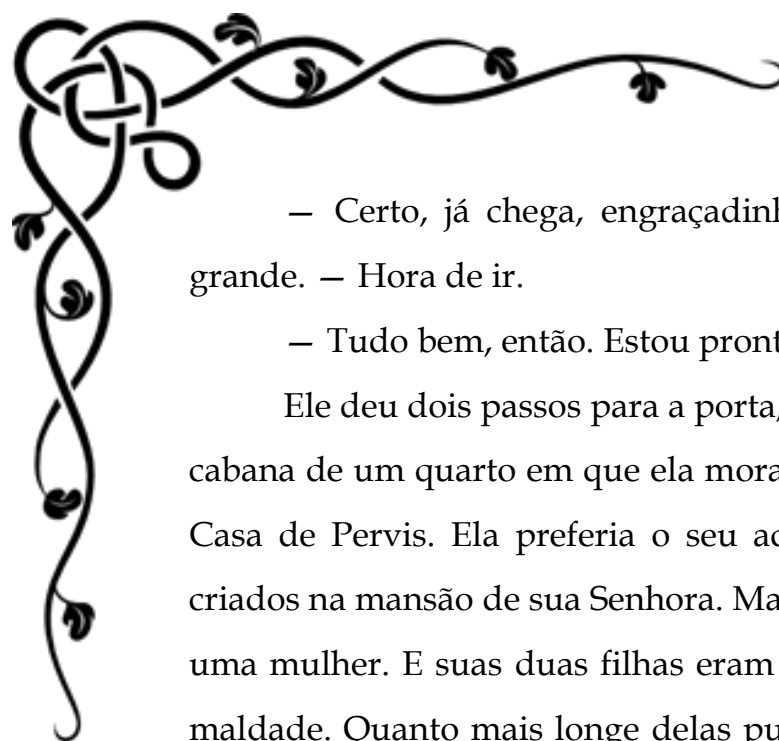
— Já ouvi isso antes.

— Aposto que ouviu.

— Sua máscara também está aí. Essa parte vem com os cumprimentos da Maggie.

Arabelle sorriu ao pensar em Maggie, uma moça encantadora que trabalhava para a costureira na cidade.

— Aposto que Maggie estava ansiosa para *te* ajudar. Não a mim.



— Certo, já chega, engraçadinha. — Ele disse, acenando com a mão grande. — Hora de ir.

— Tudo bem, então. Estou pronta.

Ele deu dois passos para a porta, que era cerca de metade da extensão da cabana de um quarto em que ela morava, desde que ela teve que vir e servir a Casa de Pervis. Ela preferia o seu aconchegante barraco aos aposentos dos criados na mansão de sua Senhora. Madame Pervis era mais uma bruxa do que uma mulher. E suas duas filhas eram superficialmente iguais em crueldade e maldade. Quanto mais longe delas pudesse ficar, melhor. Infelizmente, elas a levaram quando sua mãe morreu. Sua escolha era servir-lhes ou tornar-se uma bleeder para os vampiros da guarda, os Legionários. Ainda muito nova, ela já havia visto os cadáveres sendo carregados em carroças pelos portões traseiros, para serem enterrados em campos distantes. Os Legionários eram conhecidos por se alimentarem do sangue dos bleeders até secá-los, o que era supostamente contra as leis de Varis.

Então, como uma órfã vulnerável, não havia escolha para ela. Mas agora ela era uma mulher de personalidade própria e com mais coragem do que um monte de homens em Sylus. E ela tinha planos. Começando com a morte do Príncipe Marius.

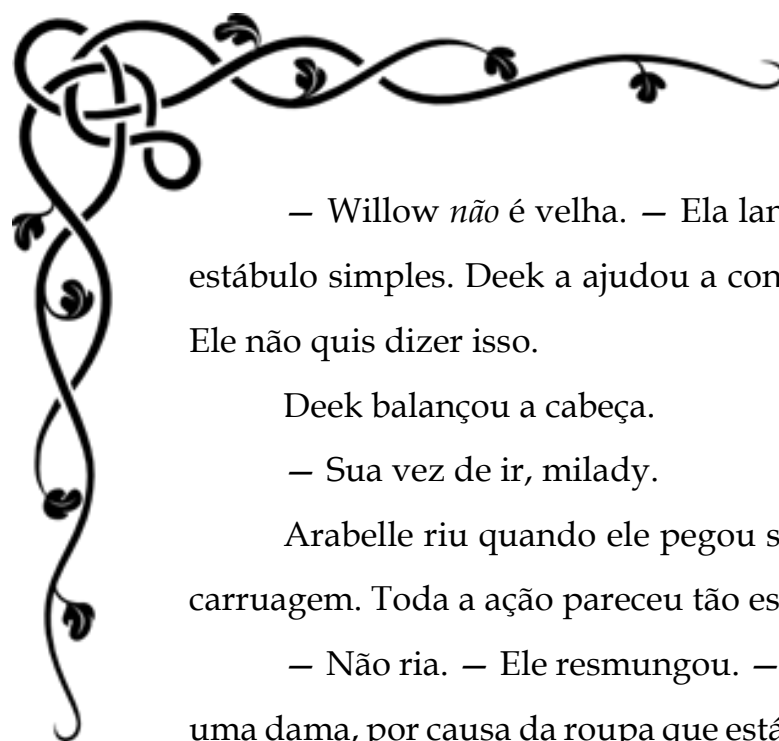
Ela atravessou a porta e depois parou bruscamente. Uma carruagem preta com rodas de prata e filigrana² decorando cada canto dela, a esperava. O motorista, vestido com um uniforme apropriado, tirou o chapéu e a cumprimentou de seu assento.

Boquiaberta, Arabelle se virou para Deek, incapaz de formular uma resposta por cinco segundos completos. E ela raramente ficava sem palavras.

— Deixe-me adivinhar, — ela finalmente disse — você conhece alguém.

— Eu não poderia deixar você ir naquele cavalo velho.

² Filigrana é um trabalho ornamental feito de fios muito finos e pequeninas bolas de metal, soldadas de forma a compor um desenho. O metal é geralmente ouro ou prata, mas o bronze e outros metais também são usados.



— Willow *não* é velha. — Ela lançou um olhar para sua égua marrom no estábulo simples. Deek a ajudou a construir com sucata. — Tudo bem, garota. Ele não quis dizer isso.

Deek balançou a cabeça.

— Sua vez de ir, milady.

Arabelle riu quando ele pegou sua mão enluvada e a ajudou a entrar na carruagem. Toda a ação pareceu tão estranha.

— Não ria. — Ele resmungou. — Melhor se acostumar a ser tratada como uma dama, por causa da roupa que está vestindo. Interprete seu papel, Arabelle.

— Ele disse com toda a seriedade. — Agora, essa carruagem não é emprestada.

— Você a *roubou*?

Ele se inclinou para frente e respondeu em um sussurro.

— Peguei emprestado sem permissão. O motorista tem ordens expressas para sair da Torre de Vidro exatamente no badalar da meia-noite. Se você não estiver dentro da carruagem a essa hora, ele vai sair sem você. Não posso arriscar que o dono da carruagem perceba que ela não está onde deveria. Esse é todo o tempo que posso te dar.

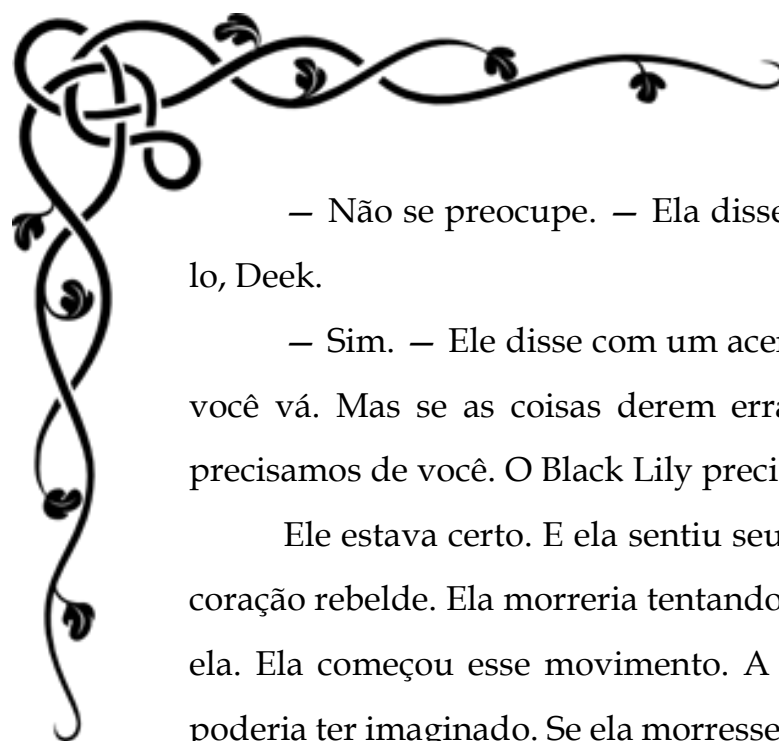
— Não se preocupe. Eu tenho um plano reserva. Espero conseguir sair até essa hora, mas tenho outra rota de fuga configurada, se precisar.

— Bom. Lembre-se, o Príncipe Marius estará mais fraco do que o normal por causa daquela maldita tradição de jejuar antes dos bailes de sangue. Mas ele não estará vulnerável. Não o subestime.

— Eu não vou. — Ela declarou, endireitando os ombros.

— E, Arabelle, se você não conseguir a oportunidade certa, aborte a missão. Venha para casa em segurança, e nós encontraremos outro jeito.

Ela olhou para o seu amigo mais querido, aquele que conspirou com ela nos últimos dois anos e se tornou seu maior aliado em sua crescente resistência. Era isso. O momento que ambos estavam planejando e esperando.



— Não se preocupe. — Ela disse com força e confiança. — Eu *vou* matá-lo, Deek.

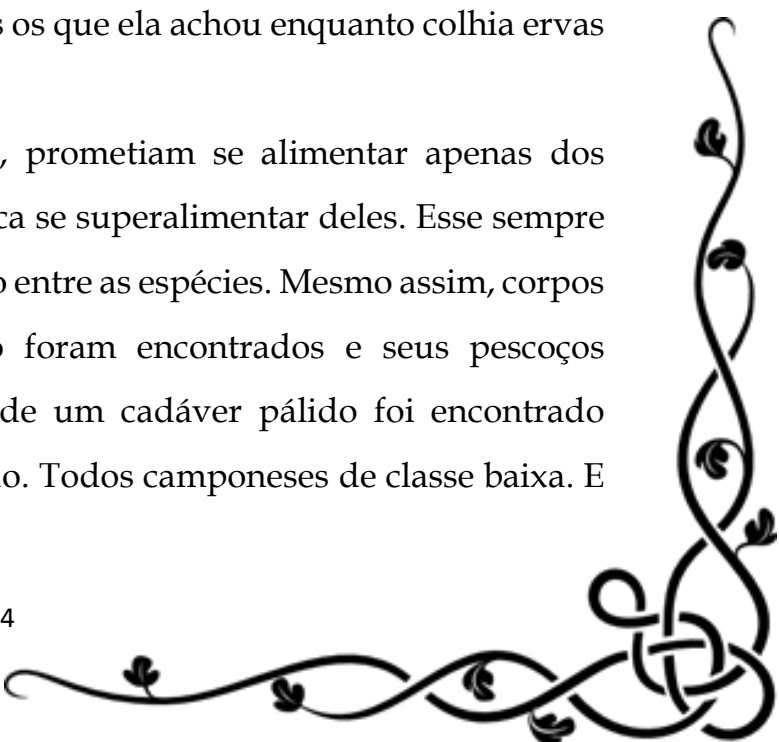
— Sim. — Ele disse com um aceno rápido. — Não tenho dúvidas de que você vá. Mas se as coisas derem errado, não morra tentando, mulher. Nós precisamos de você. O Black Lily precisa de você.

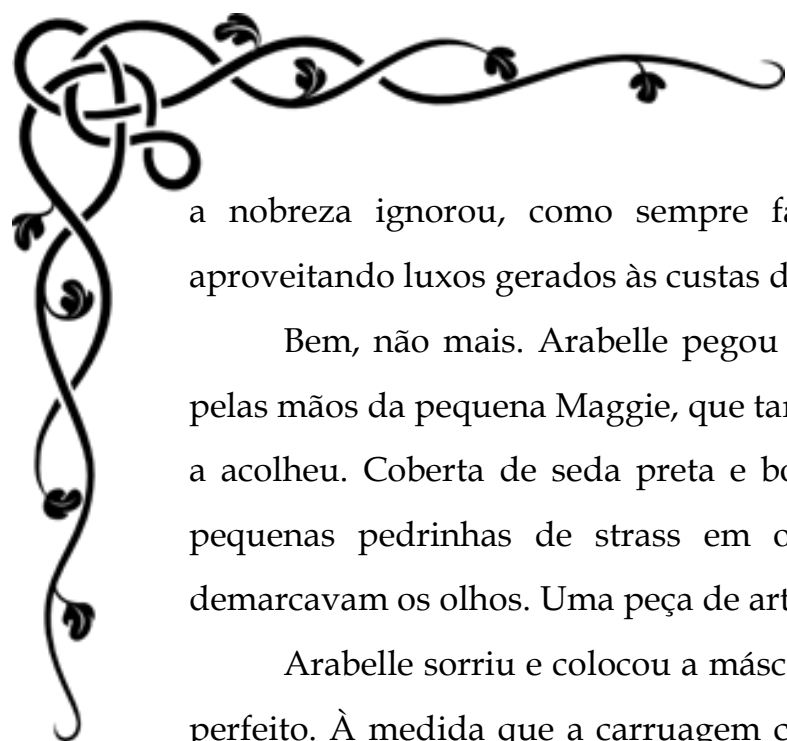
Ele estava certo. E ela sentiu seu aviso percorrer todo o caminho até seu coração rebelde. Ela morreria tentando por aqueles que estavam contando com ela. Ela começou esse movimento. A promessa se espalhou mais do que ela poderia ter imaginado. Se ela morresse, tudo poderia desmoronar antes mesmo de ter realmente começado.

Deek fechou a porta e bateu duas vezes na lateral, sinalizando ao motorista para seguir em frente. A carruagem se moveu para a frente. Arabelle se sentou no assento almofadado e olhou pela janela, a lua e as estrelas estavam brilhando nos campos de abóbora. Uma sensação esmagadora de dever consolidou sua determinação, não importando mais que seu disfarce fosse estranho e desconfortável.

Ela observou as fileiras de abóboras brilhantes, imaginando o rosto de cada pessoa que contava com ela para começar a revolução com este único ato contra o Império de Varis. Então lembrou dos rostos que ela tinha visto drenados de sangue por esses monstros. Não apenas aqueles que foram taxados de “acidente de superalimentação”, mas os que ela achou enquanto colhia ervas na floresta.

Os vampiros prometiam ordem, prometiam se alimentar apenas dos bleeders oferecidos pelo Império e nunca se superalimentar deles. Esse sempre foi o juramento, para manter o equilíbrio entre as espécies. Mesmo assim, corpos de aldeões que haviam desaparecido foram encontrados e seus pescoços estavam destroçados por feras. Mais de um cadáver pálido foi encontrado jogado na floresta, sem nenhum cuidado. Todos camponeses de classe baixa. E

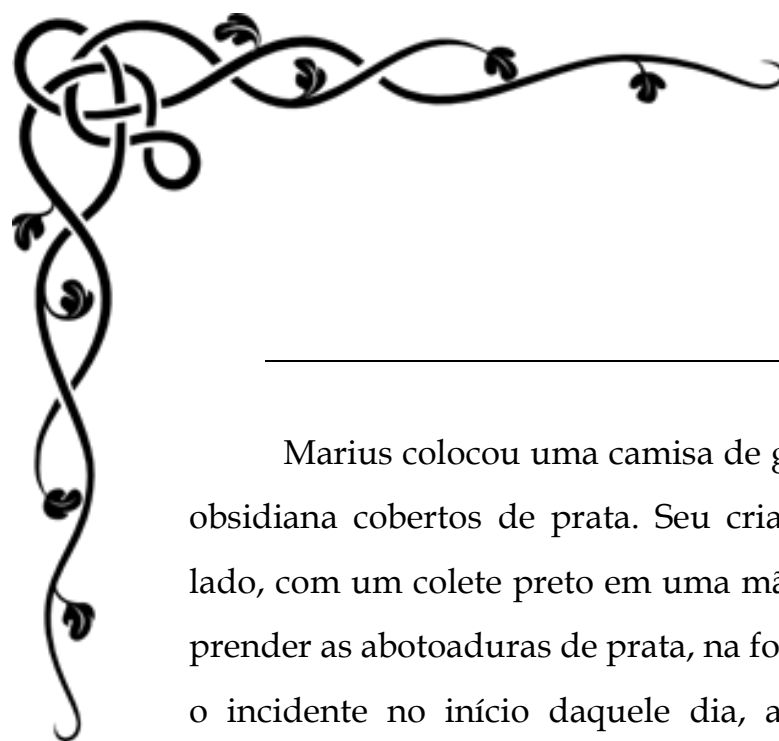




a nobreza ignorou, como sempre fazia, vivendo em suas boas casas e aproveitando luxos gerados às custas dos pobres.

Bem, não mais. Arabelle pegou a máscara feita especialmente para ela pelas mãos da pequena Maggie, que também era uma órfã, até que a costureira a acolheu. Coberta de seda preta e bordada em renda, também preta, tinha pequenas pedrinhas de strass em ouro, que cintilavam nas bordas que demarcavam os olhos. Uma peça de artesanato adorável.

Arabelle sorriu e colocou a máscara no lugar. Agora, seu disfarce estava perfeito. À medida que a carruagem corria, com a mesma determinação com que ela sempre conduziu a maior parte de sua vida, ela imaginava seu alvo e sua missão - matar o Príncipe vampiro.



Capítulo 02

Marius colocou uma camisa de gola preta e apertou a linha de botões de obsidiana cobertos de prata. Seu criado, Baines, esperava pacientemente ao lado, com um colete preto em uma mão e abotoaduras na palma da outra. Ao prender as abotoaduras de prata, na forma do V imperial, Marius refletiu sobre o incidente no início daquele dia, ainda perplexo. Agora ele estava mais determinado do que nunca a descobrir por que os criados estavam se comportando como se ele fosse um predador esperando para atacar.

— Mas o que é que você pensa que está fazendo? — A voz do seu melhor amigo surgiu atrás dele.

Marius vestiu o colete.

— Obrigado, Baines. Isso é tudo.

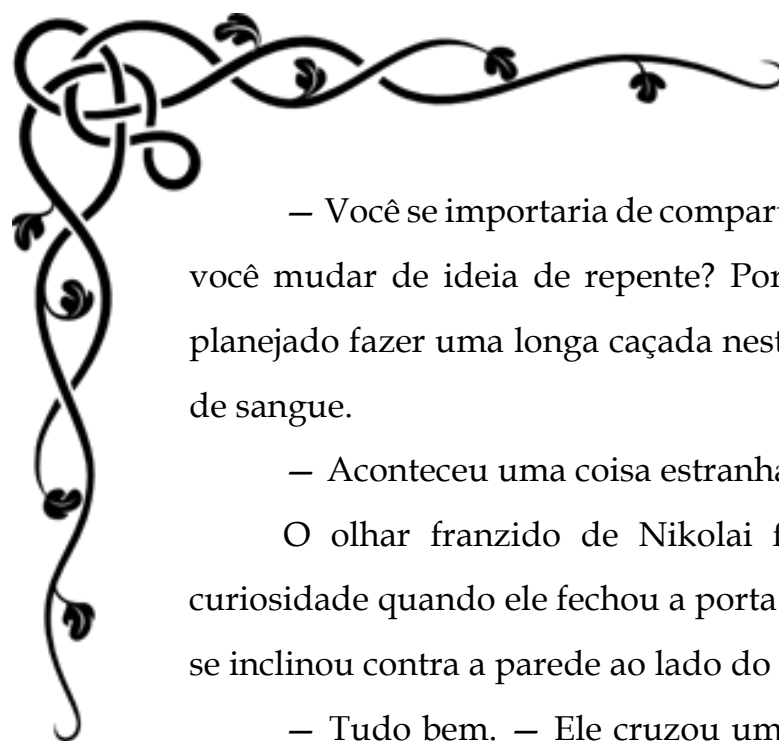
— Sim, Sua Alteza. Boa noite.

Baines passou por Nikolai, que estava de pé, com uma mão no quadril, vestindo seu uniforme de Legionário e com sua carranca habitual no lugar. Ele observou Baines sair.

— Eu corri até aqui depois que organizei meus homens em suas posições para o baile, pronto para ajudá-lo a fugir antes que as festividades começassem - como você havia solicitado, devo lembrá-lo - só para descobrir que você está se vestindo para o maldito evento do qual jurou que não iria participar. Que porra está acontecendo?

— Eu mudei de ideia. — Disse Marius com um sorriso malicioso, aproximando-se do espelho retangular pendurado na parede e envolvendo sua gola com a gravata de seda preta.

Nikolai zombou, mostrando todo seu descontentamento.



— Você se importaria de compartilhar quais foram os eventos que fizeram você mudar de ideia de repente? Porque, se eu bem me lembro, você tinha planejado fazer uma longa caçada nesta mesma noite, para escapar desse baile de sangue.

— Aconteceu uma coisa estranha esta manhã. Feche a porta.

O olhar franzido de Nikolai foi suavizado para uma expressão de curiosidade quando ele fechou a porta e se aproximou. De braços cruzados, ele se inclinou contra a parede ao lado do espelho.

— Tudo bem. — Ele cruzou uma perna por cima do tornozelo. — Você tem minha atenção. Vamos ouvir.

Marius continuou a ajeitar a gravata, deslizando uma volta sobre a outra, até o pano largo da faixa dobrada cair suavemente sob o colete.

— Foi a empregada da copa.

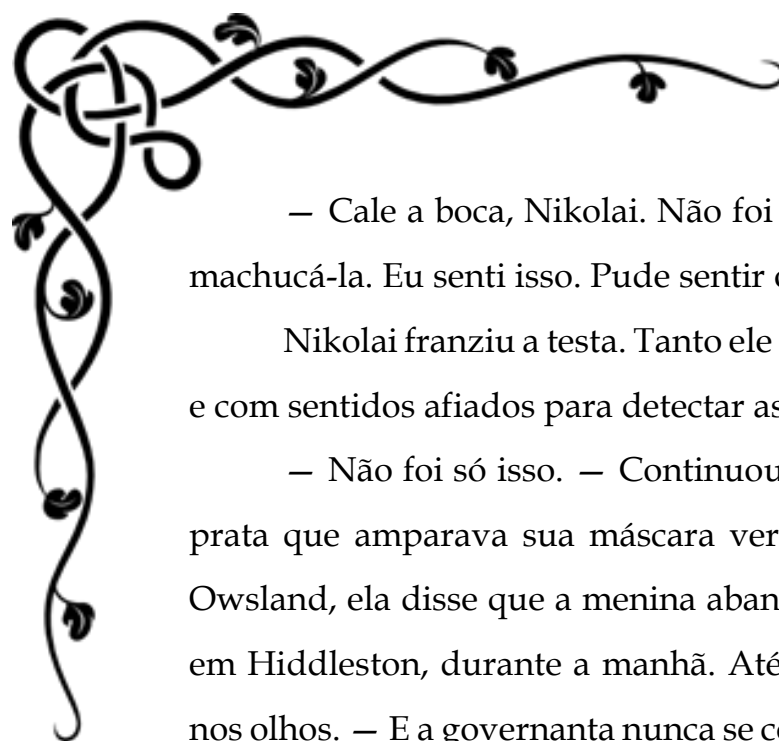
— A empregada da copa? — Nikolai arqueou uma sobrancelha, um cacho de cabelo loiro caindo sobre um olho.

— Sim. — Ele terminou com a gravata, alcançando a prateleira onde Baines tinha deixado seu paletó habilmente pendurado e o retirou do cabide. — Eu entrei no meu salão privado hoje mais cedo e havia uma empregada limpando a grade. Eu a assustei o suficiente para que ela deixasse cair o balde de cinzas. Eu me aproximei para oferecer minha ajuda, pois pude ver a pobre menina com medo de morrer. Mas ela... — Marius voltou àquele momento, se lembrando do olhar de puro horror no rosto da jovem.

— Ela o que, Marius?

— Ela correu apavorada. — Ele colocou seu paletó elegante e puxou sua camisa para dentro, as abotoaduras cintilando com a luz do candelabro.

— É claro que ela correu. Você é o Príncipe Marius. Você intimidaria e aterrorizaria qualquer jovem que nunca tivesse visto o grande Príncipe. — Ele disse, acenando em direção a sua figura alta.



— Cale a boca, Nikolai. Não foi tão simples assim. Ela pensou que eu ia machucá-la. Eu senti isso. Pude sentir o cheiro angustiante do medo.

Nikolai franziu a testa. Tanto ele como Marius eram vampiros experientes e com sentidos afiados para detectar as sutis diferenças nas emoções humanas.

— Não foi só isso. — Continuou Marius, aproximando-se da bandeja de prata que amparava sua máscara vermelha. — Quando eu questionei a Sra. Owsland, ela disse que a menina abandonou seu cargo e voltou para sua casa, em Hiddleston, durante a manhã. Até a Sra. Owsland me encarou com medo nos olhos. — E a governanta nunca se comportou dessa maneira antes, mexendo com o avental, como se ela estivesse prestes a fazer um buraco nele. — Eu posso ser um idiota ocasionalmente, mas nunca fui tão cruel a ponto de justificar esse comportamento.

— Ocasionalmente?

Marius riu, olhando a máscara de cetim vermelho em suas mãos, se perguntando o que é que ele não estava conseguindo identificar por trás dos rostos assustados dos criados do palácio.

Nikolai se desencostou da parede.

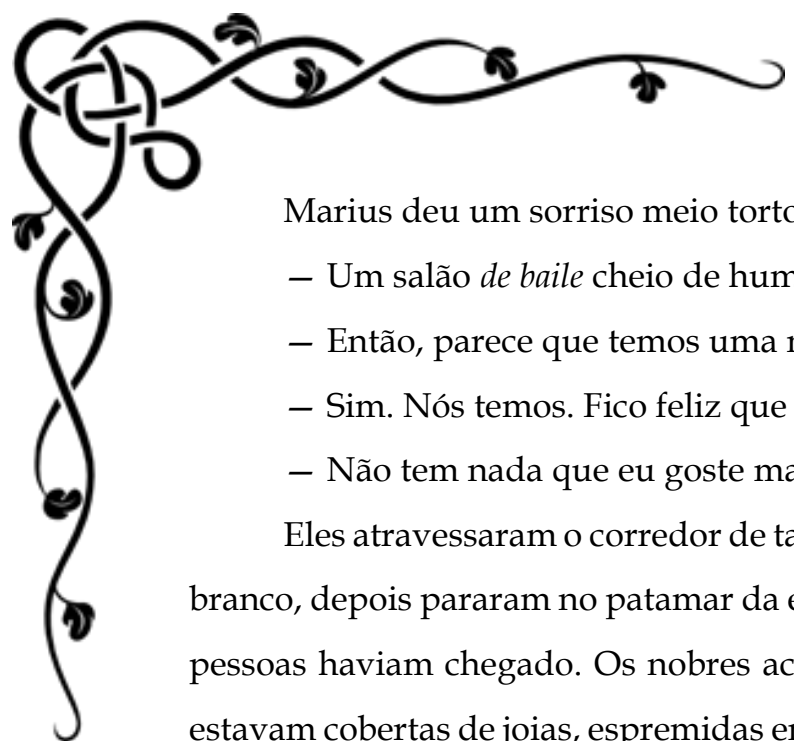
— Ela não deu nenhuma explicação do porquê a menina partiu? Ou o que foi que a assustou?

— Nenhuma. Além disso, agora que comecei a pensar nisso, semana passada os servos humanos permaneceram bem longe do meu caminho.

— Você notou algo diferente em Baines? — Nikolai perguntou, enquanto se dirigiam para a porta.

— Não. Mas Baines é outra história. Ele se mantém sempre na dele. — Marius colocou a máscara no lugar. — Eu estou dizendo, Nikolai. Tem alguma coisa acontecendo. — Ele sentiu como se fosse um cheiro de fumaça no vento, que desapareceu antes mesmo que ele pudesse identificar de onde vinha.

— E então você achou que o melhor lugar para descobrir a origem desse mistério era em um salão cheio de humanos.



Marius deu um sorriso meio torto para ele quando saíram de seu quarto.

– Um salão *de baile* cheio de humanos.

– Então, parece que temos uma missão.

– Sim. Nós temos. Fico feliz que você esteja comigo.

– Não tem nada que eu goste mais do que um desafio. Você sabe disso.

Eles atravessaram o corredor de tapete vermelho até a escada de mármore branco, depois pararam no patamar da escada e olharam para a vista abaixo. As pessoas haviam chegado. Os nobres acompanhavam suas filhas solteiras, que estavam cobertas de joias, espremidas em espalhões excessivamente apertados e inchadas com camadas e mais camadas de seda e renda.

O fato de qualquer homem poder encurralar sua filha em um baile - como uma valiosa prostituta - em troca do favor do Rei, desagradava Marius. E ele lamentou pelas filhas, mesmo as que pareciam ansiosas para se tornar sua próxima concubina de sangue.

Sim, essa era uma posição privilegiada para qualquer senhorita nobre alcançar. No entanto, a prática perdeu seu brilho para ele. Escolher o melhor prêmio do rebanho parecia algo como selecionar a vaca mais gorda para o banquete. Até Marius se sentia humilhado por isso. No entanto, como sua mãe o lembrava com tanta frequência, era uma tradição - a corda em volta de seu pescoço parecia ficar cada dia mais apertada.

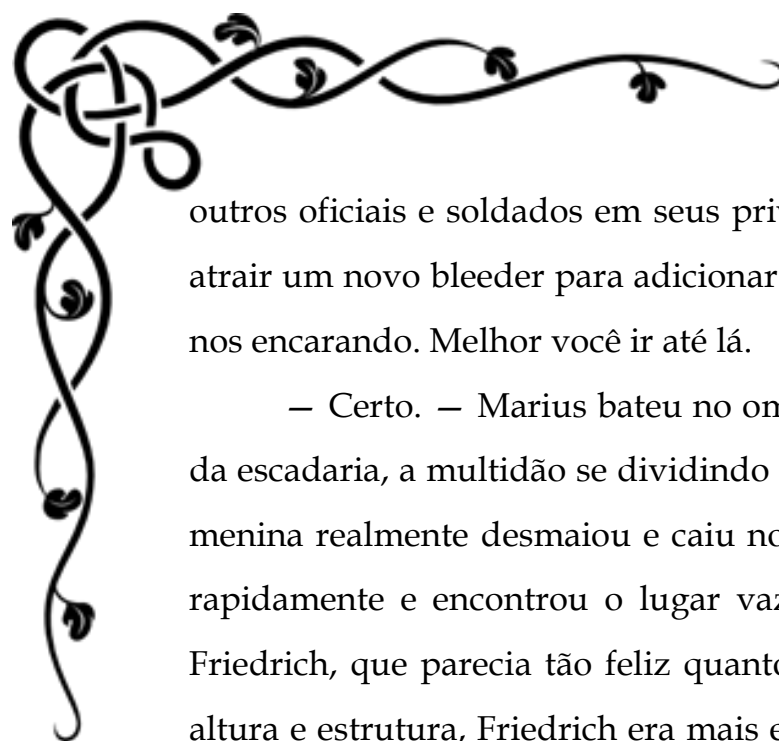
O salão de recepção estava ficando lotado.

– Seu pai está ficando impaciente. – Disse Nikolai. Ele acenou com a cabeça para o Rei alto e de cabelos escuros no final da fila de recepção, franzindo o cenho para cada pessoa que passava perto dele. – Eles não deixarão as pessoas entrarem no salão de baile até você entrar na fila.

– Estou indo. É melhor você ir se trocar.

Nikolai riu.

– Não nessa vida. Estarei como Tenente de plantão esta noite. Não um daqueles abutres procurando carne fresca. – Ele acenou com a cabeça para os



outros oficiais e soldados em seus privilégios reais de costume, ansiosos para atrair um novo bleeder para adicionar às suas coleções. — Agora sua mãe está nos encarando. Melhor você ir até lá.

— Certo. — Marius bateu no ombro dele e caminhou pelo último andar da escadaria, a multidão se dividindo entre reverências e suspiros. Uma pobre menina realmente desmaiou e caiu nos braços de sua mãe. Marius examinou rapidamente e encontrou o lugar vazio na fila entre sua mãe e seu primo, Friedrich, que parecia tão feliz quanto ele. Embora parecido com Marius em altura e estrutura, Friedrich era mais encantador e menos intimidante, com os longos cabelos castanhos alcançando seus ombros e o sorriso fácil. Embora seu sorriso estivesse parecendo um pouco forçado esta noite.

— Friedrich. — Marius apertou brevemente sua mão, enquanto a fila se encheu de nobreza humana.

— Marius. Já faz o que, uns cinco anos?

— Acho que sim. Como estão as coisas no Norte?

— Um pouco difíceis, para ser honesto.

— Sério? — Isso despertou a atenção de Marius. — Como assim?

— Rumores de uma possível revolta.

— Uma revolta? — Marius mal podia acreditar no que ele estava ouvindo.

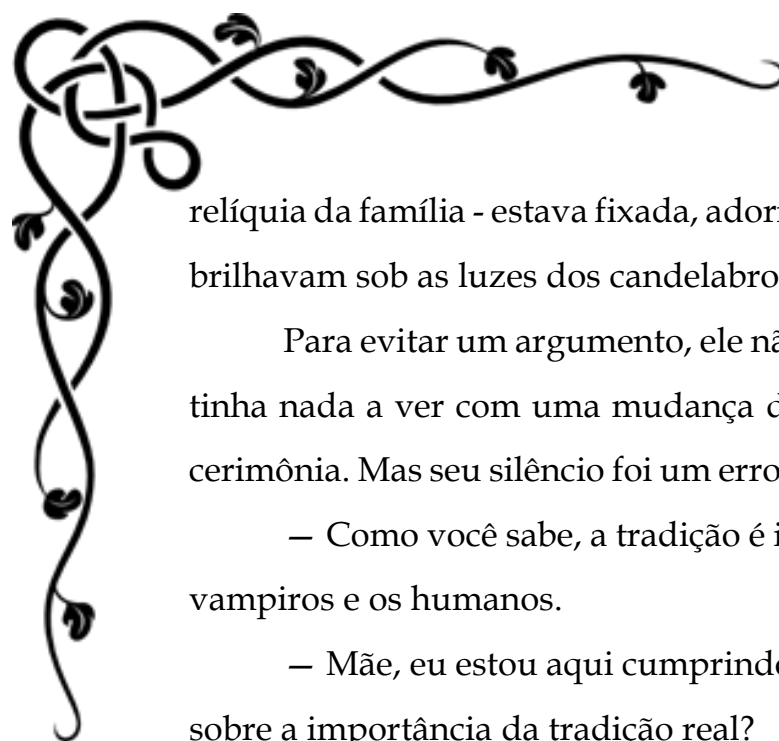
— Os humanos? — Era quase cômico. Eles nunca teriam uma chance contra os Legionários.

Friedrich inclinou-se para ele.

— Você já ouviu falar sobre o Black Lily?

Marius estava prestes a pedir mais informações, mas sua mãe bateu o braço à sua esquerda.

— Estou orgulhosa de ver que você mudou de atitude sobre o baile, meu filho. — Ela estava vestida de realeza, nas cores prata e branca, seus cabelos escuros estavam enrolados em cachos no alto de sua cabeça, onde a coroa -



reliquia da família - estava fixada, adornando sua beleza com preciosas joias que brilhavam sob as luzes dos candelabros altos às suas costas.

Para evitar um argumento, ele não mencionou que sua conformidade não tinha nada a ver com uma mudança de pensamento. Ele ainda detestava essa cerimônia. Mas seu silêncio foi um erro, porque incentivou sua mãe a continuar.

— Como você sabe, a tradição é imperativa para manter a ordem entre os vampiros e os humanos.

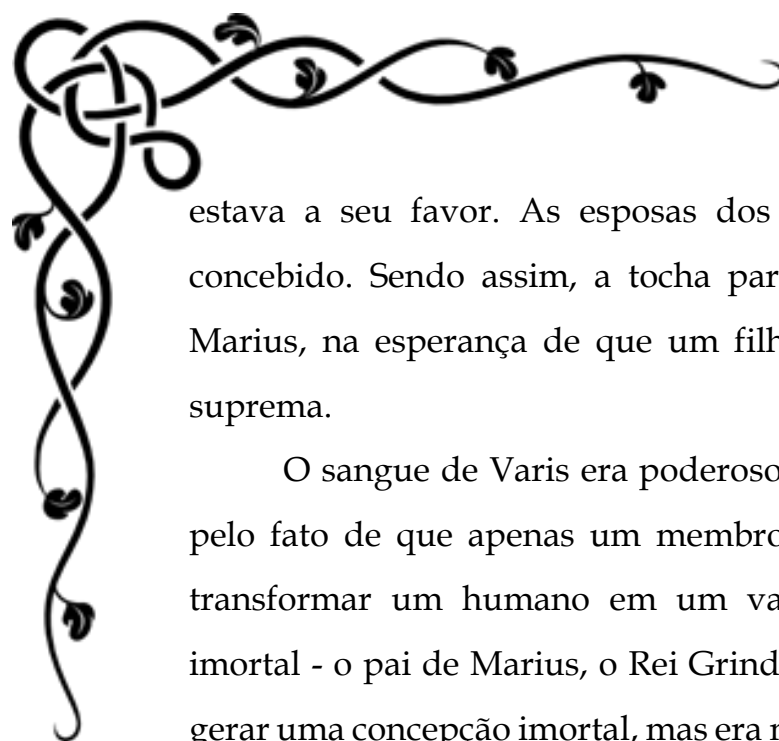
— Mãe, eu estou aqui cumprindo o meu dever. Podemos pular a palestra sobre a importância da tradição real?

— Tudo bem. — Ela concordou friamente. — Posso ver que você ainda não gosta de escolher outra concubina de sangue. Mas não se preocupe, filho. Você logo irá receber uma noiva. Então você terá uma parceira adequada para lhe agradar.

Ele mordeu a língua para evitar protestar contra o iminente casamento arranjado com a Princesa vampira de Arkadia, em seu centésimo aniversário. Outra tradição. Seus três irmãos mais velhos - séculos mais velhos - aceitaram noivas há muito tempo e fixaram residências em reinos distantes no norte, oeste e leste, garantindo o domínio contínuo do poderoso império. Depois que Marius se casar com a Princesa Vilhelmina, ele se elevará de Príncipe a Rei, estabelecendo o domínio imperial no último canto do reino ainda sob o comando de um administrador que não era da linhagem de Varis.

— Eu sei, eu sei. Você não pensa que a Princesa é uma parceira adequada, mas eu asseguro que ela irá atender você bem. Mais importante, ela lhe dará um herdeiro apropriado para garantir a continuidade da nossa linhagem.

Sua mãe estava ansiosa por sua união porquê de todos os seus filhos, apenas um gerou um filho de sua Rainha. Seu irmão, o Rei Dominik, do reino do Norte de Izeling, tinha uma filha jovem, uma garota fraca e doente, mas gentil e doce como sua mãe. Desde então, sua esposa frágil deu à luz a apenas filhos já mortos, todos eles. Ela estava grávida novamente, mas a história não



estava a seu favor. As esposas dos outros irmãos de Marius não tinham concebido. Sendo assim, a tocha para continuar a linhagem foi entregue a Marius, na esperança de que um filho vampiro nascesse da linhagem mais suprema.

O sangue de Varis era poderoso por muitas razões, mas principalmente pelo fato de que apenas um membro da família real tinha a capacidade de transformar um humano em um vampiro, como descendente do original imortal - o pai de Marius, o Rei Grindal. Outros casais de vampiros poderiam gerar uma concepção imortal, mas era muito raro. A linhagem de Varis continha força além de todos os outros imortais. A conexão com qualquer Varis era um papel cobiçado. Esse era o motivo pelo qual todas as senhoritas nobres se aglomeravam no salão de baile da Torre de Vidro esta noite, na esperança de se tornar sua nova concubina.

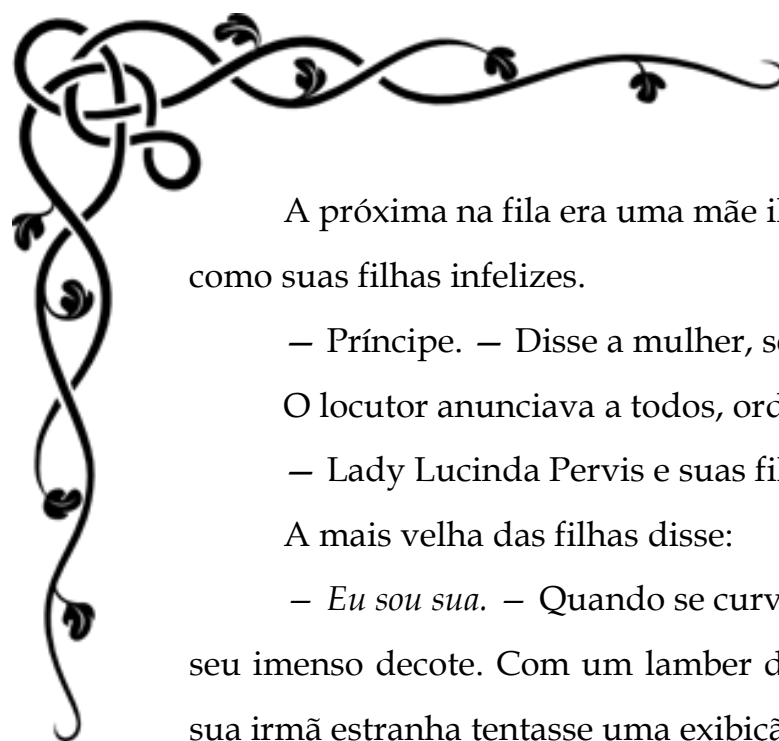
Marius ficou realmente agradecido quando a primeira na fila de potenciais concubinas estava perto de Friedrich, dando-lhe uma razão para afastar sua atenção de sua mãe. A jovem já tinha passado por mais de quinze outros vampiros nobres que estavam lá para representar uma celebração real adequada.

A garota gordinha, de riso frouxo, riu com olhos arregalados como uma mulher louca. Seu pai, um espelho da filha em forma masculina, sacudiu a mão de Friedrich e passou o cartão de convite para o locutor do lado oposto de Marius, mas de frente para o salão de baile.

Então, o locutor começou suas funções.

- Sir Edgar Fennigan, Duque de Waslow e sua filha, Florença Fennigan.
- Um prazer conhecê-lo finalmente, Príncipe Marius. – Declarou o homem baixo e encorpado, as dobras de seu queixo balançaram quando ele sacudiu a mão de Marius com muita força.

- O prazer é meu. – Disse Marius, virando-se para o próximo interesseiro esperando para encarar o rosto do Príncipe de Varis.



A próxima na fila era uma mãe iludida, com os olhos afiados e brilhantes como suas filhas infelizes.

– Príncipe. – Disse a mulher, se curvando demais para ser respeitável.

O locutor anunciava a todos, ordenadamente.

– Lady Lucinda Pervis e suas filhas Drusilla e Penélope Pervis.

A mais velha das filhas disse:

– *Eu sou sua.* – Quando se curvou, se dobrando ainda mais para revelar seu imenso decote. Com um lambe de lábios, ela continuou, permitindo que sua irmã estranha tentasse uma exibição vergonhosamente parecida.

Quando a segunda, felizmente, saiu da fila, Friedrich se inclinou.

– Parece uma noite difícil à sua frente, primo.

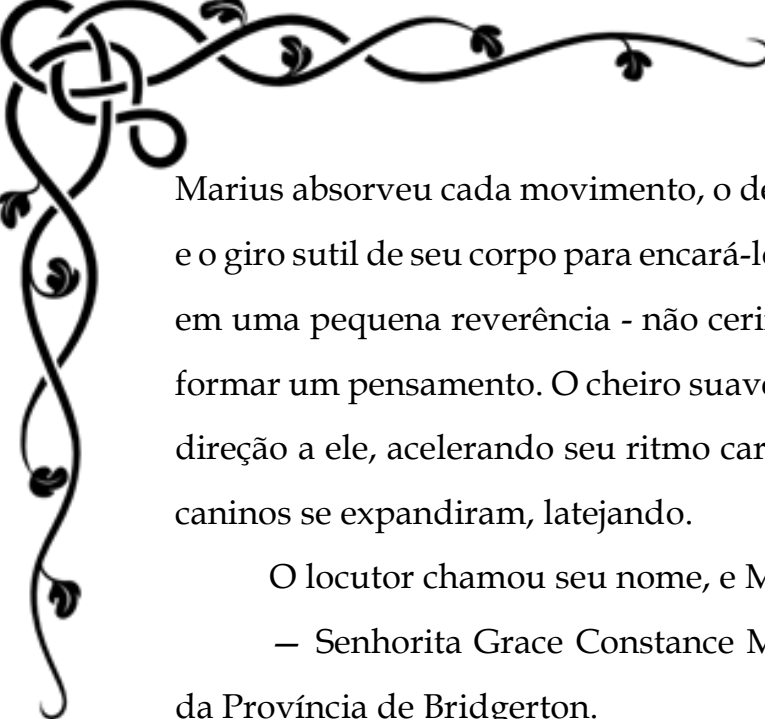
– Temo que sim.

A fila era um fluxo interminável de pais e mães gananciosos e exagerados e suas filhas monótonas, espalhafatosas ou assustadas, com *todas* as suas mercadorias expostas. Marius cumprimentou a todos com gentileza, mas sua mente girava com a pergunta que Friedrich havia feito a ele.

Ele escaneou a sala com cuidado, para evitar contato visual com alguém por muito tempo, mas quando ele o fez, ficou devastadoramente paralisado.

Ele viu uma deusa em seda dourada, com tranças loiras caindo para um lado de seu pescoço esbelto, ela se movia de maneira diferente das outras mulheres de sua posição. Ela não deslizava nem se balançava. Ela andava com propósito, de costas retas, o queixo para cima e os olhos para frente. Ela não fingia e sorria para os vampiros nobres enquanto se aproximava. Apenas dava um aceno de cabeça educado, depois seguia em frente, aparentemente, desinteressada. No meio do caminho, o olhar dela encontrou o dele.

Como se tivesse sido socado no peito, ele não conseguia respirar. Ela era encantadora. Fascinante. E ele estava completamente perdido em seus olhos de cor de ouro-âmbar, que sustentavam seu olhar com uma confiança completa e inabalável. Ela passou por Friedrich e entregou seu convite para o locutor.

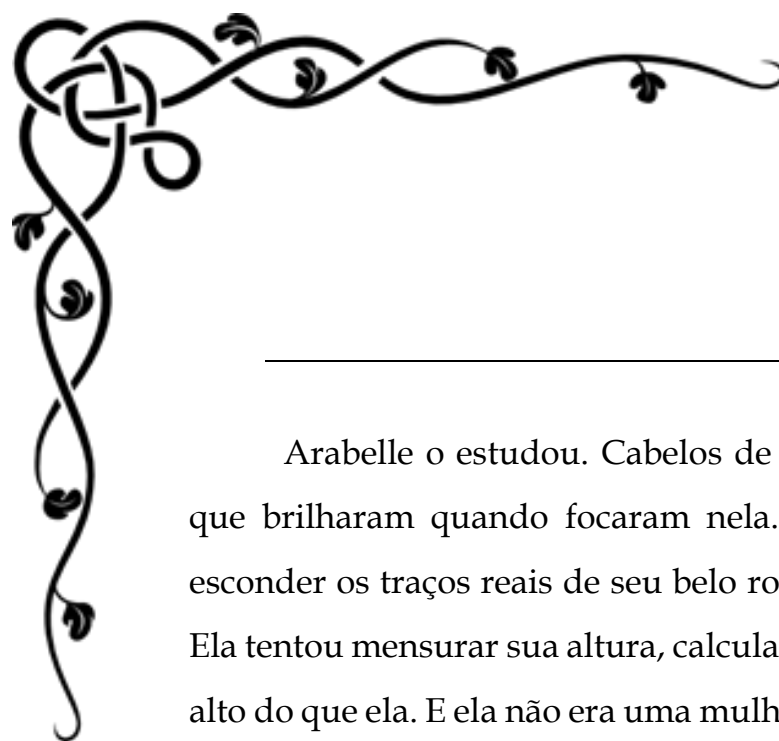


Marius absorveu cada movimento, o deslizar de seu braço, a curva de seu pulso e o giro sutil de seu corpo para encará-lo. Quando ela respirou fundo e se curvou em uma pequena reverência - não cerimoniosa, mas respeitosa - ele mal podia formar um pensamento. O cheiro suave de chuva e flores silvestres flutuava em direção a ele, acelerando seu ritmo cardíaco. Sua boca se encheu de água, seus caninos se expandiram, latejando.

O locutor chamou seu nome, e Marius ouviu atentamente.

– Senhorita Grace Constance Merriweather, filha de Earl de Lakeland, da Província de Bridgerton.

Nesse instante, ele sabia, sem sombra de dúvida, quem seria sua nova concubina de sangue.



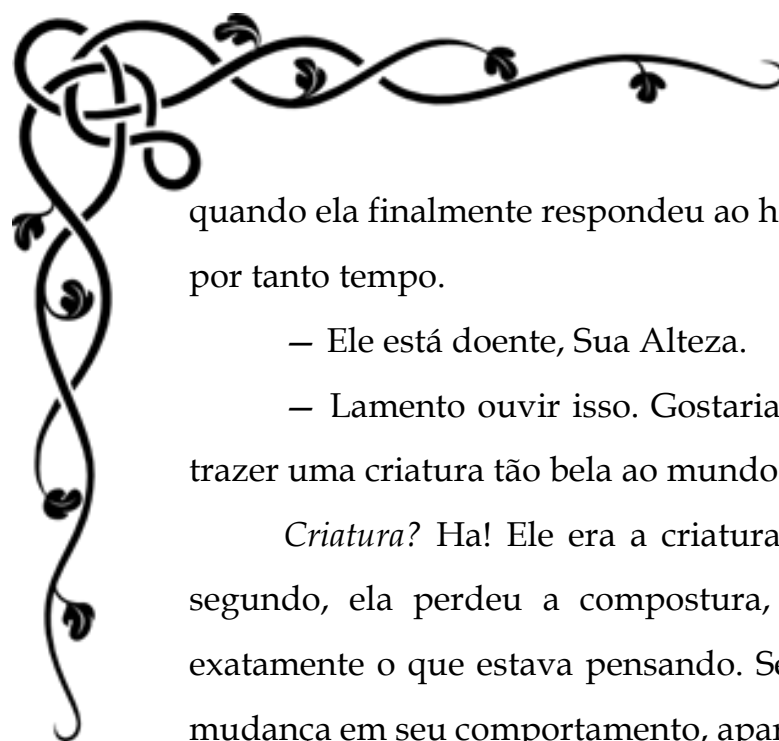
Capítulo 03

Arabelle o estudou. Cabelos de ébano, pele clara, olhos azuis marinhos que brilharam quando focaram nela. Sua máscara vermelha não conseguia esconder os traços reais de seu belo rosto - o formato, o nariz forte e o queixo. Ela tentou mensurar sua altura, calculando que ele era mais de uma cabeça mais alto do que ela. E ela não era uma mulher baixa. Claro, ele usava várias camadas de roupas - paletó, colete, camisa e, possivelmente, uma camiseta - o que dificultaria a penetração da adaga, sem contar a carne e o osso. Bom, ela esteve praticando em carcaças de porco. Enquanto o olhar dela vagava por seu rosto e corpo, ela calculava qual tática deveria escolher para transpassar seu coração negro.

— Seu pai não está com você, senhorita Grace? — Perguntou o Príncipe Marius.

Se ele pudesse ver suas mãos ásperas debaixo das luvas, ele nunca a confundiria com uma dama. Ela ficou longe dos jardins e da luz solar por um mês inteiro para evitar que bronzeasse sua pele no calor do verão. E teve que pagar a Mary, a empregada, o salário de uma semana para poder fazer todas as suas tarefas internas, incluindo tarefas extras, como limpar as grades da lareira. Mas era melhor estar coberta de fuligem por um mês do que arriscar queimar sua pele. Embora ela não tivesse conseguido a aparência da pele branca perfeita, como porcelana, a pasta que ela fazia com plantas hidratantes e leite de cabra suavizou sua pele, uniformizando-a em um tom de pêssego. Bom o bastante para enganar um vampiro, fazendo-o acreditar que ela passava seus dias bebendo chá no salão, não varrendo as cinzas da chaminé.

Todo o planejamento e treinamento minucioso com Deek culminaram neste momento. Seu pulso parecia uma bateria constante em seus ouvidos



quando ela finalmente respondeu ao homem que sonhara encontrar cara a cara por tanto tempo.

– Ele está doente, Sua Alteza.

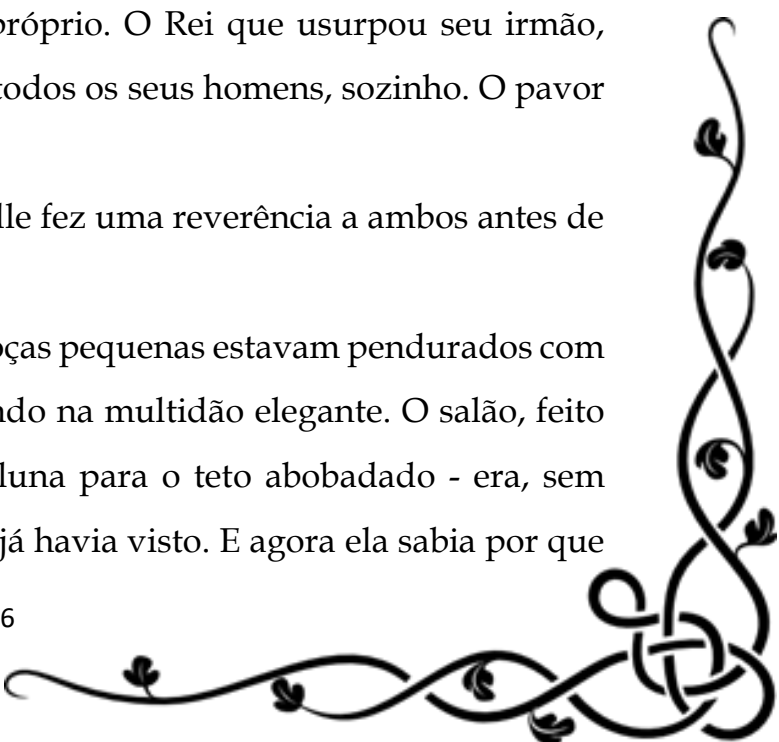
– Lamento ouvir isso. Gostaria de conhecer o homem responsável por trazer uma criatura tão bela ao mundo.

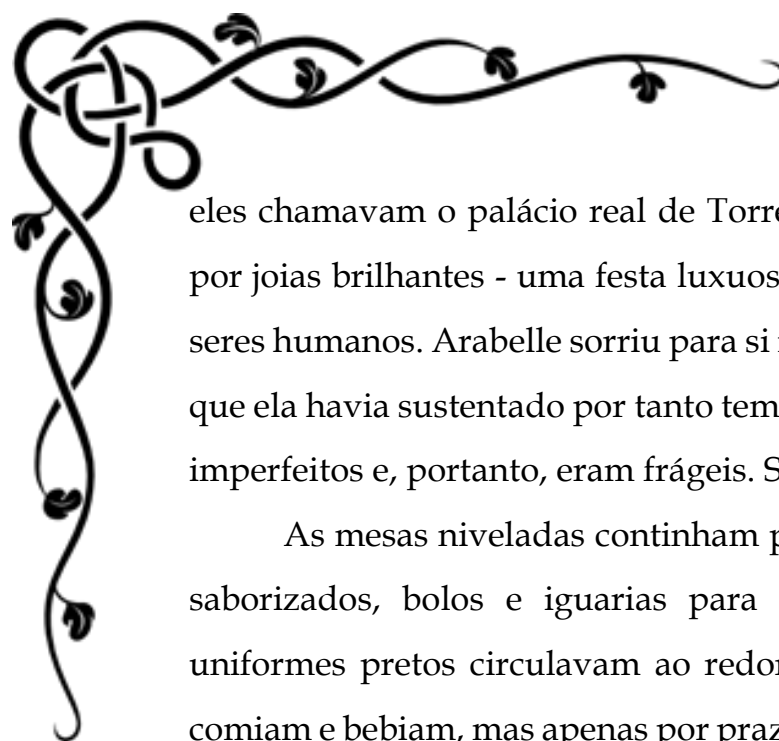
Criatura? Ha! Ele era a criatura. Uma abominação. Por uma fração de segundo, ela perdeu a compostura, cerrando os dentes para evitar dizer exatamente o que estava pensando. Seus olhos de vampiro estudaram a sutil mudança em seu comportamento, aparentemente uniforme. Sua boca se elevou de um lado para revelar uma presa, fazendo seu pulso acelerar ainda mais.

A mãe dele, a Rainha Morgrid, uma mulher assustadoramente bela, que parecia mais ser feita de pedra do que de carne e osso, limpou a garganta para que ela continuasse. Do lado da Rainha, o Rei Grindal, de olhos inexpressivos - igualmente aterrorizante e divino - não lhe deu atenção. Por um momento, ela permaneceu paralisada diante do Rei, o primeiro de sua espécie, segundo a lenda. Ele tinha o corpo mais magro do que seu filho, mas era igualmente alto, com uma sobrelance arqueada, denotando inteligência e frieza em seu olhar, refletindo os milênios que ele caminhara nesse mundo. A aura de poder que vibrava no ar lhe dizia que as lendas deveriam ser verdadeiras. Ele era mesmo o irmão gêmeo que entrou no coração da Floresta de Silvane, onde a magia vivia e transformou-se em um monstro. O próprio. O Rei que usurpou seu irmão, matando-o no trono e depois matando todos os seus homens, sozinho. O pavor se espalhou por sua espinha.

A fila estava aumentando. Arabelle fez uma reverência a ambos antes de adentrar no salão de baile.

Candelabros do tamanho de carroças pequenas estavam pendurados com cristais brilhando, seus prismas cintilando na multidão elegante. O salão, feito de mármore branco - do piso até a coluna para o teto abobadado - era, sem dúvida, a visão mais magnífica que ela já havia visto. E agora ela sabia por que





eles chamavam o palácio real de Torre de Vidro. Tudo era branco e revestido por joias brilhantes - uma festa luxuosa para deslumbrar os sentidos de meros seres humanos. Arabelle sorriu para si mesma, pois isso confirmava uma crença que ela havia sustentado por tanto tempo. Os vampiros da Torre de Vidro eram imperfeitos e, portanto, eram frágeis. Sua arrogância seria sua destruição.

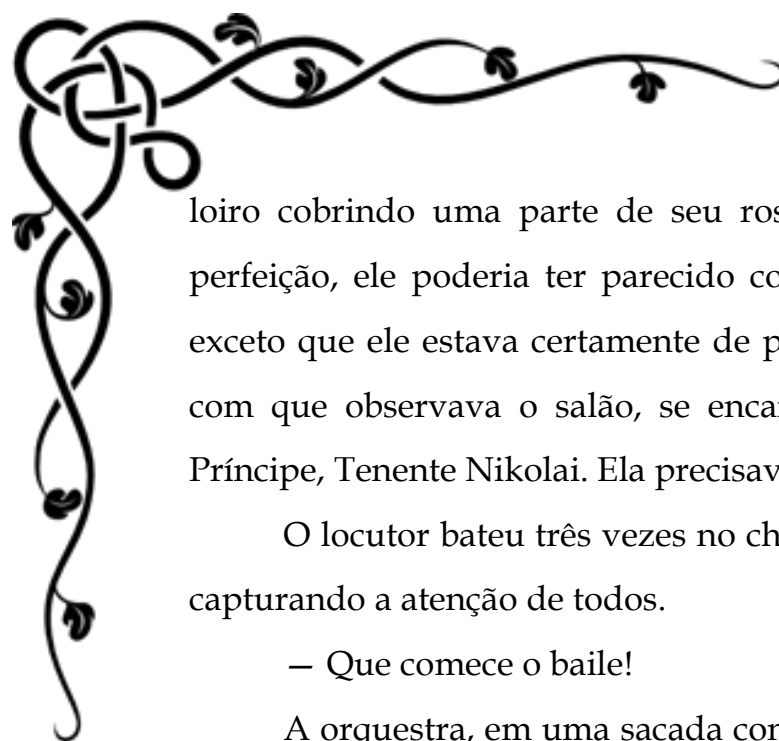
As mesas niveladas continham pratos e mais pratos de prata, com doces saborizados, bolos e iguarias para seduzir os convidados. Os servos de uniformes pretos circulavam ao redor da sala, servindo vinho. Os vampiros comiam e bebiam, mas apenas por prazer, não por sustento. Arabelle acreditava que também era para deixar os humanos mais à vontade, para fazê-los parecer menos como os animais que eles realmente eram.

Deek reuniu informações para ela através de seus outros recursos, mas ouvir sobre esse lugar e poder vê-lo, eram duas experiências completamente diferentes.

O salão não estava lotado apenas pela nobreza humana, mas também por oficiais dos Legionários. Um dos muitos privilégios dos oficiais era poder escolher uma das pretendentes do Príncipe, uma vez que ele tivesse escolhido uma nova concubina de sangue. Ter um Legionário de Varis como “amigo” também tinha seus benefícios para os humanos. A maioria das filhas estavam flertando intensamente, ansiosamente oferecendo seu sangue e seus corpos para o prazer dos monstros mais pálidos do salão.

Defuntos, todos eles. Arabelle se conteve para não torcer os lábios com desgosto enquanto ela passava pela multidão, para ficar no fundo, onde ela podia observar ao redor. Ela tremia, em antecipação pelo que tinha vindo fazer aqui, mas também pelo absurdo que era o fato de que ela estava realmente na Torre de Vidro - o coração da monarquia dos vampiros.

A maioria dos oficiais estavam distraídos com as danças ou conversando intimamente com uma ou outra mulher bonita. Com exceção do que estava de pé na varanda com vista para o salão de baile. As mãos em suas costas, o cabelo



loiro cobrindo uma parte de seu rosto angular e um uniforme ajustado à perfeição, ele poderia ter parecido com qualquer outro Legionário no baile, exceto que ele estava certamente de plantão. Sua expressão tensa e a atenção com que observava o salão, se encaixavam na descrição do confidente do Príncipe, Tenente Nikolai. Ela precisava ter cuidado com ele.

O locutor bateu três vezes no chão de mármore com um bastão enorme, capturando a atenção de todos.

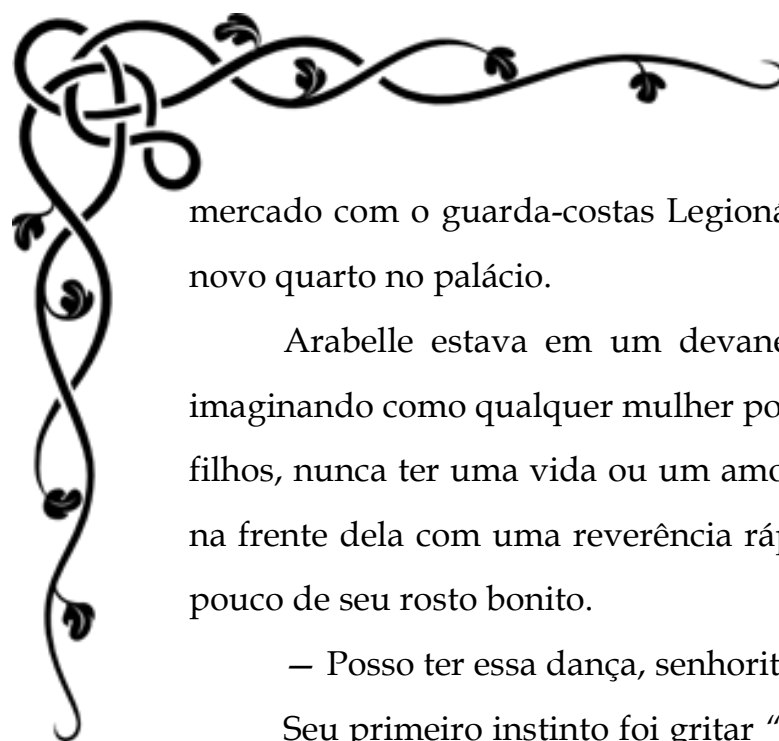
— Que comece o baile!

A orquestra, em uma sacada contra a parede, começou a tocar uma peça alegre. Oficiais ofereceram os braços e levaram as senhoritas solteiras para a pista de dança. Um soldado se aproximou de Lady Lucinda e suas filhas. Após as apresentações, ele se curvou diante de Drusilla e a levou para a pista de dança.

Lady Lucinda levantou o queixo, olhando para fora para ter certeza de que todos perceberam que sua filha estava recebendo a atenção que ela merecia. Pelo menos uma delas. Penélope se entristeceu ao seu lado. Então o desagradável olhar de Lady Lucinda parou em Arabelle, estudando-a da cabeça aos pés. Com o coração acelerado, Arabelle esperou que seu reconhecimento a atingisse. Sua missão estaria acabada, tudo porque ela não ficou fora do campo de visão da terrível Lady Lucinda e seu olhar de falcão. Então, de repente, ela se moveu e seguiu em frente. Ela não a reconheceu.

Arabelle sorriu internamente e então se afastou dali. Enquanto passeava pela multidão, ela se aproximou do canto onde o Harém de Sangue³ do Príncipe estava sentado, em cadeiras de veludo vermelho. Havia apenas três, todas bonitas e alegres, mas também aparentemente entediadas. A mais nova era uma morena. Há cinco anos, Arabelle viu seu desfile nas ruas de Sylus. Uma vez que aquela era a aldeia mais próxima da Torre de Vidro, a nova concubina foi ao

³ Grupo de mulheres formado pelas concubinas mais antigas do Príncipe Vampiro, as que foram escolhidas nos bailes anteriores.



mercado com o guarda-costas Legionário, procurando bugigangas para o seu novo quarto no palácio.

Arabelle estava em um devaneio profundo, recordando aquele dia - imaginando como qualquer mulher poderia se vender, concordar em nunca ter filhos, nunca ter uma vida ou um amor verdadeiro - quando um oficial parou na frente dela com uma reverência rápida, sua máscara prateada escondendo pouco de seu rosto bonito.

— Posso ter essa dança, senhorita?

Seu primeiro instinto foi gritar *“Não, seu bastardo sugador de sangue”*, mas isso não aconteceria, é claro. Ela teria que parar de se esconder na parte de trás do salão se ela quisesse chamar a atenção do Príncipe.

— Sim. Obrigada.

Ela segurou o braço do homem até a pista de dança e tentou não se afastar quando ele a segurou em seus braços. Com cabelos castanhos sedosos, físico alto e um sorriso arrojado, qualquer mulher teria se desvanecido com as atenções de tal homem. Mas ele não era um homem. Era um monstro. E a ideia de que se aproximasse tanto de uma das bestas que ela desprezava era o suficiente para fazê-la perder a cabeça.

— Posso perguntar seu nome?

— Senhorita Grace. E o seu? — Não que ela se importasse.

— Sargento Adrian Loman.

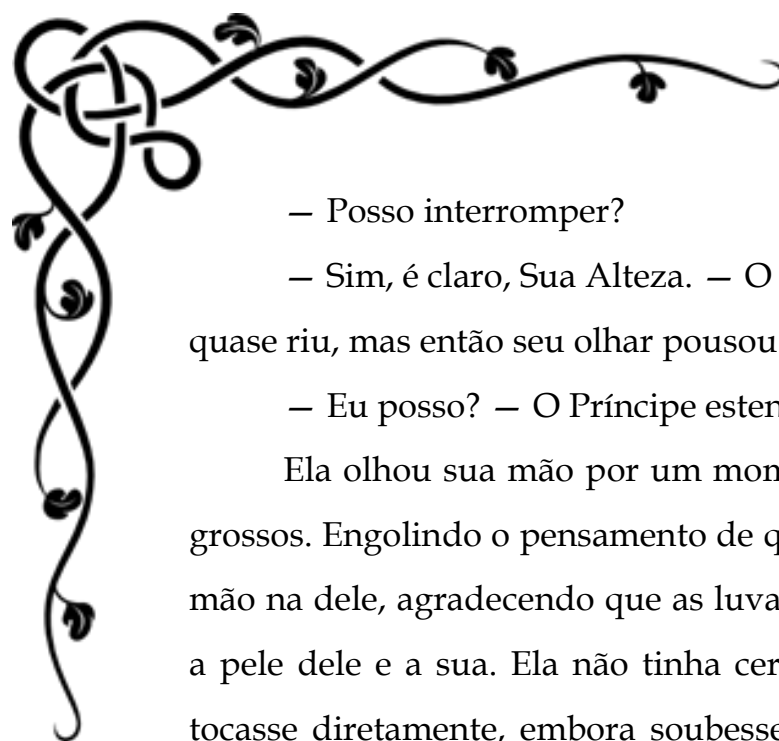
Ela deu um sorriso educado e focou no chão, como se esperasse pelo próximo passo.

A mão em sua cintura apertou enquanto ele a aproximava.

— Você é muito fascinante, Senhorita Grace.

— Sim, ela é. — Uma voz familiar disse sob seu ombro.

O sargento interrompeu seu movimento imediatamente e engoliu em seco ao som do Príncipe, que deu ao homem um olhar ameaçador, embora a postura do Príncipe permanecesse polida e refinada.



— Posso interromper?

— Sim, é claro, Sua Alteza. — O sargento recuou tão rápido que Arabelle quase riu, mas então seu olhar pousou no objeto de seu pavor.

— Eu posso? — O Príncipe estendeu a mão.

Ela olhou sua mão por um momento, larga e forte, com dedos longos e grossos. Engolindo o pensamento de que ele era o próprio diabo, ela colocou a mão na dele, agradecendo que as luvas ofereciam uma pequena barreira entre a pele dele e a sua. Ela não tinha certeza de que poderia suportar que ele a tocasse diretamente, embora soubesse que seria inevitável para cumprir sua missão.

Sua mão engoliu a dela enquanto a outra agarrava sua cintura, atraindo-a para dentro de seu espaço pessoal. Se estivessem sozinhos, ela poderia facilmente fazer a ação aqui e agora.

— Você está me analisando, Senhorita Grace?

— Não, Sua Alteza.

— Sim, você está. E você não parece gostar do que vê.

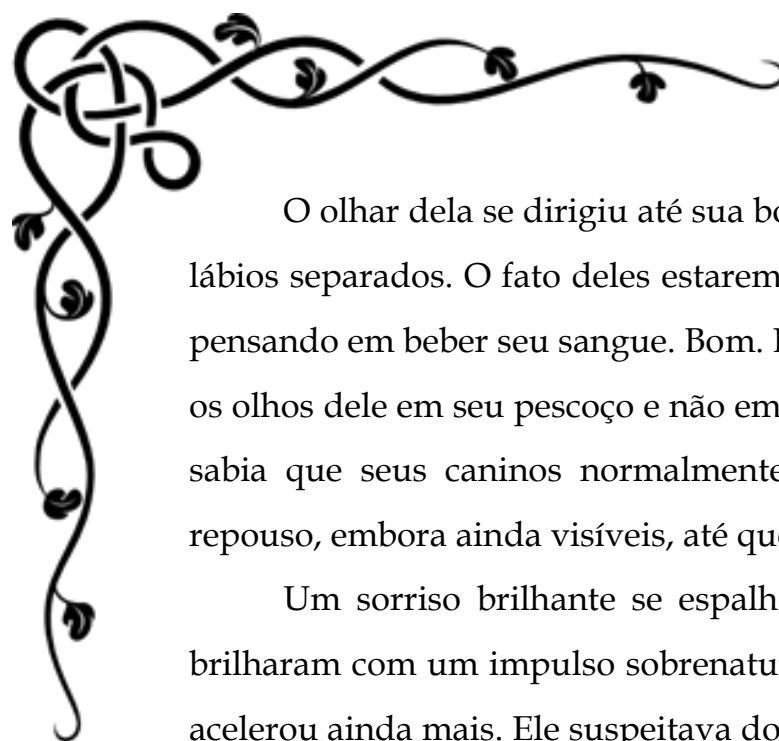
Como ele poderia saber disso?

— Você está enganado, Sua Alteza. Eu vim ao baile especialmente para conhecê-lo. — Exatamente como todas as outras mulheres nesse salão. Exceto que elas vieram para cair em sua cama. Eu vim para fazê-lo cair no chão.

— E você está desapontada?

— Não. De modo algum.

Mentira. Ela ficou desapontada. Ela desejou que ele fosse mais baixo e menos formidável em estatura. A maioria dos vampiros era alto e elegante. Ele era ambos, mas seu corpo era mais largo e forte do que ela imaginava. Ela não duvidava que ainda pudesse matá-lo, mas as chances mudaram ligeiramente. Ela, definitivamente, precisaria ficar sozinha com ele, para distraí-lo corretamente. Tudo antes que ele pudesse afundar os dentes monstruosos em seu pescoço.



O olhar dela se dirigiu até sua boca onde as presas eram visíveis entre os lábios separados. O fato deles estarem estendidos significava que ele já estava pensando em beber seu sangue. Bom. Ela o queria distraído. Tudo para manter os olhos dele em seu pescoço e não em suas mãos, quando chegasse a hora. Ela sabia que seus caninos normalmente ficavam retraídos, em um estado de repouso, embora ainda visíveis, até que se preparassem para se alimentar.

Um sorriso brilhante se espalhou por seus lábios. Seus olhos pálidos brilharam com um impulso sobrenatural de luz. O ritmo cardíaco de Arabelle acelerou ainda mais. Ele suspeitava do que estava pensando?

Ela olhou para longe dele, fingindo se concentrar na dança, quando viu o sargento Loman girando a Senhorita Drusilla ao redor da sala. Arabelle silenciosamente queria que o Príncipe se afastasse.

– Você já foi mordida, Senhorita Grace?

– Por mosquitos? Sim. Frequentemente. Seres desagradáveis.

Ele riu.

– Não. Você sabe que não foi isso que eu quis dizer. E por que você estaria fora de casa à noite, para ser mordida por mosquitos?

Merda! Ela sempre deixava sua boca se mover mais rápido do que seu cérebro.

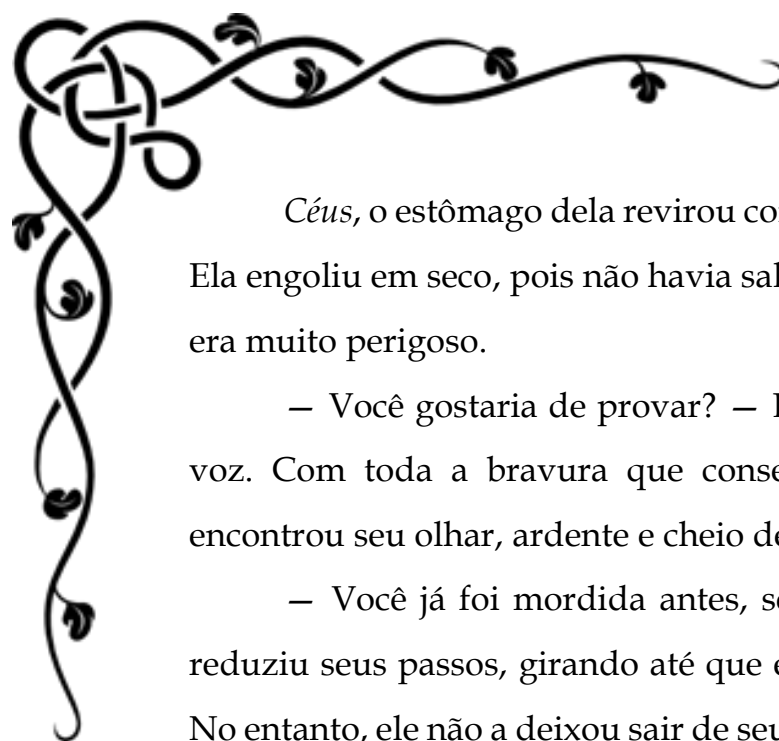
– Oh, bem, eu amo jardins. – Não era mentira. – Muitas vezes ando por eles à noite.

– Isso não me surpreende.

– Mesmo? E por que não?

Ele a puxou para mais perto, sua mão em sua cintura deslizando para a parte inferior de suas costas, segurando-a mais forte dentro de seus braços. Ele abaixou a boca perto de sua orelha.

– Porque você tem cheiro de flores silvestres e madressilva. Eu acredito que seu gosto seja ainda mais doce.



Céus, o estômago dela revirou com o tom sombrio e carregado de sua voz. Ela engoliu em seco, pois não havia saliva em sua boca. Perigoso. Este vampiro era muito perigoso.

— Você gostaria de provar? — Ela perguntou, odiando o tremor de sua voz. Com toda a bravura que conseguiu reunir, ela limpou a garganta e encontrou seu olhar, ardente e cheio de desejo.

— Você já foi mordida antes, senhorita? — Perguntou novamente. Ele reduziu seus passos, girando até que eles estavam na beira da pista de dança. No entanto, ele não a deixou sair de seus braços. — Você é uma bleeder virgem?

Encontrando novamente a força de sua voz, ela disse sem hesitar.

— Sim. Eu sou.

Ela podia não ser virgem no outro aspecto, mas seu corpo estava livre e não manchado da mordida de um vampiro. Isso era verdade.

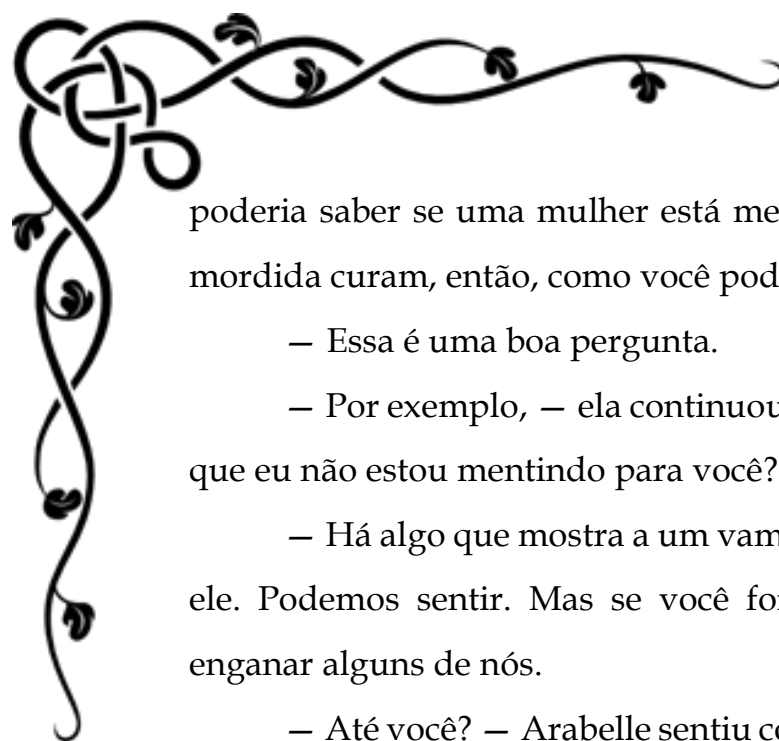
— Graças às estrelas.

Arabelle ficou surpresa ao ver alívio e uma expressão estranhamente vulnerável atravessando a parte do seu rosto que podia ver. Ela sabia que as concubinas da realeza eram obrigadas a serem bleeders virgens. Os Legionários frequentemente se divertiam nas cidades com as filhas dos nobres e até mesmo as camponesas que estavam dispostas. Aquelas que fossem rejeitadas esta noite pelo Príncipe seriam tomadas em cantos escuros pelos Legionários e a nobreza de vampiros presentes. Mas, qualquer mulher que o Príncipe tenha que tomar deve ser intocada pelas presas de um vampiro.

Ele acreditou em seu disfarce de dama da nobreza, então assumiria que ela ainda era donzela. Por algum motivo, era descortês perguntar isso a uma senhorita, mas perguntar se ela havia dado seu sangue e alimentado um monstro com seu próprio coração pulsante, não era.

— Algo engraçado, senhorita?

— Eu estava pensando sobre a tradição, o fato do Príncipe escolher apenas bleeders virgens, Sua Alteza. E estava me perguntando como você



poderia saber se uma mulher está mentindo para você ou não. As marcas de mordida curam, então, como você pode ter certeza?

— Essa é uma boa pergunta.

— Por exemplo, — ela continuou, com um leve sorriso — como você sabe que eu não estou mentindo para você?

— Há algo que mostra a um vampiro quando alguém está mentindo para ele. Podemos sentir. Mas se você for um mentiroso habilidoso, você pode enganar alguns de nós.

— Até você? — Arabelle sentiu como se estivesse cutucando um tigre com vara curta, mas ela não podia evitar.

— Até a mim. — Sua voz mergulhou em um lugar doce e sombrio, envolvendo seu corpo como uma carícia. — Então, você está admitindo que mentiu para mim?

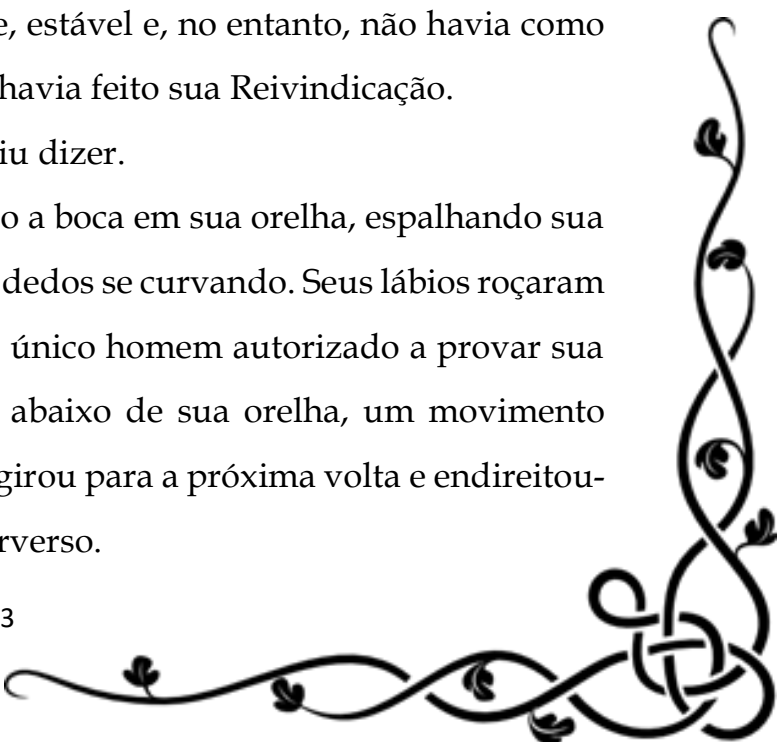
— Eu? *Não*. — Ela respondeu rapidamente, engolindo em seco sob seu olhar intenso. — Suponho que, se eu tivesse sido mordida, você teria que encontrar outra dama para dançar.

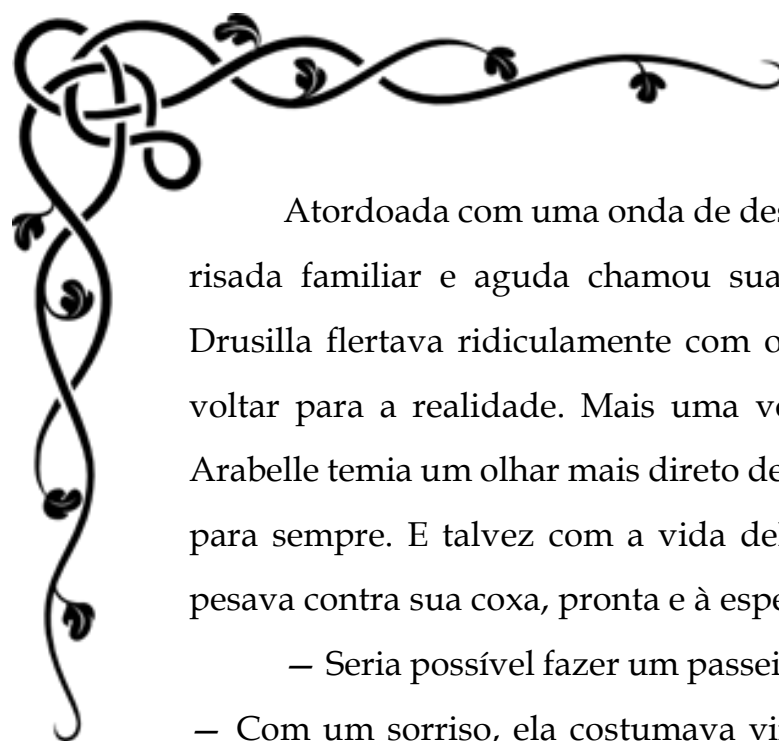
— Pelo contrário. — Algo em sua voz a atraiu, sensualmente. Possessivamente. — Eu simplesmente pegaria os nomes desses vampiros para poder caçá-los e me certificaria de que soubessem que você nunca mais deveria ser tocada.

Sua voz permaneceu baixa, suave, estável e, no entanto, não havia como ignorar o fato de que ele simplesmente havia feito sua Reivindicação.

— Oh. — Foi tudo o que conseguiu dizer.

— Sim. — Ele declarou, abaixando a boca em sua orelha, espalhando sua grande mão em torno de seu quadril, os dedos se curvando. Seus lábios roçaram o topo de sua orelha. — Eu quero ser o único homem autorizado a provar sua doce pele. — Ele roçou os lábios logo abaixo de sua orelha, um movimento muito rápido de sua língua, então ele a girou para a próxima volta e endireitou-se como se ele não tivesse feito nada perverso.





Atordoada com uma onda de desejo súbito que ela *não* queria sentir, uma risada familiar e aguda chamou sua atenção para a esquerda, onde Lady Drusilla flertava ridiculamente com o sargento Loman. Isso felizmente a fez voltar para a realidade. Mais uma volta e eles ficariam bem ao lado deles. Arabelle temia um olhar mais direto de Drusilla, o que acabaria com sua missão para sempre. E talvez com a vida dela. Hora de acelerar as coisas. A adaga pesava contra sua coxa, pronta e à espera de ser usada.

– Seria possível fazer um passeio mais privado pelo palácio, Sua Alteza?

– Com um sorriso, ela costumava virar cabeças masculinas e com um roçar sutil seu peito contra o peito dele, ela esperava que ele pegasse a dica. Seu olhar penetrante a estudou, fazendo seu coração bater descontroladamente.

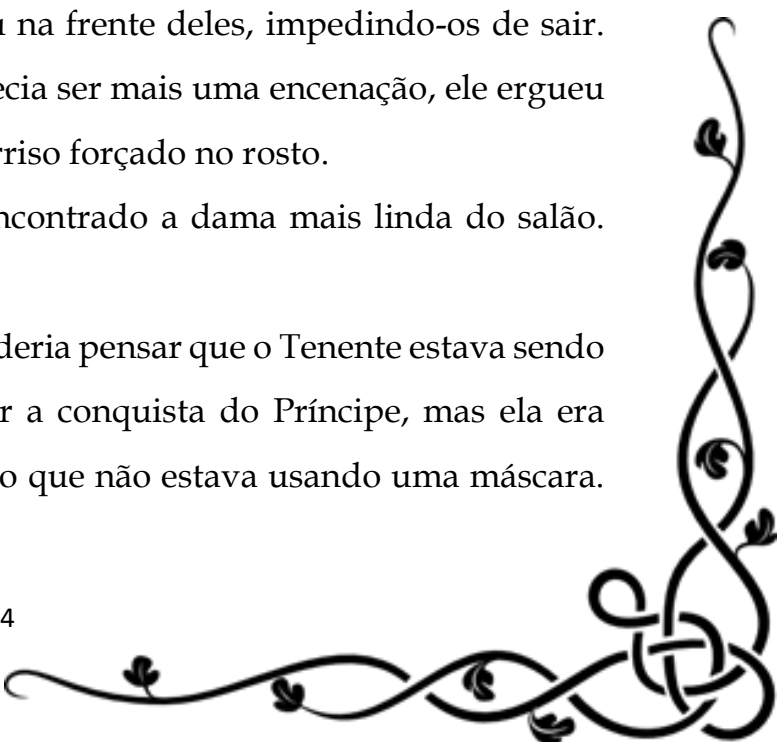
– Por aqui, minha dama.

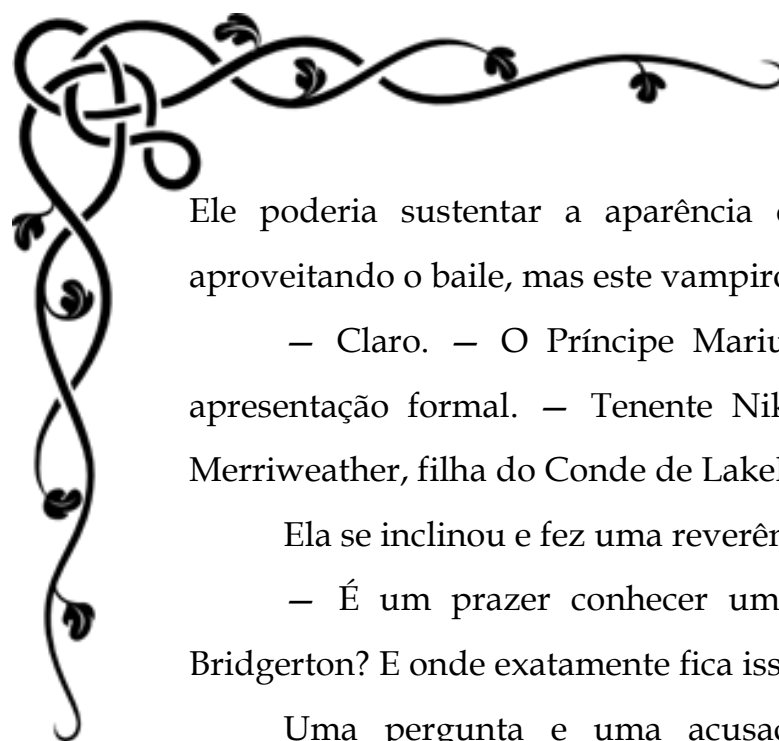
Ele ofereceu o braço para que ela tomasse enquanto passavam por seu Harém de Sangue, que estavam presentes para ver quem iria se juntar a elas. Um pouco de vergonha atingiu seu coração. As mulheres usavam máscaras de arrogância e superioridade. No entanto, Arabelle teve pena delas. Elas eram prostitutas bem-conservadas, ignorantes de suas cadeias luxuosas e decadentes. Tudo a preço de suas próprias almas.

Orientando-a em direção a um arco alto e arredondado que dava para outra parte do castelo, Arabelle deu um sorriso inconformado, quando aquele Tenente com o olhar implacável entrou na frente deles, impedindo-os de sair. Com uma reverência educada, que parecia ser mais uma encenação, ele ergueu o corpo em toda sua altura, com um sorriso forçado no rosto.

– Sua Alteza, você parece ter encontrado a dama mais linda do salão. Posso ter a honra de ser apresentado?

Se Arabelle fosse uma tola, ela poderia pensar que o Tenente estava sendo educado ou talvez até tentando roubar a conquista do Príncipe, mas ela era esperta. Ele era o único homem no salão que não estava usando uma máscara.





Ele poderia sustentar a aparência de um cavalheiro que estava apenas aproveitando o baile, mas este vampiro estava ali em missão.

— Claro. — O Príncipe Marius abaixou o braço para oferecer uma apresentação formal. — Tenente Nikolai, lhe apresento a Senhorita Grace Merriweather, filha do Conde de Lakeland, da província de Bridgerton.

Ela se inclinou e fez uma reverência apropriada.

— É um prazer conhecer uma dama tão bonita da... Província de Bridgerton? E onde exatamente fica isso?

Uma pergunta e uma acusação, tudo na mesma frase. Arabelle concentrou sua respiração para permanecer firme. Ela sabia que eles conseguiam sentir o medo.

Com equilíbrio e um sorriso gentil, ela respondeu.

— Bridgerton fica no Sul de Arkadia.

— É uma província recente? — Perguntou o Tenente, arqueando uma sobrancelha para o Príncipe, que franziu a testa em troca. — Que interessante. Nunca ouvi falar dela, e eu sou um homem bem viajado.

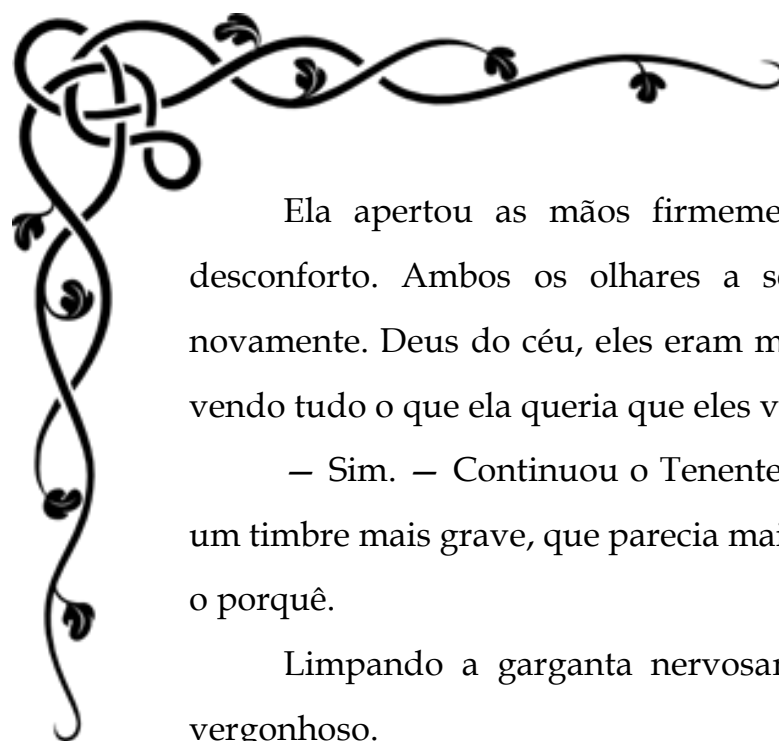
— É bastante pequena.

— E seu pai? Ele nunca esteve na Torre de Vidro? Eu também não o conheço.

Isso certamente era um interrogatório, não uma apresentação formal. Se ela achou que o Príncipe gentilmente a tiraria dessa situação, estava enganada. Ele observou cada movimento dela, da mesma maneira que o Tenente fez. Ela abaixou o olhar e piscou seus cílios, aparentando constrangimento. Estava na hora de testar suas habilidades de atuação.

— Para ser sincera, meu pai nunca visitou a Torre de Vidro.

— E por que não? — Perguntou o Príncipe, sua testa perfeita franzida no centro. Era necessário que a aristocracia humana prestasse honras à família Varis ao frequentar pelo menos uma cerimônia real, anualmente.



Ela apertou as mãos firmemente na frente dela, um sinal de seu desconforto. Ambos os olhares a seguiram, e voltaram para seus olhos novamente. Deus do céu, eles eram muito afiados. Mas eles também estavam vendo tudo o que ela queria que eles vissem.

— Sim. — Continuou o Tenente, o tom sutil de sua voz substituído por um timbre mais grave, que parecia mais natural para ele. — Por favor, nos diga o porquê.

Limpando a garganta nervosamente, ela continuou em um sussurro vergonhoso.

— Meu pai não era um fã da família real, imaginem só. Ele... ele não apoiava a sua, eu quero dizer, sua regra.

Seu coração estava realmente acelerado agora. Ela acabou de admitir algo não apenas embaraçoso, mas desleal.

— E seu pai sofreu uma mudança repentina de comportamento para deixá-la vir aqui hoje? — Perguntou o Tenente, ainda cauteloso, mas menos acusador.

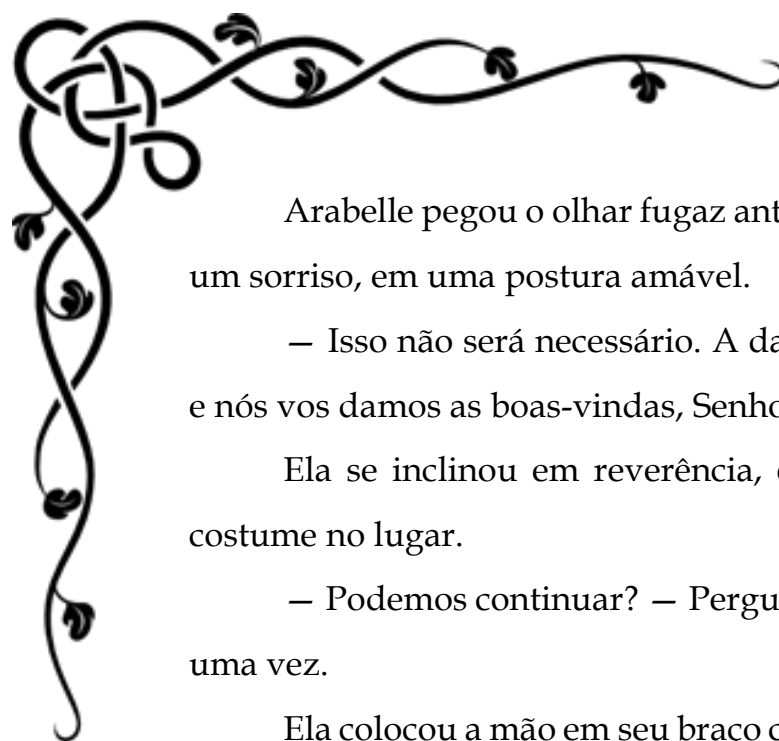
Ela ergueu o queixo em um desafio orgulhoso, canalizando suas emoções mais sombrias para conseguir fazer a próxima parte. Com lágrimas brotando nos olhos, ela disse.

— Meu pai não está doente. Ele está morto. Estou desafiando seus desejos moribundos vindo aqui. Mas eu... — ela trancou o olhar com o do Príncipe, que tinha seus olhos azuis brilhando com intensidade — Eu queria conhecer o Príncipe Marius pessoalmente e... e tirar minhas próprias conclusões sobre a família real.

— O que você disse sobre seu pai é traição. — Disse o Tenente. — Você sabe disso.

— Claro que sei. Você planeja me prender?

— Nikolai. — O aviso no tom grunhido do Príncipe enviou um arrepio por sua espinha.



Arabelle pegou o olhar fugaz antes que o Tenente inclinasse a cabeça com um sorriso, em uma postura amável.

— Isso não será necessário. A dama é uma convidada da Torre de Vidro e nós vos damos as boas-vindas, Senhorita Grace de Bridgerton.

Ela se inclinou em reverência, então ele se afastou com a carranca de costume no lugar.

— Podemos continuar? — Perguntou o Príncipe, oferecendo o braço mais uma vez.

Ela colocou a mão em seu braço com um pequeno sorriso, permitindo que ele a afastasse do ruído estridente do baile.

— Peço desculpas por isso. — Ele a conduziu por um longo corredor, que estava cheio de retratos da família real pendurados, alguns tão altos quanto Arabelle.

— Não há necessidade. — Disse ela, oferecendo-lhe um sorriso. Passaram os retratos do Rei e da Rainha de Varis. — Ele só está protegendo você. — Eles passaram pelos retratos dos três irmãos de Marius. Arabelle desacelerou em frente ao primeiro.

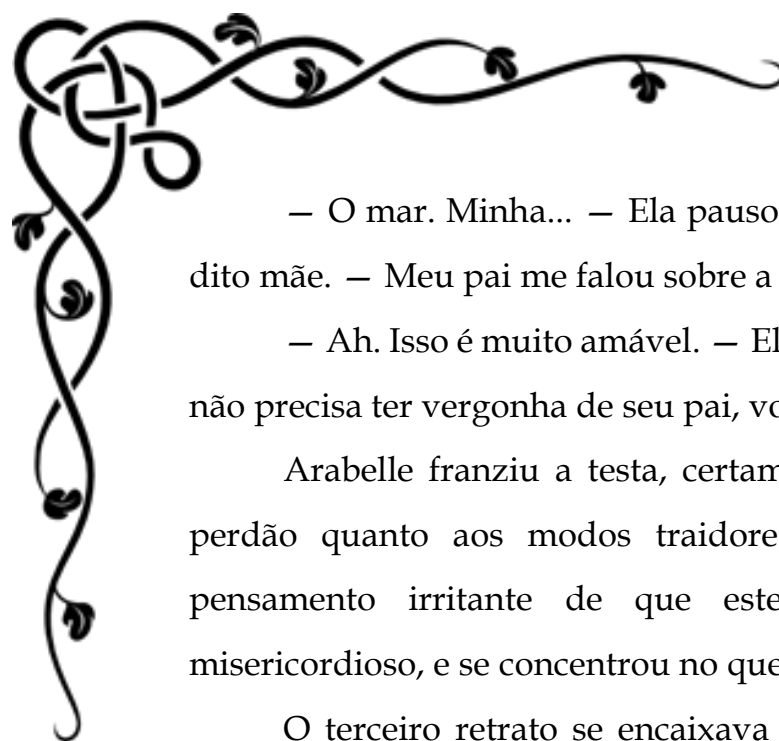
— Meu irmão mais velho, o Rei Dominik, de Izeling.

A figura formidável estava sentada em seu trono de ferro preto, uma grande mão enrolada em torno do punho de seu cetro de prata com a forma de um crânio brilhante. Ele era parecido com Marius, cabelos pretos e olhos azuis penetrantes, mas cada linha de seu rosto tinha uma inclinação mais cruel. Ele seria um oponente difícil para o Black Lily vencer.

Arabelle avançou para o próximo quadro, respirando aliviada perante o rosto mais gentil. Ele tinha cabelos castanhos e um olhar de alegria em seus olhos. — Esse é o Rei Agnar, do Oeste?

— Sim. Governante de Pyros. Como você sabe dizer quem ele é? Você nunca o conheceu, eu presumo.

Ela apontou para o fundo.



— O mar. Minha... — Ela pausou, seu coração abalado por ela quase ter dito mãe. — Meu pai me falou sobre a beleza do mar no Oeste.

— Ah. Isso é muito amável. — Ele a levou até a próxima imagem. — Você não precisa ter vergonha de seu pai, você sabe.

Arabelle franziu a testa, certamente não estava pronta para receber o perdão quanto aos modos traidores de seu pai fictício. Ela ignorou o pensamento irritante de que este Príncipe poderia ter um coração misericordioso, e se concentrou no que ela deveria fazer.

O terceiro retrato se encaixava na descrição ativa do Rei do Leste de Korinth, em cima de um cavalo branco, cuja crina parecia tão macia e bonita quanto a do Rei. Não tão bonito quanto Marius ou mesmo Dominik, apesar de sua expressão brutal, mas certamente a aparência de um homem que conhecia seus direitos e seu poder. O Black Lily tinha um longo caminho para derrotá-los ou persuadi-los para o lado certo da história.

— O Rei de Korinth. — Disse ela.

— Sim. Este é Stephanus.

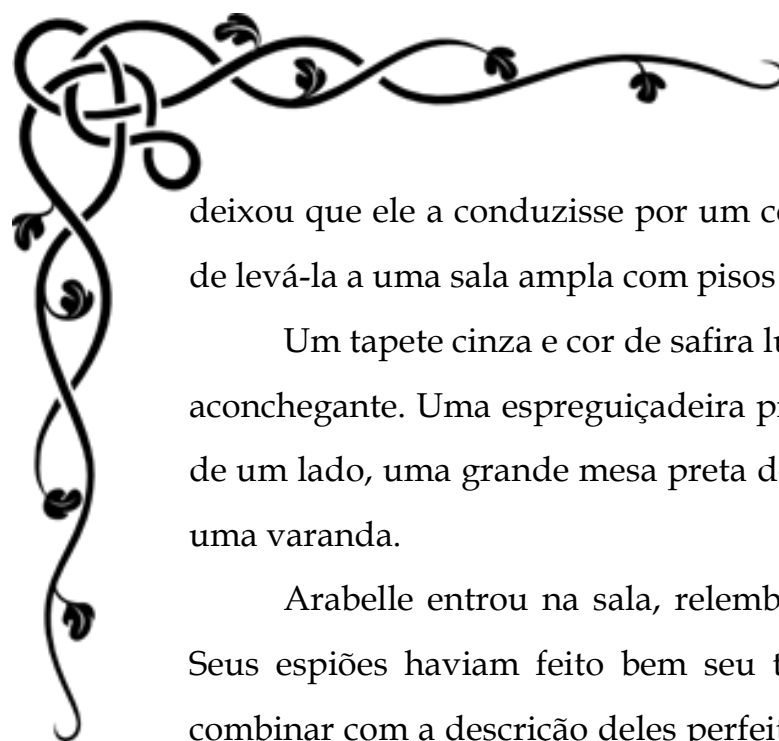
Ela não disse mais nada, ansiosa para ver como Marius foi retratado. Surpreendentemente, ele não se sentou no topo de um trono ou um cavalo feroz, mas na beira de um penhasco com um pé apoiado em uma rocha. O artista o havia pintado com um sorriso parcial, mas seus olhos tinham um toque de tristeza que ela não esperava perceber.

— Por que você estava triste quando pintaram isso?

Ele encolheu os ombros e a guiou pelo corredor.

— Eu não estava. Não exatamente.

Ela freou seu impulso para descobrir mais. Não precisava sentir simpatia pelo homem que estava prestes a assassinar. Claro, ele podia ter algumas preocupações por ser o pobre Príncipe na torre alta. Mas ele observou do alto e não fez nada enquanto seus próprios súditos eram abatidos. Determinada, ela



deixou que ele a conduzisse por um corredor vazio que parecia infinito, antes de levá-la a uma sala ampla com pisos de mogno escuro.

Um tapete cinza e cor de safira luxuoso se estendia diante de uma lareira aconchegante. Uma espreguiçadeira prata de brocado e duas cadeiras ficavam de um lado, uma grande mesa preta do outro e as duas portas se abriram para uma varanda.

Arabelle entrou na sala, relembrando as imagens do mapa do palácio. Seus espiões haviam feito bem seu trabalho. O layout dos quartos parecia combinar com a descrição deles perfeitamente. Ela teria que pular da altura de apenas um andar, quando saísse pela varanda do salão privado do Príncipe. Sem problemas.

Passando seus dedos enluvados ao longo das capas dos livros que estavam alinhados em uma parede, ela não perdeu o barulho oco da porta, trancando-a no quarto com o Príncipe vampiro.

Finalmente, depois de meses de planejamento e visualização deste momento - quando ela começaria sua revolução com um ato crucial - eles estavam sozinhos.

– Seu vestido é bastante impressionante, Senhorita.

Arabelle correu o dedo indicador ao longo de uma fileira de livros.

– Obrigada.

– Muito incomum, na verdade.

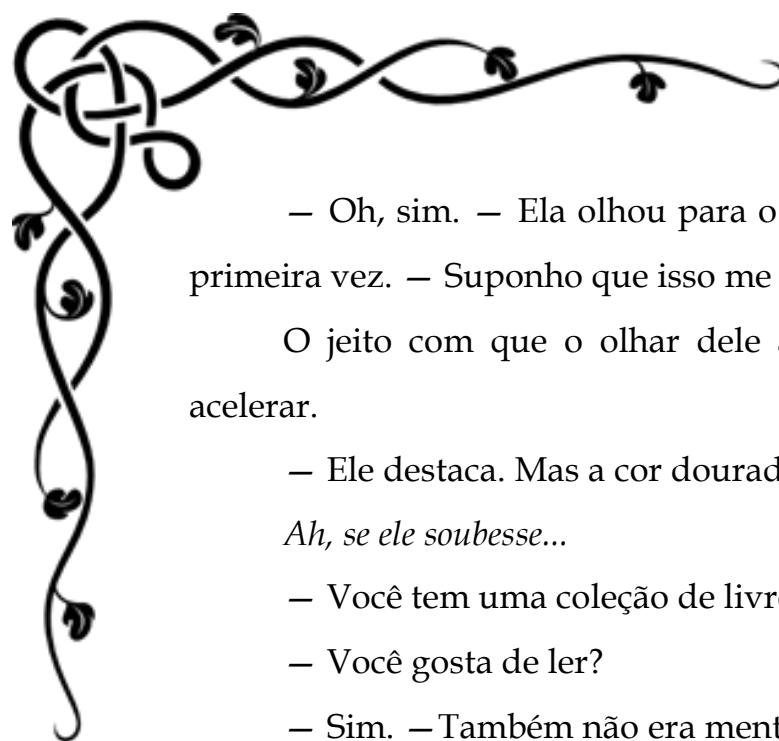
– Incomum? Como assim? – Ela finalmente virou para encontrá-lo examinando-a dos pés à cabeça.

– Eu não acredito que já vi uma dama vestida com essa tonalidade para um baile de Varis.

Ela fingiu ignorância com uma expressão indiferente.

– Por quê?

– O prata e o azul são as cores reais. A maioria das mulheres as usa, como uma homenagem à família Varis.



— Oh, sim. — Ela olhou para o vestido como se o estivesse vendo pela primeira vez. — Suponho que isso me destaque na multidão.

O jeito com que o olhar dele a atravessou, com fúria, fez seu pulso acelerar.

— Ele destaca. Mas a cor dourada combina perfeitamente com você.

Ah, se ele soubesse...

— Você tem uma coleção de livros maravilhosa.

— Você gosta de ler?

— Sim. — Também não era mentira, embora ela não pudesse pagar pelos seus próprios livros. Sua mãe lhe ensinou a ler antes de morrer. Arabelle parou em frente ao título de um volume, depois o retirou da prateleira e leu em voz alta. — *The Perils of Class Society*⁴ de BR Snow. — Ela girou para encontrá-lo de pé no tapete, diante da lareira, observando-a como um predador. Ele tirou a máscara vermelha e a colocou na almofada.

Demorou um momento para Arabelle recuperar a inteligência. Ela ouviu falar sobre a beleza masculina do Príncipe. Esperava considerar seu alvo um modelo de perfeição divina. Mesmo assim, sua respiração vacilou com a primeira visão completa que teve dele. E ele parecia saber tudo o que ela estava pensando, porque sua boca sensual estava meio curvada, em um sorriso sutil.

Ela baixou o olhar e disse.

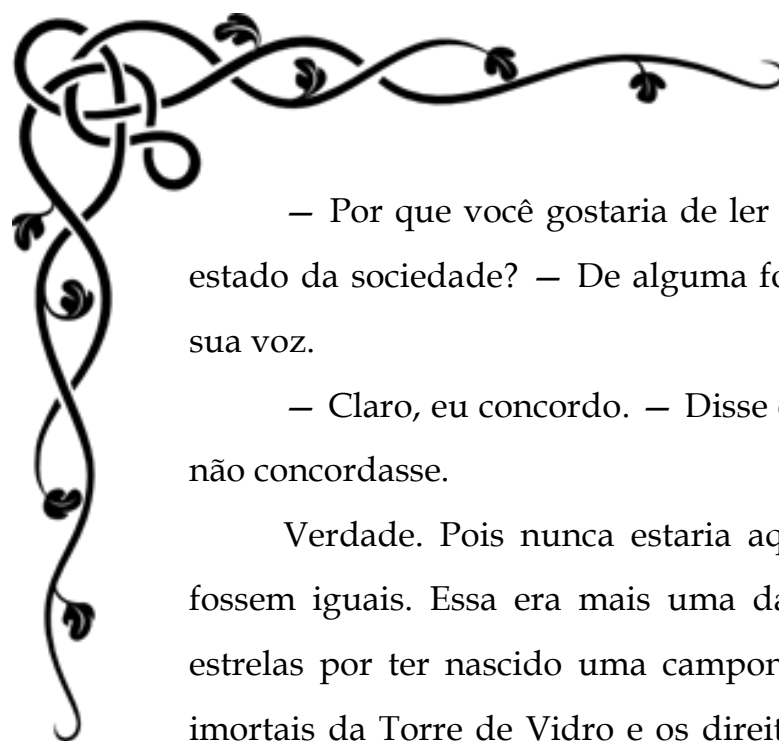
— Agora, Sua Alteza, seu Rei proibiu este livro há muito tempo. — Ela lutou para encontrar uma cópia para si mesma no mercado negro. E quando conseguiu, ela o leu mais de cinco vezes.

— É... Mas, ser seu filho me garante certos privilégios.

— Eu imagino que sim. — Ela disse, folheando as páginas, encontrando algumas dobras entre elas.

Ela franziu o cenho quando se aproximou dele.

⁴ Na tradução livre seria O Perigo das Classes Sociais.



— Por que você gostaria de ler livros assim? Você não concorda com o estado da sociedade? — De alguma forma, ela conseguiu evitar o veneno em sua voz.

— Claro, eu concordo. — Disse ele. — Eu nunca teria conhecido você se não concordasse.

Verdade. Pois nunca estaria aqui, esperando a chance de matá-lo, se fossem iguais. Essa era mais uma das razões pelas quais ela agradeceu as estrelas por ter nascido uma camponesa. Não foram ensinados a adorar os imortais da Torre de Vidro e os direitos dos vampiros espalhados pela terra. Eles foram criados para temê-los. Mas não Arabelle. Não depois da morte de sua mãe.

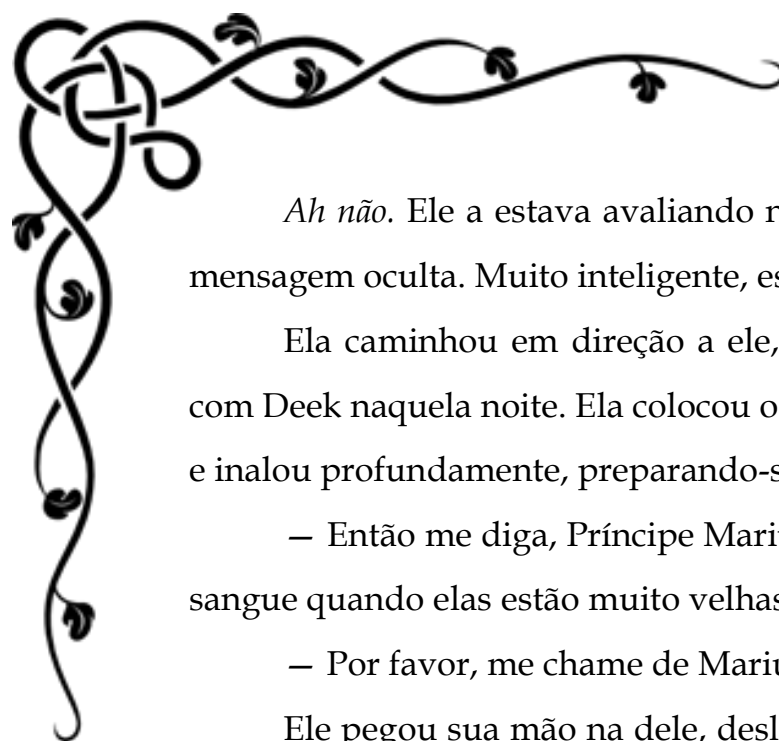
Seu pai havia morrido antes que ela pudesse se lembrar, forçando sua mãe a rastejar por aí para conseguir alimentar e vestir as duas. Até que um inverno particularmente cruel soprou boa sorte na forma de um vampiro. Ou foi o que sua mãe havia pensado. Ela havia chamado a atenção de um Legionário especial, que ofereceu dinheiro em troca do conforto de sua cama e da saciedade de sua sede. Uma noite, Arabelle tinha ouvido grunhidos abafados. Espiando pela cortina, ela viu o amante vampiro de sua mãe se erguer da cama, com sangue escorrendo pelo queixo pálido enquanto olhava para a figura imóvel da mãe dela. Ele fugiu depois que a matou, deixando a pequena Arabelle sozinha no escuro com o cadáver da mãe. Daquele momento em diante ela passou a ser uma serva da família Pervis.

— Senhorita Grace? — Perguntou o Príncipe, dando um passo mais perto.
— Você está bem?

Arabelle saiu de seu devaneio desesperado, endireitando sua coluna pelo trabalho que estava prestes a realizar.

— Claro. — Ela fechou o livro. — Então você concorda que o sistema de classes mantém a ordem da sociedade?

— Sim. Você não?



Ah não. Ele a estava avaliando novamente, tentando descobrir qualquer mensagem oculta. Muito inteligente, este Príncipe.

Ela caminhou em direção a ele, capturando seu olhar como tinha feito com Deek naquela noite. Ela colocou o livro no suporte, então ficou diante dele e inalou profundamente, preparando-se para o próximo passo.

— Então me diga, Príncipe Marius, o que acontece com as concubinas de sangue quando elas estão muito velhas para continuar ao seu lado?

— Por favor, me chame de Marius.

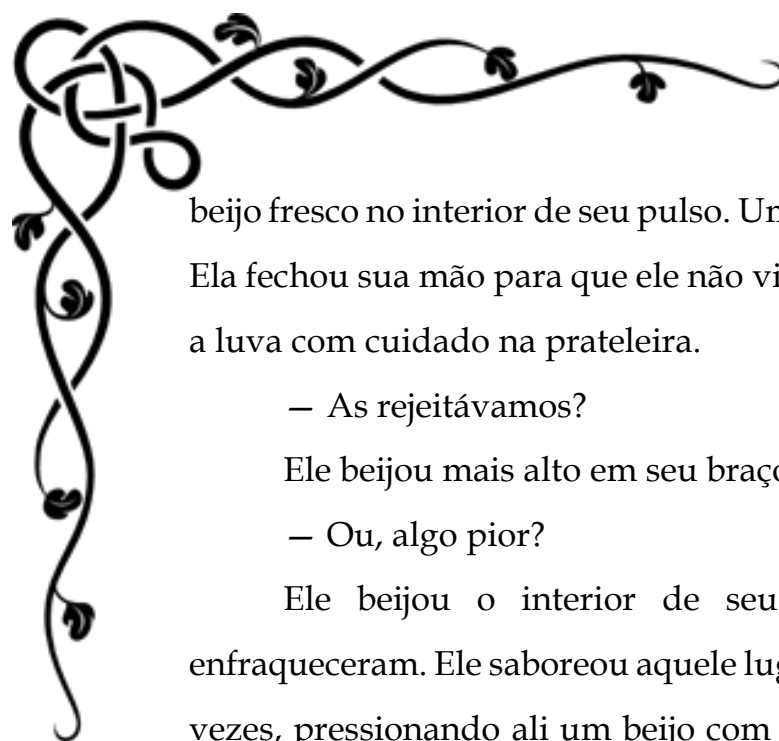
Ele pegou sua mão na dele, deslizando suavemente o polegar pela parte superior e tirou a máscara dela com a outra. Não importava se ele visse seu rosto, pois ele morreria logo. Ele parou depois de remover a máscara, examinando cada linha e curva de seu rosto. Ela o deixou terminar.

— Nós fornecemos a todas as concubinas aposentadas uma mansão própria onde quer que elas queiram viver no Império de Varis, com dinheiro o suficiente para passar a vida no luxo.

Ela examinou o rosto dele, procurando os sinais de honestidade. Sobrancelha acentuada, maxilar quadrado e a boca mais sensual que ela já havia visto. Mais uma vez, o estômago dela revirou e ela entendeu por que as mulheres desmaiavam ao vê-lo.

Ela escutou uma conversa entre Lady Drusilla e Lady Penélope no café da manhã, enquanto limpava a grade de cinzas no salão. Elas estavam praticamente babando sobre seus bolinhos enquanto falavam de ver o Príncipe Marius fazer seu passeio nos campos do palácio. Arabelle se absteve de rir de seu comportamento ridículo, mas agora, ela estava quase fazendo a mesma coisa. Ela entendeu o magnetismo. Não, ela sentiu. Então endureceu o coração contra esses pensamentos absurdos. Seu povo corria um grave perigo sob o poder deste Reinado.

— O que você achou que fazíamos com elas? — Ele perguntou com uma voz baixa e sensual, enquanto erguia sua mão, tirava sua luva e deixava um



beijo fresco no interior de seu pulso. Um tremor indesejado percorreu seu corpo. Ela fechou sua mão para que ele não visse os calos na palma enquanto colocava a luva com cuidado na prateleira.

— As rejeitávamos?

Ele beijou mais alto em seu braço.

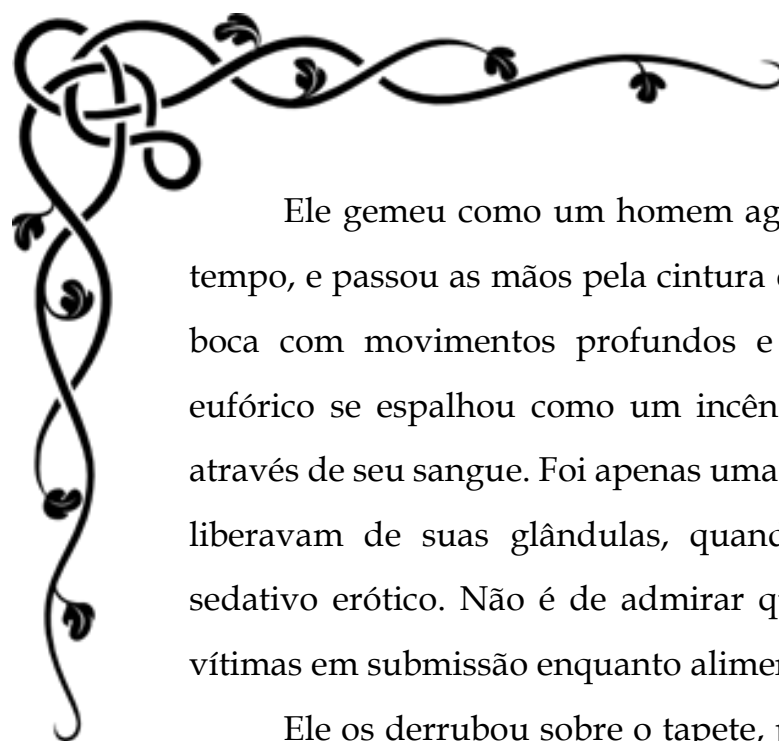
— Ou, algo pior?

Ele beijou o interior de seu cotovelo, e os joelhos de Arabelle enfraqueceram. Ele saboreou aquele lugar, arrastando seus lábios por mais duas vezes, pressionando ali um beijo com a boca aberta. Contra sua vontade, seus joelhos tremiam sob seu toque sensual. Ela não podia fazer nada além de assistir a boca dele se arrastar pelo seu braço, enquanto seu interior se derretia com cada pressão de seus lábios.

— Eu nunca vou descartar você. — Ele disse, com tanta convicção que ela acreditou nele. Ele colocou a mão dela contra seu peito, segurando seu rosto com os outros dedos longos, que subiam em seus cabelos. — Eu vou te manter por perto e te apreciar. — Ele a puxou para perto e se inclinou para baixo.

Céus, ele iria beijá-la. Agora não tinha mais volta. Ela se concentrou em não se mexer.

Seus lábios finalmente se encontraram, sua boca baixando suavemente sobre a dela, sua língua provocando ao longo dos limites de seus lábios antes de empurrar para dentro, explorando docemente. Ele soltou a mão dela e inclinou seu rosto para cima, para aprofundar o beijo, demonstrando uma urgência suave. Arabelle agarrou as lapelas de seu paletó e as apertou para se manter firme, enquanto o beijo dele mandava sua mente para o espaço. Antes que ela pudesse controlar o que estava fazendo, sua língua deslizou para dentro, se chocando contra a dele, explorando seu delicioso sabor. Ansiosa, ela enfiou a língua sobre um canino. Ela não estava acostumada a beijar um homem com dentes afiados, e a ponta perfurou sua língua. O gosto ácido de sangue varreu seu paladar.



Ele gemeu como um homem agonizante, que estava faminto por muito tempo, e passou as mãos pela cintura dela e a puxou contra ele, lambendo sua boca com movimentos profundos e determinados. Um arrepio de prazer eufórico se espalhou como um incêndio, correndo de sua boca diretamente através de seu sangue. Foi apenas uma gota do poderoso elixir que os vampiros liberavam de suas glândulas, quando mordiam alguém. Uma espécie de sedativo erótico. Não é de admirar que tenham tanto poder, drogando suas vítimas em submissão enquanto alimentavam seus monstros.

Ele os derrubou sobre o tapete, pegando-a pela cintura para que ela não fosse duramente atingida, e espalhou seu corpo sobre o dela. Quando ele se deitou em cima dela, ela soube a extensão de seu desejo, pois seu pênis duro bateu contra sua coxa.

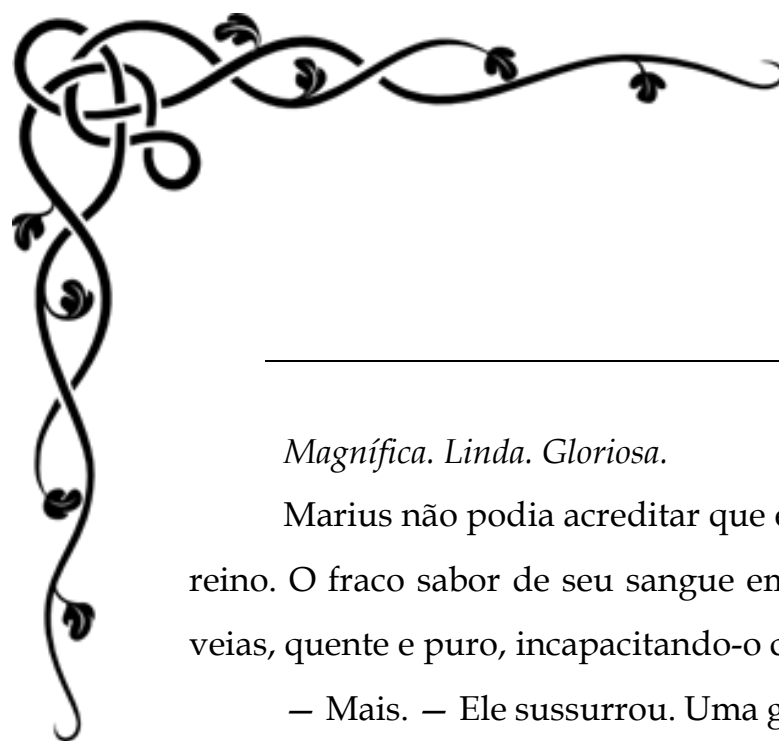
Ele se levantou, se afastado apenas o suficiente para que ela visse o desejo e a fome brilhando intensamente em seu rosto. Ele ofegava, respirando com dificuldade. Surpreendentemente, ela estava do mesmo jeito.

— Eu tenho que possuir você, Senhorita Grace. Aqui. Agora.

Era uma declaração intensa e sombria, mas também um pedido sutil. Agora era o momento. Sua revolução estava finalmente prestes a começar.

A resposta dela não foi motivada pelo elixir. Era o que ela queria.

— Então me possua, meu Príncipe.



Capítulo 04

Magnífica. Linda. Gloriosa.

Marius não podia acreditar que existia uma mulher igual a ela em todo o reino. O fraco sabor de seu sangue em sua língua ainda fluía através de suas veias, quente e puro, incapacitando-o com o desejo por...

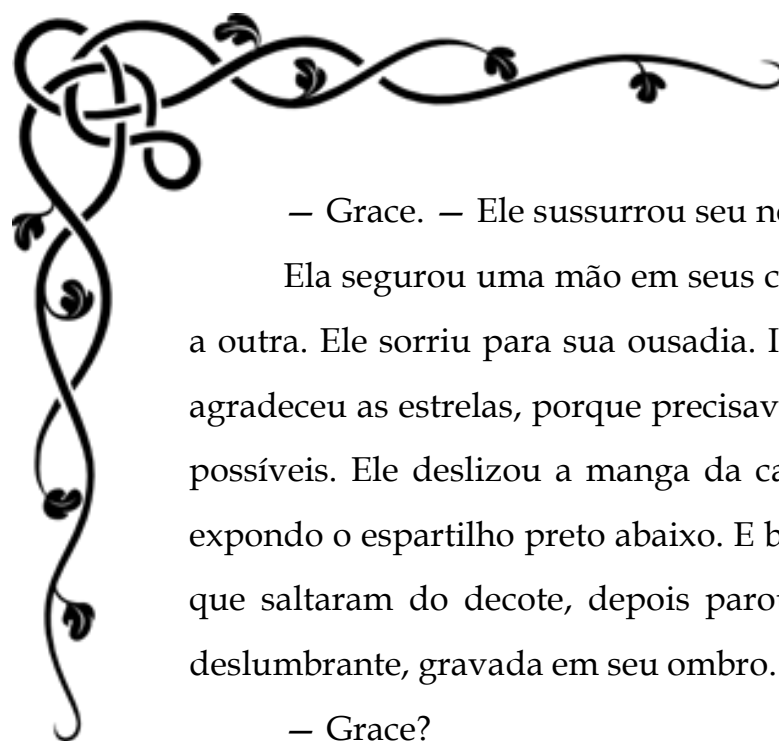
— Mais. — Ele sussurrou. Uma gota de carmesim perolada estava em seu lábio inferior, deliciosa. Ele inclinou a cabeça e lambeu, depois pressionou seu corpo contra seu quadril curvilíneo. Ela dobrou uma perna, gemendo, suas saias se levantando.

Por tudo o que era sagrado, como essa beldade entrou em seu palácio? Justo quando pensou que o tédio iria sufocar sua mente para sempre, essa mulher encantadora caiu em seus braços.

Seu coração batia em um ritmo insano. Incapaz de segurar por mais tempo, ele encaixou sua boca na dela, sugando sua língua para prová-la novamente. Néctar e madressilva não faziam jus a ela. Não, era a mais doce ambrosia, enviada diretamente do céu. Ou a tentação mais pecaminosa, que iria arrastá-lo diretamente para o inferno. Ele não se importava.

As badaladas do sino da torre ecoaram, um gongo constante ressoando pela sala, avisando que já era meia-noite.

Ela pulou em seus braços e depois o empurrou suavemente, ainda o beijando. Ele pensou que ela queria afastá-lo, à medida que sua natureza agressiva o dominava. Em vez disso, ela rolou por cima dele e o montou. Ele franziu a testa, uma pergunta se formando na parte de trás de sua mente, mas então ela colocou sua boceta em cima de seu pênis rígido, nada além do tecido fino de suas calças separando-os, e ele revirou os olhos. Tortura, agonia e êxtase de uma só vez.



— Grace. — Ele sussurrou seu nome enquanto ela erguia seu corpo.

Ela segurou uma mão em seus cabelos enquanto passeava pela saia com a outra. Ele sorriu para sua ousadia. Isso estava acontecendo bem rápido. Ele agradeceu as estrelas, porque precisava estar dentro dela de todas as maneiras possíveis. Ele deslizou a manga da capa de seu ombro, afastando o tecido e expondo o espartilho preto abaixo. E beijou o caminho sobre seus seios macios que saltaram do decote, depois parou quando viu uma pequena flor negra deslumbrante, gravada em seu ombro. Não era uma flor qualquer. Era um lírio.

— Grace?

Ainda atordoadado pelo desejo ardente e pela luxúria enlouquecedora, ele não registrou o brilho da ponta de ouro da adaga, até que ela estava sobre sua cabeça.

— Adeus, doce Príncipe.

Ela puxou a cabeça dele do chão com o punho ainda em seu cabelo e o esfaqueou. Ele deslocou uma polegada para a direita quando ela enfiou a adaga em suas roupas e para dentro de sua carne, perfurando seu tórax. De joelhos em um milésimo de segundo, ela se inclinou e usou todo o peso de seu corpo para esfaqueá-lo diretamente no peito.

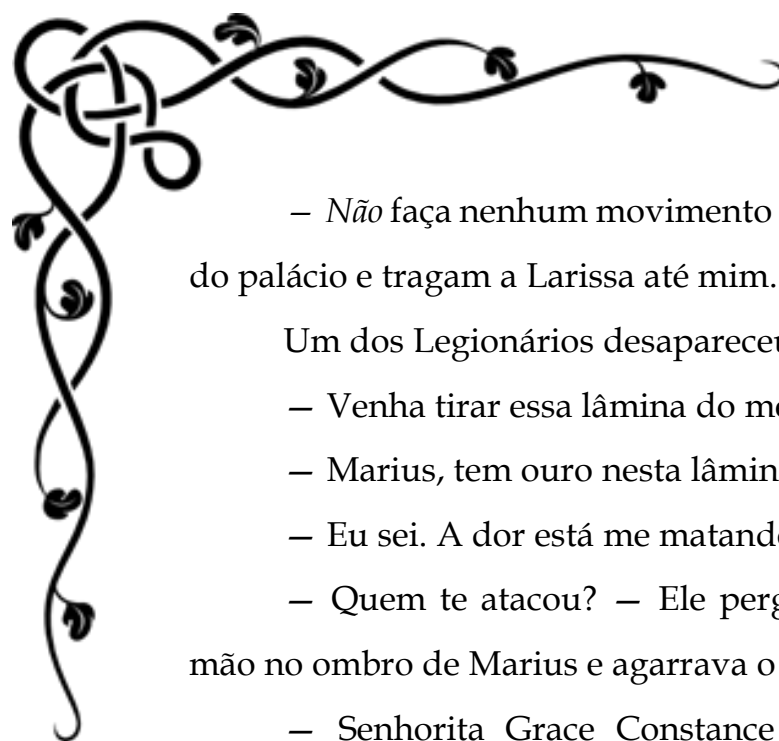
Marius gritou de dor, enquanto a fumaça subia, saindo da ferida onde a lâmina dourada havia penetrado sua carne e, por pouco, seu coração.

Ela se levantou em um instante. Um brilho de seda dourada escorregou para a varanda. E sumiu.

— Nikolai! — Ele gritou, quando agarrou a adaga, sabendo que ele não estaria longe demais.

Quando ele se apoiou com um braço para ficar de pé, Nikolai e três Legionários irromperam no salão.

— Puta que pariu! — Nikolai direcionou um soldado para a varanda, caminhando em direção a ele. — Quem fez isto?



– Não faça nenhum movimento até que eu mande fazer. Feche os portões do palácio e tragam a Larissa até mim. Agora.

Um dos Legionários desapareceu. Marius caiu na poltrona

– Venha tirar essa lâmina do meu peito.

– Marius, tem ouro nesta lâmina.

– Eu sei. A dor está me matando.

– Quem te atacou? – Ele perguntou de novo enquanto apoiava uma mão no ombro de Marius e agarrava o punho da lâmina.

– Senhorita Grace Constance Merriweather. – Disse Marius, com sarcasmo escorrendo de todas as sílabas. – Embora eu duvide que esse seja o seu verdadeiro nome.

– Aquela... *mulher* fez isso?

– Isso mesmo. Aquela *mulher*.

– Ela perfurou seu coração?

– Sim. – Marius sussurrou.

O rosto já pálido de Nikolai ficou ainda mais lívido.

Marius conseguiu dar um sorriso.

– Não literalmente, velho amigo. Eu não estaria aqui agora se ela tivesse perfurado, estaria?

O semblante de Nikolai escureceu.

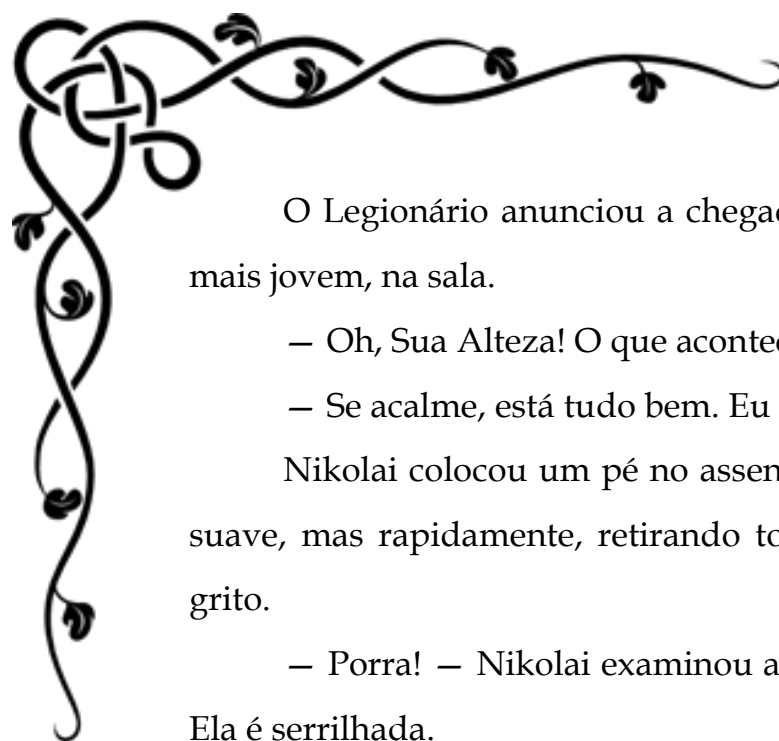
– Onde diabos ela conseguiu esse ouro? Eu sabia que nunca tinha ouvido falar de Bridgerton. Aposto que essa província não existe em nenhum mapa.

– Ela é local. Tem sotaque. Eu apostaria nisso. – Marius se moveu e estremeceu com a dor em seu peito.

– Basta se recostar. – Nikolai se moveu na frente dele para conseguir firmar bem no punho da adaga. – Eu pensei que você deveria estar investigando aquele outro assunto esta noite, de qualquer maneira.

– Eu estava distraído.

– Eu percebi.



O Legionário anunciou a chegada de Larissa, sua concubina de sangue mais jovem, na sala.

– Oh, Sua Alteza! O que aconteceu com você? Quem fez isto?

– Se acalme, está tudo bem. Eu estou bem.

Nikolai colocou um pé no assento da espreguiçadeira e puxou o punho suave, mas rapidamente, retirando totalmente a adaga. Marius soltou outro grito.

– Porra! – Nikolai examinou a lâmina, agora pingando sangue real. – Ela é serrilhada.

– Venha, Larissa. – Comandou Marius, ignorando o fluxo fresco de sangue despejando de sua ferida.

Imediatamente, ela caiu a seus pés e se ajoelhou entre os joelhos.

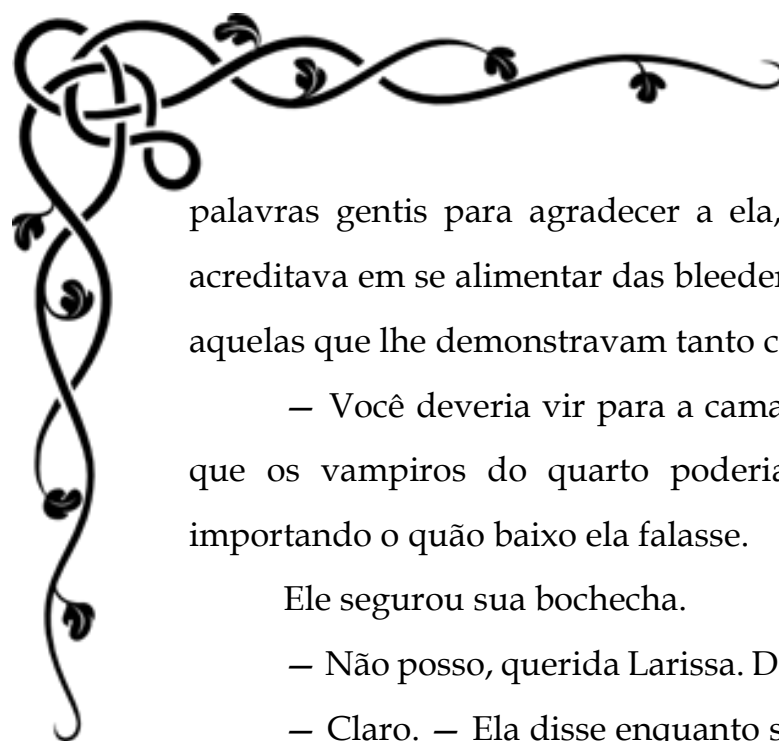
– Você precisa de mim, Sua Alteza?

– Sim. – Ele conseguiu dizer, seus caninos ainda estavam doendo por uma mordida na carne com perfume floral de Grace Merriweather. Uma sede que não seria saciada. *Por enquanto.*

– Pegue o que você precisa, Sua Alteza. – Ela implorou, arqueando o pescoço para o lado e se inclinando para a frente, apoiada nos braços dele.

Ele não perdeu tempo e agarrou sua nuca, na base de seu pescoço, penetrando na veia, sugando longos goles. Seu sangue estava com um sabor amargo. O sangue dela nunca o desagradou antes. Foi a bruxa. Mas ele precisava de sustento. A única maneira de curar e fortalecer seu corpo para a caçada que estava prestes a fazer, era beber dele. Larissa apertou os braços dele e gemeu, o elixir de vampiro despertando seu corpo. Ele bebeu até que a dor diminuiu em torno da ferida e seus sentidos se aguçaram, um sinal de que o sangue estava sustentando e renovando seu corpo.

Quando ele se afastou, os olhos de Larissa estavam nublados e dilatados. A culpa o atingiu, pois ele não lhe daria nada em troca de seu presente de sangue. Não haveria nenhum prazer para o corpo dela, nenhum afago ou



palavras gentis para agradecer a ela, como ele normalmente fazia. Ele não acreditava em se alimentar das bleeders sem dar nada em troca, especialmente aquelas que lhe demonstravam tanto cuidado.

— Você deveria vir para a cama, Sua Alteza. — Ela sussurrou, sabendo que os vampiros do quarto poderiam ouvi-la de qualquer maneira, não importando o quão baixo ela falasse.

Ele segurou sua bochecha.

— Não posso, querida Larissa. Devo encontrar a responsável por me ferir.

— Claro. — Ela disse enquanto se levantava, um pouco rápido demais.

Marius a pegou antes de ir ao chão e assentiu para um soldado vir tirá-la de seus braços.

— Encontre sua dama de companhia e tenha certeza de que ela repouse.

— Porque ele se alimentou dela mais do que deveria. O soldado obedeceu, levando-a da sala.

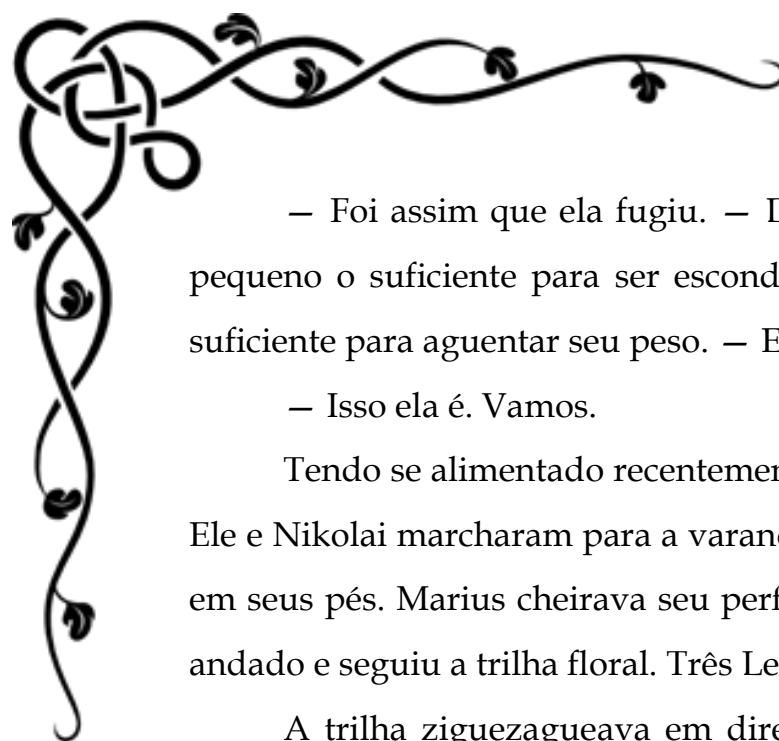
Marius franziu a testa e se virou para o espelho sobre a lareira enquanto tirava o casaco, o colete e a camisa sujos de seu corpo. Examinando a ferida, já fechando e se curando, ele colocou o dedo no corte diretamente sobre seu coração. Perfurado com ouro, certamente deixaria uma cicatriz.

Sim. Ela pretendia matá-lo. A facada no peito foi o que, finalmente, rompeu o feitiço hipnótico sob o qual ela o havia colocado. Agora, ele podia ver claramente - enquanto olhava seu reflexo no espelho - a mancha seca de seu próprio sangue no peito.

Nenhuma dama da alta sociedade iria sentar no colo de um homem a menos que ele a colocasse lá. E nenhuma dama da nobreza questionaria seu Príncipe a respeito das classes da sociedade. E, com toda a certeza, *nenhuma* dama frágil e delicada teria uma tatuagem em seu corpo.

— Sua Alteza. — Um dos soldados deu um passo à frente com um lenço.

— Obrigado. — Ele limpou o sangue, a ferida quase completamente curada agora.



— Foi assim que ela fugiu. — Disse Nikolai, carregando um cabo fino, pequeno o suficiente para ser escondido sob saias volumosas, mas grosso o suficiente para aguentar seu peso. — Essa ordinária é esperta.

— Isso ela é. Vamos.

Tendo se alimentado recentemente, ele não se incomodou com as portas. Ele e Nikolai marcharam para a varanda, pularam a grade e caíram facilmente em seus pés. Marius cheirava seu perfume, tocando o chão onde ela devia ter andado e seguiu a trilha floral. Três Legionários se colocaram ao lado deles.

A trilha ziguezagueava em direção ao portão da frente, onde parou e seguiu abruptamente para os estábulos. *Interessante*. Eles aceleraram naquela direção e encontraram três cavalos selados pelo vigia noturno. A guarda trocou de turno à meia-noite, então estes eram os cavalos para aqueles que acabaram de sair do serviço.

— Onde está o quarto cavalo? — Perguntou Marius, caminhando em direção à entrada dos estábulos.

— Onde está o cavaliço? — Perguntou Nikolai, seguindo-o.

— Aqui, Tenente. — disse um dos Legionários, acenando para que eles se aproximassem.

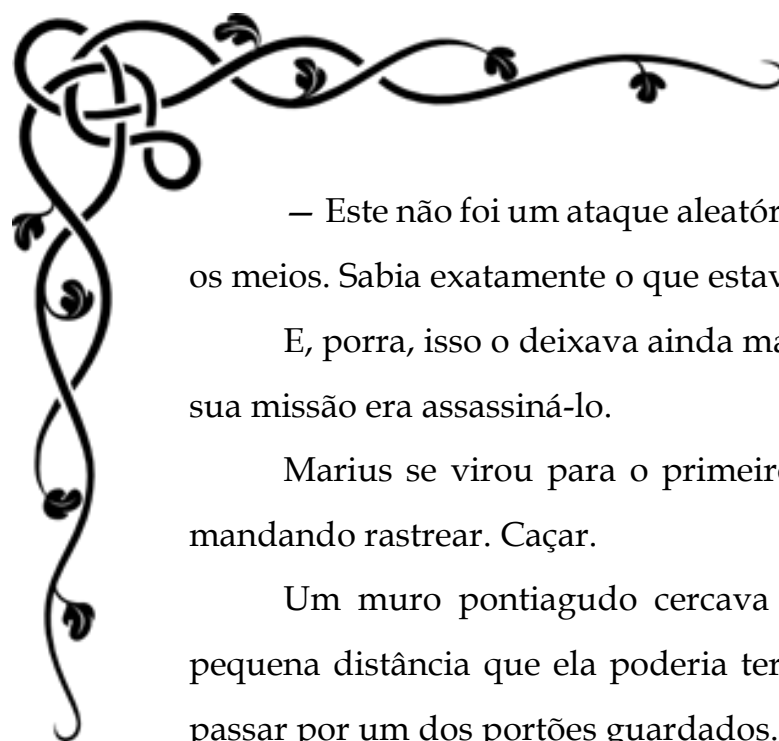
As pernas de um homem saíam do primeiro estábulo. Eles correram para a frente.

— Ela o matou? — Perguntou Marius, juntando-se a Nikolai na baia. Marius sabia que seus estábulos eram cuidados por seres humanos de Sylus e esperava que ela não tivesse assassinado um cidadão para fugir.

— Não. — Nikolai terminou de medir o pulso do homem. — Bateu nele, o deixando inconsciente. — Ele apontou para uma pá perto da barraca.

— Então, ela pegou o quarto cavalo. — Disse Marius. — Deve ter esperado a troca de turno e depois emboscado o homem do estábulo, quando ele estava sozinho.

— Como ela saberia o momento exato para agir? — Perguntou Nikolai.



— Este não foi um ataque aleatório. Ela conhecia os arredores, tinha todos os meios. Sabia exatamente o que estava fazendo.

E, porra, isso o deixava ainda mais impressionado, apesar do fato de que sua missão era assassiná-lo.

Marius se virou para o primeiro cavalo, seu instinto exigindo atenção, mandando rastrear. Caçar.

Um muro pontiagudo cercava os terrenos reais, então só havia uma pequena distância que ela poderia ter alcançado antes que tivesse que tentar passar por um dos portões guardados.

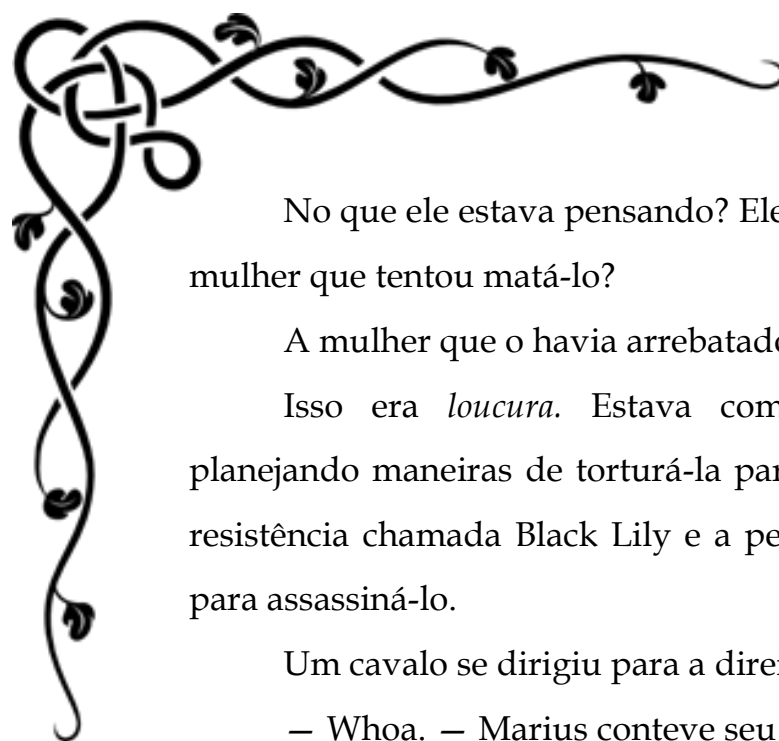
— Vocês três, selem os cavalos e cavalguem o mais rápido que puderem para cada um dos portões exteriores. — Ordenou Nikolai, aparentemente, pensando exatamente a mesma coisa que Marius. — Ela vai ter que tentar sair por um deles. Nós seguiremos a trilha dela, então vamos encurralá-la para um de vocês.

Marius galopou a todo vapor, perseguindo seu aroma no ar. Ela deve ter fugido exatamente por onde o jardim terminava, indo para o pomar de maçãs. Ele açoitou o cavalo, galopando o mais rápido que pôde, sentindo o perfume dela cada vez mais forte. O cavalo de Nikolai apareceu logo atrás dele.

Ela passou através das macieiras. Ele seguiu seu caminho exato, saindo do outro lado do pomar, perto da pilha de adubos do palácio e descarte de vegetais e cascas de frutas. Um sopro adocicado de seu perfume floral alcançou seus sentidos, atraindo sua atenção para a pequena floresta.

— Ela está indo para o portão oeste! — Gritou Marius, conduzindo o cavalo atrás da sua trilha.

Galopeando pelo caminho que dava para a floresta, eles adentraram cada vez mais profundamente, quase nenhuma luz da meia lua acima passava pela copa das árvores. Ele realmente temeu por sua segurança nesta escuridão. Seu cavalo poderia ter tropeçado. Ela poderia ter caído.



No que ele estava pensando? Ele estava preocupado com a segurança da mulher que tentou matá-lo?

A mulher que o havia arrebatado - corpo e alma - com um beijo.

Isso era *loucura*. Estava completamente louco. Ele deveria estar planejando maneiras de torturá-la para fazê-la entregar os instigadores desta resistência chamada Black Lily e a pessoa que era responsável por conspirar para assassiná-lo.

Um cavalo se dirigiu para a direita.

— Whoa. — Marius conteve seu cavalo.

Nikolai fez o mesmo atrás dele. Ambos ouviram o som do cavalo no meio das árvores. Ela poderia estar escondida ali, esperando para aparecer e se defender.

Marius desceu do cavalo, o doce cheiro dela enchendo seus pulmões. Sim, ela estava aqui. Seu pulso acelerou querendo vê-la, querendo tocá-la. Deus, ele estava perdido.

Ele passou por baixo de um galho pendurado, sentindo que Nikolai circulava por trás. Usando sua visão extra-sensorial aguçada, ele conseguiu distinguir a figura do cavalo de pé perto de uma árvore, sua cabeça abaixada, enquanto ele comia um pedaço de grama.

— Grace. — Disse Marius. — Eu não vou te machucar.

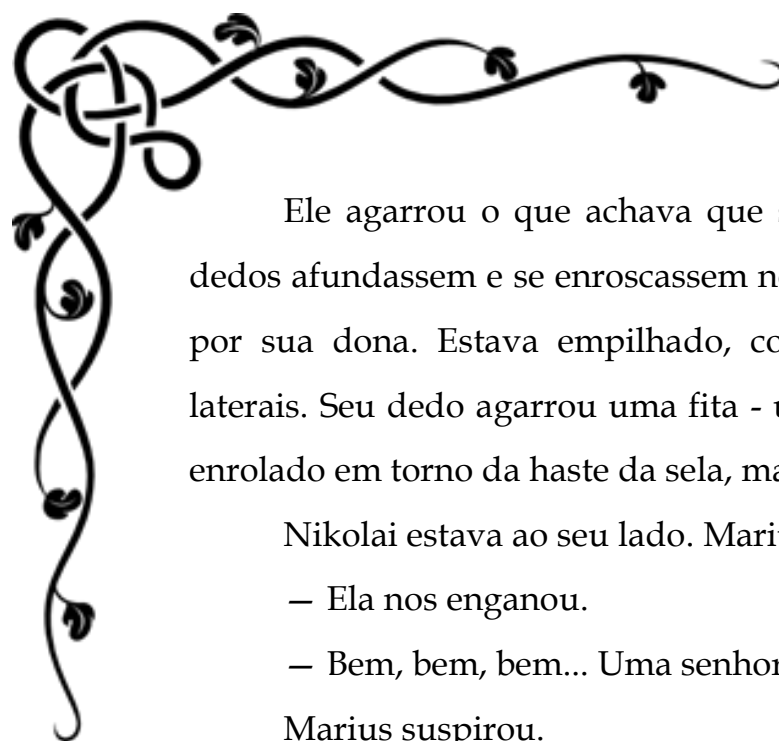
O cavalo levantou a cabeça e começou a relinchar novamente quando Marius se aproximou.

— Senhorita Grace?

Caralho, ele conseguia fortemente sentir o cheiro dela, mas não conseguia sentir o calor de seu corpo. Será que ela se machucou?

Marius notou uma silhueta dobrada sobre a sela, como se estivesse abatida com uma lesão. Ele se moveu rapidamente para agarrar o cavalo pelas rédeas.

— Grace?



Ele agarrou o que achava que seria seu ombro, apenas para que seus dedos afundassem e se enroscassem no tecido sedoso do vestido, abandonado por sua dona. Estava empilhado, com suas saias volumosas caindo pelas laterais. Seu dedo agarrou uma fita - um dos laços no ombro - que tinha sido enrolado em torno da haste da sela, mantendo o vestido preso no lugar.

Nikolai estava ao seu lado. Marius desatou o vestido e jogou-o para ele.

— Ela nos enganou.

— Bem, bem, bem... Uma senhorita inteligente.

Marius suspirou.

— Isso ela é. Espere, venha comigo.

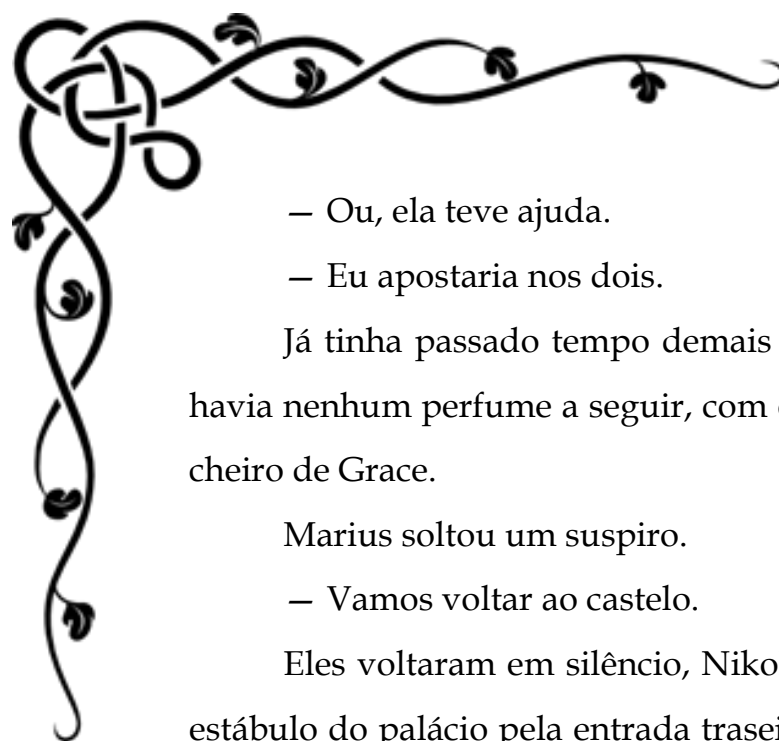
Eles voltaram pelo mesmo caminho que vieram do palácio. Marius parou na pilha de adubo, estremecendo com o odor intenso que incomodou seu olfato supersensível. Ele caminhou ao redor do grande monte de esterco, cerca de quatro carrinhos atravessados e três camuflados, empilhados contra os portões do palácio. Os jardineiros reais os empilhavam na fronteira para que os humanos do outro lado pudessem usá-los em seus próprios jardins, já que não tinham acesso a fertilizantes tão férteis. Querendo ajudar os humanos de alguma forma, ele sempre fez vista grossa para os aldeões que roubavam pelo portão.

— Olhe. — Marius apontou para cima e seguiu a corda pendurada no topo da cerca de ferro de dois andares para o outro lado, onde estava amarrada a uma árvore mais resistente.

— Admirável. — Nikolai assobiou. — E você tinha que escolher logo ela para dançar, não é?

— Não havia escolha. Ela... — O encantou, o hipnotizou, o colocou de joelhos.

— O que quer que ela tenha feito, fez bem. — Nikolai passou pelo portão, olhando pelas barras a corda amarrada do outro lado. — E, definitivamente, planejou minuciosamente esta missão.



– Ou, ela teve ajuda.

– Eu apostaria nos dois.

Já tinha passado tempo demais para que eles a seguissem agora. E não havia nenhum perfume a seguir, com o adubo cobrindo o que restava do doce cheiro de Grace.

Marius soltou um suspiro.

– Vamos voltar ao castelo.

Eles voltaram em silêncio, Nikolai seguiu Marius quando ele entrou no estábulo do palácio pela entrada traseira. O baile ainda estava em andamento, mas ele caminhou diretamente para a sala de estudos.

Marius foi até a gaveta da mesa e puxou um pedaço de pergaminho, mergulhou a caneta na tinta e começou a desenhar, com uma mão cuidadosa e firme, mesmo enquanto seu sangue corria com fúria por suas veias. Quando ele terminou, empurrou o papel na mesa para Nikolai, que se inclinou, aguardando.

– Esta é a tatuagem de um lírio negro, ela está na parte inferior de seu ombro esquerdo, logo acima dos seios. Você é meu Tenente e meu amigo mais estimado, não é?

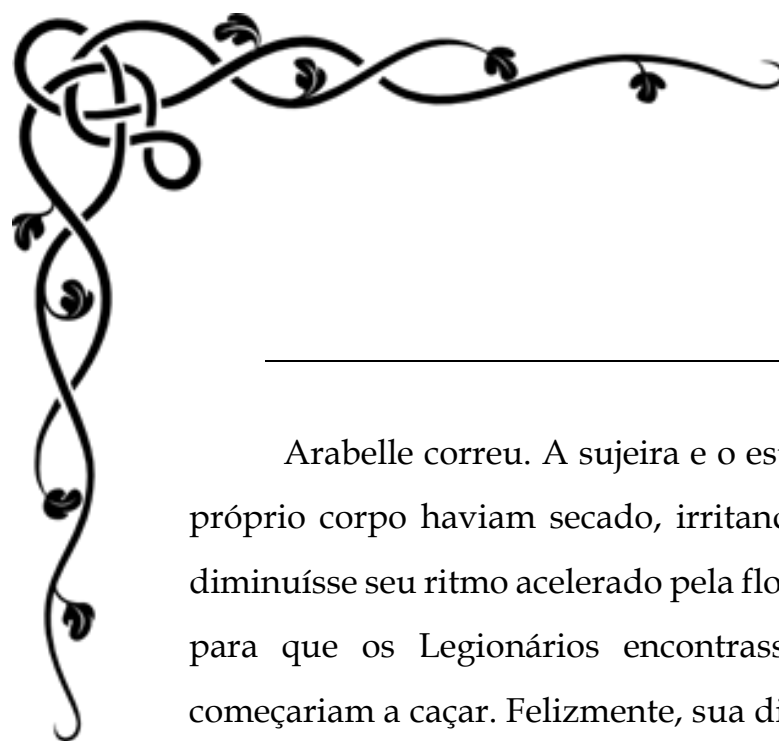
Com um assentimento rigoroso, Nikolai respondeu.

– Sim. Claro.

– Então ache-a, Nikolai. Encontre essa mulher.

Nada mais precisava ser dito. O tom de urgência com que o comando foi dado era o suficiente. Nikolai saiu da sala com a ordem em mãos.

Agora, Marius teria uma conversa com o seu primo, Friedrich. Ele olhou para a lareira. Divagando, pegou a luva de seda e inalou o cheiro da mulher que tentou assassiná-lo. A mulher que ele ia encontrar, custe o que custar.



Capítulo 05

Arabelle correu. A sujeira e o esterco que ela havia usado para sujar seu próprio corpo haviam secado, irritando sua pele. Mas nada fez com que ela diminuísse seu ritmo acelerado pela floresta. Ela sabia que não demoraria muito para que os Legionários encontrassem o corpo do Príncipe, então eles começariam a caçar. Felizmente, sua distração havia funcionado.

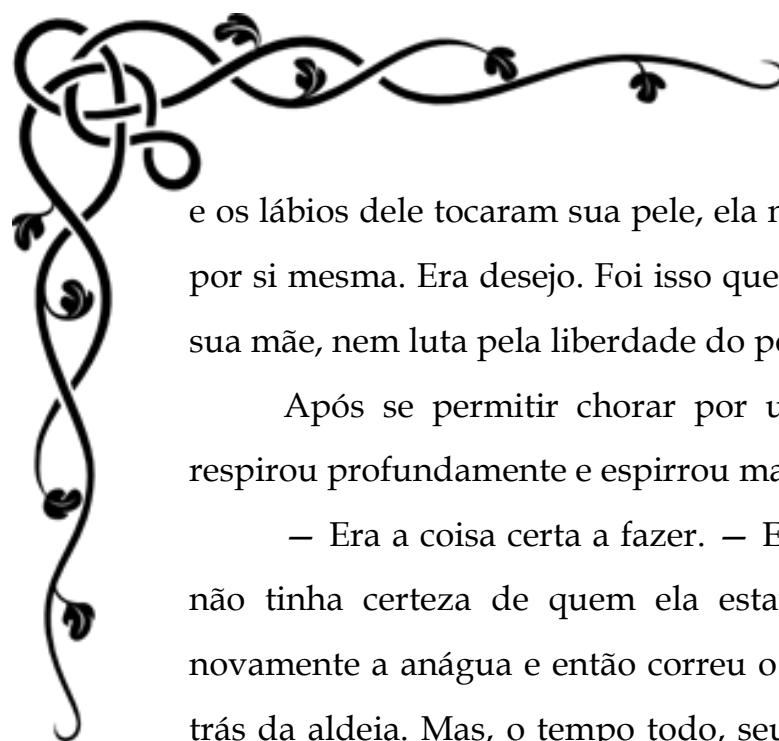
Ela queria chegar até a carruagem - a rota mais fácil para escapar - mas o relógio soou a última badalada da meia-noite no momento em que ela terminou a ação e balançou corda abaixo até o chão do palácio. Felizmente, seu plano reserva tinha sido um sucesso. Até agora.

— Quase lá. — Sussurrou para si mesma através de respirações ofegantes.

Finalmente, encontrou o rio onde lavava roupas para a família Pervis e para si mesma. Tirando a anágua, entrou até a altura de suas coxas, ainda vestindo o espartilho e as botas. Não havia tempo suficiente para se desnudar completamente. Mesmo no meio do verão, a água estava gelada, batendo contra sua pele nua. Ela se curvou e molhou primeiro os braços e o rosto, lavando quase toda sujeira. Então ela afundou o corpo, submergindo completamente, se livrando da lembrança das mãos e da boca do Príncipe vampiro em seu corpo.

Bem, ela queria ter se livrado.

Ela emergiu e inspirou o ar, olhando para a meia lua. Ela lembrou do olhar de choque no rosto dele enquanto cravava a adaga em seu coração. Incapaz de evitar que a emoção transbordasse, ela soluçou em suas mãos. *Assassinato*. Ela matou alguém. Sua consciência quase a impediu. Quase deixou que o encanto dele a fizesse mudar de ideia. Imaginou matar esse homem - não, esse vampiro - por tanto tempo, que nunca lhe ocorreu que poderia ser uma coisa tão difícil de se fazer. Mas, quando chegou o momento do ajuste de contas



e os lábios dele tocaram sua pele, ela não sentiu repulsa ou ódio, exceto talvez por si mesma. Era desejo. Foi isso que fluiu por seu sangue, não vingança por sua mãe, nem luta pela liberdade do povo ou honra pela causa.

Após se permitir chorar por um minuto, e depois se recompor, ela respirou profundamente e espirrou mais água no rosto.

— Era a coisa certa a fazer. — Ela murmurou, enquanto saía do rio. Ela não tinha certeza de quem ela estava tentando convencer quando vestiu novamente a anágua e então correu o resto do caminho, até estar na parte de trás da aldeia. Mas, o tempo todo, seu coração doeu com a lembrança de seu rosto e seu grito de dor. Ela correu ainda mais rápido, só não sabia se era para escapar do que tinha feito ou para limpar a culpa em seu coração. Ela precisava deixar isso para trás. Não importa o quão desprezível ou assustador tenha sido, foi necessário. Para o bem do povo.

Tudo estava escuro e quieto na aldeia. Todos os camponeses dormiam enquanto a aristocracia continuava agindo como pagãos na Torre de Vidro. Todos, exceto um, é claro.

O ferreiro estava sentado no final da estrada, um ponto amarelo de luz brilhando no escuro. Arabelle expirou com irritação diante da janela e olhou para dentro. Olhando para as chamas, Deek estava sentado junto ao fogo com um copo de sua cerveja caseira na mão. Ela sorriu. Ele estava preocupado com ela.

Ela se arrastou para a porta dos fundos e bateu, ao invés de abri-la. Quatro passos soaram na direção da porta, antes que a abrisse. Deek a puxou para um abraço de urso.

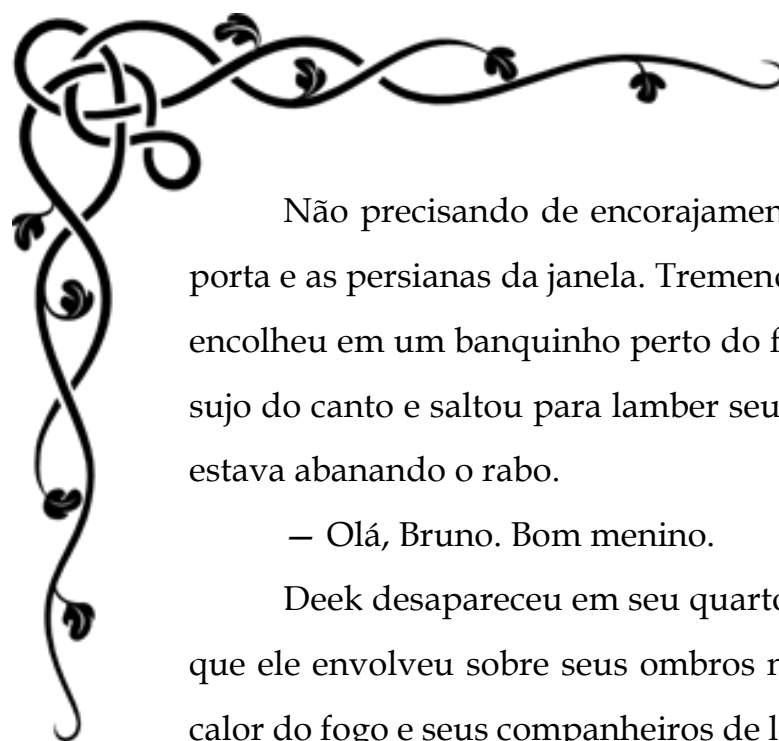
— Graças às estrelas, menina.

Arabelle riu.

— Ai! Você está me esmagando.

Ele rapidamente a soltou.

— Desculpe. Venha para perto do fogo.



Não precisando de encorajamento, ela correu para dentro. Ele fechou a porta e as persianas da janela. Tremendo e com os cabelos ainda úmidos, ela se encolheu em um banquinho perto do fogo. O cão de caça dele estava no tapete sujo do canto e saltou para lambar seus dedos trêmulos, como de costume. Ele estava abanando o rabo.

— Olá, Bruno. Bom menino.

Deek desapareceu em seu quarto e voltou com um cobertor de lã grosso, que ele envolveu sobre seus ombros nus. Ela apertou os cantos, apreciando o calor do fogo e seus companheiros de longa data. Bruno se sentou com a cabeça sobre suas botas molhadas, que ela esperava que secassem e não ficassem deformadas demais.

— Eu me preocupei quando o motorista passou por aqui com a carruagem e contou que você não voltou à meia-noite.

— Eu sei. Estava com o Príncipe a meia-noite. Não tive como sair antes.

— E então?

— Sim, Deek. — Arabelle elevou o olhar para ele através da lareira - onde ele estava sentado novamente - e engoliu o nó na garganta. — Eu matei o Príncipe Marius.

Ele derrubou o resto da cerveja.

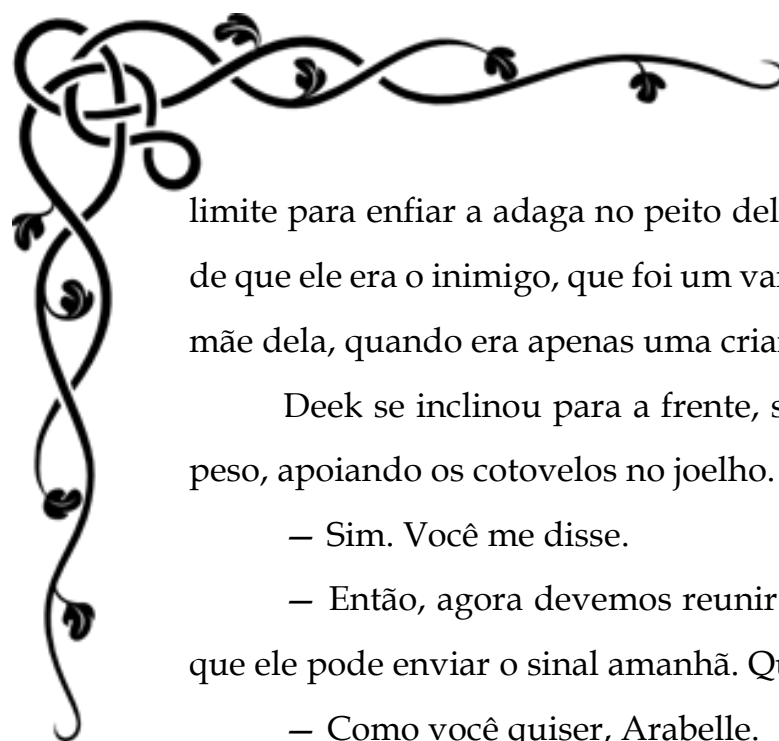
— Caralho, garota. Você é mesmo surpreendente.

— Você duvidou de mim.

— Não. Eu sabia que você era capaz... que você conseguiria, se tivesse a chance. O que me deixou preocupado foi a possibilidade dessa chance não se manifestar. Ou que ele suspeitasse de suas intenções antes da hora.

— Eu te disse. Todos os homens são iguais. Eles só pensam em uma coisa.

A voz sensual do Príncipe veio à mente dela novamente, a maneira como ele sussurrou seu nome falso. Ela se castigou por querer ouvi-lo dizer seu verdadeiro nome naquele momento. Vampiros sangrentos. Eles usavam seu poder para seduzir as mentes mais rebeldes. Isso foi o que a impulsionou ao



limite para enfiar a adaga no peito dele, de uma vez por todas. Ela se lembrou de que ele era o inimigo, que foi um vampiro igual a ele que arrancou sua pobre mãe dela, quando era apenas uma criança.

Deek se inclinou para a frente, sua cadeira rangendo enquanto movia o peso, apoiando os cotovelos no joelho.

— Sim. Você me disse.

— Então, agora devemos reunir os membros do Black Lily. Diga a Nate que ele pode enviar o sinal amanhã. Quero uma reunião amanhã à noite.

— Como você quiser, Arabelle.

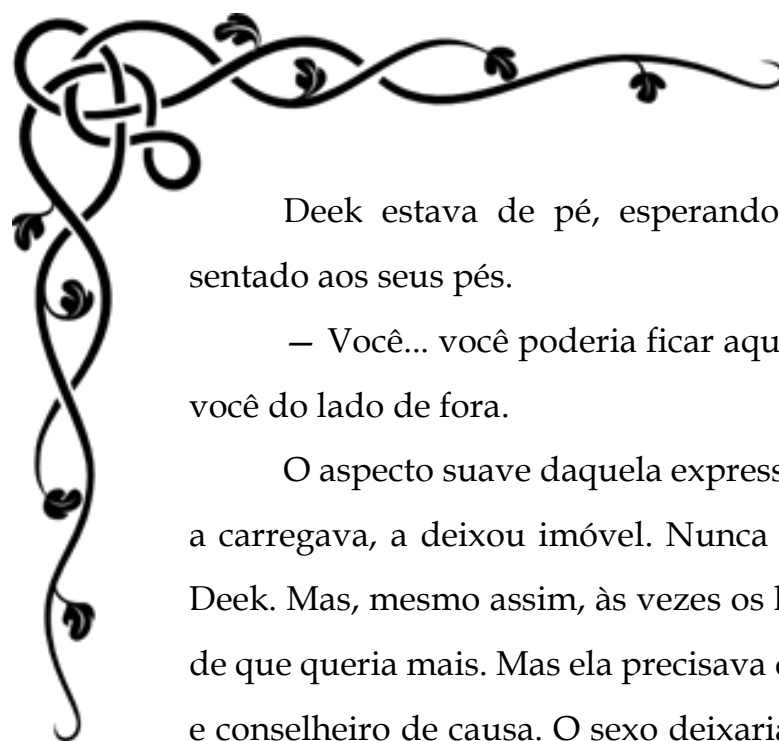
Ela olhou para seu único amigo, esse homem rústico que ela amava quase como um irmão, e apreciava o fato de que ele a enxergava muito além da camponesa, fraca e impotente. Ele a via como a mulher que ela desejava ser - aquela que liderava os camponeses oprimidos e os guiava a um mundo livre do jugo da monarquia dos vampiros.

Ela teve que conter a emoção que gritava dentro dela mais uma vez. Era demais para uma noite. Ela não ia perder a compostura agora. Não na frente de Deek.

— Aqui. — Deixando cair o cobertor, ela tirou o colar que ele emprestou e o devolveu. O rubi vermelho sangue balançou e reluziu na luz do fogo. — Obrigada. Ele cumpriu bem o seu dever. As minhas roupas estão ali? — Ela perguntou, acenando para o quarto.

— Sim.

Ela entrou e fechou a porta, depois tirou o resto de suas roupas. O espartilho foi particularmente mais difícil de tirar, com os cordões apertados e molhados. Vestindo-se com calças masculina, uma camisa branca da criadagem e seu espartilho simples - que lhe dava apoio, mas não a deixava sem ar, beirando a morte - ela pegou suas roupas íntimas molhadas e voltou para o quarto ao lado. Se a esta hora os Legionários estivessem à procura dela, estariam procurando por uma mulher e não um garoto.



Deek estava de pé, esperando. Seu fiel companheiro, Bruno, estava sentado aos seus pés.

— Você... você poderia ficar aqui, Arabelle. Se ainda não for seguro para você do lado de fora.

O aspecto suave daquela expressão, destoando do homem nada sutil que a carregava, a deixou imóvel. Nunca houve e nunca haveria sexo entre ela e Deek. Mas, mesmo assim, às vezes os limites se misturavam e ela tinha certeza de que queria mais. Mas ela precisava de Deek para continuar sendo seu amigo e conselheiro de causa. O sexo deixaria o relacionamento deles muito confuso. Além disso, ela não estava atraída por ele dessa maneira. Embora ela devesse ser a única mulher na cidade que não queria se jogar no feno com o ferreiro carrancudo e musculoso.

Ela passou para ele a roupa de baixo molhada e o espartilho que havia roubado de Penélope Pervis. Ela nunca saberia, já que tinha mais roupas do que jamais poderia usar.

— Queime isto em sua fornalha. — Ela disse enquanto segurava seu ombro e lhe dava um aperto. — Obrigada, meu amigo. Eu vou ficar bem. Eu só quero chegar em casa. Não se esqueça de mandar Nate emitir o sinal.

— Ok, eu não vou esquecer.

Ela deu alguns passos para a escuridão da noite, quando o ouviu chamando seu nome.

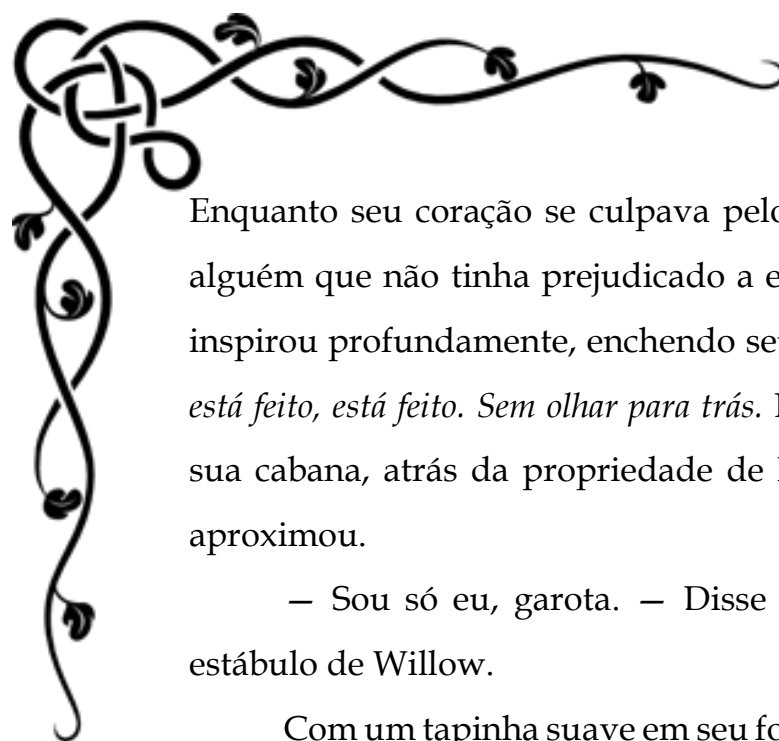
— Arabelle?

Ela se virou, permanecendo de pé sob o feixe de luz que se derramava através da porta.

— Você é uma oponente difícil, menina. Mesmo contra um homem adulto... ou vampiro.

Ela sorriu.

— Sim. E você nunca se esqueça disso. — Ela deu uma piscadela. — Até amanhã à noite. — Ela fingiu ser corajosa. Era boa nisso. Tinha sido a vida toda.



Enquanto seu coração se culpava pelo crime que cometeu, de tirar a vida de alguém que não tinha prejudicado a ela nem a ninguém que ela conhecia, ela inspirou profundamente, enchendo seus pulmões, e pensou no amanhã. *O que está feito, está feito. Sem olhar para trás.* Ela adentrou na escuridão e voltou para sua cabana, atrás da propriedade de Pervis. Willow relinchou quando ela se aproximou.

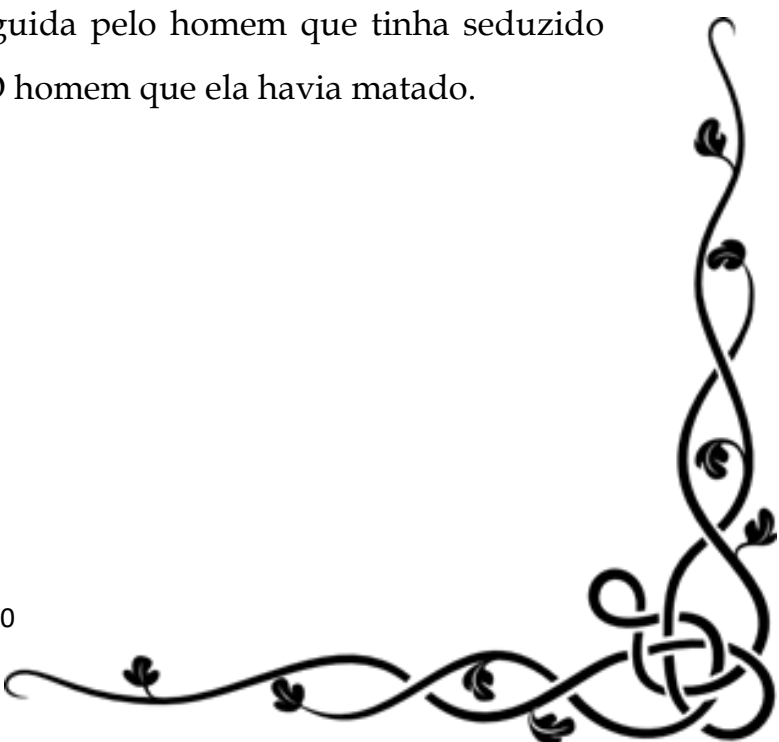
— Sou só eu, garota. — Disse ela, cruzando o longo gramado para o estábulo de Willow.

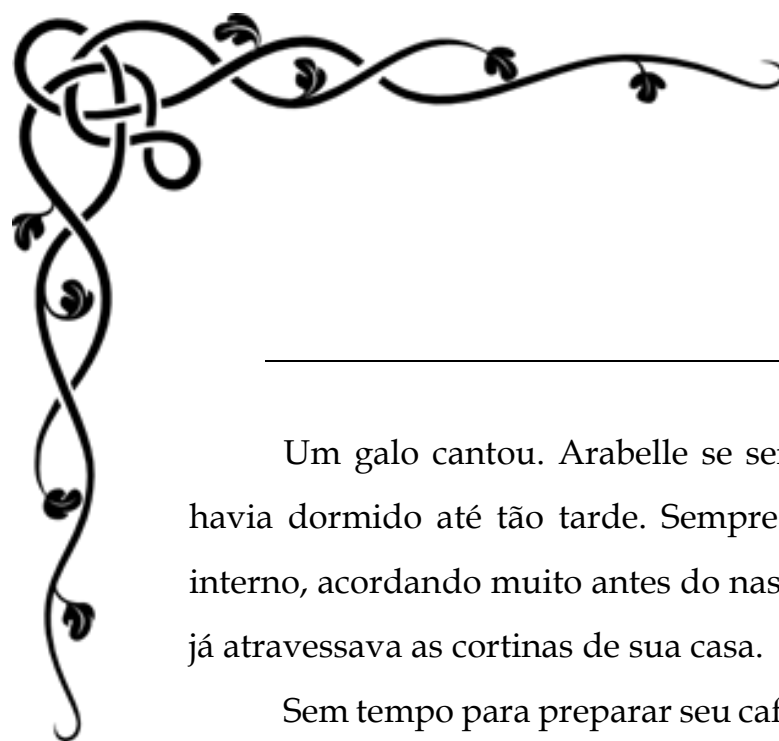
Com um tapinha suave em seu focinho, Arabelle pressionou a testa contra a de Willow, encontrando conforto lá, como sempre fazia.

— O que está feito, está feito. Certo, Willow?

Sua égua relinchou suavemente. Ela deu um beijo em seu focinho, entrou na cabana, trancou a porta e desmaiou na cama. A lareira já havia apagado, e ela estava exausta demais para acender novamente o fogo. Ela desamarrou as botas e as arrancou, depois tirou as calças molhadas antes de se arrastar para debaixo das cobertas.

Assim que colocou a cabeça no travesseiro, uma imagem de cabelos escuros, um maxilar digno de um Rei e olhos azuis hipnotizantes apareceu diante dela. Embora ela tentasse se livrar da imagem em sua mente, era inútil. Era a mesma coisa em relação a sensação dos lábios dele em sua boca, em sua pele. Ela temia ser eternamente perseguida pelo homem que tinha seduzido seus sentidos com apenas um toque... O homem que ela havia matado.





Capítulo 06

Um galo cantou. Arabelle se sentou abruptamente na cama. Ela nunca havia dormido até tão tarde. Sempre funcionou como se tivesse um relógio interno, acordando muito antes do nascer do sol. A primeira luz do amanhecer já atravessava as cortinas de sua casa.

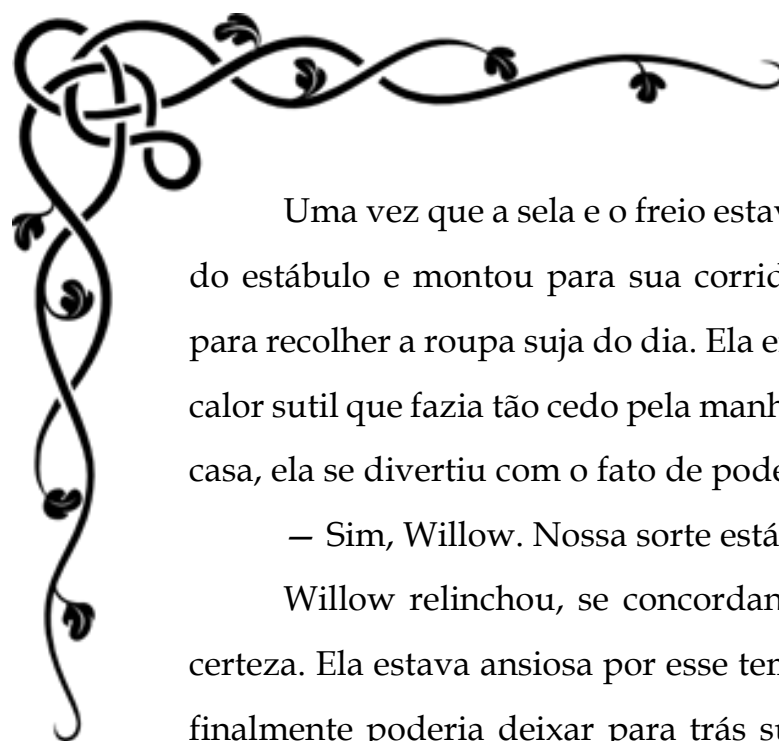
Sem tempo para preparar seu café da manhã, ela saltou e pegou seu único par de meias novas. Uma vez que suas botas estavam amarradas - ainda úmidas da noite anterior, mas boas o suficiente para usar - ela amarrou seu cabelo com um lenço e colocou o balde de aveia na porta, para Willow. Ela nem sequer se preocupou em trocar as roupas de menino pelo vestido simples que sempre usava, optando por se sentir confortável. Além disso, ninguém a interrogaria. A maioria dos empregados de Pervis achavam que ela era louca, de qualquer maneira. E Arabelle não achava isso ruim.

O céu estava dourado e limpo de qualquer nuvem. Ela sorriu, apesar do drama da noite anterior e de seu coração ainda ferido. Percebendo que este era o primeiro amanhecer de um novo tempo, para ela e seu povo, ela caminhou com leveza em seu passo.

— Bom dia, Willow. — Ela disse, enganchando o balde de aveia na caçamba do estábulo, então entrou e arrumou sua sela. — Parece que vai ser um dia glorioso.

Willow golpeou o chão com a pata traseira, comendo a aveia com a cabeça enfiada no balde.

— E eu tenho um segredo, garota. — Arabelle apertou a alça do balde, depois se inclinou para a orelha de sua égua. — Muito em breve as coisas vão melhorar para nós.



Uma vez que a sela e o freio estavam no lugar, ela levou Willow para fora do estábulo e montou para sua corrida matinal em direção à mansão Pervis, para recolher a roupa suja do dia. Ela ergueu o rosto para o céu, desfrutando do calor sutil que fazia tão cedo pela manhã. Sem precisar mais trabalhar dentro da casa, ela se divertiu com o fato de poder aproveitar o sol o dia todo.

— Sim, Willow. Nossa sorte está mudando, velha amiga.

Willow relinchou, se concordando ou discordando, Arabelle não tinha certeza. Ela estava ansiosa por esse tempo, almejando por esse dia, quando ela finalmente poderia deixar para trás sua vida como serva humilde da família Pervis. Este seria o último dia que seria tratada como se fosse a sujeira debaixo de seus pés. Ela economizou o máximo de soberanos⁵ possível e armazenou comida suficiente na cabana para mantê-la saciada por, pelo menos, dois invernos. Naquela época, ela tinha certeza de que conseguiria cumprir seus objetivos, rompendo com todos os elos dos vampiros - por bem ou por mal - ou ela teria morrido tentando. De qualquer forma, ela confiava no futuro, porque ele seria de sua escolha.

Ela desceu da égua em frente ao portão traseiro, depois amarrou as rédeas na base e passou pela entrada da cozinha. Cook já suava e esmurrava massas de biscoito.

— Bom dia. — Disse Arabelle.

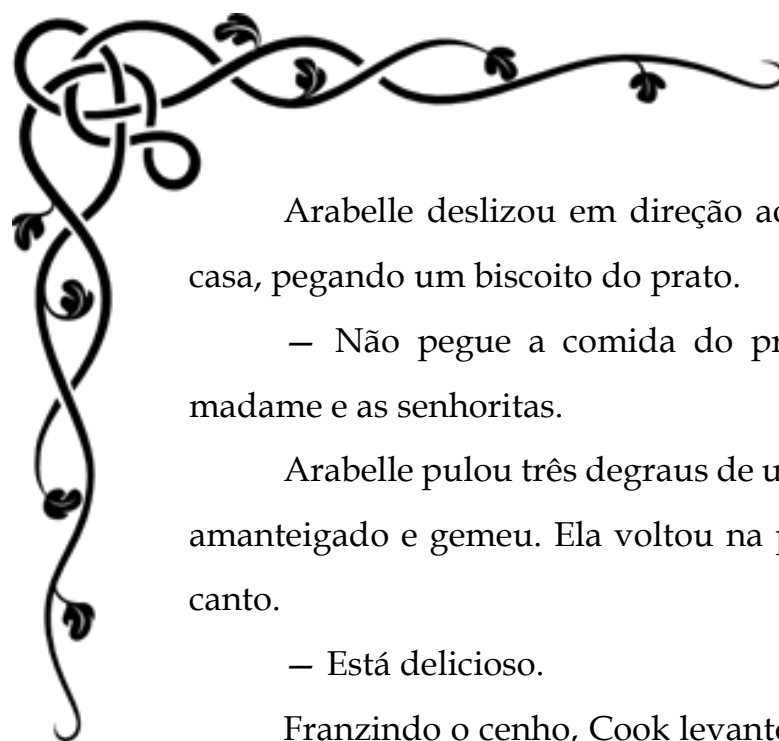
— Dia! — Cook passou o braço musculoso na testa e, então, sacudiu a cabeça com desaprovação. — Voltou a se vestir como um menino, não é?

Arabelle riu e encolheu os ombros.

— Os calções são mais confortáveis.

— Melhor não ser pega na casa desse jeito. — Cook disse, e balançou um dedo pelos degraus. — Mary está recolhendo a roupa agora. Vá ajudá-la e saia do meu caminho.

⁵ Uma antiga moeda de ouro britânica, que valia cerca de uma libra esterlina, agora apenas cunhada para fins comemorativos. A moeda do Reino, escolhida pela autora.



Arabelle deslizou em direção aos degraus de pedra que levavam até a casa, pegando um biscoito do prato.

– Não pegue a comida do prato ainda. Espere por sua vez, *após* a madame e as senhoritas.

Arabelle pulou três degraus de uma só vez, deu uma mordida no biscoito amanteigado e gemeu. Ela voltou na ponta dos pés e espreitou a cabeça pelo canto.

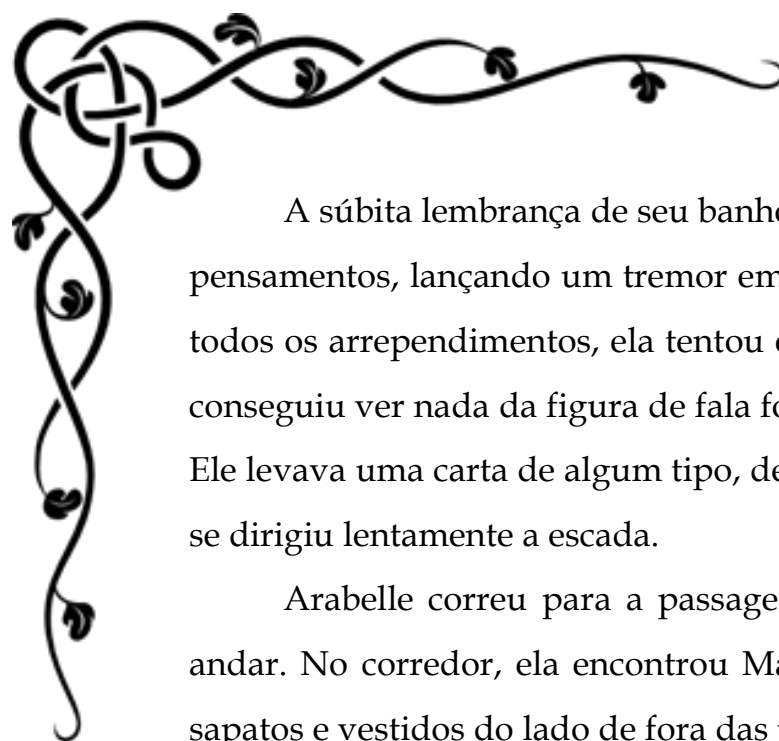
– Está delicioso.

Franzindo o cenho, Cook levantou o olhar de um outro lote de biscoitos, franzindo o cenho à vista de Arabelle.

– Continue subindo, garota maluca.

Arabelle sorriu e subiu os degraus novamente, depois entrou na casa principal, onde tudo estava quieto e silencioso. Ela encheu a boca, dando a última mordida no biscoito, pensando que pegaria pelo menos mais dois no caminho de volta. Antes de se dirigir para a escadaria dos criados, o som repentino da campainha ecoou na porta da frente.

Ruben, o mordomo, materializou-se do nada, como costumava fazer, e chegou até a porta. Arabelle se arrastou atrás de uma coluna sob a escadaria sinuosa, perguntando-se sobre quem apareceria na casa tão cedo. Todos sabiam que as irmãs Pervis dormiam até a metade da manhã e eram forçadas a sair da cama todos os dias pela bruxa da própria mãe. Isso gerava uma hora interminável de choramingos e reclamações sobre como a vida delas era terrível. Então, as duas filhas maldosas gritavam com a coitada da Maria, sua criada, por mais uma hora. Às vezes, elas até batiam nela com a escova de cabelos, se ela puxasse demais suas cabeças para desembaraçar o emaranhado de fios. Como se fosse culpa de Maria, que as irmãs odiosas não conseguissem lavar os cabelos com regularidade. Mesmo Arabelle tomava banhos refrescantes no riacho de Larkin Wood às tardes.



A súbita lembrança de seu banho no rio na noite passada piscou em seus pensamentos, lançando um tremor em sua coluna vertebral. Afastando tudo e todos os arrependimentos, ela tentou espiar quem estava na entrada, mas não conseguiu ver nada da figura de fala formal, antes que Ruben fechasse a porta. Ele levava uma carta de algum tipo, depois colocou-a numa bandeja de prata e se dirigiu lentamente a escada.

Arabelle correu para a passagem dos servos e andou para o segundo andar. No corredor, ela encontrou Mary reunindo pilhas de anáguas, meias, sapatos e vestidos do lado de fora das portas de Drusilla e Penélope.

— Eu vou precisar da sua ajuda com essa pilha. — Disse Mary. — Para um baile que só durou quatro horas, elas conseguiram experimentar e sujar roupas para um convento inteiro.

— Certamente elas não sujaram todos eles. Preciso mesmo lavar todas as roupas que elas experimentaram e não gostaram?

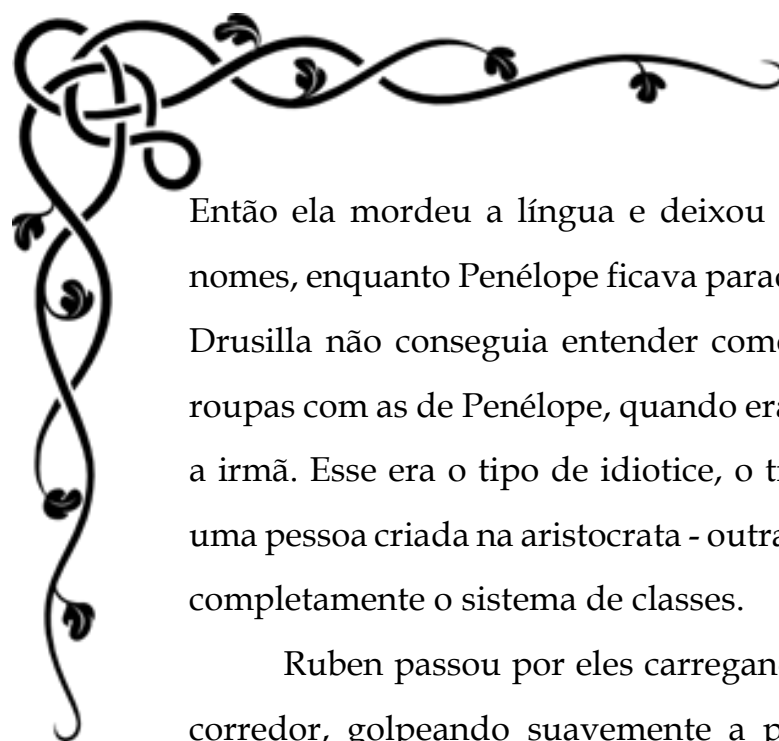
Mary contorceu o rosto e sorriu.

— Vamos, Arabelle. Elas querem que *todos eles* sejam lavados e estejam limpos, não importa se os usaram por dez segundos ou dez horas. Você já deveria saber disso.

Último dia, ela pensou. Ela pegaria o salário da semana com a governanta, dando como desculpa que precisava dele no início desta semana, e então iria embora. Mary não sabia nada sobre o Black Lily. E tanto quanto Arabelle odiava deixá-la para trás, ela sabia que um dia - em breve - Mary e todos os empregados finalmente estariam livres de seu fardo.

— Deixe-me ajudá-la, então. — Disse Arabelle, inclinando-se sobre a pilha e separando as roupas pelo monograma costurado no interior de cada uma.

Ela devolveu as roupas das irmãs nas cestas erradas uma vez e recebeu um sermão tão grande que Arabelle quase bateu naquela bruxa da Drusilla. Mas a pena para um camponês que agredia um aristocrata era um mês na prisão dos Legionários. E para Arabelle, isso era tão bom quanto uma sentença de morte.



Então ela mordeu a língua e deixou Drusilla chamá-la de todos os tipos de nomes, enquanto Penélope ficava parada e acuada, como um ratinho assustado. Drusilla não conseguia entender como Arabelle poderia ter confundido suas roupas com as de Penélope, quando era tão óbvio que ela era muito melhor que a irmã. Esse era o tipo de idiotice, o tipo de absurdo que se podia esperar de uma pessoa criada na aristocrata - outra razão pela qual Arabelle desejava abolir completamente o sistema de classes.

Ruben passou por eles carregando a bandeja e depois parou no final do corredor, golpeando suavemente a porta de Lady Pervis. Arabelle e Mary trocaram olhares quando Ruben entrou.

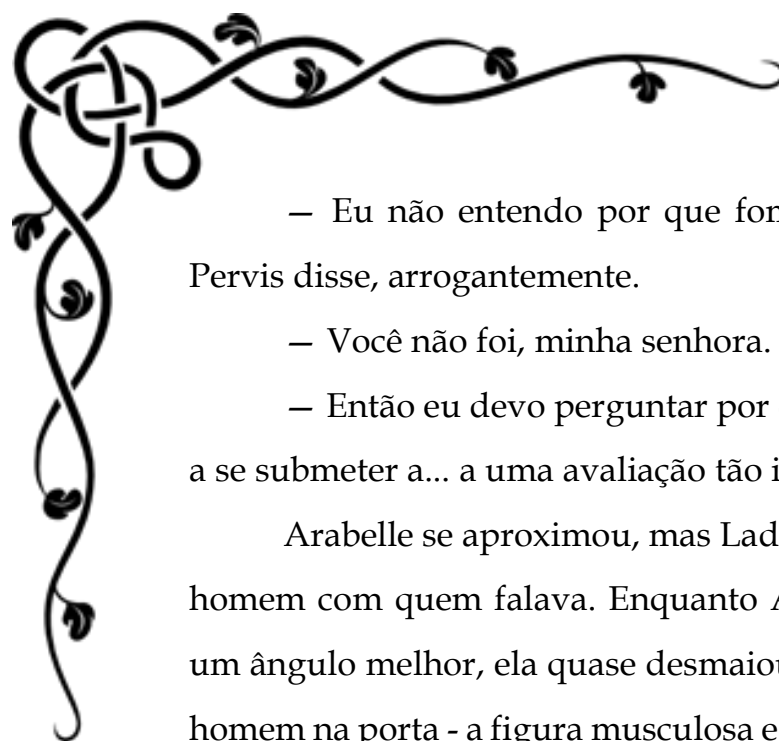
- Do que se trata isso? — Perguntou Mary.
- Eu não sei. — Disse Arabelle. — É de alguém que estava na porta.
- A esta hora?

De repente, a porta de Lady Lucinda se abriu. Vestindo um manto exageradamente volumoso e chamativo, nas cores laranja e verde, ela passou por elas sem notá-las, indo até a porta da frente. Ela nem sequer percebeu o traje de Arabelle e a atacou por isso. Então, era certamente algo muito importante para chamar sua atenção.

Sem dizer uma palavra, Mary e Arabelle colocaram rapidamente as pilhas de roupas no cesto, então carregaram tudo para a passagem dos criados. Quando estavam sozinhas na escada, Mary olhou para Arabelle, que caminhava atrás dela, com o cesto entre elas.

- O que poderia ser? — Perguntou Mary.
- Eu não tenho ideia. — No entanto, Arabelle teve um pressentimento, como se seu mundo estivesse sendo bruscamente virado do avesso.

Respirando pesadamente, elas saíram pelo andar principal e levaram o cesto lentamente pelo corredor. Vozes ecoavam do grande foyer, uma delas profundamente masculina. Mary e Arabelle congelaram atrás de uma coluna.



— Eu não entendo por que fomos chamadas para tal ordem. — Lady Pervis disse, arrogantemente.

— Você não foi, minha senhora. Não especificamente.

— Então eu devo perguntar por que minhas filhas estão sendo chamadas a se submeter a... a uma avaliação tão inconveniente. Especificamente.

Arabelle se aproximou, mas Lady Pervis estava bloqueando sua visão do homem com quem falava. Enquanto Arabelle contornava a coluna, buscando um ângulo melhor, ela quase desmaiou diante das características familiares do homem na porta - a figura musculosa e ameaçadora do Tenente dos Legionários - Nikolai. Instantaneamente, o coração de Arabelle começou a falhar no peito. Um arrepio congelante se arrastou ao longo de sua pele.

— Este decreto real foi dado a todas as mulheres jovens na Vila de Sylus. A Coroa está tentando encontrar uma convidada especial do baile de ontem à noite, uma que o nosso Príncipe Real escolheu para o seu Harém de Sangue.

Lady Lucinda balançou as mãos e se inclinou em uma reverência nervosa.

— Bem, meu belo Tenente. Eu certamente terei minhas filhas prontas para a avaliação.

O vampiro que fez o sangue de Arabelle congelar em suas veias se despediu com uma saudação curta, seu olhar implacável e intenso.

— Sei que as terá. A Divisão Real estará aqui na hora marcada.

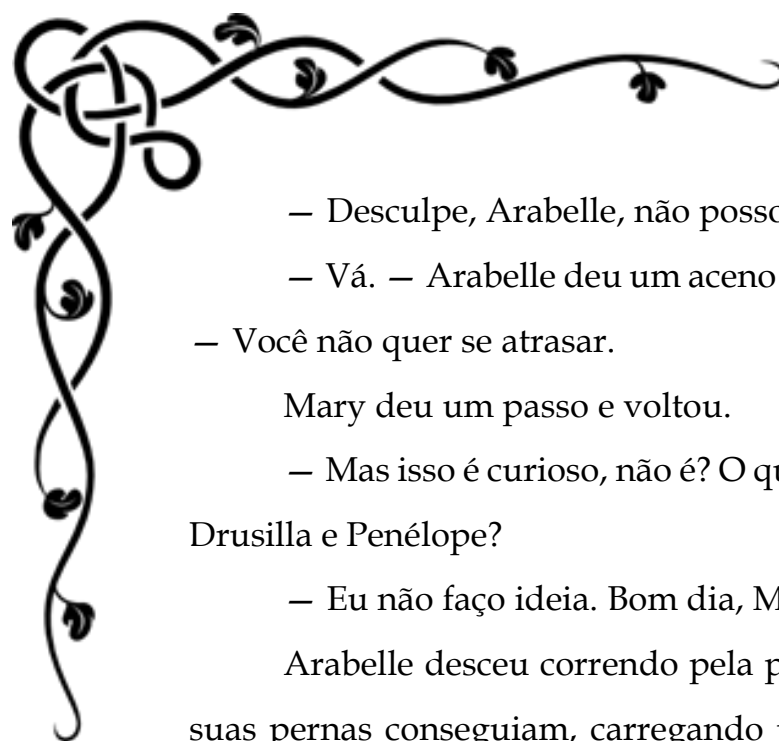
Ruben fechou a porta atrás do Tenente. Lady Lucinda explodiu escada acima, suas saias brilhando enlouquecidamente.

— Mary! — Ela gritou com uma risada de alegria perversa. — Pegue os melhores vestidos diurnos das meninas. Mary!

Mary suspirou e afundou os ombros.

— Não tenho ideia do que o palácio está fazendo agora, mas eles acabaram de arruinar toda a minha manhã.

Arabelle pegou o cesto de Mary, colocando-o em seus braços, com o coração martelado no peito. Eles estavam procurando por ela, casa por casa.



– Desculpe, Arabelle, não posso ajudá-la hoje.

– Vá. – Arabelle deu um aceno no corredor para a passagem dos servos.

– Você não quer se atrasar.

Mary deu um passo e voltou.

– Mas isso é curioso, não é? O que o examinador real poderia querer com Drusilla e Penélope?

– Eu não faço ideia. Bom dia, Mary.

Arabelle desceu correndo pela passagem até o porão, tão rápido quanto suas pernas conseguiam, carregando um cesto pesado de roupas. Ela passou pela cozinha sem dizer uma única palavra.

– Não vai querer outro biscoito antes de ir? – Perguntou Cook.

– Não, obrigada. Preciso começar a trabalhar. – Disse Arabelle, tentando sair da casa o mais rápido possível.

Por hábito, ela colocou o cesto na carroça pequena que ela iria anexar à sela de Willow, mas esperou até que o som dos cascos dos cavalos da guarda diminuíssem à distância. Ela precisava sair da aldeia e entrar em Larkin Wood. Esse Tenente de olhos azuis certamente a reconheceria depois do interrogatório não tão sutil. Ele havia desconfiado dela. Ela o temia.

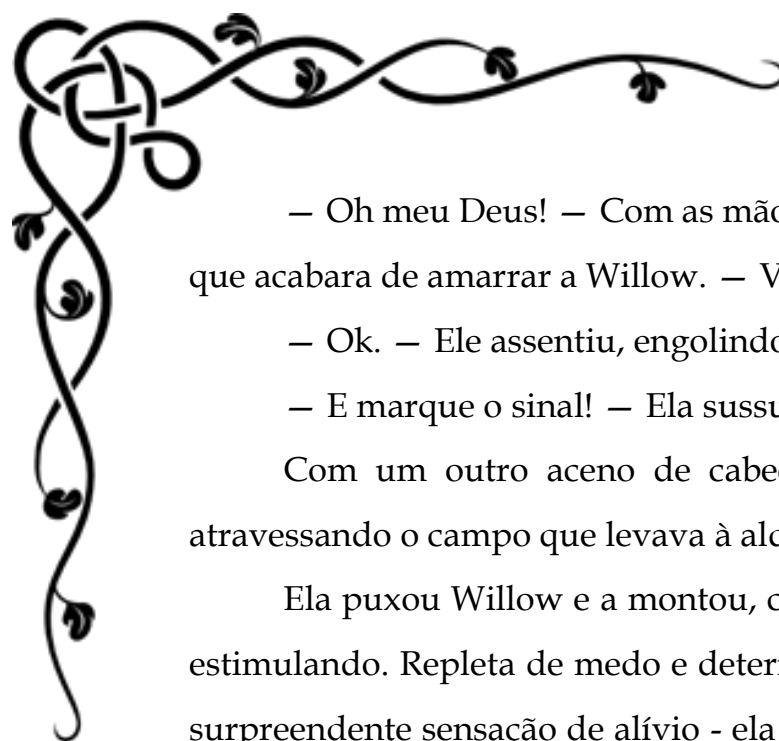
Assim que ela enganchou a carroça em Willow, o *trotar* de patas na terra soou a sua direita. Olhando para o caminho que levava a sua cabana, ela viu a pequena figura de Nate correndo em sua direção.

Quando ele chegou até ela, sem fôlego e com os pés descalços, elevou o rosto sujo em sua direção, conforme tirava um pedaço de papel do bolso.

– O que diabos é isso, Nate?

Tendo corrido tão rápido que mal podia falar, apontou para o papel que Arabelle estava desenrolando. Na escrita grosseira de Deek, ela leu:

Ele não está morto. A Torre está à procura da garota com a tatuagem do lírio negro. Eles estão procurando por você. Fuja!



— Oh meu Deus! — Com as mãos tremendo, ela desenganchou a carroça que acabara de amarrar a Willow. — Vá, Nate. Vá!

— Ok. — Ele assentiu, engolindo o ar.

— E marque o sinal! — Ela sussurrou.

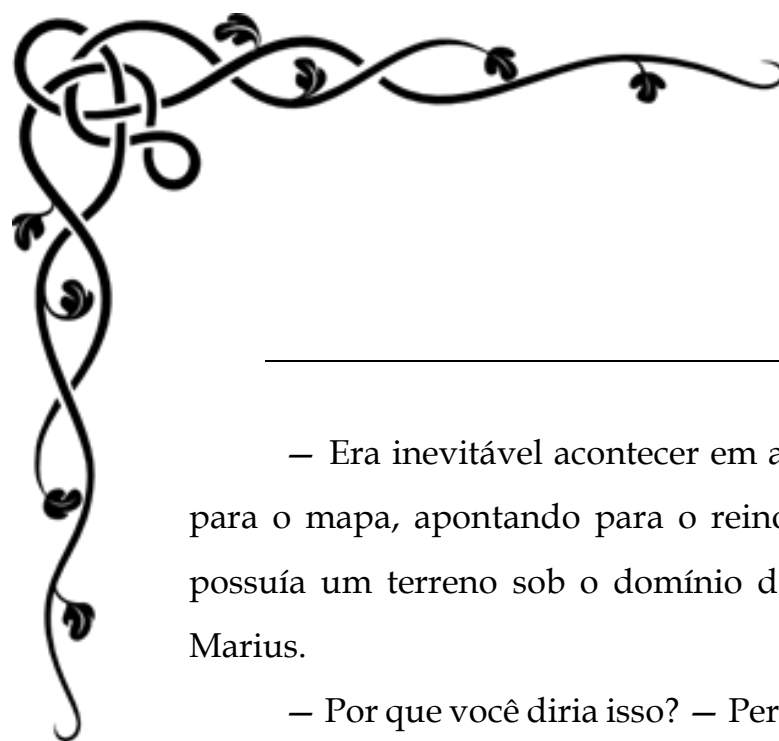
Com um outro aceno de cabeça, o menino desapareceu novamente, atravessando o campo que levava à aldeia.

Ela puxou Willow e a montou, com adrenalina inundando seu corpo e a estimulando. Repleta de medo e determinação - e por baixo de tudo isso, uma surpreendente sensação de alívio - ela guiou Willow em um galope intenso de volta à sua cabana.

Antes de sua égua parar completamente, Arabelle saltou de suas costas e praticamente arrombou a própria porta, soltando-a das dobradiças quando a atravessou. Agarrando sua bolsa, ela enfiou todas roupas que possuía. Arrastou a cabeceira da cama e pegou uma espada envolta em linho, que Deek tinha feito para ela.

— Parece que vou ter que usar você antes do que eu pensava.

Ainda não tendo bairha para acomodá-la, ela a envolveu de volta no pano e amarrrou-o no alforje. Acenando com a cabeça para sua casa de dez anos - onde ela cresceu de menina a mulher, onde sonhou com uma vida livre de servidão e medo dos vampiros, onde chorou nas noites frias e solitárias a perda de uma mãe que a amara tão carinhosamente - ela montou e açoitou Willow em direção a Larkin Wood.



Capítulo 07

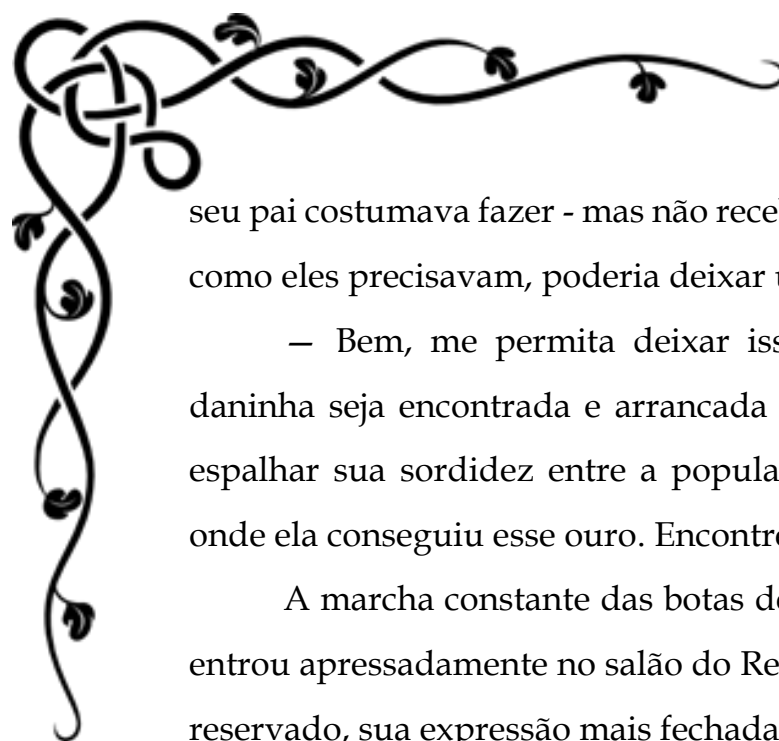
— Era inevitável acontecer em algum momento. — Friedrich gesticulou para o mapa, apontando para o reino ao norte da Torre de Vidro, onde ele possuía um terreno sob o domínio do Rei Dominik, o irmão mais velho de Marius.

— Por que você diria isso? — Perguntou o Rei, olhando o punhal de ponta de ouro - agora limpo do sangue de Marius - sentado ao lado do mapa. O ouro era o único elemento que tinha o poder de matar um vampiro. O ouro queimava a pele de um vampiro sem deixar muitos danos permanentes, exceto algumas cicatrizes. Mas, se de alguma forma entrasse em contato com o sangue de um vampiro ou perfurasse seu coração, eles certamente morreriam.

— Os seres humanos, por natureza, são criaturas subservientes. — Disse Friedrich. — Eles querem agradar. Eles querem ser agradados. Mas a natureza nos mostra que sempre há uma anomalia, uma praga, se você preferir. Uma erva daninha no jardim.

Marius não sabia o que mais o incomodava. O fato de Friedrich ter comparado Grace - ou seja qual for o nome dela - a uma erva daninha, ou o fato de ter utilizado a analogia correta. No entanto, ela não era uma erva daninha no jardim. Era mais como uma estrela solitária em uma noite escura, aquela que permanecia no alto do céu, quando todas as outras se apagavam, saudando o sol enquanto ele irradiava seus primeiros raios de luz.

Seu pai colocou os punhos sobre a mesa, dedos fechados, o cabelo preto, o pescoço mais pálido do que o habitual. Havia sempre um toque mais perverso em seu temperamento quando ele não se alimentava o suficiente. Os vampiros poderiam passar uma ou duas semanas sem sangue, alguns até um mês - como



seu pai costumava fazer - mas não receber sangue o suficiente para se sustentar, como eles precisavam, poderia deixar um vampiro mais violento.

— Bem, me permita deixar isso bem claro. Eu quero que essa erva daninha seja encontrada e arrancada do meu jardim. Ela não pode crescer e espalhar sua sordidez entre a população. E nós *precisamos* encontrar o lugar onde ela conseguiu esse ouro. Encontre a garota, e você encontrará o ouro.

A marcha constante das botas de Nikolai ecoou no mármore quando ele entrou apressadamente no salão do Rei. Embora seu rosto fosse sempre firme e reservado, sua expressão mais fechada revelou que aquele não era um relatório simples. Os olhos dele cintilaram na direção de Marius.

— Eu acredito que podemos encontrá-la. Quer dizer, descobrir quem ela é.

— Me leve até ela, agora. — Marius seguiu os passos de Nikolai enquanto ele saía pela porta.

— Marius. — Chamou o Rei.

Marius parou na entrada.

— Devemos cortar o mal pela raiz. — Os olhos pálidos de seu pai brilharam com uma dilatação sobrenatural. — Pegue a garota. Então, vamos fazer dela um exemplo, por causa do que ela fez com você.

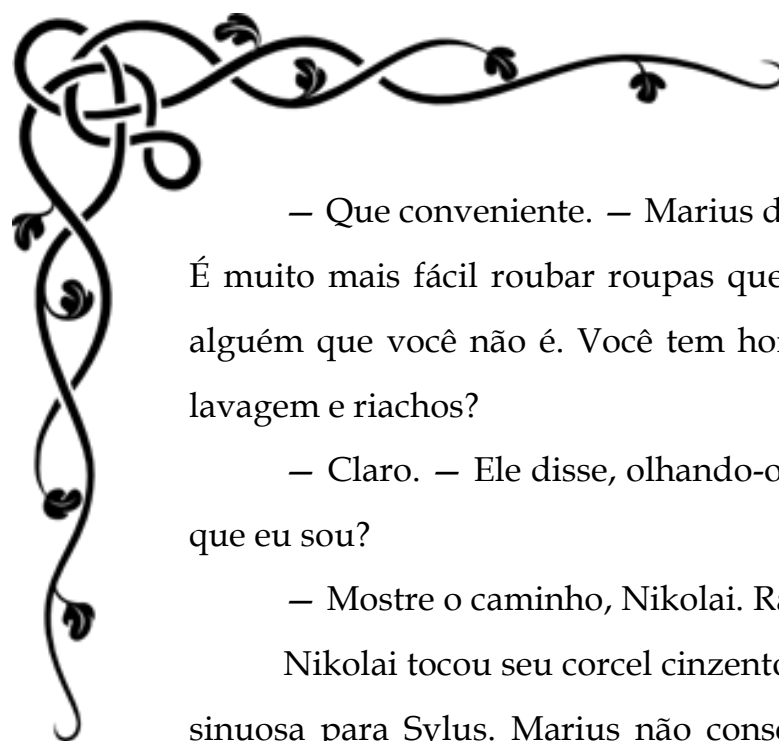
Com um aceno de cabeça e a mandíbula cerrada, Marius saiu com Nikolai.

— Onde? — Perguntou Marius, assim que eles estavam fora de alcance e atravessaram a porta do palácio, indo em direção aos cavalos. O seu garanhão favorito, Erebus, um cavalo preto lustroso, o aguardava ao lado do de Nikolai.

— Você estava certo. Ela é de Sylus.

— E você a tem sob custódia?

— Não. Ela sumiu, ou pelo menos, a dona da casa acredita que ela pode estar fazendo suas tarefas diárias. — Nikolai deu um sorriso irônico quando montaram e guiaram os cavalos para o portão do palácio. — Ela é lavadeira.



— Que conveniente. — Marius disse enquanto atravessavam o portão. — É muito mais fácil roubar roupas que não são suas, já que vai se passar por alguém que você não é. Você tem homens procurando por ela nas fontes de lavagem e riachos?

— Claro. — Ele disse, olhando-o com superioridade. — Quem você acha que eu sou?

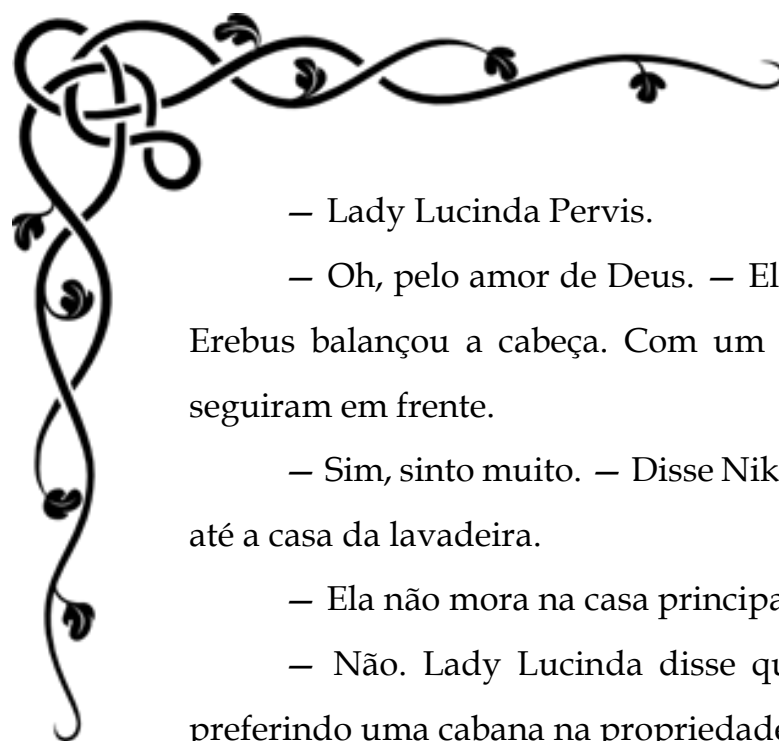
— Mostre o caminho, Nikolai. Rápido.

Nikolai tocou seu corcel cinzento com seu chicote e galopou pela estrada sinuosa para Sylus. Marius não conseguia pensar em nada além da infinita necessidade de encontrá-la. Seu pai tinha razão. Um agitador gerava muitos outros agitadores. Pelo que Friedrich relatou, houve alguma agitação em sua própria terra.

Friedrich encontrou uma garotinha na sala de aula da aldeia pintando uma flor negra. Quando ele perguntou por que ela estava pintando uma flor tão escura, a menina respondeu: *"Ela está vindo nos salvar. Ela diz que sempre há escuridão antes da luz."* Quando a bela professora silenciou a garotinha e arrumou alguma desculpa para suas divagações, Friedrich perguntou a um empregado doméstico confiável que finalmente admitiu que Black Lily era a mulher que prometia levá-los a uma vida de liberdade, onde a nobreza - vampira ou humana - já não governaria sobre eles. Mas o servo não sabia quem ela era ou de onde era. Havia apenas rumores ao vento. Aparentemente, esses ventos sopravam diretamente de Sylus.

Nikolai virou a estrada central para um caminho sombreado até uma mansão respeitável, mas negligenciada. A propriedade estava sem uma varanda cuidadosamente coberta, o pátio estava sujo e havia hera crescendo selvagem ao longo das paredes.

— De quem é essa casa? — Perguntou Marius, movendo-se ao lado de Nikolai, que desacelerou sua marcha, mas continuou em direção à parte de trás da casa.



— Lady Lucinda Pervis.

— Oh, pelo amor de Deus. — Ele puxou as rédeas e parou bruscamente. Erebus balançou a cabeça. Com um suspiro, ele afrouxou o controle e eles seguiram em frente.

— Sim, sinto muito. — Disse Nikolai. — E ela insistiu em nos acompanhar até a casa da lavadeira.

— Ela não mora na casa principal?

— Não. Lady Lucinda disse que ela se recusou a viver sob seu teto, preferindo uma cabana na propriedade.

— E qual é o verdadeiro nome dela?

— É Arabelle.

Marius sentiu seu nome penetrar em seu peito, como uma canção de ninar há muito tempo esperando para ser cantada de novo.

— Sua Alteza? Você está bem?

Ele não conseguia entender por que saber seu verdadeiro nome ou ouvi-lo o afetava dessa maneira, recordando-o da sensação de ter um velho amigo voltando para casa.

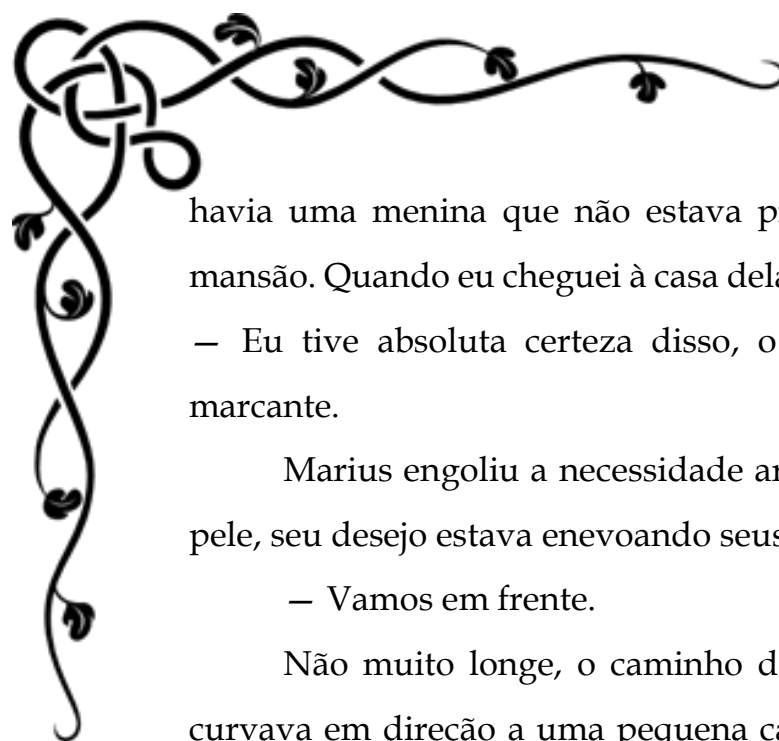
— Marius? — Nikolai elevou a voz.

— O quê? Estou bem. E como é que você tem certeza de que é essa lavadeira que estamos procurando?

— Eu a farejei. Senti um sopro de seu perfume de flores selvagens no salão da casa. Era fraco, mas eu sabia que era o mesmo cheiro da mulher que você segurava no baile.

Marius não gostou muito do fato de que Nikolai tinha memorizado seu perfume com tanta exatidão, uma possessividade apertou seu peito enquanto ele continuava.

— Perguntei se haviam outras damas morando na casa, e elas disseram que não. Eram somente as criadas. Claro, eu exigi conhecer todas as criadas e nenhuma delas era ela. Quando pressionei mais, a empregada confessou que



havia uma menina que não estava presente. A lavadeira, que vivia fora da mansão. Quando eu cheguei à casa dela... — ele olhou com firmeza para Marius — Eu tive absoluta certeza disso, o perfume poderoso do lírio negro era marcante.

Marius engoliu a necessidade ardente de inalar seu aroma e provar sua pele, seu desejo estava enevoando seus sentidos.

— Vamos em frente.

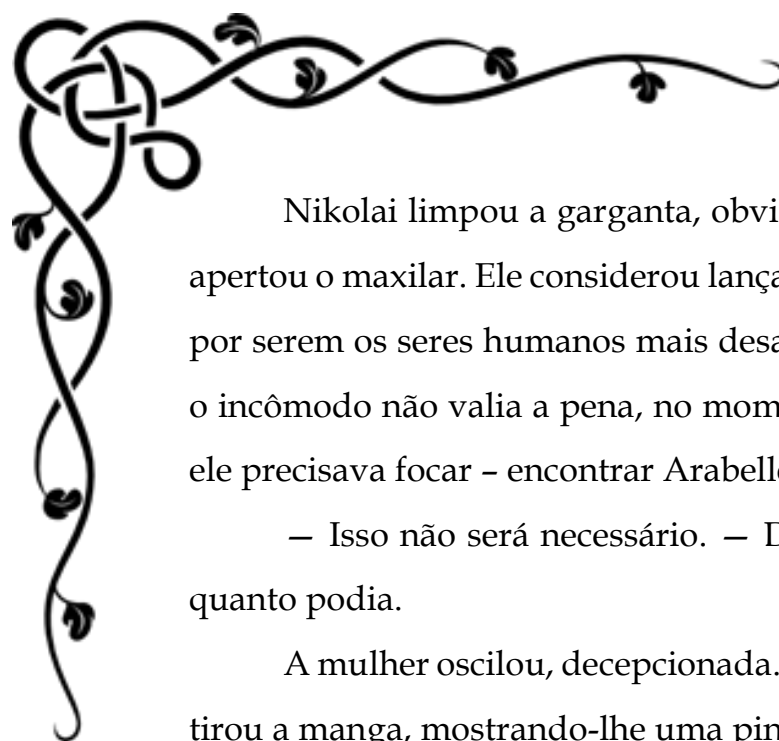
Não muito longe, o caminho de terra que se afastava da propriedade curvava em direção a uma pequena cabana de madeira, ao lado de um único estábulo. Marius vislumbrou a dama aristocrata na porta, ao lado de suas duas filhas com vestidos amarelos, como girassóis. Os Legionários ficaram de guarda, permanecendo alertas e preparados, ostentando as cores de Varis, vestindo suas calças de uniforme cinza, casacos azuis de peito duplo e botões de prata cintilando à luz do sol. Um deles pegou as rédeas dos cavalos quando Nikolai e Marius desmontaram.

Marius preparou-se para a investida. Antes que ele se aproximasse, seus sentidos estavam dominados por um perfume excessivo e doce, muito picante para seus sentidos aguçados.

— Oh, Sua Alteza. — Lady Lucinda chiou, curvando-se até o joelho tocar o chão. — É um prazer vê-lo de novo tão cedo. Você se lembra das minhas filhas, Drusilla e Penélope.

— Sim, minha Senhora. Encantadoras.

— Sua Alteza. — A filha mais velha mergulhou em uma reverência. Ela se inclinou para a frente e sussurrou sugestivamente: — Se Sua Alteza preferir, também pode realizar o exame real. No caso de seu examinador deixar passar o que o senhor estiver procurando. — Ela puxou a manga esquerda de seu vestido horrível, mostrando quase metade do peito. — Era por essa pinta que estava procurando?



Nikolai limpou a garganta, obviamente tentando não rir. Marius apenas apertou o maxilar. Ele considerou lançar essas mulheres horrendas em uma cela por serem os seres humanos mais desagradáveis que já havia encontrado, mas o incômodo não valia a pena, no momento. Havia apenas um objetivo no qual ele precisava focar – encontrar Arabelle.

– Isso não será necessário. – Disse Marius, mantendo a voz tão calma quanto podia.

A mulher oscilou, decepcionada. Então a irmã mais nova apressadamente tirou a manga, mostrando-lhe uma pinta ainda maior.

– Eu também tenho uma, Sua Alteza. Sou eu quem você está procurando? – Ela tinha apenas uma mancha, ao invés de uma marca falsa, uma vez que ela não deixou a maquiagem secar o suficiente antes de se vestir.

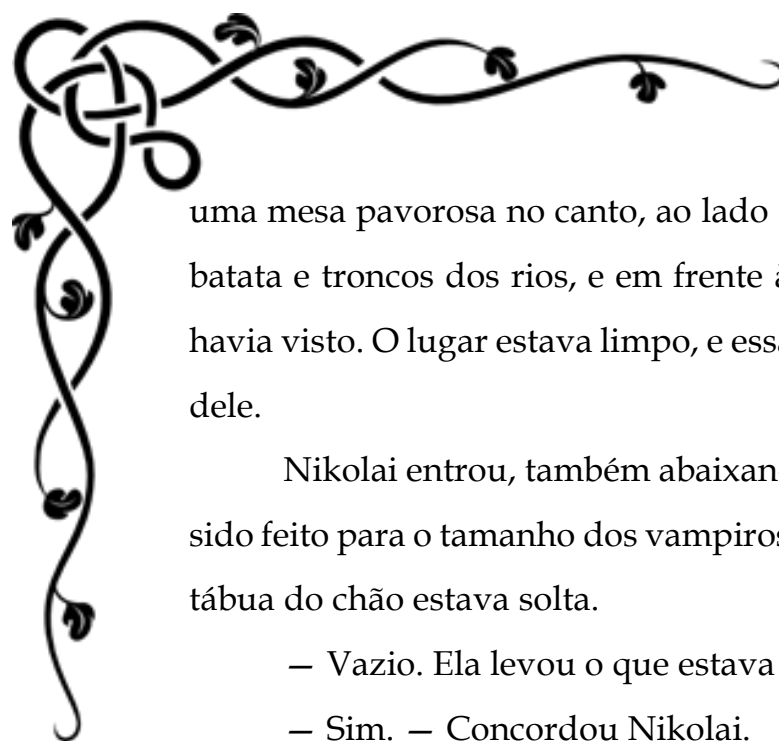
– Eu não estou procurando por uma mulher com uma pinta no ombro. – Ele disse, bastante calmo, antes de se virar para a dona da casa. – Lady Lucinda, eu gostaria de examinar esta cabana sozinho, se me permitir.

Ele não precisava pedir permissão, mas Marius sempre se orgulhou de sua civilidade, mesmo que não fosse recíproca ou merecida. Essas mulheres eram tão incivilizadas quanto uma vara de porcos selvagens.

– Claro, claro, Sua Alteza.

Ele passou por ela, abaixando a cabeça e encarando a residência de apenas um cômodo, enquanto Nikolai afastava as mulheres da porta. Quando ele atravessou a soleira, o perfume de Arabelle passou por ele em uma onda sedutora, enfraquecendo seus joelhos. Seu aroma familiar - de chuva e flores selvagens ao vento - era um doce bálsamo para seus sentidos. Esta era, definitivamente, a casa da mulher que o encantou na noite passada, antes de tentar assassiná-lo.

Ele tirou um momento para se concentrar. Quando olhou em volta da sala, ele ficou horrorizado com o tamanho da cabana. Uma pequena cama estava em uma armação rudimentar. Um vaso de lata e um jarro rachado ficavam em



uma mesa pavorosa no canto, ao lado de uma tela de limpeza feita de sacos de batata e troncos dos rios, e em frente à cama estava a menor lareira que ele já havia visto. O lugar estava limpo, e essa era a única coisa boa que se podia dizer dele.

Nikolai entrou, também abaixando a cabeça, o batente da porta não tinha sido feito para o tamanho dos vampiros. Marius se ajoelhou no canto, onde uma tábua do chão estava solta.

– Vazio. Ela levou o que estava aqui.

– Sim. – Concordou Nikolai.

Marius registrou sua expressão de desapontamento.

– Então você sabe tão bem quanto eu que não a encontraremos na fonte de lavagem ou no riacho. Ela se foi.

– Sim.

Marius se levantou e caminhou em direção à cama, admirando a colcha de retalhos feita de inúmeros pedaços de pano. Ele passou os dedos pelo tecido. Embora nenhum pedaço correspondesse a outro, havia uma harmonia no design - as cores quentes contrastando com os tons frios. Muito parecido com sua dona.

Arabelle. Ela era uma beleza ardente na escuridão fria, um coração batendo entre o mundo sem vida e profano que ele conhecia tão bem.

– Marius?

– Hmm?

Nikolai disse outra coisa, mas Marius estava longe, sonhando com cabelos dourados, pele cremosa e olhos castanhos recriminadores.

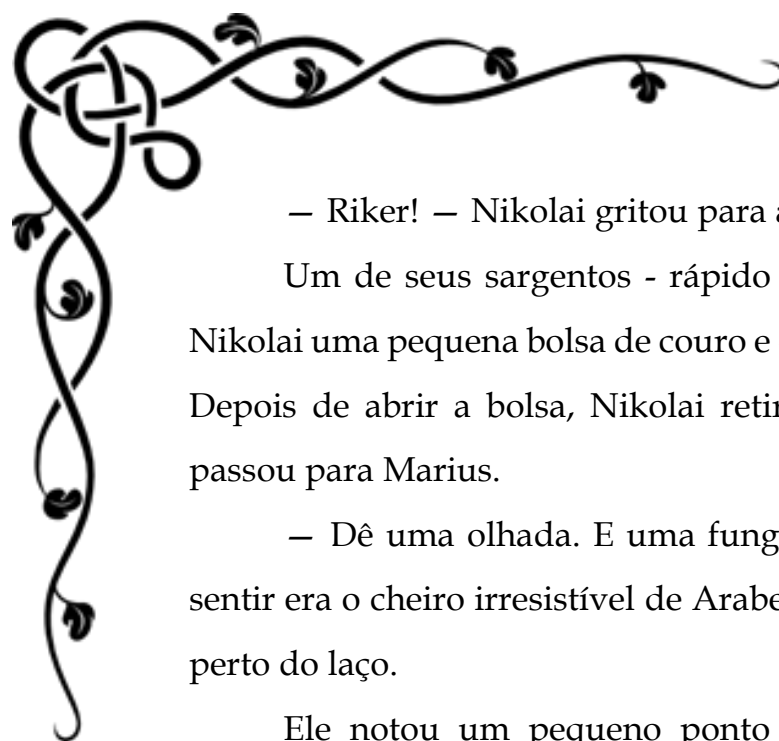
– Me ouviu?

Marius ergueu os olhos, saindo do transe.

– O que foi?

– Eu disse que temos mais provas de que esta é a sua garota.

– Bem... Você está querendo fazer suspense?



– Riker! – Nikolai gritou para a porta.

Um de seus sargentos - rápido e forte - entrou na sala. Ele entregou a Nikolai uma pequena bolsa de couro e depois voltou para sua posição, na porta. Depois de abrir a bolsa, Nikolai retirou uma meia úmida de mulher. Ele a passou para Marius.

– Dê uma olhada. E uma fungada. – No início, tudo o que ele podia sentir era o cheiro irresistível de Arabelle. – Agora um pouco mais para cima, perto do laço.

Ele notou um pequeno ponto escuro, que quase havia sido lavado. Colocando a meia no nariz, sentiu os traços de seu próprio sangue. Nikolai esteve em batalhas suficientes ao longo dos anos para conhecer o cheiro do sangue de Marius. Como na vez em que Marius tinha sido ferido na perna por um javali. Desta vez, ele tinha sido ferido no coração por uma mulher dissimulada e selvagem.

– Você está sorrindo, Sua Alteza? Essa não era a reação que eu estava esperando.

– Ela se trocou e se livrou das roupas antes de voltar para casa, na noite passada.

– Sim. Como todos sabemos, ela estava bem preparada. Ou ela tinha um cúmplice.

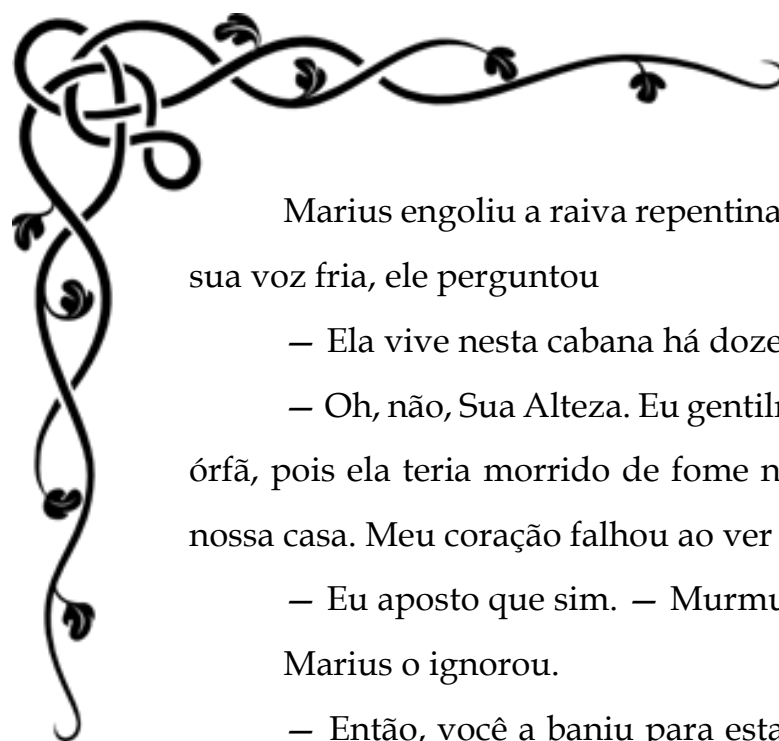
– Exatamente. Peça a Lady Lucinda para entrar aqui.

Nikolai acenou com a cabeça para Riker, que estava parado atentamente perto da porta, esperando ordens. Então ele saiu e trouxe de volta com ele, a mulher odiosa que Marius desejava nunca ter conhecido. Mas, no entanto, ela tinha informações das quais ele precisava.

– Sim, Sua Alteza?

– Sua serva, Arabelle. Há quanto tempo ela é sua empregada?

– Deixe-me ver... Eu diria que onze ou doze anos, agora.



Marius engoliu a raiva repentina que se acendeu em seu peito. Mantendo sua voz fria, ele perguntou

– Ela vive nesta cabana há doze anos?

– Oh, não, Sua Alteza. Eu gentilmente a acolhi quando ela era uma jovem órfã, pois ela teria morrido de fome nas ruas se eu não a tivesse recebido em nossa casa. Meu coração falhou ao ver a pobrezinha sozinha no mundo.

– Eu aposto que sim. – Murmurou Nikolai.

Marius o ignorou.

– Então, você a banuiu para esta cabana... por causa da bondade do seu coração.

A mulher engolia visivelmente, com os olhos arregalados.

– Não, Sua Alteza. Ela escolheu viver aqui. Eu ofereci a ela uma cama quente na minha própria casa. Mas depois de alguns anos, ela quis viver fora da mansão. Quem era eu para lhe dizer que não? Eu trato meus servos com dignidade e respeito, Sua Alteza. Eu lhes dou tanta liberdade quanto posso.

– Claro que sim. Me diga, quem são os amigos de Arabelle? Outros criados na casa?

– Bem, eu não sei. Ela não é do tipo amigável. Um pouco selvagem, se você me perguntar.

Marius entendia isso, sem dúvida.

– E quanto a alguém na cidade? – Perguntou Nikolai.

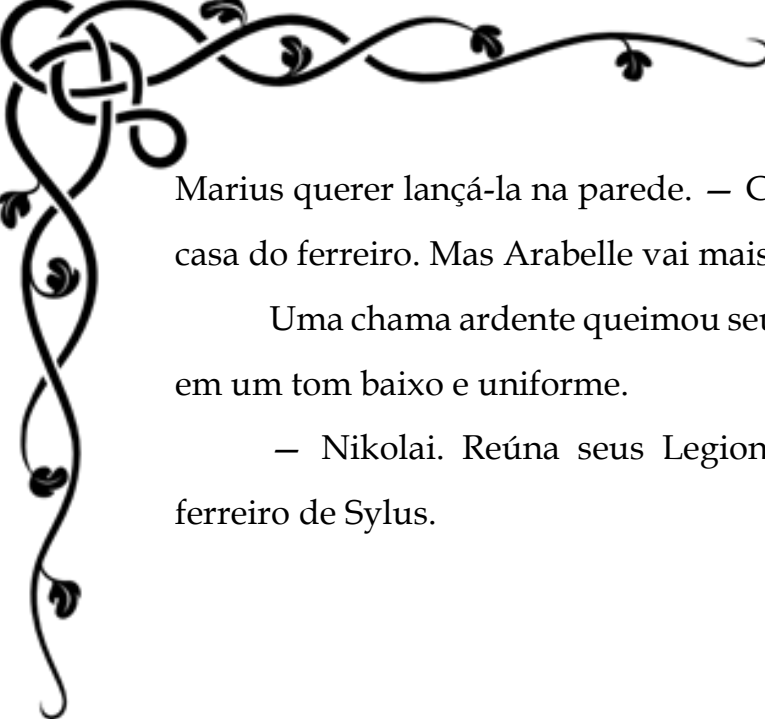
A pobre mulher parecia um peixe dourado, engolindo ar enquanto tentava encontrar uma resposta que agradaria seus interrogadores.

– Perdão, Sua Alteza. – Disse Drusilla da porta. – Eu sei com quem Arabelle passa o tempo. Muito tempo.

Marius e Nikolai trocaram olhares.

– Então, me diga. – Comandou Marius.

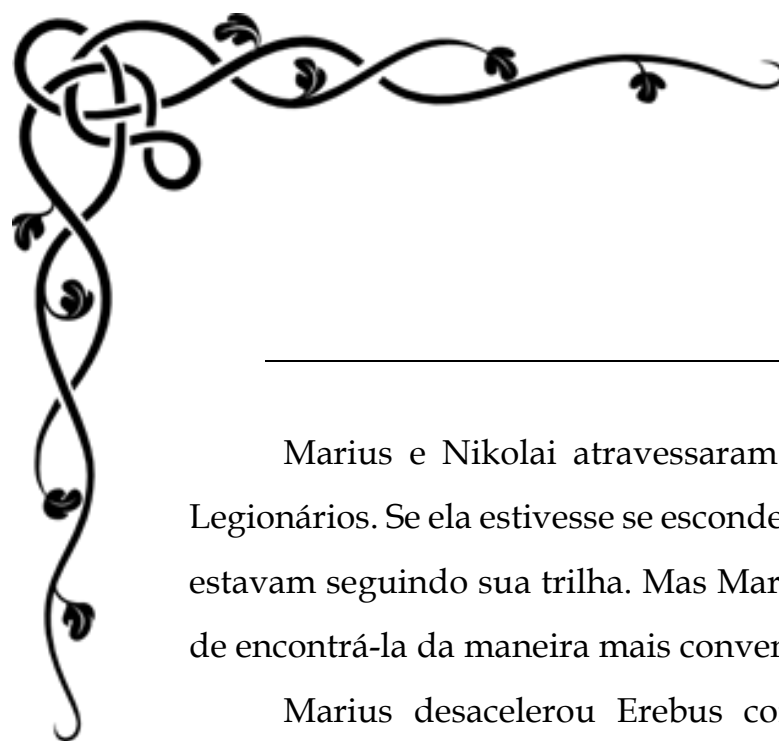
– Eu a vejo na cidade, na casa do ferreiro com bastante frequência quando vou à costureira ou ao alfaiate. – O sorriso malicioso da mulher fez



Marius querer lançá-la na parede. — Claro, muitas mulheres entram e saem da casa do ferreiro. Mas Arabelle vai mais do que a maioria.

Uma chama ardente queimou seu sangue. Apertando os punhos, ele disse em um tom baixo e uniforme.

— Nikolai. Reúna seus Legionários. Nós vamos fazer uma visita ao ferreiro de Sylus.



Capítulo 08

Marius e Nikolai atravessaram a aldeia de Sylus com uma dúzia de Legionários. Se ela estivesse se escondendo na cidade, certamente veria que eles estavam seguindo sua trilha. Mas Marius não podia controlar sua necessidade de encontrá-la da maneira mais conveniente possível - com rapidez e força.

Marius desacelerou Erebus com um ligeiro puxão nas rédeas, não familiarizado com a aldeia de Sylus e como as lojas estavam dispostas. Na verdade, ele não estava familiarizado com nenhuma das aldeias. Claro, ele as visitava, de tempos em tempos. Achava importante que o Príncipe real aparecesse, oferecendo algum auxílio e doando soberanos ao cofre da cidade. Sua mãe muitas vezes o repreendeu por fazer caridade e por permitir que os camponeses vissem seu Príncipe de maneira mais acessível.

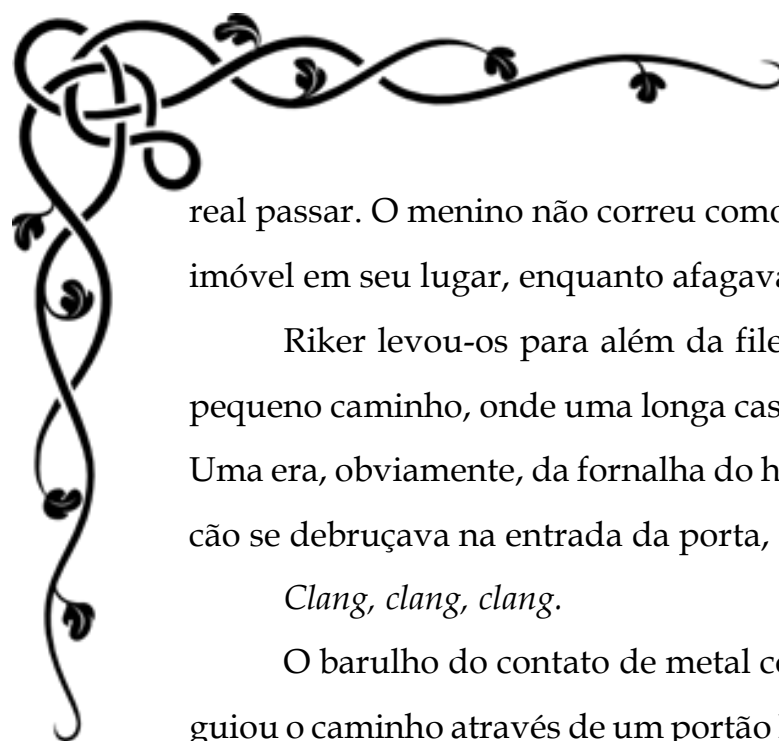
Manter distância deles nos assegura o poder, meu filho. Eles não devem vê-lo cavalgando na cidade como se fosse um deles.

Um aviso que ele muitas vezes ignorava. Sua mãe sempre estava preocupada com a ordem de seu mundo. Mas Marius nunca conseguiu entender a necessidade da monarquia em dominar com essa tirania fria. Ele acreditava que um monarca poderia reinar com uma mão forte, porém justa.

— Riker. — Ele falou. — Lidere o caminho.

O sargento militante trotou pela frente, guiando-os pelas lojas. O padeiro apressadamente fechou a porta. Uma camponesa agarrou seu filho e se escondeu dentro do açougue. Em menos de cinco segundos não havia nenhum homem, mulher ou criança na rua. Sim, eles temiam os vampiros.

Eles passaram por um poste de engate para cavalos e carroças, onde um garotinho desajeitado segurava um balde de tinta preta ao lado de uma calha de água. Ao som dos cascos dos cavalos, o menino virou e observou a comitiva



real passar. O menino não correu como os outros, mas simplesmente observou, imóvel em seu lugar, enquanto afagava um cavalo ao longo do pescoço.

Riker levou-os para além da fileira de lojas da aldeia e pararam em um pequeno caminho, onde uma longa casa com duas chaminés espalhava fumaça. Uma era, obviamente, da fornalha do homem, a outra era de sua casa. Um velho cão se debruçava na entrada da porta, dormindo na sombra da varanda.

Clang, clang, clang.

O barulho do contato de metal com metal ecoou por trás da casa. Nikolai guiou o caminho através de um portão lateral, o ruído ecoava estável e contínuo. Havia uma saliência na parte de trás da forja, as portas duplas abertas, permitindo que o calor escapasse do interior da loja.

Marius esperou quando Nikolai se aproximou do homem com ferro quente e um martelo nas mãos.

— Ferreiro!

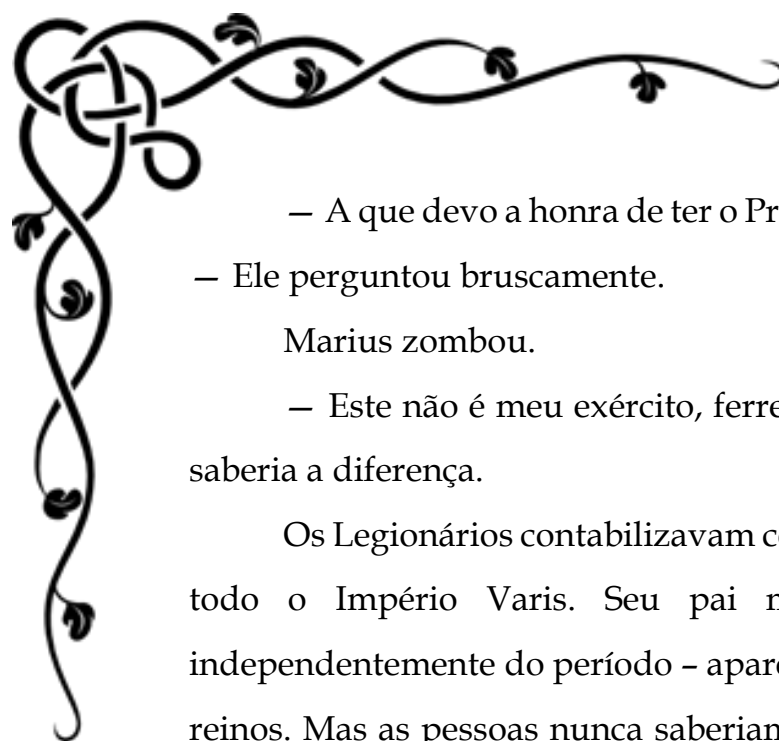
O homem, que estava de costas para eles, parou o martelar e girou lentamente para encará-los. Ele deixou o ferro quente na bigorna, mas manteve o martelo na mão.

— Venha para a frente, ferreiro. — Ordenou Nikolai.

A figura musculosa na sombra com o forno de fogo nas costas deu dois passos para a frente, mas não para dentro do recinto onde Marius, Nikolai e os Legionários formavam um semicírculo. Marius notou que ele não era tão jovem quanto Arabelle, mas também não era velho. Um homem humano em seu auge. Será que esse homem era amante dela, como a menina Pervis insinuou? O gosto amargo da inveja fervilhou em seu interior.

— Mais um passo, se você quiser. — Disse Nikolai, sem ameaça de desarmá-lo.

Os olhos do ferreiro se arregalaram, suas pupilas se dilataram e seu pulso bateu mais forte, quando seu olhar pousou em Marius. Embora ele tentasse esconder, ele estava irritado ao vê-lo. Furioso.

- 
- A que devo a honra de ter o Príncipe real e seu exército na minha porta?
- Ele perguntou bruscamente.

Marius zombou.

– Este não é meu exército, ferreiro. Se eu os trouxesse, você certamente saberia a diferença.

Os Legionários contabilizavam centenas na Torre de Vidro, e milhares em todo o Império Varis. Seu pai manteve o exército em plena força, independentemente do período – aparentemente - interminável de paz entre os reinos. Mas as pessoas nunca saberiam o quão grande era o exército de Varis. Os Legionários se moviam em números menores.

O ferreiro, com sua fisionomia sombria, perguntou a Nikolai.

- Por que vocês vieram até aqui?
- Somente para fazer algumas perguntas. – Ele respondeu.

Mas foi Marius quem iniciou o interrogatório.

- Você conhece uma camponesa chamada Arabelle?

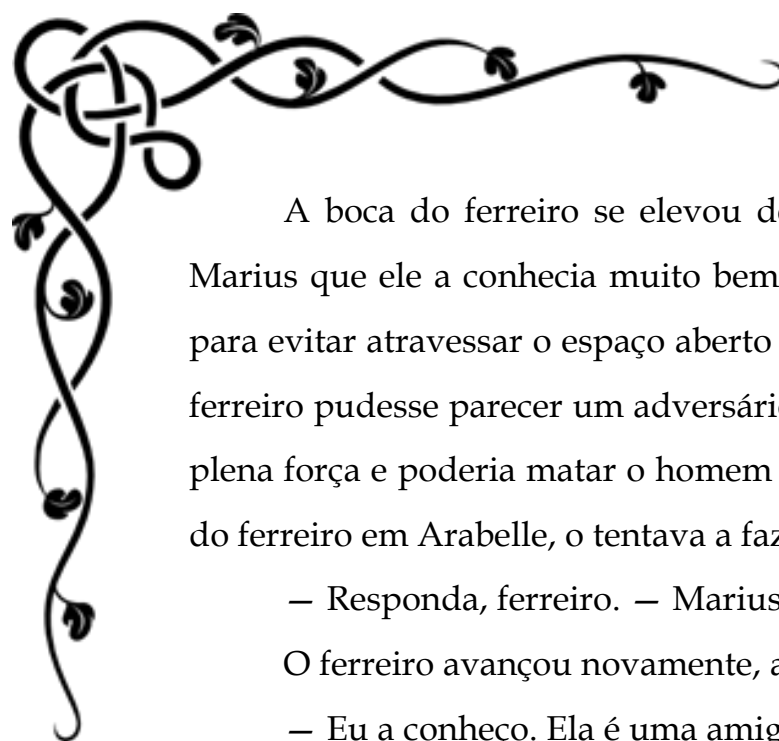
O punho do ferreiro se fechou em torno do martelo. O olhar de Marius quase não percebeu a mudança, que seria imperceptível para a maioria dos humanos. Se ele mentisse agora, iria se certificar de que esse homem fosse seu prisioneiro para um interrogatório menos agradável.

- Sim. – Ele disse, sua expressão ilegível. – Eu a conheço.

Sua resposta abreviada disse a Marius mais do que ele precisava saber. Ele estava tentando ser cooperativo, então teria alguma chance de escapar dessa situação.

O suor da fornalha umedecia a camisa e o rosto do ferreiro. Seu peito musculoso subia e descia por causa dos seus esforços. No entanto, Marius podia sentir uma pontada de medo e raiva no ar. Ele se concentrou nos batimentos cardíacos do homem, um tambor crescente, acelerando mais a cada segundo.

- Quão bem você a conhece? – Perguntou Nikolai.



A boca do ferreiro se elevou de um lado. Uma expressão que dizia a Marius que ele a conhecia muito bem. Ele se obrigou a permanecer no lugar, para evitar atravessar o espaço aberto e derrubar o homem no chão. Embora o ferreiro pudesse parecer um adversário à altura, ele não era. Marius estava em plena força e poderia matar o homem com apenas um golpe. Pensar nas mãos do ferreiro em Arabelle, o tentava a fazer exatamente isso.

— Responda, ferreiro. — Marius ordenou.

O ferreiro avançou novamente, ainda segurando o martelo.

— Eu a conheço. Ela é uma amiga.

— Entendo. E você sabe onde ela está agora?

— Obviamente, você não sabe. Ou, não estaria aqui. — Seu sorriso se ampliou, revelando um dente de ouro em um lado. Um Legionário resmungou. Riker deu um passo à frente para colocar as mãos nele.

— Espere! — Ordenou Marius, com uma mão no ar.

Um ato bem atrevido, senão desafiador, ter um dente coberto com um mineral que era venenoso para o sangue dos vampiros.

— Ferreiro. — Começou Marius, não mais tentando esconder a ameaça de sua voz. — Diga-me onde ela está, e nós o pouparemos.

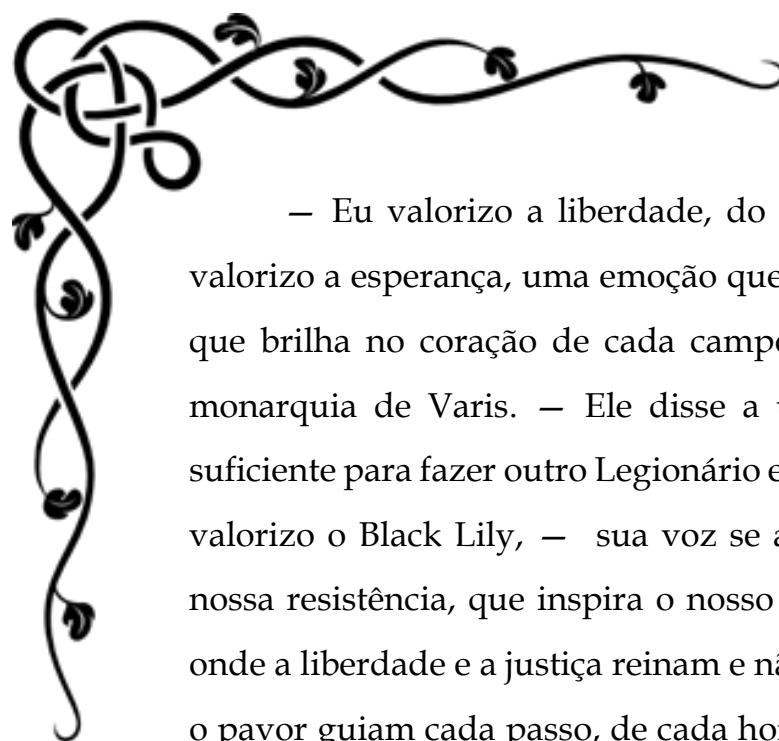
Ele riu, um som sem graça.

— Você acha que eu me importo tão pouco com ela e tanto comigo mesmo? — Ele deu outro passo em frente, em direção a Marius desta vez. — Esse é o problema com vocês, vampiros sugadores de sangue! Vocês colocam suas próprias vidas em um pedestal tão alto, que não conseguem sequer imaginar um ser que consiga valorizar outra coisa mais do que a própria vida.

A tensão entre o círculo dos imortais se intensificou, mas Marius não deu o comando para atacar. Ainda não.

— E o que você valoriza tanto... até *mais* que sua própria vida?

Se a expressão do homem estava sombria antes, isso não era nada comparado à tempestade que atravessava seu rosto carrancudo agora.



— Eu valorizo a liberdade, do tipo que podemos alcançar um dia. Eu valorizo a esperança, uma emoção que nenhum monstro pode imaginar sentir, que brilha no coração de cada camponês abatido ao chão como cães, sob a monarquia de Varis. — Ele disse a última frase com absoluto desgosto. O suficiente para fazer outro Legionário emudecer em sua ameaça iminente. — Eu valorizo o Black Lily, — sua voz se acendeu quando ele disse esse nome — nossa resistência, que inspira o nosso povo com a visão de um novo mundo, onde a liberdade e a justiça reinam e não este poço do inferno em que o medo e o pavor guiam cada passo, de cada homem, enquanto ele deixa sua família em casa sozinha para trabalhar nos campos; toda mulher, enquanto ela anda sozinha pelos caminhos da floresta; toda criança, que reza para um Deus indiferente pedindo para que seus pais vivam mais um dia.

Sem palavras, Marius tentou absorver essa imagem do Império Varis que era tão diferente da que ele possuía.

— Nos diga onde é que ela está. — Ordenou Nikolai. — Ou vai desejar estar morto quando acabarmos com você.

— Vocês todos podem apodrecer no inferno. Começando com você. — O ferreiro apontou seu martelo para Marius e se atirou. Ele deu apenas um passo antes que quatro Legionários estivessem sobre ele. Um osso quebrou, e o ferreiro berrou, soltando o martelo.

— Parem! — Marius se aproximou do homem preso entre os soldados. — Não quebrem outro osso. Eu quero ele intacto.

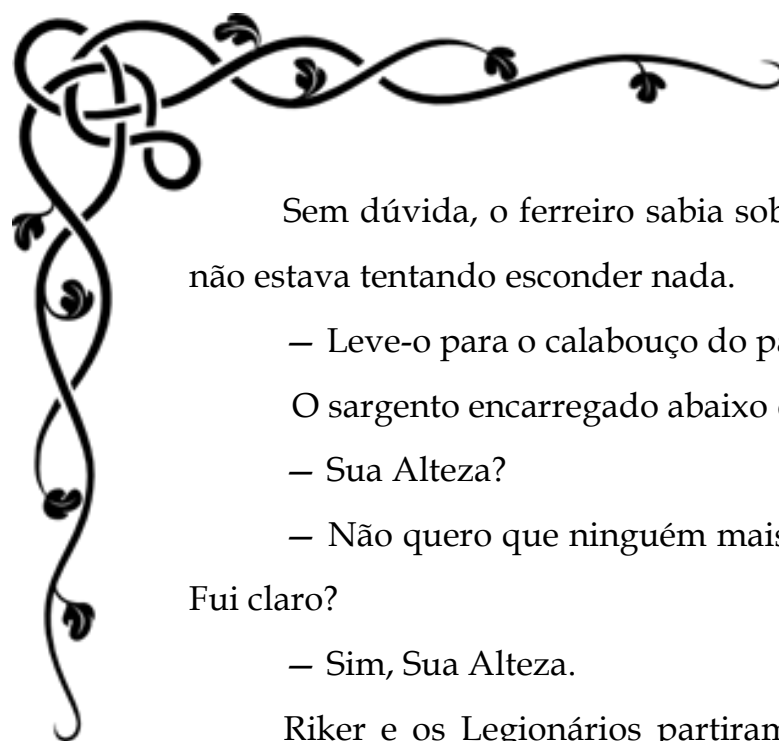
Nikolai deu um passo à frente.

— Você tem outro plano em mente?

— Sim.

O ferreiro cuspiu sangue no chão.

— Não importa qual é o seu plano, Sua *Alteza*. Ela é mais inteligente do que você. E não vai errar seu coração da próxima vez.



Sem dúvida, o ferreiro sabia sobre a tentativa de assassinato. O homem não estava tentando esconder nada.

– Leve-o para o calabouço do palácio. E, Riker?

O sargento encarregado abaixo de Nikolai ficou parado diante dele.

– Sua Alteza?

– Não quero que ninguém mais no palácio saiba sobre esse prisioneiro.

Fui claro?

– Sim, Sua Alteza.

Riker e os Legionários partiram, arrastando o ferreiro, que se debatia contra eles.

– Qual seria esse outro plano? – Perguntou Nikolai.

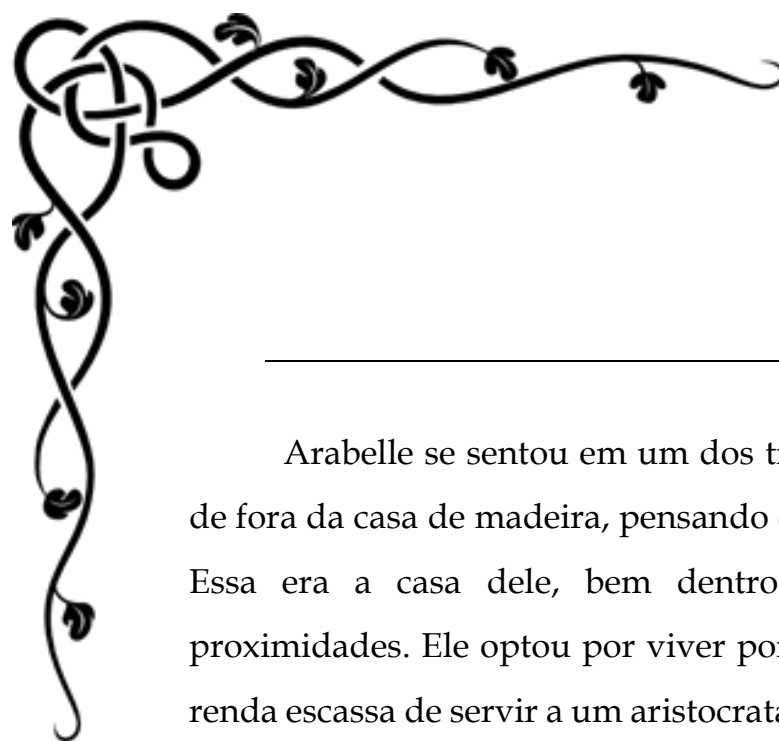
– O menino na cidade. Aquele na calha de água. Precisamos encontrá-lo.

– O menino? Você acha que ele sabe de alguma coisa.

O balde de tinta preta. O Black Lily. A provocação em seus olhos jovens.

Marius marchou em direção ao seu próprio cavalo.

– Eu tenho certeza que sabe.



Capítulo 09

Arabelle se sentou em um dos troncos que cercavam a fogueira do lado de fora da casa de madeira, pensando em Henry, seu primeiro e único amante. Essa era a casa dele, bem dentro de Larkin Wood, uma cabana nas proximidades. Ele optou por viver por conta própria, em vez de depender da renda escassa de servir a um aristocrata. Arabelle o conheceu um dia na casa do Deek, quando ele mostrava uma pepita de ouro que havia encontrado e que era tão grande quanto um sapo. Sabendo que o ferreiro estava familiarizado com todos os tipos de metais, ele o trouxe para inspecionar e verificar. Deek nunca tinha visto ouro, mas sabia das suas propriedades.

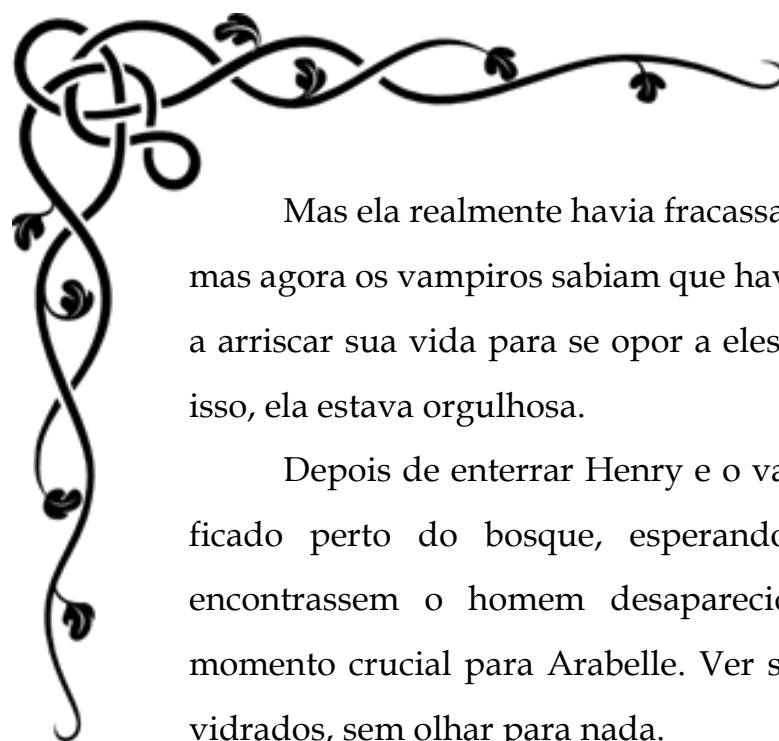
Os Legionários limpavam a terra desse elemento em particular, um século antes... Bem, era isso que eles diziam às pessoas.

— Então eles não são imortais. — Disse Arabelle a Henry durante a primeira noite em sua cama.

Foi assim que a ideia do Black Lily ganhou vida. Foi após a morte de Henry, há dois anos, depois de encontrá-lo no chão em uma piscina de seu próprio sangue, bem ao lado de um Legionário - também morto, com o punho de uma adaga saindo de seu peito - que ela começou a planejar e colocar seu plano em ação. Com a ajuda de Deek, Henry desenvolveu uma adaga de aço banhada em ouro. A mesma que Arabelle usou para assassinar o Príncipe Marius.

— Não. — Ela sussurrou para si mesma. — Para *tentar* assassiná-lo.

Ela tirou o lenço da cabeça, enrolou seus cabelos em um nó frouxo, depois foi para perto do fogo, ainda vestindo roupas masculinas. Os outros chegariam em breve e ficariam desapontados com o fracasso de sua missão tão minuciosamente planejada.



Mas ela realmente havia fracassado? Ela pode não ter matado o Príncipe, mas agora os vampiros sabiam que havia pelo menos uma camponesa disposta a arriscar sua vida para se opor a eles. Era uma demonstração de força, e por isso, ela estava orgulhosa.

Depois de enterrar Henry e o vampiro que o matou, ela e Deek haviam ficado perto do bosque, esperando que outros Legionários viessem e encontrassem o homem desaparecido. Mas ninguém apareceu. Foi um momento crucial para Arabelle. Ver seu primeiro amor, com olhos pálidos e vidrados, sem olhar para nada.

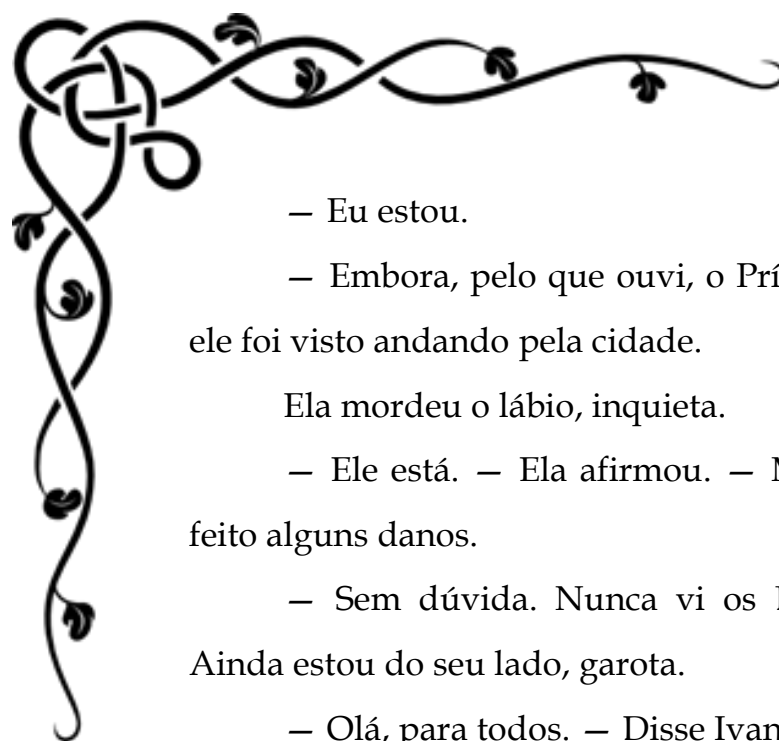
A partir daí a casa de madeira se tornou sua sede, enquanto estocavam dinheiro e recursos em um porão escondido, incluindo o ouro que Henry havia escavado na mina. Quando alguém na aldeia mencionou que estava fazendo cinco anos desde que o Príncipe vampiro escolheu uma nova concubina, o planejamento de verdade começou.

— Boa tarde, Arabelle. — Barkley, o forte produtor de trigo, cujo cabelo era tão seco e amarelo como os campos que ele cultivava para as viúvas de Sylus, se moveu com o seu burro, em seguida, amarrou-o em um tronco de árvore nas proximidades.

— Boa noite, Barkley. E Gertrude. — Ela caminhou e deu um tapinha no pescoço do burro, logo ao lado do ponto negro que Nate colocou lá, como ela tinha dito para ele fazer. Ela, muitas vezes, se preocupava sobre ter envolvido o pequeno arteiro em seus planos e o colocado sob ameaças numa idade tão jovem. Mas Nate era um garoto selvagem e se recusou a ficar de fora quando seu pai se juntou a causa. Sem mãe, o menino cresceu livre, ganhando uma moeda ou duas em troca de pequenas tarefas e recados durante o dia. Ele poderia ter olhos em qualquer lugar e ninguém notaria. Ela finalmente parou de recusar sua ajuda.

— Você foi o primeiro a chegar.

— Sim. E como você está, garota? Parece que você ainda está viva.



– Eu estou.

– Embora, pelo que ouvi, o Príncipe também esteja. Escutei por aí que ele foi visto andando pela cidade.

Ela mordeu o lábio, inquieta.

– Ele está. – Ela afirmou. – Mas acredito que minha tentativa tenha feito alguns danos.

– Sem dúvida. Nunca vi os Legionários agindo tão estranhamente. Ainda estou do seu lado, garota.

– Olá, para todos. – Disse Ivan.

– Olá. – Disse Evan, seu irmão.

Os irmãos Barrow trabalhavam nos campos, numa propriedade de uma aldeia próxima, em um estabelecimento chamado Hiddleston. Eles trouxeram com eles duas mãos fortes a mais para a batalha.

Um a um, o espaço ao redor do fogo foi preenchido por cinquenta homens e mulheres fortes, dispostos a abraçar a causa do Black Lily. Arabelle inchou de orgulho com o crescimento dos números. Havia mais pessoas fiéis a causa do que apenas aqueles ali presentes. Esses que se reuniam espalhavam as notícias de que o Black Lily estava chegando. O romper das correntes iria libertá-los.

Ela subiu na carroça vazia, de onde liderava suas reuniões, e era capaz de ver todos no pátio.

Olhando para a frente, ela franziu a testa e chamou por Barkley.

– Onde o Deek está?

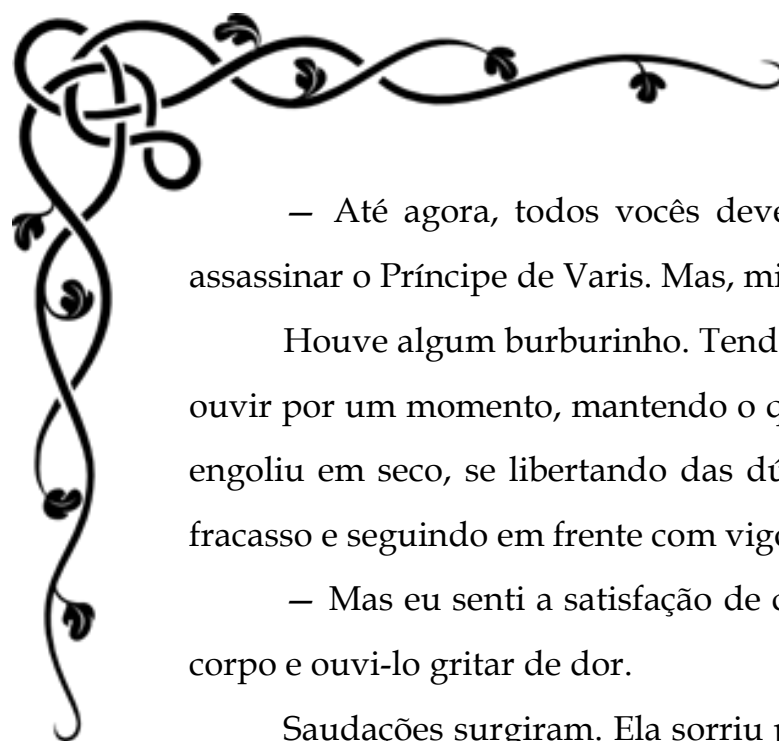
– Eu não o vi.

Sua ausência era incomum. Mas ela não podia adiar por mais tempo. Esses homens não podiam ficar ausentes por muito tempo.

De pé, ela encarou os rostos habituais e esperançosos.

– Saudações, amigos!

Um grito entusiasmado ecoou de volta.



— Até agora, todos vocês devem ter ouvido que eu realmente tentei assassinar o Príncipe de Varis. Mas, minha tentativa fracassou.

Houve algum burburinho. Tendo esperado essa reação, ela fingiu não os ouvir por um momento, mantendo o queixo erguido e a postura confiante. Ela engoliu em seco, se libertando das dúvidas que poderia ter com seu próprio fracasso e seguindo em frente com vigor, endurecendo suas palavras.

— Mas eu senti a satisfação de cravar minha adaga diretamente em seu corpo e ouvi-lo gritar de dor.

Saudações surgiram. Ela sorriu para o apoio entusiasmado, soltando até uma pequena risada.

— Lamento que erre seu coração. — Ela enfrentou os olhares dos homens e mulheres na multidão, enquanto recompunha sua expressão. — Mas não vou errar na segunda vez.

Outro grito de alegria e risadas.

— Agora eles sabem que não temos medo de nos impor. Eu entrei em sua grande Torre de Vidro, seu sinal de poder e força, e feri seu amado Príncipe.

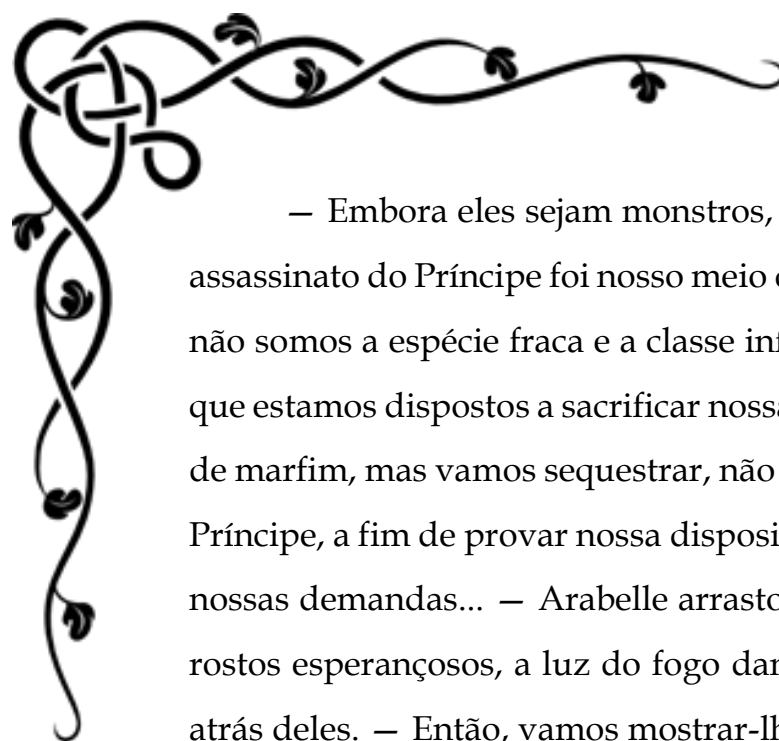
Acenos silenciosos e murmúrios de “Sim” encheram o lugar.

— Mas isso não é o suficiente. Talvez tenha sido melhor não matar o Príncipe vampiro. Pois há outra oportunidade se aproximando rapidamente. — Eles esperaram em silêncio. — O centésimo aniversário do Príncipe está chegando. Como todos sabem, todo Príncipe de Varis deve se casar com uma Princesa vampira neste dia. A nobreza de todos os reinos vampiros se reunirá aqui, na Torre de Vidro. E por qual estrada todos os viajantes devem passar para chegar ao palácio?

— Pela estrada de Sylus! — Gritou Ivan.

— Isso mesmo. — Disse Arabelle com convicção, elevando o punho. — E o Black Lily estará esperando. Se não podemos matar o Príncipe dos vampiros, vamos sequestrar a Princesa vampira!

Um coro de “É isso aí!” soou no ar.



— Embora eles sejam monstros, devemos lembrar que nós não somos. O assassinato do Príncipe foi nosso meio de atingir sua fortaleza, para mostrar que não somos a espécie fraca e a classe inferior que acham que somos. Eles sabem que estamos dispostos a sacrificar nossas próprias vidas para entrar na sua torre de marfim, mas vamos sequestrar, não matar, a Princesa de Arkadia, a noiva do Príncipe, a fim de provar nossa disposição para a diplomacia. Se eles recusarem nossas demandas... — Arabelle arrastou o olhar sobre a multidão silenciosa de rostos esperançosos, a luz do fogo dançando enquanto o crepúsculo escurecia atrás deles. — Então, vamos mostrar-lhes o quão monstruosos podemos ser.

Um grito ecoou, muito mais alto que os anteriores. Arabelle ergueu o punho para eles, justo quando o pequeno Nate apareceu, passando rapidamente pela multidão, em direção à carroça. Sem fôlego e pior do que de costume, ele subiu na base da carroça e puxou o braço de Arabelle.

Ela se agachou.

— O que, Nate? O que foi?

Ele lambeu os lábios rachados. Aparentemente, ele correu todo o caminho até Larkin Wood para chegar aqui.

— Barkley, um copo de água, por favor.

Barkley levantou a tampa de lata do barril perto da porta e passou para ela. Ela ajudou Nate a beber alguns goles.

— OK. Agora comece a falar.

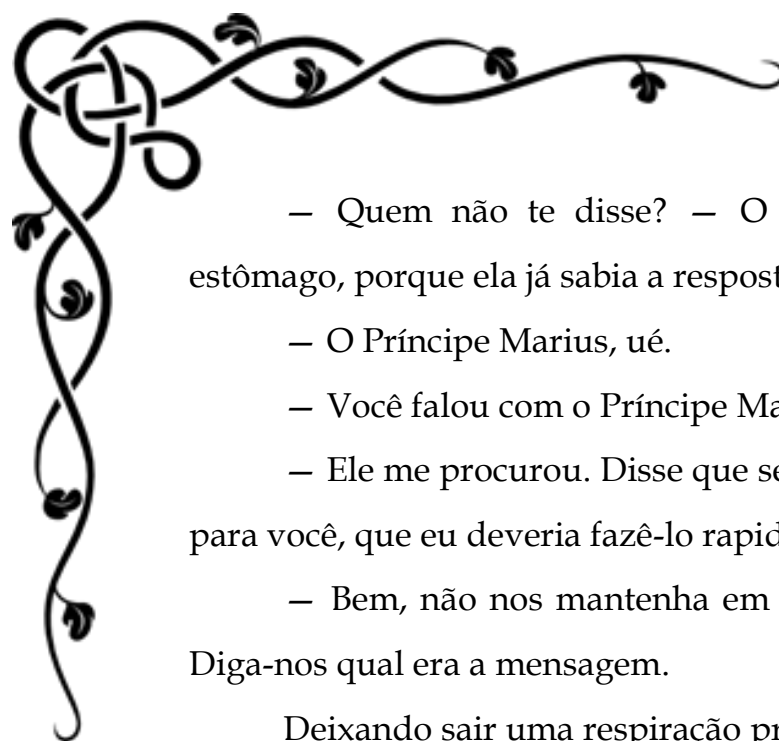
Seus olhos redondos e escuros se encheram de lágrimas.

— Eles pegaram o Deek. Os Legionários. E o Príncipe.

Um suspiro varreu os que estavam perto da carroça. Murmurinhos entraram em erupção. Arabelle manteve a calma, mesmo que seu coração tivesse acelerado com as notícias.

— Me diga, Nate, onde eles o estão mantendo?

— Eu não sei. — Ele olhou para baixo, chutando a sujeira. — Ele não me disse.



– Quem não te disse? – O coração de Arabelle afundou em seu estômago, porque ela já sabia a resposta.

– O Príncipe Marius, ué.

– Você falou com o Príncipe Marius? Por que ele falou com você?

– Ele me procurou. Disse que se eu tivesse como enviar uma mensagem para você, que eu deveria fazê-lo rapidamente.

– Bem, não nos mantenha em suspense, garoto. – Gritou Barkley. – Diga-nos qual era a mensagem.

Deixando sair uma respiração profunda, Nate disse.

– Ele quer trocar o Deek. Amanhã, ao anoitecer.

– Trocar o Deek? – Perguntou Arabelle. – Por quem?

– Por você.

O silêncio desmoronou sobre a multidão que antes se alegrava com esperança.

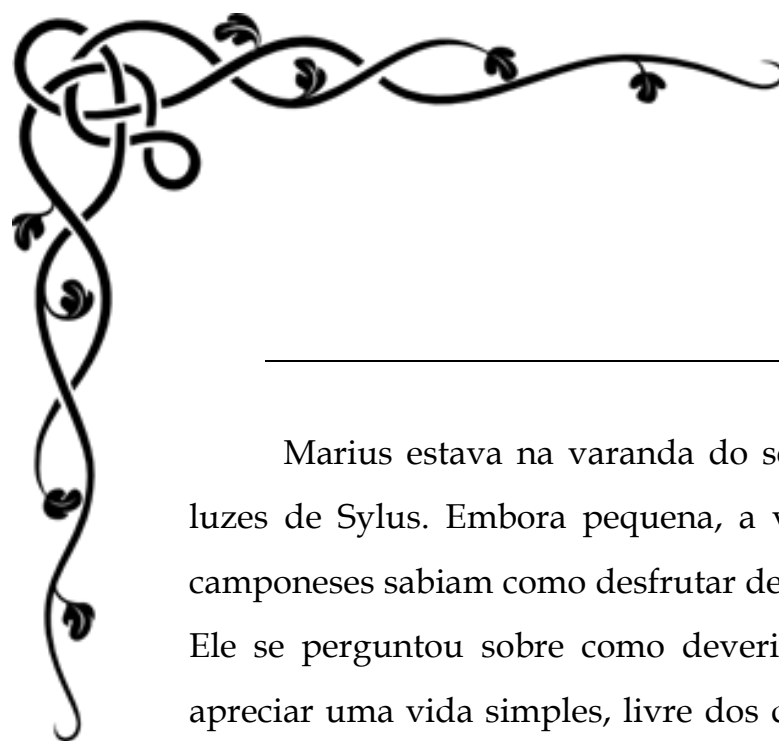
– Não. – disse Barkley. – Nós não vamos entregar a líder do Black Lily.

– Não. – Concordou Ivan, seguido pelos outros.

Arabelle ficou de pé e elevou a mão no ar. Todos ficaram em silêncio.

– Eles querem fazer uma troca, não é? Bem, eu digo que daremos a eles o que eles querem. Por todas as vidas que perdemos, por todo o sangue que derramamos, por toda a dor que sofremos, para que eles pudessem prosperar no poder e na tirania. Sim, faremos a maldita troca... por uma dúzia de adagas de ouro, diretamente em seus corações!

Um coro de “viva!” surgiu mais uma vez. Nunca que Arabelle seria derrotada por aquele maldito Príncipe. Se ele queria um acordo, ela daria a ele um que ele jamais esqueceria. Ela conseguiria a liberdade de Deek e mostraria ao Príncipe com quem ele estava lidando, de uma vez por todas. Sem mais máscaras bonitas e vestidos de seda. Estava na hora dele conhecer o Black Lily.



Capítulo 10

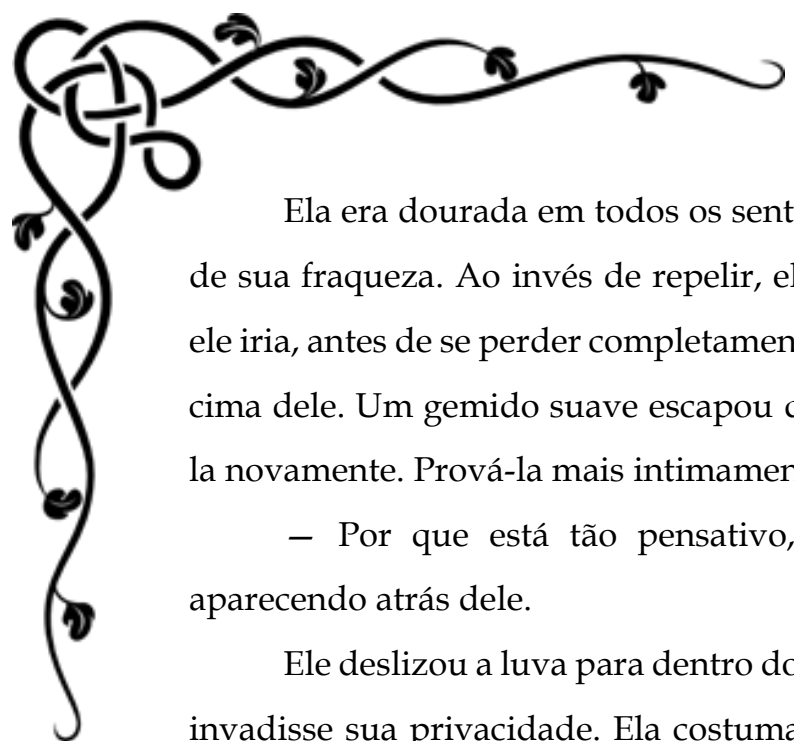
Marius estava na varanda do seu quarto, com vista para as brilhantes luzes de Sylus. Embora pequena, a vila estava viva antes do anoitecer. Os camponeses sabiam como desfrutar de uma boa cerveja e uma boa companhia. Ele se perguntou sobre como deveria ser a vida deles, achando agradável apreciar uma vida simples, livre dos deveres e do protocolo que um Príncipe deve suportar.

Mas o ferreiro... Hoje ele pintou um quadro completamente diferente da vida camponesa que ele conhecia. Um bom dia de trabalho colocava comida na mesa e mantinha um teto sobre suas cabeças. Mas o homem chamado Deek falou de tirania, de medo e de pavor. E depois de ver o medo bruto nos olhos dos criados, em primeira mão, ele sabia que ele esteve tão cego todos esses anos em que ele passeou pela cidade, achando-os um povo saudável e feliz.

Seus pensamentos vagaram para a cabana onde Arabelle vivia há mais de uma década. Ela era, obviamente, mal remunerada, mesmo para uma camponesa, para viver em tal miséria. Ele planejou fazer a família Pervis sofrer uma vez que ele imaginasse a vingança adequada.

Marius muitas vezes procurou investigar o tratamento da classe camponesa, para garantir que os aristocratas davam a devida recompensa aos seus trabalhadores. Uma monarquia que permitia tal injustiça certamente forçava os oprimidos a se defenderem.

Mas, chegar a matá-lo? Ele deslizou a mão sob sua camisa, com o cordão desatado, sentindo a cicatriz onde a lâmina havia penetrado. Então ele tateou dentro do bolso da túnica e tirou a luva de seda, esfregando o pano macio entre os dedos, desejando que ele pudesse acariciar sua dona da mesma maneira.



Ela era dourada em todos os sentidos - cabelo, olhos, pele - a encarnação de sua fraqueza. Ao invés de repelir, ela o atraiu, e ele se perguntou até onde ele iria, antes de se perder completamente. Ele se lembrou do doce peso dela em cima dele. Um gemido suave escapou de seus lábios, enquanto desejava senti-la novamente. Prová-la mais intimamente.

— Por que está tão pensativo, meu filho? — Sua mãe o chamou, aparecendo atrás dele.

Ele deslizou a luva para dentro do bolso, sem se surpreender que sua mãe invadissem sua privacidade. Ela costumava fazer isso. Não era segredo que ele não estava feliz. Ele estabeleceu um padrão de desânimo comovente nos últimos anos. Em vez de abalar o vazio dentro dele, o abismo aumentou a cada dia. Exceto pelo curto momento em que ele viu Arabelle e depois provou a doçura de sua boca e sua pele.

Chuva e flores silvestres.

Sua mãe veio até ele, inclinando o corpo para ele com uma mão gentil em seu braço.

— Não se preocupe com essa garota que ousou tentar assassinar você. Ela será encontrada. E nós lidaremos com isso.

Era disso que ele tinha medo.

— Mãe, você já se perguntou como deve ser a vida para o campesinato?

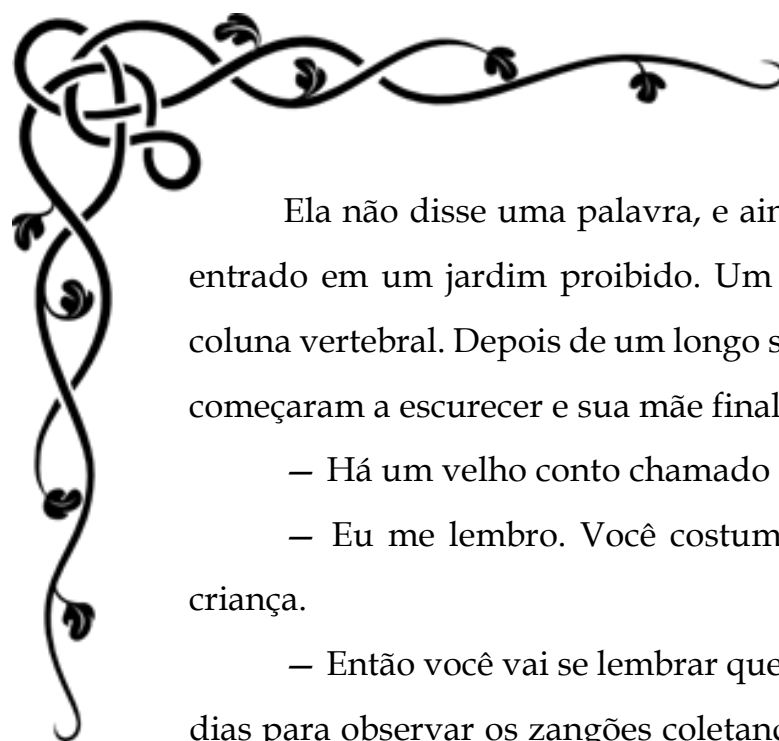
Ela colocou as mãos magras na grade, pálida contra a ardósia cinza.

— Os camponeses estão aqui para nos servir.

— Sim. Eu sei. — O luar realçou sua pele clara à luminescência. Sua calma exterior geralmente o confortava. Esta noite, isso o perturbava. — Mas você já considerou a condição deles?

— Condição? Nós fornecemos para eles uma vida estável. Eu dificilmente consideraria ter abrigo e alimento garantido como uma dificuldade.

— Eles, aparentemente, não pensam assim.



Ela não disse uma palavra, e ainda assim Marius sentiu como se tivesse entrado em um jardim proibido. Um formigamento de medo subiu pela sua coluna vertebral. Depois de um longo silêncio desconfortável, as luzes da aldeia começaram a escurecer e sua mãe finalmente falou.

– Há um velho conto chamado *The Girl and the Bumblebee*.⁶

– Eu me lembro. Você costumava contar essa história quando eu era criança.

– Então você vai se lembrar que a menina ia ao campo de flores todos os dias para observar os zangões coletando néctar. Seus corpos macios e roliços e suas asas agitadas a envolviam. Ela passava dia após dia sentada no campo. Assistindo. Até que um dia, ela capturou a abelha mais bonita que já havia visto. Listras amarelas brilhantes contrastando com o preto escuro, a criatura minúscula a rodeou e depois pousou sobre seu joelho. Cheia da mais completa alegria, ela a agarrou, enquanto tentava se levantar mais uma vez. Bem, é claro, o zangão a ferrou ferozmente na palma da mão. A menina se levantou, soltou a abelha e a esmagou bem debaixo de seu pé. Ela lamentou sua morte, mas mais ainda, ela se castigou por querer algo que ela não poderia manter.

Marius soltou um suspiro.

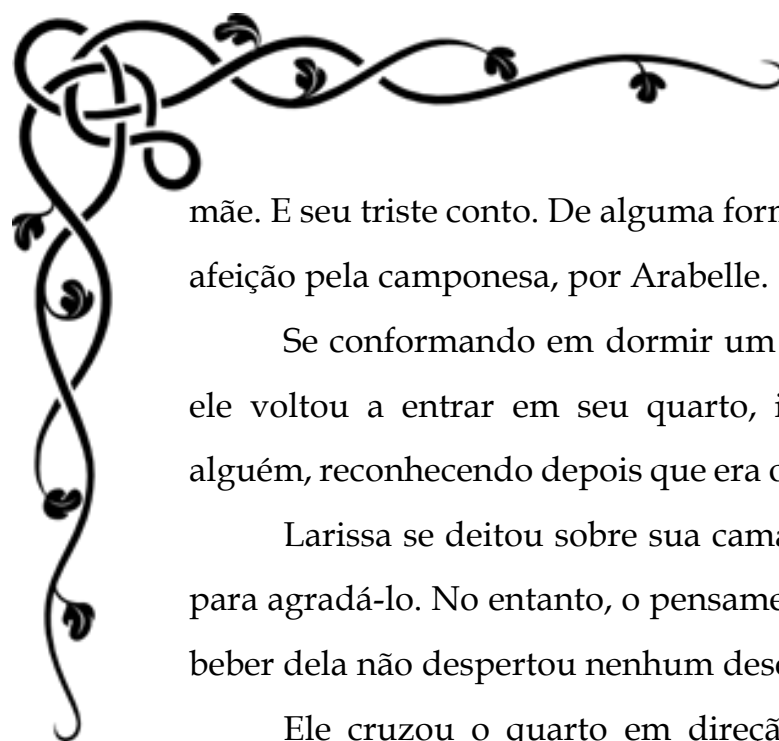
– Mãe, eu não sou uma garota seduzida por uma abelha.

Ela dirigiu a ele um olhar frio, como se dissesse: “Sim, você é!”. Sem alterar sua expressão.

– Tenha cuidado, meu filho. Ou você vai ser ferroadado. – Ela puxou seu manto ainda mais apertado em torno de seus ombros. – Boa noite.

Quando ela saiu da varanda através de seu quarto, Marius olhou mais uma vez para a aldeia, as luzes piscando uma a uma, enquanto o guarda noturno se aproximava. De repente, ele entendeu o simbolismo da visita de sua

⁶ Um conto, que traduzido livremente se chamaria A Menina e o Zangão.



mãe. E seu triste conto. De alguma forma, ela já sabia que ele possuía uma certa afeição pela camponesa, por Arabelle.

Se conformando em dormir um pouco, com o amanhã se aproximando, ele voltou a entrar em seu quarto, imediatamente sentindo a presença de alguém, reconhecendo depois que era o cheiro doce e familiar de sua concubina.

Larissa se deitou sobre sua cama, usando um vestido rosa transparente, para agradá-lo. No entanto, o pensamento de dormir com ela ou até mesmo de beber dela não despertou nenhum desejo nele.

Ele cruzou o quarto em direção ao seu lado da cama, onde as finas cortinas estavam separadas.

— Larissa, você não precisava vir para mim esta noite.

— Sua Alteza, pensei que você ainda poderia estar... com fome.

Ela subiu a bainha de seu vestido do joelho até suas coxas. Ele podia cheirar seu desejo e ouvir o ritmo acelerado de seu pulso. Normalmente, Marius não só apreciaria tal gesto, mas ele o aproveitaria, saciando sua sede e a luxúria, depois lhe daria a paixão e o carinho que ela desejava em troca.

Esta noite, não haveria sexo. Não porque ele não desejava Larissa, mas porque o pensamento o repelia.

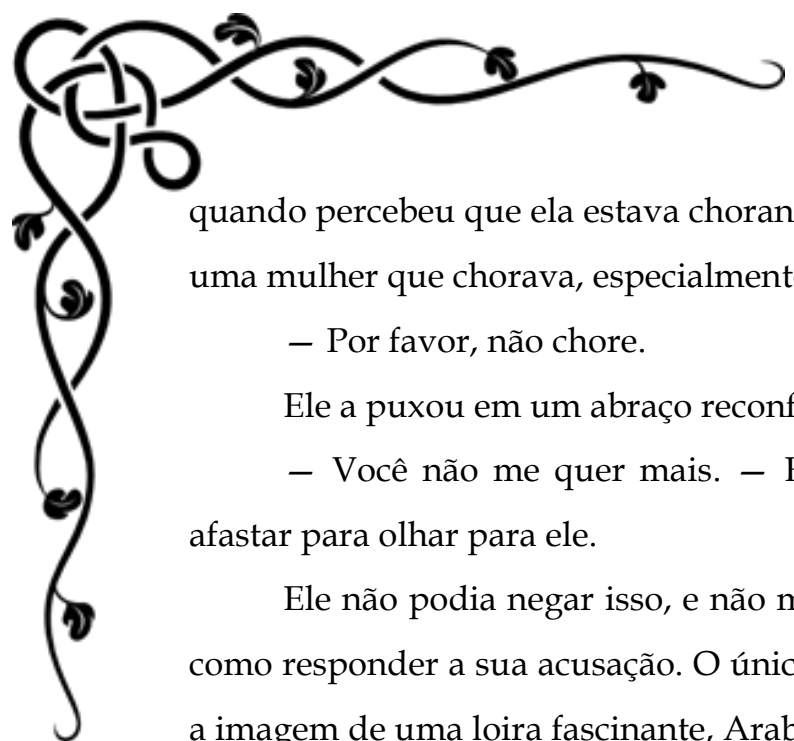
— Você é generosa por pensar em mim, Larissa. Mas, hoje à noite, eu desejo apenas dormir.

— Você tem certeza, meu Príncipe? — Ela perguntou, sua mão deslizando ao longo de sua coxa até a cintura.

Larissa nunca foi muito boa na arte da sedução. É claro que, no passado, ela não precisava ser. Marius tinha sido atraído por ela, independentemente. Mas não esta noite.

— Venha. — Ele disse, estendendo a mão. — Deixe-me acompanhá-la até a porta.

Ela pegou sua mão e o deixou guiá-la. Quando ele a atravessou pelo quarto até a porta, ela fungou. Uma pontada de arrependimento atingiu Marius,



quando percebeu que ela estava chorando. Ele nunca conseguiu lidar bem com uma mulher que chorava, especialmente quando ele era a causa.

— Por favor, não chore.

Ele a puxou em um abraço reconfortante, acariciando seus cabelos.

— Você não me quer mais. — Ela afundou em seu peito, antes de se afastar para olhar para ele.

Ele não podia negar isso, e não mentiria para ela. No entanto, não sabia como responder a sua acusação. O único pensamento que veio à sua mente foi a imagem de uma loira fascinante, Arabelle.

— É porque você se casará em breve, não é? Você vai esquecer completamente de mim.

Seu casamento. Sim. Ele muitas vezes se esquecia disso, empurrando-o bem para trás de sua memória. Ele não tinha vontade de se casar com uma mulher na qual nunca tinha posto os olhos, mas seria feito da mesma forma. E, embora a realeza tenha mantido seu Harém de Sangue após o casamento - pois muitos casais reais não se alimentavam apenas deles mesmos - ele sabia que não o faria, não poderia manter Larissa. Só partiria mais seu coração, que definharia por ele, quando percebesse que o coração dele nunca pertenceria a ela.

— Eu nunca vou te esquecer, Larissa. — Ele disse com sinceridade, agarrando sua bochecha. — Mesmo depois de me casar.

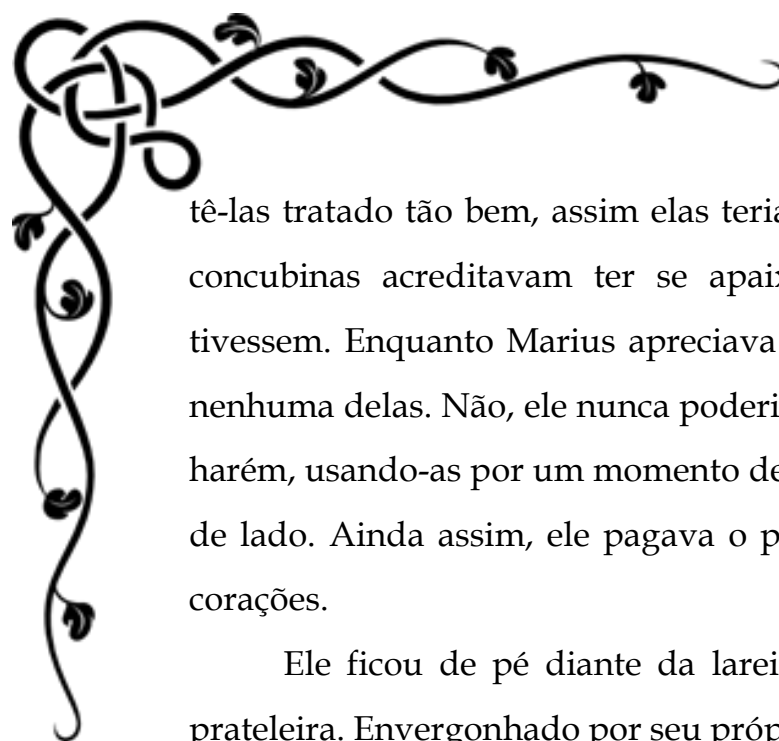
As lágrimas começaram a cair novamente. Ele abriu a porta e fez um gesto para um guarda.

— Por favor, escolte Larissa para o seu quarto em segurança.

— Sim, Sua Alteza.

Ele fechou a porta com a imagem dela se retirando, com seus ombros tremendo. Castigando-se por ferir mais uma mulher, ele passou uma mão pelos cabelos e voltou a atravessar o quarto.

Ele nunca teve a intenção de machucá-la. Ou as muitas outras mulheres que entraram e saíram de sua vida ao longo dos anos. Talvez ele não devesse



tê-las tratado tão bem, assim elas teriam aprendido a odiá-lo. Muitas de suas concubinas acreditavam ter se apaixonado por ele no passado. E talvez tivessem. Enquanto Marius apreciava todas as suas concubinas, nunca amou nenhuma delas. Não, ele nunca poderia ser tão frio quanto seu pai era com seu harém, usando-as por um momento de saciedade ou prazer, depois jogando-as de lado. Ainda assim, ele pagava o preço quando - sem querer - partia seus corações.

Ele ficou de pé diante da lareira e se inclinou com as duas mãos na prateleira. Envergonhado por seu próprio uso indevido das mulheres humanas em seu passado, ele olhou para as chamas, vendo o rosto desafiante de Arabelle. Como ela esperava que os vampiros sobrevivessem se eles não usassem os bleeders? Talvez essa fosse sua principal frustração, que sua espécie existia, e era por isso que ela estava começando com uma matança real para fazer a revolução dela.

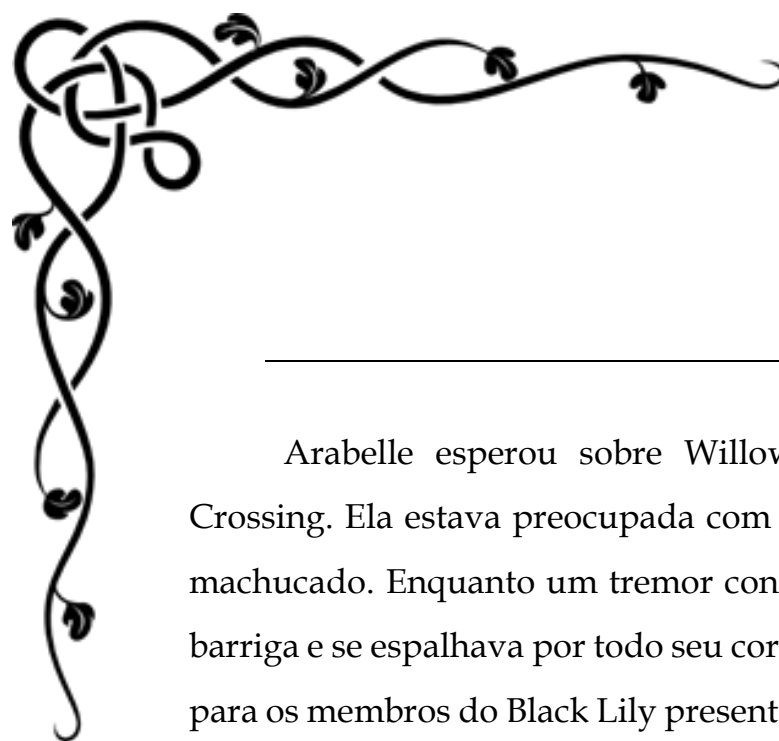
Sua imaginação pulou de seu desafio e foi direto para seu beijo, quando ela gemeu debaixo dele. A mente de Marius girou com pensamentos de sedução, paixão e a sensação gloriosa de Arabelle em sua cama. Seu pênis se agitou em suas calças. Ele rosnou de frustração, agora ciente de que ele havia sido enganado e iludido por sua reciprocidade. Ela o tocou como uma mulher toca uma harpa, e ele caiu em sua armadilha. Ele tinha sorte de continuar em pé, verdade seja dita.

Seus pensamentos voltaram para o encontro de amanhã. Ele tirou de seu bolso uma nota rabiscada em uma caligrafia bonita, mas rudimentar.

Eu vou encontrá-lo no Chance Crossing amanhã, ao pôr do sol. É melhor Deek estar vivo para a troca. - Black Lily

Ele não pôde deixar de sorrir enquanto passava o dedo indicador sobre o nome dela.

— Arabelle... eu vou te ver no crepúsculo.



Capítulo 11

Arabelle esperou sobre Willow no lado sul do riacho, no Chance Crossing. Ela estava preocupada com Deek, rezando para que não o tivessem machucado. Enquanto um tremor constante começara a crescer dentro de sua barriga e se espalhava por todo seu corpo, ela aparentava calma e tranquilidade para os membros do Black Lily presentes. Apenas Barkley esperava ao seu lado, com suas pernas - que mais pareciam troncos de árvore - separadas e seus braços cruzados sobre o peito enorme.

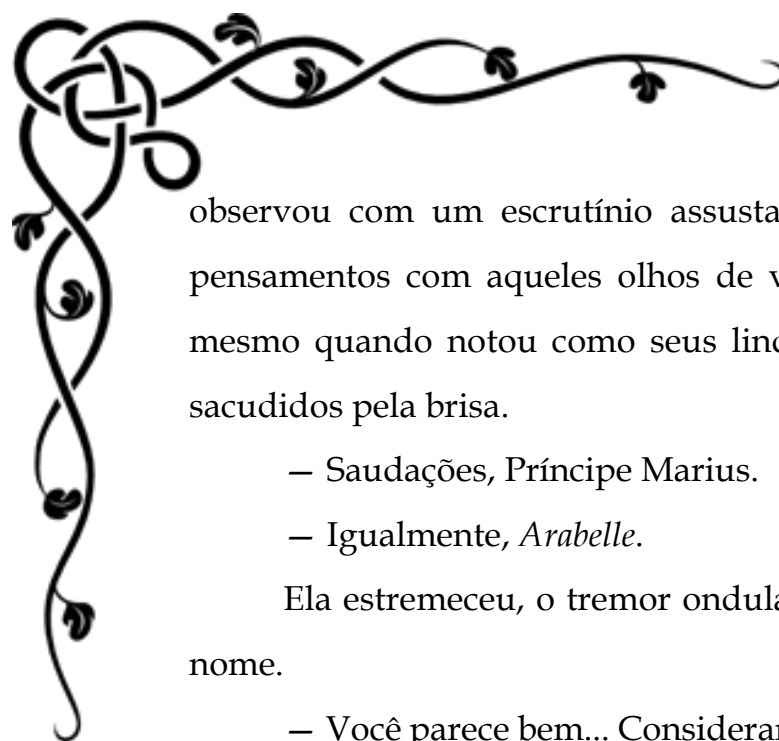
Ambos encaravam a direção de onde a comitiva dos vampiros viria, com o sol atrás deles. A última luz do sol brilharia nos olhos do inimigo. Outra vantagem. Os outros estavam bem escondidos nas árvores, passando a noite na floresta e disfarçando os cheiros com uma boa quantidade de esterco de veado. Eles estavam aguardando pelo sinal de Arabelle.

O som dos cascos dos cavalos ficou mais próximo. Arabelle segurou a sela de Willow, seus dedos ficando brancos pela força usada. Ela não estava com medo. A antecipação tinha deixado seus nervos tremendo conforme esperavam que os cavaleiros viessem à vista. Eles não precisaram esperar muito tempo.

Ao redor da curva e fora da sombra das árvores, um grupo de dez vampiros trotou em direção ao riacho, depois parou. Marius liderava o grupo, com Nikolai ao seu lado. Os Legionários se posicionaram muito atrás deles, um puxando um cavalo com Deek no topo, cujas mãos estavam amarradas.

— Deek. — Sussurrou Arabelle, capturando seu olhar severo.

Deek sacudiu a cabeça, sem fôlego e de olhos inchados. Ela voltou a atenção para o Príncipe. O tremor que tinha acumulado dentro de seu peito finalmente parou quando ela encarou o homem que quase havia matado algumas noites atrás. Sua expressão - dura e inflexível - era ilegível. Ele a



observou com um escrutínio assustador, como se tentasse desvendar seus pensamentos com aqueles olhos de vampiro. Ela endureceu seu semblante, mesmo quando notou como seus lindos cabelos pretos roçavam os ombros, sacudidos pela brisa.

— Saudações, Príncipe Marius.

— Igualmente, *Arabelle*.

Ela estremeceu, o tremor ondulando em seu peito quando ele disse seu nome.

— Você parece bem... Considerando a situação. — Ela disse, fingindo que não ficou surpresa quando falou seu nome.

— Considerando que você cravou uma lâmina com ponta de ouro no meu peito, da última vez em que nos falamos? Sim, eu estou. Obrigado.

— Que pena que eu erre seu coração. Ou, talvez você não tenha um?

O que se chamava Nikolai avançou um passo com o cavalo para a frente.

— Basta, mulher.

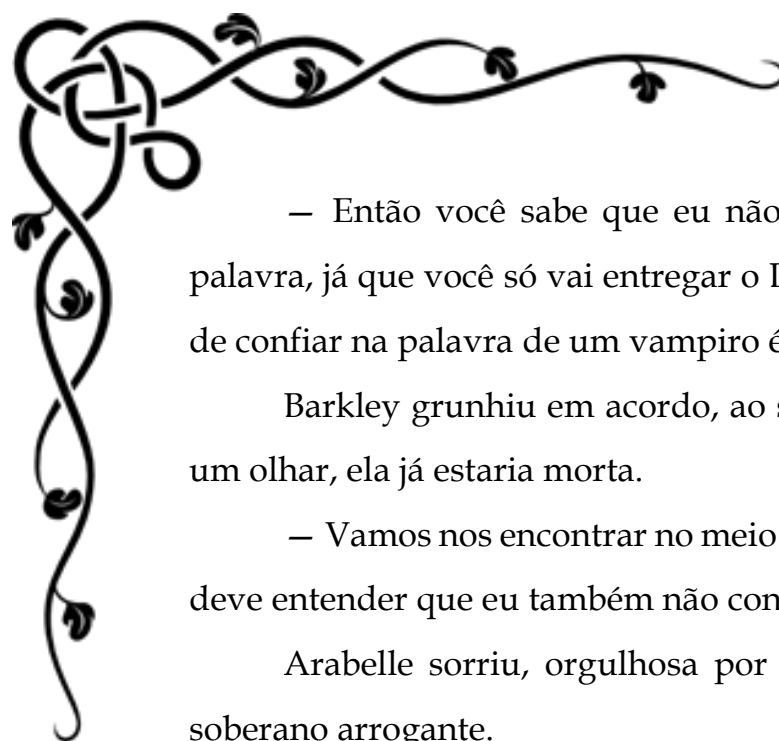
O Príncipe o parou, já que Nikolai parecia querer correr através do riacho e golpeá-la. Claro, quando os vampiros estavam bem alimentados, eles eram capazes de se mover mais rápido do que os cavalos. Arabelle escaneou o grupo deles. Sim, todos tinham a aparência de estar com força total, um rubor incomum em suas bochechas pálidas. Todos, exceto o Príncipe. Arabelle franziu a testa, se perguntando por que ele não bebeu de alguma concubina dia e noite para se fortalecer, depois do golpe que ela havia lhe dado.

— Nós vamos passar seu homem para ele. — Disse Marius, balançando a cabeça para Barkley. — Se você se aproximar da água.

Ela bufou.

— Você acha que eu sou estúpida?

— Muito pelo contrário. Eu sei que você é inteligente.



— Então você sabe que eu não vou confiar em você para manter sua palavra, já que você só vai entregar o Deek uma vez que eu me render. A ideia de confiar na palavra de um vampiro é ridícula.

Barkley grunhiu em acordo, ao seu lado. Se Nikolai pudesse matar com um olhar, ela já estaria morta.

— Vamos nos encontrar no meio do caminho. — Disse o Príncipe. — Você deve entender que eu também não confio em você.

Arabelle sorriu, orgulhosa por ter colocado uma noção de dúvida no soberano arrogante.

— Muito bem. — Ela concordou. — Você traz Deek para o outro lado e eu vou encontrá-lo no meio do caminho.

— Não. — Disse Nikolai. — Eu vou levá-lo. — Ele agarrou as rédeas do corcel de Deek e puxou-o para a frente.

— Qual é o problema, Príncipe Marius? — Ela perguntou. — Você está com medo de mim, sua boa e velha senhorita? — Ela apalpou o tecido fino das calças e camisa de linho masculina que usava, depois passou sobre suas coxas, quadris, estômago, costelas e seios. — Não posso ter uma arma escondida nisso.

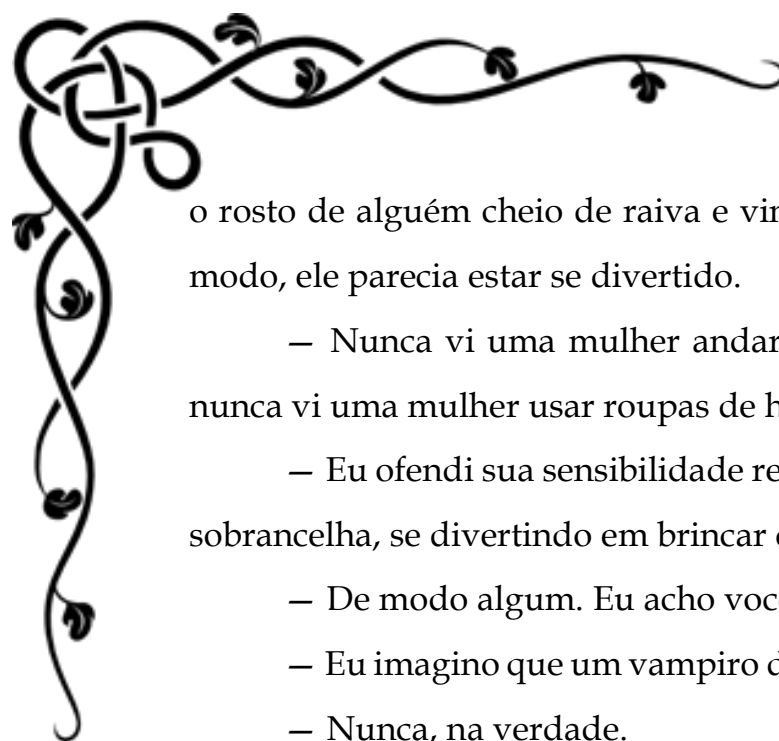
Os olhos de Marius cintilaram com fogo.

— Me dê as rédeas, Nikolai.

— Mas, Sua Alteza...

O Príncipe deu apenas uma olhada. O Tenente entregou as rédeas com um suspiro, então Marius cutucou seu cavalo para entrar nas águas rasas do riacho. Arabelle fez o mesmo, açoitando para que Willow avançasse lentamente. Os cavalos atravessaram, espirrando água, até que finalmente Arabelle parou bem em frente ao corcel preto do Príncipe.

Mais uma vez, o olhar penetrante do Príncipe e a expressão indiferente não lhe deram sinais do que estava acontecendo dentro da cabeça dele. Certamente, não era o olhar do homem arrebatado no baile, mas tampouco era



o rosto de alguém cheio de raiva e vingança, como ela esperava. De qualquer modo, ele parecia estar se divertido.

– Nunca vi uma mulher andar a cavalo desse jeito. Claro, eu também nunca vi uma mulher usar roupas de homem.

– Eu ofendi sua sensibilidade real, Sua Alteza? – Arabelle arqueou uma sobrancelha, se divertindo em brincar com o homem.

– De modo algum. Eu acho você bastante... surpreendente.

– Eu imagino que um vampiro da sua idade nem sempre é surpreendido.

– Nunca, na verdade.

– Bem, eu sim, amo ser original. Não faz sentido fazer parte da multidão.

– Coisa que você jamais poderia ser.

– Então, você gosta de surpresas, não é, Príncipe Marius?

Ele congelou, de alguma forma sentindo um presságio na fração de segundo antes de Arabelle puxar as rédeas de Willow. Willow se levantou, como ela sabia que deveria fazer mediante a esse comando. Um chiado surgiu das árvores enquanto os arqueiros disparavam ao sinal dela.

Deek bateu os calcanhares nos flancos do cavalo.

– Yah! – Seu cavalo relinchou e galopou para a frente, seguindo o fluxo do caminho.

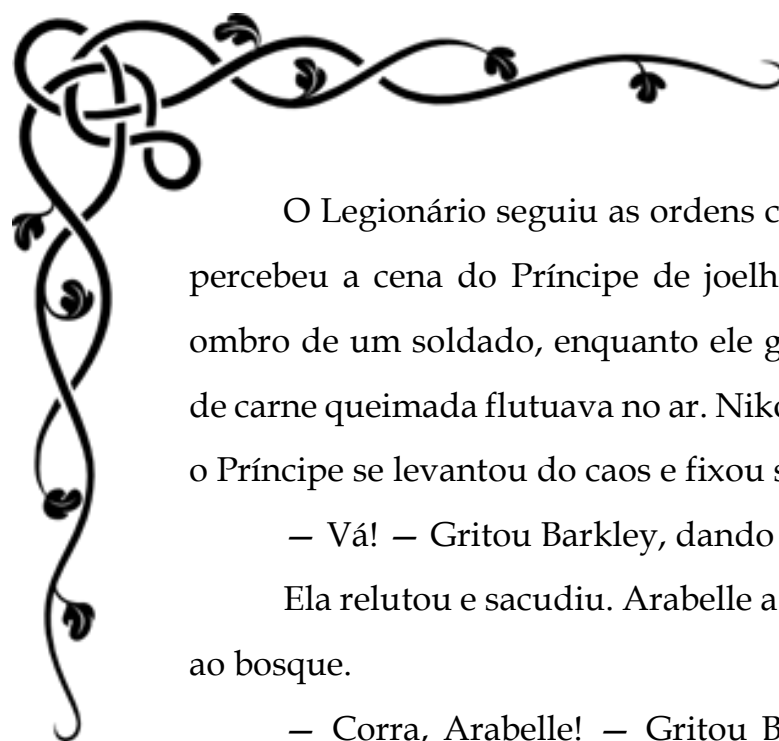
O Príncipe não estava preocupado com ele quando voltou para seus homens.

– Protejam-se! – Ele gritou.

Nikolai puxou a espada e se virou para as árvores, mas já era tarde demais. Os arqueiros desencadearam uma segunda onda de flechas com ponta de ouro e logo desapareceram, sumindo em esconderijos cavados na terra e cobertos de palha disfarçados para parecerem o chão da floresta.

Um Legionário gritou. Então outro.

– Riker! – Gritou o Tenente. – Pegue três homens e vá!



O Legionário seguiu as ordens com rapidez. Ao mesmo tempo, Arabelle percebeu a cena do Príncipe de joelhos, puxando a ponta de uma flecha do ombro de um soldado, enquanto ele gritava, com a pele queimando. O cheiro de carne queimada flutuava no ar. Nikolai estava ao lado dele, ajudando. Então, o Príncipe se levantou do caos e fixou seu olhar de fogo azul em Arabelle.

— Vá! — Gritou Barkley, dando uma bofetada no traseiro de Willow.

Ela relutou e sacudiu. Arabelle a deixou voar pelo caminho que conduzia ao bosque.

— Corra, Arabelle! — Gritou Barkley, enquanto ele também corria na direção contrária, para o combate.

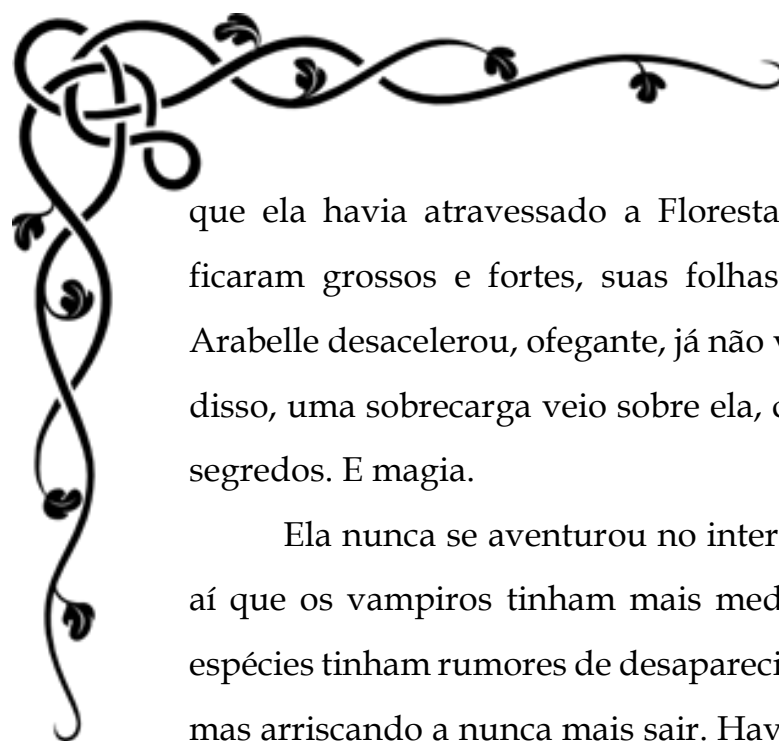
Ela olhou por cima do ombro para ver o Príncipe Marius em cima de seu corcel preto, galopando pelo riacho a toda velocidade com aquele olhar de fúria que ela esperava dele o tempo todo. Avançando, ela implorou para Willow ir mais rápido.

— Vamos lá, garota.

Willow conhecia sua dona e acelerou a trilha. Os caminhos à frente se dividiam, um levava ao bosque, provavelmente o caminho que Deek teria feito. Ela pegou o outro, que desviava para além de Larkin Wood, em direção a Floresta de Silvane. Sem sequer pensar, ela puxou Willow para a direita, embora o cavalo instintivamente quisesse ir para a esquerda. Ninguém se aventurava pela Floresta de Silvane sem um bom motivo. Mas, fugir de um Príncipe dos vampiros enfurecido era motivo suficiente para Arabelle.

Ela manteve a cabeça baixa e as rédeas soltas, para que Willow pudesse galopar livremente. Arabelle olhou por cima do ombro e vislumbrou o corcel negro atrás de uma curva. O caminho se dividiu novamente. Arabelle pegou o menos tráfego, onde as ervas daninhas haviam crescido.

Willow manteve seu ritmo constante sem o encorajamento de Arabelle. O caminho se estreitou e as árvores engrossaram enquanto ela cavalgava mais rápido, finalmente atravessando um bosque de carvalhos pretos – sinalizando



que ela havia atravessado a Floresta de Silvane. Os troncos cor de carvão ficaram grossos e fortes, suas folhas de areia e prata quebrando na brisa. Arabelle desacelerou, ofegante, já não vendo mais o Príncipe atrás dela. Em vez disso, uma sobrecarga veio sobre ela, como se o próprio ar carregasse perigo e segredos. E magia.

Ela nunca se aventurou no interior da floresta proibida, mas diziam por aí que os vampiros tinham mais medo disso do que os humanos. Ambas as espécies tinham rumores de desaparecimento por aqui, se aventurando a entrar, mas arriscando a nunca mais sair. Havia murmúrios de uma bruxa que vivia no bosque e uma força maligna que vivia no coração deste lugar.

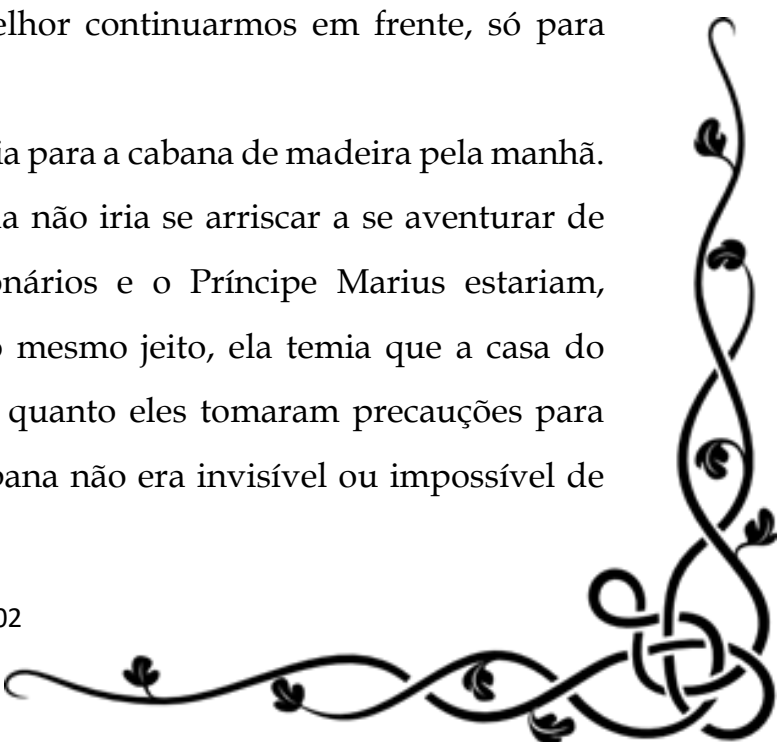
Mas Arabelle não era do tipo que temia contos infantis. Certamente, aqueles que desapareceram nesta floresta estavam fugindo de algum inimigo e queriam desaparecer. Como ela mesma. No entanto, ela esperava que o Príncipe vampiro temesse o misticismo desconhecido o suficiente para adiar sua perseguição por mais um dia.

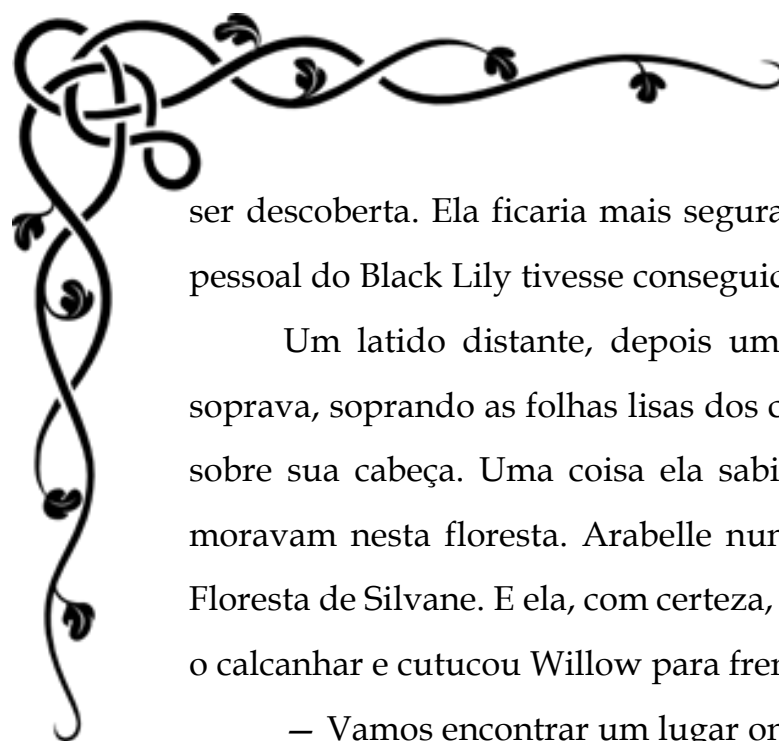
— Whooaa.

Ela puxou as rédeas para que Willow parasse e prestou atenção. Nenhum barulho de cascos batendo no caminho atrás dela ou mesmo ao longe. Somente o zunir dos insetos, conforme o crepúsculo se instalava na noite.

— Nós o despistamos, Willow. — Ela acariciou o pescoço da sua égua, agora úmido da corrida. — Mas é melhor continuarmos em frente, só para garantir.

Ela acamparia aqui, depois voltaria para a cabana de madeira pela manhã. Deek poderia ficar preocupado, mas ela não iria se arriscar a se aventurar de volta a Larkin Wood, onde os Legionários e o Príncipe Marius estariam, certamente, esperando para atacar. Do mesmo jeito, ela temia que a casa do bosque pudesse ser encontrada. Tanto quanto eles tomaram precauções para ocultar a localização de sua sede, a cabana não era invisível ou impossível de





ser descoberta. Ela ficaria mais segura aqui esta noite. E esperava que todo o pessoal do Black Lily tivesse conseguido escapar.

Um latido distante, depois um uivo, ecoou pelas árvores. Uma brisa soprava, soprando as folhas lisas dos carvalhos pretos, soando como sussurros sobre sua cabeça. Uma coisa ela sabia com certeza; lobos grandes e ferozes moravam nesta floresta. Arabelle nunca tinha visto um desses guardiões da Floresta de Silvane. E ela, com certeza, não queria ver um agora. Ela pressionou o calcanhar e cutucou Willow para frente, olhando para o céu escurecendo.

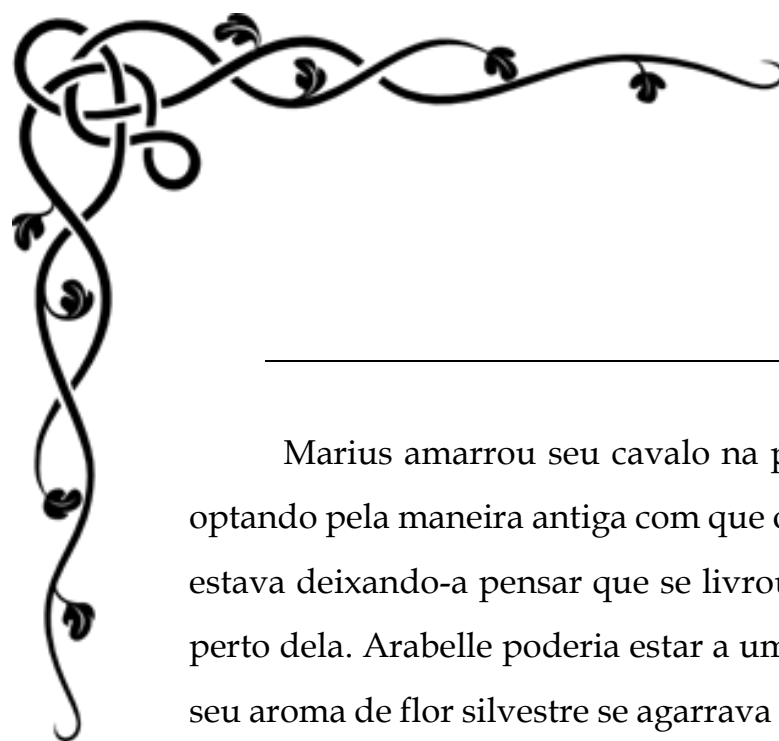
— Vamos encontrar um lugar onde podemos acender uma fogueira.

Isso certamente manteria os lobos afastados. Mas ela precisaria ir mais longe na floresta, apenas no caso daquele Príncipe de uma figa ainda estar seguindo seus rastros. Ela parou para tentar ouvir algum barulho novamente e olhou para trás, enquanto Willow se abaixava lentamente. Nenhum sinal de qualquer coisa atrás delas.

Ela riu e acariciou Willow novamente.

— Nós o enganamos, menina. Parece que nem mesmo o Príncipe dos Vampiros é páreo para nós.

Willow e Arabelle adentraram mais profundamente na Floresta de Silvane, procurando um lugar seguro para acampar durante a noite.



Capítulo 12

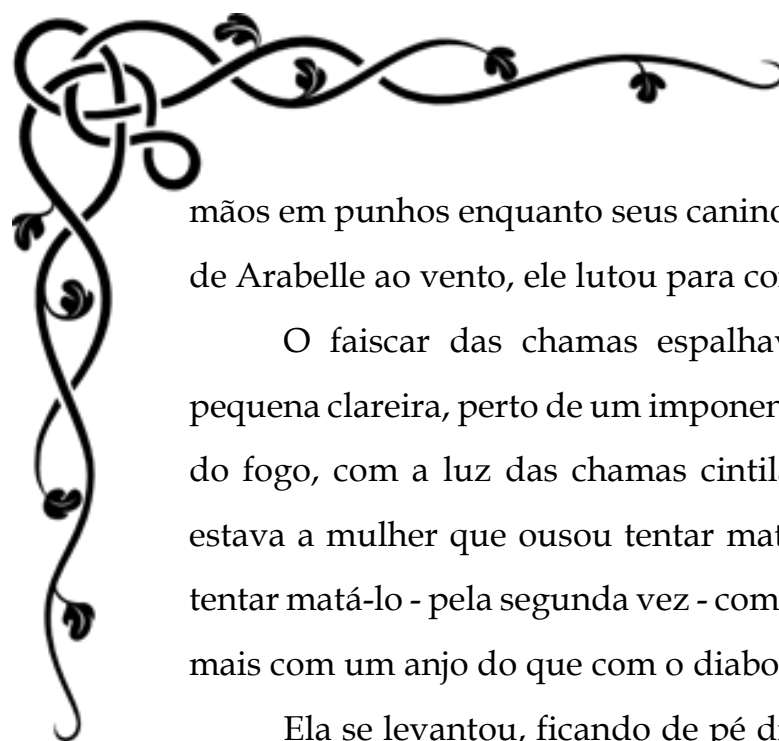
Marius amarrou seu cavalo na primeira divisão da trilha e seguiu a pé, optando pela maneira antiga com que os caçadores perseguiram suas presas. Ele estava deixando-a pensar que se livrou dele, enquanto chegava cada vez mais perto dela. Arabelle poderia estar a um quilômetro de distância e, ainda assim, seu aroma de flor silvestre se agarrava a cada ramo e folha pelo qual ela passou, atraindo Marius em um ritmo lento e constante. Ela não mascarou seu perfume, como os arqueiros escondidos nas árvores. Ela estava muito confiante de que a distração e o conflito resultante o manteriam ocupado. Infelizmente para ela, ela subestimou seu foco em capturar a líder do Black Lily. E a potência de seu perfume para seus sentidos.

Ele se moveu sob a cobertura dos carvalhos pretos, quando entrou no famoso bosque onde essas árvores antigas se elevavam em abundância. Um lobo uivou quando o céu escureceu e uma meia lua apareceu no céu. Sim, ele tinha sido avisado por sua mãe, quando era criança, para nunca pisar na Floresta de Silvane.

A escuridão vive lá, meu filho.

Ele fez uma pausa e olhou para a escuridão de nuances profundas, sentindo uma mudança no ar, no entanto, não havia medo nele. Só curiosidade. Então, o cheiro dela chegou até ele novamente. Mais forte. Ela deve ter diminuído o ritmo. Seu alvo estava mais perto, ele se moveu com discrição. A noite desceu rapidamente e, aparentemente, Arabelle se sentia segura em seu refúgio, pois ele ouviu e sentiu o crepitar de uma fogueira.

Ele caminhou, seguindo o magnetismo que o atraía como uma raposa para o galinheiro. Ela era a tentação que ele não podia resistir. Balançando as



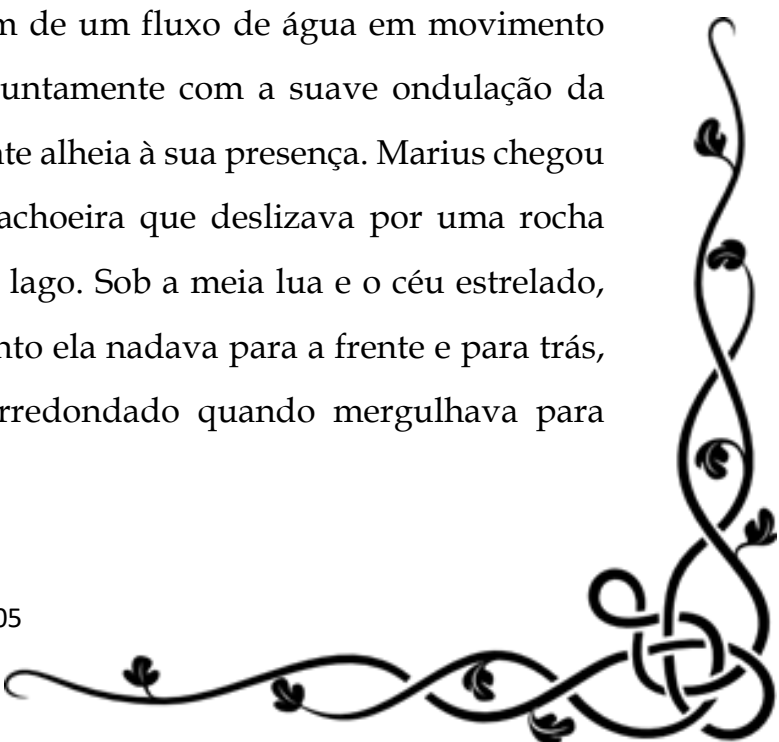
mãos em punhos enquanto seus caninos se estendiam com o forte e doce cheiro de Arabelle ao vento, ele lutou para controlar sua fome.

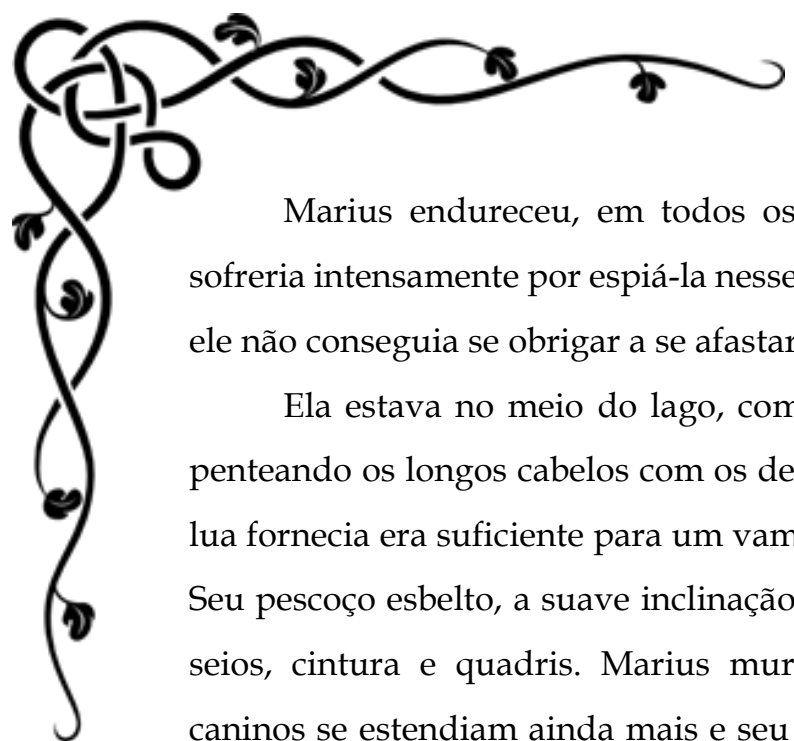
O faiscar das chamas espalhavam longas sombras a partir de uma pequena clareira, perto de um imponente carvalho. E lá, concentrada no crepitar do fogo, com a luz das chamas cintilando em seu rosto e cabelos dourados, estava a mulher que ousou tentar matá-lo em seu próprio palácio, que ousou tentar matá-lo - pela segunda vez - com seus arqueiros no Crossing e que parecia mais com um anjo do que com o diabo que ela realmente era.

Ela se levantou, ficando de pé diante do fogo e começou a remover suas roupas. Marius congelou, fascinado. Afetado. Ela retirou as calças masculinas e jogou-as de lado, depois tirou a camisa de linho sobre sua cabeça. Com um puxão nos cordões da parte da frente do espartilho, ela o puxou e o deixou cair de lado também. Marius não conseguia se mover, não conseguia respirar. Ela não era um anjo. Estava mais para uma bruxa, seduzindo-o em direção ao perigo e a desgraça.

Desfazendo a trança, uma longa cascata de cabelos dourados balançou até seu quadril, então ela deslizou para além da luz do fogo, como uma fada que desaparecia em seu reino florestal. O pulso de Marius acelerou enlouquecidamente enquanto ele avançava, grato por ter escutado o som de um mergulho.

Ele se aproximou, ouvindo o som de um fluxo de água em movimento lento ecoando de seu lado esquerdo, juntamente com a suave ondulação da água enquanto ela se banhava, totalmente alheia à sua presença. Marius chegou à beira do riacho, encontrando uma cachoeira que deslizava por uma rocha musgosa e desaguava em um pequeno lago. Sob a meia lua e o céu estrelado, ele podia ver a sua bela silhueta enquanto ela nadava para a frente e para trás, expondo seu traseiro perfeitamente arredondado quando mergulhava para mudar de direção.





Marius endureceu, em todos os lugares, tendo quase certeza de que sofreria intensamente por espia-la nesse momento de êxtase visual. No entanto, ele não conseguia se obrigar a se afastar.

Ela estava no meio do lago, com a água abaixo de sua cintura. Estava penteando os longos cabelos com os dedos. A pouca luminosidade que a meia lua fornecia era suficiente para um vampiro conseguir enxergar perfeitamente. Seu pescoço esbelto, a suave inclinação de seus ombros, a linda curva de seus seios, cintura e quadris. Marius murmurou uma maldição enquanto seus caninos se estendiam ainda mais e seu corpo ficava cada vez mais alerta. Isso era tortura, não êxtase, pois ele estava mais do que certo de que ela não iria aliviar a dor que ele sentia, e que estava endurecendo seu corpo a uma rigidez agonizante.

Já chega.

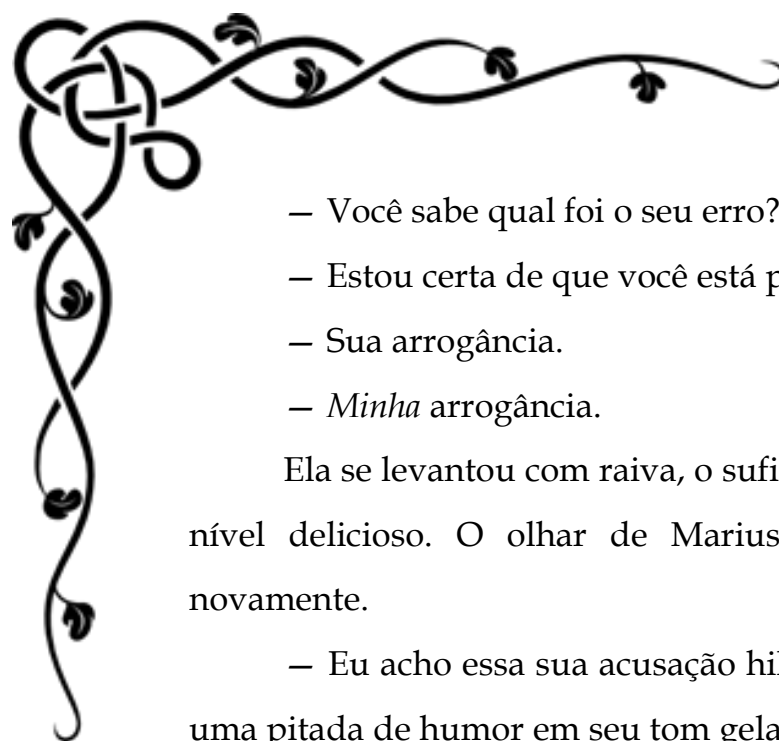
Ele saltou e pousou no gramado, chamando a atenção dela em sua direção. De olhos arregalados, ela ofegou e saltou para trás, cruzando os braços sobre os seios. Na atual situação, ela estava mais vulnerável do que qualquer vilão foragido deveria estar. Ele pisou na beira da água. Ela abaixou sob a superfície para cobrir seu corpo, embora não houvesse lugar algum para se esconder.

— Uma bela noite para um banho sob a luz da lua, não é? — Ele perguntou uniformemente.

Ele estudava sua expressão assustada por trás do semblante corajoso do qual ele se recordava do baile, quando ela falou.

— Como... como você me encontrou?
— Você está brincando, não está?
— Quero dizer, eu pensei, bem...
— Você pensou que eu teria medo das histórias infantis sobre fantasmas e não a seguiria até tão longe, dentro da Floresta de Silvane.

Ela ficou em silêncio. Marius não.

- 
- Você sabe qual foi o seu erro?
 - Estou certa de que você está prestes a me dizer.
 - Sua arrogância.
 - *Minha* arrogância.

Ela se levantou com raiva, o suficiente para que a água baixasse para um nível delicioso. O olhar de Marius se moveu para baixo. Ela afundou novamente.

– Eu acho essa sua acusação hilária. – Ela disse, embora não houvesse uma pitada de humor em seu tom gelado.

Marius se agachou, fitando-a ao nível dos olhos.

– Você superestimou seus arqueiros. Parece que eles feriram apenas dois, provavelmente matando um. E eu não era um deles, o que é, certamente, uma decepção para você. É melhor você fazer com que seus homens pratiquem mais tiro ao alvo se estiver planejando um ataque às forças do Rei.

– Aquilo não foi um ataque. – Ela afirmou, erguendo o queixo. – Foi simplesmente uma distração, para libertar o Deek. E funcionou.

– Sim, funcionou. Exceto que agora seu amante está livre e você foi pega. Isso também fazia parte do plano?

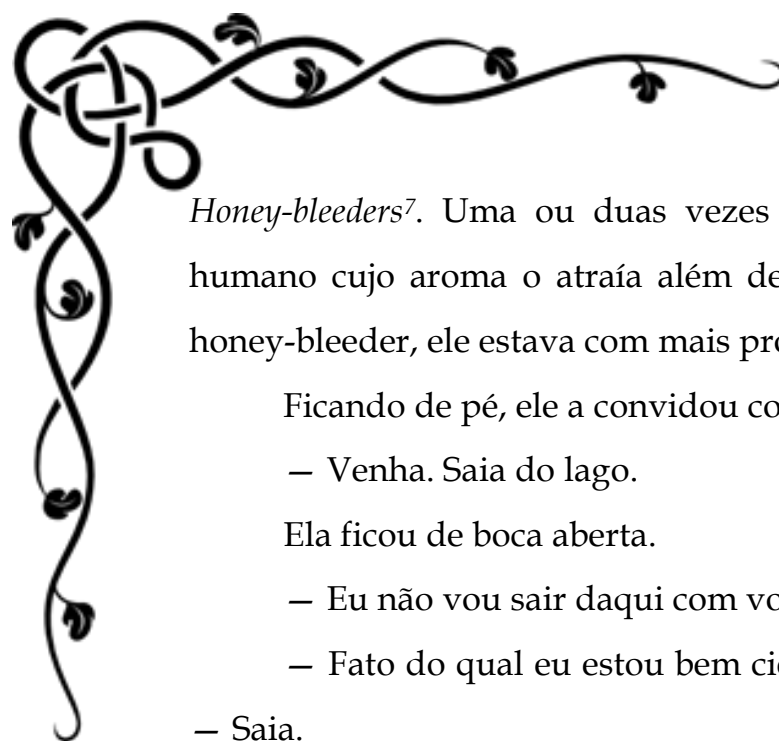
Ela não tinha uma resposta para isso. E também não negou que o ferreiro fosse seu amante. Uma pontada de raiva e ciúmes o atingiu.

– Da próxima vez, – continuou ele – você pode querer disfarçar seu cheiro se estiver planejando escapar.

Ela franziu o cenho.

– Eu fiz isso.

Ele refletiu sobre isso, tendo aprimorado seus sentidos em relação ao cheiro dela, isolando-o mesmo quando misturado aos cheiros do cavalo, feno, animais e lama - todos os aromas pungentes no ar, quando estavam no Crossing. Ele tinha ouvido vampiros mais velhos falar daqueles que eles chamavam de



*Honey-bleeders*⁷. Uma ou duas vezes na vida, um vampiro encontrava um humano cujo aroma o atraía além de qualquer outro. Se Arabelle fosse sua honey-bleeder, ele estava com mais problemas do que pensava.

Ficando de pé, ele a convidou com uma mão.

— Venha. Saia do lago.

Ela ficou de boca aberta.

— Eu não vou sair daqui com você parado aí. Eu estou... *nua*.

— Fato do qual eu estou bem ciente. — Sua voz ficou baixa e profunda.

— Saia.

— Não!

— Então eu vou entrar e tirar você.

Ele deu um passo. Ela saltou para trás.

— Tudo bem! — Ela bufou. — Vire de costas.

Ele balançou a cabeça, incapaz de tirar o sorriso do rosto.

— Não nessa vida. Não vou desviar os olhos de você.

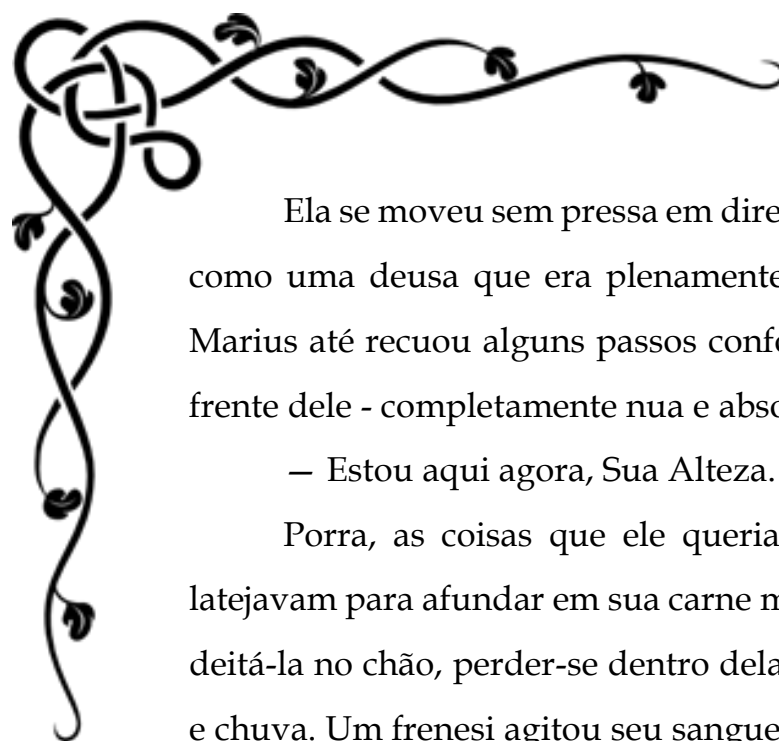
— Você espera que eu...

— Sim. Eu espero. Agora, saia.

Ela fechou a boca. Aborrecida, suas bochechas pálidas ficaram coradas de rosa. Marius estava agradecido por ter visão de vampiro, pois isso permitia ver o rubor suave se alastrar por seu pescoço. O que ele não faria para traçar esse mesmo caminho com sua boca.

A expressão de Arabelle mudou, sua testa suavizou, os olhos estreitaram e ela separou os lábios. Ela controlou a respiração e descruzou os braços, andando com equilíbrio pela água, revelando os presentes sensuais que a natureza lhe deu. Marius engoliu com dificuldade, mas sua boca ficou seca. Com sede. Ele estava com muita sede.

⁷ Honey-Bleeders, aqueles de quem os vampiros se alimentam e que possuem um sabor mais doce e sensual em seu paladar, deixando-os viciados em seu aroma e sabor.



Ela se moveu sem pressa em direção à parte mais rasa do lago, emergindo como uma deusa que era plenamente consciente de seu poder. Na verdade, Marius até recuou alguns passos conforme ela se aproximava da beirada – na frente dele – completamente nua e absolutamente linda.

– Estou aqui agora, Sua Alteza. O que você vai fazer comigo?

Porra, as coisas que ele queria fazer com ela. Para ela. Seus caninos latejavam para afundar em sua carne macia, assim como o resto dele. Ele queria deitá-la no chão, perder-se dentro dela e render-se ao perfume de flor silvestre e chuva. Um frenesi agitou seu sangue, apertando seus músculos, instigando-o a agir. Ele já tinha sentido essa urgência em seu sangue antes, mas nunca desse jeito. Ele nunca havia se deixado levar antes e certamente não o faria agora. O que separava os antigos vampiros dos novos, era o voto de manter a civilidade e sempre obter o consentimento de seus bleeders.

Seu olhar se fixou na tatuagem do lírio negro entre o ombro e o peito. Era simples, mas complexa. Delicada, porém forte. Muito parecida com a mulher que a possuía. Ele ergueu uma mão para tocá-la e depois fechou o punho, travando as mãos no lugar. Quando finalmente conseguiu falar, ele disse:

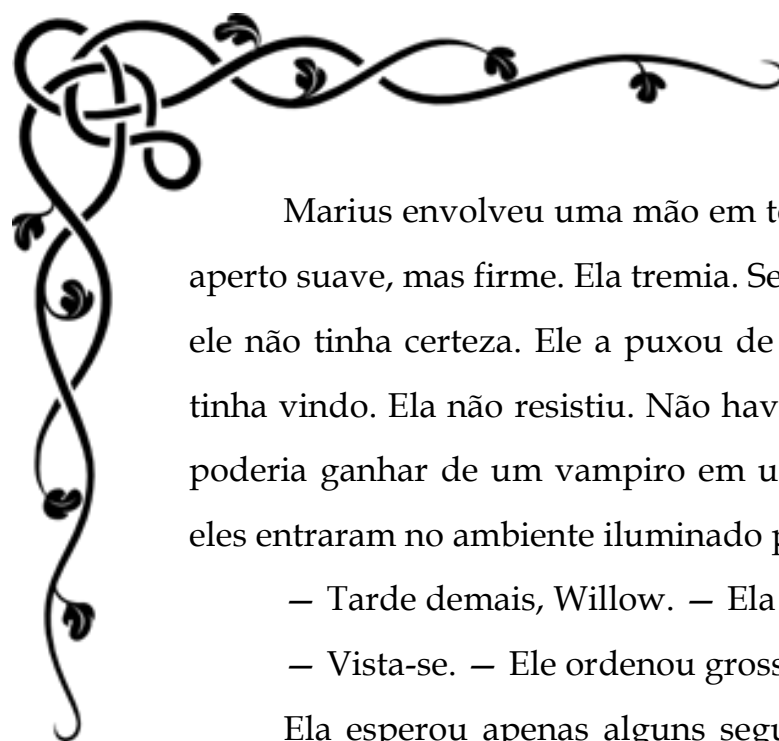
– Sua sedução não funcionará desta vez. Vista suas roupas.

Sua voz soava áspera e cansada, enquanto ela permanecia imóvel como uma pedra – respirando devagar – mesmo que seu pulso vibrasse em seu pescoço, desmentindo sua calma. A sede por desejá-la e ser incapaz de tê-la, ressecou suas cordas vocais.

Ela apontou para cima.

– Elas estão perto do fogo.

De repente, ele se lembrou de vê-la se despir. Como ele pôde ter esquecido? Ele já tinha visto dezenas de mulheres nuas e nenhuma delas o afetou como ela. Ele sentia como se estivesse afundando no desconhecido, incapaz de evitar e sem se importar se conseguiria voltar algum dia.



Marius envolveu uma mão em torno de seu pulso, segurando-a com um aperto suave, mas firme. Ela tremia. Se por medo ou pelo frio na pele molhada, ele não tinha certeza. Ele a puxou de volta pelo caminho através do qual ele tinha vindo. Ela não resistiu. Não havia sentido em resistir. Nenhum humano poderia ganhar de um vampiro em uma corrida. O cavalo relinchou quando eles entraram no ambiente iluminado pelo fogo.

— Tarde demais, Willow. — Ela murmurou, batendo os dentes.

— Vista-se. — Ele ordenou grosseiramente enquanto soltava seu pulso.

Ela esperou apenas alguns segundos, então, apressadamente vestiu as calças e a camisa, pegando o espartilho e o amarrando.

— Sente-se. — Ele disse. — Você pode se secar antes de voltarmos.

Ela sentou ao lado de sua bolsa, mal-humorada. Marius ergueu um ramo de árvore caído da espessura de seu braço e o quebrou em dois, jogando uma extremidade no fogo, fazendo saltar algumas faíscas. Quando ele se virou para soltar o outro tronco ao lado, ele a ouviu abrir a aba da sua bolsa.

Oh, merda. Será que ela não sabia que ele podia ouvir todos os seus movimentos, por menores que fossem? Ele se virou, bem a tempo de encontrá-la pulando em suas costas com uma adaga na mão. Agarrando seus pulsos, ele rolou com ela na sujeira e a prendeu sob seu peso. Ela continuou lutando e ofegando, por causa do esforço.

— *Pare*, mulher.

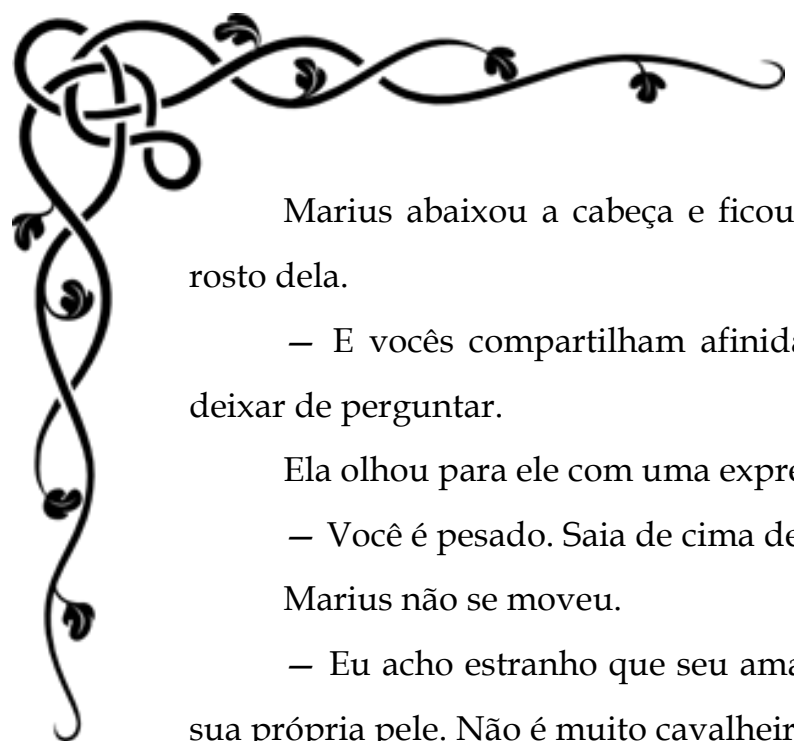
— Eu não aceito ordens de você.

— Eu temo que precise aceitar, porque eu já derrubei você. Felizmente, antes que você conseguisse enfiar sua adaga no meu peito, desta vez.

Ele observou a adaga ainda presa na mão dela. Uma pequena porção de ouro afiava a lâmina, exatamente como a outra.

— Parece que seu ferreiro teve bastante trabalho ultimamente.

— Sim. — Disse ela, respirando pesadamente. — Nós compartilhamos uma afinidade por metais que podem matar um vampiro.



Marius abaixou a cabeça e ficou a poucos centímetros de distância do rosto dela.

– E vocês compartilham afinidades um pelo outro? – Ele não pôde deixar de perguntar.

Ela olhou para ele com uma expressão intrigada antes de responder.

– Você é pesado. Saia de cima de mim.

Marius não se moveu.

– Eu acho estranho que seu amante a abandone no bosque para salvar sua própria pele. Não é muito cavalheiresco, se você me perguntar.

Ela lutou novamente, mas só conseguiu pressionar seu quadril curvilíneo contra o dele, aumentando sua tortura. Seus olhos brilharam de raiva.

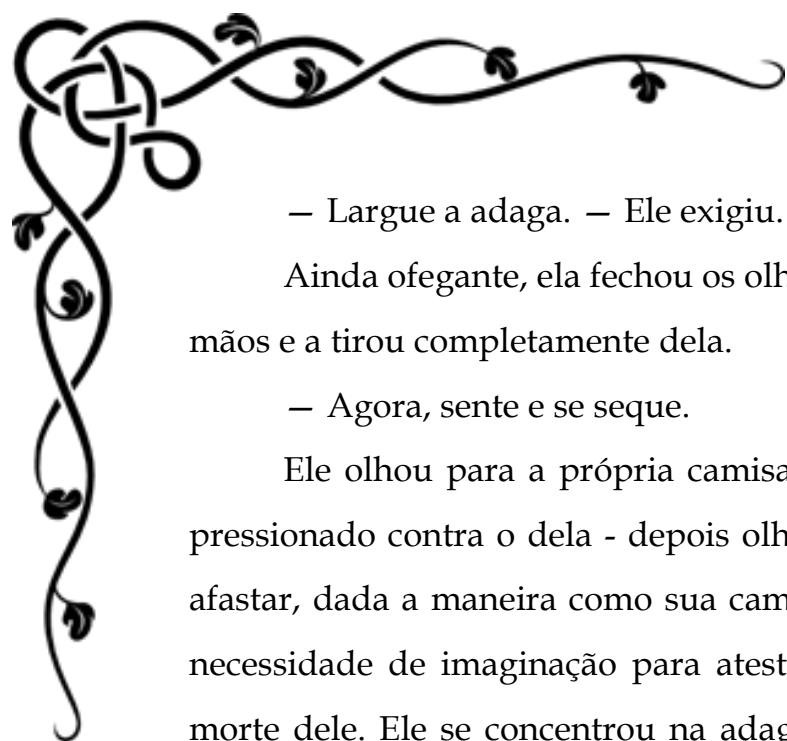
– Ele *não* é meu amante. Ele é meu amigo. E ele não me abandonaria. Temos um código que...

Ela mordeu o lábio inferior para não dizer outra palavra. Marius desejava apertar os lábios sobre os dela e provar aquela doce boca mais uma vez. Sua própria raiva diminuiu quando ela disse que o ferreiro não era seu amante. Isso não era um bom sinal. Definir seus desejos por uma mulher camponesa que continuamente tentou matá-lo não era muito sábio para um vampiro tão velho e experiente como ele. Mas ela já tinha ficado debaixo de sua pele, seu cheiro era a atração mais tentadora que ele já conheceu. Como um farol para um marinheiro em águas profundas, ele temia afundar prazerosamente se ela apenas oscilasse.

– O que foi agora, Sua *Alteza*? Você vai me morder e me matar? Se você vai, então ande logo com isso. Ou você gosta de brincar com sua presa?

– Matar você?

Ele abrandou um pouco de seu peso, paralisado por tal pensamento. Ela realmente acreditava que ele era um monstro? A combinação de terror e fúria que ele cheirava ligeiramente no suor em sua pele e que brilhava em seus olhos cor de avelã, diziam a ele que ela acreditava.



— Largue a adaga. — Ele exigiu.

Ainda ofegante, ela fechou os olhos e abriu o punho. Ele a pegou de suas mãos e a tirou completamente dela.

— Agora, sente e se seque.

Ele olhou para a própria camisa – encharcada depois de ter seu corpo pressionado contra o dela – depois olhou para ela. Ele teve que se forçar a se afastar, dada a maneira como sua camisa de linho se agarrava aos seios, sem necessidade de imaginação para atestar sua perfeição. Por Deus, ela seria a morte dele. Ele se concentrou na adaga em sua mão, inspecionando a borda cuidadosamente.

— Seu ferreiro é bastante hábil.

— Sim. — Ela concordou. — Ele é.

Ela dobrou as pernas, levando os joelhos até o queixo e envolveu seus braços ao redor deles. Ele cavou em sua bolsa e encontrou um pano. Depois de enrolar a lâmina, colocou-a numa bolsa do alforje e abotoou, certificando-se de que ela não poderia acessá-la facilmente depois. Suas botas e meias estavam próximas. Ele pegou e as jogou para ela.

— E o que acontece comigo quando voltamos? — Ela perguntou, puxando uma meia, a frustração transbordando em cada palavra, enquanto o observava se mover do cavalo para o fogo.

— Eu ainda não decidi.

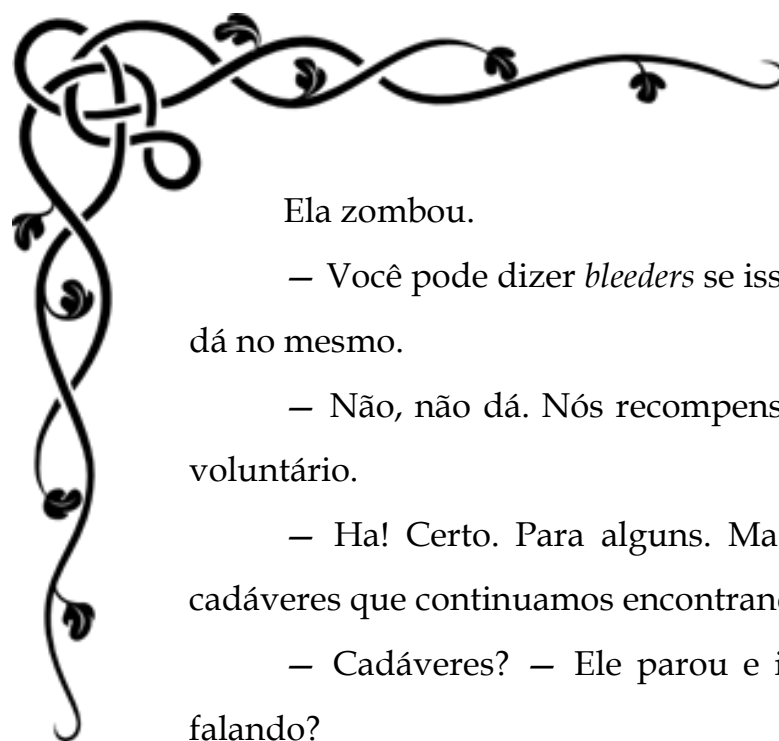
— Se você está pensando em me fazer virar uma das suas bolsas de sangue ambulantes, mais conhecidas como concubinas, prefiro me matar primeiro.

A força com que ela afirmou isso o atingiu. Marius se recostou contra uma árvore à sua frente, com os braços cruzados.

— Você nos odeia tanto assim?

— Sim.

— Bolsas de sangue ambulantes? Que termo deplorável.



Ela zombou.

– Você pode dizer *bleeders* se isso faz você se sentir menos invasivo, mas dá no mesmo.

– Não, não dá. Nós recompensamos os bleeders por seus serviços. E é voluntário.

– Ha! Certo. Para alguns. Mas alguém esqueceu de recompensar os cadáveres que continuamos encontrando em Larkin Wood.

– Cadáveres? – Ele parou e inclinou a cabeça. – Do que você está falando?

Ela olhou para ele com descrença.

– Não tenho certeza se você é um bom mentiroso ou o que, mas...

– Quando os cadáveres foram encontrados na floresta? Recentemente?

Ele sabia que um soldado já foi longe demais, mas isso fazia décadas. Ele e Nikolai encontraram os transgressores e os prenderam por seus crimes. Ele não tinha ouvido falar de alguém que havia saído da linha em muito tempo. Mas se o que ela estava dizendo era verdade, então ele descobriu por que a pobre empregada fugiu dele aterrorizada e tremendo na semana do baile.

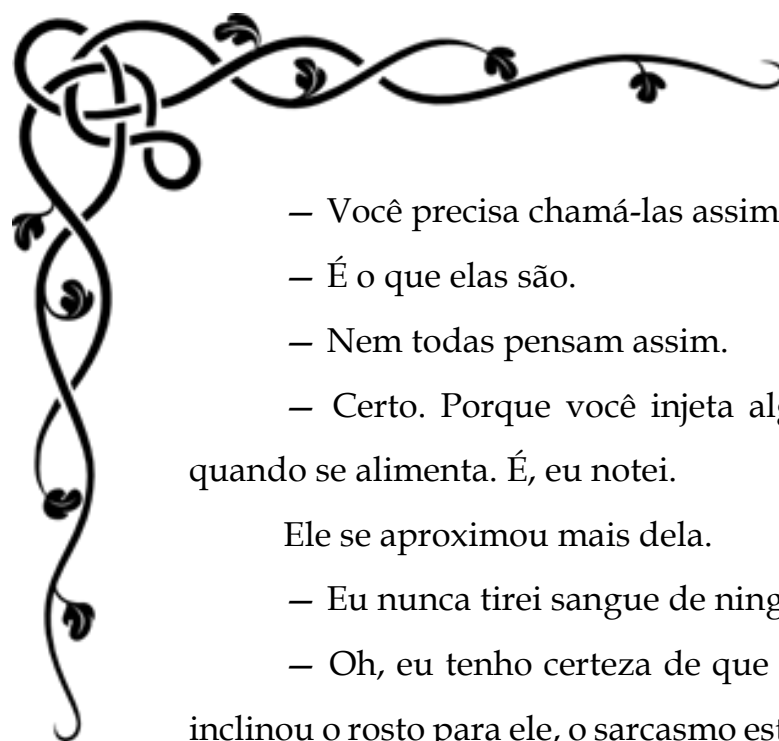
Ela sentou com as pernas cruzadas, já sem bater os dentes e examinou-o um momento antes de balançar a cabeça.

– Você precisa descer da sua torre de marfim com mais frequência. Parece que você está felizmente inconsciente do que acontece bem debaixo do seu nariz.

Ela penteou os cabelos dourados com as mãos e começou a trançá-los sobre o ombro, com movimentos rápidos, camada sobre camada, então puxou uma fita do bolso e a amarrou no fim, depois estendeu as mãos para o fogo.

– Nunca uma mulher falou comigo tão ousadamente. Você é, sem dúvidas, a mulher mais estranha que eu já conheci.

– Pelo menos, não sou entediante. Como todas aquelas bolsas de sangue no palácio.



– Você precisa chamá-las assim?
– É o que elas são.
– Nem todas pensam assim.
– Certo. Porque você injeta alguma toxina hipnótica ou algo do tipo quando se alimenta. É, eu notei.

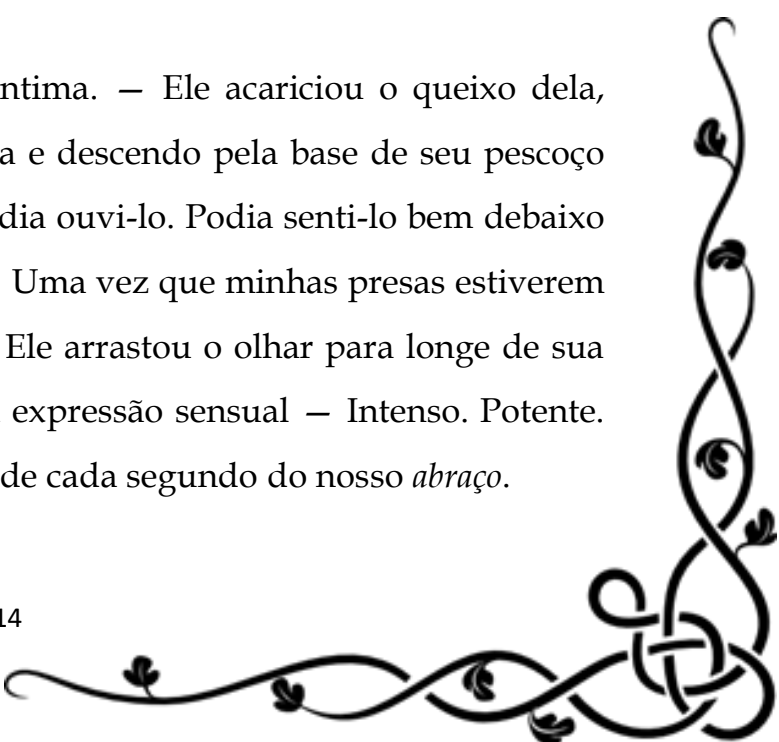
Ele se aproximou mais dela.

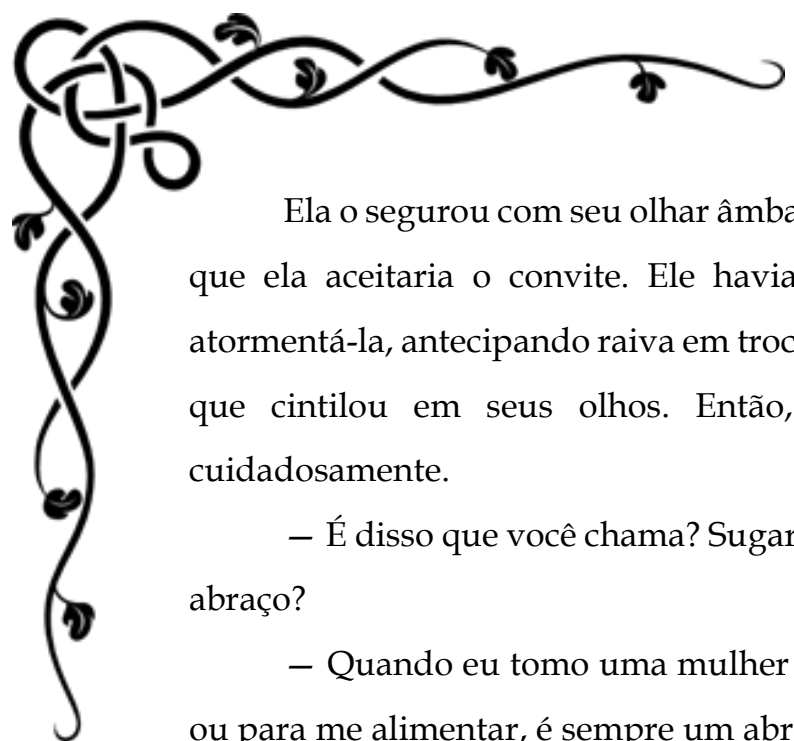
– Eu nunca tirei sangue de ninguém que não quisesse me dar.
– Oh, eu tenho certeza de que isso é verdade, querido Príncipe. – Ela inclinou o rosto para ele, o sarcasmo estava vibrando em cada palavra. – Tenho certeza de que ter caninos reais atacando seu pescoço é o sonho de todas as mulheres.

A raiva enrijeceu sua espinha, e agora era ele que estava tremendo. Ele praticamente sussurrou sua resposta, já que era mais de sua natureza ficar quieto e imóvel do que levantar a voz quando seu sangue estava fervendo. Ele se agachou diante dela e puxou seu queixo em direção a ele com o dedo indicador. Ela não resistiu, mas uma provocação sagaz encontrou seu olhar.

– É o seu sonho, Arabelle?
– Claro que não.
– Você tem certeza? Você não está nem um pouco curiosa?
– Por que eu estaria curiosa em saber como seria ter meu sangue sugado das minhas veias?

– É uma experiência bastante íntima. – Ele acariciou o queixo dela, deslizando seu dedo em direção à nuca e descendo pela base de seu pescoço delicado. O pulso dela acelerou. Ele podia ouvi-lo. Podia senti-lo bem debaixo de seus dedos. – Não é nada doloroso. Uma vez que minhas presas estiverem dentro de você, é isso. O prazer é... – Ele arrastou o olhar para longe de sua garganta macia e a paralisou com uma expressão sensual – Intenso. Potente. Eu me certificaria de que você gostasse de cada segundo do nosso *abraço*.





Ela o segurou com seu olhar âmbar, e por apenas um segundo, ele pensou que ela aceitaria o convite. Ele havia oferecido a experiência apenas para atormentá-la, antecipando raiva em troca. Ele não esperava ver a onda de desejo que cintilou em seus olhos. Então, ela ergueu a mão e o empurrou cuidadosamente.

— É disso que você chama? Sugar quase toda a vida de outra pessoa? Um abraço?

— Quando eu tomo uma mulher em meus braços, seja para minha cama ou para me alimentar, é sempre um abraço - suave, caloroso e prazeroso.

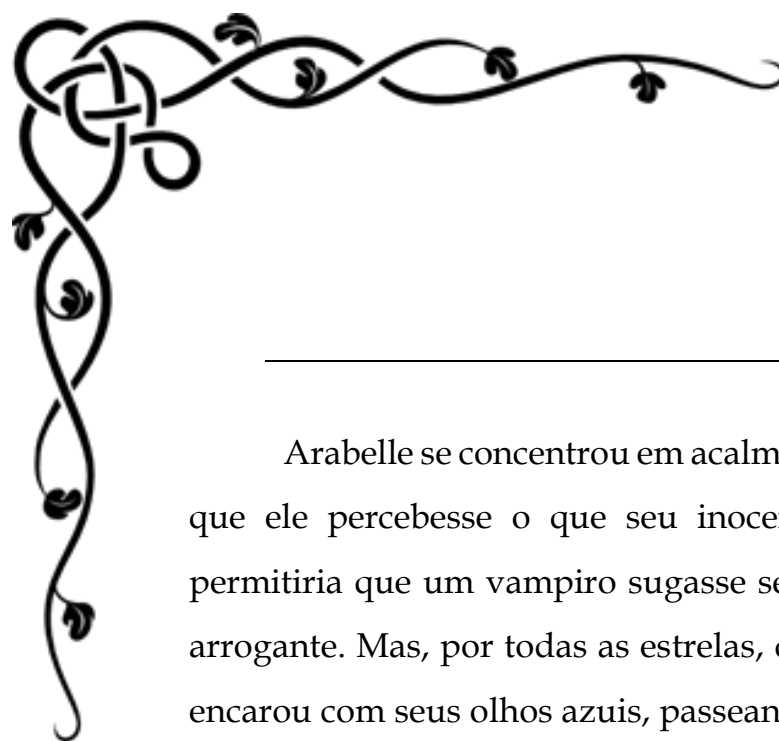
A boca dela formou um sorriso perverso.

— Muito bem... Então, nós nunca daríamos certo, meu Príncipe. Eu prefiro ser jogada na cama. Nunca fui do tipo que abraça e troca carinhos.

Depois que o choque inicial por saber que ela certamente não era virgem passou, ele riu.

— Tenho certeza de que isso é verdade.

Ele ficou de pé, precisando colocar alguma distância entre eles. Seu perfume inebriante dava voltas em seus pensamentos, enviando-o a uma queda brusca no chão frio. Sua adaga talvez não tenha penetrado seu coração, mas ela certamente atingiu sua mente e seu corpo. Ele estava determinado a não perder o juízo na presença do diabo. Era melhor manter distância.



Capítulo 13

Arabelle se concentrou em acalmar seus nervos. Ela se recusava a permitir que ele percebesse o que seu inocente convite lhe tinha feito. Ela nunca permitiria que um vampiro sugasse seu sangue, especialmente não um nobre arrogante. Mas, por todas as estrelas, quando ele se abaixou na frente dela e a encarou com seus olhos azuis, passeando com seus dedos pelo seu pescoço, ela quase conseguiu se imaginar deitada no chão, se preparando para recebê-lo.

O que ele tinha feito com ela? Que tipo de magia de vampiro era essa? Até mesmo agora, enquanto ele empilhava alguns troncos para alimentar o fogo, tudo o que ela podia imaginar era a boca dele em sua pele e em como isso seria incrivelmente maravilhoso. Seu olhar seguiu o movimento de suas mãos e os músculos rígidos de seus antebraços desaparecendo debaixo da camisa, onde ele enrolou as mangas, depois até a largura do peito, tentando imaginar como ele ficaria sem camisa.

Chega disso, Arabelle.

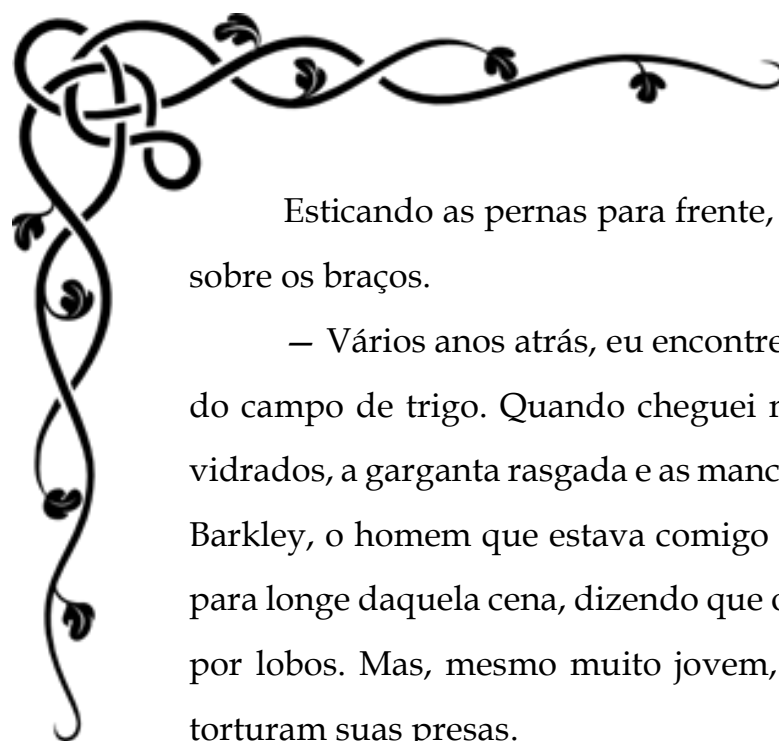
— Conte-me sobre esses cadáveres. — Ele disse, seu tom estava mais sóbrio e já não era mais o timbre sedutor de alguns momentos antes.

Surpreendentemente, ele realmente pareceu estar preocupado.

— Sempre houveram cadáveres, desde que me lembro. Só que eles não são apenas de Sylus. — Ela fez uma pausa e o examinou. — E eles estão aumentando. Muito mais rápido, ultimamente.

— Me conte. — Ele a encorajou. — Por favor.

Ela estudou o Príncipe por um momento. A sinceridade dele suavizou seu coração de uma maneira que a assustou. Ele era o inimigo, ela se repreendeu. No entanto, ele tinha que saber sobre o mal que avançava em seu próprio reino.



Esticando as pernas para frente, ela se inclinou para trás e apoiou o peso sobre os braços.

– Vários anos atrás, eu encontrei uma multidão de trabalhadores à beira do campo de trigo. Quando cheguei mais de perto, vi um homem com olhos vidrados, a garganta rasgada e as manchas escuras de sangue sobre suas roupas. Barkley, o homem que estava comigo no Crossing, estava lá. Ele me conduziu para longe daquela cena, dizendo que os ferimentos deveriam ter sido causados por lobos. Mas, mesmo muito jovem, eu sabia que não eram lobos. Eles não torturam suas presas.

O Príncipe não disse nada, escutando sua história com um silêncio sombrio enquanto olhava para o fogo.

Ela continuou.

– Com o passar dos anos, mais e mais corpos apareceram. Parecia que durante um tempo, os vampiros que cometeram esses crimes tentaram esconder suas vítimas. Mas, à medida que o tempo passava, os corpos apareciam de forma mais descuidada, a céu aberto. E com muito mais frequência.

– Se era desse jeito, você deveria ter denunciado a situação ao palácio.

Ela zombou.

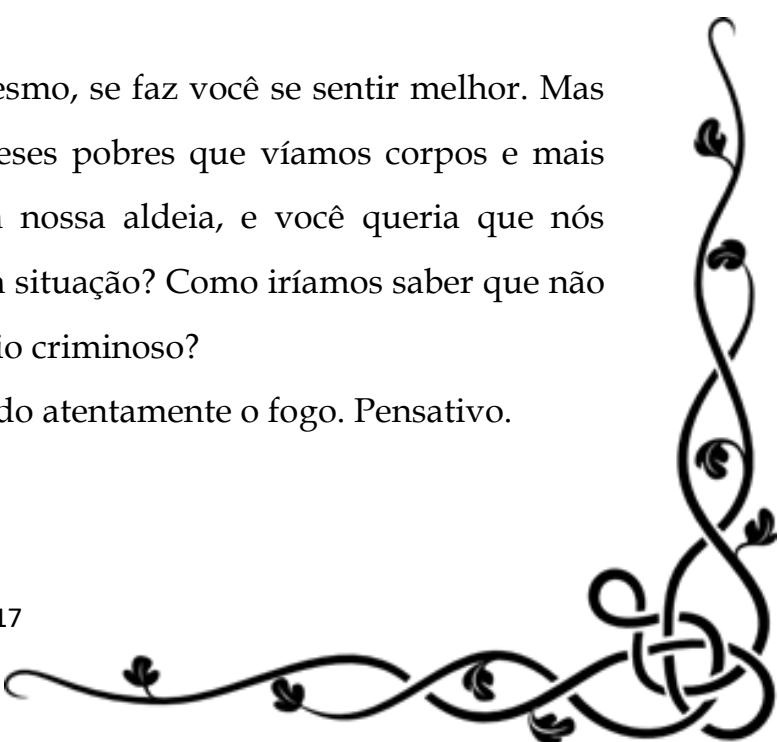
– Você está falando sério? Você acha mesmo que eu correria esse risco?

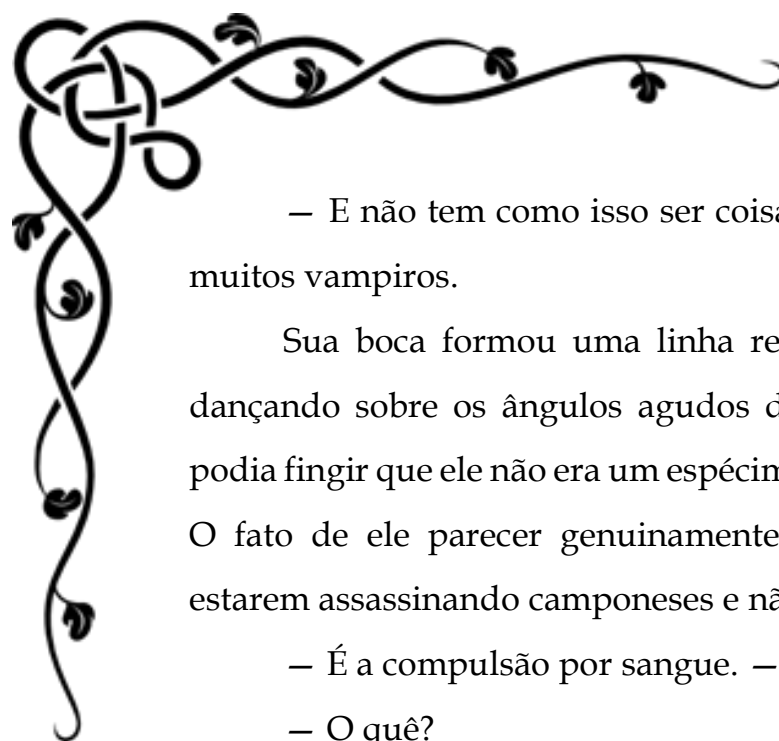
– Nós somos monarcas, não tiranos. Teríamos descoberto quem era o criminoso.

– Continue dizendo isso a si mesmo, se faz você se sentir melhor. Mas entenda o nosso lado. Somos camponeses pobres que víamos corpos e mais corpos serem despejados ao redor da nossa aldeia, e você queria que nós fôssemos até o palácio para denunciar a situação? Como iríamos saber que não estaríamos denunciando tudo ao próprio criminoso?

Marius não respondeu, observando atentamente o fogo. Pensativo.

Ela continuou.





— E não tem como isso ser coisa de apenas um vampiro. Isto é coisa de muitos vampiros.

Sua boca formou uma linha reta enquanto olhava para o fogo, a luz dançando sobre os ângulos agudos de sua mandíbula e bochechas. Ela não podia fingir que ele não era um espécime bonito, mesmo que ele fosse o inimigo. O fato de ele parecer genuinamente preocupado com o fato de vampiros estarem assassinando camponeses e não serem pegos a chocou.

— É a compulsão por sangue. — Ele disse calmamente. — Tem que ser.

— O quê?

— Compulsão por sangue. — Ele respirou profundamente e encontrou seu olhar através da chama cintilante. — O nome correto é *Furorem sanguinea*⁸.

Ela se sentou mais reta e elevou as pernas.

— O que é isso, essa compulsão por sangue?

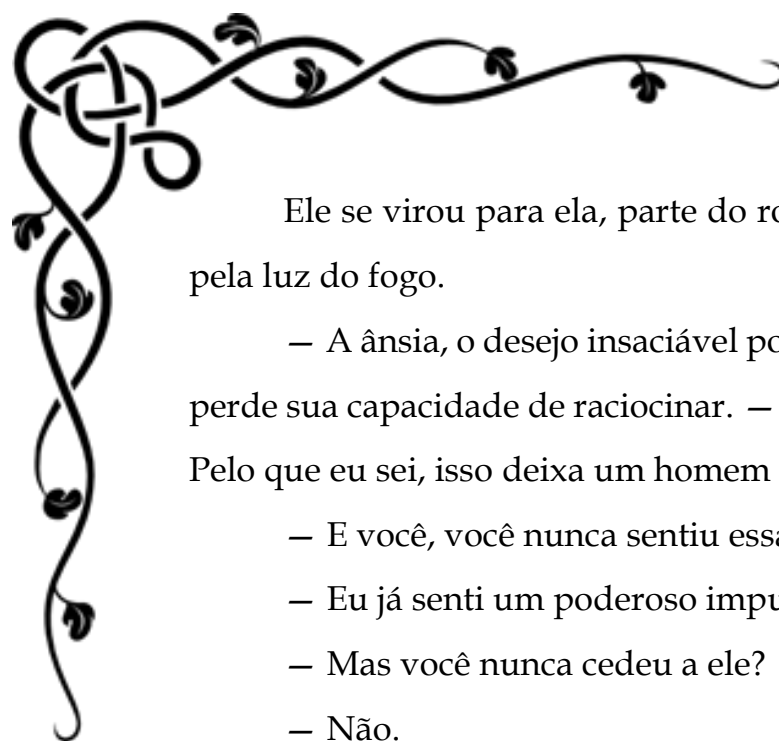
Ele se aproximou e se sentou no chão ao lado dela, pés separados, braços ao redor de seus joelhos, mãos cruzadas. Sua camisa branca de linho esticou-se contra seu corpo magro, revelando os músculos de seus ombros. O olhar de Arabelle deslizou de volta para o rosto dele, onde sua expressão estava compenetrada em um pensamento profundo.

— Me conte. — Ela insistiu, com um tom muito parecido com o que ele havia usado alguns momentos antes.

— Nós não falamos sobre isso. — Ele começou a falar, hesitante. — Nós chamamos isso de loucura, mas é muito parecido com uma doença. Quando um vampiro se entrega ao frenesi, acabou para ele. Sim, ele matará por sangue, porque sua vontade é comandada pela necessidade de consumir até a última gota de sangue.

— Como assim?

⁸ Fúria do sangue, um termo que eles usam para descrever a doença que atingiu os vampiros e dizimou a população humana.



Ele se virou para ela, parte do rosto ainda na sombra, a outra iluminada pela luz do fogo.

— A ânsia, o desejo insaciável por sangue é tão poderoso que o indivíduo perde sua capacidade de raciocinar. — Seu olhar pairou na boca de Arabelle. — Pelo que eu sei, isso deixa um homem louco. Literalmente.

— E você, você nunca sentiu essa compulsão por sangue antes?

— Eu já senti um poderoso impulso para beber sangue antes, sim.

— Mas você nunca cedeu a ele?

— Não.

— E como você pode ter certeza de que você não tem isso, essa compulsão?

— Porquê se eu tivesse, você não estaria sentada aí, tão linda e perfeita. Você estaria presa embaixo de mim, com as minhas presas em sua carne.

Arabelle congelou. Ele quis dizer que ele, que ela...

— Sim. — Ele disse, parecendo responder a seus próprios pensamentos.

— Você agita meu sangue, atíça meus desejos mais primitivos, Arabelle. Mas não vou ceder a eles. Você não está em perigo.

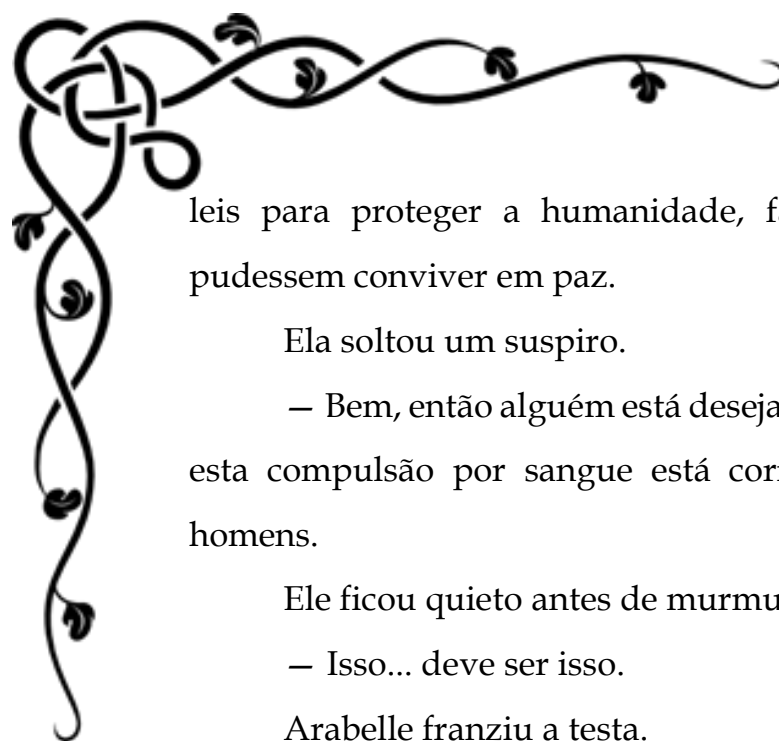
E, no entanto, ela nunca se sentiu tão perto do perigo em toda sua vida.

— Isso é um alívio. — Ela disse, limpando a garganta.

A tensão engrossou o ar enquanto a atenção dele permaneceu fixa sobre ela e a dela sobre ele. Ela notou que as pontas de suas presas se estenderam quando ele falou e se forçou a não olhar. Uma parte pervertida dentro dela ansiava por passar a língua sobre eles, como tinha feito na noite em que o conheceu, apenas para sentir a sensação ardente de seu desejo mais uma vez.

Ele rompeu a conexão e se concentrou no fogo, antes de começar a falar de novo, com sua voz suave e gentil desta vez.

— Nossos antepassados, descendentes diretos do vampiro original, viveram com a compulsão por sangue e diminuíram a população humana para um mínimo surpreendente. Até que um novo regime finalmente estabeleceu as



leis para proteger a humanidade, fazendo com que homens e vampiros pudessem conviver em paz.

Ela soltou um suspiro.

— Bem, então alguém está desejando os velhos tempos de volta. Visto que esta compulsão por sangue está correndo desenfreada em alguns de seus homens.

Ele ficou quieto antes de murmurar para si mesmo.

— Isso... deve ser isso.

Arabelle franziu a testa.

— Deve ser isso o quê?

— Nada. — Ele limpou a garganta. — Se o que você diz é verdade, então eu preciso fazer minha própria investigação. Nossas leis não são apenas para proteger a humanidade, mas também a nossa própria espécie de sucumbir de volta à escuridão.

— A escuridão?

— O lugar onde o homem se perde dentro do vampiro, e ele não é nada além de um animal altamente letal e enlouquecido.

Arabelle não sabia o que dizer para responder a isso. Ela nunca pensou que um dia estaria sentada ao redor de uma fogueira, discutindo racionalmente com o Príncipe dos vampiros a respeito dos assassinatos de seu povo e a necessidade de detê-los. Ele pareceu terminar abruptamente seu raciocínio e ficou de pé, estendendo uma mão para ela.

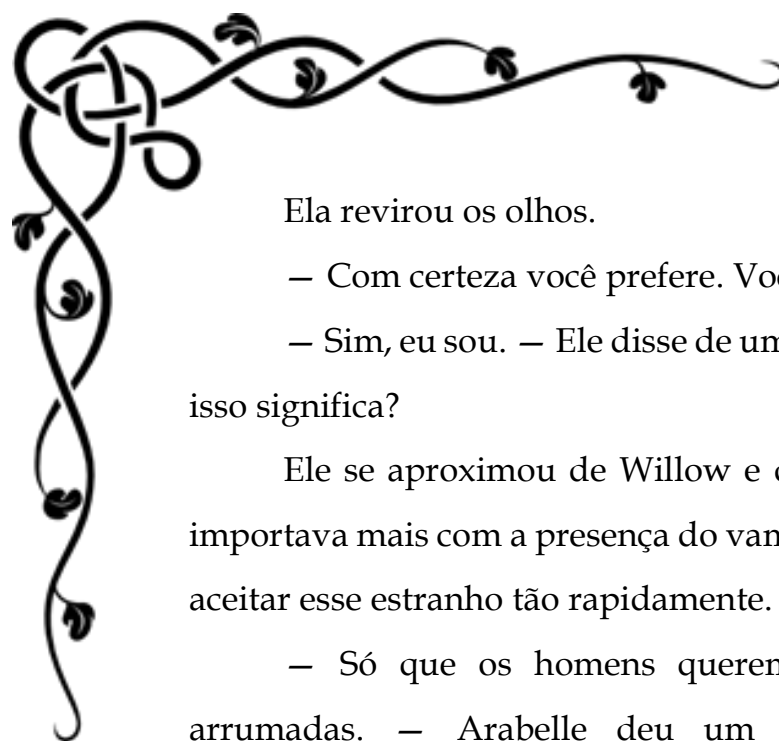
— É hora de voltar para o palácio.

Quando estava começando a admirá-lo, ela voltou a ser prisioneira. Em pé, ela sacudiu a poeira na parte de trás.

— Por que você usa roupas masculinas? — Ele perguntou.

— Era tudo o que eu tinha quando saí da minha casa em Sylus. E, francamente, é mais confortável, e facilita na hora de cavalgar.

— Eu prefiro você no vestido que usou na outra noite.



Ela revirou os olhos.

– Com certeza você prefere. Você é um homem.

– Sim, eu sou. – Ele disse de uma forma perplexa. – E o que exatamente isso significa?

Ele se aproximou de Willow e desamarrou suas rédeas. A égua não se importava mais com a presença do vampiro. Arabelle a achou uma traidora por aceitar esse estranho tão rapidamente.

– Só que os homens querem suas mulheres bonitas, delicadas e arrumadas. – Arabelle deu um tapinha no pescoço de Willow. – Extremamente repugnante.

– Isso nem sempre é verdade.

– Sério? Que tipo de mulher você prefere?

E por que raios ela estava perguntando essas coisas?

Ele segurou a sela e se aproximou. Ela se recostou no estribo, apoiando o quadril contra Willow.

A voz dele baixou mais uma vez.

– Eu gosto das minhas mulheres com um pouco de personalidade.

– Isso é uma surpresa. Eu poderia jurar que você prefere as mais dóceis e obedientes, baseada no que vi em seu Harém de Sangue.

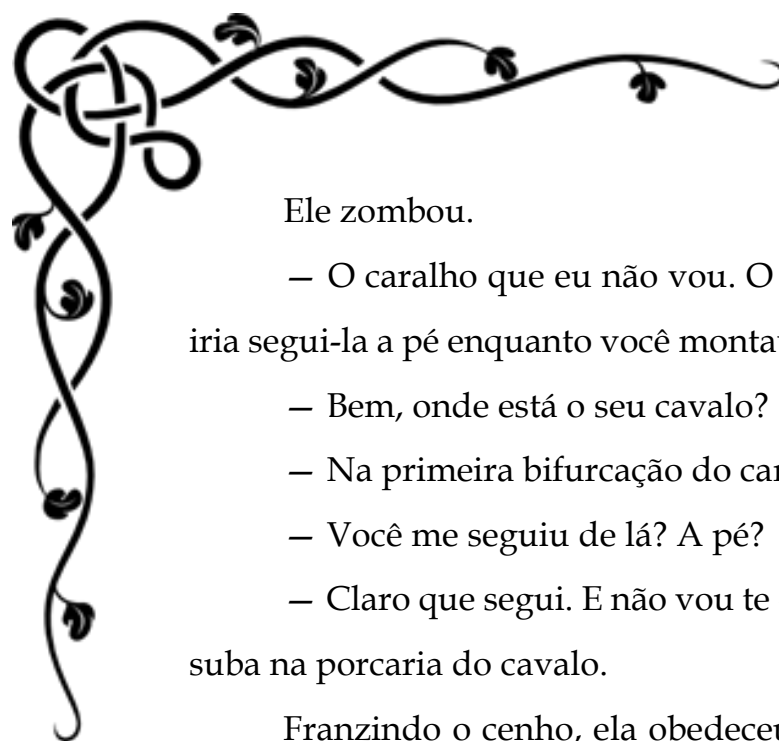
– Meus gostos mudaram.

– Desde que você pegou sua última prostituta de sangue? Oh, quero dizer, concubina, é claro.

Ele sorriu e Arabelle se sentiu derreter por dentro, embora ela mantivesse sua expressão neutra e, aparentemente, não afetada.

– Não. – Ele disse, apoiando-a contra o cavalo. – Eu diria que meus gostos mudaram mais recentemente. – Ele se inclinou, diminuindo a distância entre eles. Aproximando os lábios dos dela. – Bem recentemente. – Então, ele recuou um passo. – Primeiro as damas.

– O quê? Você não vai cavalgar comigo.



Ele zombou.

– O caralho que eu não vou. O que você achou que eu ia fazer? Que eu iria segui-la a pé enquanto você montava, lhe dando a chance de fugir de novo?

– Bem, onde está o seu cavalo?

– Na primeira bifurcação do caminho. Bem lá atrás.

– Você me seguiu de lá? A pé?

– Claro que segui. E não vou te dar a chance de fugir novamente. Agora, suba na porcaria do cavalo.

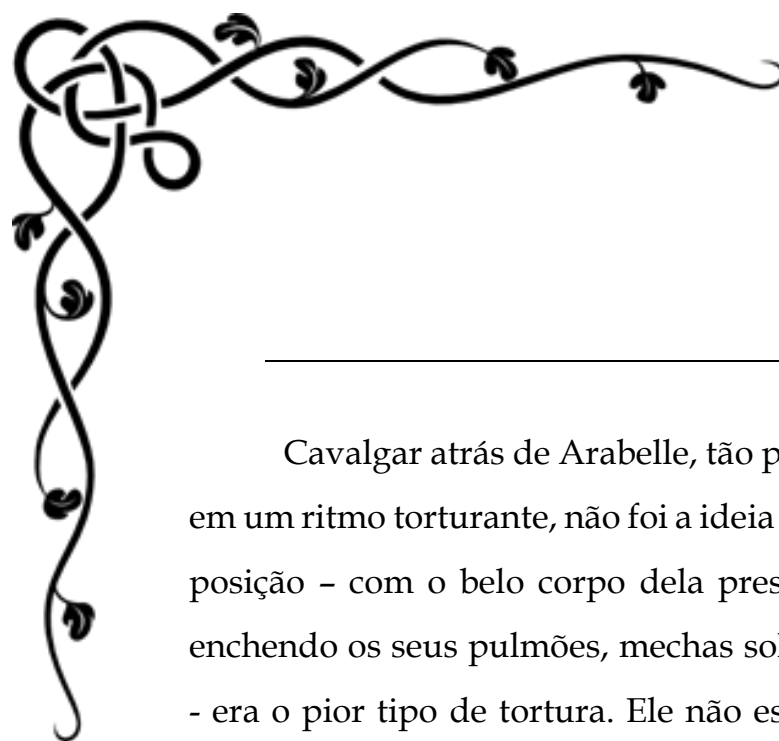
Franzindo o cenho, ela obedeceu. Então ele subiu atrás dela, todo o seu corpo pressionando contra ela - pernas, peito e tórax. Ele agarrou as rédeas, mantendo um braço de cada lado dela. Ela não teve escolha a não ser simplesmente segurar no apoio da sela e fingir que o corpo dele - duro e musculoso - pressionado contra o dela, não fazia sua mente vagar com pensamentos rebeldes.

Ele inclinou a cabeça para baixo, colocando a boca perto de sua orelha, soprando as palavras contra seu pescoço e bochecha, com um sorriso em sua voz.

– Não se preocupe, Arabelle. Eu não vou te morder.

– Isso era para ser engraçado? – Ela perguntou, olhando para a frente enquanto ele guiava Willow na trilha escura, deixando a fogueira acesa atrás deles.

– Não. – Ele disse, endireitando a postura e distanciando a boca de seu pescoço. – É uma promessa.



Capítulo 14

Cavalgar atrás de Arabelle, tão perto que o traseiro dela roçava contra ele em um ritmo torturante, não foi a ideia mais brilhante que ele já teve. Estar nesta posição – com o belo corpo dela pressionando contra ele, o cheiro de chuva enchendo os seus pulmões, mechas soltas do cabelo dela voando no rosto dele – era o pior tipo de tortura. Ele não estava mentindo quando prometeu não a morder. Mas ele disse as palavras mais para ele do que para ela. Se ele fizesse a promessa em voz alta, ele teria que mantê-la. Ele era um homem de princípios, não importa o que ela pensasse dele.

– Então, quando é que esse ódio ardente pelos vampiros começou? – Perguntou Marius, precisando falar e evitar que sua mente vagasse abaixo do cinto.

– Só o fato de vocês existirem já oprime o meu povo. – Ela respondeu uniformemente.

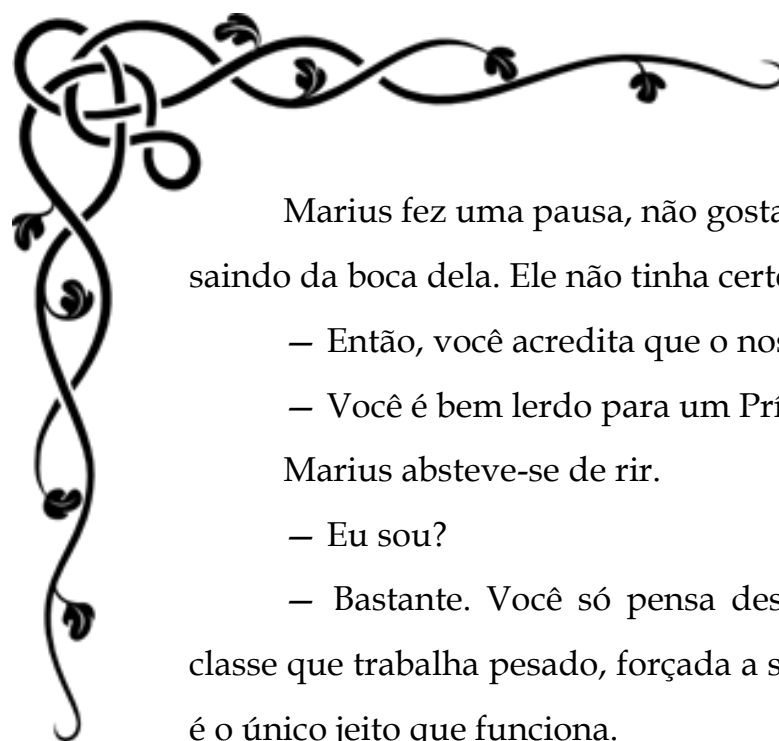
– Como é que a nossa existência oprime vocês?

Ela soltou uma risada. Tão impróprio. Marius sorriu, apesar de ela não poder ver.

– Somos nós que trabalhamos na sua terra e ralamos o dia todo para que vocês possam desfrutar dos luxos de seu castelo intocável, e você me pergunta isso?

– Nós somos monarcas, não tiranos, Arabelle. E você não trabalha para mim. Não diretamente. E nem metade da aldeia. Eles trabalham para a aristocracia de Sylus.

– *Sim*. Que fornece uma porcentagem de seus lucros da agricultura para o *seu* palácio. Enquanto isso, recebemos restos de nossos mestres. Apenas o suficiente para sobreviver e viver uma vida simples.



Marius fez uma pausa, não gostando de ouvir as palavras ‘*nossos mestres*’ saindo da boca dela. Ele não tinha certeza do porquê.

– Então, você acredita que o nosso sistema de classes não funciona.

– Você é bem lerdo para um Príncipe, não é?

Marius absteve-se de rir.

– Eu sou?

– Bastante. Você só pensa desse jeito porque sempre foi assim; uma classe que trabalha pesado, forçada a servir a classe alta e rica. Para vocês, esse é o único jeito que funciona.

– Funciona assim há séculos.

– Sim. E está errado há séculos. Se você realmente leu o livro *The Perils of Class Society*, então você sabe que estou certa.

Ela o pegou. Ele leu aquele livro. Três vezes. E ele se contorceu com suas verdades, bem como com suas hipocrisias.

– Não vai funcionar.

– E é aí que você se engana. Vai funcionar. A classe camponesa vai se libertar. Eu vou garantir isso.

– Você e quem? O Black Lily?

– Sim.

– Vocês vão morrer antes que tudo termine.

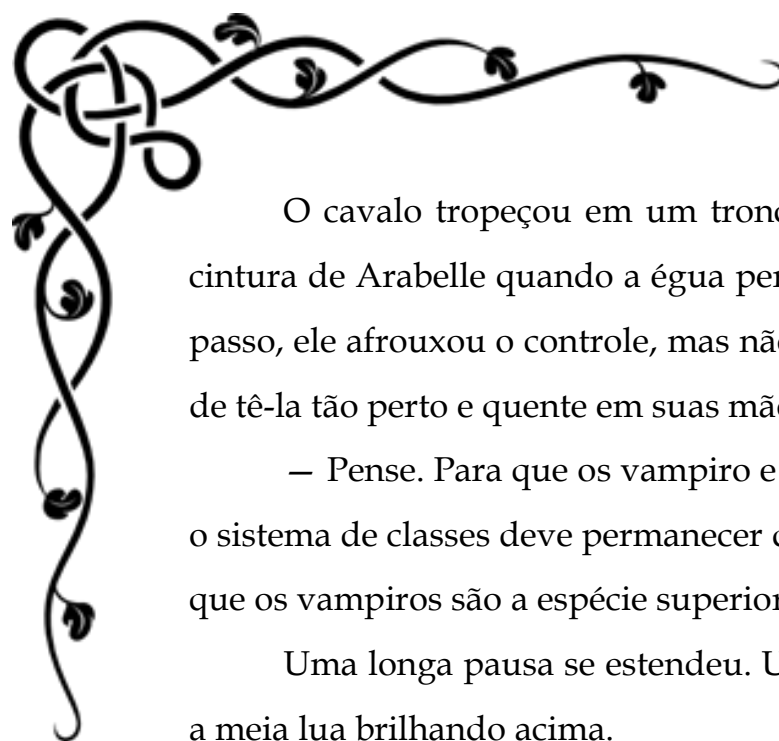
– Você está nos subestimando. Temos nossos recursos.

– Isso é verdade. Por que você não me diz onde está o seu estoque de ouro? Você deve ter encontrado ouro em grande quantidade para revestir tantas lâminas e flechas.

– Ha! Como se eu fosse te dizer.

– Você não pode realmente acreditar que permitiremos que vocês mantenham um arsenal de ouro à disposição, agora que sabemos que vocês o possuem. E que vocês planejam usá-lo contra nós.

– Eu achei que você tinha dito que não eram tiranos.



O cavalo tropeçou em um tronco. Marius passou o braço em torno da cintura de Arabelle quando a égua perdeu o ritmo. Quando ela endireitou seu passo, ele afrouxou o controle, mas não tirou o braço, aproveitando a sensação de tê-la tão perto e quente em suas mãos.

— Pense. Para que os vampiro e a humanidade convivam pacificamente, o sistema de classes deve permanecer do mesmo jeito. Você pelo menos admite que os vampiros são a espécie superior, no quesito da força *física*?

Uma longa pausa se estendeu. Uma parte descoberta da floresta revelou a meia lua brilhando acima.

— Você admite? — Perguntou novamente.

Ele a ouviu murmurar.

— Sim. — Ele sabia quão difícil era para ela admitir essa verdade.

— Então, é mais do que natural que sejamos a espécie mais apta para governa a terra.

— O senhor é um idiota presunçoso, Príncipe Marius.

— Você tem permissão para me chamar apenas de Marius.

— Eu não quero te chamar de nada.

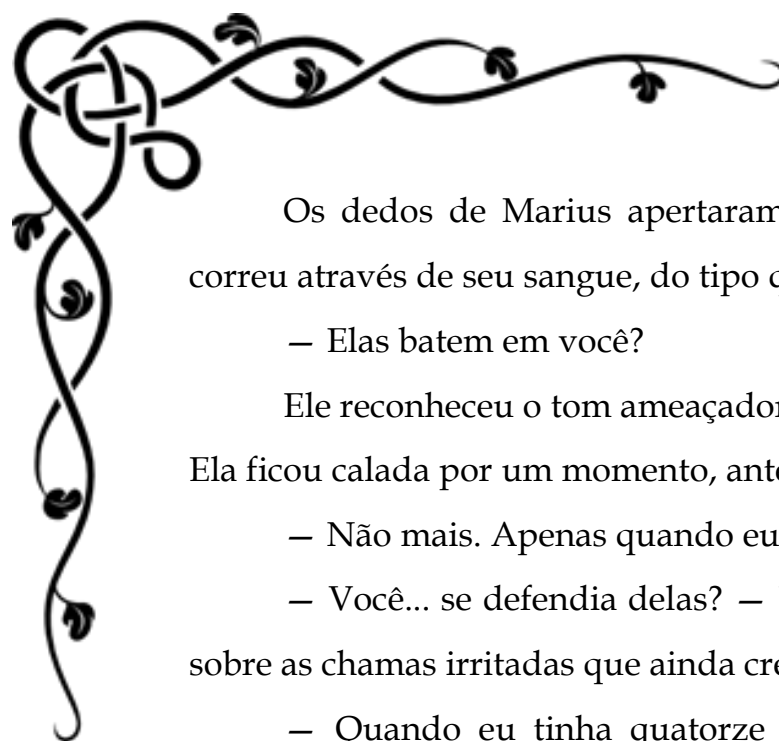
— Exceto de idiota presunçoso.

— Sim! Exceto disso.

Ela balançou na sela, como se pudesse ir a algum lugar. Sua agitação apenas o lembrou do quão maravilhosa e dolorosamente perto seu traseiro estava de uma parte particularmente rígida de sua anatomia.

— Eu entendo sua situação.

— Oh, você entende? Você sabe como é ir dormir com fome, tentando ignorar as dores insuportáveis em seu estômago? Você entende como é lavar roupa no auge do inverno, até seus dedos ficarem dormentes, rachados e sangrando? Você entende a humilhação de ser menosprezada e açoitada ao bel prazer de Lady Lucinda e suas filhas porcas, imbecis, vaidosas e pervertidas?



Os dedos de Marius apertaram em sua cintura. Um lampejo de fogo correu através de seu sangue, do tipo que ele nunca sentiu antes.

— Elas batem em você?

Ele reconheceu o tom ameaçador de sua voz, mas não havia como evitar. Ela ficou calada por um momento, antes de responder.

— Não mais. Apenas quando eu era jovem demais para me defender.

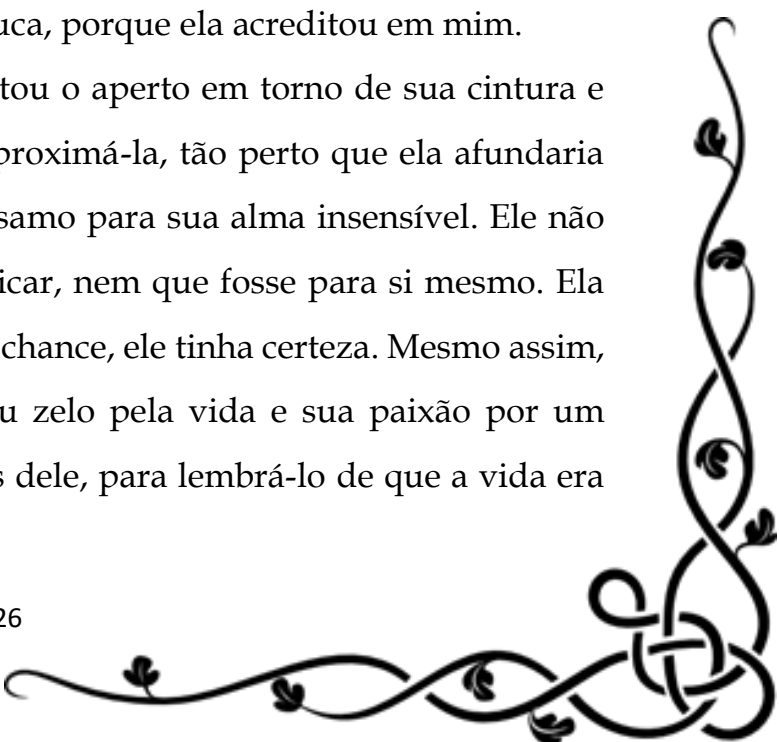
— Você... se defendia delas? — Ele perguntou, com admiração jorrando sobre as chamas irritadas que ainda crepitavam através dele.

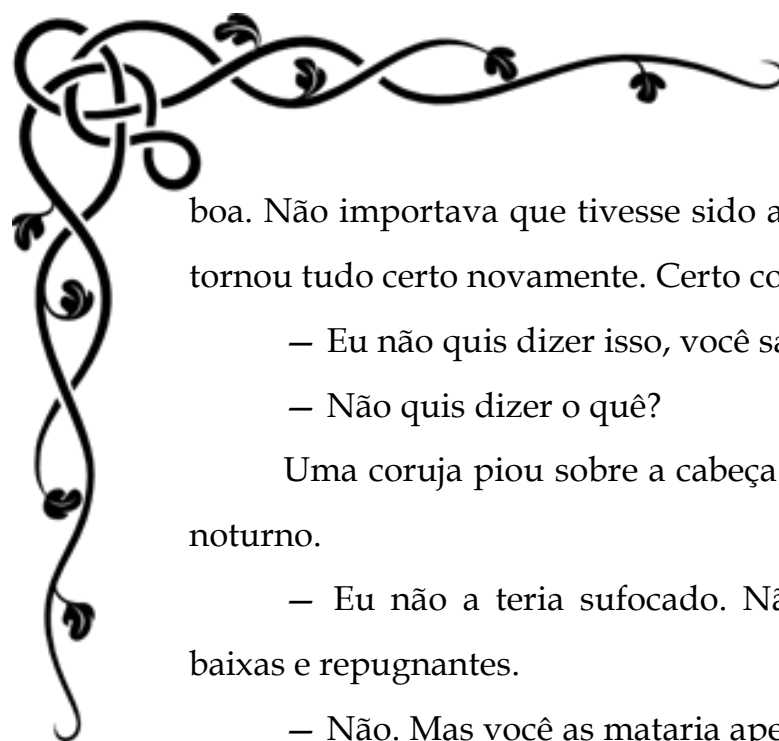
— Quando eu tinha quatorze anos, eu estava varrendo a lareira no dormitório daquela bruxa, Drusilla. Esse não era o meu trabalho regular, mas a empregada e eu às vezes nos ajudávamos. Mary estava doente naquele dia.

— E o que aconteceu?

— Eu estava varrendo enquanto Drusilla escovava os cabelos vaidosamente, quando uma brasa pulou do fogo em seu tapete rosa. Ela saltou de seu assento e virou em minha direção, dizendo nomes desagradáveis e ergueu a escova de porcelana como se quisesse me atacar. — Arabelle fez uma pausa e deu uma pequena risada. — Eu aponteí o cabo da vassoura para ela e disse que se ela me atingisse com a escova, eu iria rastejar para dentro do quarto dela no meio da noite e estrangulá-la. E ninguém a ouviria, porque eu sufocaria seu rosto com seu próprio travesseiro. Seus olhos ficaram tão arregalados. Eu devia estar parecendo mesmo muito louca, porque ela acreditou em mim.

Arabelle riu de novo. Ele aumentou o aperto em torno de sua cintura e sentiu sua tensão. Ele desejou poder aproximá-la, tão perto que ela afundaria dentro dele. Arabelle era como um bálsamo para sua alma insensível. Ele não conseguia entender, muito menos explicar, nem que fosse para si mesmo. Ela tentaria matá-lo novamente se tivesse a chance, ele tinha certeza. Mesmo assim, ele desejava respirar sua essência - seu zelo pela vida e sua paixão por um mundo melhor - e deixá-la fluir através dele, para lembrá-lo de que a vida era





boa. Não importava que tivesse sido amargo e cruel por tantos anos. Arabelle tornou tudo certo novamente. Certo como a chuva.

— Eu não quis dizer isso, você sabe. — Disse ela.

— Não quis dizer o quê?

Uma coruja piou sobre a cabeça deles, em seguida, levantou voo no céu noturno.

— Eu não a teria sufocado. Não assassino pessoas apenas por serem baixas e repugnantes.

— Não. Mas você as mataria apenas por terem nascido na família real de Varis.

Ela se virou e encontrou seu olhar sobre o ombro dela. Pelas estrelas, o desejo de beijar seus lábios entreabertos quase o esmagou.

— Sim. — Disse ela. — Eu teria. Eu queria.

— E você ainda quer me matar, Arabelle?

Ela não respondeu, examinando o rosto dele, quase que memorizando todas as linhas.

— Ainda quer? — Ele perguntou novamente, sentindo seu pulso acelerar, porque ela hesitou, dando-lhe a esperança de que ele tivesse quebrado o muro de ódio contra sua espécie.

Um uivo ecoou há alguns metros de distância. Arabelle inclinou a cabeça para a frente, pressionando de novo em seu aperto. A égua estremeceu e se esquivou do barulho terrível.

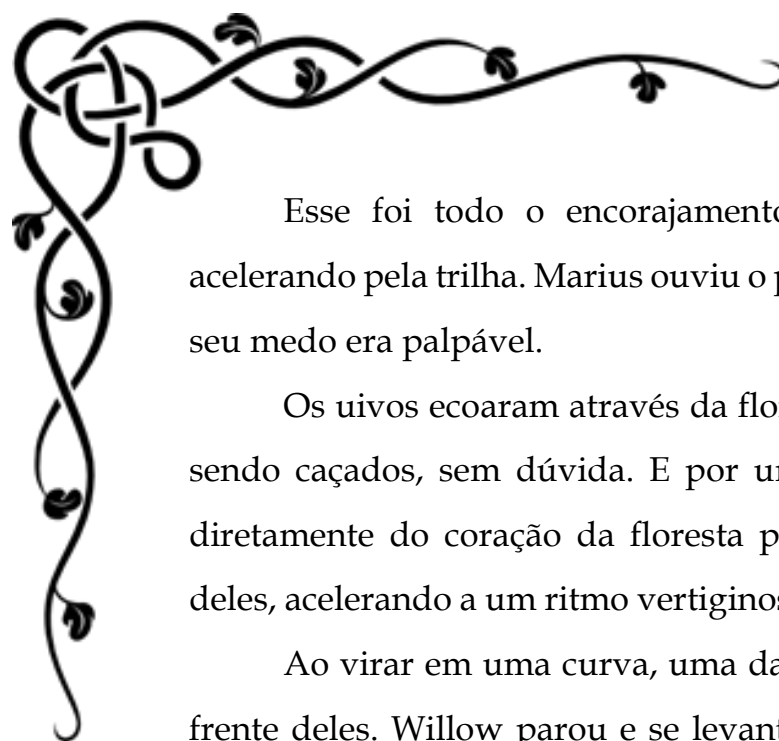
— Um lobo místico. — Disse Marius.

Outro uivo e depois um latido ainda mais perto, à direita.

— São dois. — sussurrou Arabelle. — Vamos, Willow. — Ela cutucou sua égua com os calcanhares e eles partiram em um trote rápido.

Um galho quebrou a esquerda, então um par de olhos luminescentes brilharam na floresta, diretamente em seu caminho.

— Yah! — Gritou Marius, exortando a besta.



Esse foi todo o encorajamento que a égua precisava, decolando e acelerando pela trilha. Marius ouviu o pulso de Arabelle batendo selvagememente, seu medo era palpável.

Os uivos ecoaram através da floresta, cada vez mais perto. Eles estavam sendo caçados, sem dúvida. E por uma alcateia de lobos místicos, nascidos diretamente do coração da floresta proibida. A égua batia no chão debaixo deles, acelerando a um ritmo vertiginoso. Ela era rápida, disso ele tinha certeza.

Ao virar em uma curva, uma das feras brancas saltou para o caminho à frente deles. Willow parou e se levantou, soltando um dos pés de Marius do estribo. O impulso enviou ele e Arabelle para trás, derrubando-os no chão. Ele a abraçou, deixando-se cair de costas e absorver todo o impacto. Ele bateu no chão, com um *baque* alto que o desestabilizou, mas não quebrou seus ossos. Ele rolou para o lado e depois se levantou.

— Arabelle. — Ele a chamou e a colocou de pé, puxando-a para trás dele.

Um estranho rosnado veio por trás. Ele se virou para ver um lobo cor de ébano, maior do que o lobo branco de pelos grossos, deslizando para a frente das madeiras densas com um movimento leve, quase gracioso. Ele avançou um pouco mais do que sua companheira.

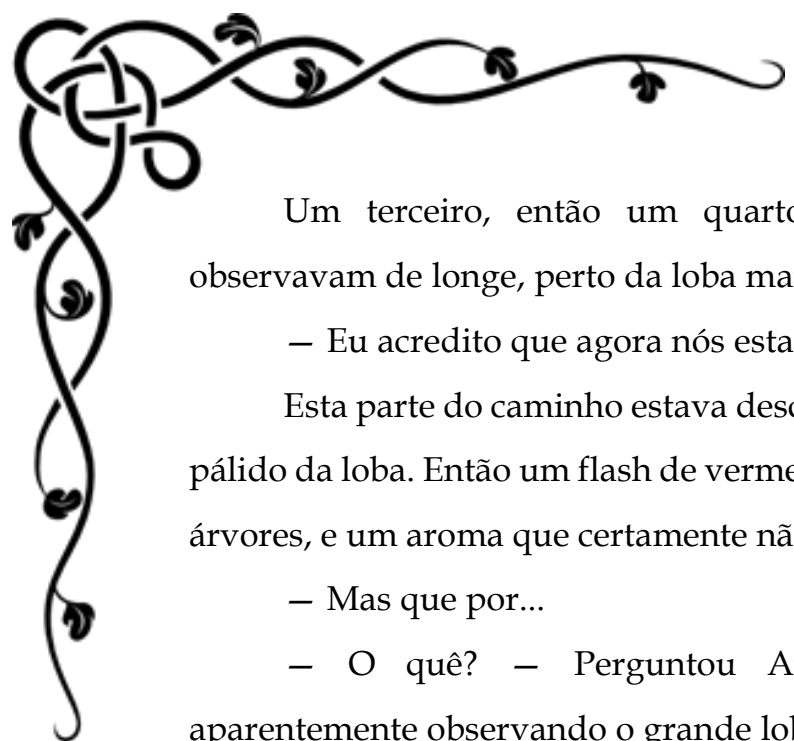
Arabelle se espremeu contra suas costas e envolveu seus braços em volta de sua cintura. Esta certamente não era a situação que ele esperava, quando sonhava com Arabelle agarrando-se a ele. Outro som de rosnado veio do próprio Marius, como uma resposta instintiva de vampiro.

— Merda, Marius, você deveria ter me dado uma arma.

— E por que eu teria dado uma arma à mulher que tentou me matar? Duas vezes!

— No caso de sermos derrubados do nosso cavalo e cercados por lobos místicos enormes.

— Não estamos cercados.



Um terceiro, então um quarto lobo - ambos marrons escuros - observavam de longe, perto da loba maior.

— Eu acredito que agora nós estamos, Sua Alteza.

Esta parte do caminho estava descoberta de mata, a lua brilhando no pelo pálido da loba. Então um flash de vermelho pegou o olho de Marius através das árvores, e um aroma que certamente não era de um lobo.

— Mas que por...

— O quê? — Perguntou Arabelle, ainda agarrada atrás dele, aparentemente observando o grande lobo preto atrás deles.

Antes que Marius pudesse responder, a dona do aroma de lavanda saiu de trás de um carvalho preto - uma mulher de cabelos castanho-avermelhados, usando um vestido preto com um manto vermelho escarlata, a capa esvoaçando ao redor de seus filhotes. Ela carregava um cajado, obviamente lixado e afiado, de um dos galhos de madeira do enorme carvalho. Então ela caminhou para o lado do lobo branco, de costas para ela e colocou uma mão em seu pelo.

— Uma feiticeira. — Disse Marius.

Arabelle olhou ao redor dele.

— Não. — Disse a mulher. — Embora essa não seja a primeira vez que eu tenha sido chamada disso, vampiro.

— Estes lobos são seus? — Ele perguntou.

— Os lobos místicos não pertencem a ninguém.

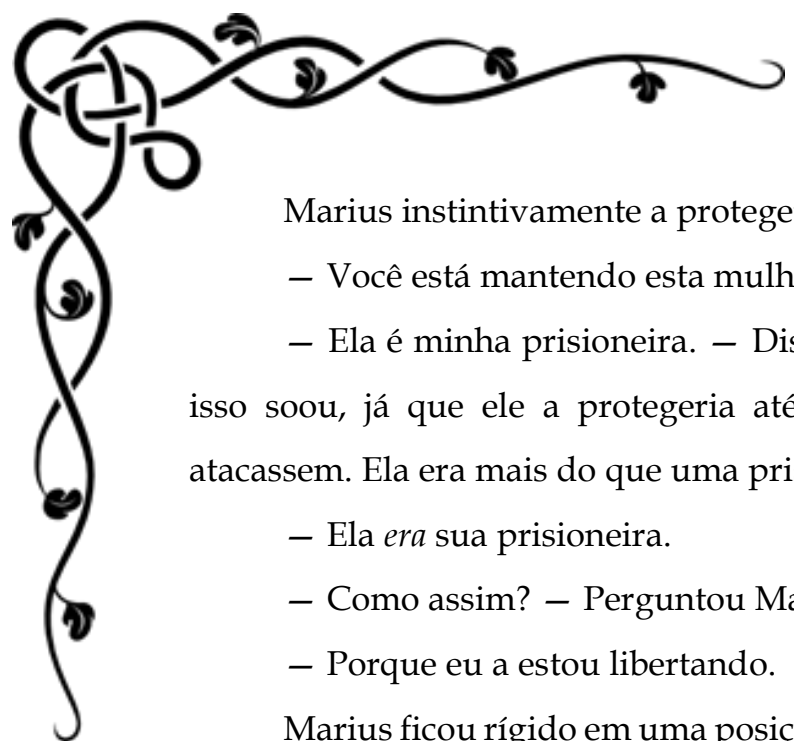
— Quem é *você*?

— Não importa quem *eu* sou. A única coisa que importa aqui é quem é você, ou na verdade, o *que* você é, e quem é essa que está acompanhando você. Mas se isso faz você se sentir melhor, meu nome é Sienna.

O animal preto rosnou nas costas de Arabelle.

— Fique perto de mim, Arabelle.

— É esse o seu nome? — Perguntou a feiticeira de capa vermelha. — Arabelle? Dê um passo à frente.



Marius instintivamente a protegeu. A feiticeira sorriu.

– Você está mantendo esta mulher contra sua vontade.

– Ela é minha prisioneira. – Disse Marius, percebendo o quão ridículo isso soou, já que ele a protegeria até a morte, se esses animais selvagens atacassem. Ela era mais do que uma prisioneira. E ele sabia disso.

– Ela *era* sua prisioneira.

– Como assim? – Perguntou Marius.

– Porque eu a estou libertando.

Marius ficou rígido em uma posição defensiva. Rosnados saíram de todos os lobos. Os dois castanhos - ambos com portes robustos e pelos eriçados - circulavam ao redor deles. Ele mediu cada um deles, um de cada vez

– Você pode até ser capaz de enfrentar um deles, mas a Duquesa aqui vai arrancar sua cabeça antes que você possa fazer o seu melhor movimento. Seus irmãos, Hugo e Kai, são adversários temerosos, mas ela é a assassina mais assustadora neste círculo, vampiro. Exceto talvez, você.

– Meu nome é Marius, Príncipe de Varis.

Ela colocou um olhar frio sobre ele e disse com muita calma.

– Eu sei quem você é. Portador da morte. Assassino de bebês. E você não é bem-vindo aqui nesta floresta.

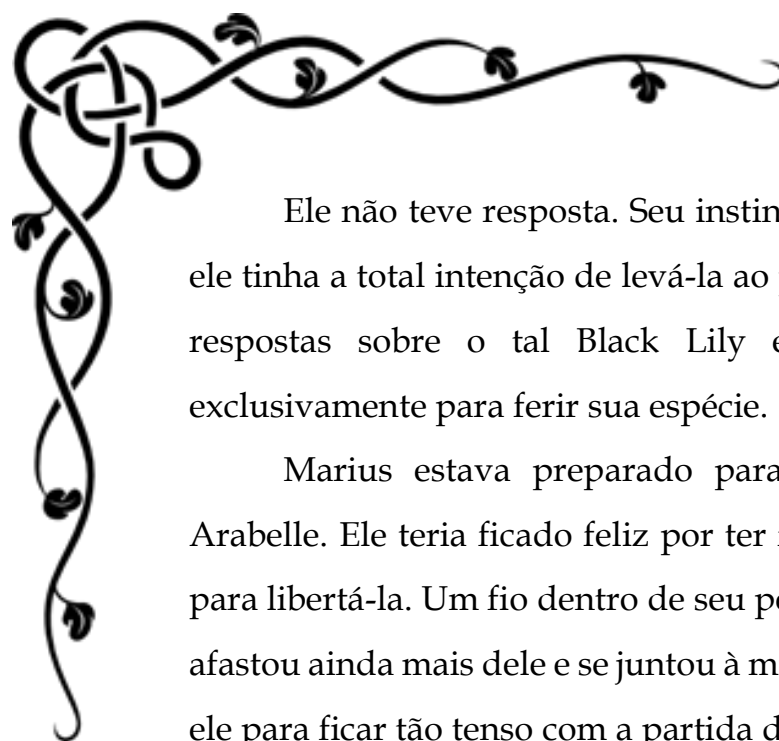
Marius estremeceu com a acusação. Ela acariciou o pescoço do lobo branco, aparentemente para acalmar a criatura, cujo estreito olhar amarelado foi nivelado sobre ele.

– Venha para frente, senhorita. – Ela acenou para Arabelle. – A menos que você queira permanecer como prisioneira dele.

Arabelle já tinha se soltado e agora se dirigia para o lado, saindo de perto dele, mas segurando seu olhar.

– Não faça isso, Arabelle. Ela pode ser uma feiticeira. Você não deve confiar nela.

– E eu devo confiar em você? – Perguntou ela.



Ele não teve resposta. Seu instinto era responder que sim, e, no entanto, ele tinha a total intenção de levá-la ao palácio, onde ele poderia descobrir mais respostas sobre o tal Black Lily e seu estoque de ouro, armazenado exclusivamente para ferir sua espécie.

Marius estava preparado para lutar contra os lobos para proteger Arabelle. Ele teria ficado feliz por ter feito isso. Mas ele não mataria as bestas para libertá-la. Um fio dentro de seu peito parecia encolher quando Arabelle se afastou ainda mais dele e se juntou à mulher de vermelho. O que aconteceu com ele para ficar tão tenso com a partida dela?

Arabelle sussurrou, embora ele pudesse ouvir com seus sentidos de vampiro.

— Não o machuque. Ele não me machucou, então eu gostaria que ele permanecesse ileso. Por favor.

Ele mal podia acreditar no que estava ouvindo. A mulher que afundou uma adaga em seu peito, quase acertando seu coração, agora implorou por sua vida.

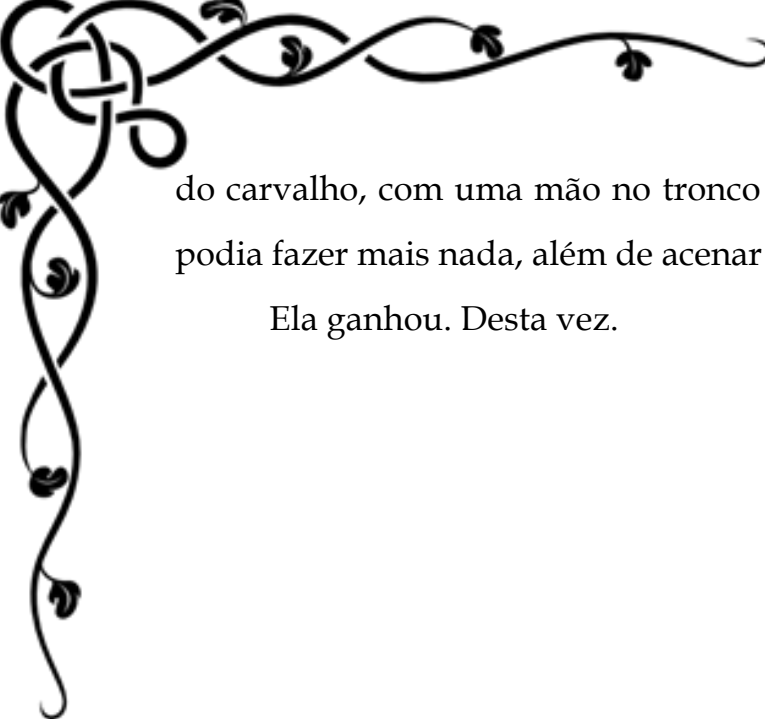
A mulher chamada Sienna encolheu os ombros.

— Como você quiser. — Ela se virou para os animais que o acompanhavam. — Hugo. Kai. Acompanhem o Príncipe até a fronteira.

Ela sabia quem ele era e, no entanto, ela o tratava com tanto desprezo quanto alguém faria com um mendigo. Ele deveria estar grato por estar escapando com vida, mas tudo o que ele sentia era uma intensa sensação de perda.

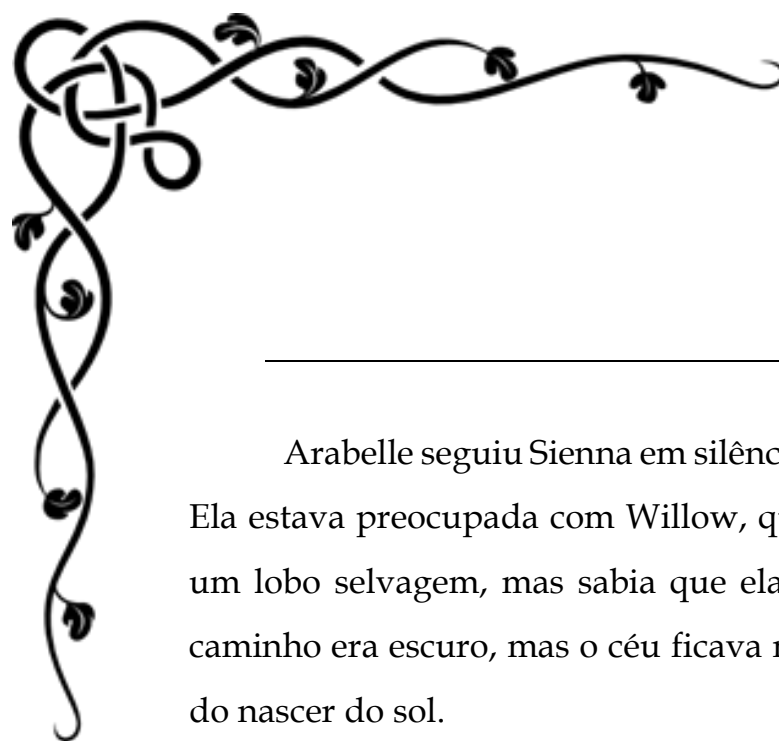
— Venha, Arabelle. — Disse Sienna.

Ela se virou, sua capa vermelha ondulando enquanto desaparecia atrás do tronco de um carvalho preto. A loba as seguiu. Quando Marius se virou, o lobo preto também se foi, mas os irmãos o observavam atentamente. Um deles mostrou os dentes e correu pela floresta. Essa foi sua deixa para começar a se mover também. Quando ele olhou por cima do ombro, Arabelle estava ao lado



do carvalho, com uma mão no tronco da árvore, observando-o partir. Ele não podia fazer mais nada, além de acenar sutilmente em despedida.

Ela ganhou. Desta vez.



Capítulo 15

Arabelle seguiu Sienna em silêncio enquanto ela as conduzia pelo bosque. Ela estava preocupada com Willow, que tinha disparado no primeiro sinal de um lobo selvagem, mas sabia que ela iria encontrar o caminho para casa. O caminho era escuro, mas o céu ficava mais iluminado no Leste. Já estava perto do nascer do sol.

— Você mora aqui nesta floresta? — Arabelle finalmente perguntou.

— Sim. Não estamos longe da minha casa. Você precisa comer e descansar antes da sua viagem de volta.

— Como você sabia que estávamos aqui na floresta?

Sienna apontou seu cajado para o grande lobo branco trotando ao seu lado.

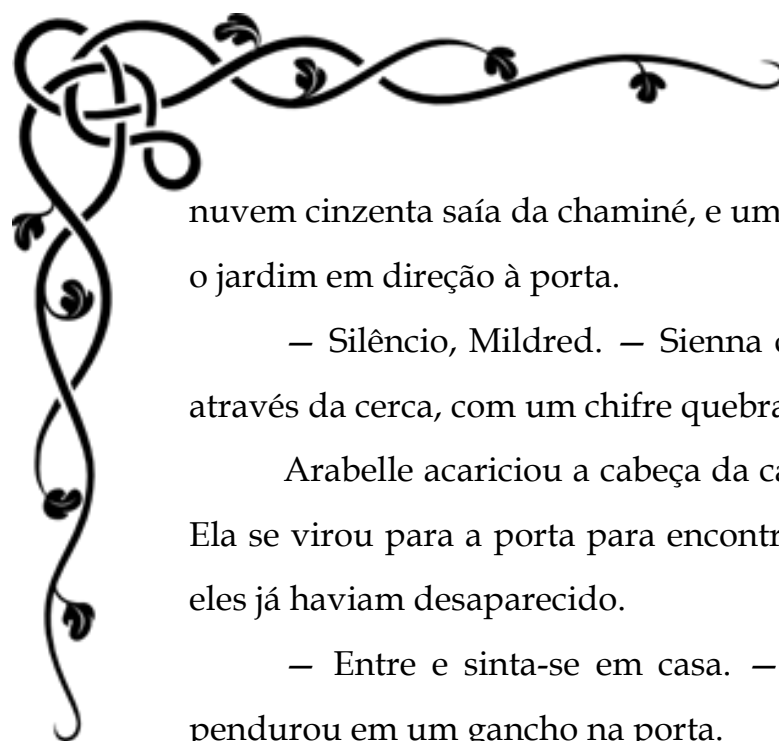
— Duquesa me disse. Ela arranhou minha porta hoje de manhã, enquanto eu estava preparando meu chá.

Arabelle olhou de novo para o céu, depois para Duquesa, correndo para mais longe. Por toda sua vida ela tinha ouvido histórias sobre os lobos místicos que corriam livres pela Floresta de Silvane. Ela os ouviu uivar em muitas noites iluminadas pela lua, mas nunca tinha visto um. Eles eram realmente ameaçadores de se ver.

— Você acorda muito cedo. — Ela finalmente disse, concentrando-se no caminho à frente.

— Nunca precisei de muitas horas de sono. — Sienna disse, quando elas trocaram de caminho, indo para uma clareira.

Uma linda casa de pedra cinzenta estava ali, com uma chaminé de pedra branca e um quintal cercado, de onde ela podia ouvir galinhas ciscando. Uma



nuvem cinzenta saía da chaminé, e uma cabra berrava enquanto elas cruzavam o jardim em direção à porta.

— Silêncio, Mildred. — Sienna disse para a cabra que cutucou a cabeça através da cerca, com um chifre quebrado. — Nós temos visita.

Arabelle acariciou a cabeça da cabra antes de seguir Sienna para dentro. Ela se virou para a porta para encontrar os dois lobos que as escoltaram, mas eles já haviam desaparecido.

— Entre e sinta-se em casa. — Sienna tirou seu manto vermelho e o pendurou em um gancho na porta.

O interior da casa era uma surpresa para seus sentidos - todos os belos tons pastéis e as miniaturas de porcelana. As paredes de pedra haviam sido cobertas com gesso branco. Havia uma vaidade adequada no corredor, com um espelho de forma oval, uma colcha encantadora em tons rosa e verde cobrindo a cama no canto, uma linda penteadeira pintada em tons de azul. Pendurados ao redor da sala, haviam várias pinturas de paisagens - um sol nascente sobre uma colina gramada, uma cachoeira alta que desaguava em uma piscina verde esmeralda, e uma outra pintura da Duquesa e o lobo místico preto, de pé na floresta.

— Você é uma artista.

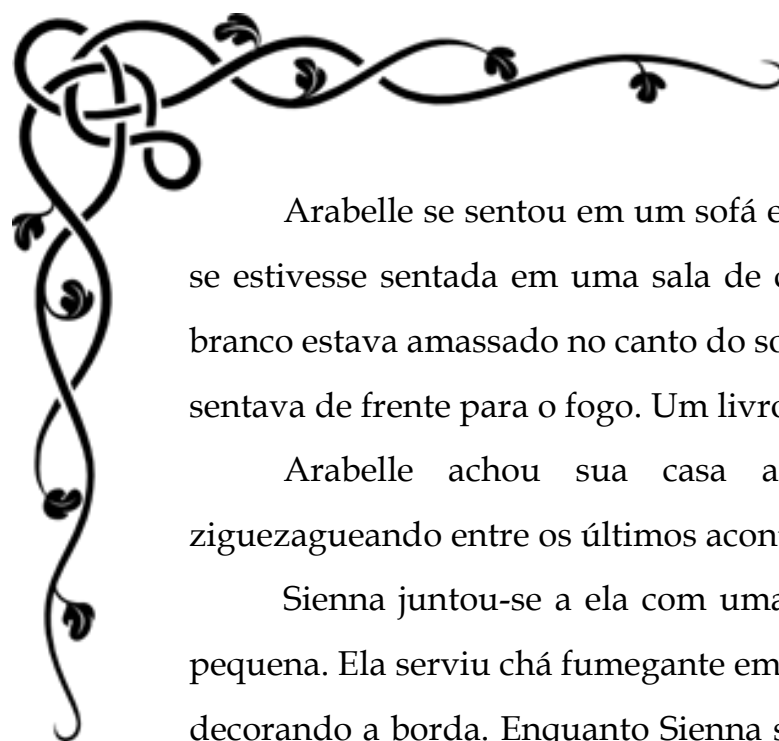
— Humpf. Não chego nem perto de ser uma. Mas me ajuda a passar o tempo. Gostaria de ter tido mais tempo para estudar com os instrutores, mas, infelizmente, isso não foi possível.

Arabelle franziu a testa para aquela observação. Esta mulher tinha um passado incomum, seja lá qual fosse.

— O lobo preto é o companheiro dela? — Perguntou Arabelle.

Sienna se ocupou de algo perto de um fogão a lenha, que era apenas metade do tamanho do fogão usado na casa de Pervis, mas era bom.

— Sim. Luca nunca sai de seu lado. Ele é dedicado a ela. Por favor, escolha um lugar para sentar e sinta-se em casa.



Arabelle se sentou em um sofá estofado de brocado cor Borgonha, como se estivesse sentada em uma sala de qualquer casa nobre em Sylus. Um xale branco estava amassado no canto do sofá, obviamente, onde Sienna geralmente sentava de frente para o fogo. Um livro estava aberto em uma mesa de mogno.

Arabelle achou sua casa acolhedora e doméstica, sua mente ziguezagueando entre os últimos acontecimentos do dia.

Sienna juntou-se a ela com uma bandeja de prata e a colocou na mesa pequena. Ela serviu chá fumegante em copos de porcelana com flores amarelas decorando a borda. Enquanto Sienna servia o chá e colocava docinhos em um prato para cada uma, Arabelle estudou a mulher que a deixava perplexa além da razão.

— O que foi? — Perguntou Sienna quando lhe entregou uma xícara em um pires.

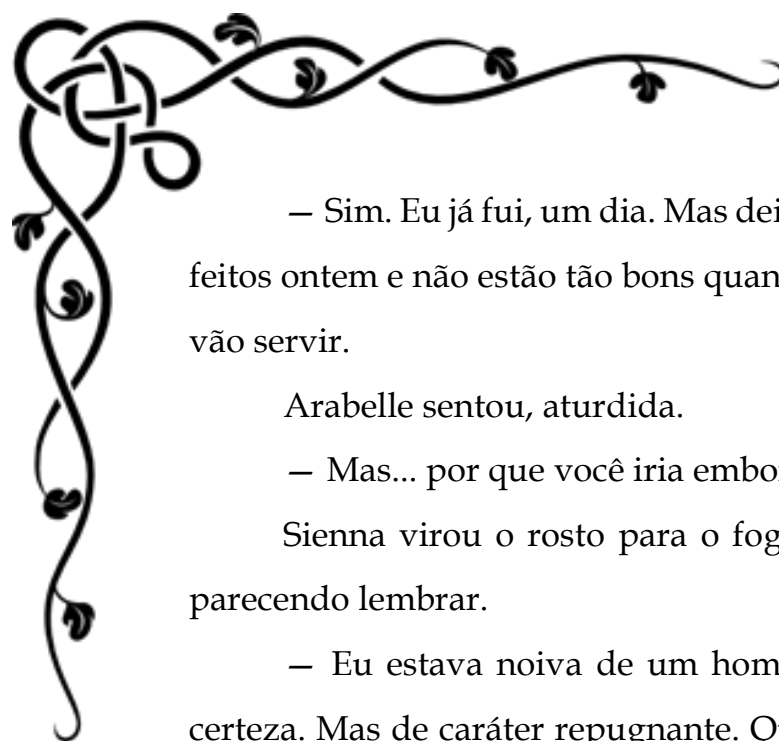
Arabelle pegou e riu.

— Eu fui resgatada por uma mulher e seus lobos místicos, na Floresta sombria de Silvane. Agora, estou sentada em sua casa aconchegante onde ela, aparentemente, vive sozinha e tem os melhores móveis que qualquer senhora nobre gostaria de ter em sua sala. Estou confusa.

Sienna sorriu, seus olhos verdes brilhando. Foi quando Arabelle percebeu o quão bonita ela era. Ela carregava as finas linhas da nobreza, com uma pele de porcelana perfeita para combinar com suas xícaras de chá. E o cabelo vermelho intenso que ela tinha em torno de seus ombros, com duas tranças finas enquadrando seu rosto. Ela não o usava como uma boa dama deveria.

— Você... — Arabelle começou a dizer sua conclusão em voz alta, mas dificilmente podia imaginar que fosse verdade. — Você é uma aristocrata. Não é?

Sienna tomou um gole de chá.



– Sim. Eu já fui, um dia. Mas deixei essa vida para trás. Coma. Eles foram feitos ontem e não estão tão bons quanto meu cozinheiro costumava fazer, mas vão servir.

Arabelle sentou, aturdida.

– Mas... por que você iria embora? O que aconteceu?

Sienna virou o rosto para o fogo e tomou um gole de chá novamente, parecendo lembrar.

– Eu estava noiva de um homem detestável. Rico? Sim. Bonito? Com certeza. Mas de caráter repugnante. Quando o peguei batendo em um de seus servos, eu decidi não ter mais nada a ver com aquilo.

Arabelle agarrou sua xícara com mais força.

– Filho da puta. – Ela balbuciou, então suavizou seu aperto. – Desculpa. Continue.

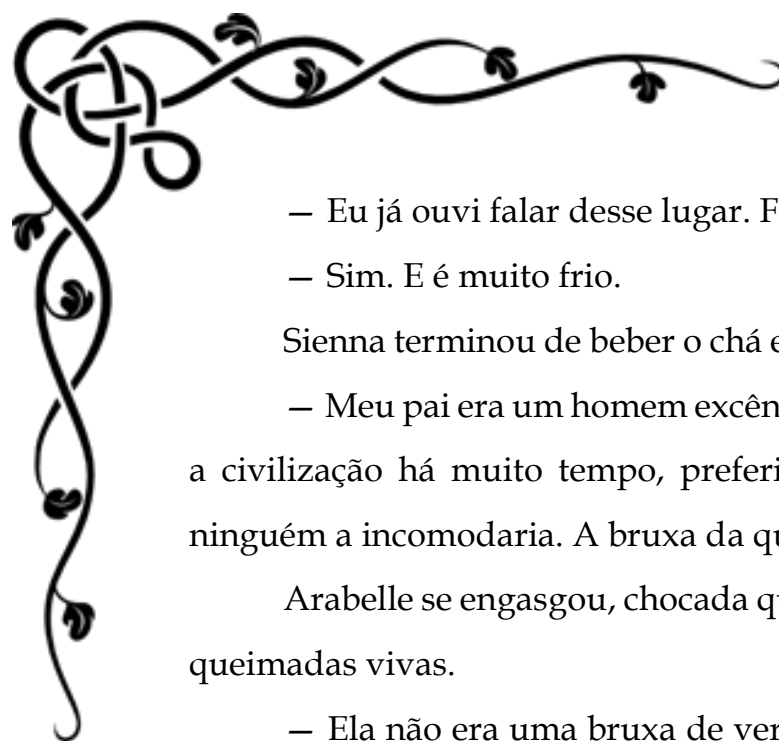
Sienna assentiu e continuou.

– Quando eu contei a minha mãe, ela disse que eu era uma garota boba que não conhecia os caminhos do mundo. E que um homem da classe dele sofria algumas pressões das quais ele precisava se livrar. Acredite se quiser, ela me disse: *“Melhor os servos do que você, querida filha.”* Bem, eu não consegui aceitar isso. E não estava inteiramente certa de que ele iria focar apenas nos criados, uma vez que estivéssemos casados.

Arabelle abaixou sua xícara de chá e apertou as mãos no colo, agitada pela história de Sienna. Durante toda sua vida, ela pensou que apenas os pobres fossem oprimidos e abusados. Mas, aqui estava ela, sentada com uma senhorita nobre que fugira de uma vida de luxo, pelos mesmos motivos que ela.

– Então, você fugiu para o bosque? – Arabelle sacudiu a cabeça com descrença. – E esta casa? Como você conseguiu construir isso tudo sozinha?

– Oh, eu não construí este lugar. Era da minha avó, a mãe do meu pai, – ela disse com um sorriso terno. – Eu raramente a visitava, já que ela morava tão longe da minha casa. Minha casa original fica no Leste, em Dale's Peak.



– Eu já ouvi falar desse lugar. Fica nas montanhas, não é?

– Sim. E é muito frio.

Sienna terminou de beber o chá e depois mordeu um pedaço de seu doce.

– Meu pai era um homem excêntrico. Sua mãe era ainda mais. Ela deixou a civilização há muito tempo, preferindo viver sozinha nesta floresta, onde ninguém a incomodaria. A bruxa da qual o Príncipe falou? Era minha avó.

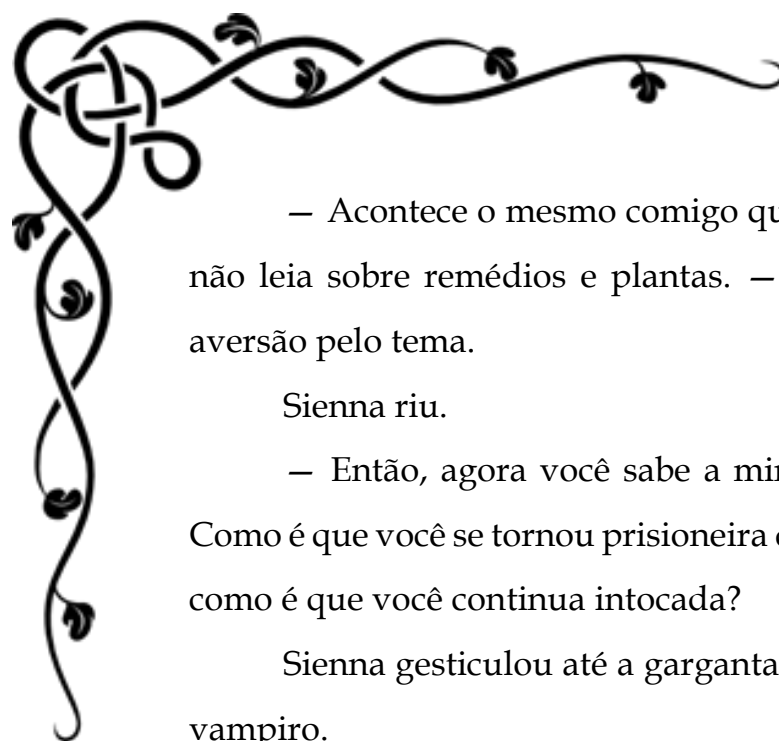
Arabelle se engasgou, chocada que ela admitiria tal coisa. As bruxas eram queimadas vivas.

– Ela não era uma bruxa de verdade, pelo amor de Deus. – Continuou Sienna, limpando as migalhas do colo. – Ela amava plantas medicinais e misturava bálsamos e poções para ajudar a curar os doentes. Ela ficou viúva muito jovem e teve apenas um filho com meu avô, antes de sua doença e morte repentinas. Ela estava determinada a se tornar uma curandeira, mas isso foi malvisto pela nobreza, como você pode imaginar. É por isso que ela finalmente veio para o bosque. Havia nobres na nossa província que começaram a fofocar sobre ela. Meu pai a ajudou a construir este lugar, pois sabia que os rumores se transformariam em acusações em breve. Foi o que ela me disse, de qualquer maneira. Meu pai também morreu quando eu era jovem.

– Sua avó também já morreu? – Perguntou Arabelle, hesitante.

– Sim. – Sienna deu um sorriso triste. – Mas eu passei cinco bons anos com ela, antes dela falecer. Já faz dois anos agora. Ela me ensinou tudo o que sabia sobre remédios e plantas medicinais. – Sienna pegou o livro aberto sobre a mesa. – Este era seu livro favorito, escrito por um boticário⁹ em Dale's Peak. Eu sempre acho algo novo, que nunca havia reparado antes, todas as vezes em que eu o releio.

⁹ Os farmacêuticos são profissionais da saúde de tradição milenar, sucessores dos boticários e apotecários, peritos no uso de fármacos e medicamentos e suas consequências ao organismo humano ou animal.



— Acontece o mesmo comigo quando eu leio meus favoritos. Embora eu não leia sobre remédios e plantas. — Disse Arabelle, tentando esconder sua aversão pelo tema.

Sienna riu.

— Então, agora você sabe a minha história. Minha vez de ouvir a sua. Como é que você se tornou prisioneira do Príncipe de Varis? E, mais importante, como é que você continua intocada?

Sienna gesticulou até a garganta dela, ainda sem marcas de mordidas de vampiro.

Arabelle colocou a mão em sua garganta, completamente perplexa pelo fato dele não ter se aproveitado e se alimentado dela. Ele poderia tê-la dominado e feito o que quisesse com ela, em qualquer momento. E ele deixou bem claro que a desejava. Calafrios percorreram seus braços. No entanto, ele não a tomou a força, como ela achava que todos os vampiros faziam. Principalmente sendo um Príncipe real.

— Esta é uma boa pergunta.

— Qual?

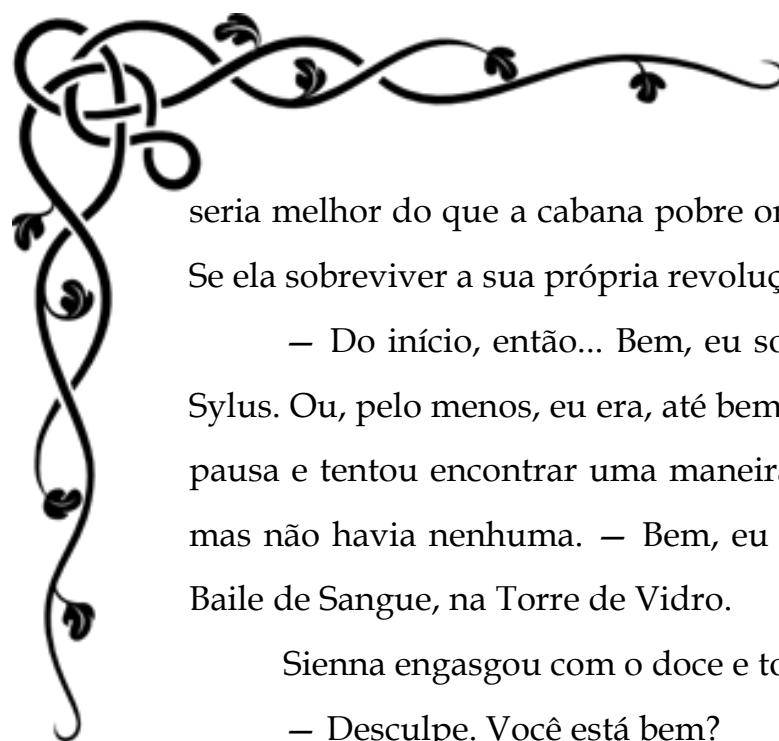
Arabelle se moveu e apoiou o cotovelo no braço do sofá.

— Bem, nem sei por onde começar.

— Comece do início, é claro. — Disse Sienna, com um sorriso gentil.

Arabelle gostava dela. Ela era diferente de qualquer outra mulher nobre que já havia conhecido. Se todos pudessem ser como ela, talvez Marius tivesse razão em manter o equilíbrio entre as classes. Mas, na realidade, a ganância havia corrompido toda a nobreza de Sylus, mantendo-a em uma cabana minúscula, com muito menos do que o suficiente para ter uma vida decente.

Arabelle olhou ao redor da sala mais uma vez, imaginando como seria viver tão bem, sem precisar dos restos que a família Pervis lhe dava. Ela nunca mais voltaria agora, mas estava determinada a reformar a casa de madeira e transformá-la em uma casa adequada. Talvez não seja tão boa quanto esta, mas



seria melhor do que a cabana pobre onde ela viveu a maior parte de sua vida. Se ela sobreviver a sua própria revolução, era isso o que faria.

— Do início, então... Bem, eu sou serva na casa de Pervis, na aldeia de Sylus. Ou, pelo menos, eu era, até bem recentemente. Eu... — Arabelle fez uma pausa e tentou encontrar uma maneira mais delicada de confessar a verdade, mas não havia nenhuma. — Bem, eu tentei assassinar o Príncipe de Varis no Baile de Sangue, na Torre de Vidro.

Sienna engasgou com o doce e tossiu.

— Desculpe. Você está bem?

Sienna se recuperou, seu rosto estava rosado quando ela jogou a cabeça para trás e riu. Um som agradável. Não era delicado, mas cheio de alegria e satisfação. Arabelle riu junto com ela.

— Aquele Príncipe do qual eu acabei de roubar você?

— Ele mesmo. — Concordou Arabelle. — Como você pode ver, não tive sucesso.

— Mas, por que você tentou matá-lo? Ele já a machucou antes? Foi vingança?

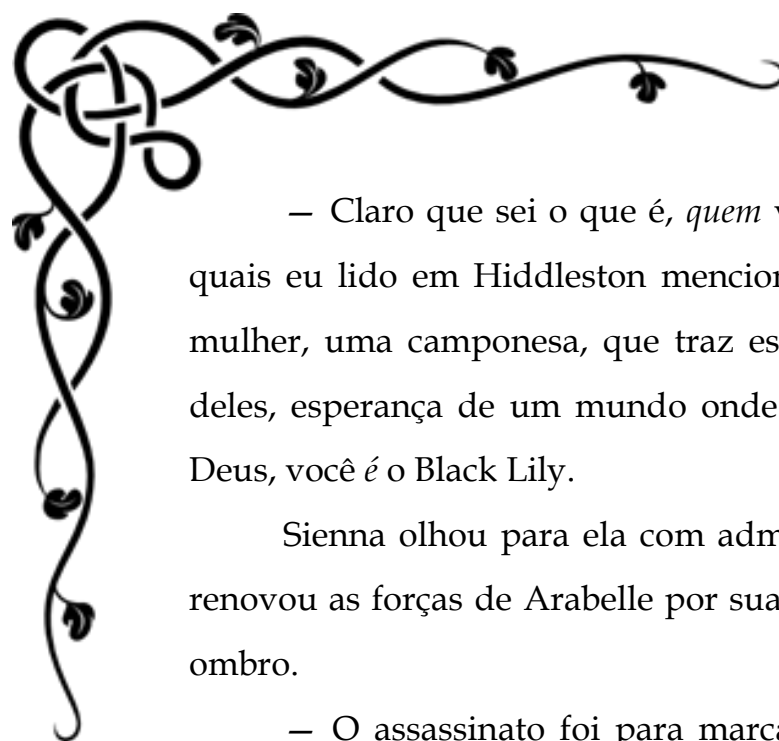
— Não. Eu nunca o tinha visto pessoalmente antes. Há muito mais na minha história, mas basta dizer que os vampiros na Torre de Vidro estão matando mais e mais pessoas a cada dia. Camponeses. E eles não são punidos. Não há motivo para relatar as mortes à Torre, pois como poderíamos saber que não são eles mesmos a matar aquelas pessoas?

— Mas, então, por que matar o Príncipe?

— Eu não te contei tudo.

Arabelle se sentou e tirou a manga do ombro, revelando a tatuagem. Sienna respirou fundo.

— Eu estou com o Black Lily. Tenho certeza de que você não sabe o que é, mas...



— Claro que sei o que é, *quem* você é. Eu ouvi os comerciantes com os quais eu lido em Hiddleston mencionando o Black Lily. Eles falam de uma mulher, uma camponesa, que traz esperança em seu coração para cada um deles, esperança de um mundo onde não há correntes e nem mortes... Meu Deus, você é o Black Lily.

Sienna olhou para ela com admiração, a luz que cintilou em seu olhar renovou as forças de Arabelle por sua causa. Ela levantou a mão por cima do ombro.

— O assassinato foi para marcar o início da nossa revolução. Mas eu falhei. Minha adaga de ponta de ouro não atingiu seu coração. E ele é, aparentemente, mais forte do que um vampiro mediano. Apenas o ouro em sua corrente sanguínea deveria tê-lo matado.

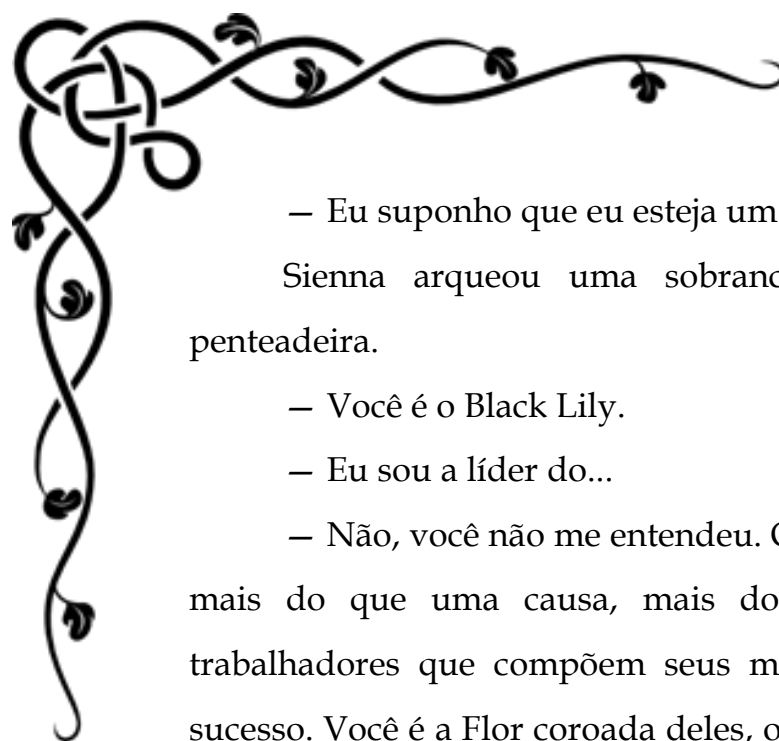
— Ele é um Varis.

— Sim. Ele é. Eu subestimei sua força. — Ela o subestimou de várias maneiras, ao que parecia. — Mas temos um novo plano, só que eu preciso... Oh, meu Deus, Deek! — Arabelle pulou do sofá. — Eu esqueci completamente. Eu preciso voltar para o nosso local de segurança e ter certeza de que ele está bem. Veja bem, o Príncipe e seus Legionários descobriram que Deek, meu amigo, fazia parte do Black Lily. O Príncipe queria me trocar por Deek, já que fui eu quem tentou matá-lo. Criamos uma distração e todos nós fugimos. Foi assim que eu vim parar nesta floresta. Fugi do local de encontro, então o Príncipe me encontrou e queria me levar de volta à Torre do Vidro. O resto, você já sabe.

Sienna ficou ao lado dela.

— Antes de você ir, posso sugerir uma mudança no vestuário? Parece que essas roupas são um pouco difíceis de vestir.

Arabelle riu, pois, a mulher nem sequer perguntou por que ela estava usando roupas masculinas. Ela gostava mais de Sienna a cada minuto. As manchas de sujeira marcavam os joelhos de Arabelle e a parte de trás, de quando ela caiu. E sua camisa também rasgou.



– Eu suponho que eu esteja um pouco desgrenhada.

Sienna arqueou uma sobrancelha e marchou em direção a sua penteadeira.

– Você é o Black Lily.

– Eu sou a líder do...

– Não, você não me entendeu. O Black Lily é mais do que uma rebelião, mais do que uma causa, mais do que os comerciantes, agricultores e trabalhadores que compõem seus membros e estão ansiosos para ver seu sucesso. Você é a Flor coroada deles, o desabrochar na escuridão, que promete tanto o renascimento quanto a vingança.

– Oh meu... – disse Arabelle com um suspiro, quando a seguiu em direção ao quarto de vestir.

Sienna revirou o guarda-roupa daquele cômodo.

– Eu achei que você era uma artista, mas agora vejo que você é uma poetiza.

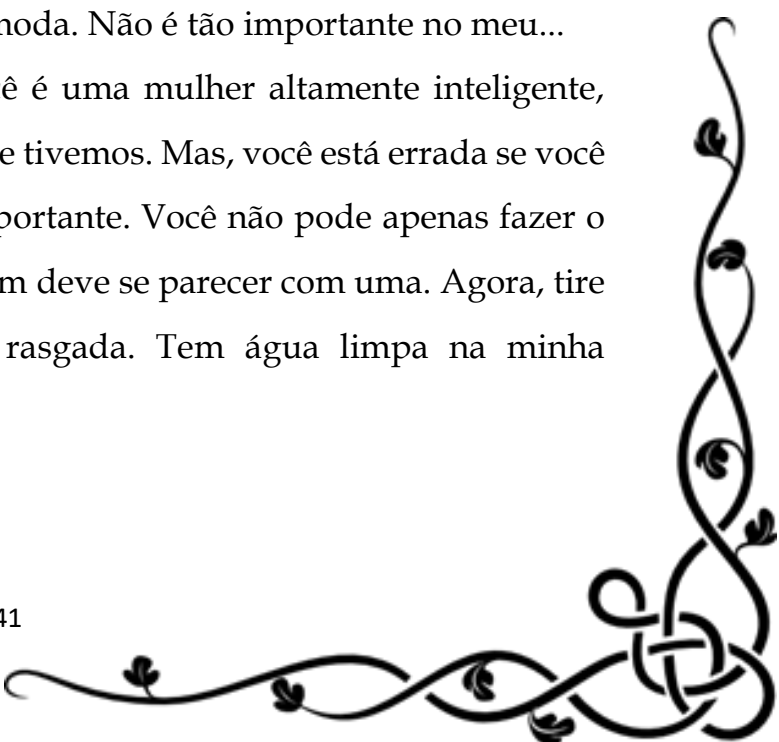
Sienna deu a volta com um vestido de safira na mão, feito de um material fino e delicado, mas que parecia resistente.

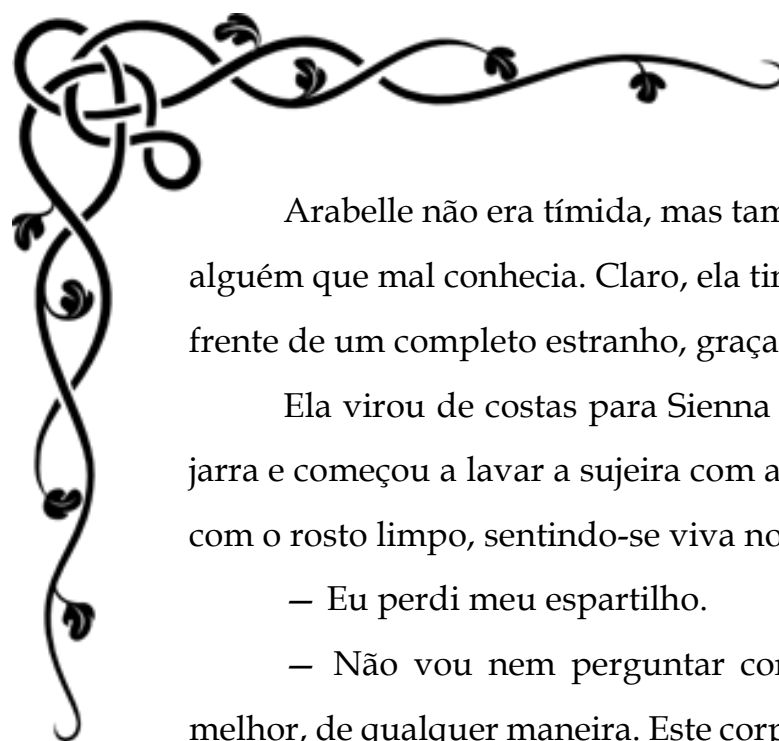
– Eu posso ser os dois. – Ela concordou, não com arrogância, mas com total honestidade. – No entanto, eu sou ainda melhor como estilista.

Arabelle sacudiu a cabeça com descrença.

– Eu nunca me importei com a moda. Não é tão importante no meu...

– Estou convencida de que você é uma mulher altamente inteligente, devido ao breve encontro e conversa que tivemos. Mas, você está errada se você acredita que sua aparência não seja importante. Você não pode apenas fazer o papel de líder da revolução, mas também deve se parecer com uma. Agora, tire essas calças horríveis e essa camisa rasgada. Tem água limpa na minha penteadeira, pode usar à vontade.





Arabelle não era tímida, mas também nunca tirava suas roupas diante de alguém que mal conhecia. Claro, ela tinha experiência em vestir suas roupas na frente de um completo estranho, graças ao Príncipe.

Ela virou de costas para Sienna e tirou a camisa, depois caminhou até a jarra e começou a lavar a sujeira com a esponja pelos braços e o peito. Ela ficou com o rosto limpo, sentindo-se viva novamente.

— Eu perdi meu espartilho.

— Não vou nem perguntar como. — Disse Sienna. — Eu tenho algo melhor, de qualquer maneira. Este corpete vai do lado de fora do vestido. — Ela ergueu um corpete cor de safira com sobreposição de renda preta. — Tem um suporte maravilhoso, mas também é confortável. Não é tão constrangedor quanto um espartilho usado por baixo, e combina perfeitamente com este vestido. O azul não é a minha cor, mas em você ficará lindo.

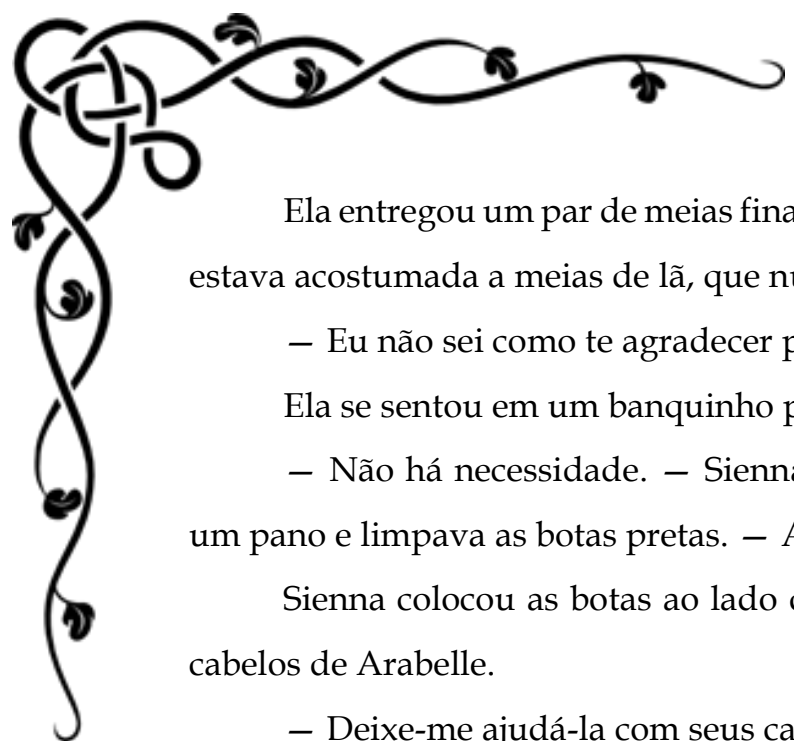
Arabelle terminou de se limpar com a esponja de cima para baixo, deixando cair o pano na bacia, agora rodando com água suja. Ela teve mais de um tombo desde que se banhou no lago, na noite passada. Lembrou-se da maneira como o Príncipe a olhou ontem à noite quando saiu do lago. Ninguém nunca a olhou assim. Claro, ela já teve homens olhando para ela com desejo antes, mais do que algumas vezes. Mas, não como Marius a olhou. Como se o mundo inteiro pudesse arder em chamas ao redor dele e ele nunca perceberia, focando apenas na visão dela à sua frente.

Ela se enrolou com a toalha macia que Sienna estendeu para ela e depois colocou o vestido novo.

— Aqui, deixe-me ajudá-la com o corpete.

Sienna amarrou os cordões do corpete na parte de trás, apertando o suficiente para deixá-la segura, mas não tanto que ela não conseguisse se mover nem respirar.

— Eu também tenho algumas meias para você. Aqui, pegue.



Ela entregou um par de meias finas que alcançavam até sua coxa. Arabelle estava acostumada a meias de lã, que nunca passavam da altura do joelho.

— Eu não sei como te agradecer por isso. Ou te pagar.

Ela se sentou em um banquinho para colocá-las.

— Não há necessidade. — Sienna acenou com a mão, enquanto pegava um pano e limpava as botas pretas. — A propósito, estas botas são boas.

Sienna colocou as botas ao lado dela e puxou a toalha improvisada dos cabelos de Arabelle.

— Deixe-me ajudá-la com seus cabelos para que possamos nos apressar.

Ela passou a escova através dos nós emaranhados, escovando uma ou duas vezes, antes de começar a trançá-los.

— Obrigada.

Arabelle de repente se sentiu bastante tímida. Ninguém havia escovado seus cabelos desde que sua mãe morreu. Na verdade, ninguém nunca a tratou com tanta bondade, nem uma só vez, a não ser essa estranha. E ela era uma aristocrata. Ou, tinha sido, uma vez. Agora, ela era uma curandeira - de corpo e de almas, ao que parecia. Então ela sorriu para sua boa sorte.

— O que foi esse sorriso? — Perguntou Sienna.

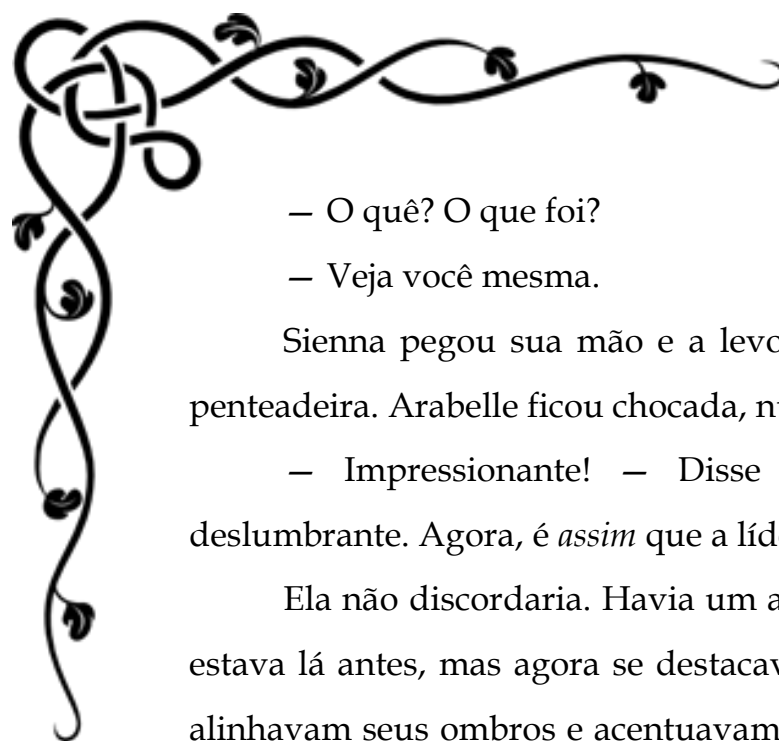
— Nada, realmente. Só estou muito feliz porque nos conhecemos, é tudo.

— Eu tenho certeza que você está. Ou você estaria presa no calabouço da Torre de Vidro agora mesmo. — Ela provocou, amarrando o fim de sua trança e dando um aperto em seus ombros. — Eu acho que você está pronta agora. Calce suas botas.

Deek deu-lhe essas botas na última colheita. Elas eram feitas de couro fino, liso e escurecido, para dar um lindo brilho.

— Eu preciso descobrir se Deek fez tudo certo. — Ela amarrou uma bota e depois colocou a outra. — Ele deve estar em nosso lugar seguro, a menos que os Legionários o tenham capturado. — Arabelle levantou do banquinho.

Sienna abriu um sorriso largo.



– O quê? O que foi?

– Veja você mesma.

Sienna pegou sua mão e a levou a um espelho de parede, ao lado da penteadeira. Arabelle ficou chocada, nunca se viu parecer tão...

– Impressionante! – Disse Sienna. – Você está absolutamente deslumbrante. Agora, é *assim* que a líder do Black Lily deve se apresentar.

Ela não discordaria. Havia um ar de confiança sobre ela que certamente estava lá antes, mas agora se destacava no modo como o vestido e o corpete alinhavam seus ombros e acentuavam sua cintura. Ela amou a forma como as roupas destacavam sua feminilidade e força. A saia frouxa mostrava que ela era uma mulher, mas não era uma flor delicada para passear no jardim. Suas botas até o joelho provavam que ela tinha algum trabalho a fazer.

Sienna ficou ao seu lado, seu corpete cor-de-rosa muito parecido com o cor de safira de Arabelle.

– Você mesma quem costurou isso?

– Mmmmmmm.

Arabelle sacudiu a cabeça.

– Você tem mais habilidades do que achei que fossem possíveis para uma mulher.

Ela arqueou uma sobrancelha castanho-avermelhada.

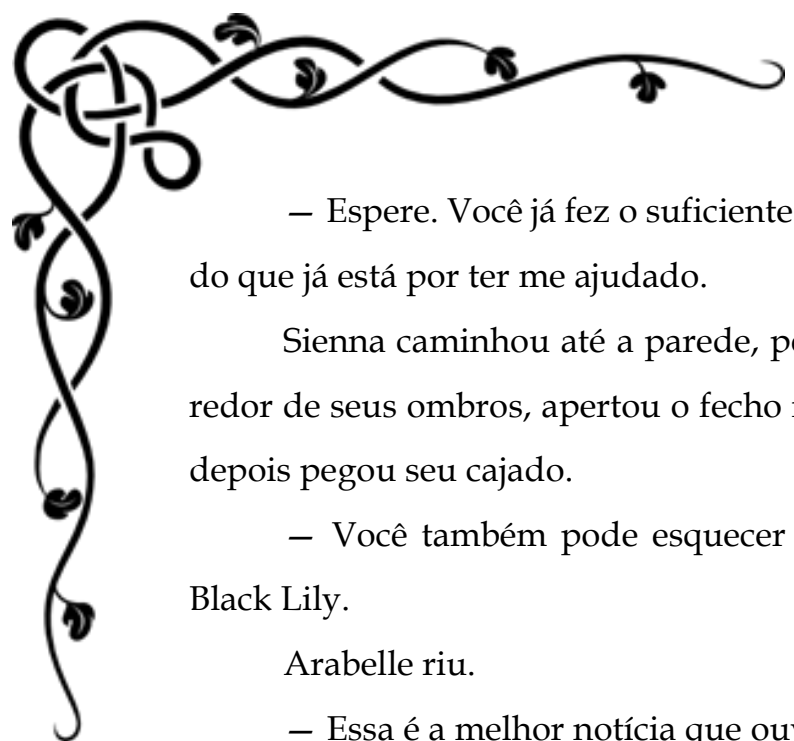
– Na sociedade, eu era conhecida por ser uma mulher bastante talentosa.

– Aposto que era. Eu estava aqui me perguntando, seria possível obter um cinto que contenha uma bainha para uma adaga?

– Eu acho que podemos providenciar isso.

Ela se lembrou da adaga que Marius tinha embrulhado e armazenado no alforje de Willow. Ela estava preocupada com Willow, esperando que ela tivesse chegado em casa. Sua égua retornaria ao seu estábulo na cabana. De alguma forma, Arabelle precisaria encontrar uma maneira de buscá-la. Mas não agora.

– Tudo bem, então. – Disse Sienna. – Vamos ao encontro do seu amigo.



— Espere. Você já fez o suficiente. Eu não quero pôr você em mais perigo do que já está por ter me ajudado.

Sienna caminhou até a parede, pegou sua capa vermelha e a colocou ao redor de seus ombros, apertou o fecho no pescoço, puxou o capuz para cima e depois pegou seu cajado.

— Você também pode esquecer isso. Eu sou o mais novo membro do Black Lily.

Arabelle riu.

— Essa é a melhor notícia que ouvi em toda a semana.

Ela sorriu com orgulho enquanto caminhavam para o jardim, a primeira luz rosada do amanhecer se arrastava por entre as árvores. Sienna assobiou um som alto e estridente. Duquesa e Luca trotaram na clareira um momento depois.

— Venha aqui. — Disse Sienna, caminhando até Luca e acariciando sua cabeça. Seus olhos se fecharam. — Luca, essa é Arabelle. Ela é nossa amiga.

Arabelle estendeu a mão. A besta gigante acenou e depois lambeu sua mão. Ela mal podia acreditar. Ela o acariciou ao longo do pescoço, como tinha visto Sienna fazer na Duquesa antes.

— Precisamos de sua ajuda, garotão.

O lobo alfa acariciou Sienna, os olhos castanhos piscaram suavemente, como em concordância.

— Obrigada, meu amigo. Venha para este lado, Arabelle.

Ela caminhou ao redor para encontrar Sienna juntando as mãos.

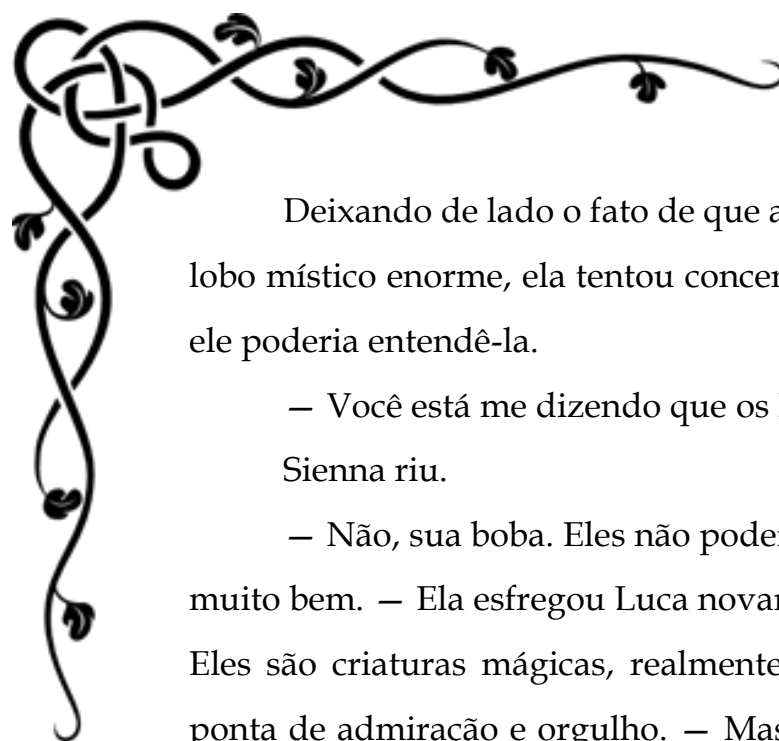
— Apenas pise na minha mão e eu vou te dar um impulso.

— Perdão. *O quê?*

O coração de Arabelle acelerou com o que Sienna estava sugerindo que ela fizesse, montar em um lobo místico.

— Você quer que eu suba nas costas dele?

— Claro. Eles nos darão uma carona para sua cabana. Basta sussurrar as direções em seu ouvido enquanto vamos e ele vai nos levar até lá.



Deixando de lado o fato de que a mulher queria que ela montasse em um lobo místico enorme, ela tentou concentrar sua mente em torno do fato de que ele poderia entendê-la.

— Você está me dizendo que os lobos místicos falam nossa língua?

Sienna riu.

— Não, sua boba. Eles não podem falar nossa língua. Mas eles entendem muito bem. — Ela esfregou Luca novamente na cabeça, acima de seus olhos. — Eles são criaturas mágicas, realmente lobos místicos. — Disse ela com uma ponta de admiração e orgulho. — Mas essa conversa teremos que deixar para outro dia. Agora, precisamos chegar à sua casa segura e formular seu próximo plano.

Arabelle deu um aceno, reunindo sua coragem.

— Certo.

Com um impulso pelas mãos de Sienna, ela subiu nas costas da fera.

— Apenas segure o pelo em seu dorso. Você vai ver que ele cresce mais aqui em cima, tornando mais fácil de segurar.

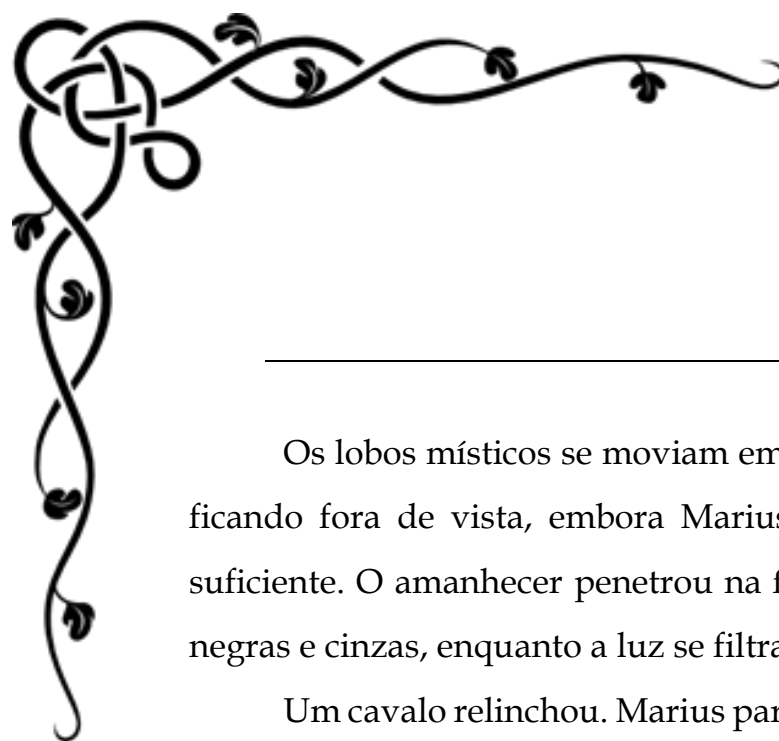
Arabelle sacudiu a cabeça em descrença. Sienna era surpreendente, de todas as maneiras possíveis. Duquesa se agachou e encostou a barriga no chão, permitindo que Sienna subisse nela, elevando apenas uma perna.

— Uma mulher nobre montando? Não é muito apropriado. — Provocou Arabelle.

Duquesa se levantou e se aproximou de seu companheiro.

Sienna sorriu.

— Nunca fui muito boa em ser uma dama. Agora, vamos em frente, Black Lily.



Capítulo 16

Os lobos místicos se moviam em silêncio ao longo dos limites da cidade, ficando fora de vista, embora Marius pudesse cheirar sua presença forte o suficiente. O amanhecer penetrou na floresta, pintando lentamente as árvores negras e cinzas, enquanto a luz se filtrava através do dossel de folhas acima.

Um cavalo relinchou. Marius parou para ouvir, pensando que poderia ser Willow, então se lembrou de que estava próximo do lugar onde ele havia amarrado Erebus. Os lobos rosnaram.

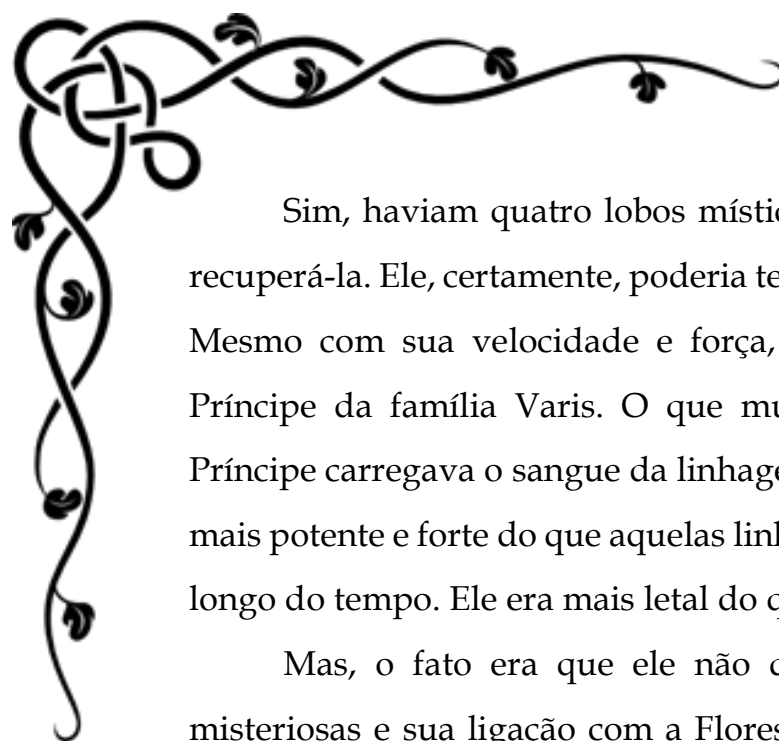
— Vão embora, feras estúpidas. Eu já estou indo, então vocês podem dar o fora.

Marius percorreu todo o caminho e fez a curva para encontrar o garanhão preto exatamente onde ele o havia deixado na noite anterior. Na verdade, só fazia algumas horas desde que ele tinha partido a pé para segui-la.

Arabelle.

Ele não conseguia parar de pensar nela. Nem poderia deixar de pensar nas coisas que ela havia dito. Será que era verdade que havia vampiros no palácio infectados com a *Furorem Sanguinea*? Era quase impossível que esse tipo de doença estivesse correndo descontrolada por aí, como ela havia afirmado, e ele não tivesse percebido. A própria ideia o enfurecia. Ele e Nikolai haviam tomado como prioridade manter seus homens na linha, e mantinham os olhos bem abertos para detectar sinais da tal compulsão entre eles.

Ele subiu na sela e deu o comando para fazer o cavalo começar a galopar. Um olhar rápido, tanto para a esquerda quanto para a direita, indicou que suas escoltas já estavam de volta à Floresta de Silvane. Enquanto ele seguia a trilha, sentindo o vento batendo contra seu rosto, ele se perguntou se havia tomado a decisão certa ao deixá-la ir.



Sim, haviam quatro lobos místicos para derrotar antes que ele pudesse recuperá-la. Ele, certamente, poderia ter matado todos eles antes de ser atacado. Mesmo com sua velocidade e força, eles ainda não eram páreos para um Príncipe da família Varis. O que muitas pessoas não sabiam, era que um Príncipe carregava o sangue da linhagem original dos vampiros, que era muito mais potente e forte do que aquelas linhagens cujo sangue havia sido diluído ao longo do tempo. Ele era mais letal do que pensavam.

Mas, o fato era que ele não queria matar os animais. Suas origens misteriosas e sua ligação com a Floresta de Silvane eram lendárias. Criaturas que eram animais, mas também algo mais. Assim como ele.

Usando a velocidade de vampiro, ele poderia ter escapado facilmente com ela e fugido deles. Ele poderia tê-la levado para o palácio, como planejou originalmente. Mas, quanto mais ele falava e aprendia com Arabelle, mais temia levá-la para a Torre de vidro. Ele não poderia deixá-la em outro lugar além das masmorras. E, imaginá-la acorrentada e sendo interrogada pelos Legionários provocava uma fúria ardente em seu sangue. Ele nunca permitiria isso.

Ele se aventurou de volta ao coração de Larkin Wood, com as folhas verdes brilhantes balançando na brisa da manhã.

Sim. Foi melhor deixá-la ir, enquanto ele descobria se havia alguma verdade em suas alegações.

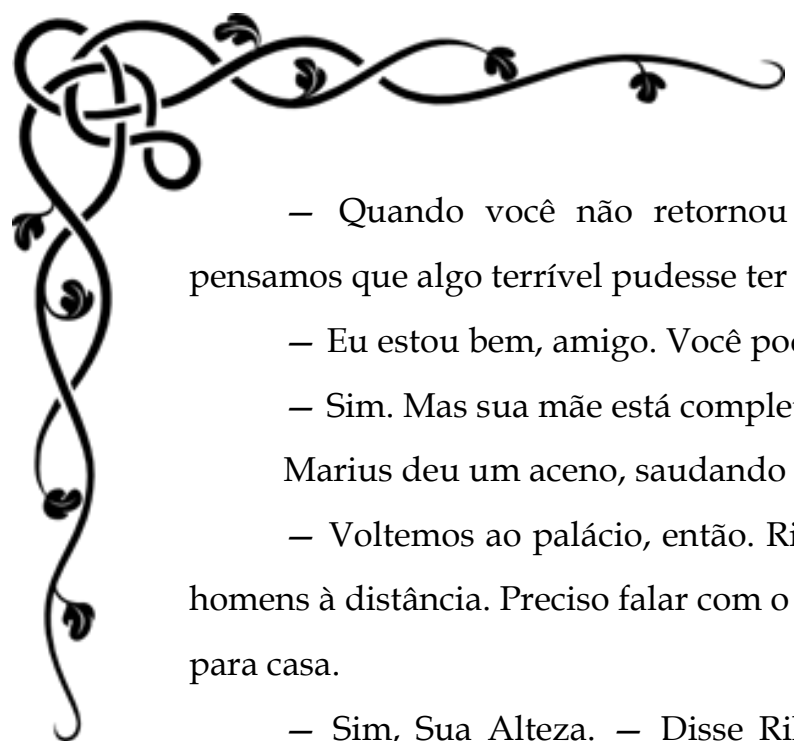
— Sua Alteza!

Ele desacelerou Erebus quando uma tropa de Legionários se aproximou, Nikolai no comando.

— Calma. — Disse Marius enquanto se aproximavam.

— Graças às estrelas, estou feliz em vê-lo. — Disse Nikolai, mantendo o cavalo ao lado do dele.

Nikolai estendeu a mão. Marius o cumprimentou, como de costume, sorrindo para seu amigo mais antigo.



– Quando você não retornou e perdemos o cheiro de sua trilha, pensamos que algo terrível pudesse ter acontecido.

– Eu estou bem, amigo. Você pode parar de se preocupar.

– Sim. Mas sua mãe está completamente fora de controle.

Marius deu um aceno, saudando Riker e os outros homens.

– Voltemos ao palácio, então. Riker, lidere o caminho e mantenha seus homens à distância. Preciso falar com o Tenente em particular na nossa viagem para casa.

– Sim, Sua Alteza. – Disse Riker, sinalizando para que sua tropa o seguisse e ultrapassasse o Príncipe de Varis.

Conforme instruídos, os Legionários se afastaram. Marius e Nikolai caminharam lentamente atrás deles.

– O que aconteceu? – Perguntou Nikolai. – Onde você esteve a noite toda?

– Na Floresta de Silvane. Com Arabelle.

– O quê? – Ele olhou em volta como se ela pudesse se materializar na saída da floresta. – Então, onde é que ela está? Por favor, não me diga que ela fugiu.

– Não. Não exatamente. Eu a deixei ir. – Marius riu. – Embora as circunstâncias fossem bastante interessantes.

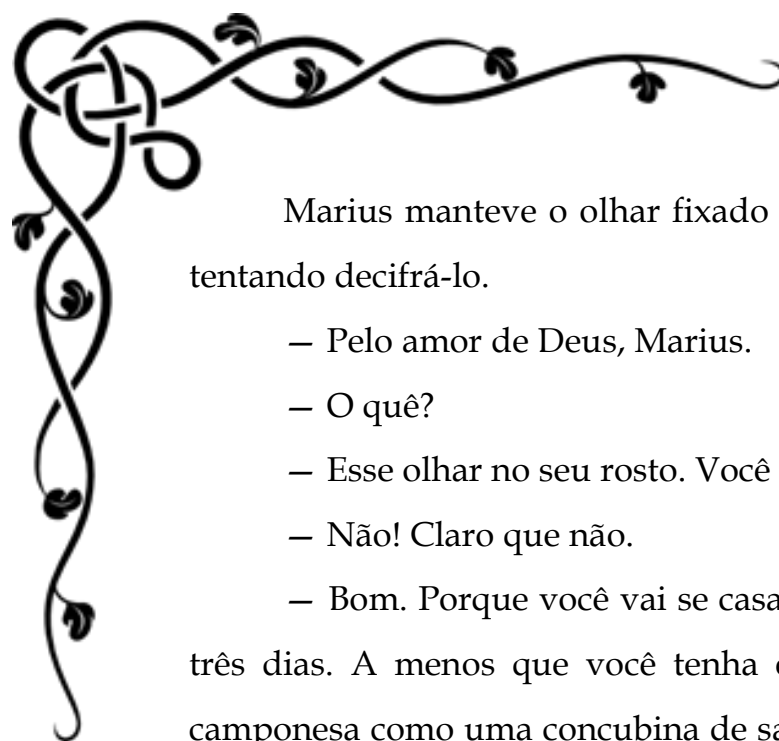
– Você a deixou ir? – Nikolai fez uma pausa e balançou a cabeça com descrença. – Pelo amor de Deus, porquê?

– É complicado.

Nikolai olhou para a frente, ainda balançando a cabeça.

– Tudo bem. Então você conseguiu, pelo menos, interrogá-la sobre o armazenamento de ouro e onde eles o estão escondendo?

– Não. Eu estava esperando para fazer isso quando voltasse ao palácio. Nossa conversa acabou tomando outros rumos.



Marius manteve o olhar fixado a frente, sabendo que seu amigo estava tentando decifrá-lo.

– Pelo amor de Deus, Marius.

– O quê?

– Esse olhar no seu rosto. Você está apaixonado por essa camponesa?

– Não! Claro que não.

– Bom. Porque você vai se casar com Vilhelmina de Arkadia dentro de três dias. A menos que você tenha esquecido. Claro, você poderia levar a camponesa como uma concubina de sangue, embora seja um pouco incomum. Mas, ninguém faz coisas incomuns melhor do que você.

– Ela nunca aceitaria ser minha concubina de sangue.

Marius expirou profundamente, desejando que Arabelle concordasse com tal coisa. Mas, ele queria mesmo aquilo? De alguma forma, ele sabia que uma mulher como ela quebraria ao ser mantida no palácio, aguardando para servir seu mestre. Ela perderia aquela luz que tinha nos olhos, a luz que ele viu quando ela falava de liberdade e de um futuro melhor. O pensamento de quebrá-la o afligiu. Ele nunca faria isso com ela. A ironia é que ele queria exatamente isso, desde o segundo em que a encontrou, no baile. Ele ainda não a conhecia. Ele só sabia que seu perfume o deixava louco de desejo, tanto que ele teria feito qualquer coisa para afundar suas presas em sua pele de porcelana. Ele a desejava ainda mais agora, mas ele não queria uma marionete. Ele queria Arabelle.

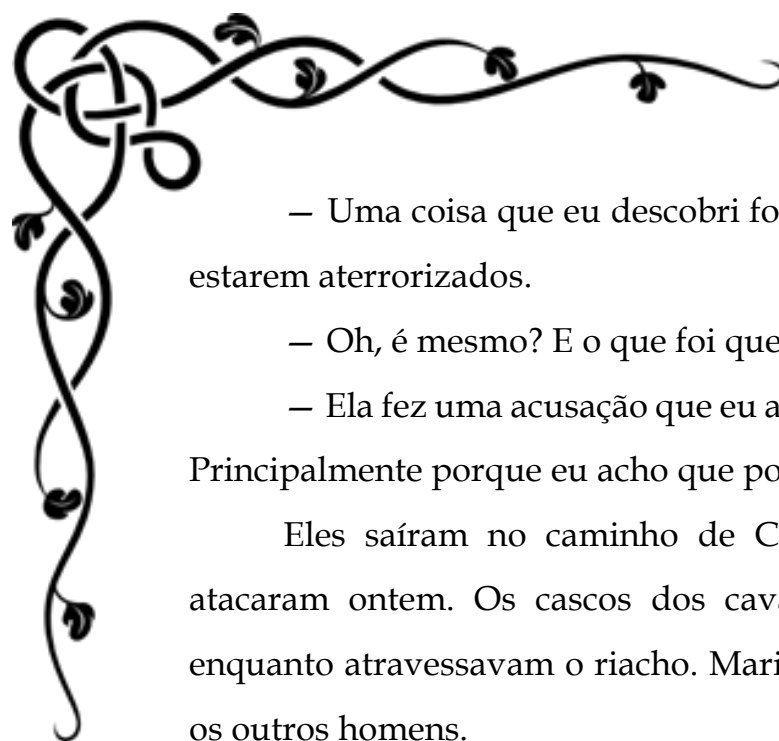
– Por que não? – Perguntou Nikolai, trazendo-o de volta à pergunta em questão. – Você é um Príncipe. É claro que ela gostaria de ser sua concubina.

Marius riu.

– Você não a conhece.

– E você a conhece?

Marius olhou para Nikolai, não gostando da censura em sua expressão.



– Uma coisa que eu descobri foi o porquê de todos os servos do palácio estarem aterrorizados.

– Oh, é mesmo? E o que foi que você descobriu?

– Ela fez uma acusação que eu acho mais do que um pouco preocupante. Principalmente porque eu acho que pode ser verdade.

Eles saíram no caminho de Chance Crossing, onde os arqueiros os atacaram ontem. Os cascos dos cavalos estavam fazendo a água espirrar enquanto atravessavam o riacho. Marius mediu o quão longe estavam Riker e os outros homens.

– Devagar. – Ele puxou as rédeas para trás.

Nikolai parou seu cavalo ao lado dele.

– O que foi, Marius? Me diga de uma vez, porque esse olhar conspiratório e preocupado no seu rosto está me assustando.

Ele limpou a garganta.

– Ela disse que existem alguns cadáveres de camponeses aparecendo em Larkin Wood, com as gargantas totalmente dilaceradas. Não apenas alguns, Nikolai. Dezenas, talvez centenas. E que isso está acontecendo há anos.

Nikolai ficou boquiaberto.

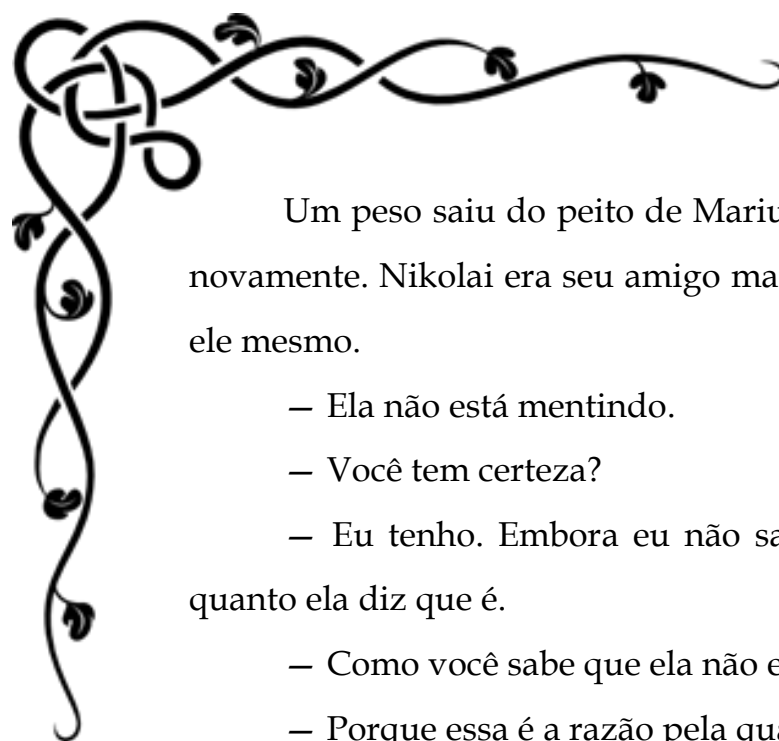
– Se você sabe alguma coisa a respeito disso, eu ordeno que me diga, aqui e agora. Eu exijo que me responda, como seu Príncipe, mas também como seu amigo.

– Marius, quero dizer, Sua Alteza...

– Nem comece com essa coisa de títulos, eu quero que você responda. Me diga a verdade! Você sabia disso?

A ira de Marius atravessou seu peito, pensando que seu amigo mais próximo poderia ter mantido algo assim escondido dele.

– Não. Eu não sabia. Mas isso não pode ser verdade. Ela deve estar mentindo. Eu teria percebido.



Um peso saiu do peito de Marius, e ele sentiu como se pudesse respirar novamente. Nikolai era seu amigo mais confiável. Sua irritação se voltou para ele mesmo.

— Ela não está mentindo.

— Você tem certeza?

— Eu tenho. Embora eu não saiba se a situação é realmente tão ruim quanto ela diz que é.

— Como você sabe que ela não está mentindo?

— Porque essa é a razão pela qual ela formou o Black Lily.

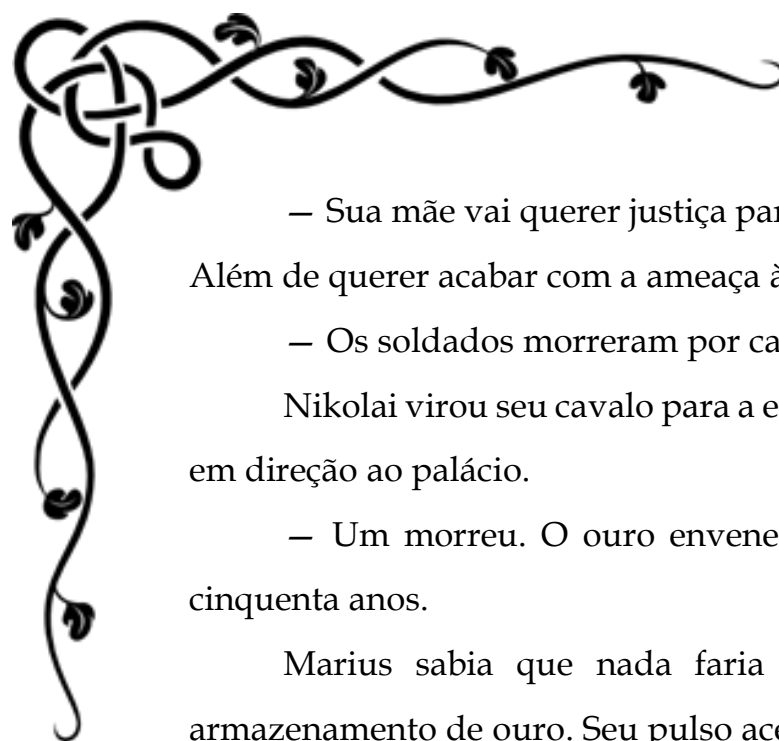
— *Ela* formou? Uma menina, aquela camponesa?

Não, ela não era uma menina. Marius se lembrou de seu corpo sensual quando ela saiu do lago, incrivelmente linda, iluminada pela luz da lua. Seu pênis ficou duro apenas com o pensamento. Ele não estava acostumado a esperar para ter o que queria, mas esperaria por toda a eternidade para passar uma noite com Arabelle. E lá estava. Finalmente, a admissão para si mesmo de que ele não a queria simplesmente para interrogá-la ou para se vingar por tentar matá-lo. Não. Ele a queria por razões totalmente diferentes.

— Nikolai, precisamos descobrir quem são e quantos estão infectados com a compulsão por sangue. Se ela estiver certa, então nós temos uma infecção de *furor sanguinea* em nosso meio. Não é apenas contra as nossas leis, mas é a única razão pela qual agora nós temos camponeses organizando assassinatos e uma rebelião iminente. Se pudermos encontrar os criminosos e levá-los à justiça, então poderemos acabar com essa revolta antes que ela comece.

E acabar com a carnificina que pode ocorrer se essa rebelião realmente se transformar em uma revolução.

Eles saíram de Larkin Wood e entraram no campo aberto que fazia fronteira com Sylus. A partir dali eles podiam ver trabalhadores no campo de trigo balançando suas foices, o sol da manhã dourando a paisagem. Seis homens carregavam fardos em uma carroça puxada por bois.



— Sua mãe vai querer justiça para aqueles soldados do Chance Crossing. Além de querer acabar com a ameaça à sua vida.

— Os soldados morreram por causa dos ferimentos?

Nikolai virou seu cavalo para a estrada de cascalho que atravessava Sylus em direção ao palácio.

— Um morreu. O ouro envenenou seu sangue. Ele era jovem, apenas cinquenta anos.

Marius sabia que nada faria seu pai desistir de encontrar aquele armazenamento de ouro. Seu pulso acelerou, pensando em Arabelle em perigo ao ser caçada pelos Legionários. Mas como ele poderia detê-los? E, mais importante, por que ele deveria tentar impedi-los? Eles estavam em posse de uma substância que tinha o poder de assassinar muito mais vampiros se sua rebelião aumentasse para uma guerra.

— Temos que encontrar quem tem a *furorem sanguinea*, Nikolai.

— Sim, *se* é que tem mesmo alguém com isso.

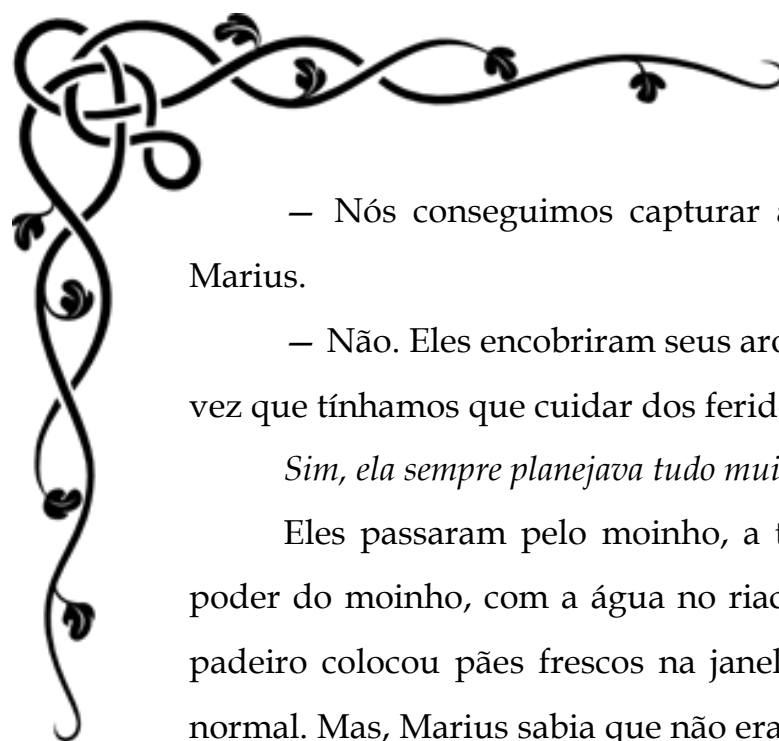
Marius sabia que Arabelle não mentira para ele. Ele tinha certeza disso.

— Ela vai acabar se espalhando. — Disse ele, nivelando seu olhar com o de seu amigo. — E quando isso acontecer, todos nós poderemos voltar para a escuridão.

Nikolai cerrou o maxilar, certamente considerando as repercussões de tal tragédia.

— Se ela estiver certa, — continuou Marius — então temos o dever de detê-la, antes que infecte a todos nós.

Nikolai acenou com firmeza. Eles passaram pela casa do ferreiro, obviamente vazia, sem o seu dono. Marius ficou mais do que aliviado ao saber que o homem não era amante de Arabelle, apertando as rédeas nos punhos. Mas ele também sabia que o ferreiro o odiava. De alguma forma, isso não o fazia se sentir melhor.



— Nós conseguimos capturar alguns de seus homens? — Perguntou Marius.

— Não. Eles encobriram seus aromas. Não conseguimos rastreá-los, uma vez que tínhamos que cuidar dos feridos. Eles planejaram tudo muito bem.

Sim, ela sempre planejava tudo muito bem.

Eles passaram pelo moinho, a trituração já funcionando, girando pelo poder do moinho, com a água no riacho ao longo da parte de trás da loja. O padeiro colocou pães frescos na janela. Tudo parecia tão pacífico. Quietos. E normal. Mas, Marius sabia que não era bem assim.

— Você ainda não me disse como ela fugiu. — Disse Nikolai.

Marius riu. Seu amigo olhou para ele como se tivesse ficado louco.

— Algo engraçado?

— Sim. Muito. — Eles viraram para fora da aldeia ao longo da estrada que conduzia ao palácio. — Na verdade, é mesmo uma história engraçada.

— Não me deixe esperando, então.

— Nós fomos emboscados por uma feiticeira de capa vermelha e seus lobos místicos.

Nikolai puxou levemente as rédeas, lançando uma expressão atordoada para Marius.

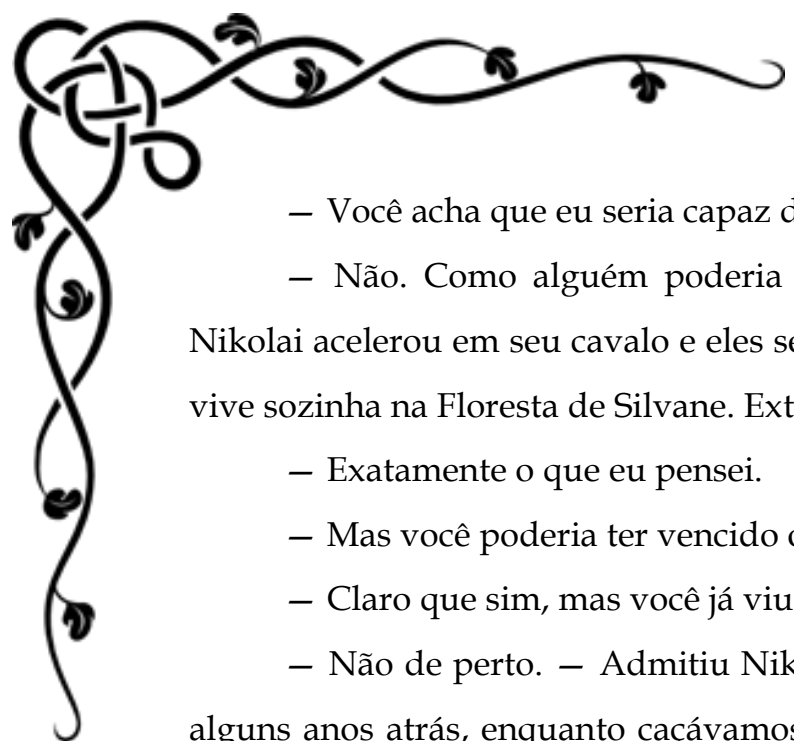
— Por favor, repita isso.

Marius apoiou uma mão na parte superior de sua sela e acenou com a cabeça para que ele continuasse andando.

— Você ouviu perfeitamente. Agora que eu pensei sobre isso, ela não era uma feiticeira de verdade. Embora tenha dado essa impressão quando apareceu do nada, de trás dos carvalhos pretos, com a capa vermelha esvoaçando e parada ao lado dessas feras monstruosas como se fossem um bando de filhotinhos.

— Você não pode estar falando sério.

Marius riu.



– Você acha que eu seria capaz de inventar isso?

– Não. Como alguém poderia ser capaz de inventar algo assim? – Nikolai acelerou em seu cavalo e eles seguiram em frente. – Uma mulher que vive sozinha na Floresta de Silvane. Extraordinário.

– Exatamente o que eu pensei.

– Mas você poderia ter vencido os lobos.

– Claro que sim, mas você já viu um?

– Não de perto. – Admitiu Nikolai. – Nós encontramos uma matilha alguns anos atrás, enquanto caçávamos veados além das fronteiras de Larkin Wood. Criaturas majestosas. O que não as torna menos temíveis.

– Precisamente. Eu não poderia matar um desses animais. E eu não vou. Nikolai sorriu.

– Príncipe Marius, filho de Varis, amigo dos lobos e – Nikolai lançou um olhar diabólico para Marius – amante de uma camponesa.

Marius franziu o cenho, nada satisfeito com a insinuação dele.

– Ela é mais do que apenas uma camponesa. – Ele criticou. – E ela não é minha amante.

Ainda.

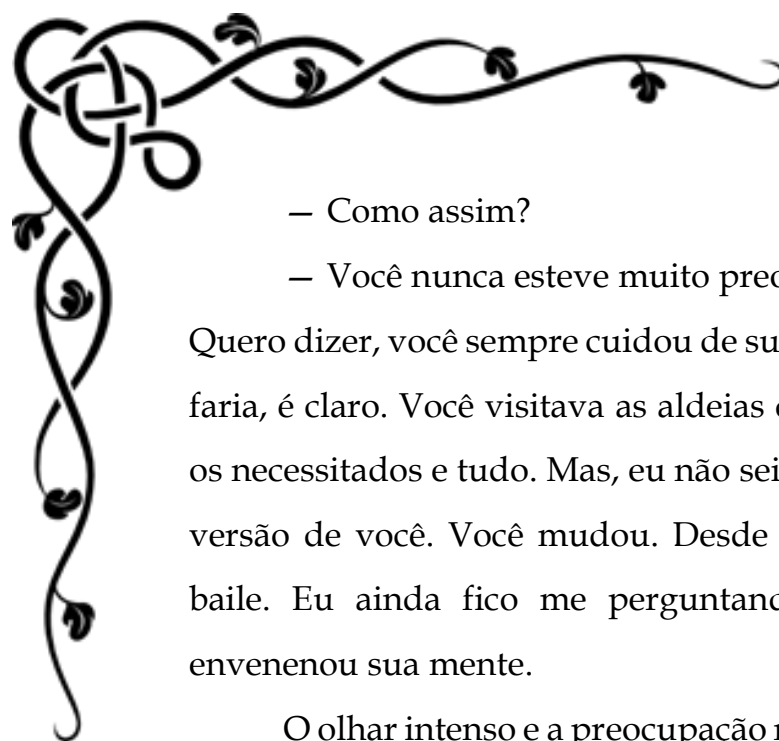
Uma tensão eletrizante pairou no ar entre os dois por um longo momento, antes que Nikolai falasse com um tom frio.

– Peço desculpas, Sua Alteza.

– Ah, vá se foder, Nikolai. Não comece a usar meu título para colocar distância entre nós. Esse é um golpe muito baixo.

Eles atravessaram o portão real e se dirigiram para os estábulos em silêncio. Então desmontaram e passaram suas rédeas para o menino do estábulo, que encaminhou seus cavalos para suas baias. Marius atravessou o paralelepípedo em direção ao palácio, quando Nikolai o alcançou e o deteve com uma mão no ombro.

– Você está certo. Mas essa situação é muito estranha.



– Como assim?

– Você nunca esteve muito preocupado com o bem-estar do povo antes.

Quero dizer, você sempre cuidou de suas necessidades, como qualquer Príncipe faria, é claro. Você visitava as aldeias de vez em quando, oferecia esmola para os necessitados e tudo. Mas, eu não sei exatamente o que fazer com essa... nova versão de você. Você mudou. Desde que aquela mulher apunhalou você no baile. Eu ainda fico me perguntando se o ouro, de alguma forma, não envenenou sua mente.

O olhar intenso e a preocupação no rosto de seu amigo suavizaram a raiva anterior de Marius. Ele sabia que Nikolai era um homem justo, senão rigoroso. Mais duro consigo mesmo e com suas próprias falhas do que com qualquer outra pessoa. Ele apertou o ombro de seu amigo.

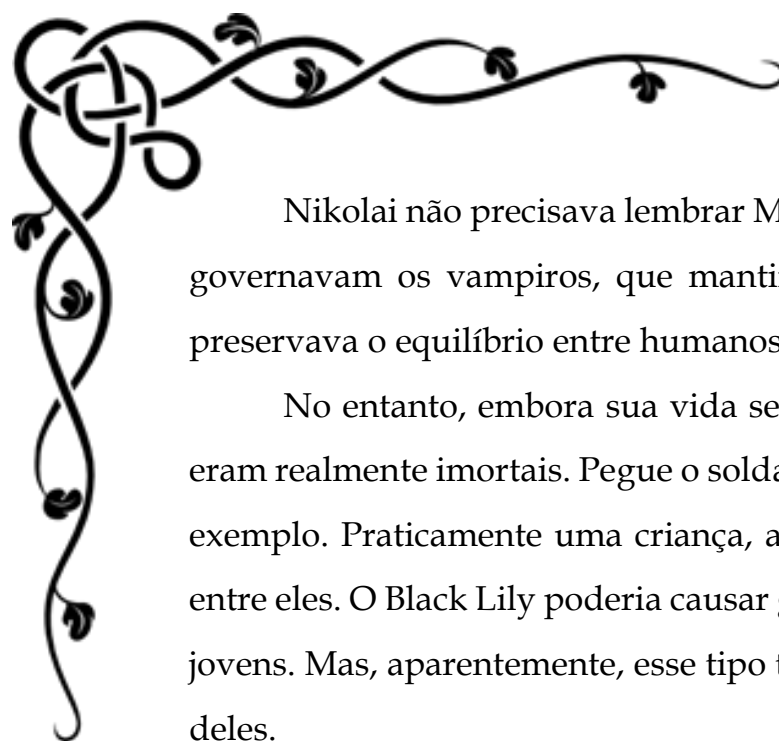
– Nikolai, me escute. Os eventos recentes de alguma forma abriram meus olhos. É fácil acreditar que o mundo é perfeito quando vivemos aqui no palácio, sem sentir falta de nada. Mas, ver como eles vivem - não, como eles sobrevivem - me faz pensar que eu não sou um monarca tão bom assim. Eu não cuido do bem-estar do meu povo como deveria. Algumas visitas à aldeia duas ou três vezes por ano não são suficientes. E agora eu sei que é ainda pior, que os vampiros podem estar descontrolados com a compulsão por sangue e matando o nosso povo...

– Você não tem certeza disso, Marius. Até agora é apenas uma acusação.

Marius apertou o ombro de seu ombro e se endireitou, olhando para o palácio.

– Certo. Mas meu instinto me diz que é real. E nós vamos descobrir se há verdade nisso. Mas, devemos fazê-lo em sigilo. Se os culpados nos descobrirem antes que possamos descobri-los, a situação pode sair do controle.

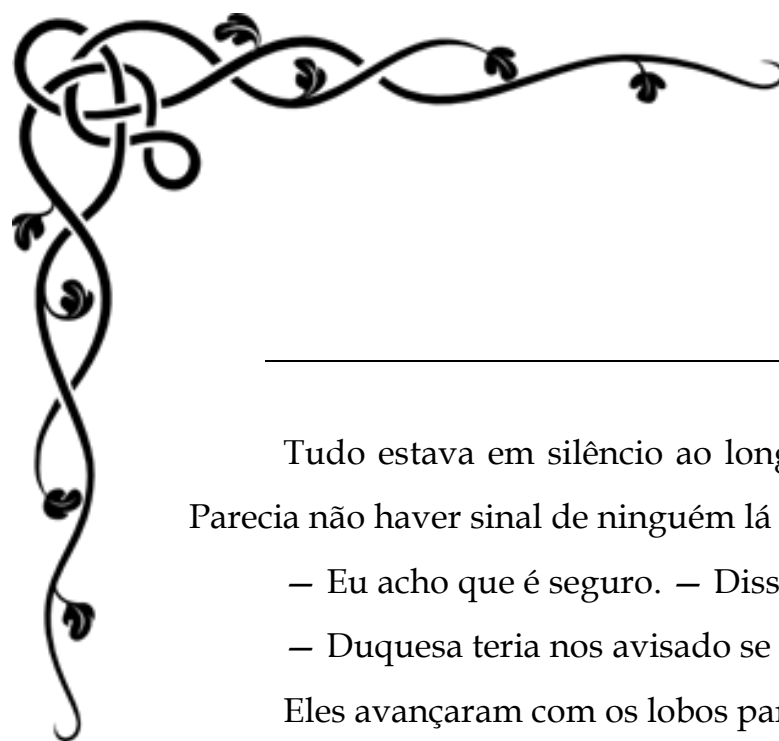
– Muito bem. – Disse Nikolai, com uma voz baixa, enquanto continuavam sua caminhada através do pátio. – A penalidade por drenar um bleeder é a morte.



Nikolai não precisava lembrar Marius disso. Todos conheciam as leis que governavam os vampiros, que mantinham sua alimentação sob as rédeas e preservava o equilíbrio entre humanos e imortais.

No entanto, embora sua vida se estendesse século após século, eles não eram realmente imortais. Pegue o soldado que morreu no Chance Crossing, por exemplo. Praticamente uma criança, aos cinquenta anos, e já não estava mais entre eles. O Black Lily poderia causar grandes danos a esse tipo de vampiro, os jovens. Mas, aparentemente, esse tipo também já havia feito grandes danos aos deles.

— Primeiro, — disse Marius enquanto caminhavam pelos degraus, um Legionário abrindo uma das portas duplas para que eles pudessem entrar — lidamos com minha mãe e meu pai. Faça apenas o que eu fizer.



Capítulo 17

Tudo estava em silêncio ao longo do caminho para a casa de madeira. Parecia não haver sinal de ninguém lá dentro.

– Eu acho que é seguro. – Disse Arabelle.

– Duquesa teria nos avisado se houvesse algum perigo.

Eles avançaram com os lobos para a frente no quintal. Ambas deslizaram das costas dos lobos e caminharam silenciosamente para a porta. Arabelle entrou primeiro e olhou para dentro. Tudo estava quieto e sossegado.

Ela acenou para Sienna entrar, então cruzou a sala para o quarto e abriu a porta. O cobertor na cama estava amassado, como se alguém tivesse dormido ali e não da maneira que ela havia deixado. Mais um passo - então alguém a agarrou por trás, pegando-a de surpresa, e colocou uma faca em sua garganta.

Sienna entrou no quarto exatamente na mesma hora. Ela balançou o cajado e bateu na cabeça do agressor de Arabelle com tanta força que ele afrouxou seu aperto com um grunhido. Arabelle o acertou nas costelas e conseguiu se libertar. Sienna o derrubou no chão com o cajado, quando Arabelle reconheceu a figura familiar.

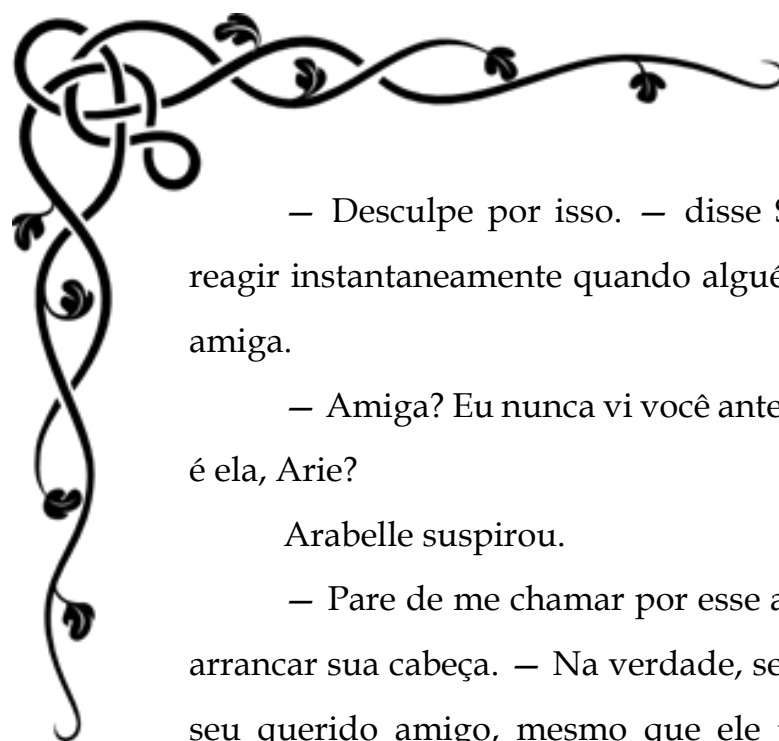
– Pare, Sienna! Pelo amor de Deus, Deek!

Ela se ajoelhou ao lado dele e o ajudou a se sentar. Ele gemeu com o esforço, esfregando a testa.

– Caralho, mulher. Você me assustou.

– *Eu* te assustei? – Ela o ajudou a se levantar com uma risada, tão agradecida ao ver que ele estava seguro e agindo como ele mesmo. – Você quase cortou minha garganta.

– Ela quase arrancou a porra da minha cabeça.



— Desculpe por isso. — disse Sienna com um sorriso. — Eu costumo reagir instantaneamente quando alguém coloca uma faca na garganta de uma amiga.

— Amiga? Eu nunca vi você antes, e conheço todos os amigos dela. Quem é ela, Arie?

Arabelle suspirou.

— Pare de me chamar por esse apelido ou eu vou deixá-la ir em frente e arrancar sua cabeça. — Na verdade, seu peito contraiu de alegria pela volta de seu querido amigo, mesmo que ele tivesse a irritando com aquele apelido infantil que ela desprezava.

— E o que você está vestindo? Minha nossa, esse é um bom visual. — Seu olhar a examinou da cabeça aos pés.

Ela revirou os olhos.

— Vamos, você está sangrando. É melhor nos sentarmos para conversar.

— Sim. Eu concordo.

Deek se dirigiu para a outra sala e se sentou à mesa de jantar quadrada.

— O que há de errado com a sua perna? — Perguntou Arabelle enquanto derramava a água do jarro ao lado do lavatório sobre um pano. Ela torceu o pano e caminhou até Deek, colocando-o no pequeno corte onde o cajado de Sienna entrou em contato com sua testa.

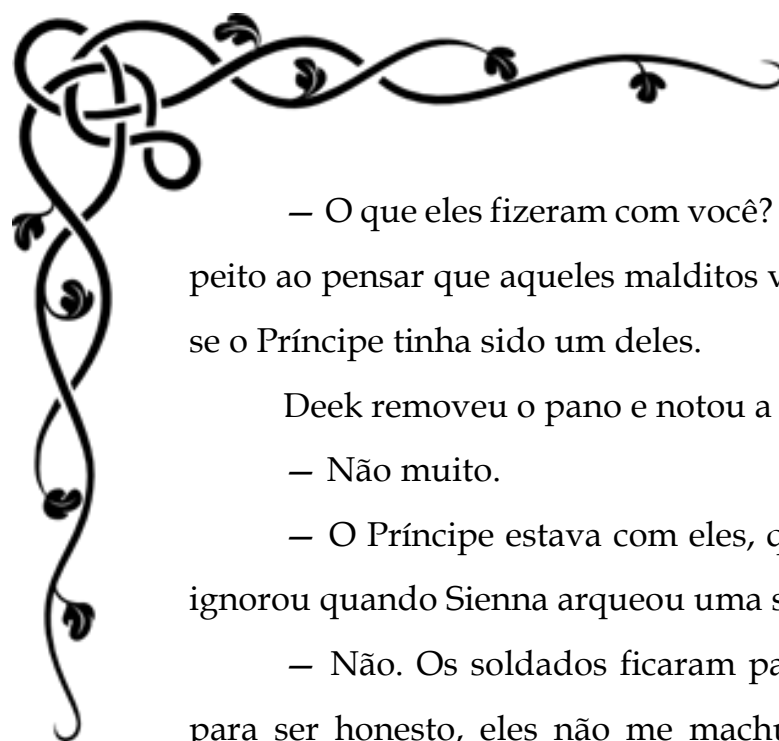
Ele estremeceu e sugou o ar entre os dentes.

— Oh, pare de ser um bebê.

— Está sensível. Ela reabriu uma ferida que os Legionários me deram.

— Peço desculpas por isso. — Sienna disse sinceramente.

Arabelle ficou séria quando se sentou ao lado dele, observando as contusões em torno de um olho, o nariz e agora a gaze envolvendo os dedos da mão que segurava o pano na cabeça dele.



— O que eles fizeram com você? Eles te torturaram? — A raiva agitou seu peito ao pensar que aqueles malditos vampiros o torturaram. Ela se perguntou se o Príncipe tinha sido um deles.

Deek removeu o pano e notou a mancha de sangue.

— Não muito.

— O Príncipe estava com eles, quando eles o interrogaram? — Arabelle ignorou quando Sienna arqueou uma sobrancelha ao ouvir sua pergunta.

— Não. Os soldados ficaram para trás para fazer o trabalho sujo. Mas, para ser honesto, eles não me machucaram tanto. Eu também lhes dei um hematoma ou dois na briga.

Ela sorriu.

— Tenho certeza que sim.

Ele colocou o pano para baixo e olhou para ela antes de, finalmente, lhe dar um sorriso torto.

— Estou feliz em ver que você ainda está inteira, garota.

Ela sorriu de volta.

— Você achou que eu não ia conseguir tomar conta de mim mesma?

— Eu achei que você era louca por aceitar se entregar naquela maldita troca.

— Oh, vamos lá, Deek. Você tinha que saber que eu tinha um plano. Como se eu fosse me sacrificar por você. Você não é um ferreiro tão bom assim. — Ela piscou.

Ele deu uma daquelas suas risadas profundas.

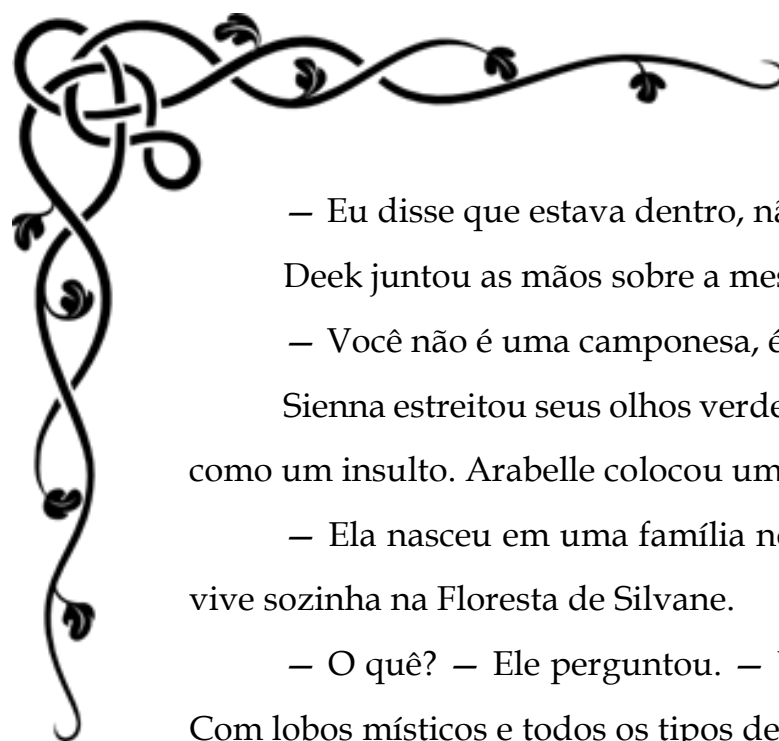
— Sim. Mas ninguém consegue fundir aço com ouro do jeito que eu faço.

— Nisso você tem razão. — Admitiu Arabelle.

— Ouro? Você tem ouro? — Interrompeu Sienna.

Deek olhou para ela com cautela.

— Tudo bem, Deek. Ela me ajudou a escapar do Príncipe. Ela é uma de nós agora, quer ela goste ou não.



– Eu disse que estava dentro, não disse?

Deek juntou as mãos sobre a mesa.

– Você não é uma camponesa, é?

Sienna estreitou seus olhos verde musgo, tomando claramente a acusação como um insulto. Arabelle colocou uma mão gentil no antebraço dele.

– Ela nasceu em uma família nobre. Mas os deixou há alguns anos. Ela vive sozinha na Floresta de Silvane.

– O quê? – Ele perguntou. – Uma mulher sozinha naqueles bosques? Com lobos místicos e todos os tipos de monstros?

Arabelle riu abertamente. Sienna arqueou uma sobrancelha, com uma expressão superior espalhando-se sobre seu rosto.

– Com lobos, com certeza. – Disse Arabelle. – Ela fez amizade com uma pequena matilha. Foi assim que assustamos o Príncipe.

Deek lhe deu um olhar suspeito e acenou com a mão no ar.

– Até parece! Eu não acredito nisso.

– Se você não acredita em mim, dê uma olhada para fora daquela janela.

– Apontou Arabelle.

Deek olhou de onde estava e não viu nada. Afastando-se da mesa, arrastando as pernas da cadeira no chão, ele avançou e espiou lá fora.

– Porra!

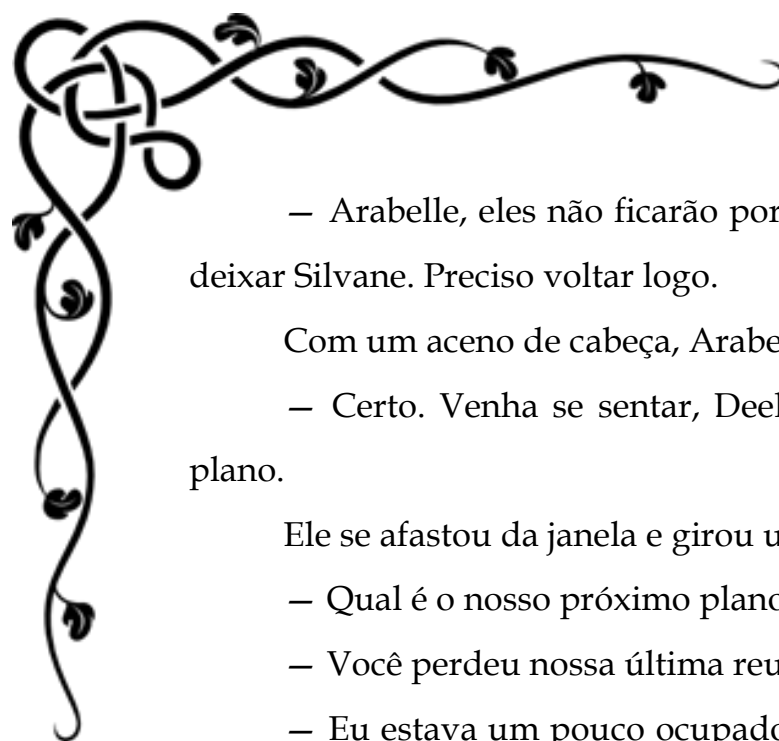
Ambas as mulheres começaram a rir. Arabelle não conseguia se lembrar de ter visto um olhar de choque no rosto de seu grande amigo antes, sempre o imperturbável ferreiro.

– Não é sempre que eu te vejo surpreso com algo.

Deek balançou a cabeça.

– Não é sempre que eu vejo uma dupla de lobos místicos parados como se fossem belos enfeites de jardins, no quintal da frente. Porra, eles são grandes.

Sienna limpou a garganta.



— Arabelle, eles não ficarão por muito mais tempo. Eles não gostam de deixar Silvane. Preciso voltar logo.

Com um aceno de cabeça, Arabelle disse.

— Certo. Venha se sentar, Deek. Precisamos discutir o nosso próximo plano.

Ele se afastou da janela e girou uma cadeira ao redor.

— Qual é o nosso próximo plano?

— Você perdeu nossa última reunião.

— Eu estava um pouco ocupado no calabouço do palácio. Desculpe por isso.

Sienna riu.

— Sem problemas. — Disse Arabelle. — Esse é o plano. Vamos sequestrar a Princesa de Arkadia.

Ele se inclinou para trás e olhou para ela.

— Você é louca, mulher. Nós mal tentamos matar o Príncipe e você vai sequestrar a noiva dele? — Ele perguntou, sua voz enchendo a pequena sala. — De jeito nenhum, Arie. Isso nunca vai funcionar.

A noiva dele. Ouvir isso em voz alta fez com que ela se encolhesse. Ela ignorou o sentimento irritante e explodiu.

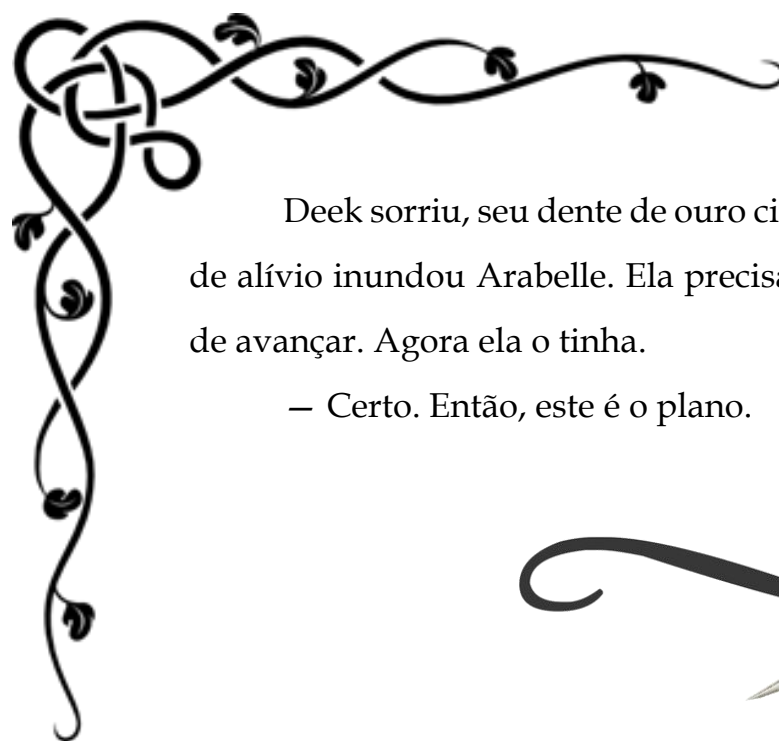
— E é exatamente porque acabamos de tentar assassinar o Príncipe que isso vai funcionar. Você não vê? Eles nem saberiam como aconteceu, exatamente porque eles nunca suspeitariam de algo assim.

Ele balançou a cabeça, encarando seus dedos enfaixados. Arabelle mordeu o lábio, esperando que sua mão se curasse, sabendo como ele adorava seu trabalho com a forja.

— A Princesa estará escoltada pelos melhores guardas. Não teremos homens suficientes para derrubá-los.

Sienna tocou a mesa com a unha, trazendo a atenção para ela.

— Homens talvez não... mas, teremos lobos suficientes.



Deek sorriu, seu dente de ouro cintilando na luz da manhã. Uma sensação de alívio inundou Arabelle. Ela precisava que ele estivesse do lado dela, antes de avançar. Agora ela o tinha.

— Certo. Então, este é o plano.



— Devemos encontrar esses criminosos e levá-los à justiça, meu filho.

A mãe de Marius caminhou perto da janela do escritório de seu pai. Seu pai, intenso e sério, estava perto da lareira de mármore, rodando uma dose de licor âmbar em um copo. Marius pegou o lampejo dourado do fogo através do licor e pensou instantaneamente em Arabelle. Aliás, ele não conseguia pensar em mais nada - a não ser nela - esses últimos dias.

— Eu entendo sua preocupação, mãe.

— Aparentemente, não. Eles finalmente conseguiram matar um dos nossos e você ainda defende essa... essa ralé e aquela camponesa imunda que tentou matá-lo.

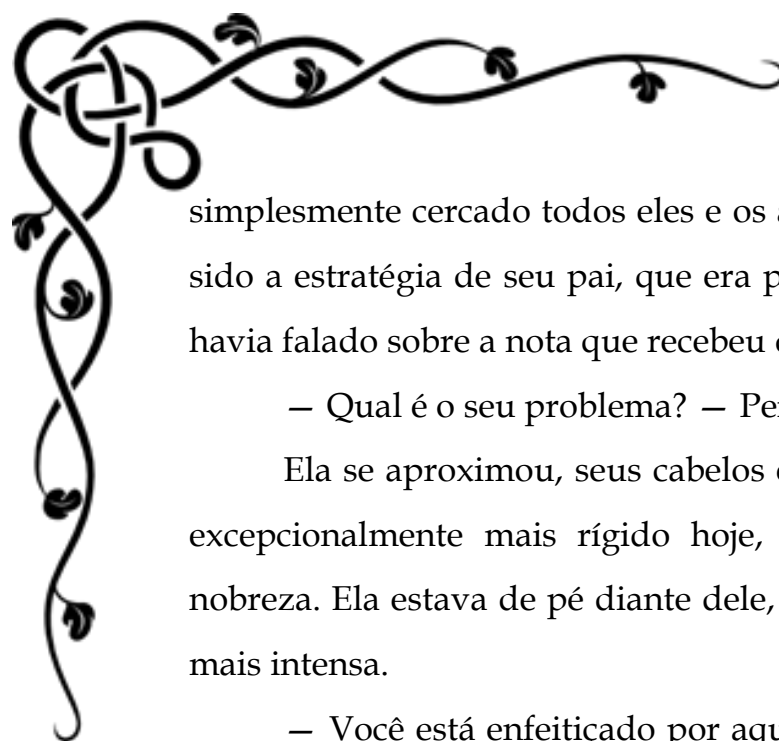
Marius estremeceu com suas palavras, mas manteve a calma.

— Por favor, me escute. Eu concordo que eles não devem sair impunes desse assassinato. Nós encontraremos os responsáveis e os levaremos à justiça.

— E vamos pendurá-los no pátio do palácio, para todos verem. — Disse seu pai.

— Não! — Marius ordenou com um rosnado. — Não, nós não vamos.

Eles estavam dando voltas e mais voltas a respeito do mesmo assunto por quase uma hora. Ele havia contado a eles tudo sobre a reunião no Chance Crossing e recebeu o pior sermão de sua vida por não os ter informado sobre o encontro e não ter levado um batalhão inteiro para a troca, onde ele deveria ter



simplesmente cercado todos eles e os aprisionado. Marius sabia que essa teria sido a estratégia de seu pai, que era precisamente o motivo pelo qual ele não havia falado sobre a nota que recebeu de Arabelle, através do pequeno Nate.

— Qual é o seu problema? — Perguntou sua mãe.

Ela se aproximou, seus cabelos escuros estavam bem presos e seu rosto excepcionalmente mais rígido hoje, sem ostentar sua típica expressão de nobreza. Ela estava de pé diante dele, com sua carranca maternal se tornando mais intensa.

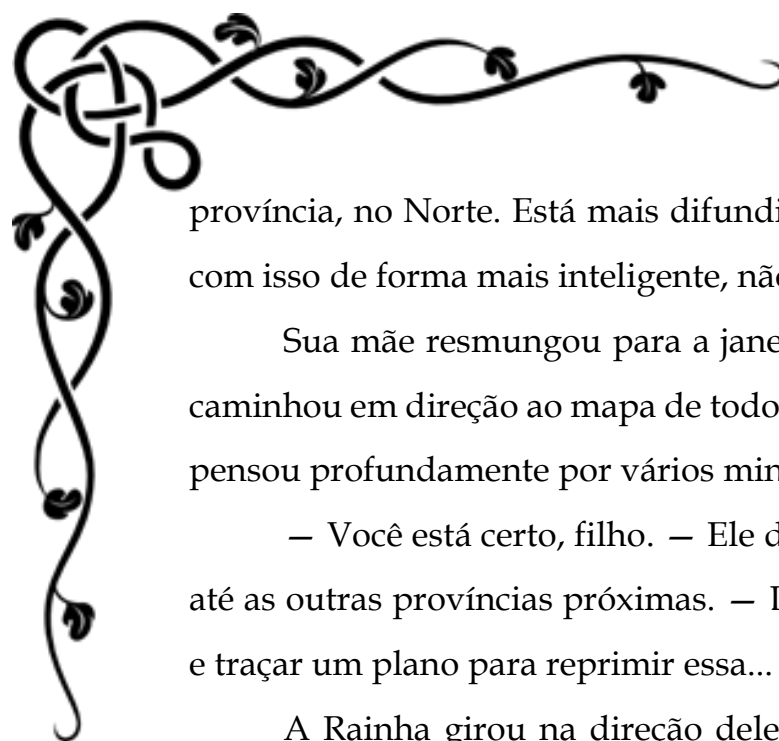
— Você está enfeitiçado por aquela camponesa? Se estiver, resolva logo isso; durma com ela, beba todo seu sangue, até secá-la, se isso for ajudar a retirá-la da sua cabeça. Ninguém vai puni-lo por isso. Mas não coloque seu bem-estar ou o bem-estar daqueles camponeses imundos acima do bem-estar da sua própria espécie.

Se ela tivesse lhe dado um tapa na cara, teria sido mais gentil. Ele percebeu que, certamente, não daria para argumentar com ela. O fato de sua própria mãe insinuar que ele quebraria as leis para saciar sua sede - bebendo do sangue dela, até secá-la - fez com que ele recuasse. Ele não ousou contar a nenhum deles sobre as acusações de Arabelle, a respeito da *furorem sanguinea* infectando o palácio. Isso teria sido o suficiente para que eles a caçassem e a matassem por fazer acusações tão absurdas. Ele precisava reunir pelo menos uma prova antes de tomar qualquer decisão.

— Mãe, pai, — ele disse friamente — se vocês prenderem todos os criminosos e pendurarem seus corpos publicamente, só vão fazer com que o povo os enxergue como mártires. O que só vai alimentar ainda mais essa revolta, que já começou.

— Não se matarmos todos eles. — Disse seu pai, direcionando um olhar glacial para Marius.

— E como você vai ter certeza de que conseguiu matar todos eles? O primo Friedrich disse que ouviu especulações sobre o Black Lily em sua própria



província, no Norte. Está mais difundido do que você pensa. Precisamos lidar com isso de forma mais inteligente, não com mais agressão.

Sua mãe resmungou para a janela, cruzando os braços, irritada. Seu pai caminhou em direção ao mapa de todo o Império em uma mesa de exibição. Ele pensou profundamente por vários minutos. Marius aguardou. Esperançoso.

— Você está certo, filho. — Ele disse, traçando seu dedo na rota de Sylus até as outras províncias próximas. — Devemos nos reunir com a nobreza local e traçar um plano para reprimir essa... rebelião. Antes que ela comece.

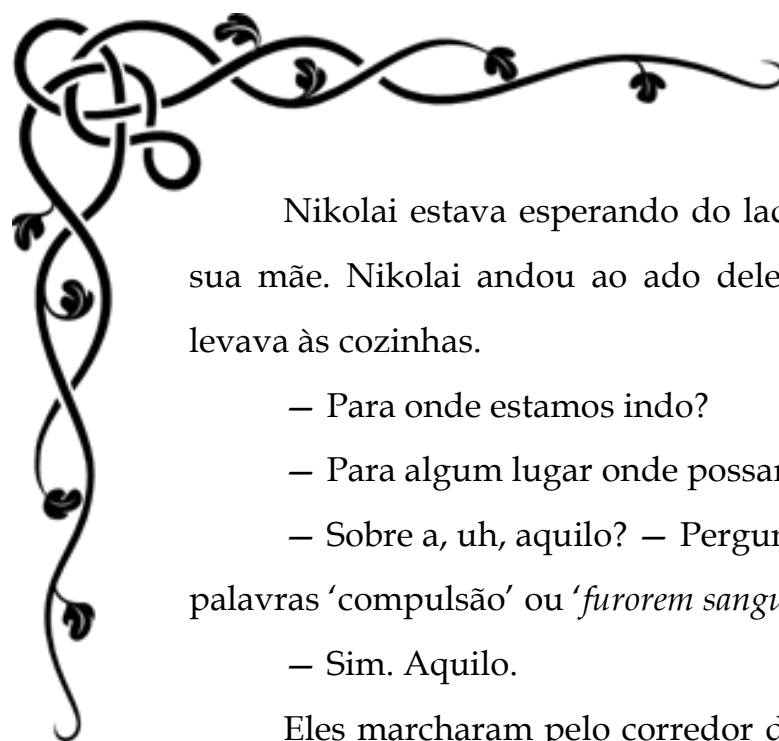
A Rainha girou na direção dele, de costas para a janela, com um novo olhar de tranquilidade.

— Perfeito. — Ela deslizou de volta, para ficar diante de Marius e endireitou a lapela do seu blazer. — A nobreza já começou a chegar. A Princesa Vilhelmina estará aqui dentro de dois dias. Quando Friedrich chegar, nós arranjaremos uma reunião para discutir sobre esse assunto. — Ela alisou uma mecha solta de seu cabelo no lugar. — Enquanto isso, querido, — ela disse, ignorando o desprezo de suas afeições habituais — vá se preparar para receber sua noiva. Ela estará aqui em breve e vai querer a atenção de seu futuro marido.

Marius cerrou os dentes para evitar começar outra discussão. Ele não tinha intenção de passar qualquer momento com a noiva antes do casamento. Ele ia deixar isso para depois do casamento, onde já ficaria preso com ela por séculos.

— Bom dia. — Ele disse, acenando para os dois com firmeza, recusando-se a reconhecer a chegada da noiva.

O olhar franzido de sua mãe reapareceu. Ele não podia se importar menos. Ela estava mais preocupada com casamentos e tradições do que com seu próprio povo. Por um momento, ele se perguntou como poderia ter nascido deles, que tinham objetivos tão distantes dos dele. Ele saiu do escritório, frustrado e irritado.



Nikolai estava esperando do lado de fora, assim como os guardiões de sua mãe. Nikolai andou ao lado dele, enquanto seguiam pelo corredor que levava às cozinhas.

– Para onde estamos indo?

– Para algum lugar onde possamos encontrar respostas.

– Sobre a, uh, aquilo? – Perguntou Nikolai, não se atrevendo a dizer as palavras ‘compulsão’ ou ‘*furorem sanguinea*’ em voz alta.

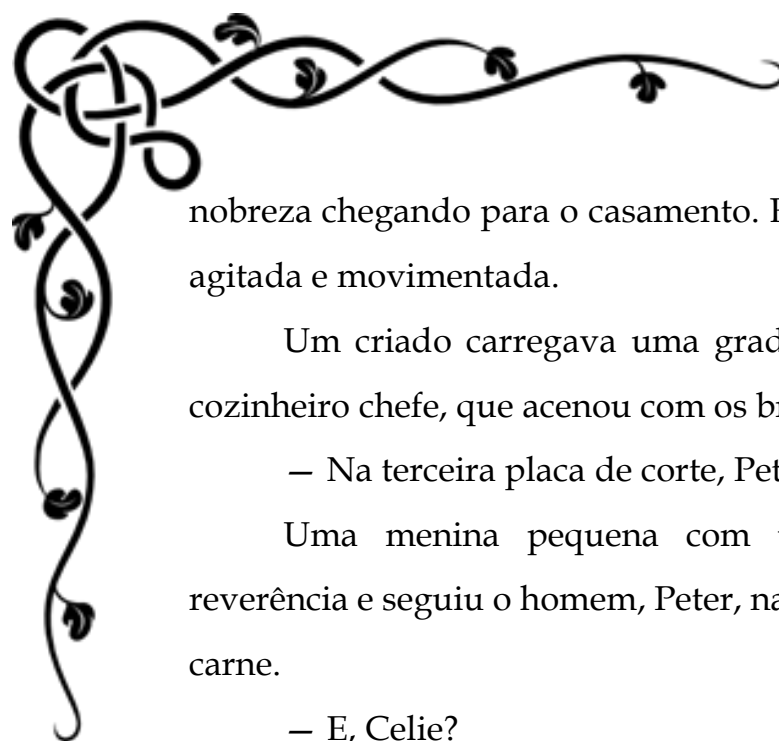
– Sim. Aquilo.

Eles marcharam pelo corredor de gabinetes e escritórios, passando pelo seu próprio, chegando a uma pequena turma de Legionários liderada pelo sargento Adrian Loman. Marius se lembrou da maneira como o homem segurava Arabelle em seus braços na noite do baile. Um instinto diabólico instigou-o a estrangular o homem, baseado apenas nos pensamentos lascivos que ele sabia que estavam passando pela mente do vampiro naquela noite. O Sargento Loman tinha uma reputação de ser rude com as mulheres e ter um apetite insaciável.

O Sargento e seus homens formaram uma fila lateral em atenção ao Príncipe e ao Tenente que se aproximavam. Eles curvaram suas cabeças quando eles passaram. Marius nem sequer reconheceu a saudação, não se importando em agir como um monarca arrogante e tedioso. Era melhor avançar rapidamente do que ceder à sua necessidade de socar o homem no meio da cara.

Marius e Nikolai se distanciaram das câmaras reais e desceram uma escada de pedra sinuosa, até o nível mais baixo, nas cozinhas. O vapor e os aromas picantes subiam através da escada. Era sempre uma surpresa para ele ver quantas iguarias doces e saborosas um palácio de vampiros poderia consumir, mesmo sem ter a necessidade de se alimentar, de fato.

Os vampiros gozavam de seus luxos e excessos. Os cozinheiros estariam ocupados criando todos os tipos de delícias culinárias para impressionar a



nobreza chegando para o casamento. Eles entraram em uma atmosfera úmida, agitada e movimentada.

Um criado carregava uma grade de veados nas costas, em direção ao cozinheiro chefe, que acenou com os braços quando cuspiu ordens.

– Na terceira placa de corte, Peter. Barbara, coloque-o no defumador.

Uma menina pequena com um avental ensanguentado fez uma reverência e seguiu o homem, Peter, na tábua de corte, onde pousou a grade de carne.

– E, Celie?

– Sim, Chefe. – Disse uma mulher gorducha, lançando o que deviam ser cinco quilos de massa em uma mesa comprida.

– Como estamos com os pastéis?

– Tudo no prazo, chefe.

– Bom. Agora devemos...

O chefe parou no meio da frase, observando o Príncipe e seu Tenente, de pé nas cozinhas. Marius não vinha aqui desde que era criança, quando ninguém estava olhando. Todos pararam e se curvaram.

– Por favor. – Disse Marius, acenando com a mão. – Continuem seu trabalho. Chefe, posso falar com você?

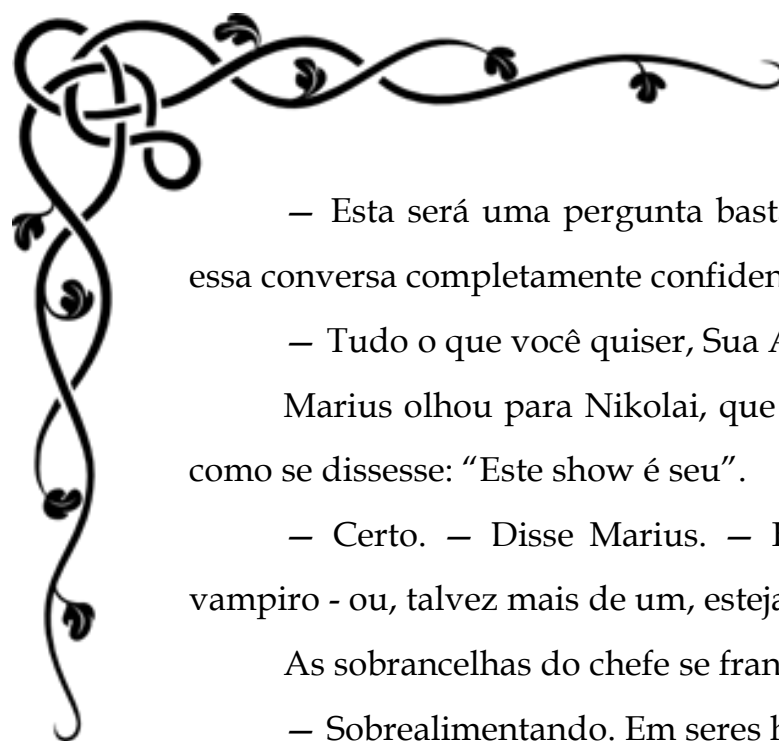
– Claro, Sua Alteza.

Marius acenou com a cabeça em direção a um pequeno corredor que levava às despensas. O chefe os conduziu pelo corredor. Ele era um homem grande e robusto. Ele manobrou pela despensa de especiarias, no final do corredor, e se virou, enxugando as mãos furiosamente em seu avental sujo.

– O que houve, Sua Alteza? Fiz algo que não é do seu agrado?

– Não, não. Nada é disso. Nós temos a cozinha mais invejada em toda Varis, por sua causa.

O homem sorriu, seu queixo duplo mais evidente, o rosto corado de rosa.



– Esta será uma pergunta bastante incomum, e eu gostaria de manter essa conversa completamente confidencial.

– Tudo o que você quiser, Sua Alteza. Claro.

Marius olhou para Nikolai, que simplesmente levantou as sobrancelhas como se dissesse: “Este show é seu”.

– Certo. – Disse Marius. – Há uma suspeita de que alguém, - um vampiro - ou, talvez mais de um, estejam... se sobrealimentando pelo palácio.

As sobrancelhas do chefe se franziram em uma expressão intrigada.

– Sobrealimentando. Em seres humanos. Quer dizer, até matá-los.

O chefe engasgou visivelmente, contraindo os músculos da garganta.

– Você já viu ou ouviu falar sobre isso no palácio?

– Por que... eu... não... eu nunca vi ou ouvi uma coisa dessas, pessoalmente, Sua Alteza. Jamais pensaria algo desse tipo da família Varis. – Sua agitação combinou com a torção de suas mãos carnudas. O pulso do homem acelerou, batendo tão rápido que Marius temeu que seu coração pudesse explodir. O cheiro do medo estava impregnado no ar.

– Nós não estamos aqui para acusá-lo. – Nikolai disse tranquilamente.

– Na realidade, estamos buscando informações a respeito dessas ocorrências para averiguar se são verdadeiras. Então, poderemos ser capazes de impedir que isso aconteça de novo.

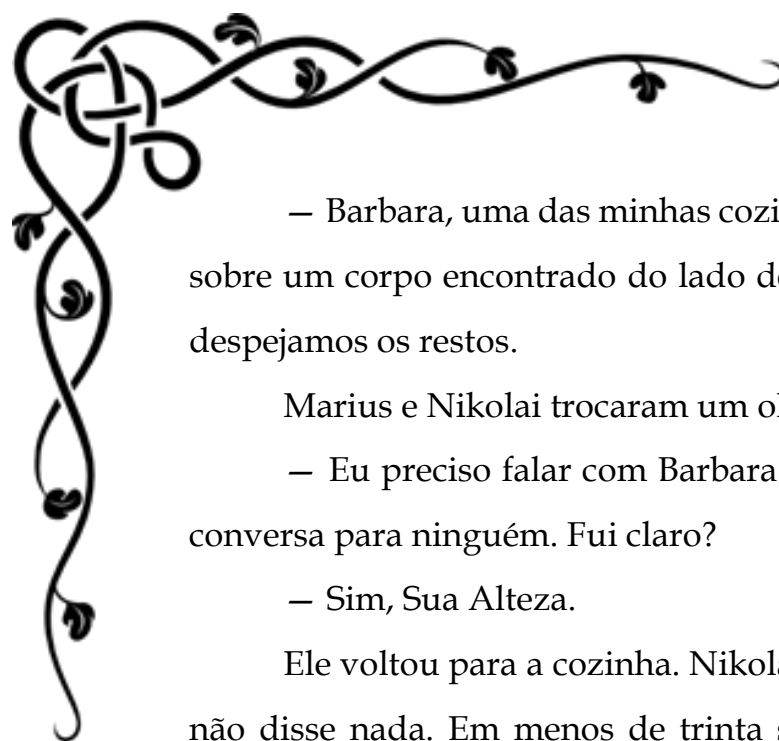
– Eu nunca... não... Eu não vi nada.

– Você disse *pessoalmente*. – Observou Marius. – Isso significa que você conhece alguém que pode ter visto ou ouvido algo?

Ele fechou a boca. Uma gota de suor escorreu de sua testa.

– Chefe, você já trabalha há décadas em nossa casa. Eu nunca o machucaria por me dizer a verdade. Eu sei que você sabe de alguma coisa. Meus sentidos me dizem isso. Então, por favor, me diga.

Ele limpou a garganta e soltou o avental, alisando-o na parte da frente.



— Barbara, uma das minhas cozinheiras. Eu a ouvi falar com outra garota sobre um corpo encontrado do lado de fora da cozinha, no beco traseiro onde despejamos os restos.

Marius e Nikolai trocaram um olhar de cumplicidade.

— Eu preciso falar com Barbara imediatamente. E você não falará dessa conversa para ninguém. Fui claro?

— Sim, Sua Alteza.

Ele voltou para a cozinha. Nikolai soltou o ar que estava segurando, mas não disse nada. Em menos de trinta segundos, a pequena menina estava na entrada, seus olhos castanhos extremamente arregalados.

— Está tudo bem. — Disse Nikolai. — Você não está em perigo. Nós temos apenas algumas perguntas para te fazer.

Ela entrou no quarto, tremendo visivelmente diante deles. O medo parecia tão real que ele realmente sentiu pena da pobre garota. Ela estava encostada na prateleira dos vidros em conserva, como se estivesse esperando algum castigo brutal.

— Barbara. — Começou Marius, num tom calmante. — Por favor, não tenha medo. Prometemos que o que temos para perguntar é simplesmente para encontrar os criminosos responsáveis.

— É sobre aquele menino da fazenda, não é? — Ela perguntou com uma voz fraca.

— Que menino da fazenda?

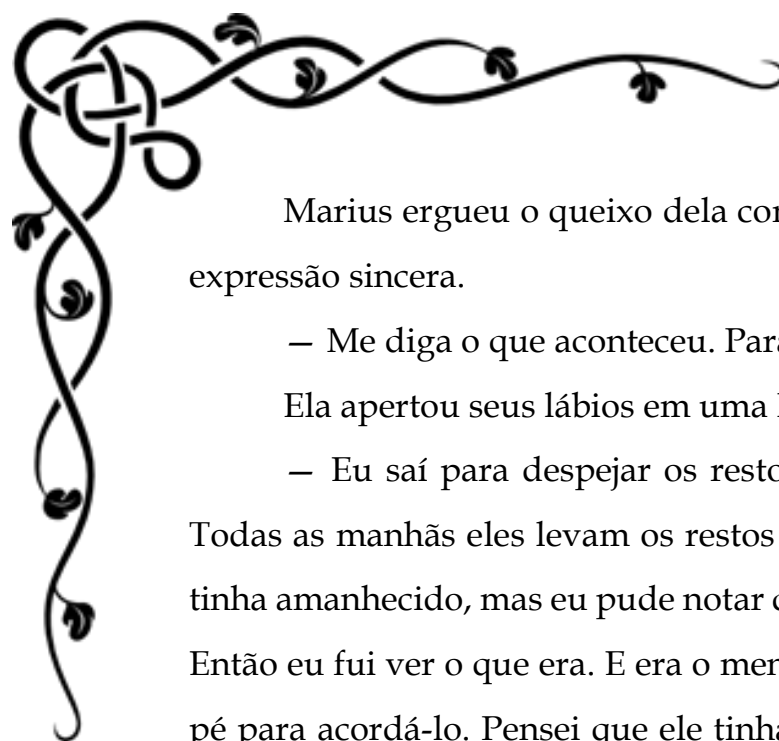
— O de Hiddleston, que entrega as batatas doces e as beterrabas.

— Você conhece esse rapaz?

— Eu só o conhecia porque ele flertava comigo muitas vezes, quando vinha fazer suas entregas mensais.

— O que aconteceu com ele?

Seu olhar fitou o chão e ela balançou a cabeça, o laço de sua touca branca tremendo tanto quanto ela.



Marius ergueu o queixo dela com a ponta do dedo e implorou com uma expressão sincera.

— Me diga o que aconteceu. Para que não volte a acontecer.

Ela apertou seus lábios em uma linha fina e fechou os olhos.

— Eu saí para despejar os restos da noite anterior no carrinho de lixo. Todas as manhãs eles levam os restos para o composto de adubos. Ainda não tinha amanhecido, mas eu pude notar que tinha alguma coisa atrás do carrinho. Então eu fui ver o que era. E era o menino da fazenda. Eu o cutuquei com meu pé para acordá-lo. Pensei que ele tinha tomado alguma bebida e tivesse caído no sono. Mas ele não se moveu. — Uma lágrima escorreu pela bochecha dela.

— Então eu o estudei mais de perto com minha lanterna e me deparei com olhos arregalados e um rosto branco feito um fantasma. Eu toquei sua mão e a apertei... eu... Ele estava frio feito um cadáver. Foi quando eu vi o sangue. Sua garganta estava... — ela segurou um soluço — estava completamente dilacerada. Corri para contar ao chefe, e quando ele finalmente veio comigo, o corpo já havia desaparecido.

Os ombros dela tremeram com um soluço.

— Tudo bem. — Disse Marius. — Está tudo bem.

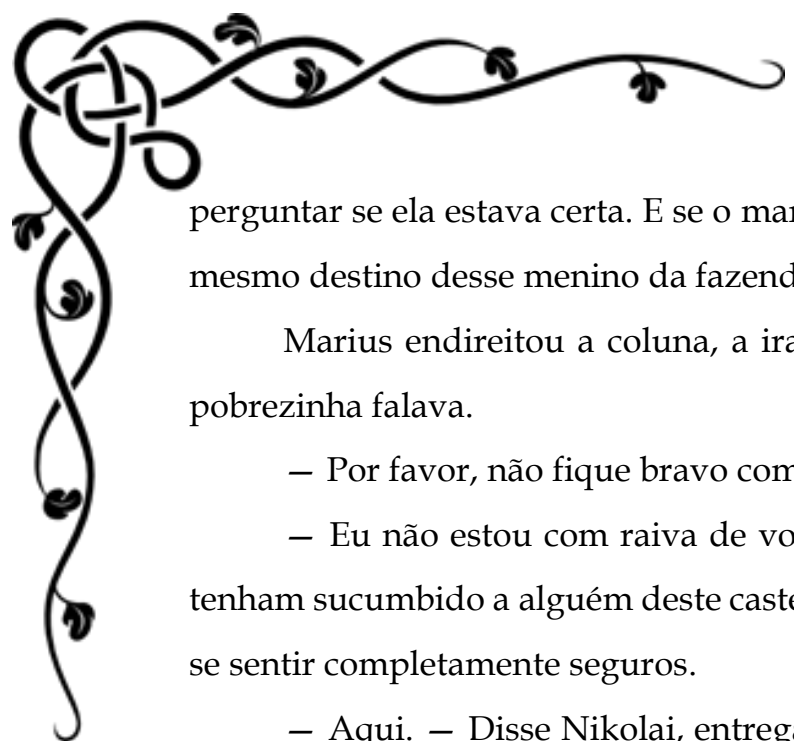
— Por favor, não me machuque por dizer isso. Mas eu sei que não é a primeira vez.

— Você encontrou outro corpo antes desse? — Perguntou Nikolai.

Ela balançou a cabeça.

— Não. Mas eu falei com uma amiga da Silver Crown¹⁰ em Sylus uma noite. Ela disse que o marido da prima dela veio ao palácio para um trabalho há seis meses. E ele nunca mais voltou para casa. Eu disse a minha amiga: “Bem, ela foi trocada por outra mulher, com certeza.” E minha amiga disse: “Ah, não, Barbara. Ele era do tipo devotado. Nunca a deixaria.” E eu tive que me

¹⁰ Traduzido seria Coroa de Prata, que é o nome de um dos bares de Sylus.



perguntar se ela estava certa. E se o marido da prima dela tivesse encontrado o mesmo destino desse menino da fazenda?

Marius endireitou a coluna, a ira aumentando com cada palavra que a pobrezinha falava.

— Por favor, não fique bravo comigo, Sua Alteza.

— Eu não estou com raiva de você, Barbara. Só lamento que as vítimas tenham sucumbido a alguém deste castelo, onde todos os que entram deveriam se sentir completamente seguros.

— Aqui. — Disse Nikolai, entregando um lenço à menina. — Limpe seu rosto e então volte ao trabalho, mas não conte nada disso a ninguém. Especialmente a outros vampiros.

— Oh, não. — Ela disse, sacudindo sua pequena cabeça. — Eu não vou contar a uma alma. E eu vou continuar invisível, como minha mãe me disse para ser. Com sua licença.

Limpando o nariz e as bochechas, ela se levantou e saiu da despensa. Nikolai apoiou a mão no muro de pedra, observando-a sair.

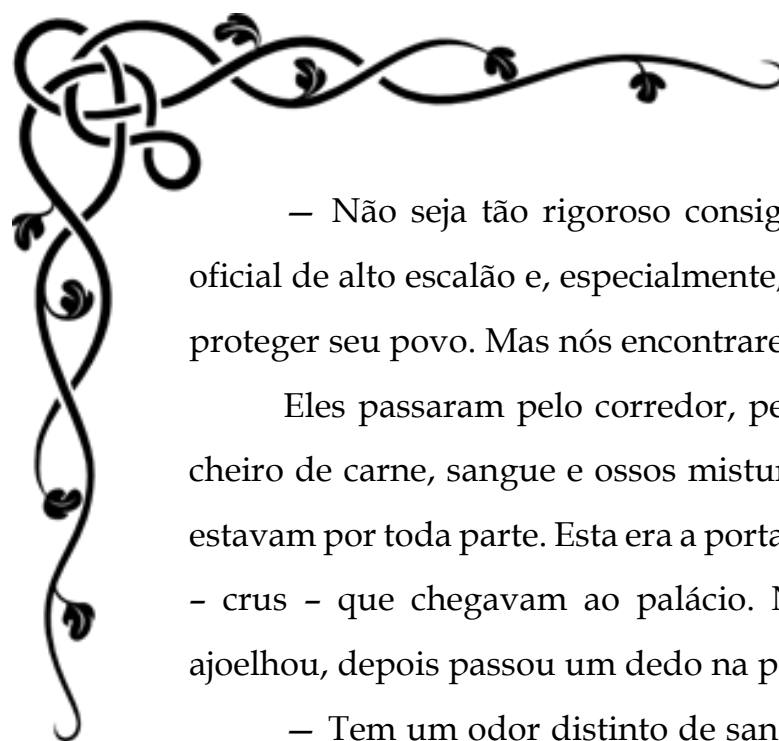
— É verdade. — Disse ele.

— Sim. — Concordou Marius. — E agora temos que encontrá-lo.

— Ou encontrá-los. — Corrigiu Nikolai.

— Ou encontrá-los. — Ele concordou. — Eles são sigilosos, sejam eles quem forem. Não sei nem como começar a calcular quantos corpos eles deviam estar acumulando enquanto não estávamos cientes.

— Você pelo menos tem uma desculpa para não ter notado. — Disse Nikolai, com uma expressão de remorso marcada em seu rosto. — Você passa os seus dias e as suas noites nos gabinetes reais. Eu não tenho desculpa. Sou responsável pelo meu próprio regimento há décadas e nunca percebi nenhum sinal da compulsão por sangue correndo desenfreada dentro dessas paredes.



– Não seja tão rigoroso consigo mesmo. Nós dois temos culpa. Todo oficial de alto escalão e, especialmente, a família real, são responsáveis por não proteger seu povo. Mas nós encontraremos esses assassinos. Nós precisamos.

Eles passaram pelo corredor, pela cozinha e saíram no beco traseiro. O cheiro de carne, sangue e ossos misturados com o cheiro de sujeira e vegetais estavam por toda parte. Esta era a porta de entrada e saída de todos os alimentos – crus – que chegavam ao palácio. Nikolai esfregou o paralelepípedo e se ajoelhou, depois passou um dedo na pedra e cheirou.

– Tem um odor distinto de sangue humano, disfarçado sob o cheiro da sujeira que vem dos restos que vive sendo arrastada para dentro e para fora daqui.

Marius conseguia sentir o cheiro de onde ele estava. Sangue humano definitivamente havia sido derramado sobre esses paralelepípedos. Não era incomum sentir cheiro de sangue humano no palácio, com tantos bleeders em residência que ofereciam seu sangue voluntariamente aos Legionários, em troca de soberanos. Mas o sangue humano em um beco, *neste* beco, definitivamente confirmou a história de Barbara.

Marius percorreu o beco em direção à saída para o palácio.

– Para onde, agora? – Perguntou Nikolai.

– Para os estábulos. Nós vamos visitar o Silver Crown, em Sylus.

– Por que ir a taberna?

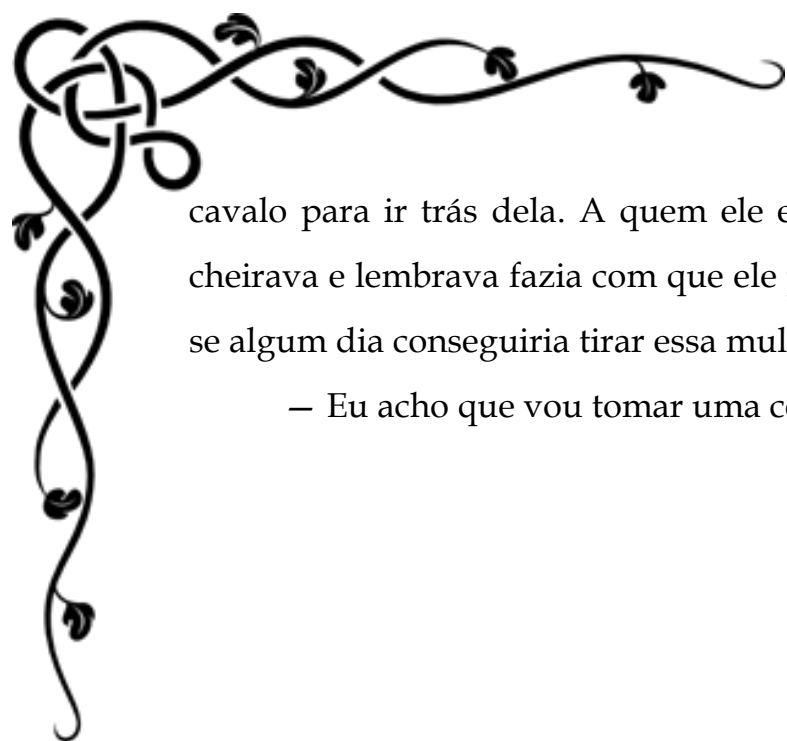
– Porque, meu amigo, é ali que todos bebem muito e falam demais. Se alguém sabe de alguma coisa, esse alguém é o dono da taberna.

– E nós podemos aproveitar e beber uma cerveja enquanto estivermos lá. – Acrescentou Nikolai.

Marius riu.

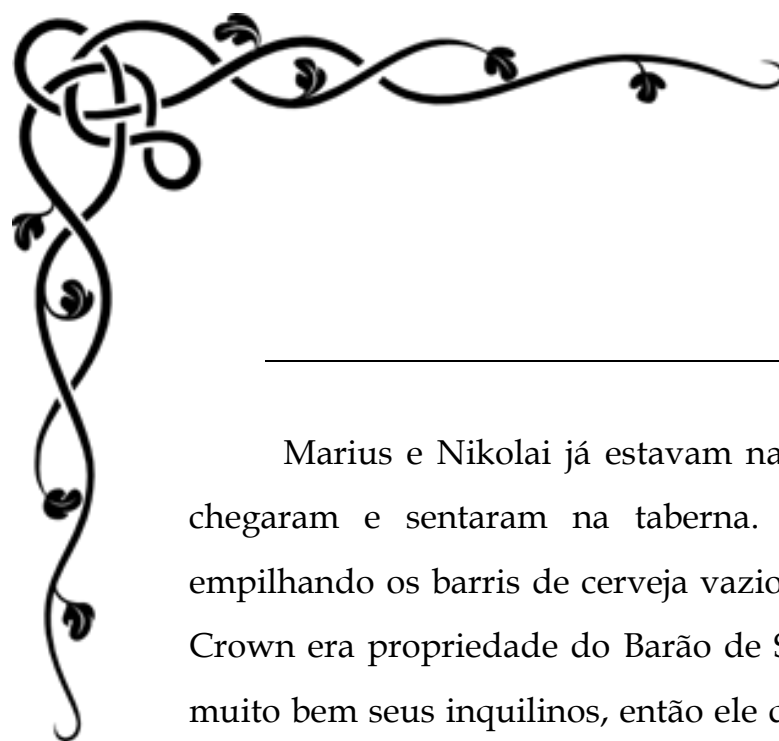
– Você e seu amor pela cerveja.

Eles entraram nos estábulos, e Marius imediatamente recordou da noite em que Arabelle tentou matá-lo e ele correu para os estábulos, procurando um



cavalo para ir trás dela. A quem ele estava enganando? Tudo o que ele via, cheirava e lembrava fazia com que ele pensasse em Arabelle. Ele se perguntou se algum dia conseguiria tirar essa mulher da cabeça.

– Eu acho que vou tomar uma cerveja com você.

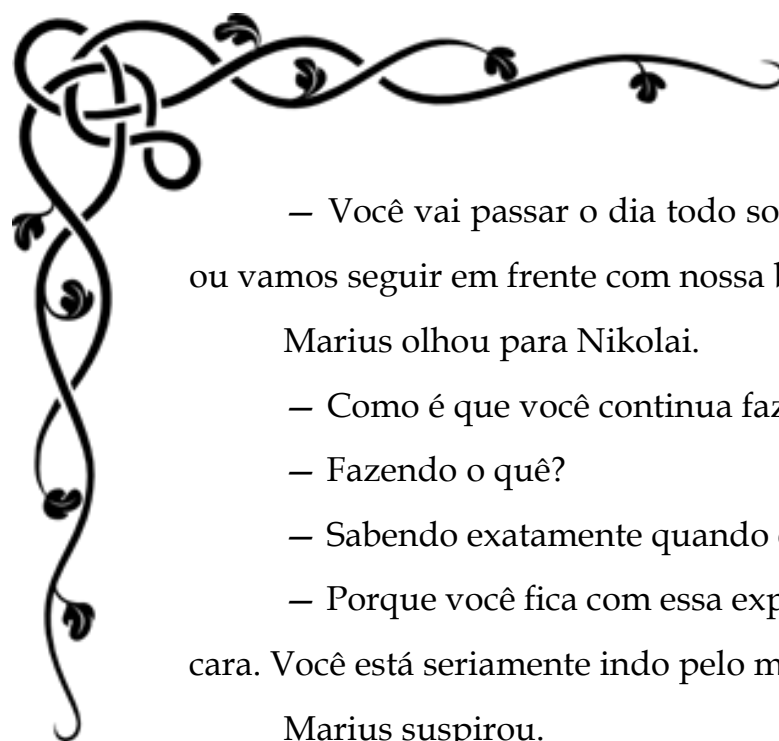


Capítulo 18

Marius e Nikolai já estavam na segunda rodada de cerveja desde que chegaram e sentaram na taberna. Winston, o barman, estava ocupado empilhando os barris de cerveja vazios na lateral da parede. A taberna Silver Crown era propriedade do Barão de Sterling House. O Barão não controlava muito bem seus inquilinos, então ele deixava Winston gerenciar o lugar como se fosse dele. Era limpo, mas bagunçado, cheio de tampas de mesas de madeira espalhadas. Winston cuidava da parte do bar e sua esposa preparava o almoço e as refeições noturnas. O cheiro de carne ensopada anunciava no menu desta noite. Marius se perguntou se Winston também se ressentia de seu empregador, como Arabelle havia insinuado.

Os poucos clientes que estavam aqui quando eles chegaram, foram embora. Marius odiava ter esse efeito sobre as pessoas. Além de seus pais, apenas Nikolai falava e tratava Marius com ele mesmo, e não como o Príncipe de Varis. E Arabelle. Claro, ela preferiria cuspir em seus olhos a falar com ele diretamente, mas pensar nela ainda o fazia sorrir.

Talvez seja por isso que ele nunca tenha percebido o que estava acontecendo bem debaixo do nariz dele. Os camponeses podiam sorrir e se curvar corretamente, mas nunca ofereceram o tipo de informações que ele descobriu esta tarde. Ele teve que coagir o cozinheiro chefe e a empregada da cozinha para tirar a verdade deles. E ambos se afastaram abalados e cheios de ansiedade após a experiência, mesmo quando ele prometeu que nenhum castigo seria aplicado a eles. A Torre de Vidro se tornou sua própria gaiola de luxo, separando-o das pessoas que deveria proteger. De pessoas como Arabelle, que precisavam de um monarca leal do seu lado. O que ele mais desejava era que ela também precisasse dele de outras maneiras.



— Você vai passar o dia todo sonhando acordado com a sua camponesa ou vamos seguir em frente com nossa busca por respostas?

Marius olhou para Nikolai.

— Como é que você continua fazendo isso?
— Fazendo o quê?
— Sabendo exatamente quando estou pensando nela.
— Porque você fica com essa expressão ridiculamente abobalhada na sua cara. Você está seriamente indo pelo mau caminho, não está?

Marius suspirou.

— Você ainda pensa em Cutters Cove¹¹?
— Tentando mudar de assunto, não é?
— Sim. Mas eu realmente sinto falta daquele lugar.
— Você sente falta de meu pai nos espancando até que fôssemos treinados adequadamente e tivéssemos extremas habilidades no manuseio de armas e na prática da caça?

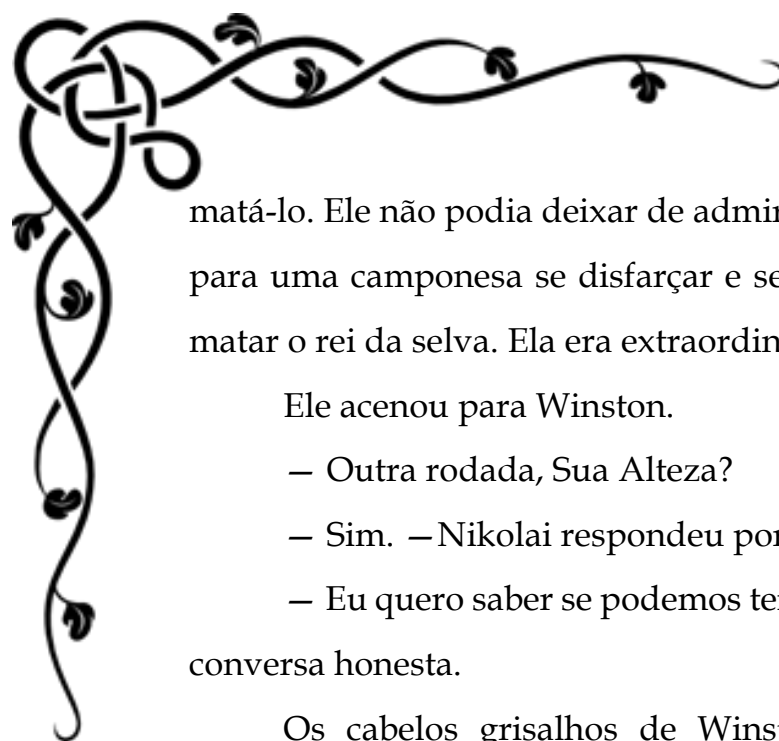
— Carinhosamente. — Disse Marius com uma risada. — Você nunca sentiu falta daquela época em que éramos jovens e despreocupados?

— Deus, não. E com certeza eu não sinto falta daquele lugar horrível. Muito arenoso. Ensolarado.

— Porra, você é mesmo um velho rabugento.
— Vinte anos mais antigo que você. Nunca se esqueça disso.
— Você quer dizer mais velho.
— Mais experiente. E, de qualquer modo, não somos mais jovens ou despreocupados.

— Isso é verdade. — Disse Marius, mais sério. O peso da compulsão por sangue infectando vampiros no palácio real era demais. Especialmente depois de saber que era a causa da angústia de Arabelle e a razão pela qual ela tentou

¹¹ Refúgio da Pedreira, local onde eles foram treinados e preparados para serem bons guerreiros.



matá-lo. Ele não podia deixar de admirá-la por isso. Era preciso muita coragem para uma camponesa se disfarçar e se aventurar na cova do leão, planejando matar o rei da selva. Ela era extraordinária.

Ele acenou para Winston.

– Outra rodada, Sua Alteza?

– Sim. – Nikolai respondeu por ele.

– Eu quero saber se podemos ter uma conversa com você, Winston. Uma conversa honesta.

Os cabelos grisalhos de Winston estavam diminuindo e sua barba grisalha era branca. Seus ombros se curvaram para a frente, embora seu porte mais forte mostrasse que ele tinha sido um homem formidável na juventude. Ele tinha um brilho nos olhos que demonstrava sabedoria e cautela, o tipo de aparência raramente vista, exceto naqueles seres humanos que haviam vivido o suficiente para saber o que dizer e quando dizer.

– Eu lhe darei respostas honestas, Sua Alteza. Se você não me punir por isso.

– Por que eu iria puni-lo por isso?

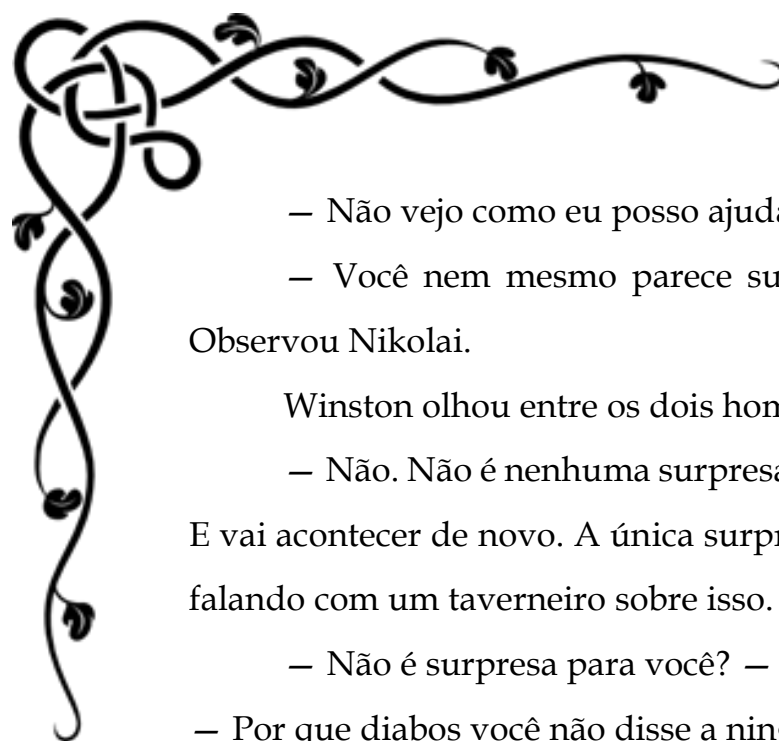
O velho não respondeu. Nikolai também expressou um olhar questionador. A tensão aumentou entre o gerente da taberna e os dois vampiros. Todo humano com quem ele falava estava acuado e com medo por seu bem-estar. Ele tinha estado tão cego que não percebeu essa crescente tensão entre ele e seu povo? Claro, ele não conseguia se lembrar da última vez em que desceu do palácio e tomou uma cerveja em um bar.

– Não importa. – Disse Marius. – Chegou à minha atenção que pelo menos uma pessoa, um fazendeiro de Hiddleston, foi morto no palácio.

Winston não pareceu surpreso, apoiando uma mão grossa na bancada.

Marius continuou.

– Eu também estou ciente de que foi um vampiro que o matou, e eu estou tentando descobrir quem ele é.



— Não vejo como eu posso ajudar.

— Você nem mesmo parece surpreso ao saber que isso aconteceu. —

Observou Nikolai.

Winston olhou entre os dois homens, parando seu olhar em Marius.

— Não. Não é nenhuma surpresa para mim. Aconteceu mais de uma vez.

E vai acontecer de novo. A única surpresa é que o Príncipe está aqui na aldeia, falando com um taverneiro sobre isso.

— Não é surpresa para você? — Perguntou Nikolai, sua voz rude e tensa

— Por que diabos você não disse a ninguém que haviam outros casos?

Marius colocou uma mão no peito de Nikolai quando o homem se afastou da bancada.

— Onde mais isso aconteceu? — Perguntou Marius. — Por favor, contem-nos o que você sabe.

Winston se recostou contra o barril de cerveja atrás dele e começou a alisar a barba.

— Existem histórias sobre dois desaparecimentos na primavera passada, em Terrington.

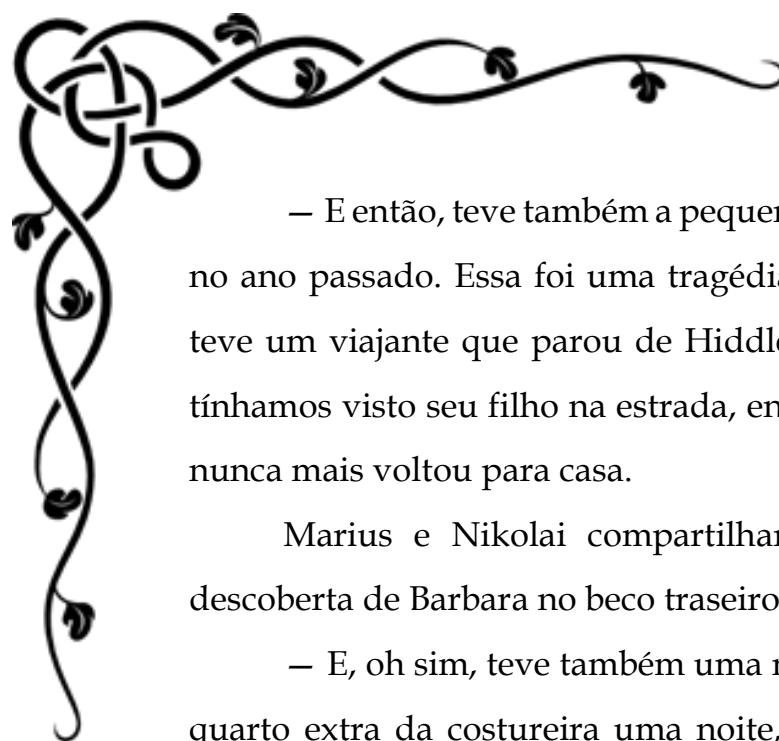
— Terrington? — Marius o interrompeu. — Isso fica nas províncias do Norte. Perto do meu primo.

— E do seu irmão. — Acrescentou Nikolai.

— Sim. — Disse Winston. — Eu tenho uma irmã em Terrington, que me visita a cada verão. Ela me contou sobre dois caras que saíram para caçar. Nunca voltaram, mas eles encontraram o acampamento deles repleto de sangue, por todos os lados. Alguns até acharam que tinham sido os lobos, mas os lobos não escondem suas presas depois de terminarem. Parecia que alguém não queria que os corpos fossem encontrados.

Marius esfregou o pescoço, imaginando se Friedrich sabia desses desaparecimentos.

Winston continuou.



— E então, teve também a pequena serva do meu mestre, na Casa Sterling, no ano passado. Essa foi uma tragédia. Era uma jovem muito doce. Também teve um viajante que parou de Hiddleston, há pouco tempo, perguntando se tínhamos visto seu filho na estrada, entregando vegetais no palácio. O menino nunca mais voltou para casa.

Marius e Nikolai compartilharam um olhar. Essa foi certamente a descoberta de Barbara no beco traseiro.

— E, oh sim, teve também uma menina gentil e sua irmã, que ficaram no quarto extra da costureira uma noite, na beira da estrada. As duas meninas desapareceram durante a madrugada. A velha costureira não encontrou nada além das roupas e malas deixadas no quarto. Até mesmo os vestidos que elas usaram no dia anterior ainda estavam pendurados no guarda-roupa.

— Isso aconteceu aqui? Em Sylus? — Perguntou Marius, incrédulo.

— Oh, sim. Isso foi há quase dois anos.

Marius enfiou a mão no bolso e jogou mais do que alguns soberanos no bar.

— Obrigado, Winston. Agradeço por sua sinceridade. Vamos, Nikolai.

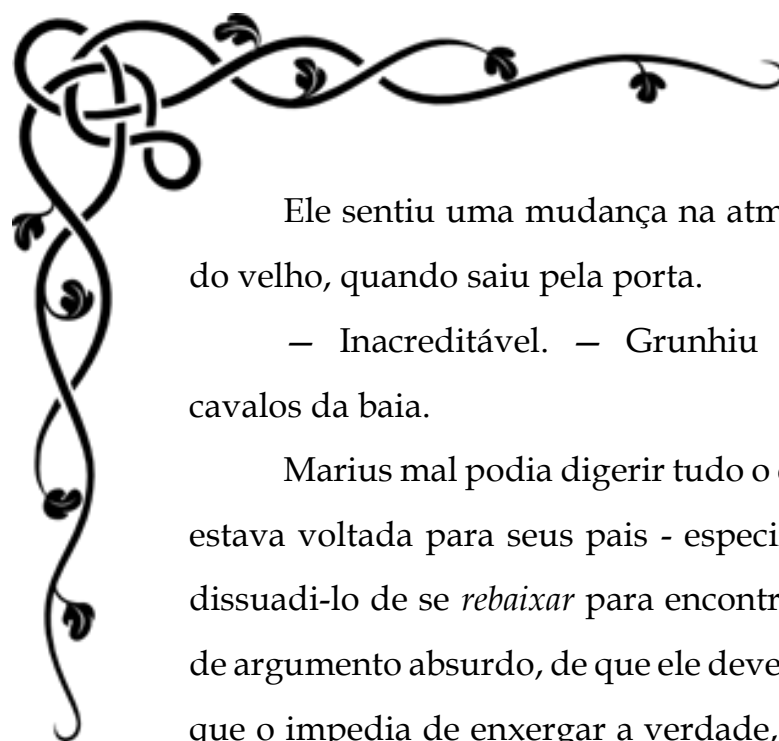
Marius podia sentir a raiva crescendo no peito de seu amigo e precisava levá-lo para fora do bar. Enquanto Marius era bom em controlar seu temperamento, Nikolai não era. Ambos saíram tempestuosos pela porta.

— Sua Alteza?

— Sim. — Ele girou para encarar o velho que parecia genuinamente perplexo. — Você realmente não sabia que tudo isso estava acontecendo?

Ele engoliu a fúria em seu peito, nunca tendo percebido que ele tinha sido tão ignorante quanto um bebê, se mantendo distante em sua torre, alheio aos assassinatos descontrolados e ao caos entre seu povo.

— Não, Winston. Eu não sabia. Mas eu sei agora. E vou revirar até o inferno para pegar os vampiros que cometeram esses crimes.



Ele sentiu uma mudança na atmosfera e pegou o vestígio de um sorriso do velho, quando saiu pela porta.

— Inacreditável. — Grunhiu Nikolai, desamarrando as rédeas dos cavalos da baia.

Marius mal podia digerir tudo o que ele descobriu hoje. Parte de sua raiva estava voltada para seus pais - especificamente sua mãe - que sempre tentou dissuadi-lo de se *rebaixar* para encontrar seu povo pessoalmente. Era esse tipo de argumento absurdo, de que ele deveria permanecer acima de tudo e de todos, que o impedia de enxergar a verdade, de que seu povo necessitava dele. E ele estava falhando com eles o tempo todo.

— Devemos ir à costureira e questioná-la sobre as meninas?

— Agora não. — Respondeu Marius, ainda irritado. — Temos que ir quando nós dois formos capazes de raciocinar com clareza. Agora eu preciso dar uma volta pelos campos. Preciso correr. Rápido.

— Eu preciso de um tempo no campo de treinamento. Minha mão está coçando para pegar na espada. Você quer companhia?

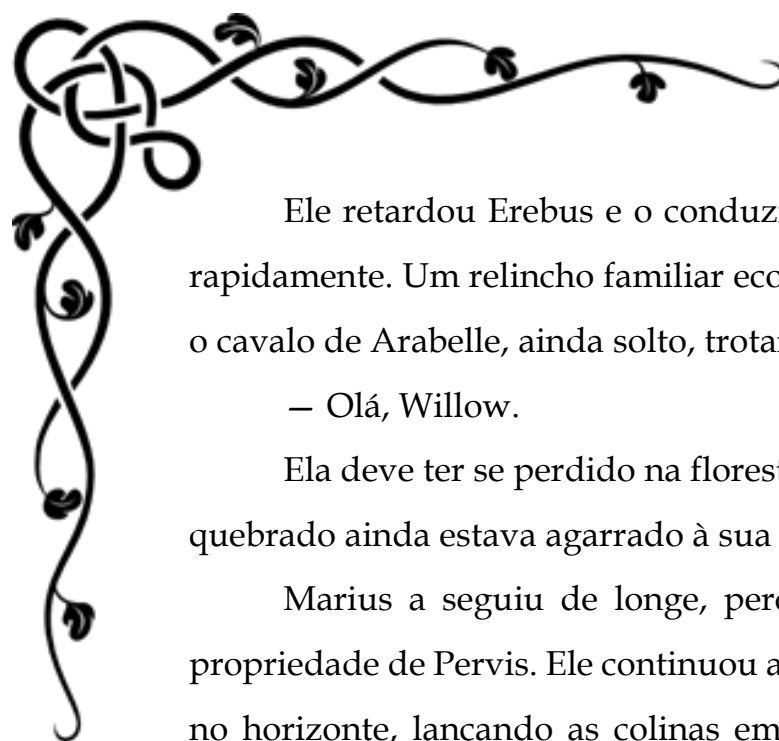
— Não. Você pode ir. Eu vou encontrá-lo quando voltar ao palácio.

— Certo.

Nikolai empurrou o cavalo em um galope veloz pela estrada de cascalho em direção à Torre de Vidro. Marius dirigiu Erebus para fora do caminho e entrou nos campos abertos, que se afastavam de Sylus. Ele precisava sentir o ar e o vento soprando contra ele, para ver se acalmava seus nervos.

Ele bateu o calcanhar e Erebus acelerou, movendo-se a um ritmo furioso ao longo do rio atrás dos comércios, indo mais e mais distante, até que ele não conseguia mais ouvir nenhum som da aldeia. O ar fresco da tarde chicoteava contra ele. Ele se inclinou para a frente e virou o cavalo novamente, voando em direção ao rochedo e descendo a colina, quando algo se moveu em sua visão periférica, mas desapareceu pela curva à sua direita.

— Calma, rapaz.



Ele retardou Erebus e o conduziu em direção ao que ele tinha visto tão rapidamente. Um relincho familiar ecoou no ar. Quando ele subiu a colina, viu o cavalo de Arabelle, ainda solto, trotando de volta em direção a Sylus.

— Olá, Willow.

Ela deve ter se perdido na floresta quando se assustou e fugiu. Um galho quebrado ainda estava agarrado à sua crina.

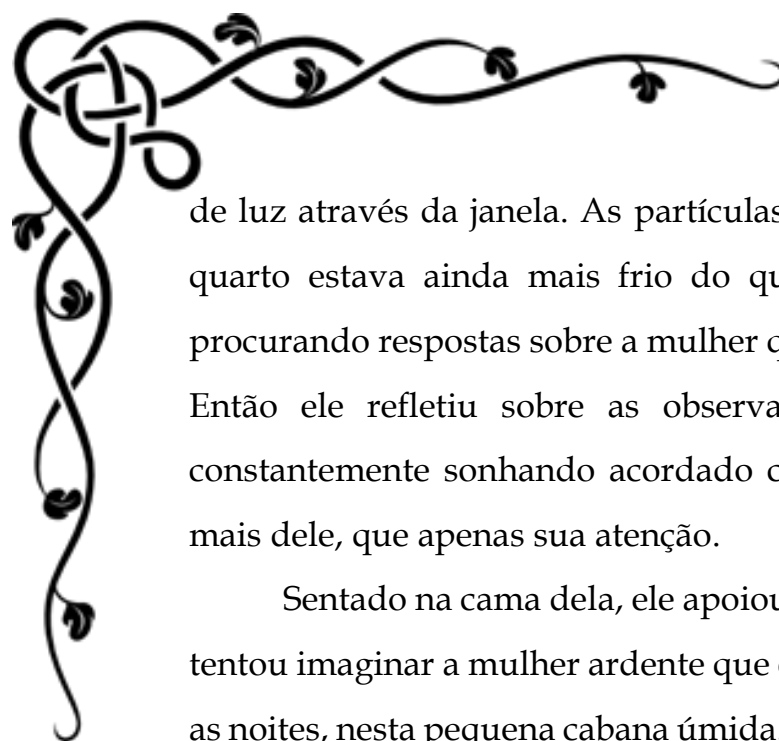
Marius a seguiu de longe, percebendo que a égua estava voltando à propriedade de Pervis. Ele continuou a segui-la enquanto o sol se punha abaixo no horizonte, lançando as colinas em uma névoa cor-de-rosa e lavanda. Ele reconheceu a pequena cabana e seu telhado plano, enquanto se esgueirava pelo caminho desgastado ao longo da parte traseira da propriedade.

Ele parou seu cavalo, enquanto observava a égua trotando em direção ao seu estábulo aberto. Ao examinar o perímetro, ele não viu sinal de ninguém. Ele lembrou o carinho de Arabelle por sua égua. Aguçando seus sentidos, ele não cheirou ou ouviu ninguém perto ou dentro da cabana. Algo o coagiu a avançar.

Conduzindo Erebus de volta ao bosque, ele desmontou e amarrou-o em uma árvore, então atravessou o caminho até virar atrás da cabana. Ele se aproximou da égua de Arabelle, que rinchou com sua aproximação, mas não fez nenhum outro movimento que indicasse que estava assustada com sua presença. Na verdade, ela aparentava o oposto. Ele sussurrou palavras suaves e melodiosas e passou uma mão sobre a fronte dela. Em seguida, pegou o pedaço do galho preso em sua crina. Havia alguns pedaços menores que ele conseguiu remover também, observando marcas finas de arranhões ao longo do pescoço, ombro e flancos. Ela, aparentemente, ficou presa em um arbusto espinhento e não conseguiu sair tão facilmente.

— Pronto, menina. — Ele sussurrou quando os olhos da égua se fecharam, aparentemente satisfeitos por estar novamente em casa.

Marius se aproximou da cabana e entrou, lembrando-se de abaixar a cabeça na entrada. Ele fechou a porta atrás dele, e o sol se pondo lançou um raio



de luz através da janela. As partículas de poeira flutuavam no ar da tarde. O quarto estava ainda mais frio do que na primeira vez que ele veio aqui, procurando respostas sobre a mulher que tentou matá-lo e roubou sua atenção. Então ele refletiu sobre as observações de Nikolai, a respeito de estar constantemente sonhando acordado com ela e se perguntou se ela capturou mais dele, que apenas sua atenção.

Sentado na cama dela, ele apoiou uma mão em seu pequeno travesseiro e tentou imaginar a mulher ardente que ele conheceu, deitando a cabeça ali todas as noites, nesta pequena cabana úmida. Uma dor esmagou seu peito. Ele ergueu o travesseiro até o nariz e o cheirou. O perfume dela era tão forte, que penetrou em todas as partes dele. Seu pulso acelerou quando colocou o travesseiro no colo e riu de si mesmo. Aqui estava ele, o último Príncipe de Varis, que poderia ter qualquer mulher no reino, exceto aquela que ele mais desejava. Patético.

Não, era mais do que isso. Ela era a única mulher que ele desejava em todos os sentidos, a única que agora poderia satisfazê-lo. Ele não se alimentava há alguns dias, e nem tinha vontade de fazê-lo. A única mulher que o tentava preferiria vê-lo morto. Ele foi colocar o travesseiro de volta, quando viu o que estava embaixo dele.

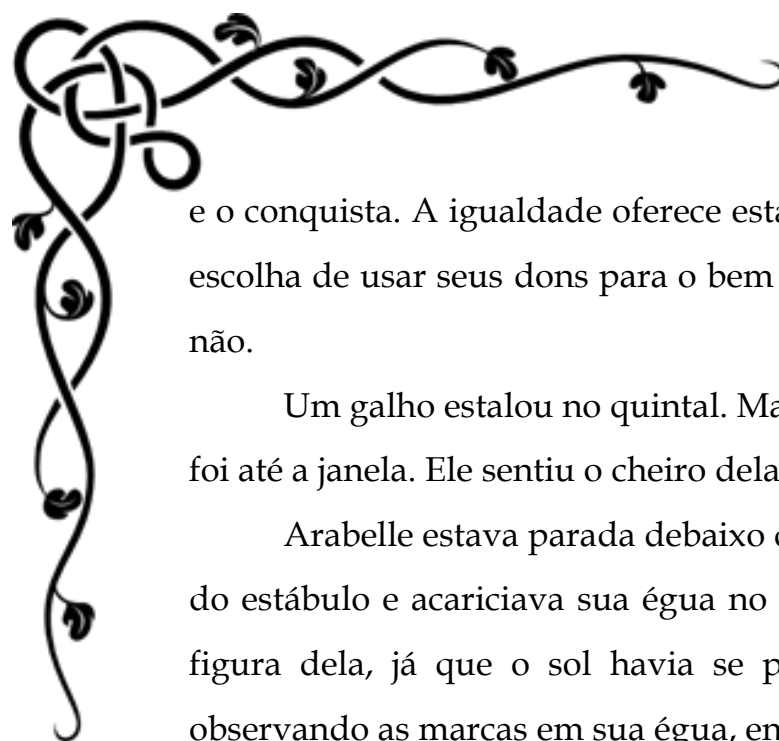
Pegando o volume grosso de um livro familiar, ele leu:

— *The Perils of Class Society*.

Ela não estava mentindo naquela noite do baile, quando disse que o lera. Claro que sim. O autor defendia o equilíbrio das classes, exatamente o que o Black Lily queria. Bem, isso e a morte de todos os vampiros.

Marius abriu o livro em uma página dobrada, observando uma passagem sublinhada.

Um equilíbrio de igualdade entre as classes não significa que todas as pessoas são iguais em termos de propriedade e riqueza. Ao contrário, é a oportunidade de ganhar riqueza e um meio de vida decente que separa a tirania da igualdade. É o indivíduo que determina seu destino, que sai para o mundo



e o conquista. A igualdade oferece esta oportunidade. O indivíduo é que faz a escolha de usar seus dons para o bem e fazer do mundo um lugar melhor. Ou não.

Um galho estalou no quintal. Marius levantou a cabeça, abaixou o livro e foi até a janela. Ele sentiu o cheiro dela antes mesmo de vê-la.

Arabelle estava parada debaixo da sombra da árvore que tombava acima do estábulo e acariciava sua égua no pescoço. Ele mal conseguia distinguir a figura dela, já que o sol havia se posto completamente. Ela parecia estar observando as marcas em sua égua, então ela se moveu para a cabana.

Se escondendo ao lado da porta, ele esperou, com o coração na garganta. A porta se abriu, mas ela hesitou. Ele ouviu o ruído de uma lâmina sendo desembainhada. Assim que atravessou a entrada, ele agarrou seu pulso e puxou-a para dentro, fechando a porta. Ela gritou. Com um movimento rápido, ele a imprensou na parede e de frente para ele.

Ao ver seu agressor, ela fechou os olhos e mostrou uma resignação desagradável antes de dizer.

— Isso parece familiar.

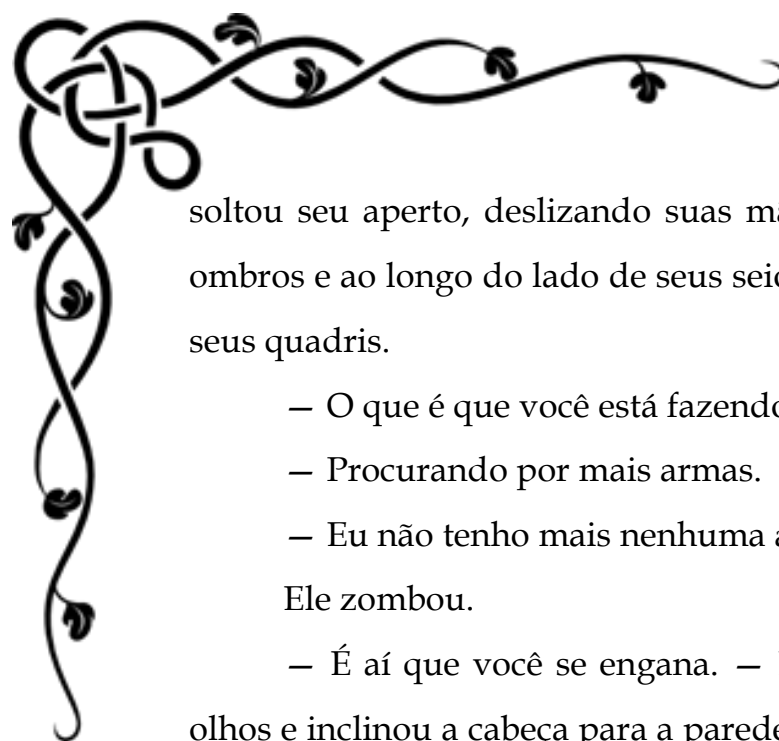
— Largue a adaga. Agora.

Os caninos de Marius se estenderam no segundo em que ele tocou a pele dela. Sua besta interior - faminta e necessitada - exigia ser obedecida. *Tome-a.* Os sussurros do animal dentro dele flutuavam em sua cabeça, enquanto ele lutava para recuperar o controle, querendo afundar suas presas em seu belo pescoço, com a urgência o deixando louco.

Mantendo a boca fechada, como se sentisse que ele estava nadando em uma fúria desconhecida, ela soltou a adaga. Seu peito subia e descia rapidamente.

— E agora? Para o calabouço?

Ofegante, ela elevou o queixo mais alto, em desafio. Ele chutou sua adaga com o calcanhar, fazendo com que ela batesse na grade da lareira. Então ele



soltou seu aperto, deslizando suas mãos pelos seus antebraços nus, até seus ombros e ao longo do lado de seus seios e suas costelas, pousando as mãos em seus quadris.

— O que é que você está fazendo? — Ela perguntou, sem fôlego.

— Procurando por mais armas.

— Eu não tenho mais nenhuma arma.

Ele zombou.

— É aí que você se engana. — Ele apertou seus quadris. Ela fechou os olhos e inclinou a cabeça para a parede. — Você tem mais de uma arma. — Ele acariciou seu pescoço e se aproximou de seu ouvido, sussurrando as palavras dolorosamente. — E está me matando lentamente.

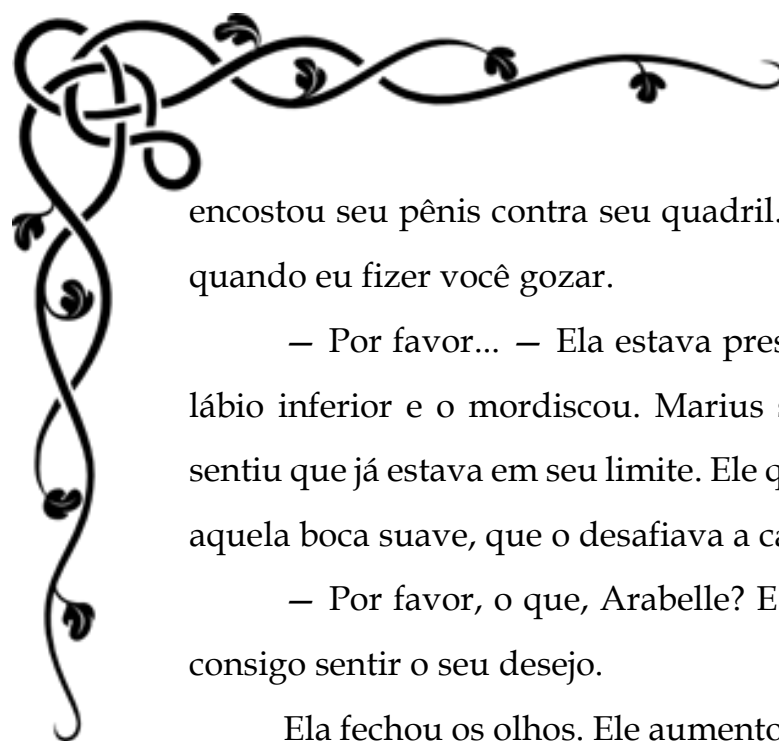
Ele arrastou os lábios na lateral do seu pescoço, esperando que ela o afastasse ou o estapeasse por essa invasão íntima, mas ela não o fez. Então ele a provou com a língua, abrindo a boca sobre seu pulso e sugando suavemente, desejando morder e provar ainda mais.

— Tão doce, Arabelle. — Ele escondeu a ponte do nariz em seu pescoço e mordiscou o queixo dela. — Eu quero você! — Ele se moveu para o outro lado e beijou seu pescoço vorazmente, logo abaixo do maxilar. — Eu quero você desde o momento em que te vi.

Ela agora estava ofegante, seu peito subindo e descendo rápido, os seios esmagados contra o espartilho.

Ele traçou um dedo sobre o decote de um seio, ao longo do revestimento de sua blusa, sua pele macia era uma tentação pecaminosa.

— Eu quero te beijar bem aqui. — Ele levantou a cabeça o suficiente para ver seus olhos abertos e completamente dilatados, seus lábios se separaram. — Eu quero te beijar em todos os lugares. — Ele segurou o seio que estava provocando, deixando seu polegar rastejar sobre a pele exposta no topo. Ela choramingou. — Eu quero provar e chupar todas as partes de você. — Ele



encostou seu pênis contra seu quadril. — E quero ouvir você dizer meu nome quando eu fizer você gozar.

— Por favor... — Ela estava prestes a dizer mais, mas então ela sugou o lábio inferior e o mordiscou. Marius se manteve controlado, mesmo quando sentiu que já estava em seu limite. Ele queria que ela implorasse por aquilo, com aquela boca suave, que o desafiava a cada encontro.

— Por favor, o que, Arabelle? E não me diga que você não me quer. Eu consigo sentir o seu desejo.

Ela fechou os olhos. Ele aumentou o aperto em seu quadril, pressionando o polegar em seu osso pélvico.

— Eu sei que se eu deslizar minha mão debaixo da sua saia, — ele pressionou seu pênis contra ela e sugou o lóbulo de sua orelha com um puxão — vou te sentir molhada e dolorida entre as pernas... por mim.

— Por favor, Marius.

— Por favor, Marius, o quê? — Ele passou a língua pelo pescoço dela e abriu a boca em sua clavícula, adorando poder ver suas marcas na pele pálida, mesmo no escuro. A necessidade poderosa que sentia fez com que ele aumentasse mais seu aperto. — Diga-me o que você quer, Arabelle.

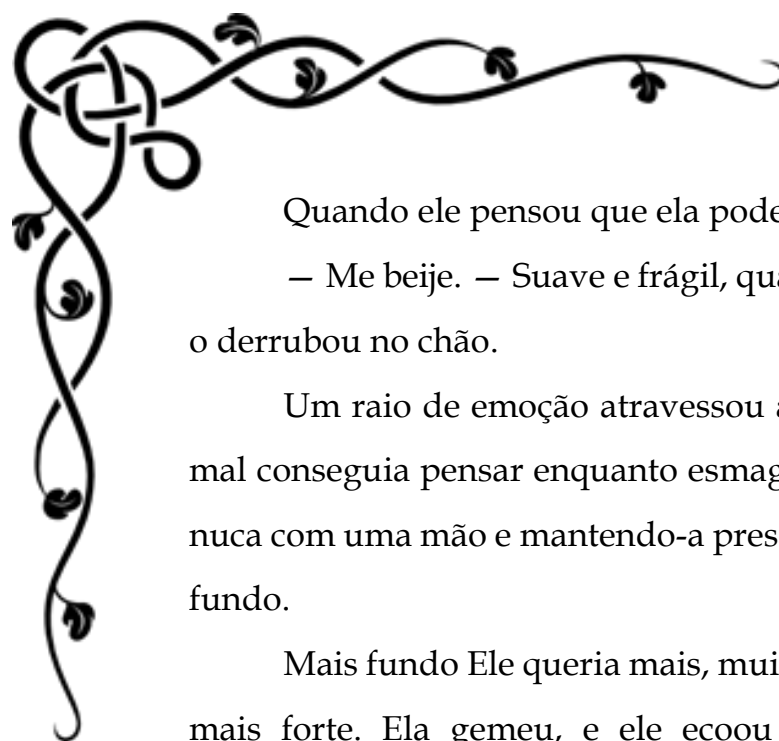
Ela enfiou as mãos nos cabelos dele. Ele se levantou para encontrar seu olhar.

Pânico passou por seus olhos, misturado com desejo e outra coisa. Ele chegou tão perto, que suas respirações se misturaram, mas ele não cedeu até que ela pediu. Ele podia sentir que suas carícias lentas e suas palavras sujas estavam fazendo seu corpo se contorcer de desejo.

Desta vez, ele deixou sua voz rolar profundamente, colocando o poder atrás de seu comando.

— Diga-me, Arabelle.

Seu olhar se moveu para sua boca, sua língua molhando o lábio inferior. Seu pau ficou ainda mais duro, quase rompendo através de suas calças.



Quando ele pensou que ela poderia afastá-lo, ela sussurrou.

— Me beije. — Suave e frágil, quase como um sussurro, seu pedido quase o derrubou no chão.

Um raio de emoção atravessou a parede dentro do peito de Marius. Ele mal conseguia pensar enquanto esmagava a boca contra a dela, agarrando sua nuca com uma mão e mantendo-a presa, enquanto inclinava a boca para ir mais fundo.

Mais fundo Ele queria mais, muito mais. Ele apertou seu seio novamente, mais forte. Ela gemeu, e ele ecoou seu doce som de prazer. Suas mãos percorreram seu quadril, deslizando para baixo. Ele gostava deste vestido, feito de um tecido fino e sem anáguas, para que ele pudesse moldar seu traseiro perfeito e redondo e puxá-la contra seu corpo firme.

Ele enfiou a língua na boca dela, gemendo. Nada além de uma sensação doce, úmida e aquecida, combinada com suas curvas suaves. Seu cheiro intoxicante encheu seus pulmões.

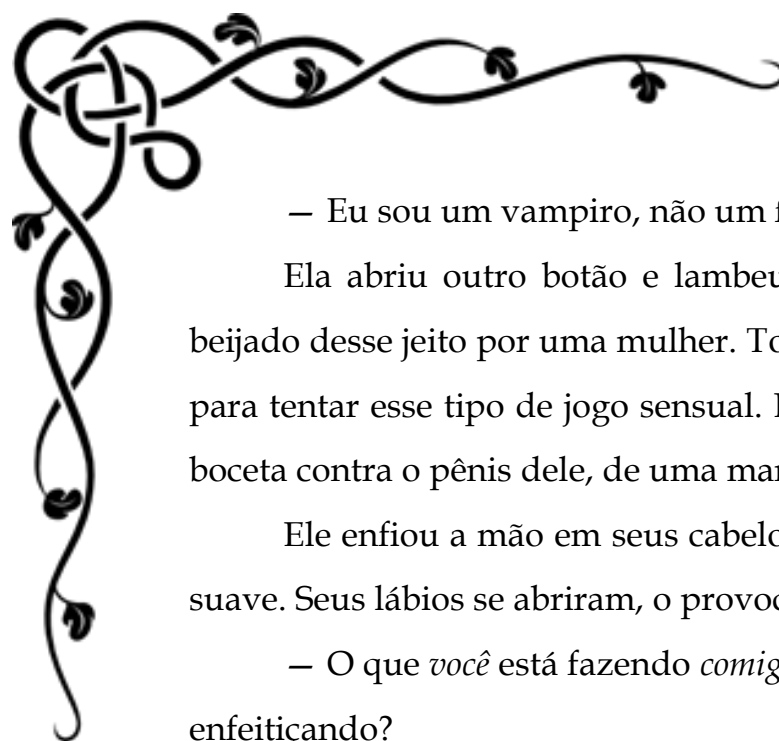
— Caralho. — Ele bateu contra seus lábios antes de inclinar sua boca para o outro lado, para outra rodada de beijos profundos.

Ela correspondeu ao desespero dele, pressionando seus lábios suaves mais firmemente contra os dele, então envolveu um joelho em seu quadril. Era mais um convite, para ser exato. Ele deslizou a mão debaixo da saia dela e ergueu sua perna, segurando sua coxa nua e macia, pressionando seu pênis contra a entrada de sua boceta, com uma fricção tentadoramente deliciosa.

Ela interrompeu o beijo e falou próximo ao pescoço dele.

— O que você está fazendo comigo? Me hipnotizando?

Ele sufocou uma risada enquanto ela puxava ainda mais sua camisa e abria o botão superior, beijando seu peito, lambendo-o, parecendo tão desesperada quanto ele. Cego pelo desejo, ele pressionou seu quadril nela novamente, saboreando o suave gemido que ela deu em resposta. Ela também o queria. E só esse pensamento já o deixava desorientado.



– Eu sou um vampiro, não um feiticeiro.

Ela abriu outro botão e lambeu seu peitoral. Ele nunca foi tocado ou beijado desse jeito por uma mulher. Todas elas sempre foram muito submissas para tentar esse tipo de jogo sensual. Ela balançou os quadris, esfregando sua boceta contra o pênis dele, de uma maneira ousada.

Ele enfiou a mão em seus cabelos e inclinou o rosto dela com um puxão suave. Seus lábios se abriram, o provocando.

– O que *você* está fazendo *comigo*? – Ele sugou seu lábio inferior. – Me enfeitiçando?

– Eu não sou uma feiticeira. – Ela respondeu. – Sou apenas uma mulher.

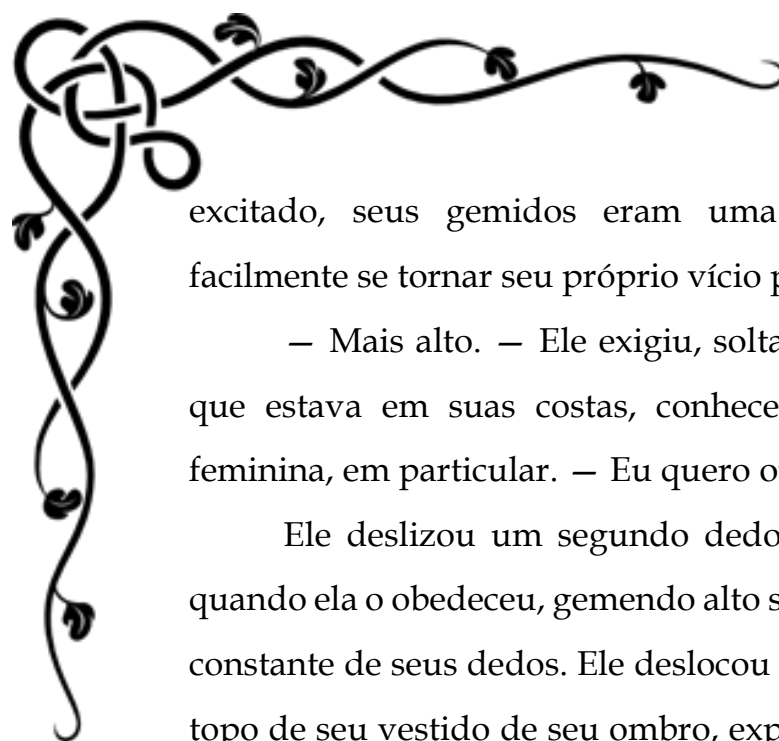
Ela pressionou o quadril contra o dele com mais força, gemendo. Ele a beijou profundamente, depois suavizou o aperto de sua mão, sussurrando contra os lábios dela.

– E que mulher você é, Arabelle.

Ele deslizou a mão no interior de sua coxa, encontrando-a quente e úmida.

– O que será que temos aqui? – Ele acariciou os lábios de sua boceta, que estavam escorregadios de desejo. – Tão molhada para mim, Arabelle. – Ela apertou as mãos em seu ombro, segurando-o pela camisa e se segurando nele, enquanto ele a acariciava mais intensamente. Ela deixou a cabeça cair contra a parede enquanto ele deslizava o dedo sobre o clitóris, pressionando-o antes de empurrar um dedo para dentro. O aperto de sua boceta lhe dizia que ela já não tinha um amante há muito tempo, o que só o atraiu mais. Um desejo primitivo de Reivindicá-la, de possuí-la e protegê-la o arrebatou. Fortemente.

Ele não estava mais raciocinando direito. Todo o pensamento racional sumiu, no segundo em que ela exigiu que ele a beijasse. Ele colocou a boca ao longo do pescoço dela, recusando-se a beijar sua boca, para que ele pudesse ouvir cada gemido de prazer que ela fazia. Embora ele estivesse dolorosamente



excitado, seus gemidos eram uma tortura hipnotizante, que poderiam facilmente se tornar seu próprio vício pessoal.

— Mais alto. — Ele exigiu, soltando os laços de seu corpete com a mão que estava em suas costas, conhecendo muito bem esse artigo da roupa feminina, em particular. — Eu quero ouvir você gritar.

Ele deslizou um segundo dedo dentro dela e quase gozou nas calças quando ela o obedeceu, gemendo alto seu prazer, estremecendo com cada golpe constante de seus dedos. Ele deslocou seu corpete frouxo para baixo e puxou o topo de seu vestido de seu ombro, expondo a tatuagem de lírio negro e um de seus belos seios. Abaixando a boca, ele pegou um mamilo rosado entre os lábios e o sugou, depois o lambeu, provocando o bico endurecido. Ela enfiou uma mão em seus cabelos mais uma vez, empurrando seu seio para ele e balançando os quadris, se adaptando ao ritmo de seus dedos. Com outra lambida, ele voltou e segurou seus cabelos, puxando mais forte do que deveria, para que seu pescoço delicioso ficasse exposto.

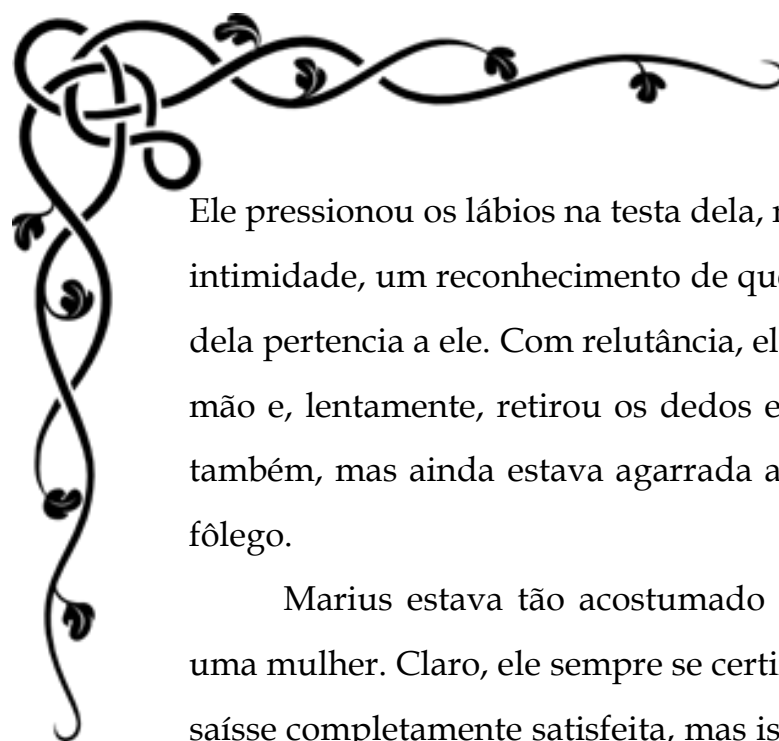
Embora o desejo de perfurar sua pele macia fosse quase insuportável, ele nunca faria nada para lhe causar dor ou fazê-la olhar para ele com repulsa. Ele já estava viciado em sua expressão sensual de êxtase. Não arruinaria esse momento perfeito com sua própria necessidade feroz.

Ele roçou os lábios abertos contra o dela, excitando-a.

— Goze para mim, Arabelle. E grite meu nome quando gozar.

E com o próximo golpe de seus dedos, foi exatamente o que ela fez. O som de seu prazer satisfeito o desfez. Ele nunca experimentou nada mais íntimo com outra mulher em toda a sua vida. E ele nem penetrou seu corpo. Com as presas ou com o pênis.

Ele continuou a acariciar lentamente enquanto sua boceta apertava e pulsava em torno de seus dedos, até que ela finalmente inclinou a cabeça para frente, descansando a testa contra o ombro dele. Ele adorou a sensação de seu corpo mole e satisfeito, apoiado contra ele. Sua respiração ainda estava ofegante.



Ele pressionou os lábios na testa dela, não com um beijo, mas com um toque de intimidade, um reconhecimento de que ele pertencia àquele lugar, que o corpo dela pertencia a ele. Com relutância, ele pressionou seu clitóris com a palma da mão e, lentamente, retirou os dedos e endireitou as saias. Ela baixou a perna também, mas ainda estava agarrada aos ombros dele, enquanto recuperava o fôlego.

Marius estava tão acostumado a conseguir sua própria satisfação com uma mulher. Claro, ele sempre se certificava de que qualquer parceira de cama saísse completamente satisfeita, mas isso foi diferente. Lógico, ele queria enfiar seu pênis dentro de Arabelle - agora mais do que nunca - mas, ele estava tão feliz em assisti-la alcançar o êxtase, experimentando seu clímax, que naquele momento ele nem se preocupou em satisfazer seus próprios desejos. E ele ainda estava agonizantemente duro, com seu corpo macio e flexível apoiado suavemente contra ele.

Ele não sabia o que dizer, mas finalmente conseguiu pensar em algo.

— Você está bem?

Ele a segurava firme, com as mãos na cintura. Colocando uma mão no peito dele, ela o afastou suavemente. Ele permitiu que ela colocasse uma certa distância entre eles. Os olhos dela se encheram de lágrimas.

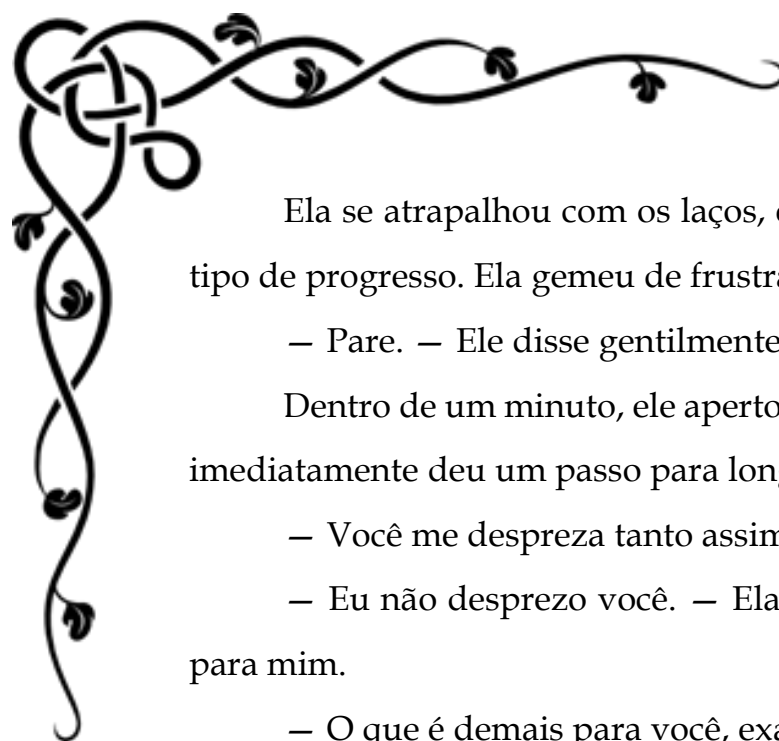
— Não. Eu não creio que esteja.

Ela saiu de seu abraço e encarou a janela perto da cama, o céu estava completamente escuro agora. Limpando os olhos enquanto endireitava a blusa, ela tentou esconder suas lágrimas.

Uma raiva ardente percorreu o peito dele. Ela, obviamente, lamentava o que acabou de acontecer. Algo que ele certamente não fazia. Tinha sido, talvez, a melhor e maior experiência sensual de sua vida. De toda sua longa vida.

— Você quer que eu te ajude com o corpete?

— Não, eu consigo. — Ela disse, com um suspiro.



Ela se atrapalhou com os laços, embolando-os em vez de fazer qualquer tipo de progresso. Ela gemeu de frustração. Ele se colocou atrás dela.

— Pare. — Ele disse gentilmente. — Deixe-me ajudá-la.

Dentro de um minuto, ele apertou e amarrou tudo como estava antes. Ela imediatamente deu um passo para longe, limpando o rosto com as duas mãos.

— Você me despreza tanto assim? Mesmo depois do...

— Eu não desprezo você. — Ela o interrompeu. — Só que isso é demais para mim.

— O que é demais para você, exatamente?

Ela se virou.

— Isto. — Ela disse, acenando em volta, apontando para onde eles haviam se agarrado alguns momentos antes. — Eu não sei o que foi que aconteceu.

— Eu posso explicar, se você quiser.

Ela revirou os olhos.

— Você não entende.

— Não. Eu não entendo. Então, por favor, esclareça para mim, se você puder.

— Esta... atração, ou o que quer que seja, não pode acontecer. Não pode existir.

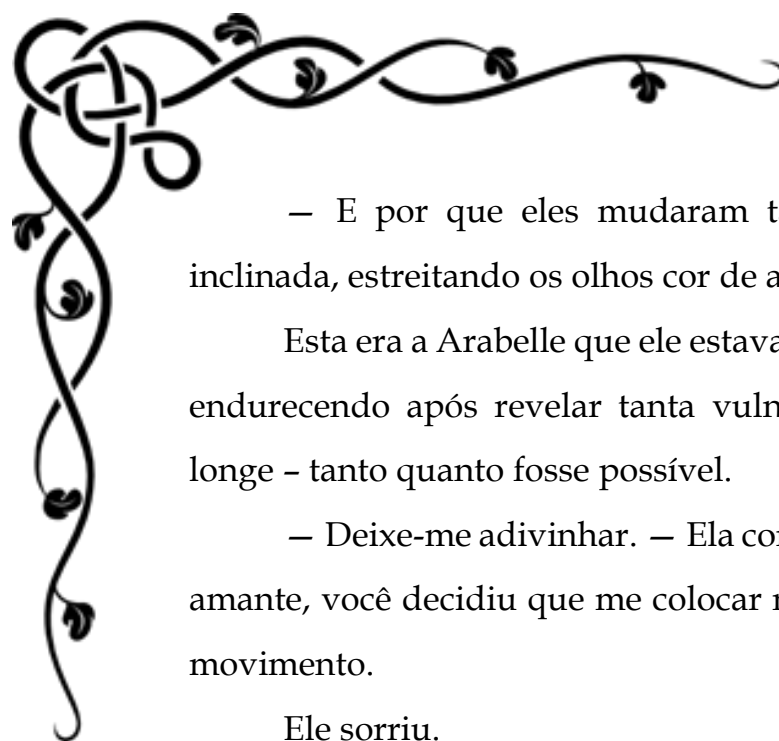
— E ainda assim, existe. Apesar de seus protestos. — Ele se aproximou, ansioso por trazer de volta a mulher que gemeu em seus braços. Ele sabia que se apenas a tocasse, ele a teria de volta.

Ela recuou, tropeçando na cama. Ele se perguntou se ela sabia disso também.

— Eu achei que você estava planejando me jogar no calabouço.

— Os planos mudaram.

Seu olhar se dirigiu para seu peito, ainda boquiaberta, onde ela tinha aberto os dois botões superiores.



— E por que eles mudaram tanto? — Ela perguntou com a cabeça inclinada, estreitando os olhos cor de avelã.

Esta era a Arabelle que ele estava acostumado a ver, se tornando distante, endurecendo após revelar tanta vulnerabilidade. Correndo – rápido e para longe – tanto quanto fosse possível.

— Deixe-me adivinhar. — Ela continuou. — Agora que você quer ser meu amante, você decidiu que me colocar na masmorra pode não ser o seu melhor movimento.

Ele sorriu.

— Eu não vou mentir para você. Eu prefiro manter você livre daquela masmorra úmida. E sim, porque eu planejo te fazer minha amante.

Ela ficou boquiaberta com sua confissão ousada. Então ela cruzou os braços desafiadoramente.

— Ha! Continue sonhando, vampiro. Isso nunca vai acontecer.

— Voltamos ao *vampiro*, não é? — Ele avançou. — Tentando disfarçar? Não vai funcionar.

Eles estavam cara a cara, e não havia para onde ela correr.

— O que não vai funcionar?

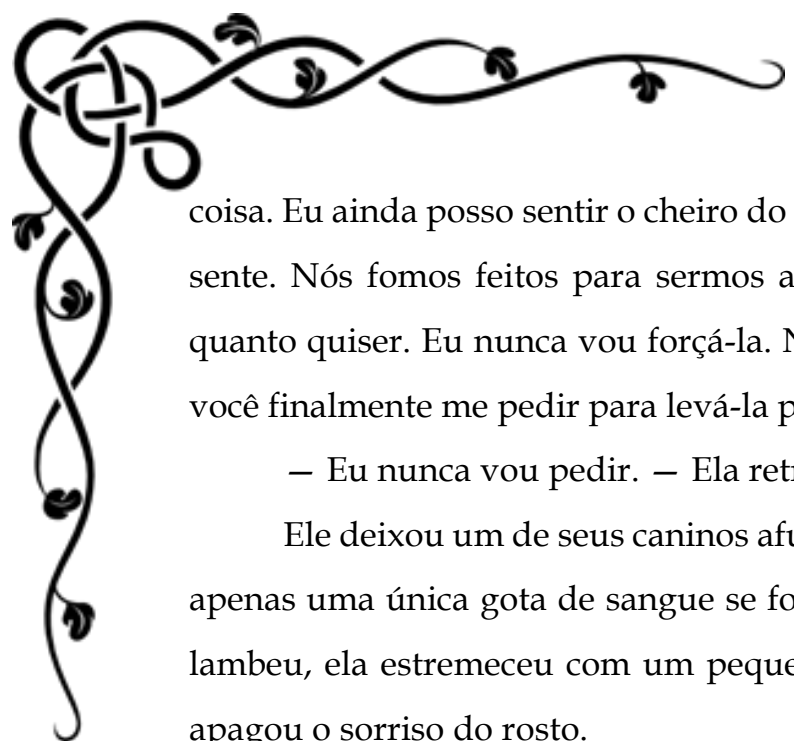
Ele agarrou seus braços e a puxou contra seu corpo mais uma vez. Ela soltou um suspiro de surpresa, seus lábios se separaram e incharam. Puta que pariu, o que ele não faria para mostrar o que ele queria dizer, em vez de usar apenas palavras.

— Você, fingindo que não sentiu o que eu senti, quando a minha língua estava enfiada na sua garganta e meus dedos estavam dentro da sua boceta molhada.

Ela apertou os olhos.

— Não seja tão grosseiro.

— Disfarce o quanto quiser, Arabelle. — Ele se aproximou e deixou seus lábios roçarem contra a orelha dela quando continuou. — Mas saiba de uma



coisa. Eu ainda posso sentir o cheiro do seu desejo, então não finja que você não sente. Nós fomos feitos para sermos amantes. Você pode lutar contra isso o quanto quiser. Eu nunca vou forçá-la. Não vou nem mesmo me gabar quando você finalmente me pedir para levá-la para cama.

— Eu nunca vou pedir. — Ela retrucou.

Ele deixou um de seus caninos afundar levemente em sua clavícula, onde apenas uma única gota de sangue se formou, como uma pérola. Quando ele a lambeu, ela estremeceu com um pequeno gemido. Ele engoliu o gosto dela e apagou o sorriso do rosto.

— Não, você pode não pedir. Mas vai implorar.

— Ha! Nos seus sonhos.

De repente, a arrogância que ele emanava evaporou, tentando imaginar como seria ser amado por uma mulher como ela. Foi a vez dele de fechar os olhos, saborear a imagem, mas também desejá-la a distância. Pois, se alguma vez acontecesse deles realmente se entregarem para satisfazer essa paixão inegável, que provocava incêndios entre eles, seria apenas um momento fugaz. Nada mais. E apenas pensar sobre isso deixava seu coração doente. Não havia um mundo onde os dois pudessem ser amantes de verdade. Ela não pertencia à Torre de Vidro. E ele não pertencia ao mundo do Black Lily.

Ele a soltou e recuou. Então, gesticulou em direção ao livro em cima da cama.

— Você esqueceu de levar uma coisa.

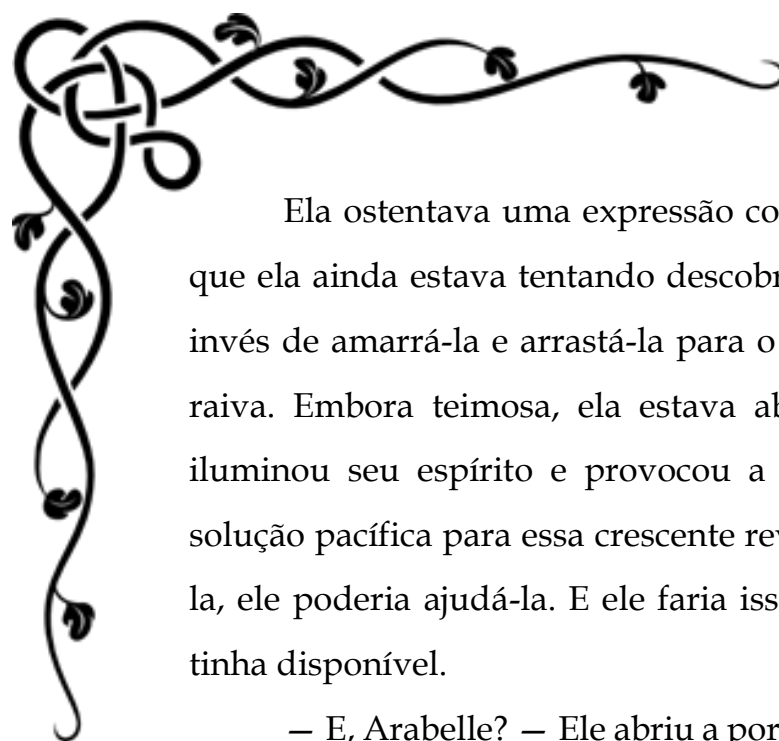
Ela olhou para baixo e pegou rapidamente o livro, abrindo-o. Seu tom elevado parecia ter sido sugado no vácuo.

— Eu esperava ainda encontrá-lo aqui. Obrigada.

— Eu não tinha motivos para roubá-lo. Eu tenho minha própria edição. Como você bem sabe.

— Mas você não se curva a seus ensinamentos.

— Não a todos. — Ele se virou para a porta. — Apenas alguns.



Ela ostentava uma expressão confusa e adorável no rosto. Marius sabia que ela ainda estava tentando descobrir como e porque ele a deixava livre ao invés de amarrá-la e arrastá-la para o palácio. Algo dentro dele suavizou sua raiva. Embora teimosa, ela estava aberta a receber sua ajuda. Isso, em si, iluminou seu espírito e provocou a esperança de que pudesse haver uma solução pacífica para essa crescente revolução. Mesmo que ele não pudesse tê-la, ele poderia ajudá-la. E ele faria isso, usando cada poder e recurso que ele tinha disponível.

— E, Arabelle? — Ele abriu a porta e ficou na entrada, apoiando uma mão no batente. — Há outra razão pela qual não planejo aprisioná-la. Eu tenho investigado suas acusações e...

— E agora você sabe que é tudo verdade. — Disse ela excitada.

— Eu sei que houveram mortes de humanos causadas por vampiros do palácio, sim. E, provavelmente, até mesmo as de Sylus.

— Então você os levará à justiça? O povo...

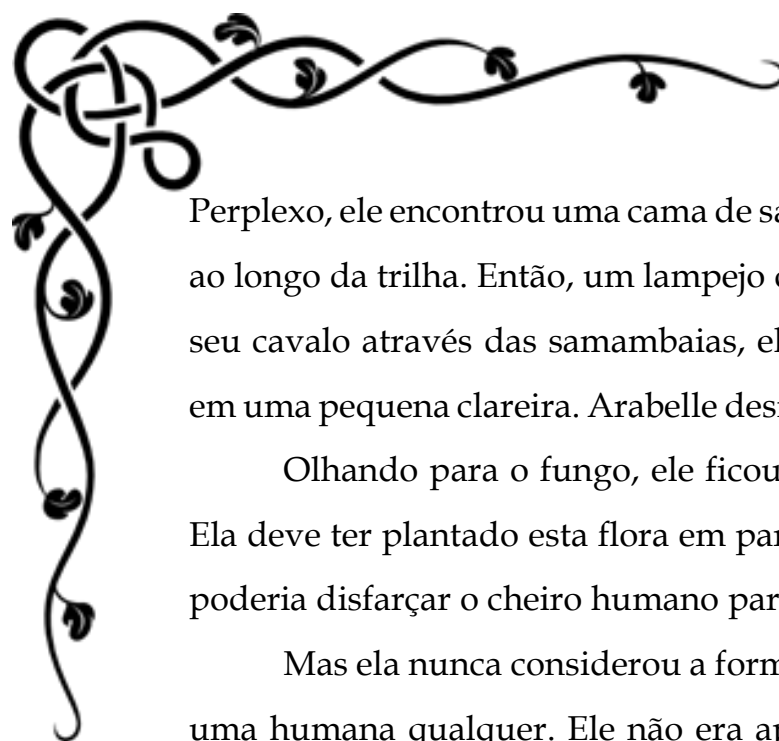
— Não é tão simples. — Ele olhou para fora, aguçando seus sentidos para ter certeza de que era seguro para ela sair. — Eu os levarei à justiça. Mas a única penalidade para a *Furorem Sanguinea* é a morte. E eles não se renderão tranquilamente. Então, só uma vez, você pode me fazer um favor?

— Que... que favor?

— Não vá se meter em grandes problemas. Eu vou fazer tudo o que puder para tentar resolver as coisas.

Com um último olhar gentil para seu rosto e corpo, ele saiu da cabana e seguiu a trilha, voltando para a sombra onde havia deixado Erebus. Ele esperou que ela saísse. Uma vez que ela estava trotando de volta pelas colinas abertas em sua égua, indo em direção a Larkin Wood, ele a seguiu a distância.

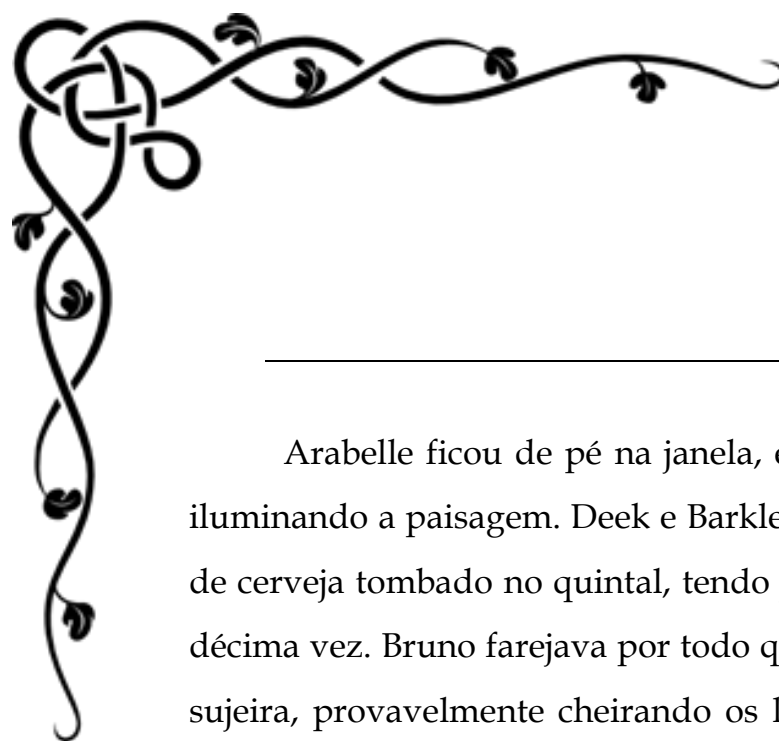
Vagueando lentamente, até que ela estivesse fora da vista, mas não fora do alcance, ele a seguiu por um bom caminho para dentro da floresta, até que ele pensou que a tinha perdido. Impossível, pois ele não estava tão atrás assim.



Perplexo, ele encontrou uma cama de samambaias selvagens e fungos crescendo ao longo da trilha. Então, um lampejo de luz chamou sua atenção. Conduzindo seu cavalo através das samambaias, ele encontrou uma janela de luz dourada em uma pequena clareira. Arabelle desmontou rapidamente e entrou na cabana.

Olhando para o fungo, ele ficou maravilhado com o que ela tinha feito. Ela deve ter plantado esta flora em particular, sabendo que seu odor pungente poderia disfarçar o cheiro humano para os vampiros. Mulher inteligente.

Mas ela nunca considerou a forma como ela o afetava. Ela não era apenas uma humana qualquer. Ele não era apenas um vampiro qualquer. E o cheiro dela estava tão incrustado nele – em sua pele, através de seus músculos e até seus ossos - que mesmo que ele vivesse um milhão de anos, ele nunca se livraria da necessidade de encontrar a mulher que cheirava a flores selvagens e chuva, e que agora possuía um pedaço de seu coração.



Capítulo 19

Arabelle ficou de pé na janela, enquanto observava o nascer da manhã iluminando a paisagem. Deek e Barkley estavam juntos em torno de um barril de cerveja tombado no quintal, tendo já examinado o mapa de seu plano pela décima vez. Bruno farejava por todo quintal, suas orelhas moles arrastando na sujeira, provavelmente cheirando os lobos de Sienna, que se mantiveram na floresta. Ela havia chegado ao amanhecer, como havia prometido.

Todo esse plano era ideia de Arabelle, mas ela não conseguia parar de se perguntar se esse era mesmo o melhor caminho a seguir. Após o encontro com o Príncipe, dois dias antes, ela não conseguiu se concentrar em mais nada. Os lábios dele em sua pele, a voz dele em sua cabeça, as mãos dele em todos os lugares. No começo, ela realmente tinha pensado que ele a havia hipnotizado de alguma forma, que ele havia invocado alguma magia antiga para colocá-la sob seu feitiço. Ela mencionou isso a Sienna quando estavam sozinhas. Ela havia contado a sua mais nova amiga sobre o encontro esta manhã, mas apenas para ela. E, mesmo assim, ela não contou tudo, apenas que se sentia muito confusa e distraída na presença dele. Sienna parecia entender claramente o que Arabelle queria dizer.

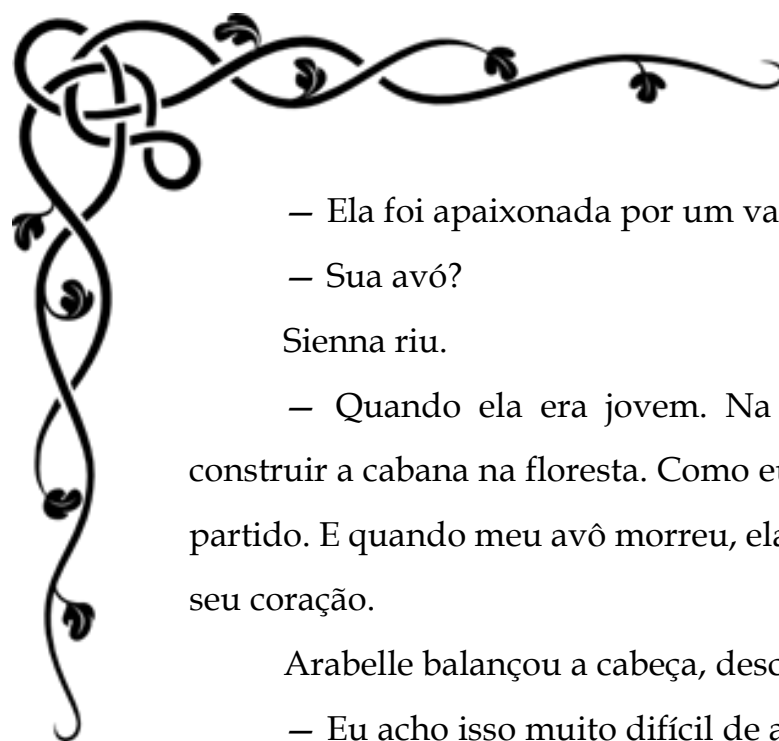
— Eles não podem hipnotizar você. — Disse Sienna novamente. — Esse é um mito muito antigo. Mas você não acredita em mim, não é?

— Como você sabe dessas coisas? — Perguntou Arabelle, deixando a janela e se juntando a Sienna na outra cadeira junto à lareira.

Esta manhã estava particularmente fria, nada típica para esta época do ano.

— Minha avó. — Disse Sienna.

— O que tem ela?



– Ela foi apaixonada por um vampiro.

– Sua avó?

Sienna riu.

– Quando ela era jovem. Na verdade, foi por isso que ela decidiu construir a cabana na floresta. Como eu, ela nasceu para se casar com o melhor partido. E quando meu avô morreu, ela conheceu um Legionário que arrebatou seu coração.

Arabelle balançou a cabeça, descrente.

– Eu acho isso muito difícil de acreditar.

– Acredite. Eu tenho as cartas, se precisar de provas. – Sienna sorriu tristemente. – Ela o amava, mas não o suficiente para viver com ele para sempre.

– O que você quer dizer? Você quer dizer que ele nunca quis... *transformá-la* em um deles?

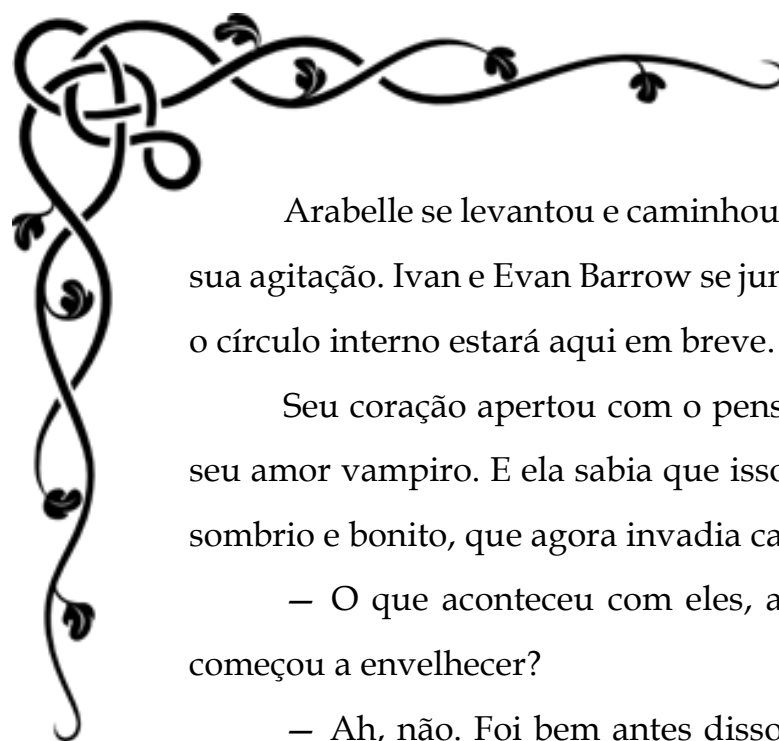
– Ah, sim. Ele implorou a ela, ela me disse. Ele era o favorito do Rei Stephanus, de Korinth. Ele sabia que o Rei a tornaria uma vampira, se ele pedisse. Ele implorou a ela inúmeras vezes, a fim de que seu envelhecimento diminuísse e eles pudessem viver juntos por mais tempo.

– E por que ela não cedeu? – Perguntou Arabelle, fascinada pela história.

– Os vampiros são criaturas amaldiçoadas. Ela sabia disso, e não estava disposta a compartilhar essa maldição com ele. Embora ela o amasse, não estava preparada para trocar sua humanidade pela eternidade, sabendo que ela teria que se tornar uma sugadora de sangue para fazê-lo.

– Mesmo que isso significasse perder o homem que ela amava?

– Sim. – Sienna passou os dedos em seu colo, olhando o fogo. – Mesmo assim. Ela me disse que a sede deles era dolorosa. Ela sempre via seu amado vampiro lutando contra a agonia da sede. Por muitas vezes, ele negava suas necessidades, sabendo que aquela era a parte dele que ela mais detestava.



Arabelle se levantou e caminhou novamente para a janela, demonstrando sua agitação. Ivan e Evan Barrow se juntaram a Barkley e Deek no quintal. Todo o círculo interno estará aqui em breve.

Seu coração apertou com o pensamento da avó de Sienna abandonando seu amor vampiro. E ela sabia que isso tinha a ver com um certo Príncipe alto, sombrio e bonito, que agora invadia cada pensamento dela.

– O que aconteceu com eles, afinal? Ele parou de ir vê-la quando ela começou a envelhecer?

– Ah, não. Foi bem antes disso. É por isso que ela construiu a casa no fundo da Floresta de Silvane. Para ter certeza de que ele nunca a encontraria.

Arabelle se virou, uma onda de tristeza enchendo seu peito.

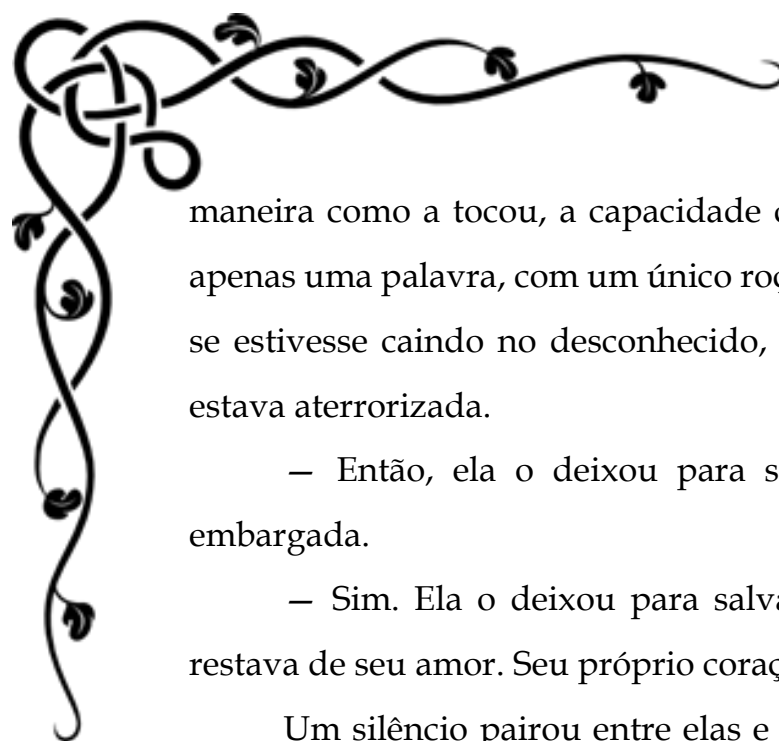
– Que triste. Ela nem sequer aproveitou o tempo que eles poderiam ter juntos?

Sienna sacudiu a cabeça, franzindo o cenho, enrugando sua testa de porcelana perfeita.

– Ela me disse que sabia que ele estava sacrificando seu próprio bem-estar por ela. Ela percebeu que o estava matando. Ela não deixava que ele bebesse do sangue dela. E ela via a dor em seus olhos, quando ele voltava para ela, rejuvenescido por uma alimentação recente. Ela sofria por ver a culpa que ele carregava por fazer o que era tão natural para ele. Ele estava se despedaçando de dentro para fora. Literalmente.

Arabelle conseguia facilmente imaginar esse cenário. O pobre Legionário chegando à sua amante, apenas para encontrar um olhar de censura em seus olhos. Um amor certamente morreria sob tais condições.

Ela fechou os olhos, tentando se livrar da saudade que sentia de Marius. Mas era inútil. Em vez de diminuir, apenas aumentava. Todos os dias. Toda hora. Ele não era o tirano que ela pensou que ele fosse quando tentou matá-lo. Muito pelo contrário. E agora ele estava em busca dos vampiros criminosos entre seus soldados, exatamente como ela. O jeito que ele olhou para ela, a



maneira como a tocou, a capacidade que ele tinha de fazê-la se derreter com apenas uma palavra, com um único roçar de lábios na sua pele. Ela sentia como se estivesse caindo no desconhecido, onde não tinha nenhum controle. E ela estava aterrorizada.

— Então, ela o deixou para salvá-lo. — Disse Arabelle, com a voz embargada.

— Sim. Ela o deixou para salvá-lo. E para salvar a si mesma e o que restava de seu amor. Seu próprio coração também estava despedaçando.

Um silêncio pairou entre elas e as vozes abafadas dos homens ecoaram no quintal. Alguém deu uma gargalhada.

— A razão pela qual eu te contei tudo isso, — disse Sienna, juntando-se a ela na janela — foi para te garantir que vampiros não podem controlar a mente ou a vontade de um humano através da hipnose.

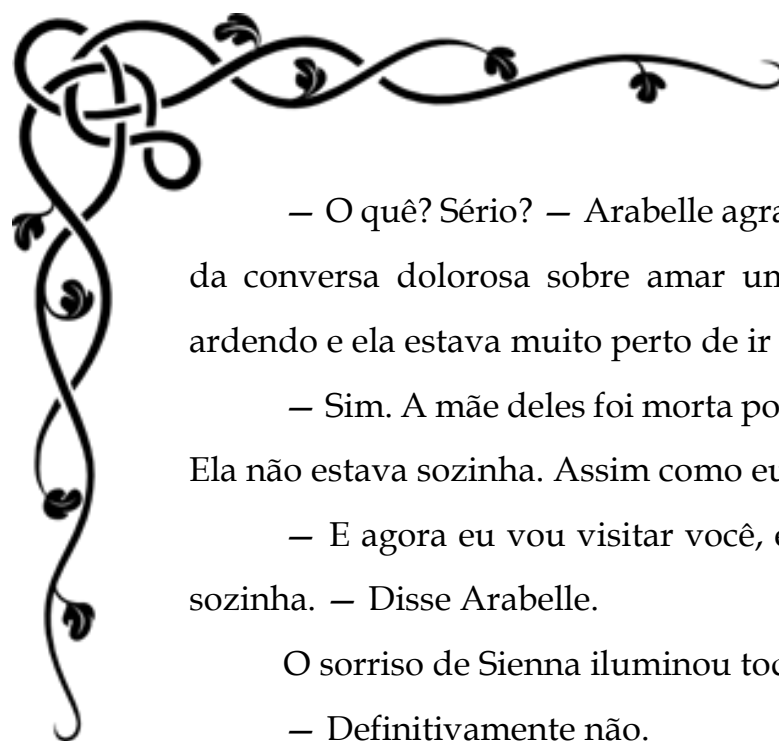
— Eu entendo. — E ela entendia. Marius não a hipnotizou na outra noite. Não de uma maneira sobrenatural, ou de qualquer maneira. Ela se lembrou da maneira como ele estava parado lá, um pilar de força e poder, com os dedos enterrados dentro dela, mantendo-a suspensa com o próprio corpo, com a mão segurando sua nuca e seus lábios pressionados em seus cabelos. Ela adorou. Mas isso não era o que mais a assustava. O que mais a assustava era que ela queria tudo aquilo de novo. E mais, ela queria que seu corpo firme a cobrisse, empurrando dentro dela em direção à sua própria liberação. Ela queria seu abraço sombrio e íntimo, para mantê-la aquecida à noite.

— Você está bem? — Perguntou Sienna.

Arabelle afastou esses pensamentos.

— Eu estou, e eu sinto muito por ela, sua avó. Vivendo o resto da vida sozinha na floresta.

— Oh, ela não estava sozinha. Os lobos místicos lhe faziam companhia. Ela criou Duquesa e seus irmãos desde filhotes.



– O quê? Sérico? – Arabelle agradeceu mentalmente por poder se afastar da conversa dolorosa sobre amar um vampiro, pois seus olhos já estavam ardendo e ela estava muito perto de ir às lágrimas.

– Sim. A mãe deles foi morta por caçadores, então minha avó os acolheu. Ela não estava sozinha. Assim como eu também não estou.

– E agora eu vou visitar você, então você definitivamente não vai ficar sozinha. – Disse Arabelle.

O sorriso de Sienna iluminou toda a sala.

– Definitivamente não.

Arabelle tentou fazer algumas contas de cabeça.

– Então, quantos anos tem Duquesa e seus irmãos?

– Hmm, devem ter cerca de sessenta anos.

– Eu não tinha ideia de que lobos místicos viviam tanto tempo.

– Oh, sim. – Elas olhavam através da janela enquanto mais membros do Black Lily se reuniam. – É por causa da *Hartstone*¹².

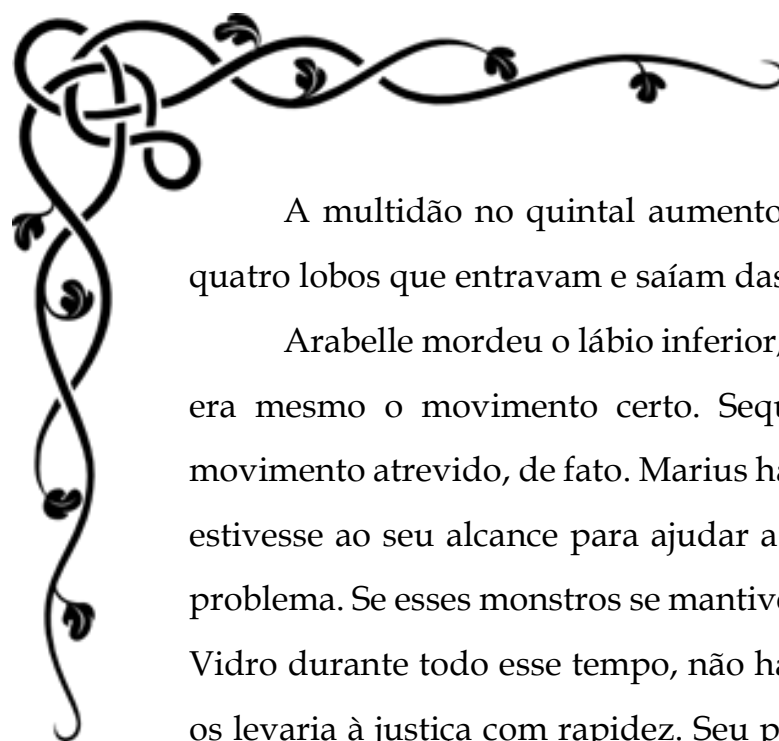
Arabelle já tinha ouvido sobre os contos de fadas a respeito da Pedra da Criação, a mesma que deu origem ao primeiro vampiro.

– Você já a viu? A *Hartstone*?

– Não. – Disse Sienna, acenando a cabeça. – Mas eu já senti sua presença. Ela pulsa como um ser vivo, às vezes, vibrando tão forte que você pode sentir na sua alma.

Arabelle não sabia o que fazer com isso. Sienna era um pouco estranha por viver tanto tempo na floresta, sem ninguém além dos lobos para lhe fazer companhia. Mas Arabelle não tinha dúvidas de que Sienna realmente *acreditava* já ter sentido ou ouvido a *Hartstone*. Se era real ou uma invenção de sua imaginação hiperativa, aí já era outra história.

¹² Uma pedra mística, que tem poderes sobrenaturais além da compreensão e que vive escondida na Floresta de Silvane. Poderia se traduzir Pedra Excelsa - que quer dizer sublime; excessivamente elevada; de teor superior, transcendente. Algo poderosamente extraordinário. Mas, em determinados momentos – que vão até o final da série - não faria jus ao real significado, por isso, mantivemos o original.



A multidão no quintal aumentou, a maioria apontando e encarando os quatro lobos que entravam e saíam das vistas, protegendo o perímetro.

Arabelle mordeu o lábio inferior, se perguntando mais uma vez se aquele era mesmo o movimento certo. Sequestrar uma Princesa vampira era um movimento atrevido, de fato. Marius havia prometido a ela que faria tudo o que estivesse ao seu alcance para ajudar a encontrar os assassinos. Mas esse era o problema. Se esses monstros se mantiveram escondidos do Príncipe da Torre de Vidro durante todo esse tempo, não havia garantia de que ele os encontraria e os levaria à justiça com rapidez. Seu povo estava morrendo. E ela tinha feito a promessa de levá-los a um mundo melhor. Levantando o queixo, ela suspirou - com determinação e confiança - em direção ao próximo passo ousado.

— Hora de se juntar a eles. — Disse Arabelle, caminhando em direção a porta. — O sol estará alto em alguns minutos.

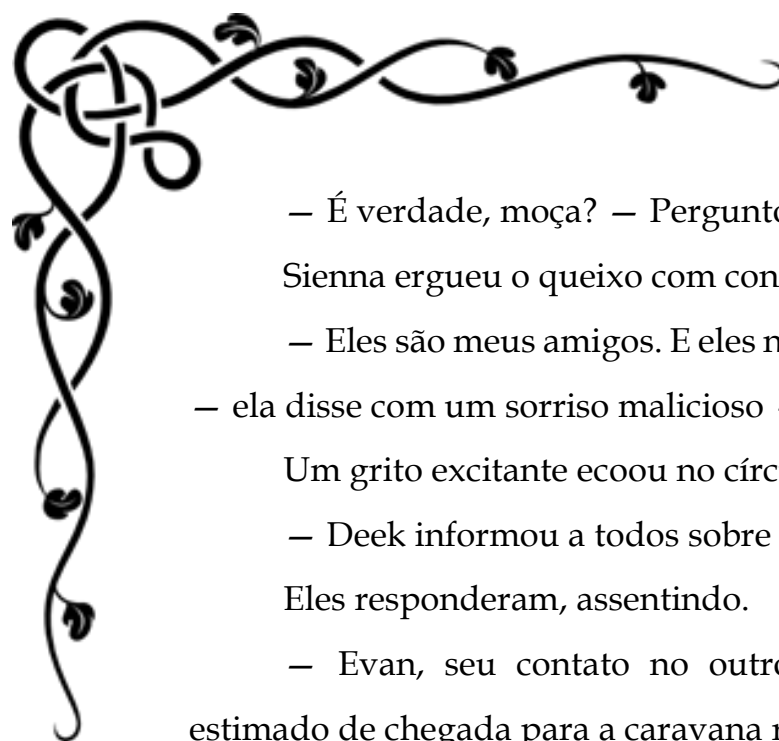
Elas adentraram a multidão de homens, apontando para o mapa no barril de cerveja. A reunião se separou e se acalmou com a aproximação delas, os olhos girando para a recém-chegada Sienna.

— Olá, linda senhora. — Disseram Ivan e Evan em uníssono, com grandes sorrisos espalhados por seus rostos.

Sienna revirou os olhos com um aceno de cabeça e colocou uma mão no quadril, ignorando sua saudação.

Os dois eram irmãos, mas não gêmeos, e ainda parecia que eles compartilhavam um cérebro. Ambos fortes como um cavalo de batalha, repletos de músculos e sempre com sorrisos diabólicos. Arabelle imaginou quantas aventuras perigosas eles tiveram com o Black Lily, unindo as duas coisas com sua habilidade de conquistar as damas de Hiddleston.

— Falem mais baixo. — Disse Arabelle. — Eu gostaria que todos conhecessem minha nova amiga, Sienna. Ela vai se juntar a nós para a missão de hoje, já que ela possui uma arma particularmente experiente, que será muito útil.



— É verdade, moça? — Perguntou Ivan. — Esses lobos são seus?

Sienna ergueu o queixo com confiança.

— Eles são meus amigos. E eles nos ajudarão hoje se eu pedir. Além disso,
— ela disse com um sorriso malicioso — eles odeiam vampiros.

Um grito excitante ecoou no círculo.

— Deek informou a todos sobre suas posições?

Eles responderam, assentindo.

— Evan, seu contato no outro lado de Hiddleston tem um tempo estimado de chegada para a caravana real?

— Sim, Ira disse que eles pararam na casa de seu senhorio durante a noite, saíram ontem pela manhã e não vão mais fazer nenhuma parada, viajando o dia todo, direto para a Torre.

— Isso quer dizer que eles irão passar por Sylus por volta do meio dia. — Disse Deek.

— Isso mesmo. — Concordou Evan.

— Oh, Evan. — Um de seus companheiros de Hiddleston interrompeu.
— Como você conseguiu tirar essa informação da bela Ira?

— Eu vou te dizer como, Wyatt. Quando você tiver idade suficiente para ter cabelo no peito.

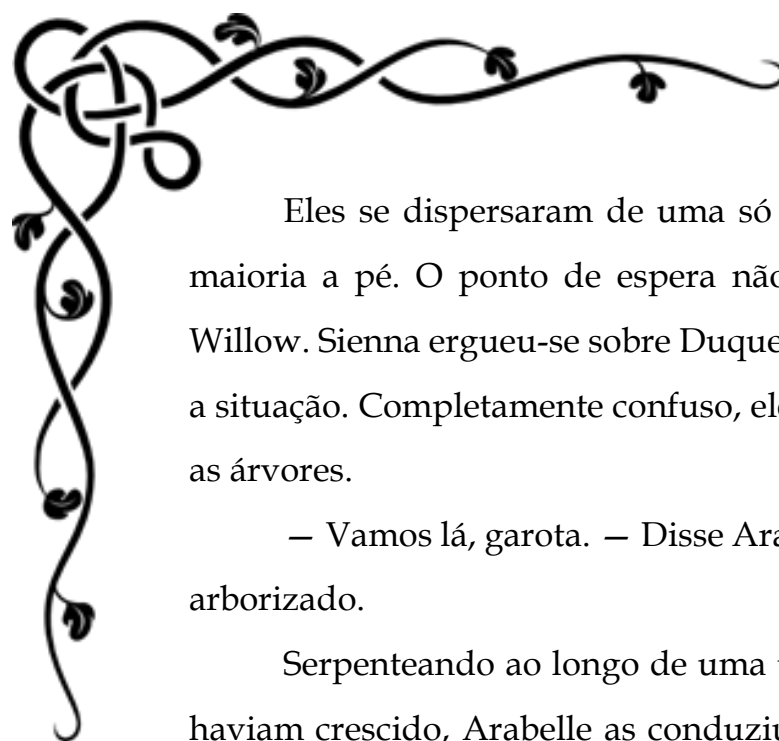
Um conjunto de risos entrou em erupção. Wyatt era o mais jovem de sua equipe, mas certamente era forte o suficiente para desempenhar sua parte.

— Já chega. — Disse Deek. — Todo mundo precisa assumir suas posições. Arabelle, leve Sienna com você para o nosso ponto de espera para o início da missão.

— Certo. — Disse Arabelle. — Tudo bem, senhores. Aqui vamos nós. Pelo Black Lily.

Ela ergueu o punho no ar.

— Pelo Black Lily! — Todos gritaram em uníssono.



Eles se dispersaram de uma só vez, alguns deles com montaria, mas a maioria a pé. O ponto de espera não estava muito longe. Arabelle montou Willow. Sienna ergueu-se sobre Duquesa. Barkley fez uma pausa para observar a situação. Completamente confuso, ele coçou a cabeça e depois se moveu para as árvores.

— Vamos lá, garota. — Disse Arabelle, conduzindo Willow pelo caminho arborizado.

Serpenteando ao longo de uma trilha de cervos, onde as ervas daninhas haviam crescido, Arabelle as conduziu mais perto de Sylus, mas permaneceu em Larkin Wood até a estrada ficar à vista. Um carvalho grande, com um tronco gordo estava a uma boa distância da trilha, no limite das linhas das árvores. Este era o ponto central do local de espera. Arabelle desmontou e amarrou Willow. Sienna saiu das costas da Duquesa e sussurrou algo para ela. Ela desapareceu com o companheiro, Luca, que as seguiu da cabana de madeira.

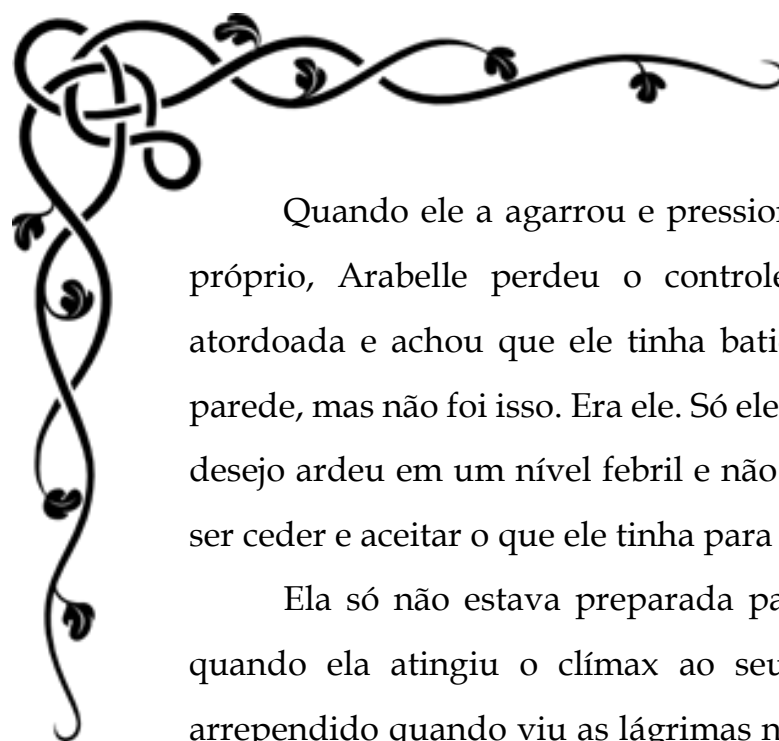
Arabelle se sentou na lateral do tronco da árvore, de frente para Hiddleston. Sienna sentou-se ao lado dela.

— E agora a gente espera. — Disse Arabelle.

As duas ficaram sentadas em silêncio, pois os vampiros na caravana poderiam ouvi-las de longe. Arabelle viu Deek tomando seu lugar no lado oposto da estrada. Ele deu um aceno de cabeça. Arabelle assentiu de volta. Todos estavam em posição. Esperando.

O sol se levantou, mais lento do que o normal. Um tordo voou e cantarolou no ramo acima, então o seu amigo se juntou a ele, pulando de um ramo para outro.

Mais uma vez, a mente de Arabelle vagou para Marius e seu encontro em sua antiga cabana. Ela entrou para ver se havia água em seu jarro de banho para que ela pudesse lavar os arranhões de Willow. Ela não havia sentido a presença de ninguém lá dentro, mas tinha empunhado sua adaga por precaução.



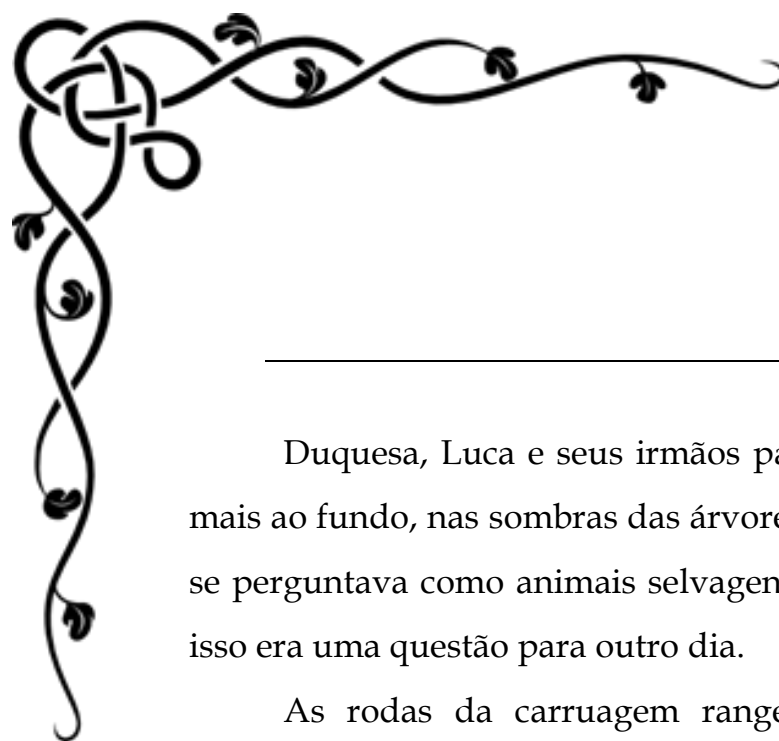
Quando ele a agarrou e pressionou seu corpo para a parede com o seu próprio, Arabelle perdeu o controle de sua mente. Ela realmente ficou atordoada e achou que ele tinha batido a cabeça dela forte demais contra a parede, mas não foi isso. Era ele. Só ele. Seu toque a deixou louca de desejo. Seu desejo ardeu em um nível febril e não havia nada que ela pudesse fazer a não ser ceder e aceitar o que ele tinha para oferecer. E ela cedeu

Ela só não estava preparada para a enxurrada de emoções que sentiu quando ela atingiu o clímax ao seu toque. Ele pensou que ela havia se arrependido quando viu as lágrimas nos olhos dela. Mas era o contrário. Era a falta de arrependimento e a plena sensação de pertencer a ele – aos seus braços, ao seu toque e a sua boca. E não era para ser assim. Ele era um vampiro. Seu inimigo. Um *Príncipe* vampiro. Seu maior inimigo. E, no entanto, ela sabia que se tivesse a chance, ela faria tudo de novo. E de novo.

Sienna agarrou a mão de Arabelle e acenou para a estrada com os olhos arregalados. Arabelle ouviu, mas não ouviu nada. Ela franziu a testa, perguntando-se o que ouviu.

Sienna sussurrou algo como “*Eles estão vindo.*”

Em poucos segundos, Arabelle ouviu o ruído das rodas de carruagem. Ela sorriu e deslizou do tronco da árvore, se preparando para colocar a segunda parte da missão do Black Lily em ação.



Capítulo 20

Duquesa, Luca e seus irmãos pareciam não estar longe de sua posição, mais ao fundo, nas sombras das árvores. Eles sabiam sua parte. Arabelle ainda se perguntava como animais selvagens entendiam a linguagem humana, mas isso era uma questão para outro dia.

As rodas da carruagem rangeram mais próximas. Deek e Barkley apareceram do outro lado da estrada, agachados em posição à beira da estrada. Arabelle não podia ver os outros, mas sabia que eles estavam lá. Os arqueiros estavam no alto das árvores. A ordem era para não matar, apenas incapacitar. Então, raptar a Princesa rapidamente e sair.

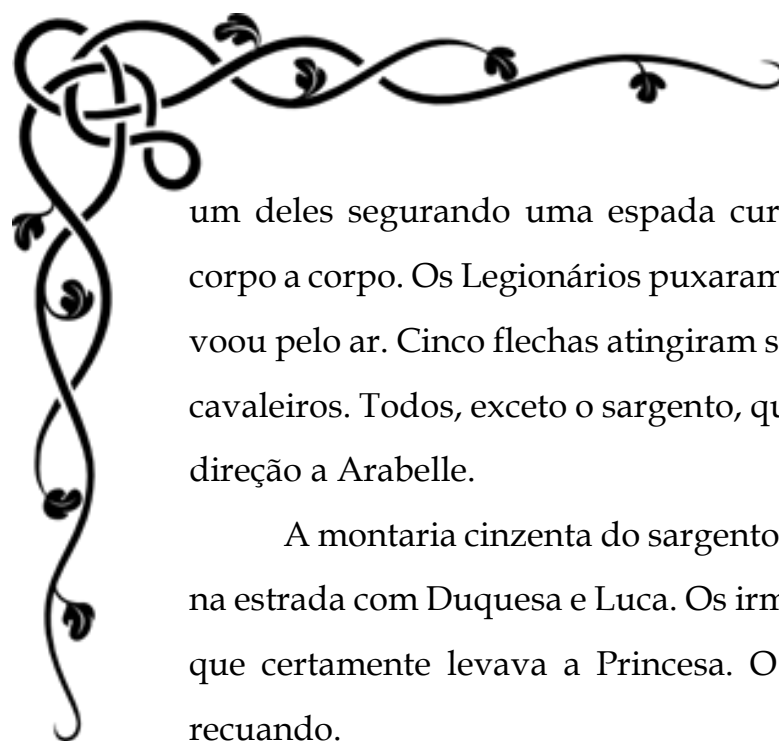
Arabelle mal olhou ao redor do tronco e depois recuou. Ela segurou dois dedos para Deek, depois seis, sinalizando duas carruagens e seis cavaleiros. Os guias eram Legionários, encarregados de escoltar a Princesa Vilhelmina para a Torre de Vidro. Com um aceno para Sienna, ela entrou na estrada e caminhou em direção a eles como se estivesse em um passeio casual. Ela fingiu surpresa ao ver uma caravana real escoltada, os Legionários vestiam uniformes verdes e dourados, as cores da região sul de Arkadia.

— Afaste-se. — Disse o guarda principal, um vampiro magro com uma carranca feroz.

— Sim, sargento. — Disse Arabelle.

Ela notou o choque em seu rosto, por ela ter reconhecido a insígnia em sua lapela. Seu rosto se contorceu mais. Arabelle esperou até que o sargento estivesse perto dela, enquanto estava à esquerda da estrada e então assobiou alto.

Deek, Barkley, os irmãos Barrow e quatro de seus recrutas de Hiddleston, todas mãos fortes do campo, saíram das posições e cercaram a caravana, cada



um deles segurando uma espada curta com ponta de ouro, para o combate corpo a corpo. Os Legionários puxaram suas espadas, então um ruído de flechas voou pelo ar. Cinco flechas atingiram seus alvos - nas coxas ou panturrilhas dos cavaleiros. Todos, exceto o sargento, que havia empinado seu cavalo e saído em direção a Arabelle.

A montaria cinzenta do sargento recuou um pouco quando Sienna entrou na estrada com Duquesa e Luca. Os irmãos encurralaram a segunda carruagem, que certamente levava a Princesa. O cavalo do sargento relutou assustado, recuando.

- Parece que seu cavalo tomou a decisão certa. Melhor tomar cuidado.
- Disse Arabelle.

Deek e Barkley estavam em ambos os lados dela também. A equipe de Evan e Ivan já havia arrancado os outros de suas posições, todos com espadas apontadas para os homens feridos que se retorciam de dor, no chão.

– Você não pode matar todos nós. – Disse o sargento, com veneno transbordando em sua voz.

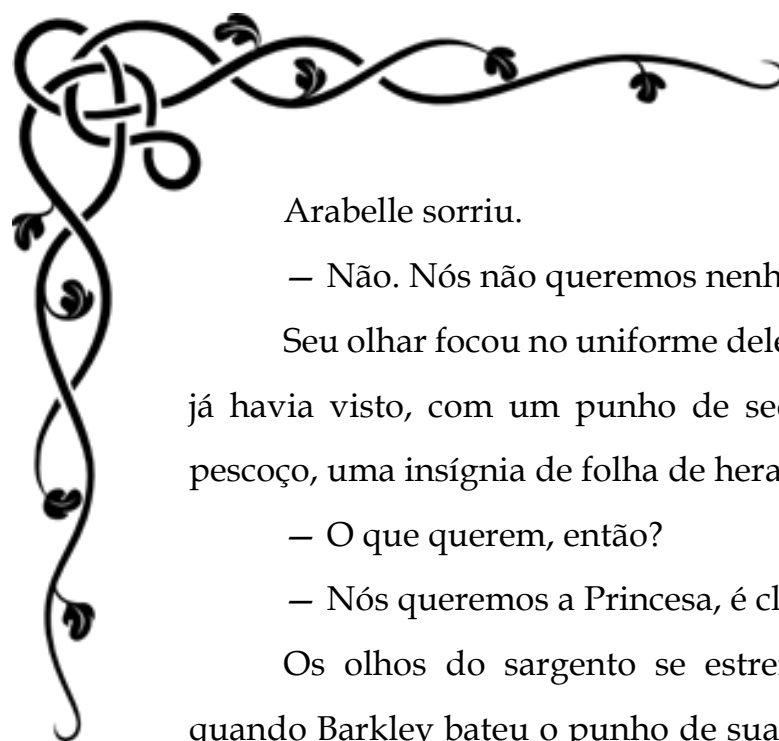
– Nós não queremos matar nenhum de vocês. Mas mataremos, se tivermos que matar. Desça do seu cavalo, sargento.

Ele piscou e aumentou o aperto em sua espada. Luca se aproximou, um rosnado estrondoso na garganta.

– Por favor, pense bem em seu próximo movimento. Há arqueiros com flechas feitas de ponta de ouro mirando seu coração. Eles acertaram seus homens nas pernas propositalmente, então vão ter tempo de retirar as flechas antes que o ouro envenene o sangue deles. Mas o tempo está passando. E, como você pode cheirar, eles morrerão se você não cooperar rápido o suficiente.

Havia, na verdade, um cheiro de carne queimada no ar, quando as pontas das flechas os queimaram de dentro para fora. O sargento largou a espada e logo desmontou, ficando diante de Arabelle. Barkley se moveu atrás dele.

- Quem é você e quais são suas intenções? Roubo?



Arabelle sorriu.

– Não. Nós não queremos nenhum de seus artefatos ou joias.

Seu olhar focou no uniforme dele, possivelmente um dos mais lindos que já havia visto, com um punho de seda prata em cada pulso e alinhando o pescoço, uma insígnia de folha de hera prateada no ombro esquerdo.

– O que querem, então?

– Nós queremos a Princesa, é claro.

Os olhos do sargento se estreitaram, talvez preparando seu ataque, quando Barkley bateu o punho de sua espada curta na parte de trás da cabeça dele. O sargento caiu inconsciente a seus pés.

– Barkley, isso era mesmo necessário?

– Sim. Não tem sentido ficar batendo boca com ele sobre o plano.

– Muito bem. Vamos fazer isso rápido. Sienna!

Sienna a seguiu até a primeira carruagem enquanto os outros derrubavam cada um dos Legionários restantes. Arabelle abriu a porta apenas para encontrar um padre com as mãos cruzadas e a cabeça inclinada em oração. Ele a olhou despreocupadamente, sem medo em seu rosto.

– Ora, ora. Vocês duas são as sequestradoras mais bonitas que já encontrei.

– Que gentil. Obrigada, padre. Como é que você acabou viajando com a Princesa de Arkadia?

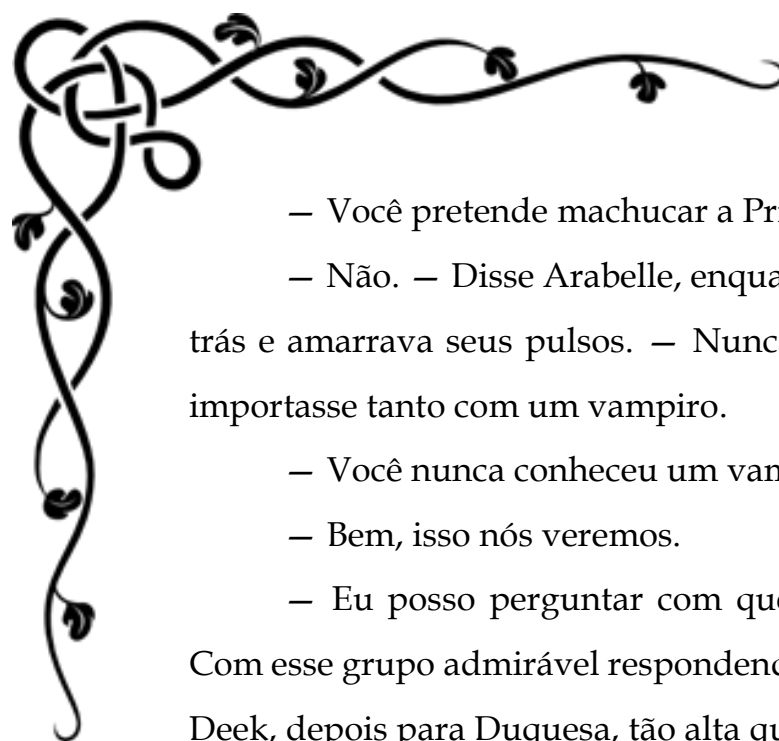
– Eu sou o padre da família e realizarei a cerimônia de casamento.

Arabelle sentiu um soco no estômago. A cerimônia de casamento de Marius.

– Bem, eu temo que o casamento vá ser adiado, por enquanto. – Para sempre, se dependesse dela. – Pode sair.

Ele obedeceu e saiu, tomando cuidado com a batina preta.

– Evan. – Chamou Arabelle. – Amarre o sacerdote com o resto dos homens, por favor.



– Você pretende machucar a Princesa?

– Não. – Disse Arabelle, enquanto Evan puxava as mãos do padre para trás e amarrava seus pulsos. – Nunca conheci um sacerdote humano que se importasse tanto com um vampiro.

– Você nunca conheceu um vampiro como a Princesa Mina.

– Bem, isso nós veremos.

– Eu posso perguntar com quem estou tendo o prazer de conversar? Com esse grupo admirável respondendo aos seus comandos? – Ele olhou para Deek, depois para Duquesa, tão alta quanto ele.

– Estou feliz por você ter perguntado. O sargento não está consciente e alguém precisa levar nossa mensagem para o palácio.

– Estou ao seu dispor. – Ele disse, com um aceno de cabeça.

Que padre engraçado. Ele estava bem calmo para alguém que corria perigo. E, no entanto, nenhum dos eventos atuais ou dos homens que prendiam os soldados e levavam para fora da estrada, pareciam incomodá-lo.

– Nós somos o Black Lily. Nós estamos levando a Princesa como refém. Vamos negociar os termos do resgate com o Rei de Varis ao amanhecer.

– Posso saber quais são os termos agora?

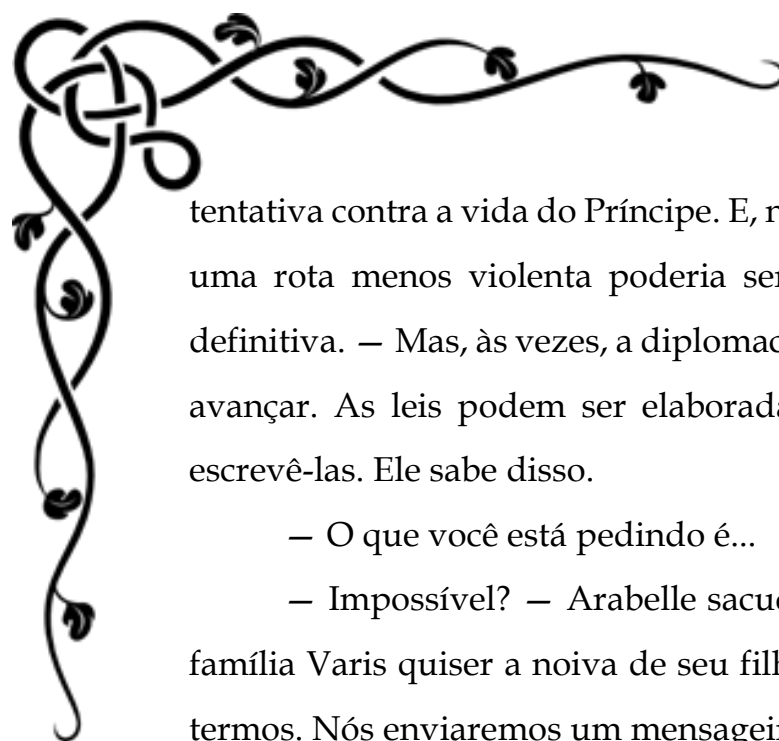
Arabelle sorriu rapidamente para Sienna.

– Queremos liberdade. Queremos acabar com a tirania que é a monarquia dos vampiros. Queremos abolir o sistema de classes. Queremos oportunidades iguais de emprego, trabalhando pelo que é nosso e não para tornar os ricos mais ricos.

O padre riu.

– Só isso? Eu duvido que eles vão ceder a essas exigências tão rapidamente.

– Não. Nós não somos tolos. Mas as negociações precisam começar de alguma forma. Preferimos a diplomacia à violência. – Arabelle franziu a testa, sentindo-se um pouco hipócrita, já que seu primeiro ato contra a coroa foi uma



tentativa contra a vida do Príncipe. E, no entanto, desde então, ela percebeu que uma rota menos violenta poderia servir melhor se eles evitassem a guerra definitiva. — Mas, às vezes, a diplomacia precisa de um pequeno incentivo para avançar. As leis podem ser elaboradas tão rapidamente quanto o Rei pode escrevê-las. Ele sabe disso.

— O que você está pedindo é...

— Impossível? — Arabelle sacudiu a cabeça. — Nada é impossível. Se a família Varis quiser a noiva de seu filho inteira, eles devem considerar nossos termos. Nós enviaremos um mensageiro amanhã pela manhã.

O padre ficou sério.

— Você disse que prefere a diplomacia a violência.

— E nós preferimos. Portanto, tente garantir que o Rei entenda qual é a melhor opção.

— Receio que estejam cometendo um erro. A aristocracia vampírica não abandonará seu modo de vida tão facilmente.

— Leve-o para junto dos outros, Evan.

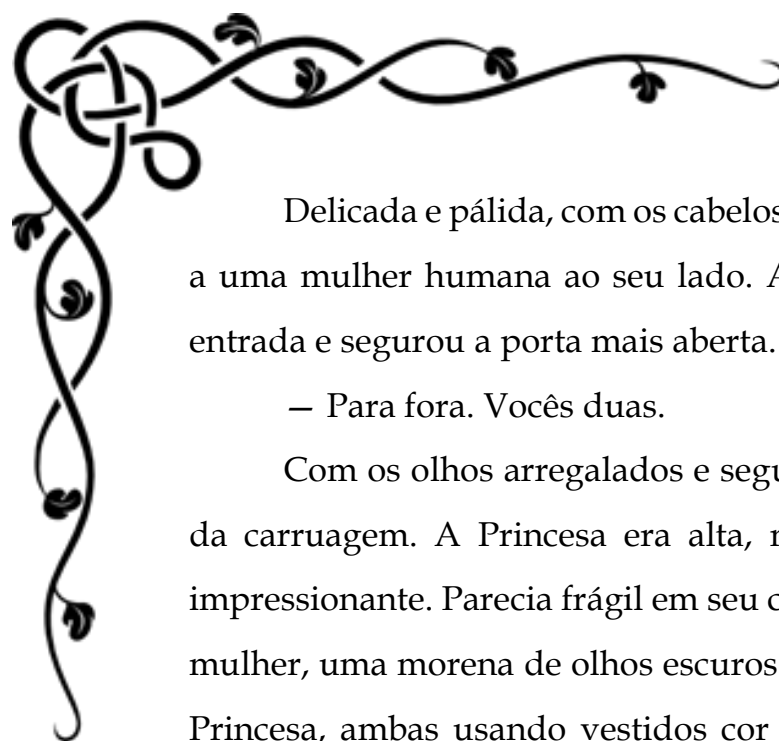
Evan amarrou uma mordaça ao redor da boca do padre, em seguida, arrastou-o para fora do caminho com os outros Legionários presos. Sienna ficou em silêncio ao lado, ouvindo a conversa.

— Deek, certifique-se de remover todas as flechas. Eu não quero que outro vampiro morra e dê ao Rei mais um motivo para retaliação.

— Não se preocupe com isso. Vocês duas peguem a Princesa e saiam daqui enquanto movemos as carruagens para fora da estrada.

— Certo.

Ela se moveu para a segunda carruagem, empunhou sua adaga dourada e abriu a porta. As duas ocupantes da carruagem pularam no assento. Arabelle tinha a lâmina pronta, sem saber se a Princesa tentaria usar sua velocidade de vampiro para um ataque. Mas, bastou apenas um olhar para ela e Arabelle baixou a lâmina.



Delicada e pálida, com os cabelos lisos caídos até a cintura, ela se agarrava a uma mulher humana ao seu lado. Arabelle olhou de relance na direção da entrada e segurou a porta mais aberta.

— Para fora. Vocês duas.

Com os olhos arregalados e segurando a mão uma da outra, elas saíram da carruagem. A Princesa era alta, mais alta do que Arabelle, mas menos impressionante. Parecia frágil em seu comportamento, ainda agarrando a outra mulher, uma morena de olhos escuros com um vestido tão elegante como o da Princesa, ambas usando vestidos cor de esmeralda, com uma tarja de renda dourada.

— Quem é ela? Sua bleeder? — Perguntou Arabelle com um aceno para a morena.

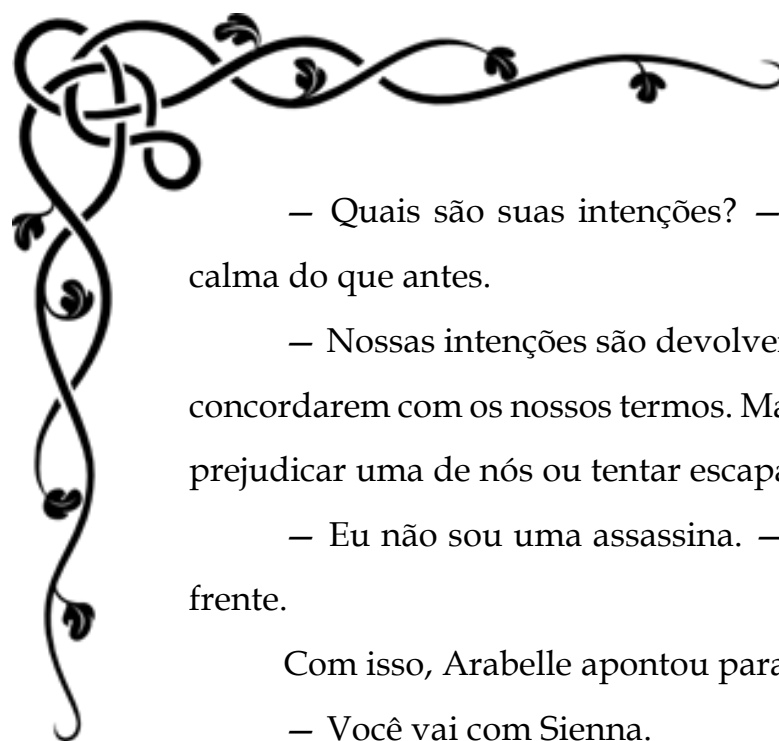
Esta foi a primeira vez que viu uma atitude na Princesa, que se afastou com os ombros para trás e o queixo levantado.

— Ela é minha dama de companhia, minha amiga, e sim, é minha hospedeira. Se você a prejudicar, sofrerá as consequências. — Os olhos da Princesa eram de um azul que lembravam o mar, e brilharam a emoção de uma proteção feroz.

Arabelle sorriu, pois estava feliz em ver que a mulher não era completamente desalmada. No entanto, era curioso que ela defendesse tão veementemente uma humana e se referisse a ela como sua hospedeira. Ela nunca tinha ouvido esse termo antes, quando se tratava de um bleeder.

— Não temos intenção de machucar nenhuma de vocês, desde que ambas cooperem. Precisamos que vocês venham conosco.

Sienna se moveu para ficar ao lado de Arabelle. O plano era que a Princesa e sua dama de companhia as acompanhassem de volta à cabana de Sienna, onde seriam mantidas até que os termos fossem acordados com o Rei Varis. A última coisa que Arabelle queria era que as mulheres se sentissem ameaçadas por dois marmanjos musculosos, levando-as para Deus sabe onde.



— Quais são suas intenções? — Perguntou a Princesa, um pouco mais calma do que antes.

— Nossas intenções são devolver você à família real ilesa. *Depois* que eles concordarem com os nossos termos. Mas não se engane, vamos matá-la se tentar prejudicar uma de nós ou tentar escapar.

— Eu não sou uma assassina. — Disse a Princesa de Arkadia. — Vá em frente.

Com isso, Arabelle apontou para a morena.

— Você vai com Sienna.

A dama de companhia olhou em volta, afastando-se da Duquesa enquanto se aproximava.

— Onde está o seu cavalo? — Perguntou a Sienna.

— Bem aqui. — Ela respondeu, apontando para Duquesa.

— Oh, santo Deus! — Murmurou a mulher morena.

Evan se aproximou para ajudá-la.

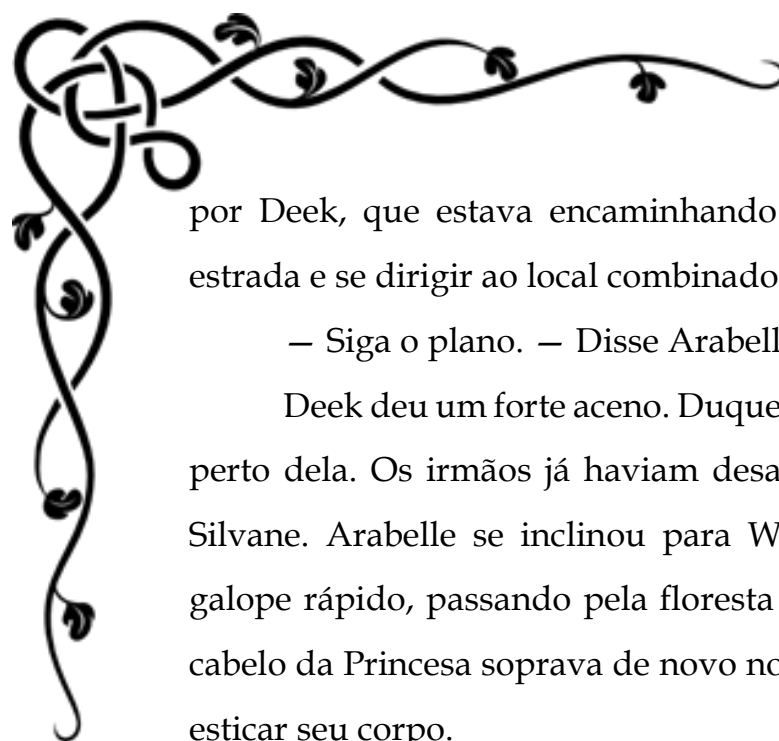
— Ela não vai te machucar. — Ele prometeu gentilmente.

Duquesa se agachou para Sienna, que subiu depois da dama de companhia.

A Princesa olhou apavorada para Luca, sem dúvida pensando que estariam montando ele. Mas Ivan deu um passo à frente com as rédeas de Willow e entregou-as a Arabelle. Ele se aproximou da beleza de cabelos claros, mantendo a voz suave quando falou:

— Perdoe-me, Princesa.

Pela primeira vez, Arabelle o ouviu falar algo sem uma pitada de sarcasmo ou malícia por trás. O homem nunca pareceu ser agradável. Mas ele a tratou com palavras suaves, como se soubesse que ela era mais delicada em espírito do que a maioria dos vampiros, antes de envolver suas mãos bronzeadas em torno de sua cintura e ajudá-la a subir na égua. Ela agarrou a sela e olhou para a frente. Arabelle se levantou nos estribos atrás dela e chamou



por Deek, que estava encaminhando os outros para tirar as carruagens da estrada e se dirigir ao local combinado.

— Siga o plano. — Disse Arabelle.

Deek deu um forte aceno. Duquesa disparou para Larkin Wood com Luca perto dela. Os irmãos já haviam desaparecido e voltaram para a Floresta de Silvane. Arabelle se inclinou para Willow suavemente e a cutucou em um galope rápido, passando pela floresta verdejante em um ritmo vertiginoso. O cabelo da Princesa soprava de novo no rosto de Arabelle até que ela conseguiu esticar seu corpo.

O doce aroma de jasmim de seu corpo se espalhou quando o vento soprou contra elas. Arabelle ficou doente, percebendo que esta era a mulher que se casaria e dormiria com Marius. Ela tentou não se ressentir dela, mas não estava funcionando. Sua feminilidade delicada e seu perfume doce obrigaram Arabelle a desprezá-la. Ela era tudo o que Arabelle não era. Incluindo da realeza, que era um pré-requisito para se casar com um Príncipe de Varis.

Arabelle se castigou por permitir que tais pensamentos entrassem em sua mente, mas ela não conseguia mais ignorá-los. Ela desejava Marius, isso era certo. Mas, aparentemente, o desejava para mais do que apenas uma noite. E essa mulher que ela carregava para dentro na floresta, coberta de carvalho preto, representava tudo o que ela não era. E era a companheira perfeita para Marius.

A amargura fez sua barriga se contorcer. Ela se culpava por desejar Marius desse jeito, o homem que representava tudo o que ela odiava. Ou, que ela achava que odiava.

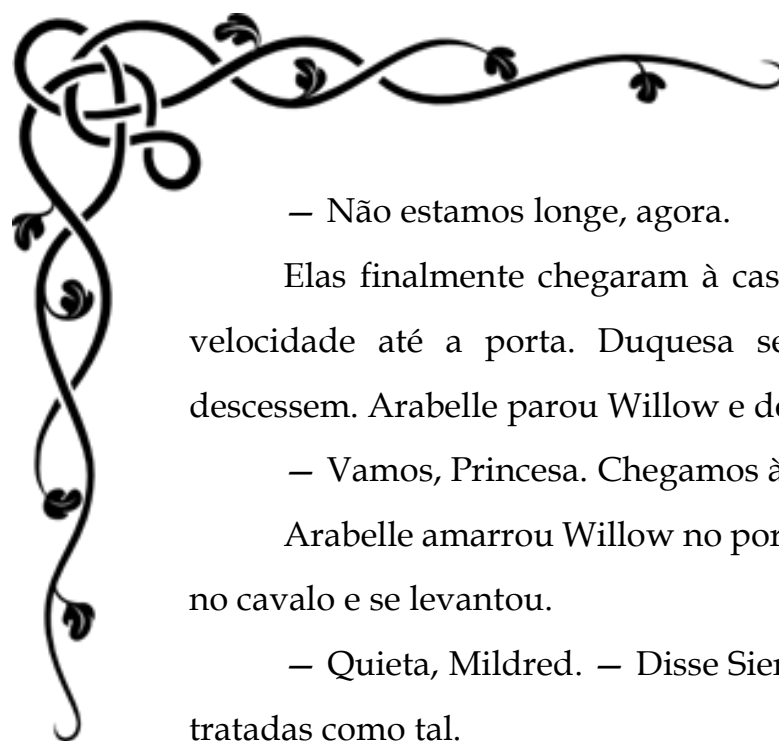
— Estamos na Floresta de Silvane. — Ela se virou para Arabelle.

— Sim. — Concordou Arabelle.

— Sempre quis visitar este lugar.

Era uma estranha observação para um vampiro, já que todos evitavam esta floresta a qualquer custo, por causa das histórias e da magia ligadas a ela.

— Para onde vamos? — Perguntou ela.



— Não estamos longe, agora.

Elas finalmente chegaram à casa de Sienna no bosque e diminuíram a velocidade até a porta. Duquesa se agachou para que suas passageiras descessem. Arabelle parou Willow e desceu.

— Vamos, Princesa. Chegamos à sua parada final.

Arabelle amarrou Willow no portão, onde a cabra, Mildred, tocou o nariz no cavalo e se levantou.

— Quieta, Mildred. — Disse Sienna. — Elas são convidadas reais e serão tratadas como tal.

A Princesa desmontou desajeitadamente. Ela com certeza não era uma amazona. E parecia ainda mais pálida do que antes, suas bochechas perderam toda cor ao ver Hugo e Kai, os lobos místicos de cor marrom, a observando do perímetro. Eles esperaram até Duquesa e Luca voltarem para as sombras atrás deles antes de se afastarem. Hugo foi o último, olhando fixamente para a Princesa vampira.

— Entre, Princesa. — Disse Sienna.

— Meu nome é Mina. — disse ela, parando na porta. — E essa é Kathleen.

A dama de companhia estava colada em suas costas.

— Por favor entrem, Mina e Kathleen. — Disse Sienna, segurando a porta da cabana.

As duas mulheres, aparentemente menos assustadas do que antes, sabendo que Arabelle não planejava cortar suas gargantas, entraram na residência de Sienna. Uma vez lá dentro, Mina girou lentamente sobre a sala acolhedora, tocando seus dedos na parte de trás do sofá de brocado.

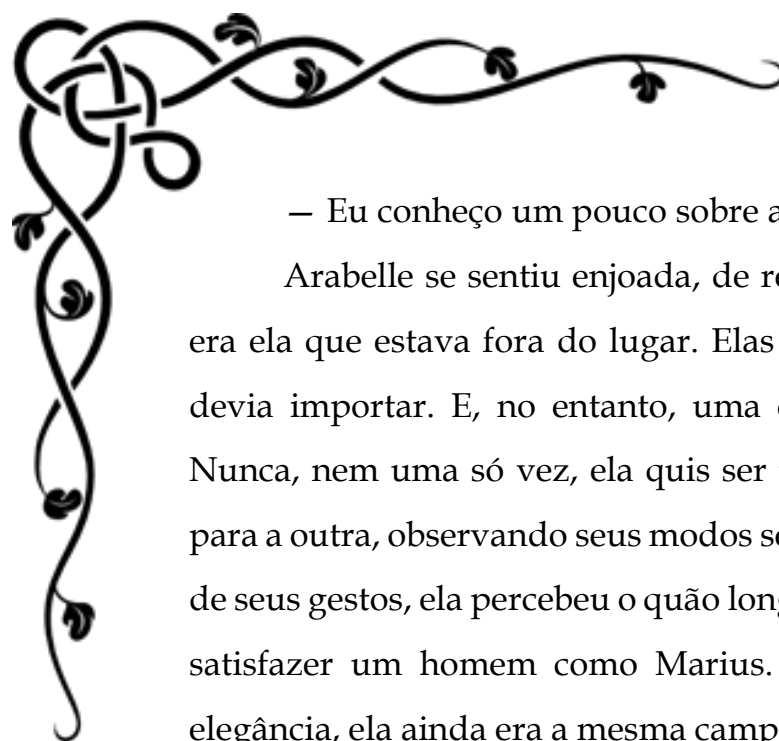
— Uma senhora nobre vive aqui?

Sienna deu um passo à frente.

— Sim. Eu sou a senhora nobre. Eu fui na verdade, há muito tempo.

Mina a encarou.

— Você ainda é. Você também é uma artista, pelo que eu vejo.



— Eu conheço um pouco sobre artes. — Concordou Sienna.

Arabelle se sentiu enjoada, de repente percebendo que naquele quadro, era ela que estava fora do lugar. Elas eram da nobreza. Ela não era. Isso não devia importar. E, no entanto, uma queimadura ácida agitava seu interior. Nunca, nem uma só vez, ela quis ser uma delas. Mas agora, olhando de uma para a outra, observando seus modos semelhantes, seu equilíbrio e a beleza sutil de seus gestos, ela percebeu o quão longe estava de ser uma mulher que poderia satisfazer um homem como Marius. Embora Sienna a tivesse vestido com elegância, ela ainda era a mesma camponesa grosseira, que sobreviveu lavando as roupas dos aristocratas. Ela também era a mulher que organizou e fundou o Black Lily, com o único objetivo de derrubar a sociedade opressiva que as três mulheres diante dela representavam. Mas, tudo o que Arabelle conseguia pensar enquanto estava ali, olhando para a frágil Princesa em toda sua pálida perfeição era: *esta é a noiva dele*.

O som dos cascos no quintal deram a ela a desculpa que precisava. Mina e Kathleen viraram as cabeças para a porta quando ela se abriu. Deek entrou.

— Tudo feito.

— Bom. — Disse Arabelle. — Eu volto quando tiver novidades. — Ela disse a Sienna, ansiosa para deixar sua companhia.

Deek fechou a porta novamente quando Arabelle entrou no quintal e marchou em direção a Willow. Ivan, Evan e sua equipe cercavam a casa. Eles pareciam mais com guardas do que com sequestradores.

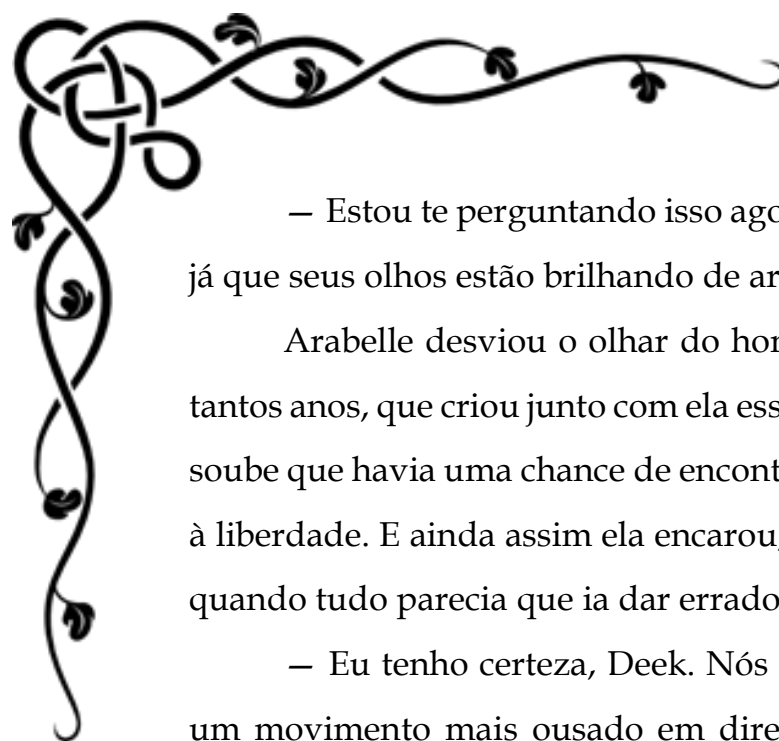
Arabelle subiu nas costas de Willow. Deek segurou a sela por um momento.

— Agora não tem mais como voltar atrás.

— Não. — Concordou Arabelle. — Não tem.

— Você tem certeza de que este é o caminho que você quer seguir?

— Você está me perguntando isso agora? Depois que o plano está quase concluído?



— Estou te perguntando isso agora porque você está parecendo insegura, já que seus olhos estão brilhando de arrependimento.

Arabelle desviou o olhar do homem que tinha sido seu único amigo há tantos anos, que criou junto com ela esse plano para salvar seu povo. Ela sempre soube que havia uma chance de encontrar a morte por esse caminho em direção à liberdade. E ainda assim ela encarou, ainda mais convicta do que no começo, quando tudo parecia que ia dar errado.

— Eu tenho certeza, Deek. Nós sempre soubemos que precisaríamos de um movimento mais ousado em direção ao mundo que sonhamos para nós mesmos.

— Sim. Nós sabíamos. Mas você era a única que pensava nos detalhes.

Ela franziu a testa, fazendo uma careta.

— O que você quer dizer?

Ele zombou. Seu sorriso de lado revelou seu dente de ouro.

— Sem você, o Black Lily não existe. Sem sua paixão e sua determinação, tudo isso não quer dizer nada. Aconteceu alguma coisa com você. Eu posso ver nos seus olhos.

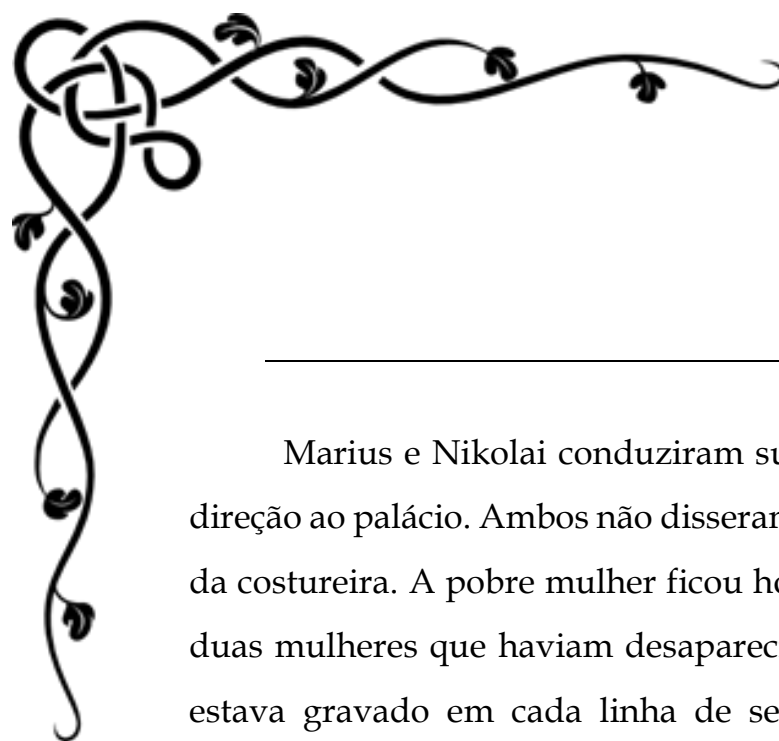
Arabelle não podia negar que algo realmente havia acontecido. Algo, ou melhor, alguém aconteceu e roubou algumas das suas pretensões. Ela pensou sobre assassinar o Príncipe agora. Seria impossível. Ela jamais tentaria enfiar a adaga no coração dele novamente, como fez na noite em que o conheceu.

— Eu ainda sou a mesma Arabelle. Não se preocupe, meu amigo.

Ela colocou a mão sobre a borda da sela e a apertou, então puxou Willow para o caminho que levava de volta ao bosque.

— Vou trazer notícias no início da manhã. — Ela disse por cima do ombro, antes de começar a galopar. Ela precisava sentir o vento batendo contra o rosto, na esperança de que isso a livrasse de todos os pensamentos a respeito do Príncipe de cabelos escuros e seus intensos olhos azuis.

Não livrou.



Capítulo 21

Marius e Nikolai conduziram suas montarias pelo caminho sinuoso em direção ao palácio. Ambos não disseram uma palavra desde que deixaram a loja da costureira. A pobre mulher ficou horrorizada com o interrogatório sobre as duas mulheres que haviam desaparecido de seu quarto de hóspedes, o medo estava gravado em cada linha de seu rosto. Levaram vários minutos para simplesmente convencê-la de que eles não a perseguiriam e nem a prejudicariam por suas respostas honestas, porque era dessa honestidade que eles precisavam. Finalmente, ela cedeu. Havia pouco a contar, mas todas as evidências apontavam para assassinatos cometidos por vampiros.

— O que eu não consigo entender, — começou Nikolai — é quem diabos precisa de todos esses rolos de seda no palácio.

— Curioso, com certeza, mas minha mãe ama seda.

Ambos ficaram surpresos com os rolos de seda empilhados em um carrinho com uma nota - *Entrega para o Palácio* - escrita do lado de fora.

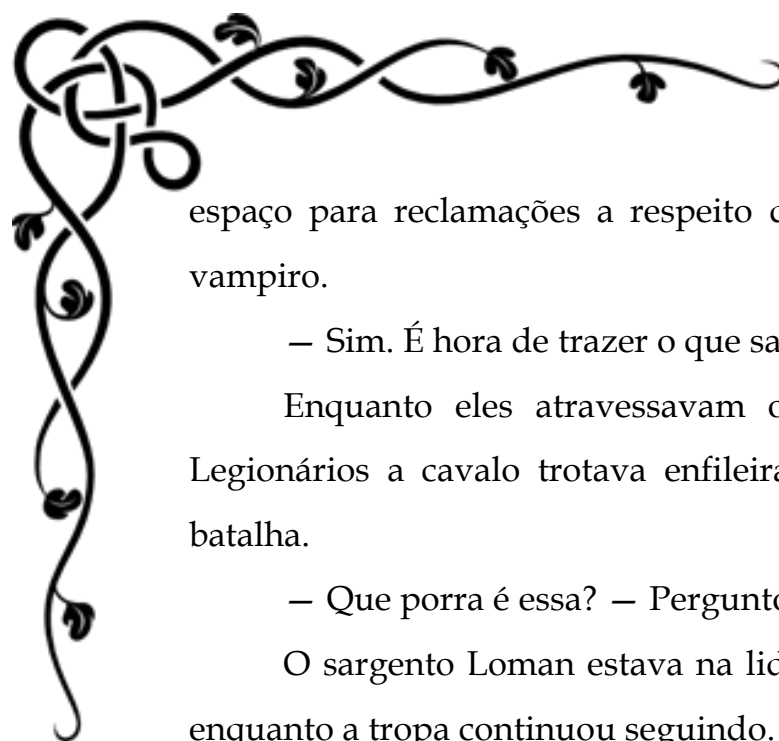
— E ela exige essas quantidades enormes em entregas mensais. Isso é tão estranho.

— Com certeza.

Marius estava distraído. Nikolai muitas vezes enchia o vazio com algum comentário sem sentido para aliviar a tensão. Mas não havia mais como evitar o assunto mais importante.

— O que faremos agora? — Perguntou Nikolai. — Diremos ao seu pai?

Marius considerou a situação. Seu pai era um homem que governava com mão de ferro. Sua crença fervorosa em uma monarquia rigorosa o mantinha vigilante e em guarda constante. Mas Marius também o conhecia. Não havia



espaço para reclamações a respeito das leis, de qualquer lado, humano ou vampiro.

– Sim. É hora de trazer o que sabemos a sua atenção.

Enquanto eles atravessavam os portões do palácio, uma tropa de Legionários a cavalo trotava enfileirada em direção a eles, prontos para a batalha.

– Que porra é essa? – Perguntou Nikolai.

O sargento Loman estava na liderança. Ele reconheceu os dois e parou enquanto a tropa continuou seguindo.

– O que é tudo isso, sargento? – Perguntou Marius, com o medo crescendo dentro do peito.

– Sua Alteza, recebemos ordens para cercar a aldeia dos camponeses de Sylus.

– O quê? Meu pai ordenou isso?

Acenando firmemente com a cabeça, Adrian respondeu.

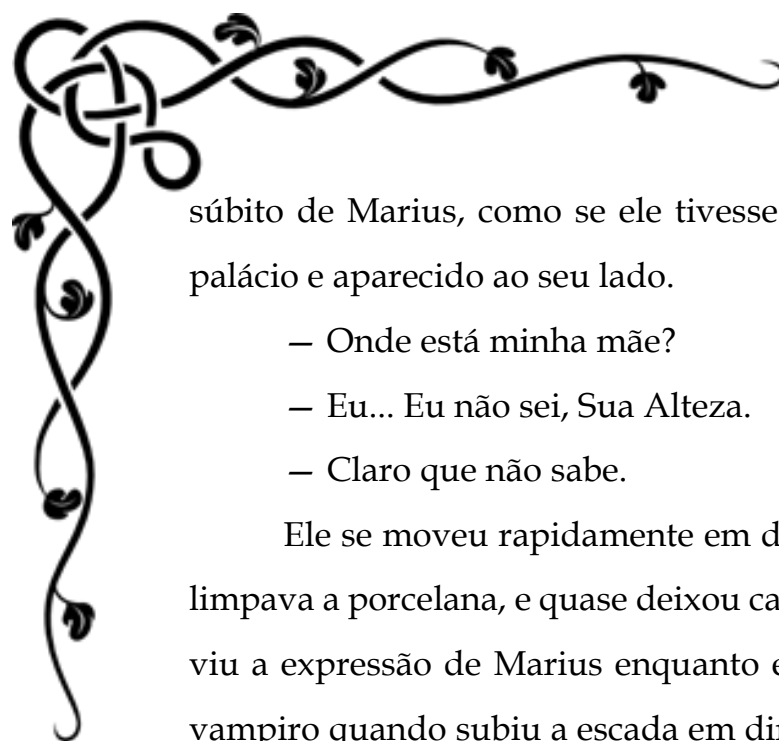
– Não, Sua Alteza. Nossas ordens são da Rainha Morgrid.

– Mas, por quê? – Perguntou Nikolai.

– O comboio de Arkadia foi atacado. Os guardas e o sacerdote da família foram amarrados e deixados na floresta. Mas, a Princesa Vilhelmina foi sequestrada.

Marius girou na direção do palácio e correu o caminho restante até a entrada, assustado com o número de Legionários sendo enviados a Sylus. Ele sabia exatamente quem havia sequestrado a Princesa. E sabia exatamente quão cruel sua mãe seria ao encontrá-la e levá-la à justiça. O medo rasgou seu peito como um raio. Não pela Princesa, mas por quem ele tinha certeza que a sequestrou.

Puxando as rédeas quando se aproximou dos degraus do palácio, ele saltou do cavalo antes que ele parasse e se moveu feito um borrão, voando em direção às portas. O Legionário de guarda respirou fundo com o aparecimento



súbito de Marius, como se ele tivesse desaparecido – literalmente – ao pé do palácio e aparecido ao seu lado.

– Onde está minha mãe?

– Eu... Eu não sei, Sua Alteza.

– Claro que não sabe.

Ele se moveu rapidamente em direção ao salão principal onde um servo limpava a porcelana, e quase deixou cair um vaso de mais de cem anos, quando viu a expressão de Marius enquanto ele passava. Ele usou sua velocidade de vampiro quando subiu a escada em direção ao quarto de sua mãe, chegando lá em um piscar de olhos, notando sua guarda pessoal do lado fora enquanto atravessava a porta e depois a fechava.

Radomir abriu a porta logo após Marius, com raiva por que alguém passou despercebido por ele.

– Está tudo bem, Radomir. É só meu filho.

Sua mãe entrou na varanda, coberta com um vestido de seda preto. Seu rosto estava tenso e sua boca em uma linha estreita, embora seu tom permanecesse calmo.

– Deixe-nos a sós. – Ordenou Marius, olhando para o guarda favorito de sua mãe, desafiando-o a desobedecer.

A Rainha deu um aceno firme e Radomir saiu da sala, batendo a porta.

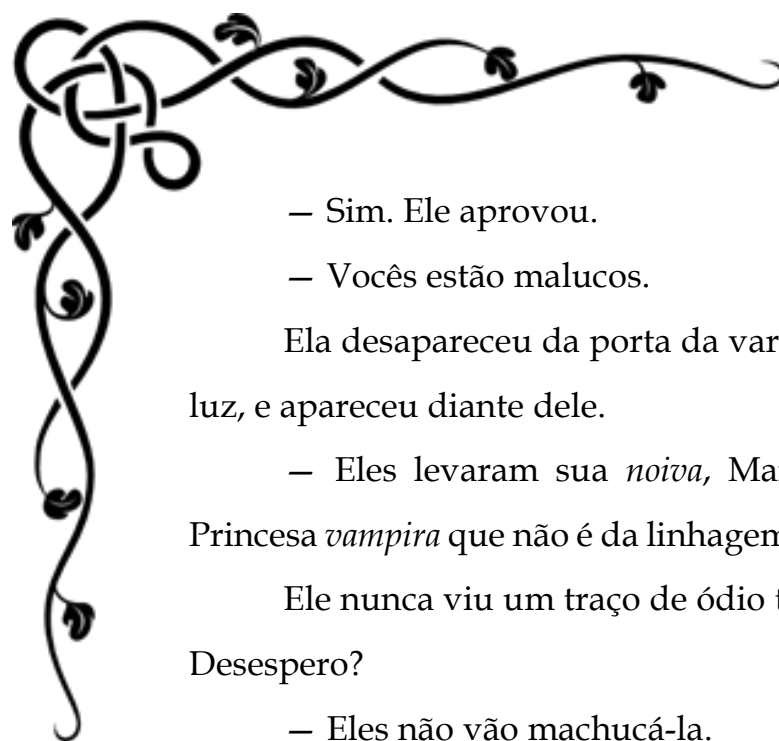
– O que é que você pensa que está fazendo? – Exigiu Marius. – Você enviou tropas para marchar em Sylus?

– Sim. Essa rebelião já foi longe demais. É hora de ensinar as pessoas quem é que manda.

– Você não pode estar falando sério. – Disse Marius, incrédulo com sua calma após colocar soldados cercando seu próprio povo.

– Claro que estou falando sério. Você sabe o que eles fizeram?

– Eu não me importo com o que eles fizeram. Você não envia tropas armadas para cima de pessoas indefesas. Meu pai aprovou isso?



– Sim. Ele aprovou.

– Vocês estão malucos.

Ela desapareceu da porta da varanda, movendo-se mais rápido do que a luz, e apareceu diante dele.

– Eles levaram sua *noiva*, Marius. Uma Princesa vampira. A última Princesa *vampira* que não é da linhagem de Varis. Você sabe o que isso significa?

Ele nunca viu um traço de ódio tão brilhante em seus olhos. E algo mais. Desespero?

– Eles não vão machucá-la.

– Não. Eles não vão. Porque, se o fizerem, eu vou enforcar até o último deles no pátio.

– Mãe, você não pode...

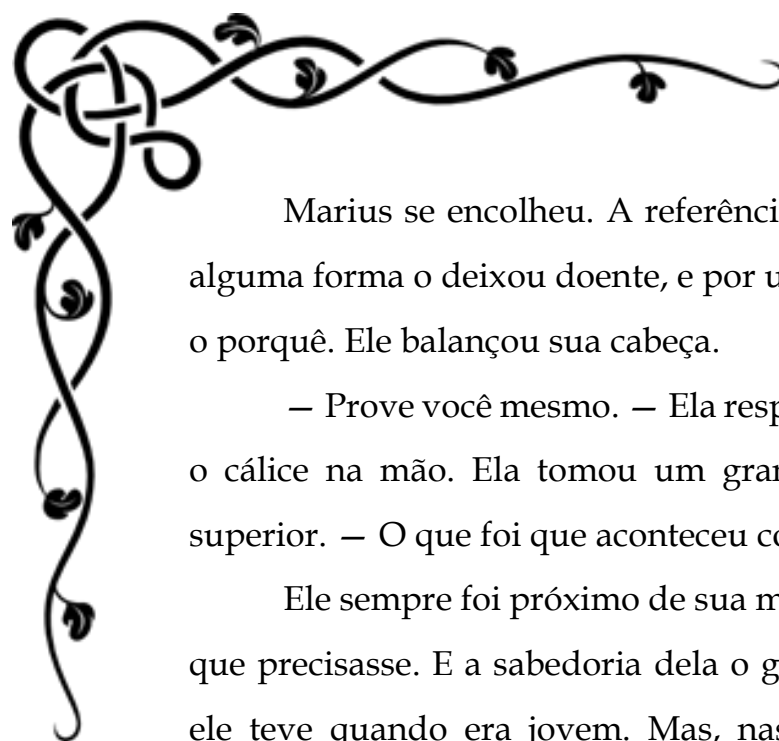
– Preste atenção, meu filho. Eles foram longe demais.

Sua mãe sempre foi a mais calma, sendo a mediadora ao lado de seu pai que, por muitas vezes, perdia a paciência. Ele viu seu pai punir servos e vampiros com uma mão brutal. Mas, mesmo agora, sua mãe parecia composta, embora uma faísca de raiva brilhasse sem seus olhos.

– O que você pretende fazer com eles? – Ele finalmente perguntou, disfarçando sua fúria.

Ela balançou em direção ao seu aparador, onde sua garrafa de sangue especial estava. Ela solicitava uma diariamente, já que costumava apreciar um cálice em seu quarto, antes de deitar. Ele preferia o modo antiquado de satisfazer sua sede, conforme necessário, diretamente da fonte. Mas enquanto observava sua mãe encher um cálice de vinho, sua boca encheu de água. Fazia um tempo desde a sua última alimentação, desde a noite do baile.

– Você gostaria de uma dose? Esse é da minha doce menina, Belinda. Ela tem gosto de mel temperado com especiarias.



Marius se encolheu. A referência aleatória de sua mãe a sua bleeder de alguma forma o deixou doente, e por um momento ele não conseguiu entender o porquê. Ele balançou sua cabeça.

— Prove você mesmo. — Ela respondeu, deslizando de volta para ele com o cálice na mão. Ela tomou um grande gole e lambeu o restante do lábio superior. — O que foi que aconteceu com você, Marius?

Ele sempre foi próximo de sua mãe, autorizado a pedir conselhos sempre que precisasse. E a sabedoria dela o guiou através de qualquer problema que ele teve quando era jovem. Mas, nas últimas duas décadas, ele se afastou lentamente, até não confiar mais em ninguém. Exceto Nikolai. Houve um momento em que ele teria confiado nela, confiando que ela tinha as melhores intenções em seu coração. Mas ele viu além de sua terna expressão maternal, encarando a Rainha que governava com força, exigindo obediência e submissão de seus súditos. A todo custo.

Ele ficou em silêncio, sabendo muito bem o que aconteceu com ele. Arabelle lhe abriu os olhos. E de jeito nenhum ele conseguiria ignorar o brilho de maldade que cobria este reino.

— Você se lembra daquela vez em que você veio a mim, quando era apenas um menino? Você devia ter dez anos e estava apavorado, com medo de machucar sua bleeder porque você amava demais o gosto que ela tinha?

Ela sorriu para a memória. Marius não. Essa foi a primeira vez que Marius se deparou com um conflito de consciência, sobre o que ele precisava e o que ele era.

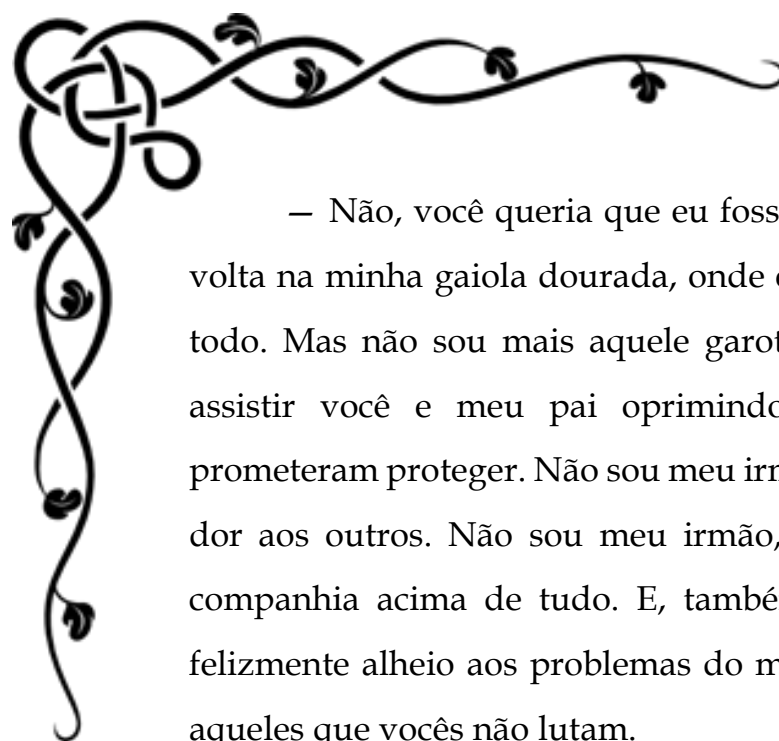
— Eu me lembro.

— Você ainda me escutava.

— Eu era um menino.

— E de certa forma, você ainda é, Marius.

Ele zombou de desgosto.



— Não, você queria que eu fosse, para que você pudesse me colocar de volta na minha gaiola dourada, onde eu poderia continuar ignorante o tempo todo. Mas não sou mais aquele garotinho ingênuo, disposto a ficar de pé e assistir você e meu pai oprimindo injustamente as pessoas que vocês prometeram proteger. Não sou meu irmão, Dominik, que tem prazer em infligir dor aos outros. Não sou meu irmão, Stephanus, que prefere a sua própria companhia acima de tudo. E, também não sou o Pyros, que prefere viver felizmente alheio aos problemas do mundo. Eu tenho a intenção de lutar por aqueles que vocês não lutam.

A seriedade de suas palavras pesou no ar da sala, como uma promessa perigosa. Ela arqueou a sobrancelha real com desdém.

— Você não entende o que uma revolução significa, Marius. Você só está vivo há cem anos. — Ela riu com desprezo. — Estou viva há muito mais tempo. Eu vi o que sobra de uma guerra, vi o derramamento de sangue. Devemos conter esta revolta antes dela começar. Ou mais pessoas morrerão. Muitas, muitas mais.

— Eu não discordo de você. — Ele disse, cruzando as mãos nas costas, onde ele agarrou seu pulso tão forte que quase interrompeu o fluxo sanguíneo. — Mas eu não acho que esse é o caminho certo a seguir, ameaçando a vida de cada servo em nossa região.

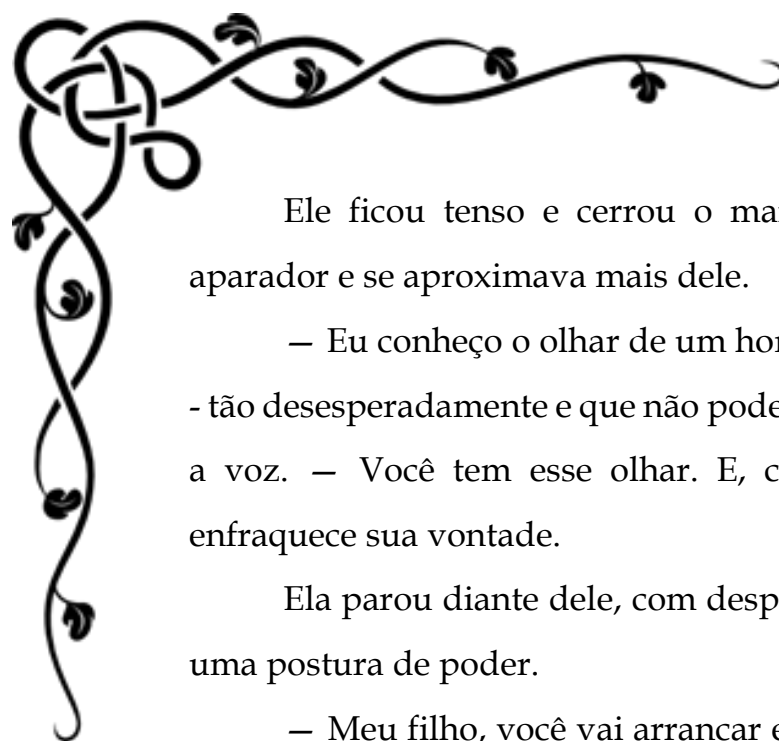
Ela sorriu por cima de seu cálice de sangue e o girou com uma mão.

— Isso é porque você está cego por sua própria luxúria, deslumbrado por uma camponesa em particular.

Marius se agitou, aflito que ela soubesse algo a respeito de Arabelle.

— O quê? — Foi tudo o que ele conseguiu dizer.

— Oh, nem se incomode em negar. Eu sei que você procurou por ela sem parar. Eu sei sobre sua tentativa fracassada de trocá-la por um homem local qualquer no Chance Crossing. E eu sei que deu tudo errado.



Ele ficou tenso e cerrou o maxilar enquanto ela largava o cálice no aparador e se aproximava mais dele.

— Eu conheço o olhar de um homem que deseja uma coisa – uma pessoa – tão desesperadamente e que não pode tê-la. — Ela disse, baixando suavemente a voz. — Você tem esse olhar. E, como sempre, o desejo de um homem enfraquece sua vontade.

Ela parou diante dele, com desprezo no olhar e as mãos nos quadris, em uma postura de poder.

— Meu filho, você vai arrancar esse desejo da sua mente e do seu corpo. Você vai matar a sua sede em suas concubinas, até que esteja saciado e não possa beber nem mais uma gota. E você não vai mais pensar nessa *menina*. Ela não é nada.

O veneno que escorria de sua boca enquanto ela falava, teria feito com que ele sentisse medo, tempos atrás. Agora, isso apenas o enchia da mais completa repulsa, por quem ele já não tinha mais nenhuma admiração.

— Você vai se casar amanhã, em seu centésimo aniversário, com a Princesa de Arkadia. — Ela continuou normalmente, ignorando o olhar furioso dele. — Pois eles *vão* devolvê-la. E se eu tiver que destruir toda a aldeia para recuperá-la, eu vou.

Ele deu um passo ameaçador em sua direção.

— Você *não* vai machucar nenhum camponês da aldeia de Sylus. Ou eu mesmo vou dilacerar a garganta de Vilhelmina.

Ela arregalou os olhos.

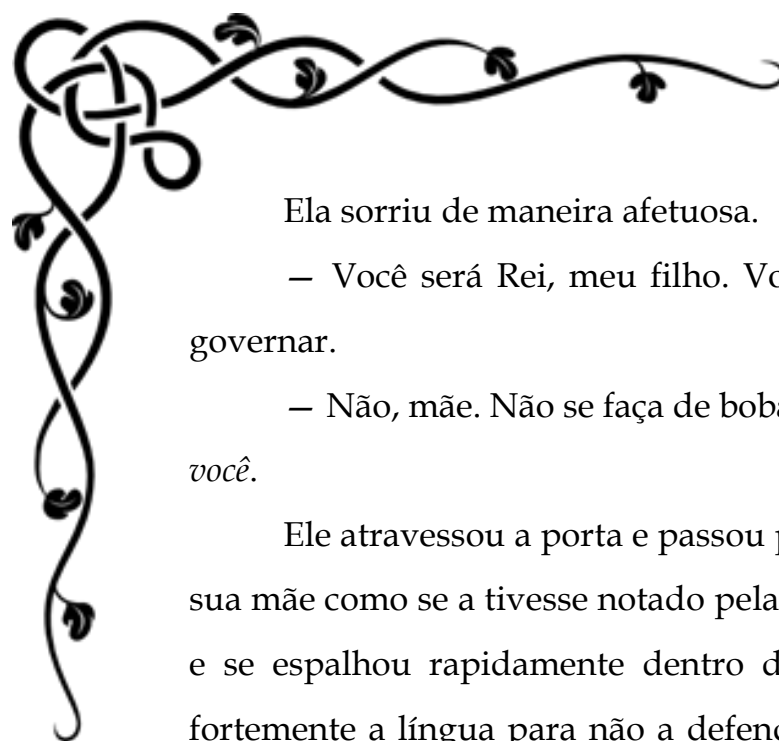
— Você não faria isso. — Ela sussurrou.

— Não me teste. — Ele virou em direção à para a porta.

— Marius! — Ela gritou em desespero, tentando recorrer mais uma vez ao seu apelo maternal. — Estou fazendo tudo isso por você.

Ele olhou por cima do ombro dele.

— Por mim?



Ela sorriu de maneira afetuosa.

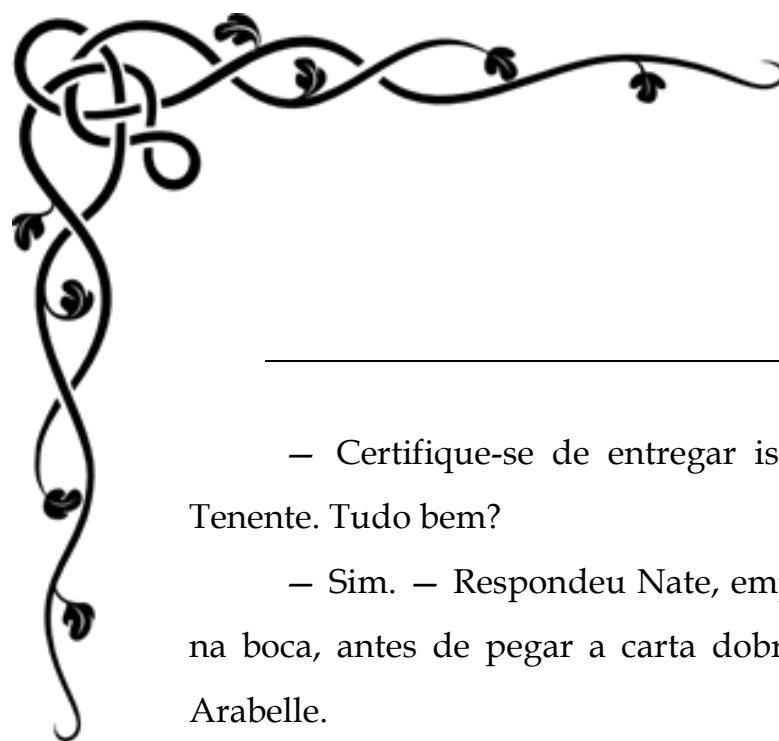
– Você será Rei, meu filho. Você precisa aprender na prática o que é governar.

– Não, mãe. Não se faça de boba falando tais mentiras. Você faz isso por *você*.

Ele atravessou a porta e passou pela guarda pessoal dela, enjoado ao ver sua mãe como se a tivesse notado pela primeira vez. Um novo medo criou raiz e se espalhou rapidamente dentro dele. Ela *conhecia* Arabelle. Ele mordeu fortemente a língua para não a defender na frente dela, pois admitir que sua mãe estava certa era como colocar um alvo em suas costas. Não que já não tivesse um lá.

Sua mãe se referira a Arabelle como se fosse lixo, nada além de um pedaço de carne, para ser usado e jogado fora quando terminasse. Apenas um pensamento percorria sua mente enquanto ele caminhava pelo longo corredor, indo para fora do castelo em direção ao seu cavalo, ainda esperando no pátio da frente.

Arabelle era *tudo*.



Capítulo 22

— Certifique-se de entregar isso diretamente ao Príncipe ou ao seu Tenente. Tudo bem?

— Sim. — Respondeu Nate, empurrando o último bocado de ensopado na boca, antes de pegar a carta dobrada e enfiá-la no bolso. — Entendido, Arabelle.

— Está bem, então. Você comeu o suficiente?

Ele comeu três tigelas de ensopado e ela não podia imaginar para onde estava indo tudo aquilo, já que ele era um menino tão magro.

Ele acariciou a barriga, limpando uma mancha de poeira de sua camisa imunda.

— Estou farto feito um carrapato.

Ela abriu a porta para ele.

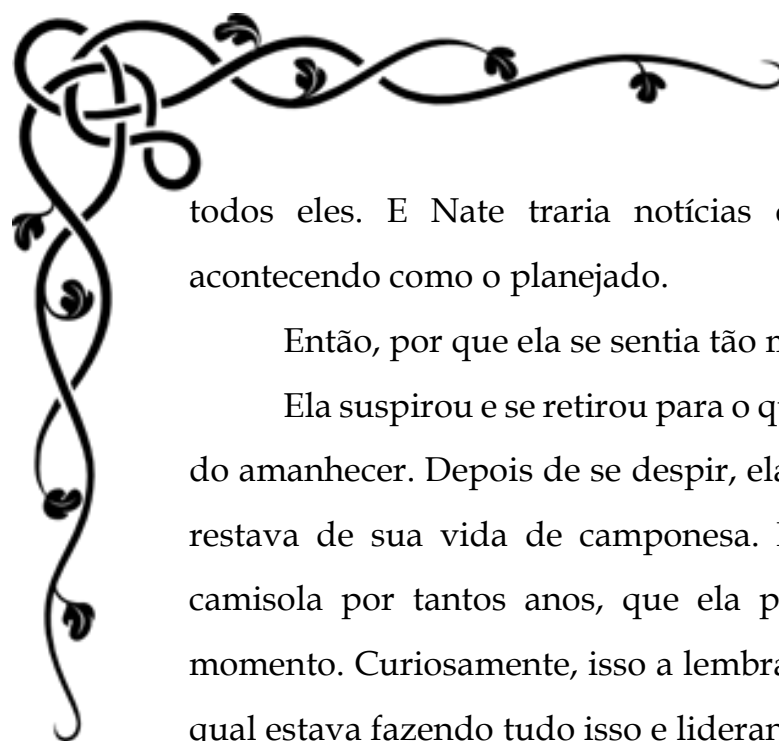
— Da próxima vez, eu vou te dar um banho.

— Um banho? Não preciso de um banho. Tomo um todo mês, no riacho.

Ela revirou os olhos.

— Vá logo, pirralho. — Ela agarrou seu braço e escovou gentilmente uma sujeira do rosto dele. — E tenha cuidado.

Com um sorriso, ele desapareceu na noite. Arabelle fechou a porta e a trancou, com uma sensação de medo rastejando sobre ela, grossa e pesada. Os irmãos de Barrow estavam em seus postos para vigiar a Princesa e a dama de companhia na casa de Sienna. Deek tinha ido pegar mais ouro do esconderijo na floresta e estava trabalhando no celeiro de Barkley, onde uma forja improvisada permitiu que ele reabastecesse o arsenal de armas. Não tinha como ele voltar para casa, enquanto haviam Legionários procurando por ele. Por



todos eles. E Nate traria notícias do palácio pela manhã. Tudo estava acontecendo como o planejado.

Então, por que ela se sentia tão mal?

Ela suspirou e se retirou para o quarto, esperando dormir um pouco antes do amanhecer. Depois de se despir, ela vestiu sua camisola, a única roupa que restava de sua vida de camponesa. Fina e desgastada, essa tinha sido sua camisola por tantos anos, que ela precisava dela para confortá-la naquele momento. Curiosamente, isso a lembrava de sua pobreza, que era a razão pela qual estava fazendo tudo isso e liderando essa grande luta.

O coração de Arabelle vacilou ao ouvir o som da porta da frente abrindo e fechando. Ela pegou sua adaga do cinto pendurado no apoio da cama e entrou na sala de estar. Lá, bem na entrada, estava Marius - alto, sombrio e com os olhos brilhando. Os olhos dele percorreram seu corpo de cima a baixo, duas vezes, e a respiração dele falhou.

— O que... o que você está fazendo aqui? — Ela conseguiu perguntar, ofegando ao vê-lo.

— Eu vim te dar um aviso.

— Um aviso?

— Você não tem noção do que fez.

— Sim, eu tenho. Eu orchestrei o sequestro de uma Princesa vampira, que tem um valor enorme para a monarquia. Agora, eu tenho uma vantagem.

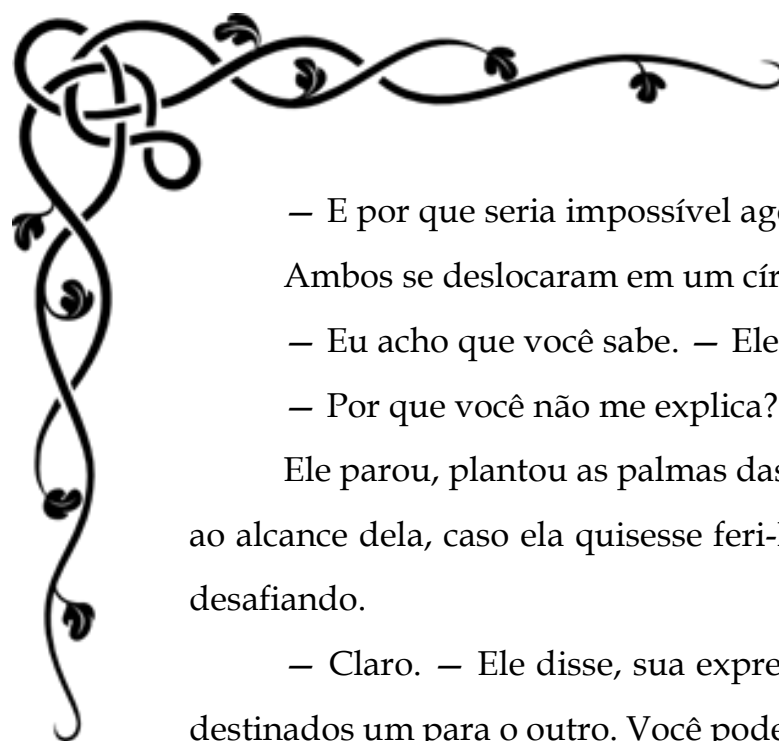
Ele se afastou da porta. Arabelle colocou a mesa da cozinha entre eles, ainda segurando a adaga no alto. Marius andou e rodeou a mesa, junto com ela.

— Outra adaga, Arabelle? Vamos continuar com a mesma encenação de sempre?

— Que encenação?

— Essa, onde você finge que quer me matar, quando sabemos muito bem que isso é impossível agora.

Ela riu, mas a risada ficou sufocada em sua garganta.



— E por que seria impossível agora?

Ambos se deslocaram em um círculo lento ao redor da mesa.

— Eu acho que você sabe. — Ele disse, com a voz grossa e rouca.

— Por que você não me explica?

Ele parou, plantou as palmas das mãos sobre a mesa e se debruçou - bem ao alcance dela, caso ela quisesse feri-lo com a adaga - como se ele a estivesse desafiando.

— Claro. — Ele disse, sua expressão forte e intensa. — Você e eu fomos destinados um para o outro. Você pode continuar apontando essa maldita coisa para mim, se isso te faz sentir melhor, mas não vai usá-la. Você está perdendo tempo. — Ele se inclinou ainda mais perto, ignorando a proximidade da lâmina contra sua bochecha, o desespero nadando em seu olhar. — Você está correndo perigo, Arabelle.

O pulso balançou, mas ela conseguiu acalmar a voz.

— Como assim?

— Meus pais, eles cercaram e aprisionaram todos os camponeses de Sylus.

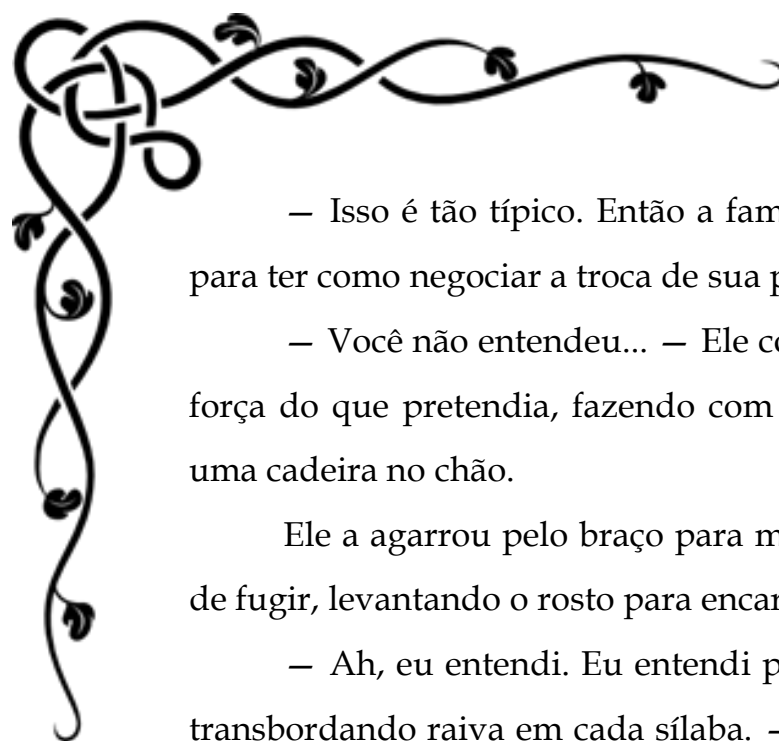
— O quê? — Ela finalmente abaixou a adaga. — Estão todos presos? O que foi que eles fizeram?

— Você não entende. Primeiro, você tentou me assassinar, o Príncipe. E, agora, você sequestrou a Princesa de Arkadia. Meu pai me encarregou de capturá-la e levá-la à justiça. E quando eu falhei, você simplesmente resolveu ir e cometer outro crime.

— Nós não a machucamos, se é com isso que você está preocupado.

— Eu malditamente espero que não, ou minha mãe vai querer sua cabeça.

Arabelle zombou, sentindo o ácido agitar seu estômago ao pensar em quão importante a Princesa era para ele. Uma nova raiva fez seu coração acelerar.



— Isso é tão típico. Então a família Varis aprisionou uma aldeia inteira para ter como negociar a troca de sua preciosa Princesa.

— Você não entendeu... — Ele continuou, empurrando a mesa com mais força do que pretendia, fazendo com que ela batesse na parede, derrubando uma cadeira no chão.

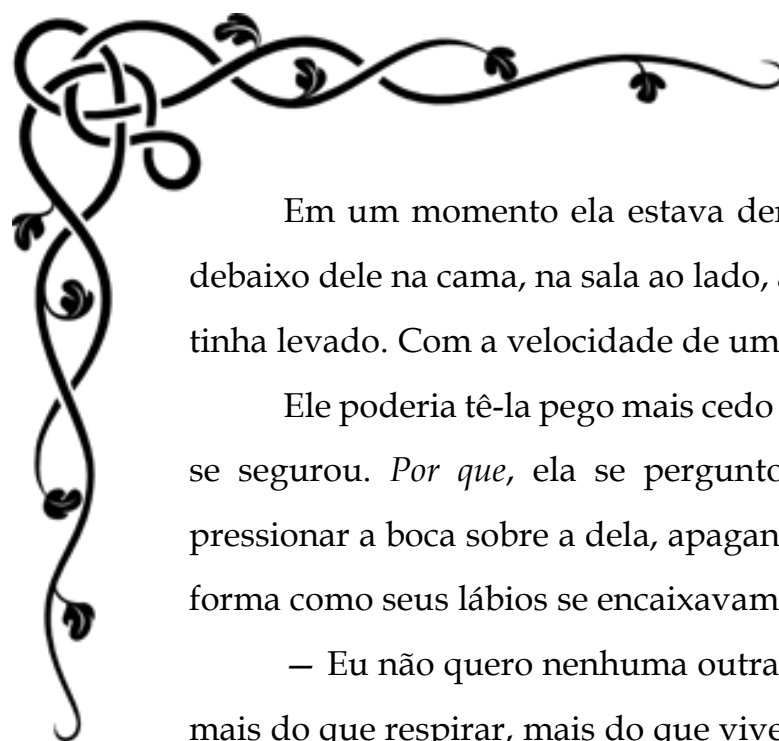
Ele a agarrou pelo braço para mantê-la parada, mas ela não fez menção de fugir, levantando o rosto para encará-lo.

— Ah, eu entendi. Eu entendi perfeitamente. — Ela cuspiu as palavras, transbordando raiva em cada sílaba. — Você quer sua maldita noiva de volta, para que vocês possam fazer perfeitos bebês Varis juntos. — Ela ouviu o ciúme em sua própria voz, mas não conseguiu evitar.

— Você é tão tola, mulher. — Ele esmagou o corpo contra o dela, seus olhos azuis brilharam no escuro. — Você é a única que eu quero. Eu nunca vou me casar com a Princesa. Nunca vou precisar de uma mulher do jeito que eu preciso de você. — Suas palavras foram explicadas em um grunhido baixo, um sinal assustador de quão perto sua besta interior estava de romper a superfície. — Não é com ela que estou preocupado. — Ele passou os dedos pela garganta dela, deslizando-os pela nuca, na parte de trás da cabeça, apertando possessivamente. — É com você. Essa mulher rebelde, teimosa, brilhante e linda. Você me faz ter pensamentos e sentimentos que nunca tive ou senti na vida. — Sua voz tremia com a força de suas palavras. — E desejos. Oh, Deus me ajude... As coisas que eu quero fazer com você, Arabelle. — Ele aproximou os lábios dos dela, mas não a beijou.

Ela diminuiu o aperto ao redor adaga e ela caiu no chão. Paralisada pela eletricidade na sala, pelo fogo nos olhos dele, pela paixão com que ele a acobertava, como se ela fosse a única pessoa em todo o mundo que importasse, ela finalmente conseguiu falar, sabendo muito bem o que iria acontecer a seguir.

— Me mostre.



Em um momento ela estava dentro de seu abraço, no outro, ela estava debaixo dele na cama, na sala ao lado, atordoada pela velocidade com que ele a tinha levado. Com a velocidade de um vampiro.

Ele poderia tê-la pego mais cedo naquele dia no Chance Crossing, mas ele se segurou. *Por que*, ela se perguntou, uma fração de segundo antes dele pressionar a boca sobre a dela, apagando qualquer outro pensamento, exceto a forma como seus lábios se encaixavam sobre os dela.

— Eu não quero nenhuma outra mulher. Só você. Mais do que o sangue, mais do que respirar, mais do que viver, mais do que qualquer coisa.

Ele inclinou a boca sobre a dela e gentilmente enfiou a língua para dentro, evocando um gemido dela. Com um rápido movimento, ele estava de joelhos acima dela, montando suas coxas. Ele puxou sua camisa sobre a cabeça e atirou-a para o lado. Pálido e perfeitamente esculpido, seus músculos se contraíram com cada suspiro, como ele estivesse lutando para respirar. Assim como ela estava. Ele afrouxou as calças, atraindo seu olhar para o caminho de pelos escuros que desapareciam sob o tecido.

— Agora vou fazer uma coisa que eu quis fazer desde que te vi esta noite.

Suas calças estavam frouxas, penduradas em seus quadris, atraindo seu olhar para o V perfeito, apontando para o que ela mais queria ver.

— Arabelle?

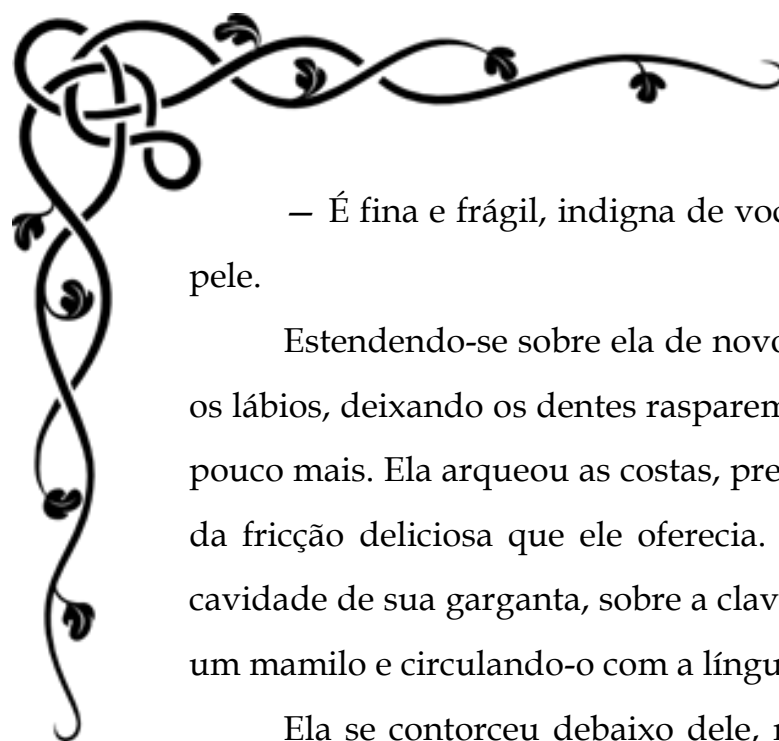
Ela ergueu o olhar.

— Você está comigo?

— Sim.

Ele segurou a bainha da camisola e a deslizou sobre a cabeça dela em um piscar de olhos, então a jogou no chão. Ela respirou fundo, pega totalmente despreparada pela sensação de estar nua debaixo dele, enquanto ele a olhava com aquele olhar.

— Eu amava essa camisola.



— É fina e frágil, indigna de você. E estava me impedindo de sentir sua pele.

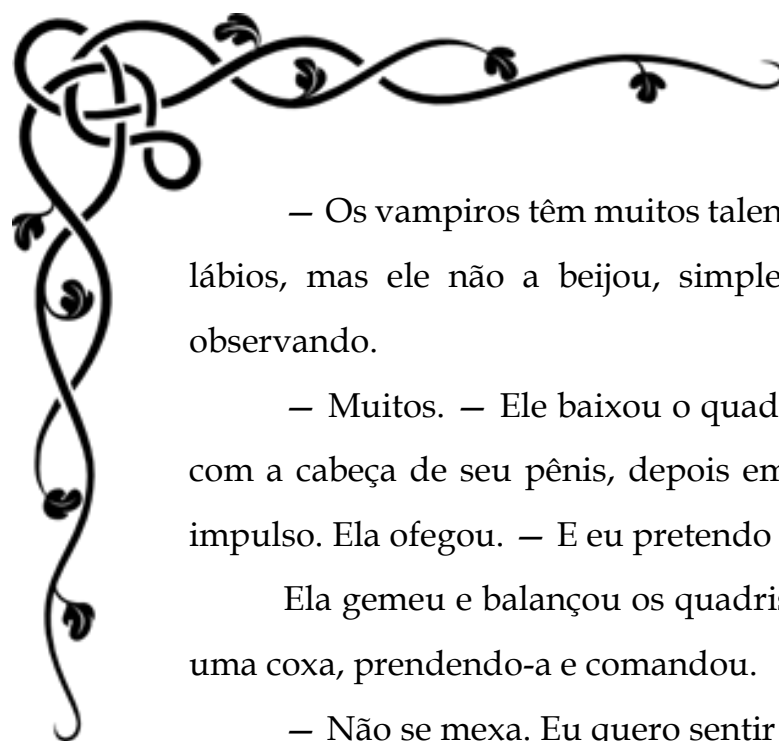
Estendendo-se sobre ela de novo, ele acariciou seu pescoço e sugou com os lábios, deixando os dentes rasparem, mas não cortarem, antes de descer um pouco mais. Ela arqueou as costas, pressionando o peito contra ele, precisando da fricção deliciosa que ele oferecia. Ele arrastou os lábios para baixo até a cavidade de sua garganta, sobre a clavícula e o bico de seu peito, abocanhando um mamilo e circulando-o com a língua.

Ela se contorceu debaixo dele, mas ele a manteve presa com seu peso. Deslizando uma mão sobre o quadril e atrás do joelho, ele abriu as pernas dela e desceu seus longos dedos até sua boceta, onde a encontrou mais do que pronta para ele.

— Tão molhada. — Ela gemeu, enquanto ele a acariciava, pressionando lentamente. — Eu amo o quão molhada você fica para mim. — Ao se aproximar do outro seio, ele usou seus caninos para arranhar sua pele com uma leve pressão. Arabelle teria esperado sentir repulsa, mas teve o efeito oposto. Ela arqueou ainda mais as costas, chegando mais perto dele. Ele ergueu a cabeça, até que ela olhou para baixo e pegou seu olhar incendiado, brilhando no escuro. Então, ele abriu a boca em seu outro seio e deslizou dois dedos dentro dela enquanto ela o observava.

Arabelle teve apenas um amante. Henry tinha sido doce e gentil. Nenhuma dessas palavras se encaixava nesta sala. Embora Marius fizesse cada movimento com cuidado, lenta e meticulosamente, não havia nada de gentil ou doce sobre o que ele estava fazendo. Ela cravou os dedos nos ombros dele e o puxou, querendo-o dentro dela. Agora.

Ele sentiu a urgência dela e se levantou. Ela puxou as calças dele para os quadris, deslizando as mãos sobre seus músculos, ansiosa para acariciar todas as belas polegadas de seu corpo.



— Os vampiros têm muitos talentos, eu vejo. — Ela sussurrou contra seus lábios, mas ele não a beijou, simplesmente se aproximou tentadoramente, observando.

— Muitos. — Ele baixou o quadril contra o dela, provocando sua boceta com a cabeça de seu pênis, depois empurrou para dentro dela com um forte impulso. Ela ofegou. — E eu pretendo familiarizá-la com todos eles.

Ela gemeu e balançou os quadris, mas ele colocou uma mão em cima de uma coxa, prendendo-a e comandou.

— Não se mexa. Eu quero sentir você.

— Eu preciso me mexer.

Ele a prendeu mais forte, peito com peito, seu pênis enterrado profundamente nela, esticando-a com um prazer intenso e uma dor agonizante. A necessidade de se mover a estimulou a tentar mais uma vez, movendo os quadris.

— Não. — Ele rosnou.

— Marius... — ela protestou, mas ele a deteve com a boca, a língua acariciando a dela, devagar e intensamente.

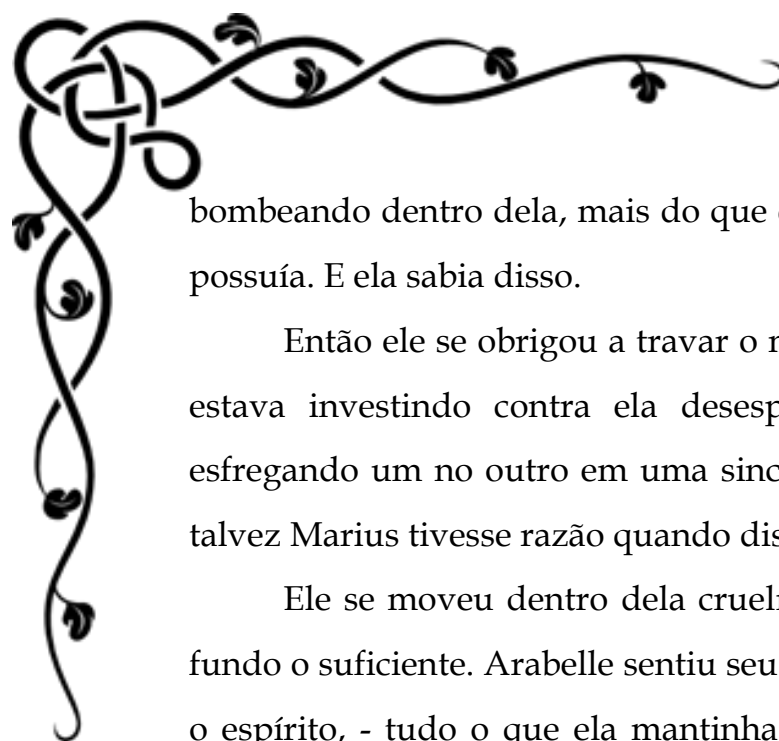
Seu beijo era feroz, uma promessa sensual do que estava por vir. Ela aceitou tudo dele, se abrindo para ele em todos os sentidos, permitindo que ele tomasse tudo o que quisesse.

— Por favor, Marius.

Finalmente, ele começou a se mover, e Arabelle perdeu o fôlego, com certeza, ela gozaria rápido. Afundando as unhas em suas costas, ela implorou novamente.

— Sim. Mais rápido. — Ela o puxou e sugou seu pescoço. — Mais forte. — Ela implorou.

Sim, ela estava implorando por ele. Ele estava certo. Ela deixou de lado qualquer vestígio de orgulho, precisando da felicidade erótica de seu corpo



bombeando dentro dela, mais do que qualquer coisa. Naquele momento, ele a possuía. E ela sabia disso.

Então ele se obrigou a travar o maxilar, aumentando o ritmo até que ele estava investindo contra ela desesperadamente. Seus corpos estavam se esfregando um no outro em uma sincronia tão perfeita, que a fez pensar que talvez Marius tivesse razão quando disse que eles nasceram para ser amantes.

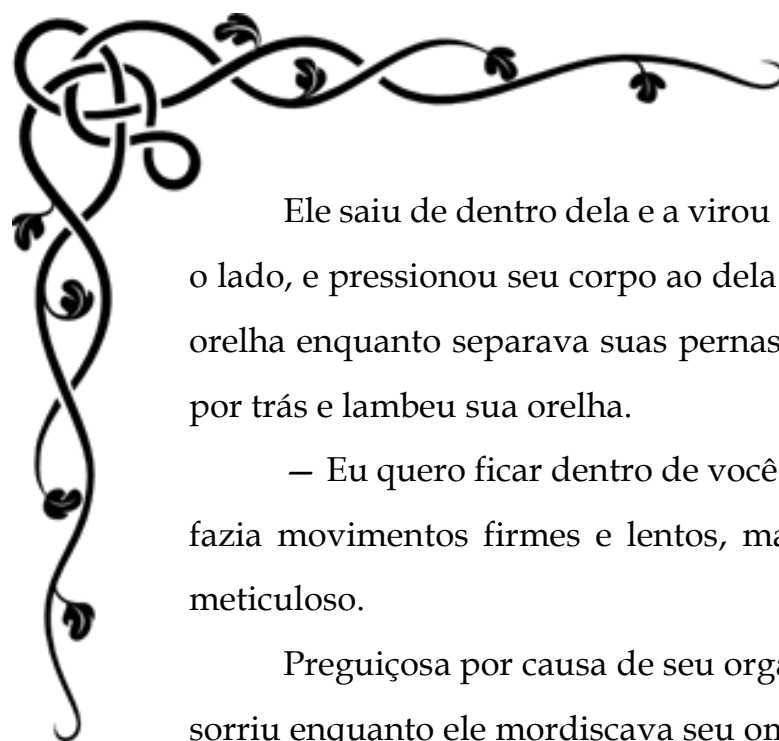
Ele se moveu dentro dela cruelmente, como se não conseguisse chegar fundo o suficiente. Arabelle sentiu seu corpo se desfazendo – a mente, o corpo, o espírito, - tudo o que ela mantinha perfeitamente controlado e em ordem, estava sendo desfeito com cada impulso de Marius e seus poderosos golpes, investindo com precisão em cada parte dentro dela.

Ela deveria estar aterrorizada por estar à mercê de um vampiro tão poderoso. Em vez disso, ela estava mais excitada e mais viva do que jamais esteve. Esse fato inegável confundiu seu cérebro com uma infinidade de emoções - raiva, exaltação, frustração e um desejo profundo e sombrio. Ela não tinha mais controle sobre sua vontade ou seu corpo. Estava tudo nas mãos desse Príncipe vampiro, empurrando-a à beira do êxtase.

Apesar de seu passado e da morte de sua mãe, apesar da motivação de seu povo e do Black Lily, apesar de seu voto de desprezar e destruir todos os vampiros, ela relaxava cada vez mais, com Marius se movendo dentro dela. Tudo foi apagado até não restar mais nada a não ser...

— Marius. — Ela sussurrou, agarrando seu cabelo e puxando-o para baixo.

Em um segundo, os lábios dele se inclinaram sobre os dela, e ela gozou com uma velocidade ofuscante, tremendo e soltando um longo gemido. Ele se acalmou quando as ondas de prazer suavizaram, engolindo doces sons vindos de sua garganta. Finalmente, ela baixou a cabeça no travesseiro, ofegante e mole debaixo dele.



Ele saiu de dentro dela e a virou de bruços. Deslizando o cabelo dela para o lado, e pressionou seu corpo ao dela novamente, aproximando a boca de sua orelha enquanto separava suas pernas com as dele. Ele empurrou dentro dela por trás e lambeu sua orelha.

— Eu quero ficar dentro de você para sempre. — Ele sussurrou enquanto fazia movimentos firmes e lentos, mais uma vez com um cuidado divino e meticuloso.

Preguiçosa por causa de seu orgasmo intenso, ela não disse nada, apenas sorriu enquanto ele mordiscava seu ombro, arranhando-a com caninos afiados, mas nunca ferindo sua pele.

Ele ainda respeitava seus desejos - todos eles. Como se conhecesse o corpo dela e suas necessidades, como se soubesse o que ela permitiria ou não.

Como se *a* conhecesse.

Ela empinou o quadril para aprofundar seus impulsos e virou a cabeça para onde a mão dele segurava, em seu ombro. Pegando o polegar entre os lábios, ela sugou forte.

— Arabelle. — Ele gemeu, então endureceu, atingindo seu orgasmo com uma última investida profunda.

Mesmo depois de ter gozado, ele continuou deixando rastros de beijos com a boca aberta sobre sua pele, saboreando seus ombros de um lado para o outro.

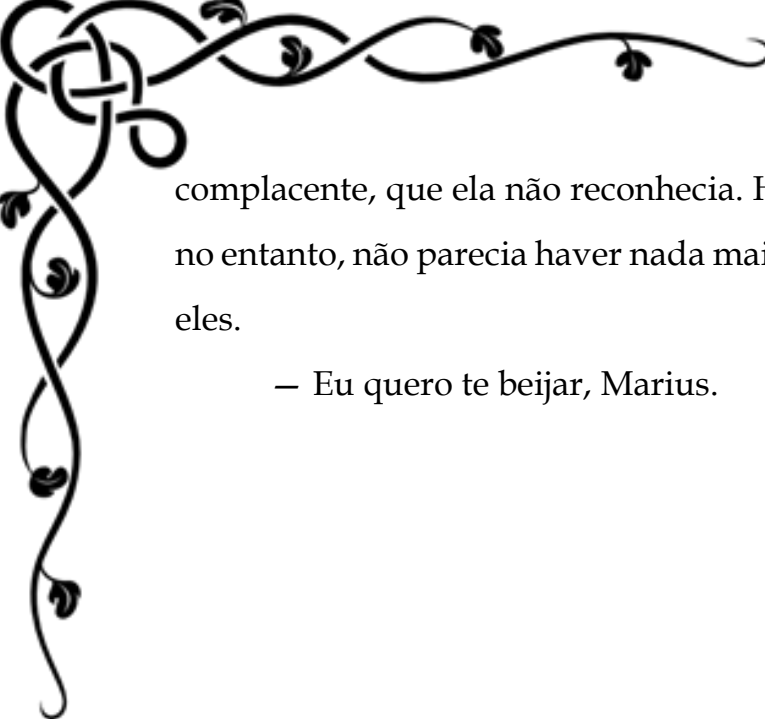
Ele se apoiou nos cotovelos, ainda a escondendo dentro de seu abraço erótico, e deu alguns beijos ao longo de sua bochecha, orelha e mandíbula.

Ela finalmente conseguiu perguntar.

— Você vai me deixar levantar?

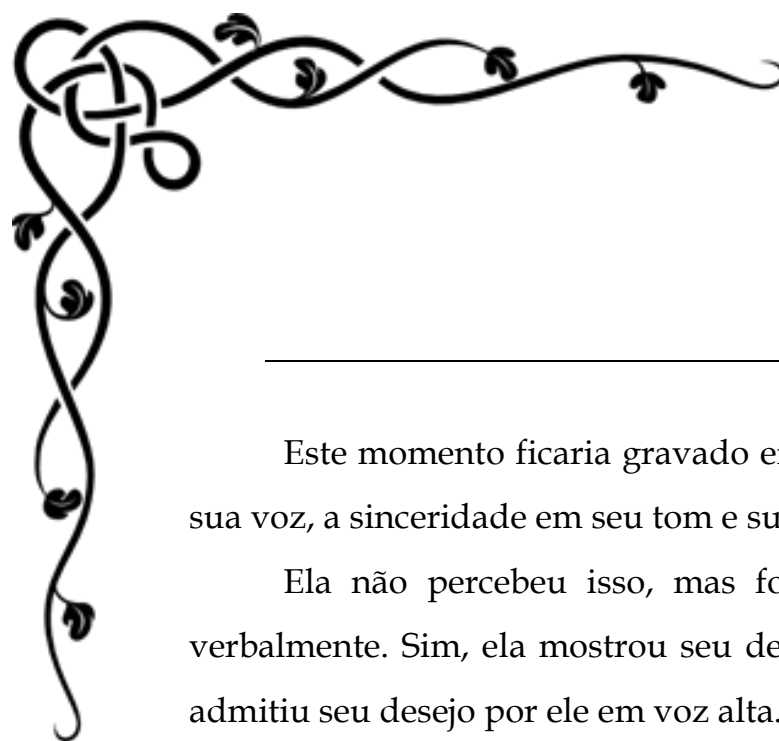
— Não. — Ele respondeu, dando atenção especial ao ponto sensível entre o pescoço e o ombro. — Ainda não.

Ela estremeceu. A intensidade de seu toque, sua voz e sua boca excessivamente atenciosa a transformaram em uma mulher silenciosa e



complacente, que ela não reconhecia. Havia assuntos cruciais para discutir e, no entanto, não parecia haver nada mais importante do que esse momento entre eles.

— Eu quero te beijar, Marius.



Capítulo 23

Este momento ficaria gravado em sua memória para sempre - o som de sua voz, a sinceridade em seu tom e suas palavras, expressando desejo por ele.

Ela não percebeu isso, mas foi a primeira vez que ela se ofereceu verbalmente. Sim, ela mostrou seu desejo por ele com seu corpo. Mas nunca admitiu seu desejo por ele em voz alta. Até agora. Sua rendição tinha sido mais doce do que qualquer coisa que ele poderia ter imaginado.

A esperança explodiu em seu peito. Relutantemente, ele saiu dela e se deitou ao seu lado.

Ela agarrou seu ombro e se inclinou para ele, pressionando o mais doce e suave beijo em seus lábios e empurrando a língua na dele, tentadoramente. Seu pênis endureceu novamente, e ele repensou seu movimento. Como um gesto tão suave poderia ter um efeito tão profundo sobre ele?

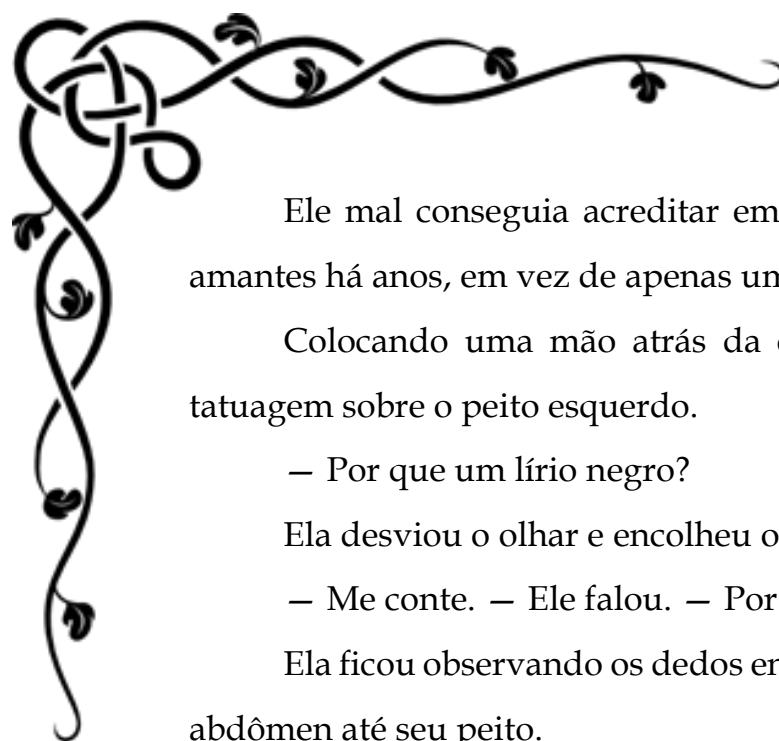
Normalmente, ele só fazia sexo depois de conseguir saciar sua sede e se alimentar. No entanto, fazia mais de uma semana desde a noite do baile e ele não queria nada além de Arabelle.

Claro que ele queria provar seu sangue, o cheiro dela e o pulsar de suas veias o atraíam como a maré que obedecia a lua. Mas ele nunca a violaria de tal maneira, sabendo o que ela pensava dos vampiros.

Com os olhos brilhantes e os sentidos confusos, ele queria adormecer em sua cama, com seu corpo quente pressionado contra o dele - como estava agora - ignorando a realidade que o aguardava lá fora.

— Por que você está tão sério? — Perguntou ela.

Ela se apoiou em um cotovelo, seu braço esbelto apoiado em seu peito enquanto passava um dedo vagorosamente para cima e para baixo em seu peito.



Ele mal conseguia acreditar em seu toque casual, como se eles fossem amantes há anos, em vez de apenas uma hora.

Colocando uma mão atrás da cabeça, ele estendeu a outra e tocou a tatuagem sobre o peito esquerdo.

— Por que um lírio negro?

Ela desviou o olhar e encolheu os ombros.

— Me conte. — Ele falou. — Por favor. — Acrescentou gentilmente.

Ela ficou observando os dedos enquanto fazia uma trilha constante de seu abdômen até seu peito.

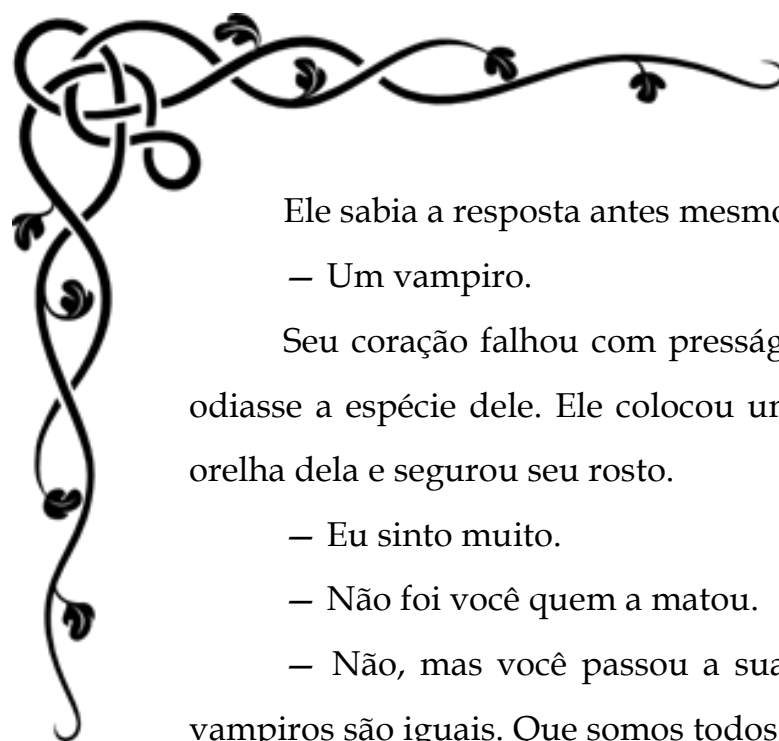
— Minha mãe amava lírios brancos.

Marius sabia que isso era mais do que apenas uma história de infância, então ele ficou em silêncio e esperou, quando ela deitou no travesseiro ao lado dele e se virou em sua direção antes de continuar.

— Eu me lembro de cada primavera, quando eles floresciam ao longo da margem do rio. Ela colhia alguns depois de passar o dia lavando roupas e os colocava em cima da nossa mesa de casa. — Ela sorriu e o coração de Marius se apertou, pois ele sabia que essa história não terminaria bem. — Ela morreu na primavera. E eu coloquei um buquê de lírios brancos em seu túmulo. Eu não visitei seu túmulo por duas semanas, ainda esperando que tudo aquilo não passasse de um pesadelo terrível e que ela estivesse viva e voltasse para casa qualquer dia. — Ela abaixou o rosto, descansando a bochecha nas mãos enquanto olhava para ele. — Mas ela não voltou. Então, eu finalmente me obriguei a visitar seu túmulo e enfrentar minha nova realidade sem ela. Quando cheguei lá, os lírios haviam murchado, mudando a coloração para um roxo meio enegrecido. A imagem ficou gravada na minha memória, representando para sempre o que restou da minha linda mãe. O Black Lily é minha mãe.

Ele virou para o lado dela, com o cotovelo dobrado, apoiando a cabeça na sua mão.

— Como sua mãe morreu, Arabelle?



Ele sabia a resposta antes mesmo dela dizer, agora tudo fazia sentido.

– Um vampiro.

Seu coração falhou com presságios doentios. Não é de admirar que ela odiasse a espécie dele. Ele colocou uma mecha de cabelo loiro solta atrás da orelha dela e segurou seu rosto.

– Eu sinto muito.

– Não foi você quem a matou.

– Não, mas você passou a sua vida inteira acreditando que todos os vampiros são iguais. Que somos todos... monstros.

Ela colocou a mão sobre a dele, ainda descansando em sua bochecha.

– Eu sei. – Ele franziu a testa quando ela tirou a mão da dele e se sentou.

– O que houve?

– Eu preciso me vestir e ir encontrar o Deek. Contar a ele sobre os camponeses de Sylus. Você deveria ir embora.

De repente, havia uma distância sutil em sua voz. Ele virou o rosto dela para ele.

– Qual é o problema?

O franzido em sua testa se aprofundou conforme ela saltou da cama, Tateando sobre ela para encontrar suas roupas. Ele se levantou, enquanto ela vagava pela sala.

– Arabelle?

– Não é nada. – Ela respondeu, colocando uma camisa.

Mas seus sentidos apontaram um súbito aumento de sua ansiedade.

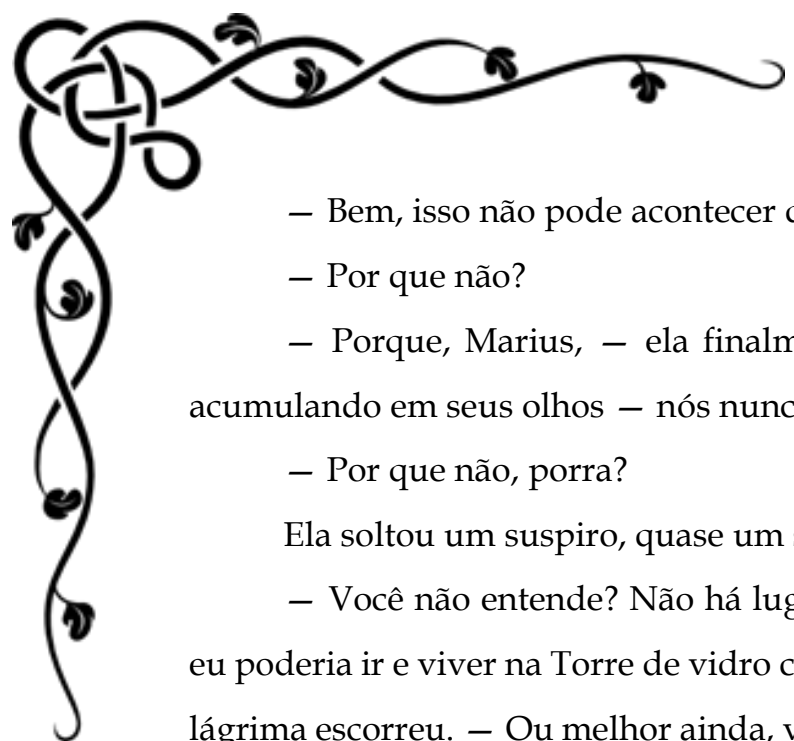
– Vista sua roupa. – Insistiu ela.

– Não até você me dizer o que está errado.

– Isso foi um erro. – Ela evitou seu olhar, encontrando seu vestido e vestindo-o.

Uma fúria o atingiu, dolorosamente.

– Isso *não* foi um erro.



— Bem, isso não pode acontecer de novo.

— Por que não?

— Porque, Marius, — ela finalmente encarou seu olhar, com lágrimas acumulando em seus olhos — nós nunca vamos poder ficar juntos.

— Por que não, porra?

Ela soltou um suspiro, quase um soluço, enquanto pegava uma bota.

— Você não entende? Não há lugar para nós dois juntos. Você acha que eu poderia ir e viver na Torre de vidro com você, sendo sua concubina? — Uma lágrima escorreu. — Ou melhor ainda, você acha que poderia se juntar ao Black Lily, uma causa que luta contra sua própria espécie? — Seus ombros cederam e ela largou a bota quando repetiu, desesperadamente. — Você não vê?

Ele diminuiu o espaço entre eles e a agarrou pelos ombros, puxando-a para ele.

— Não. Deve haver uma maneira. Se você abrir sua mente teimosa e seu coração fechado, eu posso encontrar um jeito.

Ela pressionou uma mão em seu peito, seu queixo tremendo, seu olhar determinado.

— Isso foi um erro. Não pode acontecer novamente.

— Foi um erro? — Ele perguntou bruscamente.

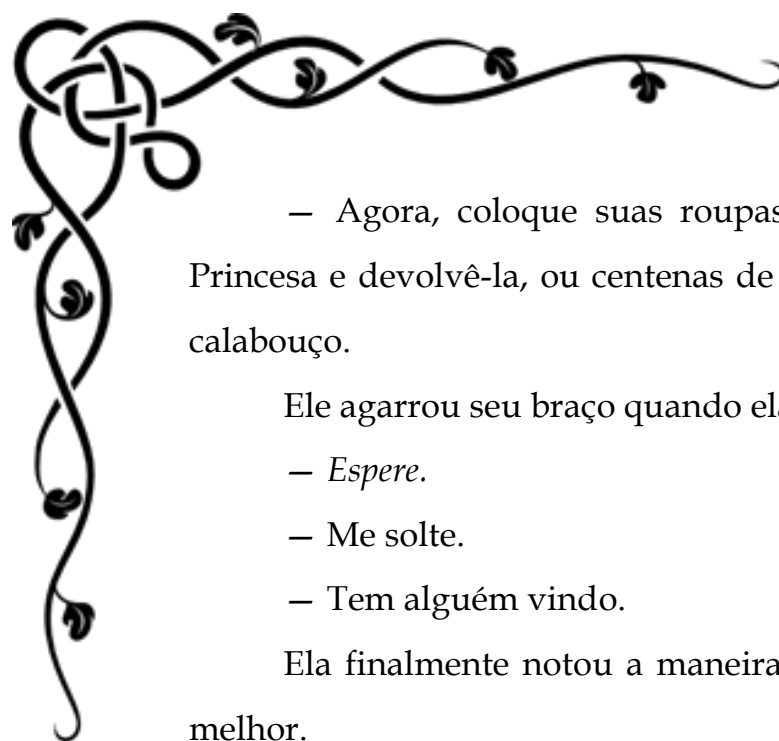
Ele pressionou um beijo dolorido em seus lábios, inclinando-se para ir mais fundo, embora não tivesse recebido nenhuma resposta. Lentamente, ele se afastou, irritado por ela ter descartado tão facilmente o que tinha sido o momento íntimo mais precioso de sua vida. A paixão deixou seus olhos cor de avelã. Ela estava fria e distante. E já o tinha afastado.

— Sim. — Ela respondeu.

— *Dane-se, Arabelle.* — Ele gritou. — Você é uma mentirosa. E sabe disso.

— Isso é uma mentira, Marius, — disse ela, apontando para a cama. — Nós nos deixamos ir longe demais. Não há lugar para nós. Eu sei disso agora.

Ela saiu de seu controle. Ele a deixou ir.



— Agora, coloque suas roupas e vá embora. Eu preciso ir buscar a Princesa e devolvê-la, ou centenas de pessoas do meu povo serão jogados no calabouço.

Ele agarrou seu braço quando ela se virou para a porta e disse.

— *Espere.*

— Me solte.

— Tem alguém vindo.

Ela finalmente notou a maneira como ele inclinou a cabeça para ouvir melhor.

— Quem é? — Ela sussurrou.

Ele trincou o queixo.

— Seu ferreiro.

— *Deek?* Oh, merda. — Arabelle correu ao redor da sala e catou as roupas dele, empurrando-as em seu peito. — Saia pela janela. — Ela apontou e começou a empurrá-lo fervorosamente.

Marius piscou furiosamente, sem sair de seu lugar enquanto ela tentava puxá-lo para a janela, sem sucesso.

— Não. — Disse ele, vestindo as calças e depois as botas.

— O que você quer dizer com “não”? — Ela perguntou em um sussurro.

— Você não pode deixar Deek te ver. Ele vai pensar...

— O quê? — Perguntou Marius, se colocando de pé na frente dela. — Que somos amantes?

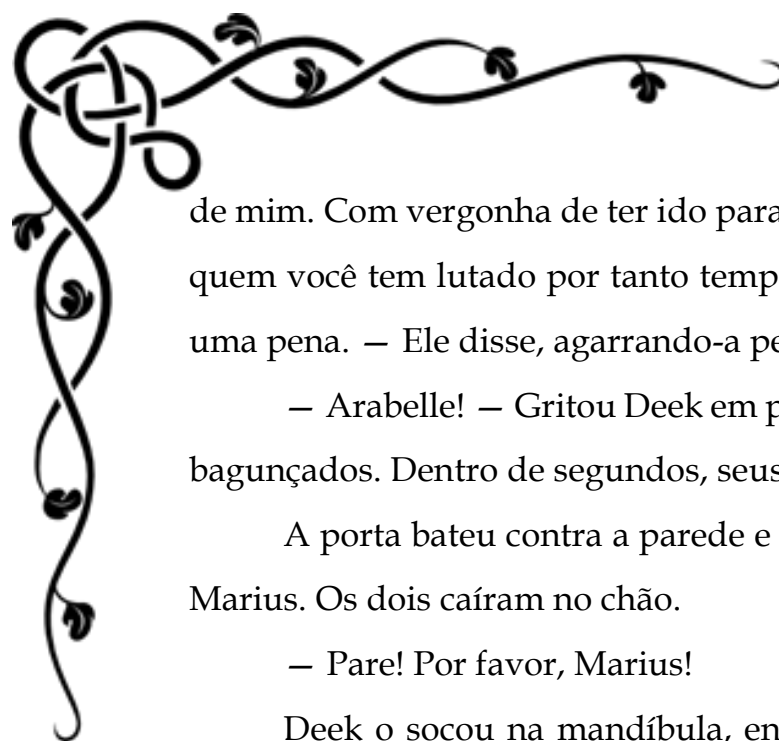
Ele vestiu sua camisa, sem se preocupar em abotoar, deixando as extremidades soltas e abertas antes de marchar para a porta.

Arabelle se atirou na frente dele, empurrando seu peito.

— Marius. Por favor. Você não entende.

Ele balançou a cabeça com uma risada triste.

— Eu acabei de dizer essas mesmas palavras para você. E, como você, eu também entendo perfeitamente. — Ele resmungou. — Você está com vergonha



de mim. Com vergonha de ter ido para cama com o monstro desagradável com quem você tem lutado por tanto tempo para apagar deste mundo. Bem, isso é uma pena. — Ele disse, agarrando-a pelos ombros para colocá-la de lado.

— Arabelle! — Gritou Deek em pânico, seguramente avistando os móveis bagunçados. Dentro de segundos, seus passos ecoaram mais próximos...

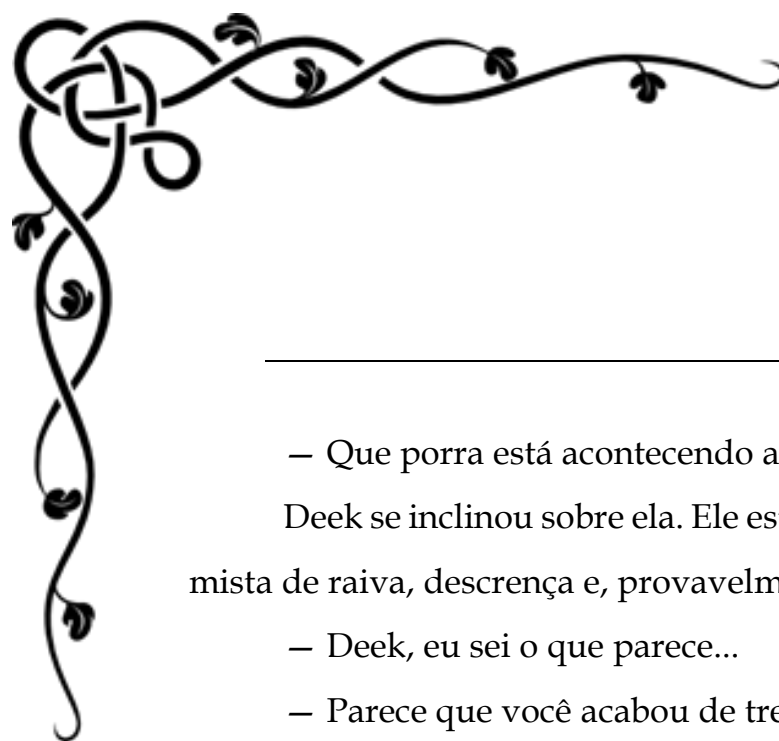
A porta bateu contra a parede e Deek correu para a sala, se lançando em Marius. Os dois caíram no chão.

— Pare! Por favor, Marius!

Deek o socou na mandíbula, então Marius o lançou no quarto ao lado, onde o ferreiro caiu de costas com um *golpe*. O ferreiro gemeu e rolou para se apoiar nas mãos. Marius se levantou. Quando Deek agarrou uma barra de ferro que estava atravessada no tijolo e a levantou, Marius interrompeu seu movimento na metade do caminho, tirando o ferro de suas mãos como se estivesse tirando um brinquedo de uma criança.

— Isso foi o suficiente. — Disse o Príncipe. — Não precisa tentar abater o inimigo, ferreiro. Eu já estou de saída. — Marius deixou o ferro cair, fazendo um barulho oco, e abriu a porta, arrancando-a parcialmente das dobradiças quando a bateu na parede. Ele olhou para Arabelle por cima do ombro, irritado e amargurado por sua rejeição. — Eu já consegui o que eu vim buscar.

Ele acelerou em sua velocidade de vampiro até sumir na noite escura, se sentindo como o monstro miserável que ela acreditava que ele era.



Capítulo 24

– Que porra está acontecendo aqui?

Deek se inclinou sobre ela. Ele estava perto da lareira, com uma expressão mista de raiva, descrença e, provavelmente, dor.

– Deek, eu sei o que parece...

– Parece que você acabou de trepar com o Príncipe vampiro!

Ela fechou a boca, calor a aqueceu do peito até o pescoço.

– Foi isso? – Ele perguntou, com desgosto.

Cruzando os braços, ela se manteve firme.

– Sim. Foi isso mesmo. Embora minha vida pessoal não tenha nada a ver com você.

Ele andou em frente ao fogo fraco e enfiou ambas as mãos no cabelo.

– Arabelle, como você pode dizer isso? O que foi que você fez?

– Eu não o castigo por cair na cama de todas as mulheres na cidade. Não espero que você me...

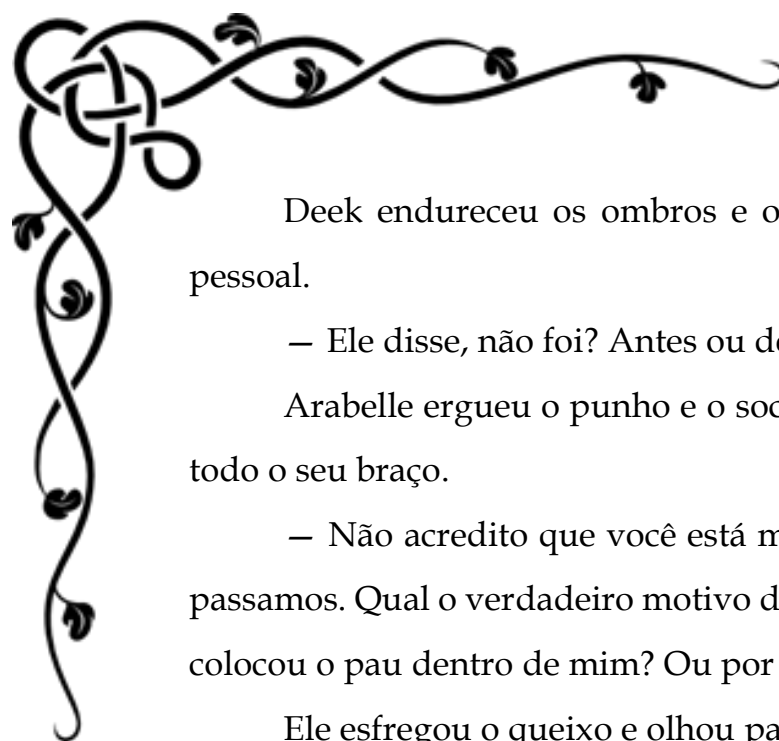
– Você pode dormir com todos os agricultores ou garçons da aldeia, mas não com a porra do Príncipe de Varis!

Ela estremeceu com a raiva que se deslocava dele em ondas tangíveis.

Olhando intensamente, ele caminhou em direção a ela e começou de novo com um tom de voz mais firme, embora ainda tremendo de raiva.

– Você é a líder do Black Lily. Nosso maior inimigo é a família Varis. Corri para cá assim que eu soube que todos os camponeses de Sylus haviam sido cercados e levados para a Torre de Vidro. Sob as ordens do *Rei*. – Ele acenou com uma mão para a porta. – Ele te disse isso?

– Sim. Ele disse.



Deek endureceu os ombros e olhou para baixo, invadindo seu espaço pessoal.

— Ele disse, não foi? Antes ou depois de enfiar o pau dentro de você?

Arabelle ergueu o punho e o socou bem na mandíbula, a dor vibrou por todo o seu braço.

— Não acredito que você está me tratando assim. Depois de tudo o que passamos. Qual o verdadeiro motivo de você estar tão bravo, Deek? Por que ele colocou o pau dentro de mim? Ou por que não foi o seu?

Ele esfregou o queixo e olhou para ela, ainda irritado, mas silencioso.

O arrependimento ficou pesado em seu peito. Não porque o que ela disse não era verdade. Mas porque era. Deek sempre desejou mais do que apenas amizade entre eles. Ela sabia disso. Mas ele também tinha o direito de ficar bravo, porque ela não tinha levado um homem qualquer para a cama. Ela levou o Príncipe Marius.

— Porra, mulher. — Disse ele. — Quando você resolve machucar um homem, você pega pesado.

Ele andou em direção a porta.

— Espere!

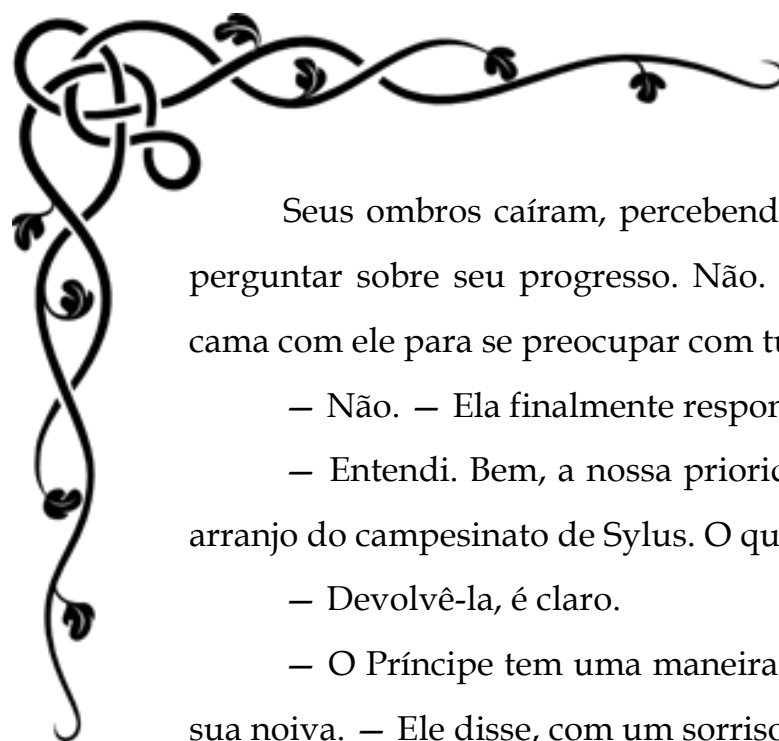
Correndo entre ele e a porta, ela colocou as mãos em seu peito. Ele não resistiu, a vontade de resistir aparentemente sumiu. Ele simplesmente olhou para baixo com desgosto em seus olhos.

— Deek... — ela disse suavemente. — Ouça. Desculpe pelo que eu disse. Você é meu amigo mais leal. — Ela inspirou fundo e então soltou. — Você está certo. Eu não deveria ter deixado isso acontecer. Mas você está errado sobre Marius. Ele não é nosso inimigo. Os pais dele ainda são, mas ele me ouviu. Ele realmente prometeu encontrar aqueles que estão matando nosso povo.

— Ele prometeu isso? Quando foi que ele fez essa promessa? Agora?

— Não. Antes.

— E ele já encontrou os assassinos? Ele já os levou à justiça?



Seus ombros caíram, percebendo que ela nem sequer se preocupou em perguntar sobre seu progresso. Não. Ela estava muito ansiosa para subir na cama com ele para se preocupar com tudo isso.

– Não. – Ela finalmente respondeu, desanimada.

– Entendi. Bem, a nossa prioridade agora é lidar com a Princesa e este arranjo do campesinato de Sylus. O que você pretende fazer?

– Devolvê-la, é claro.

– O Príncipe tem uma maneira incomum de negociar a recuperação de sua noiva. – Ele disse, com um sorriso malicioso.

– Ele não estava negociando a liberdade dela. – Ela se virou e atravessou a porta.

Deek a seguiu. A lua cheia pendia em um céu sem nuvens, as estrelas cintilavam como os brilhantes candelabros da Torre de Vidro.

– Você também está certa, sabe. – Ele cutucou o ombro dela com o dele.

– Eu não tenho o direito de me meter na sua vida. Você só escolheu o homem errado para finalmente ir para cama com você.

– Finalmente?

– Sim. Eu esperava que você dormisse com alguém. Os meninos tinham esperança de que fosse um deles.

– Eles tinham?

– Eu sabia que não seria nenhum deles. Nenhum deles chamou sua atenção. Nem mesmo eu.

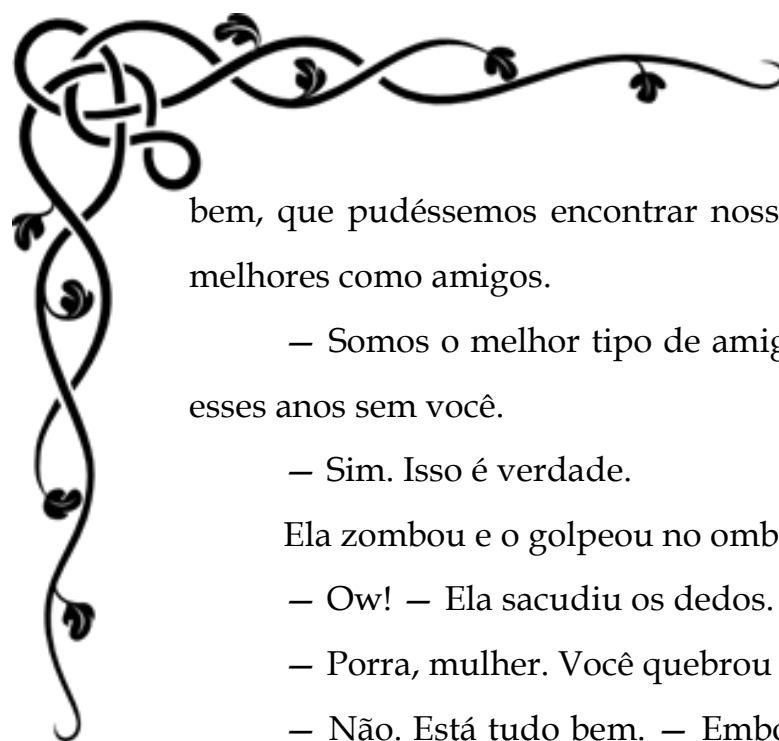
Ela tirou o olhar do céu estrelado e o fixou em Deek.

– Eu não sei por que você o escolheu. – Ele disse, acenando para o bosque.

– Não é tão simples quanto todos...

Ele a deteve, colocando uma mão pesada em seu ombro.

– Não importa, Arie. Você estava certa sobre outra coisa, também. – Ele acrescentou, afastando a mão. – Eu sempre tive esperanças de que você e eu,



bem, que pudéssemos encontrar nosso caminho juntos. Mas... sempre fomos melhores como amigos.

— Somos o melhor tipo de amigos, Deek. Eu não teria aguentado todos esses anos sem você.

— Sim. Isso é verdade.

Ela zombou e o golpeou no ombro, imediatamente se arrependendo.

— Ow! — Ela sacudiu os dedos.

— Porra, mulher. Você quebrou os dedos?

— Não. Está tudo bem. — Embora parecesse que ela pode ter quebrado alguma coisa.

— Eu tenho um bálsamo no guarda-roupa. Vamos entrar.

Ela o seguiu de volta e ajustou a cadeira que Marius tinha jogado na sala, junto com a mesa. Deek voltou do quarto, seu rosto sombrio, com um pote de pomada na mão.

Ela tentou ignorar a tensão segurando seus ombros e preenchendo o espaço entre eles, enquanto sentavam de frente um para o outro conforme ele massageava os nódulos.

— Eu vou ter que buscar a Princesa e sua dama de companhia ao amanhecer. Você consegue que Nate envie uma mensagem, informando que queremos negociar no primeiro raiar do sol?

— Sim. Mas eu vou fazer a troca. Você deveria ficar aqui. Melhor ainda, entre em Silvane e espere na casa de Sienna.

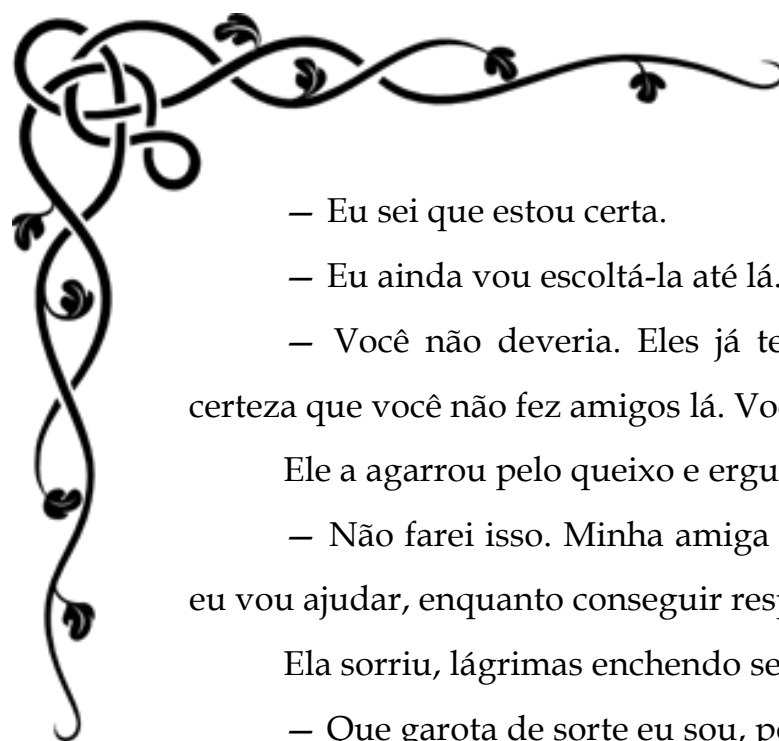
— Você sabe que não posso fazer isso, Deek.

— Por que diabos não? Eles vão te matar na primeira chance que tiverem.

— Não. Eles não vão. Marius prometeu que nenhum dano será feito a ninguém. E fui eu que meti os camponeses nessa confusão. O que você acha que vai parecer se eu falhar com eles agora?

Terminando com o unguento em seus nódulos, ele soltou a mão dela.

— Eu acho que você está certa.



– Eu sei que estou certa.

– Eu ainda vou escoltá-la até lá. Ida e volta.

– Você não deveria. Eles já te prenderam na masmorra. E eu tenho certeza que você não fez amigos lá. Você deveria ficar aqui.

Ele a agarrou pelo queixo e ergueu o olhar dela para ele.

– Não farei isso. Minha amiga mais querida precisa da minha ajuda. E eu vou ajudar, enquanto conseguir respirar.

Ela sorriu, lágrimas enchendo seus olhos.

– Que garota de sorte eu sou, por ter um amigo como você, Deek.

– Sim. Você é.

Rindo, ela se levantou e se retirou para o quarto, sabendo que ele iria vigiar na sala da frente como sempre fazia quando eles dormiam na mesma casa.

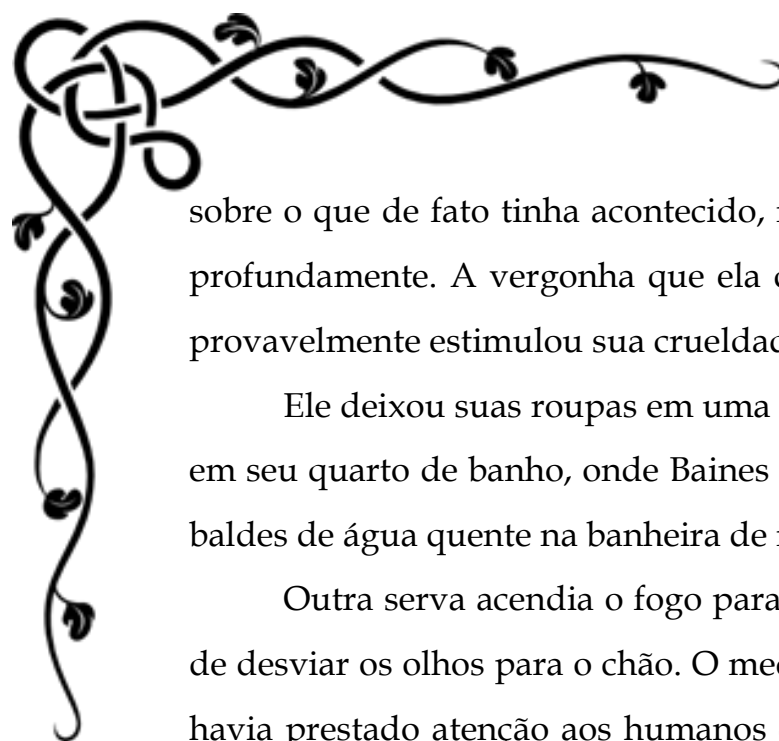
Ela caiu na cama, sentindo instantaneamente um cheiro masculino familiar. Enterrando seu rosto no travesseiro, ela deixou as lágrimas finalmente caírem - por querer um homem que nunca poderia ter, por machucar um amigo que a amava, por não se sentir a líder que o Black Lily merecia.

A maré parecia estar subindo, e ela temia que pudesse se afogar antes que tudo acabasse.



– Só encha a banheira, Baines. Eu cuido do resto sozinho.

A fúria ainda ardia nas veias de Marius. Ele arrancou o casaco e o colete que havia colocado depois de deixar Arabelle. Ele poderia ter terminado de se vestir no escuro do quarto, onde eles tinham feito amor. Ele poderia ter mentido



sobre o que de fato tinha acontecido, na frente do ferreiro, mas ela o magoou profundamente. A vergonha que ela demonstrou por estar com ele foi o que provavelmente estimulou sua crueldade.

Ele deixou suas roupas em uma pilha e vestiu uma túnica, depois entrou em seu quarto de banho, onde Baines supervisionava dois servos derramando baldes de água quente na banheira de mármore.

Outra serva acendia o fogo para aquecer a sala. Ela olhou para ele antes de desviar os olhos para o chão. O medo cintilou em seus olhos. Marius nunca havia prestado atenção aos humanos que trabalhavam no palácio. Mas agora que ele sabia que a compulsão por sangue era uma ameaça, conseguia reconhecer mais claramente seus efeitos nas pessoas ao redor.

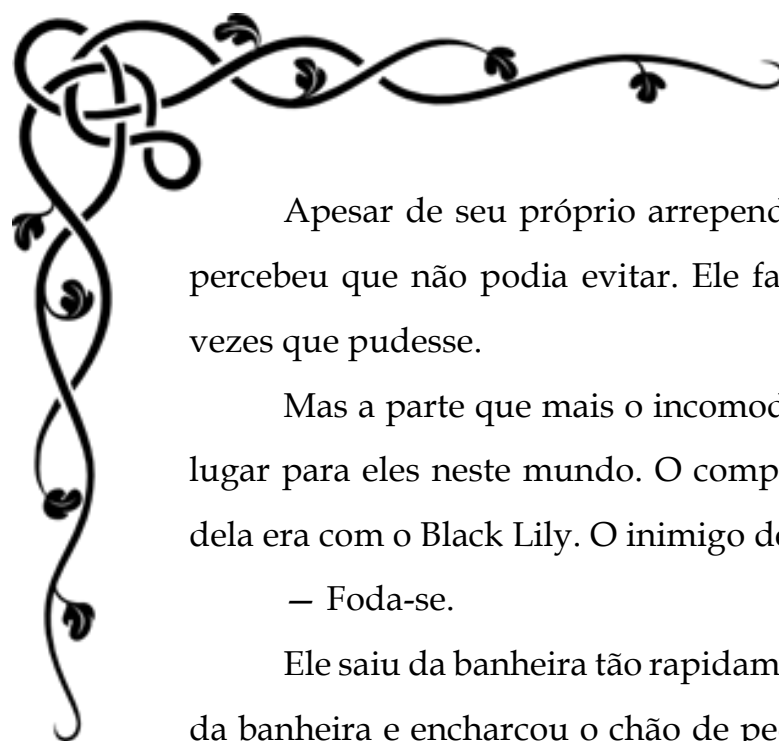
Outra serva entrou, esvaziando o balde na banheira. Ela tinha os cabelos loiros trançados sobre um ombro. Ela não se comparava a sua Arabelle, mas o fazia lembrar dela, da mesma maneira.

Se ele achasse que fosse possível, juraria que ela era uma feiticeira, com a intenção de atrair sua alma para seus próprios interesses obscuros. Ele ainda a desejava, mesmo depois de ter sido dolorosamente rejeitado na frente do ferreiro. Ele ainda a cobiçava – querendo mais um toque, mais um beijo, mais uma noite.

— Isso já é o suficiente. — Ele disse bruscamente, expulsando todos do quarto.

Baines foi o último a sair, fechando a porta atrás dele. Marius retirou o manto e entrou na banheira quente. O vapor subiu quando ele sentou e esfregou vigorosamente os braços e o corpo com o sabão. Ele precisava remover o perfume dela de sua pele. Se possível, até de sua mente. Colocando a cabeça para trás na borda e fechando os olhos, ele tentou pensar em algo além do seu corpo doce e entregue.

Não adiantou. Ela o contaminou para sempre.



Apesar de seu próprio arrependimento por ceder ao desejo por ela, ele percebeu que não podia evitar. Ele faria tudo de novo, se pudesse. Todas as vezes que pudesse.

Mas a parte que mais o incomodava, era que ela estava certa. Não havia lugar para eles neste mundo. O compromisso dele era com a família Varis. O dela era com o Black Lily. O inimigo declarado da família real.

— Foda-se.

Ele saiu da banheira tão rapidamente, que uma onda enorme transbordou da banheira e encharcou o chão de pedra. Do lado de fora, ele voltou a entrar em seu quarto e vestiu suas roupas noturnas, antes de atravessar o longo corredor até a suíte real de sua mãe.

Embora a raiva ainda estufasse através de seu peito, pela forma como Arabelle o havia rejeitado, ele não romperia a promessa que fez, mesmo que seu ego e seu coração estivessem feridos.

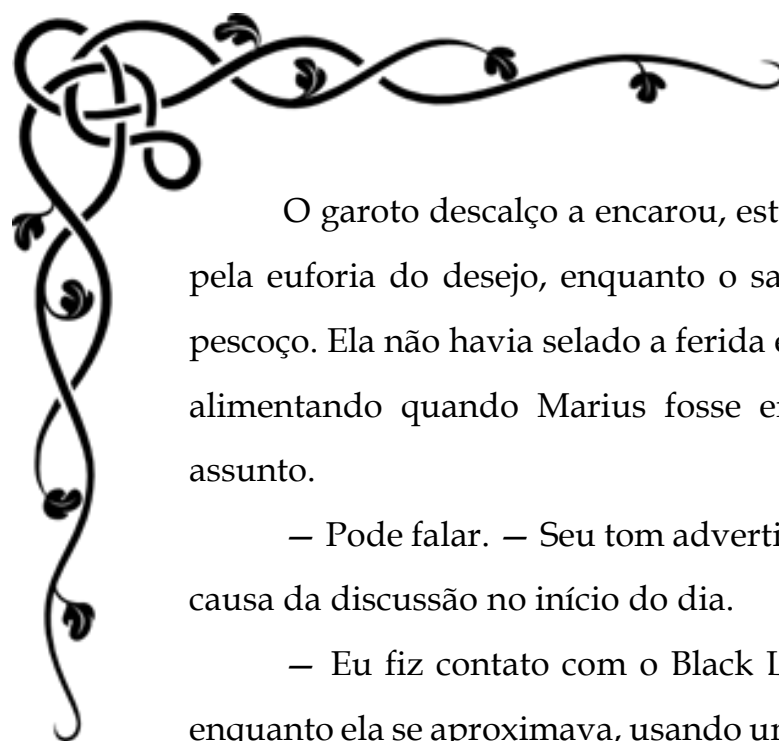
O guarda pessoal de sua mãe, Radomir, se deslocou e levantou uma mão para impedir Marius de entrar. Marius passou por ele em um borrão, para evitar uma briga, desejando que ele entendesse o recado.

Atrás da cortina fina em volta da cama enorme, sua mãe estava em cima de seu mais novo bleeder. Felizmente, ela estava apenas se alimentando, nada mais. Ele sabia que ela fazia alguns de seus bleeders como amantes, assim como seu pai, mas ele evitava a realidade quando podia. Saber sobre seus relacionamentos extraconjugais era uma coisa que o incomodava muito.

Ela levantou a boca do pescoço do jovem e se levantou, abrindo a cortina para sair da cama.

— Marius. Que visita inesperada. — Ela tirou um lenço branco de uma mesa de cabeceira e enxugou a boca.

— Me desculpe por interromper. Mas é imprescindível que eu fale com você esta noite.



O garoto descalço a encarou, estendendo a mão, com os olhos brilhantes pela euforia do desejo, enquanto o sangue escorria dos dois furinhos de seu pescoço. Ela não havia selado a ferida e, aparentemente, planejava continuar se alimentando quando Marius fosse embora. Ele não planejava prolongar o assunto.

— Pode falar. — Seu tom advertiu que ela ainda estava brava com ele por causa da discussão no início do dia.

— Eu fiz contato com o Black Lily. — Ele desviou o olhar para o chão enquanto ela se aproximava, usando um vestido verde. — Eles concordaram em devolver a Princesa Vilhelmina e sua dama de companhia, ao raiar do dia. Ilesa.

— Que notícia maravilhosa. — Ela deslizou em um robe de renda e parou diante dele, então ele não podia mais evitar seu olhar. — E quais são os sentimentos do meu filho sobre esse fato? Que a noiva dele estará pronta para se casar amanhã à noite.

— Será que ela estará mesmo pronta, depois de um evento tão traumático?

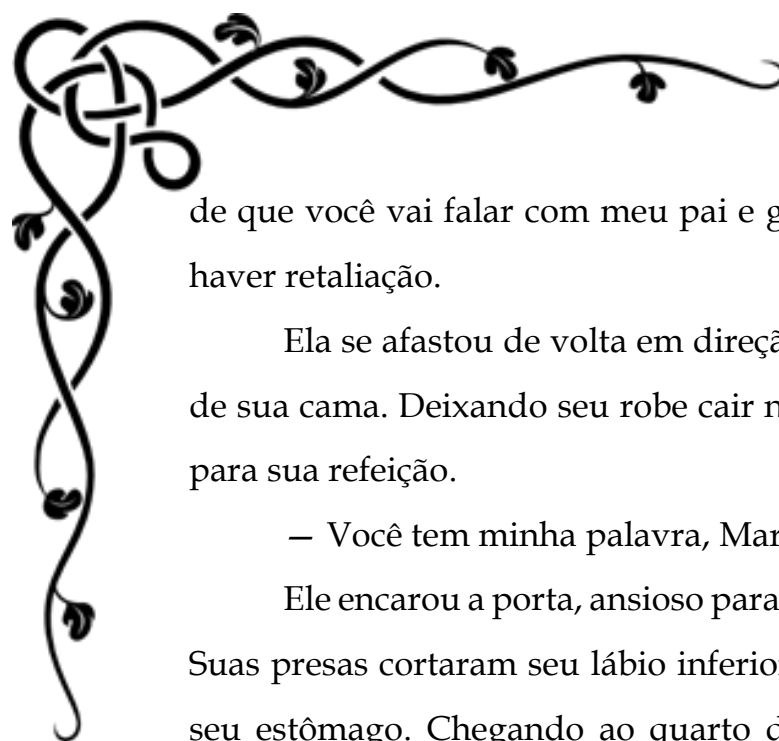
Ele devia dizer a verdade, que ele não tinha planos de se casar com Vilhelmina, ou qualquer mulher, na verdade. Mas, ele precisava que ela cumprisse sua promessa e soltasse o povo de Sylus, antes que ele fizesse isso.

Sua mãe, nobre, bonita e perfeita em todos os sentidos - pele impecável, suas maçãs do rosto altas, seus olhos azuis e frios. Ela raramente alterava sua expressão, ostentando apenas o olhar tranquilo e indiferente de uma verdadeira Rainha. Mas, dessa vez, sua expressão se contorceu em uma determinação sombria, como se ela soubesse dos pensamentos rodando em sua cabeça.

— Ela é uma Princesa vampira. Ela vai estar pronta para o Príncipe dela. E você vai estar pronto para ela. Não vai, meu filho?

Apertando a mandíbula, ele se esquivou de sua pergunta.

— Eu prometi ao Black Lily que nenhum mal seria feito a eles. Trocaremos os camponeses pela Princesa. E os deixaremos sair ilesos. Preciso de sua palavra,



de que você vai falar com meu pai e garantir que isso seja verdade. Não deve haver retaliação.

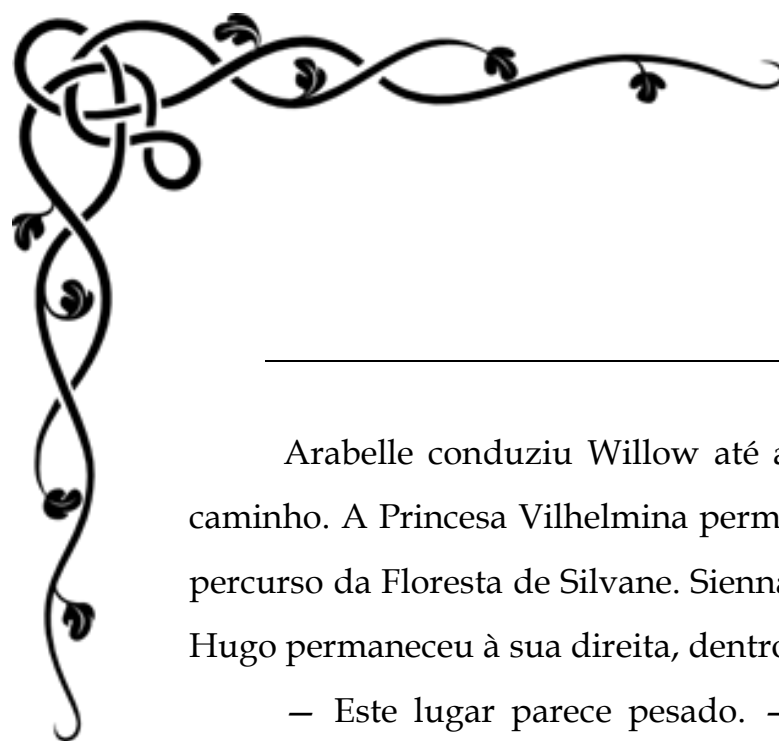
Ela se afastou de volta em direção a seu bleeder e fez uma pausa ao lado de sua cama. Deixando seu robe cair no chão, então afastou a cortina, olhando para sua refeição.

— Você tem minha palavra, Marius.

Ele encarou a porta, ansioso para sair antes que ela voltasse a se alimentar. Suas presas cortaram seu lábio inferior, sua sede era uma agonia dolorosa em seu estômago. Chegando ao quarto de Larissa, ele fez uma pausa, sua mão tremeu quando ele se preparou para abrir a porta, desejando entrar e saciar sua sede. Mas ele não podia. Uma onda de agitação se formou dentro dele e ele tomou consciência de sua situação.

Ele não podia se alimentar sem dar nada em troca. O pensamento de mentir para outra mulher o repeliu. Afastando-se, ele acelerou em direção ao seu quarto e fechou a porta, encarando a sua nova realidade.

Amanhã, ele completaria 100 anos. Ele precisava romper com a Princesa de Arkadia e, provavelmente, com seus pais, uma vez que eles soubessem da notícia. E ele precisava bloquear todos os pensamentos a respeito da bruxa de cabelos dourados que roubou seu coração e sua alma.



Capítulo 25

Arabelle conduziu Willow até a trilha, embora sua égua conhecesse o caminho. A Princesa Vilhelmina permaneceu quieta atrás dela durante todo o percurso da Floresta de Silvane. Sienna e Kathleen as seguiram, com Duquesa. Hugo permaneceu à sua direita, dentro da floresta. Kai à esquerda.

— Este lugar parece pesado. — Disse Mina, tirando Arabelle de seu devaneio sobre se deveria ou não se demitir do cargo de líder do Black Lily.

— Não é? — Perguntou Arabelle. — Eles dizem que há magia aqui, embora eu nunca tenha visto nenhuma prova disso.

— Você tem certeza? — Perguntou Mina, apontando para as árvores onde uma sombra preta aparecia e sumia.

— Sim. — Disse Arabelle. — Os lobos místicos mantêm a magia deste lugar.

Mina ficou em silêncio enquanto a luz da manhã se infiltrava através de uma fina névoa. O galopar de Willow e as passadas pesadas da Duquesa atrás deles ecoavam alto no amanhecer tranquilo. Uma leve brisa soprou através das folhas dos carvalhos pretos. Um sussurro suave no vento.

— Eu posso senti-la. — Disse Mina. — A magia.

Perplexa, Arabelle olhou por cima do ombro para encontrar a Princesa mais pálida do que quando eles deixaram a cabana de Sienna.

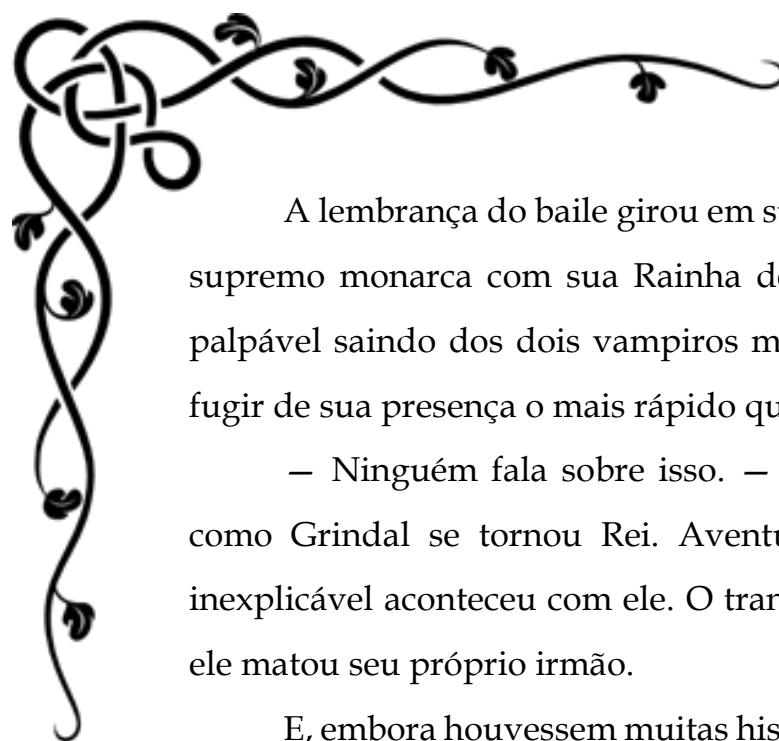
— Dizem que há um lugar na Floresta de Silvane, onde o primeiro vampiro foi feito. Rei Grindal.

— Eu também já ouvi sobre isso. — Disse Mina.

— Você o conheceu? O Rei Grindal. Seu futuro sogro?

— Não. Você já?

— Brevemente.



A lembrança do baile girou em sua mente, o intenso poder que rodeava o supremo monarca com sua Rainha de gelo ao seu lado. Havia uma energia palpável saindo dos dois vampiros mais antigos, que a fazia tremer e querer fugir de sua presença o mais rápido que podia, naquela noite fatídica.

— Ninguém fala sobre isso. — Acrescentou Arabelle. — Os contos de como Grindal se tornou Rei. Aventurando-se por esta floresta, onde algo inexplicável aconteceu com ele. O transformou. Então, para ficar com a coroa, ele matou seu próprio irmão.

E, embora houvessem muitas histórias sobre nobres matando nobres para se apoderar da realeza nos tempos antigos, havia apenas uma sobre um nobre que, aparentemente, desistiu de sua própria humanidade para governar.

— Há muitos assuntos dos quais os vampiros não falam. — Interveio Mina.

— Verdade. Posso te perguntar uma coisa?

— Continue.

— Você já transformou alguém em vampiro?

Mina ficou quieta por um momento. Ambas sabiam que a pergunta de Arabelle era um tópico tabu. A transformação de um vampiro estava envolta em segredos – um assunto que os seres humanos não conheciam.

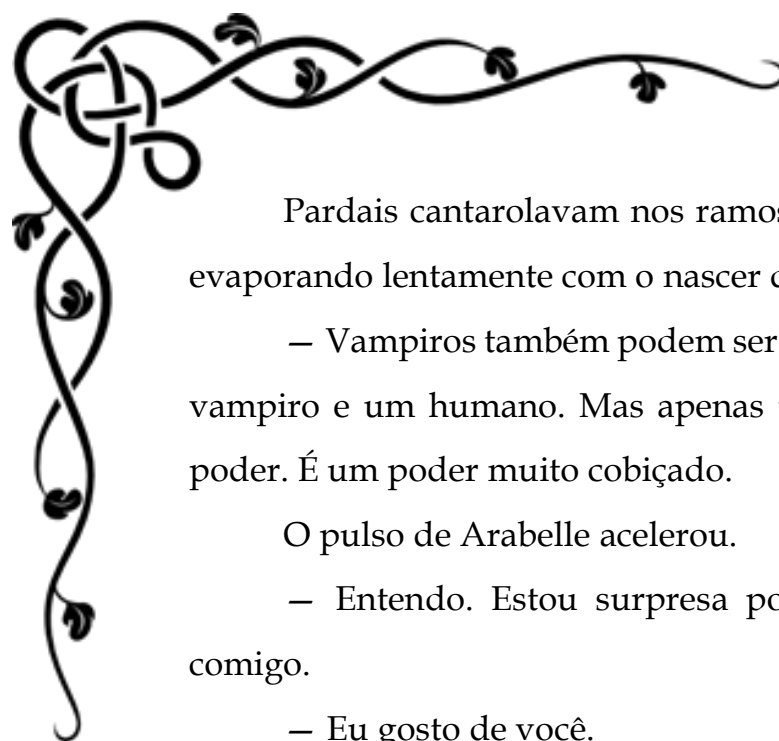
— Você não precisa me responder. — Disse Arabelle, enquanto passavam pelo último bosque de carvalhos pretos, no caminho para Larkin Wood.

— Vampiros nascem, é claro, de dois pais vampiros.

Arabelle já sabia disso. Ela nunca ouviu falar de um vampiro nascido de um ser humano. Os vampiros nunca se casaram com seres humanos, mas suas amantes e bleeders eram frequentemente acomodadas com crianças fora do casamento, todas nascidas de seres humanos.

— Mas não foi isso que você perguntou. — Acrescentou Mina.

— Não. — Disse Arabelle. — Não foi.



Pardais cantarolavam nos ramos acima de suas cabeças, a névoa estava evaporando lentamente com o nascer do sol.

— Vampiros também podem ser feitos com a mistura de sangue entre um vampiro e um humano. Mas apenas um vampiro da linha Varis detém esse poder. É um poder muito cobiçado.

O pulso de Arabelle acelerou.

— Entendo. Estou surpresa por você falar sobre isso. Especialmente comigo.

— Eu gosto de você.

Arabelle riu.

— Você gosta de mim? A pessoa que te sequestrou e te arrastou para o bosque contra a sua vontade?

— Você é honesta. — Ela disse com naturalidade. — E luta por uma causa nobre.

Arabelle se mexeu novamente, confusa por sua resposta. Esperando um desafio ou pelo menos, um silêncio desdenhoso, ela recebeu um cumprimento educado e, até mesmo, admiração.

— Você é uma vampira estranha, Princesa. — Disse ela, ainda virada para a frente.

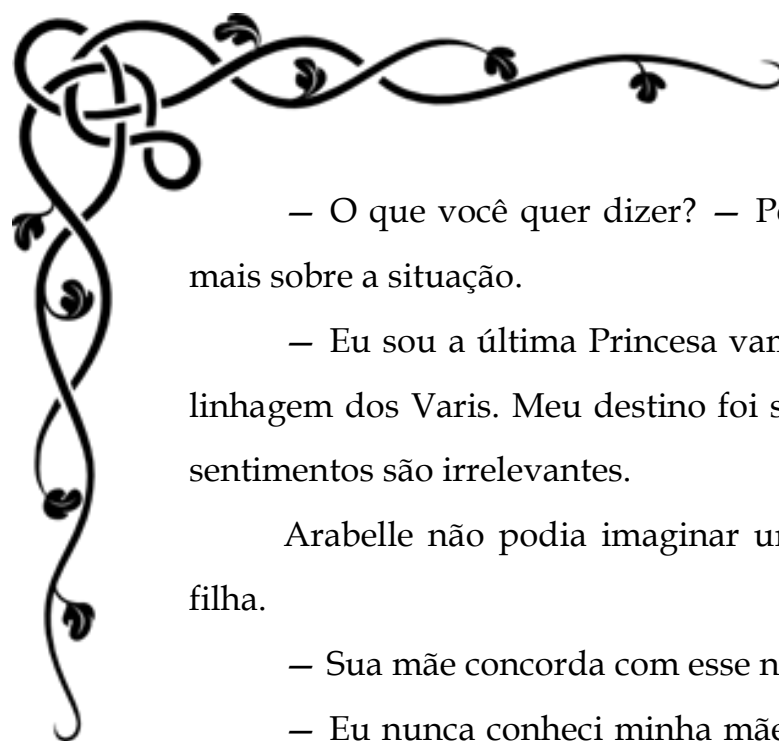
— Essa não é a primeira vez que alguém me diz isso. E me chame de Mina, por favor.

Elas se aproximaram do Chance Crossing, quase fora da floresta.

— Suponho que você esteja feliz que seus filhos vão herdar esse poder. — O estômago de Arabelle doeu, se contorcendo com a acidez das palavras. — Seus filhos, com o Príncipe Marius.

— Hmph. Não importa o que me faz feliz ou infeliz. Isso é irrelevante.

Larkin Wood se aproximou ainda mais quando elas atravessaram o campo que faz fronteira com Sylus. As patas de Willow saltavam pela longa grama, com Duquesa atrás delas.



— O que você quer dizer? — Perguntou Arabelle, precisando entender mais sobre a situação.

— Eu sou a última Princesa vampira - não casada - que não pertence a linhagem dos Varis. Meu destino foi selado no momento em que nasci. Meus sentimentos são irrelevantes.

Arabelle não podia imaginar uma mãe indiferente à felicidade de sua filha.

— Sua mãe concorda com esse noivado?

— Eu nunca conheci minha mãe. Ela morreu no parto. Meu pai morreu logo depois. Eu vivi sob os cuidados de Steward Thorwald, em Arkadia. E ele segue as leis de Varis inteira e completamente.

Uma onda de simpatia atingiu Arabelle. Órfã, exatamente como ela, parecia que ela e a Princesa tinham mais em comum do que ela pensava.

— Eu entendo.

Arabelle notou o tom distante, mas sombrio, da voz de Mina. Ela estava resignada ao seu destino, fosse ele bom ou ruim.

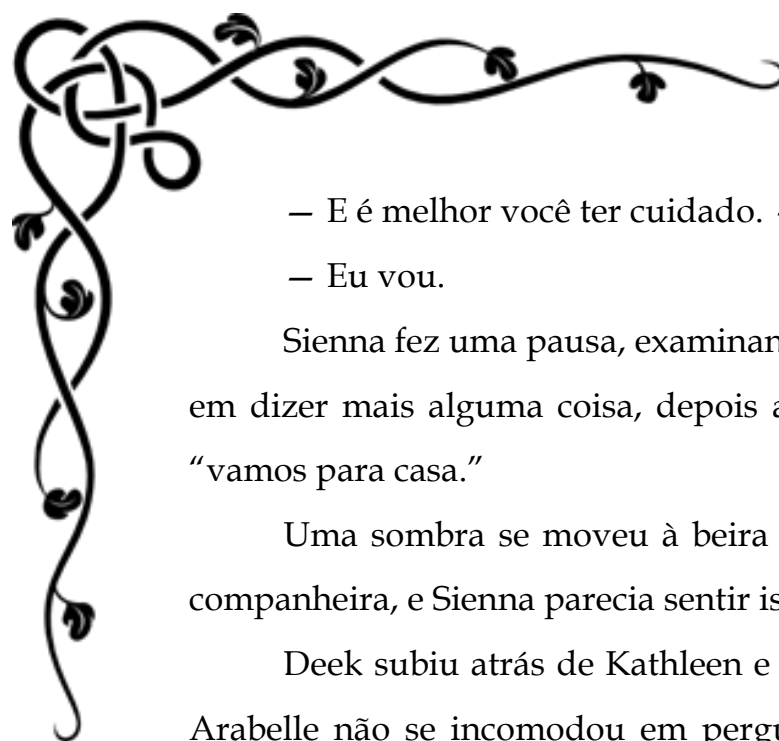
— Bem, se isso te faz sentir melhor, Marius é um bom homem. — Respirando profundamente e engolindo seu próprio ciúme com um nó na garganta, ela precisava dizer aquelas palavras. Apesar de quebrar seu coração ter que fazê-lo. — Ele vai te tratar bem. Eu posso garantir isso.

Agora, elas se dirigiam para a estrada de cascalho onde Deek as aguardava, segurando as rédeas de um cavalo robusto. Puxando Willow para parar, Sienna parou no lado direito, com Kathleen sentada silenciosamente atrás dela. Deek olhou feio para o lobo místico.

— Ela não vai te morder. — Assegurou Sienna. — Ela gosta de você.

Ele puxou Kathleen para baixo rapidamente das costas da Duquesa e depois a ajudou a montar no cavalo que ele trouxe.

— Obrigada, Sienna. — Disse Arabelle. — É melhor você volta para o bosque agora.



— E é melhor você ter cuidado. — Advertiu ela.

— Eu vou.

Sienna fez uma pausa, examinando Arabelle como se estivesse pensando em dizer mais alguma coisa, depois acariciou Duquesa e sussurrou para ela “vamos para casa.”

Uma sombra se moveu à beira de Larkin Wood. Luca ansiava por sua companheira, e Sienna parecia sentir isso.

Deek subiu atrás de Kathleen e girou seu cavalo em direção ao palácio. Arabelle não se incomodou em perguntar onde ele tinha roubado o cavalo. Muito provavelmente era de outra mulher que lhe devia um favor.

— Uma fila de Legionários se posicionou logo após a fábrica do moinho, — ele disse, em um tom grave.

Depois que os Legionários os avistassem na curva da estrada, não haveria mais como voltar.

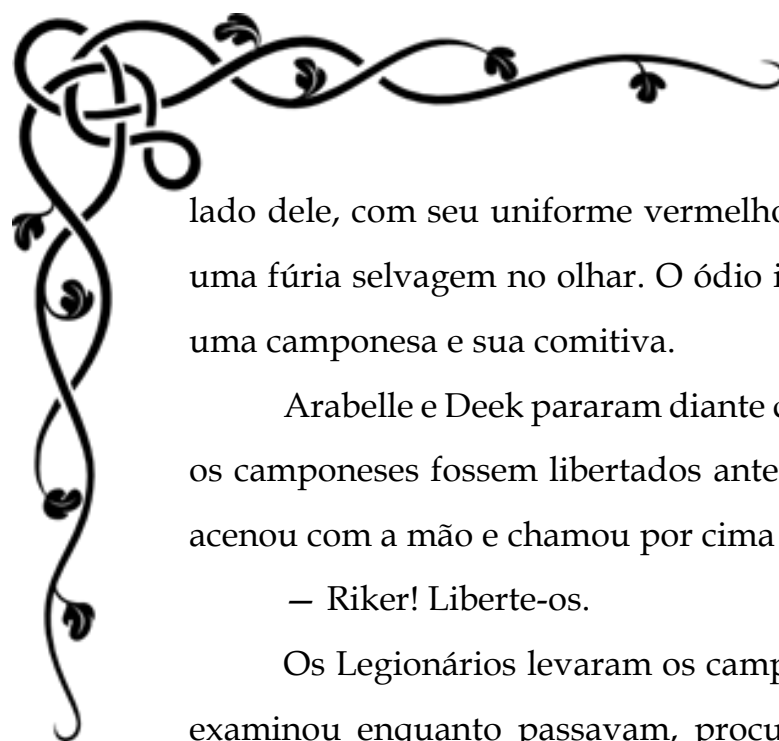
— Nate me informou que devemos entregar as senhoras no portão do palácio, onde os camponeses serão libertados.

— Então, é melhor irmos.

Durante o restante da viagem pela aldeia de Sylus, ninguém apareceu no caminho ou na janela das lojas, e eles foram acompanhados apenas pelos barulhos de cascos batendo no cascalho.

Uma tropa de Legionários uniformizados de prata e azul ladeava a estrada, enquanto Arabelle e Deek saíam de Sylus em direção à Torre de Vidro. Seguindo em frente, ela não se acovardou. Arabelle agradeceu a Marius. Uma parte dela ainda estava esperando ser atacada no primeiro momento, mas ele manteve sua palavra e providenciou uma passagem segura até o palácio.

Eles se aproximaram do portão do palácio, onde os camponeses da aldeia se aglomeravam no gramado de dentro. O Tenente loiro, que Arabelle sabia ser o amigo de Marius, estava de pé observando a aproximação deles com um semblante sombrio. O sargento magricela dos Legionários de Arkadia estava ao



lado dele, com seu uniforme vermelho e dourado engomado até a perfeição e uma fúria selvagem no olhar. O ódio irradiava do homem que foi abatido por uma camponesa e sua comitiva.

Arabelle e Deek pararam diante deles. Ela pensou que teria que exigir que os camponeses fossem libertados antes de entregar a Princesa, mas o Tenente acenou com a mão e chamou por cima do ombro.

— Riker! Liberte-os.

Os Legionários levaram os camponeses para fora do portão. Arabelle os examinou enquanto passavam, procurando por contusões ou evidências de maus-tratos. Não havia nenhuma. Somente os rostos cansados e assustados de tantos que conhecia e cuidava – de Maggie, a costureira; Hanz o padeiro; Winston da taberna Silver Crown.

A maioria a ignorou, desviando os olhos, mas alguns olharam para ela com desdém. Seu coração se partiu. Como ela não considerou que seu grande plano poderia pôr em perigo as próprias pessoas que ela desejava libertar? E agora, eles demonstravam a força de seu ressentimento em vez de gratidão. Será que sua causa era inútil? Essas pessoas querem mesmo ser libertadas?

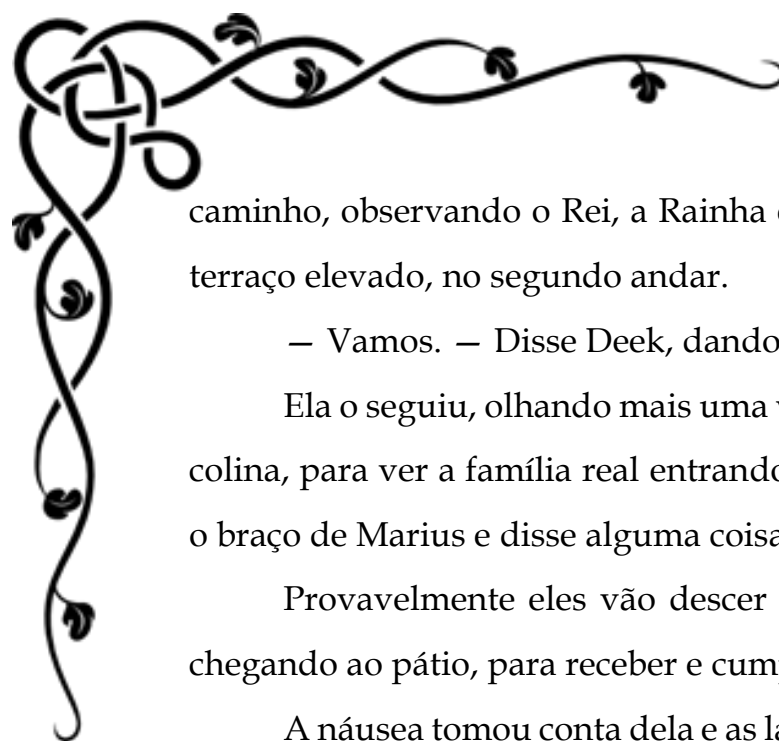
O sargento sombrio deu um passo à frente. Willow inclinou a cabeça, mas não se moveu enquanto ela ajudava a Princesa Vilhelmina a desmontar. Ele imediatamente passou à frente do Tenente, indo até uma carruagem que estava aguardando. O outro chamado Riker – um vampiro de olhos afiados e de cabelos escuros – ajudou Kathleen a descer de trás de Deek.

O Tenente loiro olhou para Arabelle, dirigindo-se a ela em vez de Deek.

— Você pode ir. E por ordem do Rei Grindal, vocês nunca mais irão tentar ferir ou sequestrar qualquer membro da aristocrata - vampiro ou humano. Se fizerem isso, a pena será a morte. Você entendeu?

— Entendi. — Ela respondeu, elevando o queixo.

Ele acenou com firmeza, montou em seu garanhão branco e escoltou a carruagem que subia a colina em direção ao palácio. Arabelle seguiu seu



caminho, observando o Rei, a Rainha e uma linha de nobres assistindo de um terraço elevado, no segundo andar.

— Vamos. — Disse Deek, dando a volta com o cavalo.

Ela o seguiu, olhando mais uma vez sobre o ombro e subindo o olhar pela colina, para ver a família real entrando novamente no Palácio. A Rainha tocou o braço de Marius e disse alguma coisa, então ele a seguiu.

Provavelmente eles vão descer para encontrar a carruagem que estava chegando ao pátio, para receber e cumprimentar a noiva dele.

A náusea tomou conta dela e as lágrimas ameaçaram cair. Marius afirmou que não se casaria com ela, mas isso foi antes que ela o rejeitasse e acabasse com qualquer esperança de uma vida juntos. Não era simplesmente o fato de que agora ele com certeza se casaria com ela ou que seu plano havia dado errado, miseravelmente, e ela mais uma vez falhou com seu povo. Era o fato – evidente e inegável – de que ela nunca poderia estar ao seu lado, em seu mundo. Ao vê-lo no terraço do palácio, parecendo tão distante, ela teve certeza de que eles eram de dois mundos inteiramente diferentes. E jamais pertenceriam um ao mundo do outro.

— Yah! — Ela instigou Willow a galope.

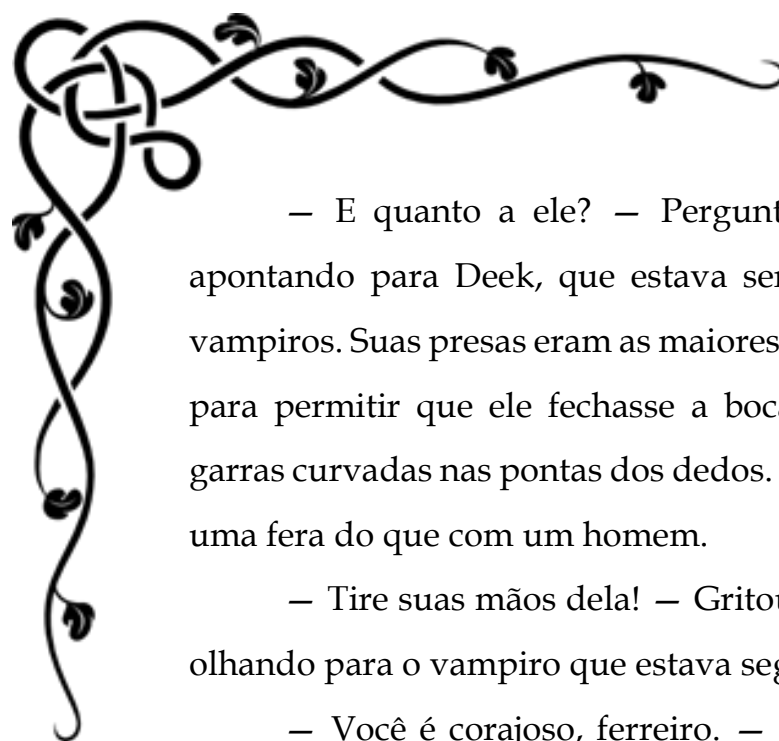
Deek foi atrás dela, atravessando rapidamente a aldeia pelo outro lado e cruzando o campo. Eles diminuíram a velocidade do galope quando entraram em Larkin Wood, mais uma vez. Deek se moveu para o lado dela.

— Isso foi fácil. — Ele disse com um sorriso, o dente dourado piscando à luz do sol.

— Sim. Fácil até...

Sendo acertada na lateral, Arabelle voou pelo ar e rolou no chão. Willow se afastou dela e relinchou. Arabelle foi erguida do chão, com os braços presos para trás por alguém que a segurava com uma força brutal.

— Nós nos encontramos novamente, doce *senhorita*. — Disse uma voz vagamente familiar perto de sua orelha.



— E quanto a ele? — Perguntou um vampiro de aspecto selvagem, apontando para Deek, que estava sendo mantido no chão por outros cinco vampiros. Suas presas eram as maiores que ela já havia visto, estendidas demais para permitir que ele fechasse a boca completamente. E suas mãos tinham garras curvadas nas pontas dos dedos. Ele até era curvado, parecendo mais com uma fera do que com um homem.

— Tire suas mãos dela! — Gritou Deek, lutando para levantar a cabeça e olhando para o vampiro que estava segurando Arabelle.

— Você é corajoso, ferreiro. — Disse o homem nas costas de Arabelle, apertando-a com força enquanto ela lutava. — Mas isso não melhora as coisas para você.

— Por favor, não o machuque. — Ela implorou, sua voz estremecendo com uma emoção intensa.

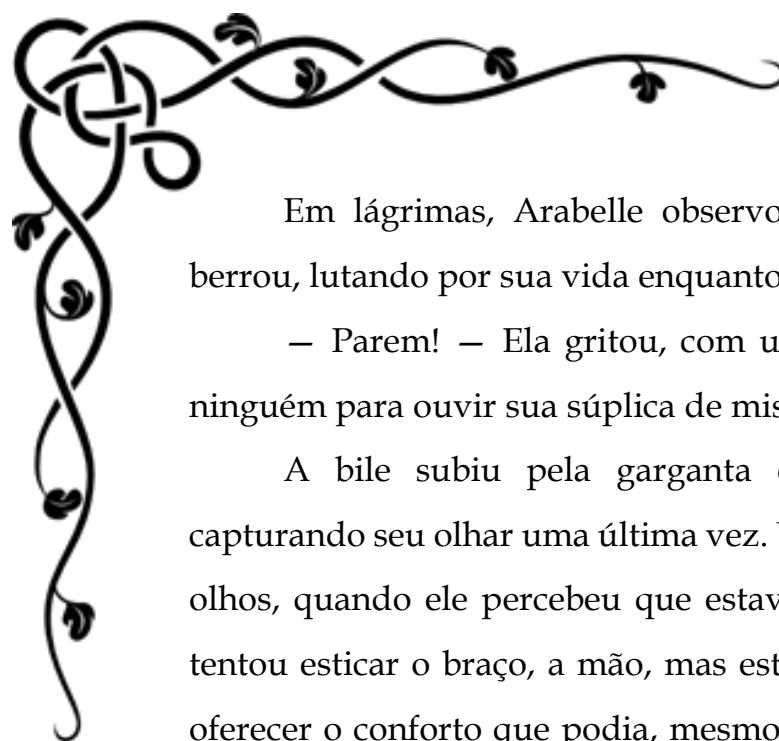
Abaixado e impotente, Deek segurou o olhar de Arabelle, sua expressão suavizando, um canto de sua boca se elevando em um meio sorriso. Ela se concentrou apenas nele e não nas feras viciosas que pairavam sobre ele, com as presas estendidas.

— Mmm. Eu gosto de ouvir você implorar, querida. — Seu captor sussurrou perto de sua orelha. — Mas você precisa ser punida. E ele também. — Ele gritou por cima do ombro — Mate-o!

— Não! — Ela gritou.

O vampiro selvagem sorriu. Seus olhos escureceram em um preto muito intenso, logo antes de ele se lançar sobre seu querido amigo, afundando suas presas em sua garganta, com um grunhido grotesco. Os outros grunhiam e arranhavam as roupas dele, rasgando pedaços do tecido para acessar qualquer porção de pele livre. Todos eles caíram e afundaram as presas em sua carne, mordendo e se alimentando de uma maneira horrenda e monstruosa.

Furorem Sanguinea.



Em lágrimas, Arabelle observou com horror quando Deek chutou e berrou, lutando por sua vida enquanto ela não podia fazer nada.

— Parem! — Ela gritou, com um gemido alto e longo. Mas não havia ninguém para ouvir sua súplica de misericórdia. Ninguém que se importasse.

A bile subiu pela garganta dela quando Deek ergueu a cabeça, capturando seu olhar uma última vez. Um olhar de puro terror cintilou em seus olhos, quando ele percebeu que estava prestes a dar seu último suspiro. Ela tentou esticar o braço, a mão, mas estava bem presa. Ela queria, pelo menos, oferecer o conforto que podia, mesmo que fosse um gesto tão pequeno, como um braço estendido, tão simples quanto inútil. Ela queria que ele soubesse que não estava sozinho. Ele fixou o olhar no dela.

— Eu estou aqui. — Ela sussurrou. Então ele fechou os olhos e foi arrastado de volta para a agonia da alimentação frenética, e ela se perdeu na escuridão de seu próprio espírito, se desesperando com cada som de osso esmagado e o ranger de dentes.

Quando Deek finalmente parou de lutar, seus braços e pernas ficaram moles, mas seus assassinos continuaram a drenar todo sangue de seu corpo, sugando e roendo seus ossos, como os animais que eram.

Seu captor sorriu. Um pano com um odor medicinal cobriu a boca dela e o nariz. Mais uma vez, ela tentou resistir e se libertar, mas a força dele era maior que a dela.

Pontos negros borraram sua visão. Um suor frio se espalhou por seu corpo.

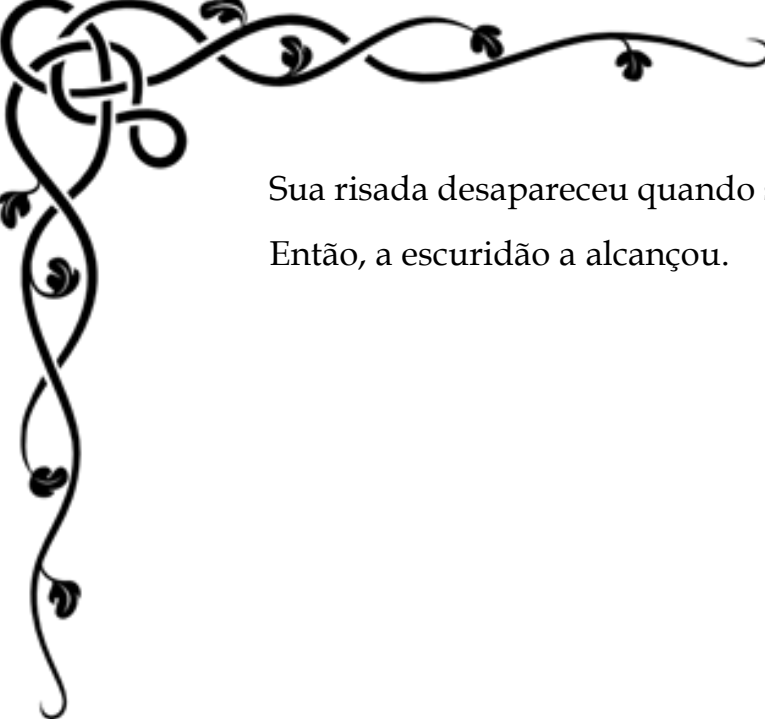
— É isso aí. Apenas relaxe.

A droga nublou seus sentidos.

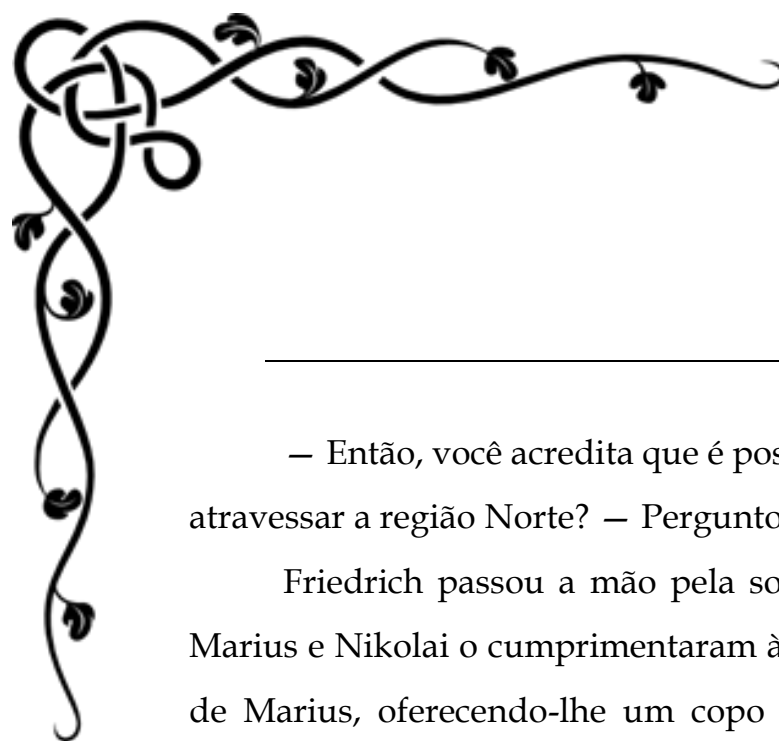
Ele perfurou o lóbulo de sua orelha com seus caninos, depois sugou a ferida, mas ela mal pode senti-lo.

— Mmm. Tão doce. — Ele voltou a mexer a língua sobre o ouvido dela.

— Mal posso esperar para provar o resto de você.



Sua risada desapareceu quando seus membros ficaram pesados.
Então, a escuridão a alcançou.



Capítulo 26

— Então, você acredita que é possível que a compulsão por sangue possa atravessar a região Norte? — Perguntou Marius.

Friedrich passou a mão pela sombra de barba de dois dias sem fazer. Marius e Nikolai o cumprimentaram à sua chegada e o receberam no gabinete de Marius, oferecendo-lhe um copo de licor para suavizar a ansiedade da viagem. Seu primo parecia mais desgastado do que na noite do baile. A maioria dos nobres que moravam a uma longa distância permaneceu no palácio após o baile, com o casamento tão próximo de acontecer. No entanto, Friedrich insistiu em retornar à sua propriedade, perto de Terrington, assim que o baile terminou.

Friedrich normalmente usava sua expressão educada e encantadora, como se fosse parte de seu vestuário. Mas, baseado na testa franzida e o estado de suas roupas, além do fato de que ele estava virando seu terceiro copo de licor, algo estava errado.

Marius muitas vezes tinha desfrutado de um bom copo de uma bebida forte para esquecer suas preocupações do dia, mas não havia nada que pudesse tirar a ansiedade de sua mente.

— Pode muito bem ter se espalhado para Terrington. Como já mencionei antes, ouvi um rumor ou dois sobre o Black Lily recentemente.

Nikolai permaneceu quieto, apoiado contra o batente da janela. Friedrich caminhou lentamente pelo fogo, girando o copo.

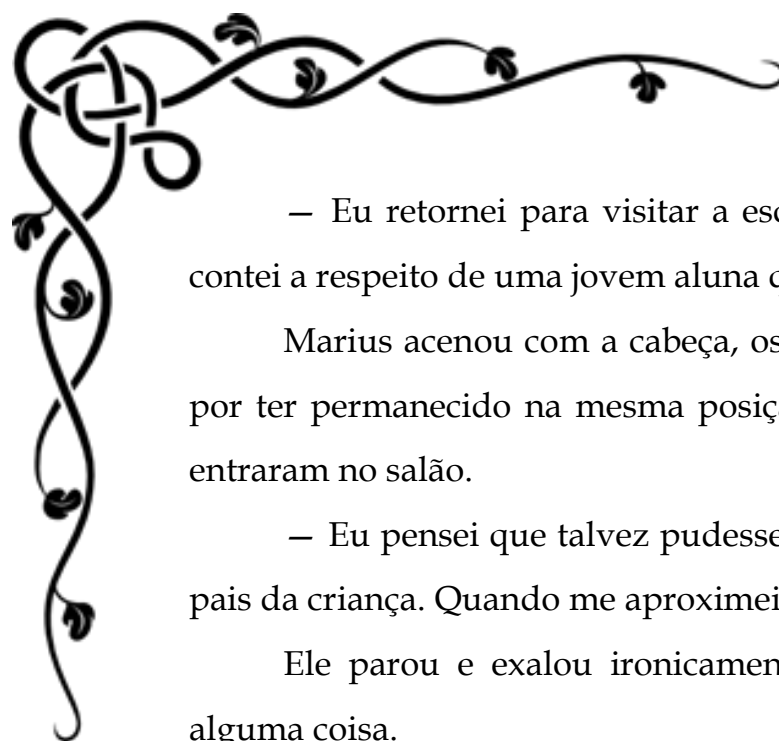
— Sim. Você me disse. Você descobriu algo novo?

— Infelizmente, eu descobri.

Ele fez uma pausa novamente, perdido em seu próprio devaneio.

— Continue. Por favor. — Incentivou Marius.

Friedrich engoliu o último gole da bebida.



– Eu retornei para visitar a escola. Você se lembra da história que eu contei a respeito de uma jovem aluna que desenhou o lírio negro?

Marius acenou com a cabeça, os ombros e as costas rígidas com tensão, por ter permanecido na mesma posição, em frente a escrivaninha desde que entraram no salão.

– Eu pensei que talvez pudesse conseguir fazer algumas perguntas aos pais da criança. Quando me aproximei da professora, que é...

Ele parou e exalou ironicamente, meio rindo, como se lembrasse de alguma coisa.

– Que é o que, Friedrich? – Perguntou Marius com impaciência.

– Perdão. Ela é única, mas não se incomode com isso agora. A professora me informou que a menina era órfã. Ela me disse, sem inventar desculpas, que muitas das crianças eram órfãs e que se a família real se interessasse mais, eles saberiam que os pobres precisavam de sua atenção. Especificamente as crianças.

– Eu não entendo. – Disse Marius. – Como é que isso... espera, você está dizendo que os pais dessas crianças foram vítimas de vampiros?

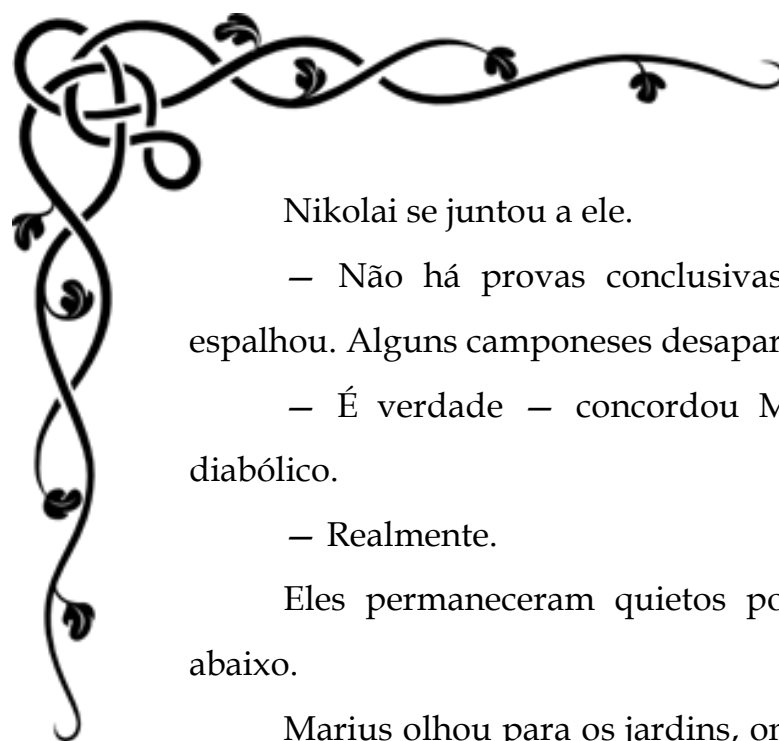
– Provavelmente. Ela não me disse, de uma forma direta. Só disse que mais e mais camponeses haviam desaparecido. No entanto, ela certamente deu a entender que era nossa culpa – não, que era *minha* culpa - que as pessoas estivessem sofrendo.

– Parece alguém que nós conhecemos. – Interveio Nikolai.

Marius o ignorou, embora ele certamente concordasse.

– Eu queria ter mais para lhe dizer. – Disse Friedrich, colocando o copo no sofá enquanto caminhava em direção à porta. – Eu planejo fazer minha própria investigação desses desaparecimentos quando eu voltar para casa. Por enquanto, eu preciso de um bom banho. E você, meu primo, precisa se preparar para a noite do seu casamento. Até, Nikolai.

Acenando rapidamente para os dois, ele saiu porta a fora. Marius foi para a janela do gabinete, com vista para os jardins.



Nikolai se juntou a ele.

– Não há provas conclusivas de que a compulsão por sangue se espalhou. Alguns camponeses desaparecidos podem não significar nada.

– É verdade – concordou Marius. – Ou, pode ser algo bastante diabólico.

– Realmente.

Eles permaneceram quietos por vários minutos, observando a vista abaixo.

Marius olhou para os jardins, onde a Princesa Vilhelmina caminhava ao lado da Rainha, com sua dama de companhia seguindo a poucos metros de distância. Ele nem precisava dizer que sua mãe estava sussurrando em seu ouvido sobre os deveres de se tornar uma Rainha. Sua mãe ainda pensava que eles teriam uma cerimônia ao ar livre, à meia-noite, da maneira tradicional, então consumariam o casamento em sua própria cama e depois iriam para Arkadia, onde ele seria o Rei legítimo e ela seria sua nova Rainha. Mas nada disso aconteceria.

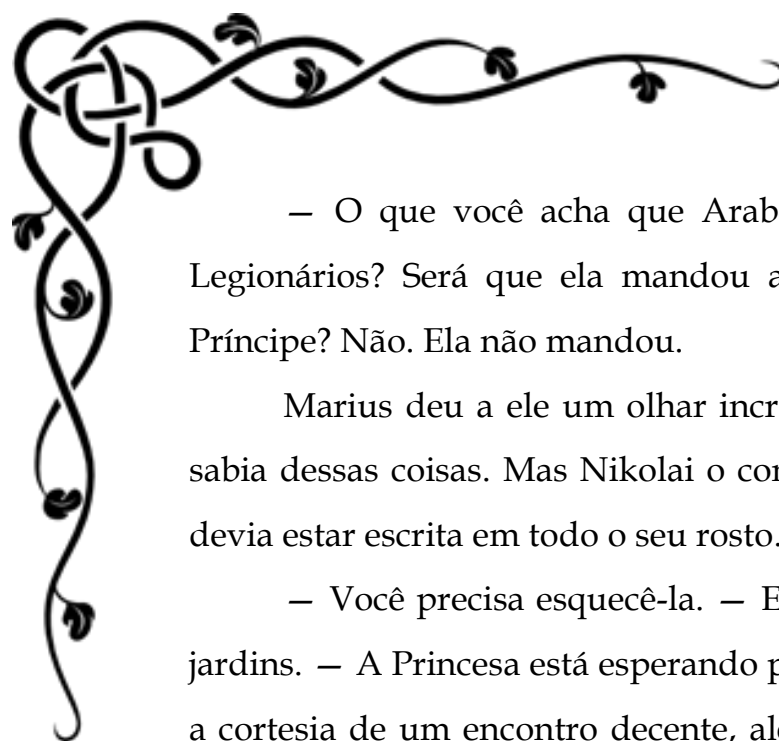
O mordomo da Princesa Vilhelmina, um homem repugnante, havia chegado há uma hora, dizendo que a Princesa precisava de um adiamento de uma semana antes da cerimônia de casamento, para se recuperar de seu sequestro. Mas a mãe de Marius não concordava com isso. Tudo ia seguir conforme o planejado. Os planos de sua mãe eram indestrutíveis. Até que Marius os arruinasse.

– Ela disse alguma coisa? – Marius perguntou.

– Quem? A Princesa? – Perguntou Nikolai. – Ela não disse nada para mim.

– Não. *Ela*.

Nikolai intensificou a postura ao lado dele, com os braços cruzados.



— O que você acha que Arabelle diria na frente de um exército de Legionários? Será que ela mandou alguma mensagem para seu amante, o Príncipe? Não. Ela não mandou.

Marius deu a ele um olhar incrédulo, se perguntando como diabos ele sabia dessas coisas. Mas Nikolai o conhecia melhor que ninguém. A verdade devia estar escrita em todo o seu rosto.

— Você precisa esquecê-la. — Então, Nikolai gesticulou em direção aos jardins. — A Princesa está esperando por você. E, no entanto, você não lhe deu a cortesia de um encontro decente, além de orientá-la da carruagem até seus aposentos após sua chegada, esta manhã.

— Eu não tenho nada para dizer a ela.

— Você é um idiota, sabia disso? Ela pediu para ver você. E você não vai até ela.

Marius suspirou, observando sua mãe alisar a bochecha da Princesa com a parte de trás da mão, oferecendo a ela seu toque real e maternal.

— Eu não a quero.

— Estou bem ciente disso, meu amigo. Mas você precisa se casar com ela.

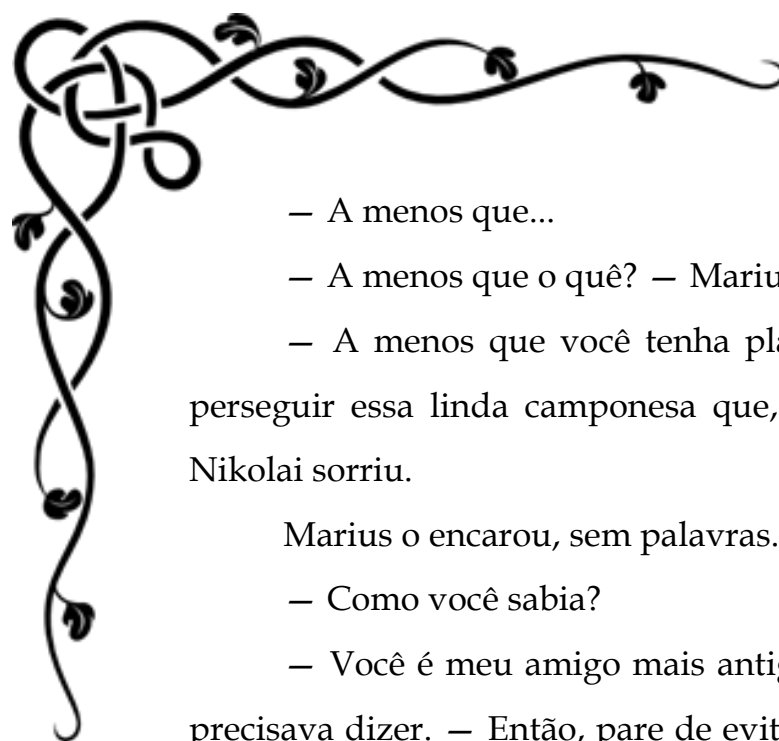
— Por quê? — Marius girou para seu amigo, sentindo uma ansiedade miserável queimando seu peito, comendo seu interior. — Por que eu preciso me casar com ela?

Nikolai inclinou um ombro contra a borda do batente, e cruzou os braços.

— Porque você nasceu com sangue real. E a multa por sua herança requer um sacrifício maior. Um onde o seu *eu* é reduzido a uma pequena parte do que você é, e o seu dever, a sua descendência e o seu legado significam mais do que a soma de todas as suas pequenas partes individuais. Para você, não há escolha. Apenas obrigação. — Ele o alcançou, colocou uma mão em seu ombro e apertou.

— Eu sinto muito.

Marius encolheu os ombros sob seu aperto reconfortante, mas que não trouxe conforto. Se afastando da janela, ele passou as mãos pelos cabelos.



— A menos que...

— A menos que o quê? — Marius perguntou.

— A menos que você tenha planos de renunciar a sua herança real e perseguir essa linda camponesa que, obviamente, capturou seu coração. — Nikolai sorriu.

Marius o encarou, sem palavras.

— Como você sabia?

— Você é meu amigo mais antigo, Marius. — E isso era tudo o que ele precisava dizer. — Então, pare de evitar o inevitável e vá falar com a Princesa Mina. Ela merece saber a verdade. Por você.

Ele se recusou a dizer a Nikolai que, embora desejasse um futuro com Arabelle, ela já havia desistido desse sonho. Ainda assim, ele não se casaria com a Princesa. Era injusto com ela. E seria uma tortura para ele, passar a vida toda rejeitando a esposa e definhando por alguém que não poderia ter. Ele preferia definhar na miséria sozinho.

— Eu vou falar com ela. — Ele suspirou, finalmente se virando para a porta.

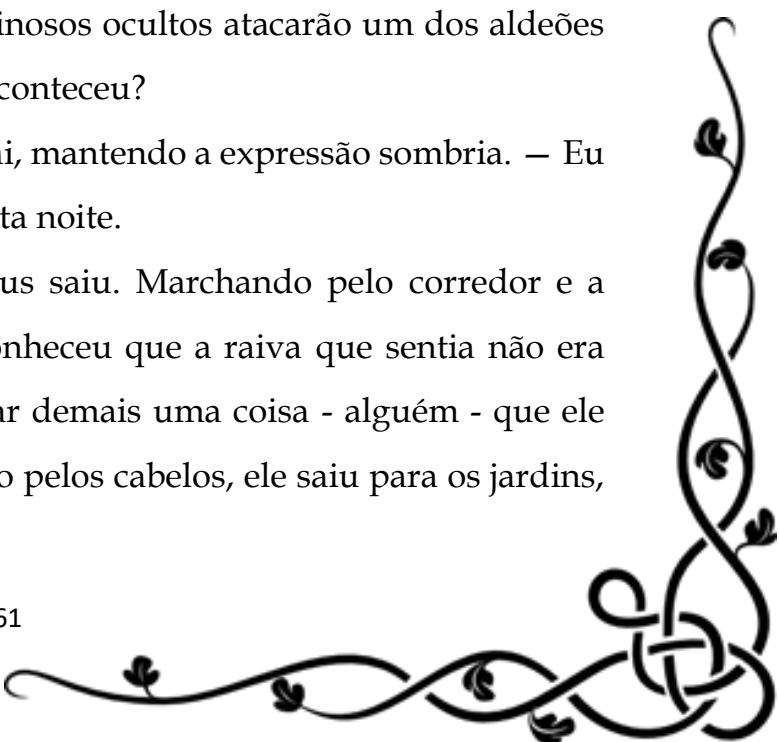
— Muito bem. — Disse Nikolai. — Eu pretendo levar Riker e mais uma tropa para patrulhar os arredores de Sylus esta noite.

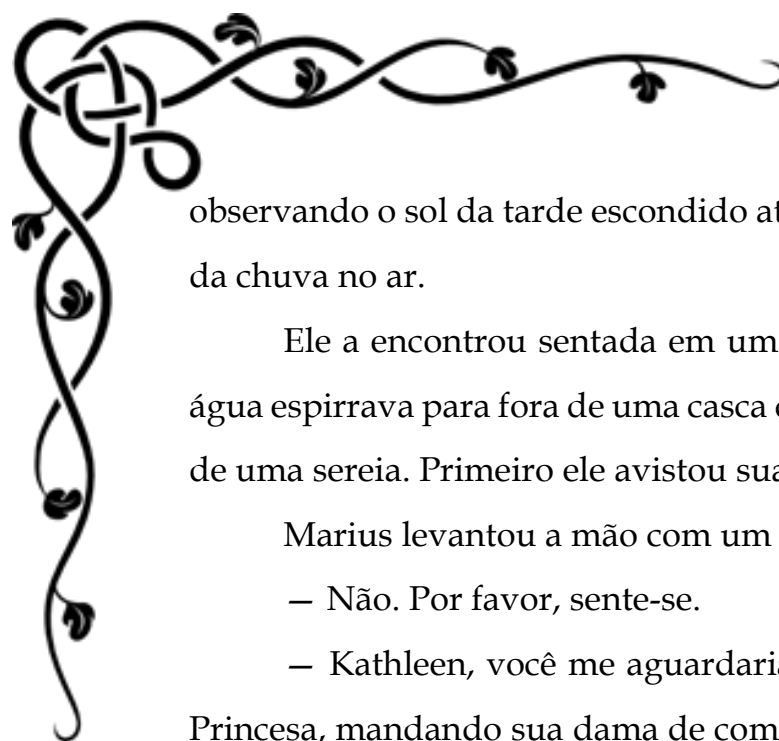
Marius parou na entrada e se virou.

— Você acha que os nossos criminosos ocultos atacam um dos aldeões tão rápido, logo depois de tudo o que aconteceu?

— Nunca se sabe. — Disse Nikolai, mantendo a expressão sombria. — Eu me sentirei melhor fazendo a guarda esta noite.

Com um aceno de cabeça, Marius saiu. Marchando pelo corredor e a escada que levava aos jardins, ele reconheceu que a raiva que sentia não era culpa dela. Era dele mesmo. Por desejar demais uma coisa - alguém - que ele não poderia ter. Depois de passar a mão pelos cabelos, ele saiu para os jardins,





observando o sol da tarde escondido atrás de uma nuvem cinza, sentiu o cheiro da chuva no ar.

Ele a encontrou sentada em um banco de pedra, perto de uma fonte. A água espirrava para fora de uma casca de concha e caía pela escultura curvilínea de uma sereia. Primeiro ele avistou sua dama de companhia, então a Princesa.

Marius levantou a mão com um sorriso.

— Não. Por favor, sente-se.

— Kathleen, você me aguardaria na entrada do jardim? — Perguntou a Princesa, mandando sua dama de companhia para longe.

Sem dizer uma palavra, a pequena morena humana percorreu o caminho para a saída, deixando-o sozinho com a Princesa.

— Você vai se sentar comigo, Sua Alteza?

Ele se acomodou no banco ao lado dela, inclinando-se para que pudesse olhar para ela. Ela era bonita, com certeza, com os cabelos de um loiro muito claro, que caíam em ondas sedosas até a cintura. Seus olhos não eram do tom azul pálido de tantos Reis vampiros, mas de um azul cobalto profundo, como o Mar de Cimarron, que ele visitou muitas vezes enquanto criança, com Nikolai.

— Desculpe pelos incômodos dos últimos dias.

— Não foi nenhum incômodo. — Disse ela.

Ele pensou que ela estava sendo gentil, tentando amenizar a realidade.

— Príncipe Marius, eu preciso falar com você abertamente. E sem a presença de ninguém, especialmente da sua família ou do meu guardião, Steward Thorwald.

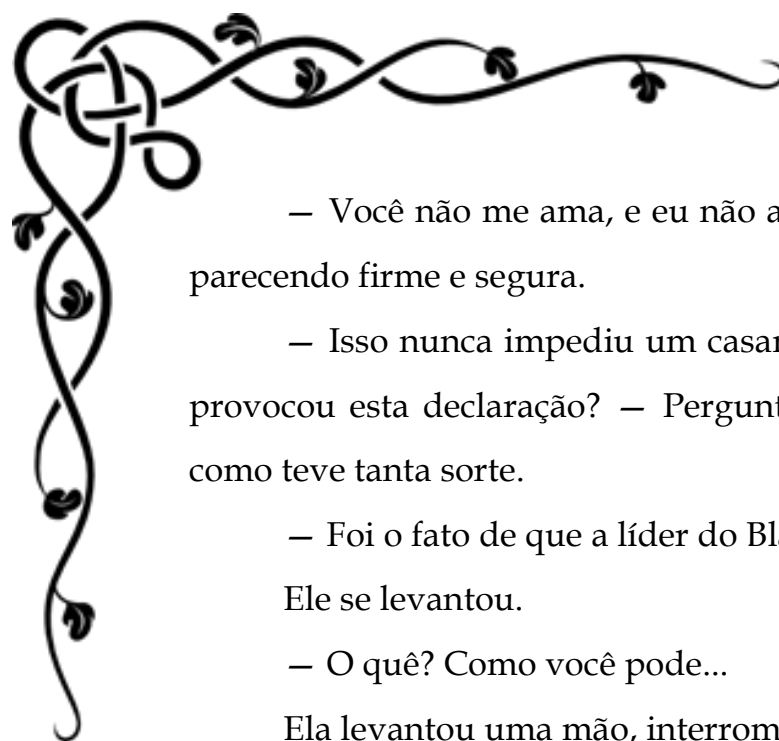
— Por favor. Sinta-se à vontade para falar o que estiver em sua mente. Pois eu também tenho uma coisa para dizer a você.

Ela levantou o olhar da bainha de sua saia, onde apertava as mãos.

— Eu não acho que devemos nos casar.

Ele fez uma pausa, a estudando.

— O quê?



— Você não me ama, e eu não amo você. — Ela endireitou sua postura, parecendo firme e segura.

— Isso nunca impediu um casamento real antes. Posso perguntar o que provocou esta declaração? — Perguntou gentilmente, tentando compreender como teve tanta sorte.

— Foi o fato de que a líder do Black Lily está apaixonada por você.

Ele se levantou.

— O quê? Como você pode...

Ela levantou uma mão, interrompendo-o delicadamente.

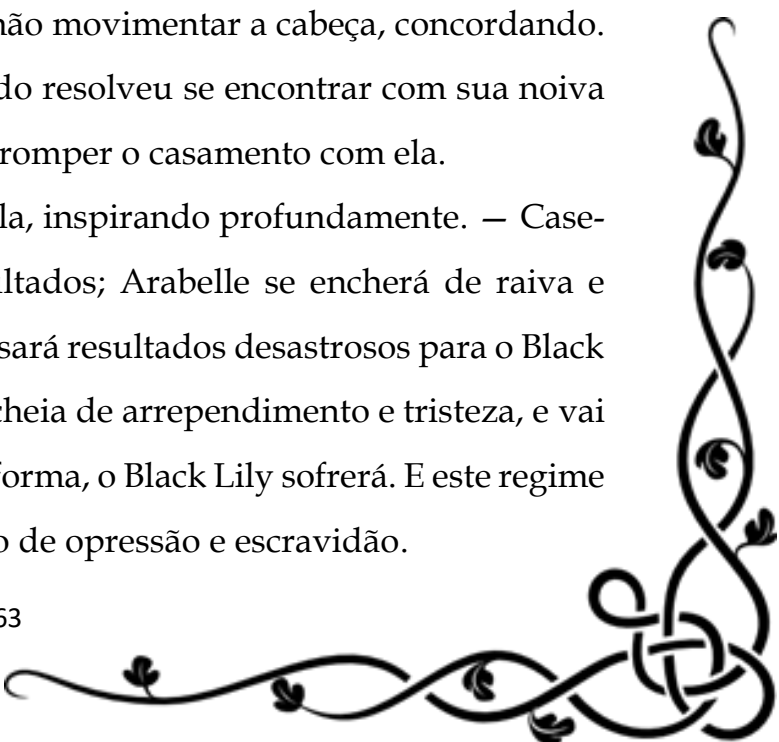
— Por favor. Sente-se e me ouça. Eu tenho pensado nisso há um tempo, e eu preciso ser clara.

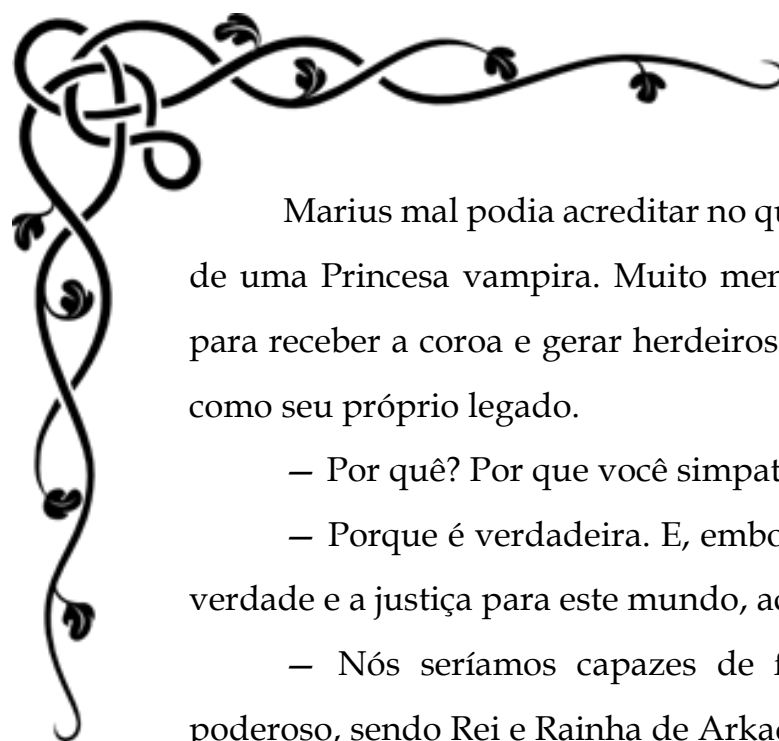
Com o coração na garganta, ele se sentou ao lado dela novamente e acenou para que ela continuasse, mais do que disposto a deixá-la falar.

— Entenda que não estou me recusando a casar com você. Se é o que você deseja, eu, é claro, cumprirei o meu dever. Mas, o problema reside no fato de que Arabelle, líder do Black Lily - uma causa com a qual eu, sinceramente, concordo - está profundamente apaixonada por você. Não pergunte como eu sei. É uma intuição, um dom que ganhei ao nascer vampira. Agora mesmo, eu sinto uma mistura de esperança e medo vindo de você. Posso afirmar que você tem sentimentos semelhantes a respeito de Arabelle. Estou certa?

Ele não conseguiu fazer nada, senão movimentar a cabeça, concordando. Não era o que ele esperava ouvir quando resolveu se encontrar com sua noiva pela primeira vez, sozinho, planejando romper o casamento com ela.

— Foi o que eu pensei. — Disse ela, inspirando profundamente. — Case-se comigo e terá um, desses dois resultados; Arabelle se encherá de raiva e tomará decisões precipitadas, o que causará resultados desastrosos para o Black Lily, e sua causa falhará. *Ou*, ela ficará cheia de arrependimento e tristeza, e vai perder o gosto pela causa. De qualquer forma, o Black Lily sofrerá. E este regime sanguinário continuará em seu caminho de opressão e escravidão.





Marius mal podia acreditar no que estava escutando diretamente da boca de uma Princesa vampira. Muito menos de uma mulher que estava na linha para receber a coroa e gerar herdeiros poderosos, para governar para sempre, como seu próprio legado.

– Por quê? Por que você simpatiza com a causa deles?

– Porque é verdadeira. E, embora eu seja vampira e da realeza, busco a verdade e a justiça para este mundo, acima de todos os meus desejos egoístas.

– Nós seríamos capazes de fazer mais pelo povo como um casal poderoso, sendo Rei e Rainha de Arkadia. Você e eu.

– Sim. Também pensei nisso. – Disse ela, agarrando a mão que estava em seu colo e soltou uma respiração pesada. – Mas nós nos afastaríamos lentamente. Você fingiria ser um bom marido, mas seu coração pertenceria a outra mulher. Eu tenho certeza de que seria assim, na verdade. Eu posso sentir sua vontade de me afastar, mesmo enquanto estamos sentados aqui, contemplando essa possibilidade.

Ele sorriu e apertou sua mão.

– Eu temo que você esteja certa.

– Eu sei que estou. Mas a questão é, o que você pretende fazer agora? Casar comigo à meia-noite ou seguir seu coração?

Ele soltou sua mão e ficou de pé, de frente para a fonte. Ela fez o mesmo.

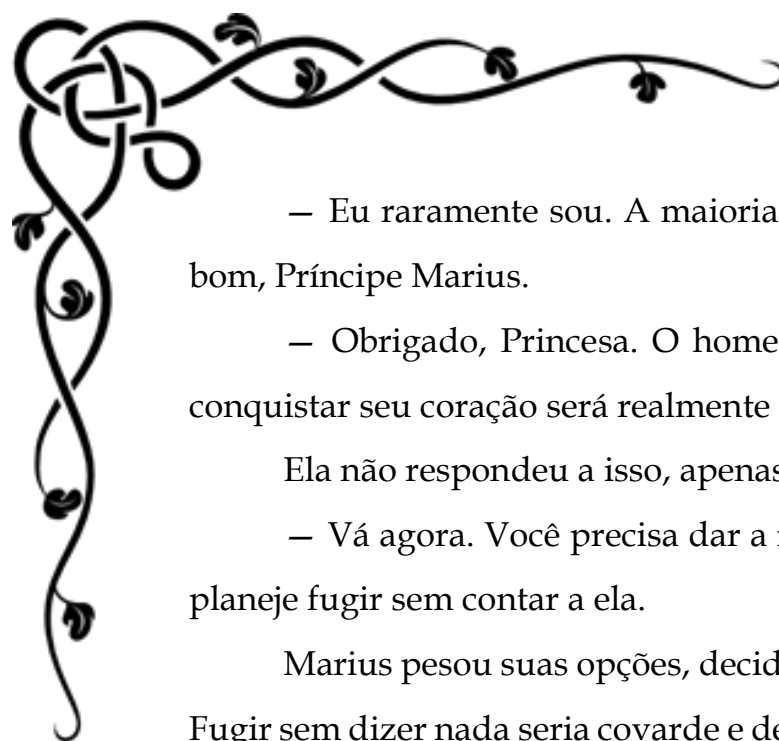
– Eu não estava preparado para ser tão ousadamente confrontado com toda verdade do meu coração. E, especialmente, pela minha noiva prometida.

– É preciso uma mulher para falar as verdades mais difíceis, às vezes. Aquelas que um homem prefere esconder atrás de sua dedicação em cumprir orgulhosamente seu dever.

– Sim. Você tem razão.

Ele se virou para ela, pegando sua mão e beijando seus dedos.

– Você não é como eu esperava.



– Eu raramente sou. A maioria diz o mesmo. Mas eu te desejo tudo de bom, Príncipe Marius.

– Obrigado, Princesa. O homem que for afortunado o suficiente para conquistar seu coração será realmente um homem de sorte.

Ela não respondeu a isso, apenas lhe deu um sorriso gentil.

– Vá agora. Você precisa dar a notícia para sua mãe. A menos que você planeje fugir sem contar a ela.

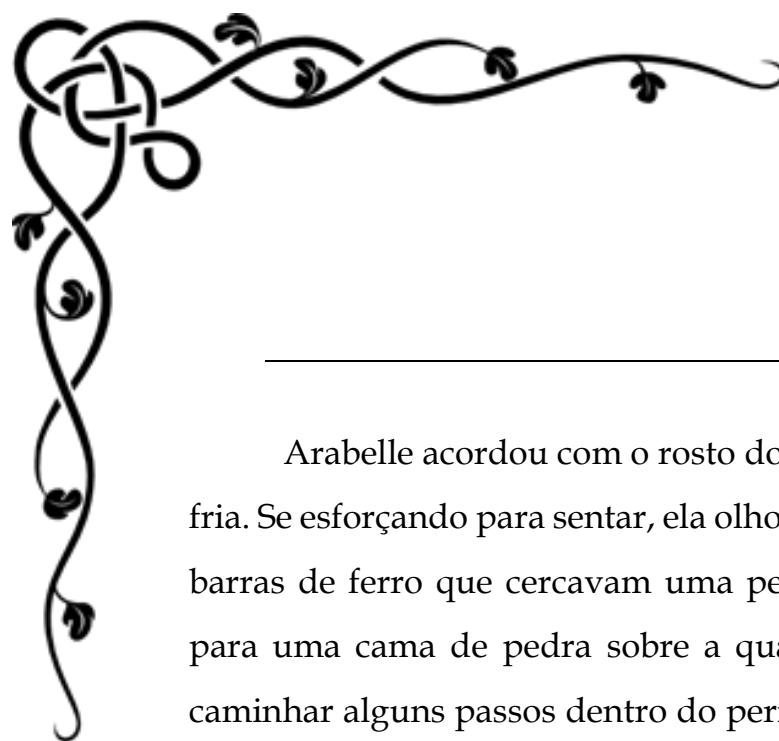
Marius pesou suas opções, decidindo finalmente por confrontar sua mãe. Fugir sem dizer nada seria covarde e desonroso. Em qualquer caso, ele manteria sua honra intacta.

– Então, eu devo ir encontrar a Rainha.

– Sim. – Ela respondeu. – E depois, você precisa ir encontrar seu amor.

Com uma reverência, ela caminhou pelo jardim onde a dama de companhia ainda a esperava. Marius nunca imaginou que o encontro que ele temia por tanto tempo traria tanta alegria ao seu coração.

Agora, ele só precisava enfrentar sua mãe.



Capítulo 27

Arabelle acordou com o rosto dolorosamente pressionado contra a pedra fria. Se esforçando para sentar, ela olhou em volta da cela úmida, reparando nas barras de ferro que cercavam uma pequena área, apenas grande o suficiente para uma cama de pedra sobre a qual ela estava deitava e um espaço para caminhar alguns passos dentro do perímetro. Sua cela, ligeiramente iluminada por uma tocha que estava presa no suporte, estava dentro de uma pequena sala fechada por uma porta de ferro, com uma janela com grades.

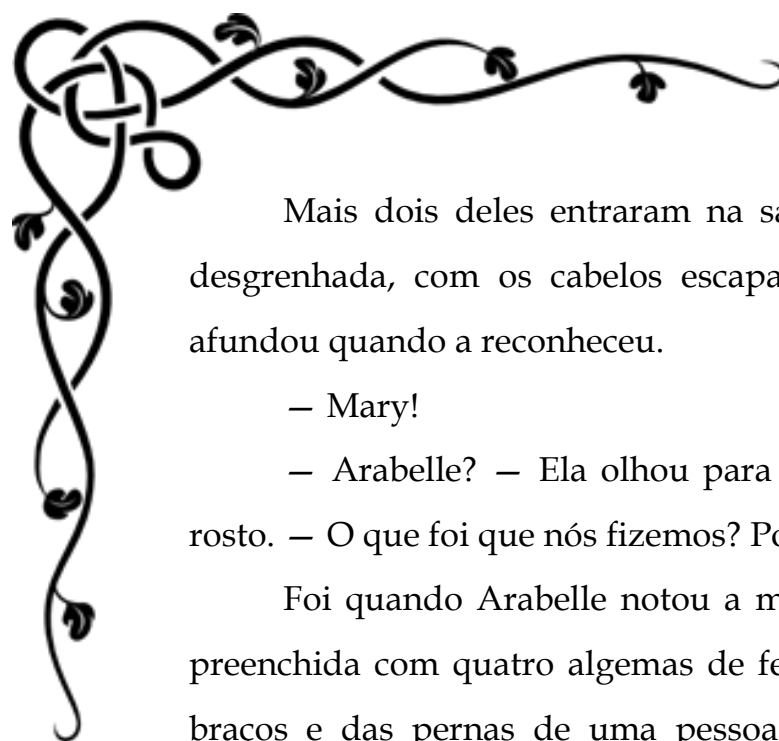
Ela se sentou, com os braços e o peito doloridos por serem esmagados pelo vampiro que a prendeu. Sua mente voltou para a última coisa que ela lembrava.

Deek.

Ela chorou instantaneamente. Ele tinha sido seu conselheiro, seu ajudante e seu amigo mais querido. Agora foi embora deste mundo, atacado pelos monstros que eles lutaram tanto para derrubar. A mais amarga e dolorosa ironia de todas. E parecia que ela estava condenada ao mesmo destino. Seu coração estava doendo por isso. Ela não sabia dizer quanto tempo havia ficado ali deitada, chorando, olhando para a escuridão e lamentando a perda de seu querido amigo, mas o som de passos a tirou de sua tristeza. Ela se sentou e fungou, enxugando o rosto com o dorso da mão.

A porta de ferro abriu, arrastando no chão de pedra. Alguns homens entraram. Homens não, eram vampiros. Um acendeu as tochas em outros suportes pela sala. A voz suplicante de uma mulher ecoou no corredor.

– Por favor. Não cometi nenhum crime.



Mais dois deles entraram na sala, carregando entre eles uma mulher desgrenhada, com os cabelos escapando da touca. O coração de Arabelle afundou quando a reconheceu.

— Mary!

— Arabelle? — Ela olhou para cima, a confusão estava escrita em seu rosto. — O que foi que nós fizemos? Por que eles nos trouxeram aqui?

Foi quando Arabelle notou a mesa de madeira dentro da mesma sala, preenchida com quatro algemas de ferro acorrentadas à mesa, na altura dos braços e das pernas de uma pessoa. Manchas escuras cobriram a mesa e escorriam para o chão. Sangue.

Ela se levantou em um salto e segurou as barras da cela.

— O que você está fazendo com ela? — Ela exigiu saber, com sua voz rouca pelos medicamentos que eles devem ter usado para drogá-la.

— A mesma coisa que faremos com você. — Disse alguém em pé na entrada, a voz era a mesma de seu sequestrador.

A tocha atrás dele escondia o rosto na sombra. Ele avançou, finalmente, permitindo que ela desse uma boa olhada no homem responsável pela morte de seu melhor amigo. Ela o conhecia. A noite do baile. O que pediu para dançar com ela. Qual era o nome dele?

— Sargento Loman?

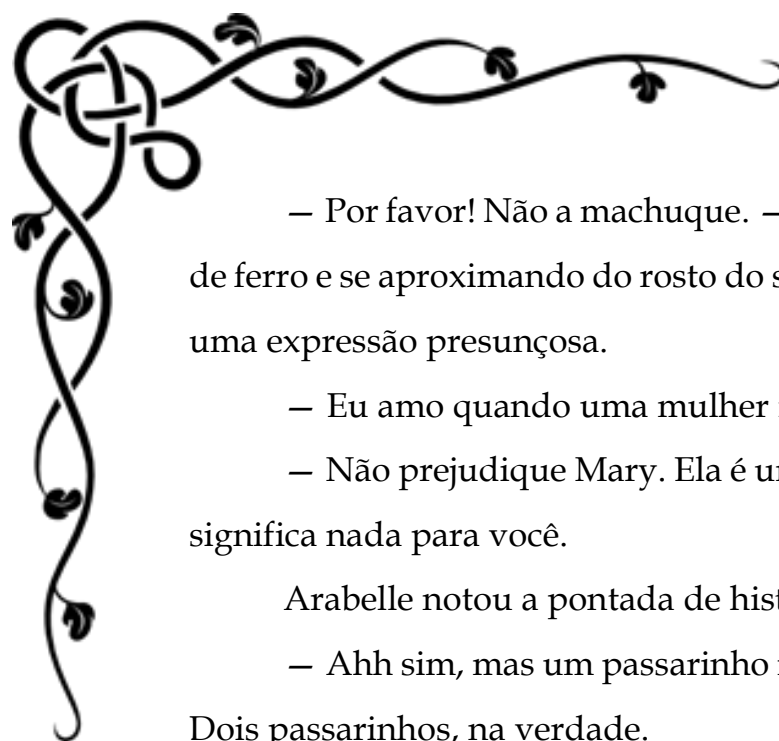
Ele se aproximou das barras, aparentemente satisfeito consigo mesmo.

— Você se lembra de mim. Isso vai deixar as coisas ainda mais prazerosas.

— O que você está fazendo com Mary? Ela não fez nada para a realeza. Se você tem que castigar alguém, *me* castigue.

— Oh, mas nós iremos.

O selvagem que se alimentou da garganta de Deek arrastou Mary pelos cabelos, para a mesa de madeira, enquanto ela gritava e agarrava seu braço.



— Por favor! Não a machuque. — Implorou Arabelle, agarrando as barras de ferro e se aproximando do rosto do sargento, que continuava a encará-la com uma expressão presunçosa.

— Eu amo quando uma mulher implora. E você é muito boa nisso.

— Não prejudique Mary. Ela é uma boa criada, nunca saiu da linha, e não significa nada para você.

Arabelle notou a pontada de histeria sobressaindo em sua voz.

— Ahh sim, mas um passarinho me disse que ela significa algo para você. Dois passarinhos, na verdade.

— Quem? — Perguntou Arabelle, em um sussurro, com um pressentimento ameaçador se apoderando de seus ossos.

— Lady Drusilla e Lady Penélope são mulheres muito encantadoras. Não sei por que fugiu de uma casa tão agradável.

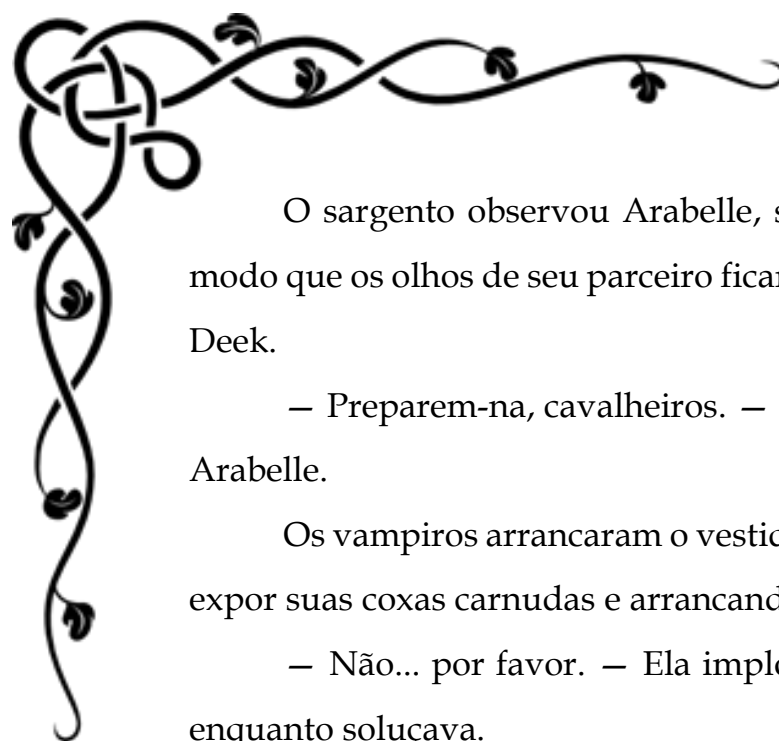
Tão desprezível quanto ela pensava que suas patroas eram na casa de Pervis, ela nunca pensou que elas fossem aliadas de assassinos. Ela desejou ter matado Drusilla enquanto dormia, como ameaçou anos atrás. E irmã também.

O sargento olhou para onde algemavam Mary na mesa.

— Não se preocupe. Sua hora vai chegar. Mas não antes de alguém ter uma palavrinha com você. — Ele agarrou uma das barras de ferro, cobrindo a mão dela. — E então você será *toda* minha.

Ele passou a língua sobre uma das presas afiada. Ela se afastou das grades, pressionando-se à parede.

Um gemido baixo provinha dos vampiros na sala, todos concentrados em Mary. Como uma série de lobos vorazes assistindo e aguardando o sinal de seu alfa, eles estavam parados e tensos, suas mãos de garras enroladas em seus lados. Dois deles estavam respirando pesadamente, com o peito subindo e descendo muito rápido.



O sargento observou Arabelle, seu olhar frio ficando negro, do mesmo modo que os olhos de seu parceiro ficaram um segundo antes de se lançar sobre Deek.

— Preparem-na, cavalheiros. — Disse Loman, ainda com o olhar fixo em Arabelle.

Os vampiros arrancaram o vestido de Mary, rasgando a saia ao meio para expor suas coxas carnudas e arrancando as mangas, para desnudar os braços.

— Não... por favor. — Ela implorou, sem sucesso, com lágrimas caindo enquanto soluçava.

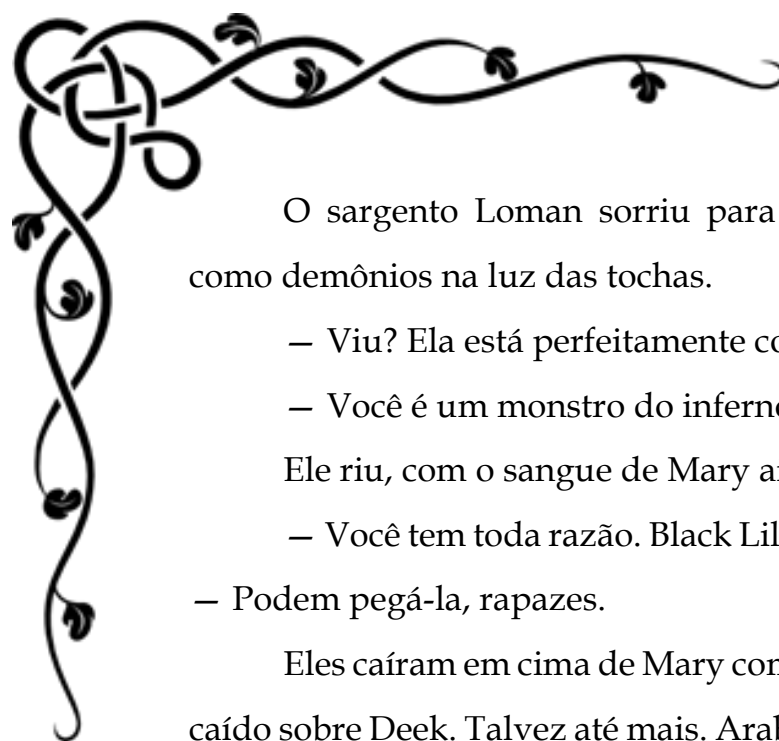
O selvagem afundou os dedos nos cabelos de Mary e bateu a cabeça dela na mesa, para fazê-la para de se contorcer.

O sargento Loman deixou sua posição ao lado da cela e circulou por trás daquela exibição horrível. Arabelle não conseguia desviar o olhar do horror diante dela, seu pulso batendo alto, latejando na cabeça e no peito. Seu medo era de uma força palpável, paralisando-a no lugar. O sargento se inclinou sobre Mary e acariciou seus cabelos suavemente, enquanto ela gemia e choramingava, olhando para o teto, enquanto eles ainda arrumavam suas correntes.

— Shhh. Vai ficar tudo bem agora. — Ele disse, curvando-se sobre ela e colocando um beijo em seus lábios. — Não tenha medo.

Ele fez uma demonstração digna de um verdadeiro amante, beijando seu maxilar, depois arrastando seus beijos pela garganta, enquanto sua mão vagava pelo peito dela, onde ele apertou, antes de afundar as presas em seu pescoço. Ela ofegou com dor, a boca se abriu, as costas arquearam e os punhos se fecharam.

Um estrondo de grunhidos reverberou na sala quando ele se levantou, com o sangue escorrendo livremente pelo pescoço, deixando um rastro fino na mesa, onde ele pingava e se acumulava. Os punhos dela se abriram e seu corpo relaxou. O elixir de vampiro estava tomando conta de seu corpo, hipnotizando seus sentidos em uma onda extasiante de prazer. Ou choque.



O sargento Loman sorriu para Arabelle, seus olhos negros brilhando como demônios na luz das tochas.

– Viu? Ela está perfeitamente contente agora. Não tem nada a temer.

– Você é um monstro do inferno.

Ele riu, com o sangue de Mary ainda escorrendo pelo queixo.

– Você tem toda razão. Black Lily. – Ele enxugou o queixo com a manga.

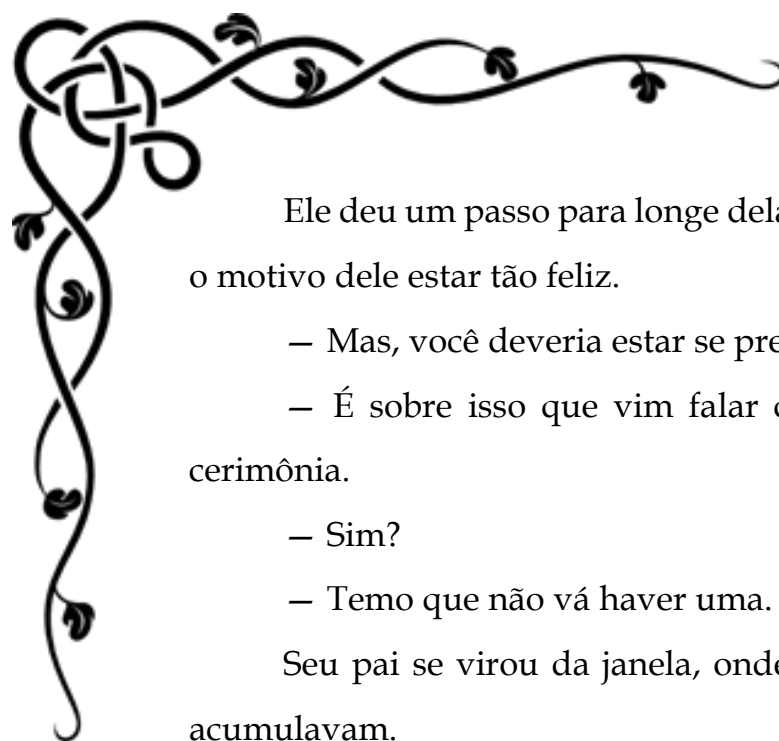
– Podem pegá-la, rapazes.

Eles caíram em cima de Mary com a mesma ferocidade animal que tinham caído sobre Deek. Talvez até mais. Arabelle pressionou as mãos sobre as orelhas para bloquear os gritos de Mary, depois deslizou pela parede e fechou os olhos. Mas isso não ajudou em nada. Ela ainda podia ouvir seus gemidos e grunhidos enquanto eles se alimentavam da pobre Mary, acabando com sua vida em um terror inevitável. Ela manteve os olhos fechados, não podia assistir aquelas criaturas devorá-la como se fosse um pedaço de carne em um prato. Ela não podia assistir Mary dar seu último suspiro. A doce Mary, que nunca machucou ninguém em toda a sua vida, sofreria uma morte tão terrível. Eles não eram vampiros. Eles eram monstros.



Marius marchou diretamente para o quarto de sua mãe. Ele ficou surpreso ao encontrar seu pai lá com ela, quando chegou. Reunindo toda sua coragem, achou que era até melhor contar a novidade para os dois juntos.

– Aí está você, querido. – Disse sua mãe, atravessando o quarto para pressionar um beijo de boas-vindas em sua bochecha. – Você parece tão feliz. E isso me faz feliz.



Ele deu um passo para longe dela. Ela mudaria o tom quando descobrisse o motivo dele estar tão feliz.

— Mas, você deveria estar se preparando para a cerimônia.

— É sobre isso que vim falar com você. — Disse Marius. — Sobre a cerimônia.

— Sim?

— Temo que não vá haver uma.

Seu pai se virou da janela, onde as nuvens de tempestade cinzentas se acumulavam.

— O que foi que você disse?

Sua mãe empalideceu.

— Eu acho que isso pode parecer, bem, um pouco fora do comum. Mas eu não amo a Princesa Vilhelmina. E não posso me casar com ela. Eu *não* vou me casar com ela. Ela e eu discutimos o assunto, e estamos de acordo.

— Bah. — Disse seu pai, acenando com a mão. — O amor é irrelevante. Vocês aprenderão a cuidar um do outro, como todos os casais derivados de compromissos arranjados. Que coisa mais sem sentido, Marius.

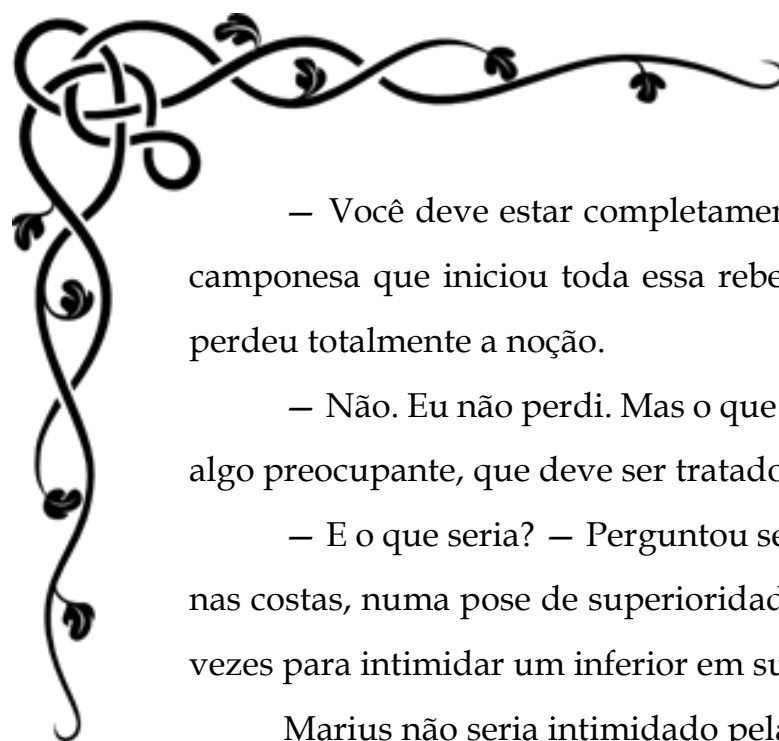
— É mais do que isso. — Ele declarou, tentando segurar a raiva. — Estou apaixonado por outra pessoa. Seria deslealdade. Eu compreendo que isso é altamente pouco ortodoxo. Mas, meus três irmãos são totalmente capazes de continuar a linhagem de Varis sem minha contribuição.

— Isso é loucura. — Gritou seu pai, sua mãe ficando indiferente e silenciosa. — Você desistiria de sua própria herança... como Rei de suas próprias terras, para quê? Por amor? Por uma garota? Quem é ela?

— É a camponesa. — Disse sua mãe.

Uma onda ameaçadora eletrificou a sala. Marius já havia sentido isso antes, no dia em que sua mãe lhe contou a história da menina e o zangão.

— Sim, — ele respondeu. — É ela.



— Você deve estar completamente louco. — Falou seu pai. — A mesma camponesa que iniciou toda essa rebelião em Sylus? Filho, eu acho que você perdeu totalmente a noção.

— Não. Eu não perdi. Mas o que posso dizer é que ela me deixou a par de algo preocupante, que deve ser tratado imediatamente.

— E o que seria? — Perguntou seu pai, avançando com as mãos cruzadas nas costas, numa pose de superioridade real, que ele havia usado mais de cem vezes para intimidar um inferior em submissão.

Marius não seria intimidado pela postura ou pelo poder de seu pai.

— Nós fomos infectados pela *furorem sanguinea*.

Seus pais trocaram um olhar de descrença.

— Impossível. — Declarou seu pai. — Nós saberíamos se alguém aparecesse com a compulsão por sangue.

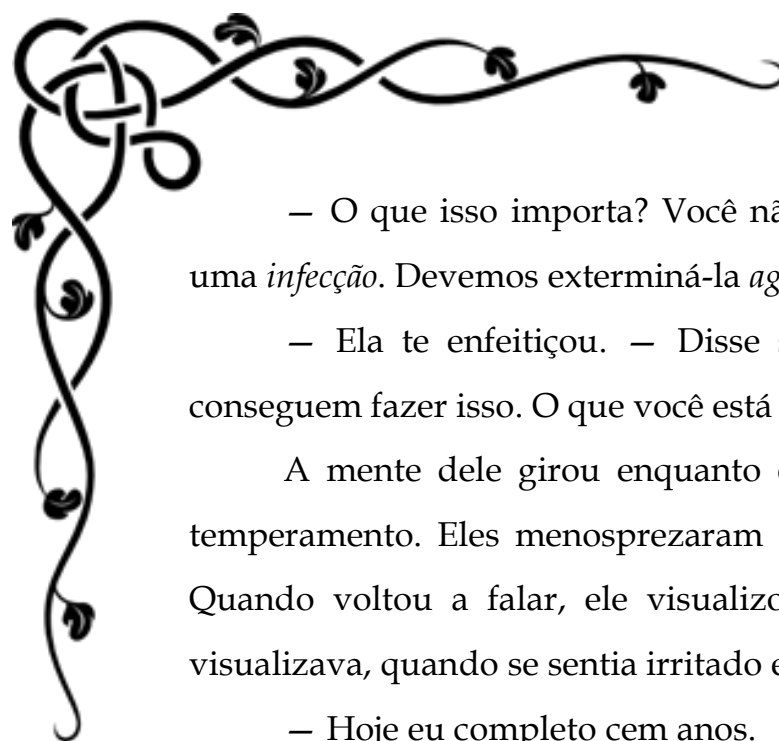
— Esta é a razão pela qual o Black Lily foi formado. Aparentemente, houveram corpos encontrados na floresta com frequência. Mortes por vampiros, corpos drenados de sangue.

— E quem lhe contou isso? — Perguntou sua mãe. — A menina? Ela fará qualquer coisa para te envolver, meu filho. Você não pode dar ouvido às suas mentiras.

Marius zombou.

— Ela não estava mentindo. Eu fiz minha própria investigação e descobri que tudo o que ela me disse era verdade. Na verdade, pior e muito maior do que suas alegações. Os infectados precisam ser encontrados e levados à justiça.

— *Tudo* o que ela te disse? — Seu pai cruzou os braços e alinhou os ombros, um sinal bem claro de sua ira crescente. Ele ignorou a revelação de Marius, sobre a compulsão por sangue ter se apoderado de seu reino, como se não tivesse a menor importância. — E quanto tempo você passou com essa mulher para ela lhe dizer tudo isso?



– O que isso importa? Você não entendeu o que eu disse? Nós temos uma *infecção*. Devemos exterminá-la *agora*, antes de se espalhar ainda mais.

– Ela te enfeitiçou. – Disse sua mãe. – Às vezes, esses humanos conseguem fazer isso. O que você está falando não faz sentido.

A mente dele girou enquanto ele tentou recuperar o controle de seu temperamento. Eles menosprezaram suas alegações e ignoraram a verdade. Quando voltou a falar, ele visualizou aquele lugar de calma que sempre visualizava, quando se sentia irritado e com raiva.

– Hoje eu completo cem anos.

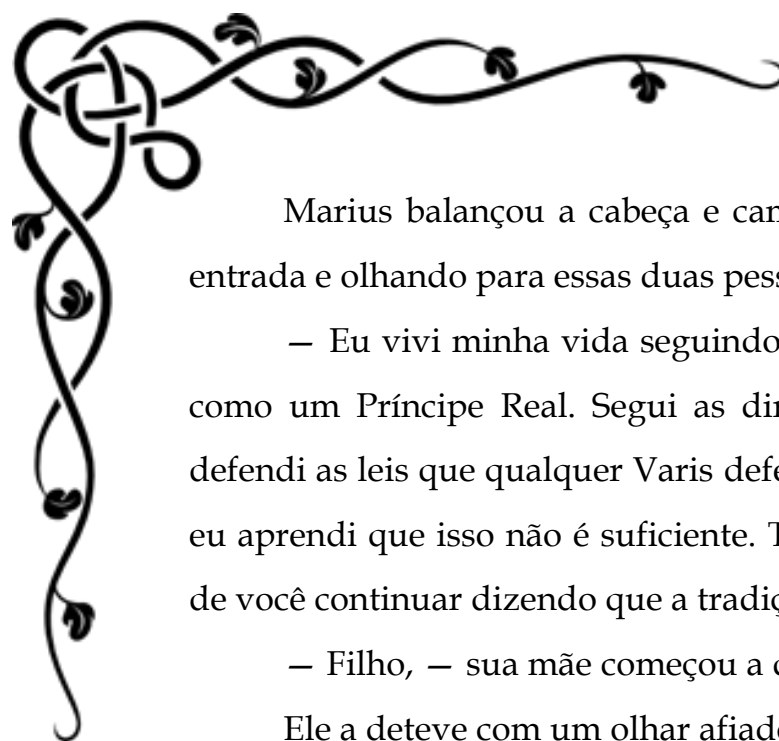
– Sim. – Sua mãe se aproximou. Seu exterior frio suavizou com adoração. – Você é meu filho mais novo, meu último filho, que chegou ao dia de reconhecer sua herança. O dia em que você passará a Reivindicar seu direito de nascimento como um Varis. E você quer jogar tudo fora. Por quê? Por uma *camponesa*, que nunca poderá ser Rainha ao seu lado? Você desistiria da sua noiva por ela? Da sua própria família, por ela? Por essa humana que incita os outros contra nós?

Marius percebeu, naquele momento, que não havia como explicar o que ele sentia ou o que ele acreditava ser correto e verdadeiro, de uma forma que eles compreendessem. Era como se eles fossem incapazes de entender qualquer coisa. Restava muito pouco a dizer, além do que ele já havia dito.

– Sim. Eu desistiria. Eu desisto.

– Vá. – Disse seu pai, acenando de maneira desdenhosa. – Sacie sua sede por ela, se você quiser. Depois, você irá assumir o seu lugar como Rei de Arkadia. Sua noiva vai esperar por você. Vamos nos certificar disso.

Saturado pelo quão pouco seus pais acreditavam na sinceridade de suas palavras, ele olhou para ambos por um momento tenso. Seu pai retornou para a posição diante da janela, olhando para o seu reino. Sua mãe sorriu, de uma forma que esfriou seu sangue. Ele não os reconhecia. Pior ainda, ele não os respeitava mais.



Marius balançou a cabeça e caminhou em direção à saída, parando na entrada e olhando para essas duas pessoas que ele não estimava mais.

— Eu vivi minha vida seguindo as expectativas estabelecidas para mim como um Príncipe Real. Segui as diretrizes do meu direito de nascença. E defendi as leis que qualquer Varis defenderia, para o bem do nosso povo. Mas eu aprendi que isso não é suficiente. Também não consigo entender o porquê de você continuar dizendo que a tradição tem precedência sobre a justiça.

— Filho, — sua mãe começou a dizer — me escute...

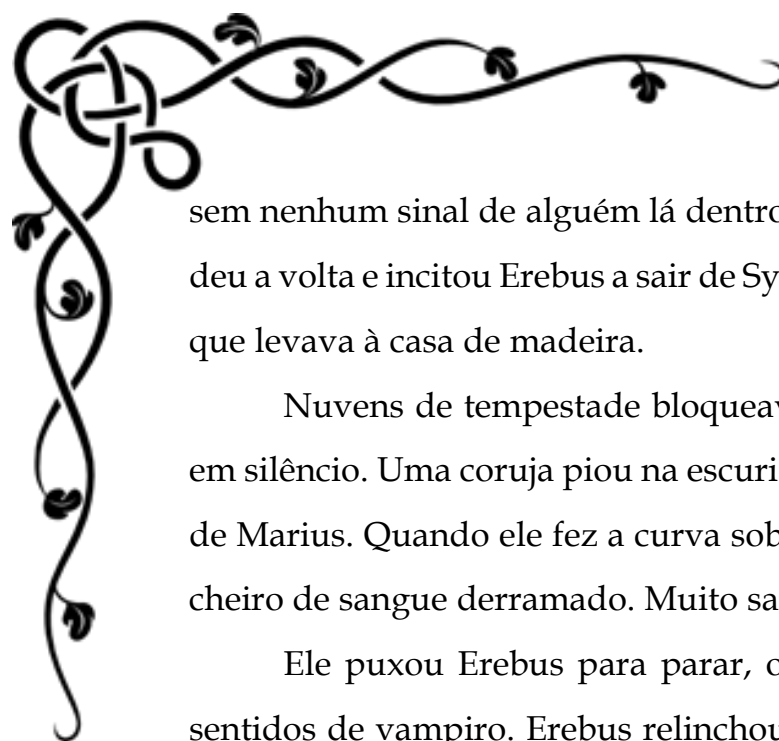
Ele a deteve com um olhar afiado e um movimento de mão.

— Precisei conhecer Arabelle - a mulher camponesa de quem você fala como se não fosse mais do que uma carcaça, para ser usada e jogada fora - para perceber que nosso mundo está desequilibrado. Desigual. Em riqueza, poder, oportunidade e *justiça*. — Ele berrou o último, incapaz de controlar seu temperamento. — Vocês podem se contentar em se esconder aqui na Torre de Vidro, ignorando suas verdadeiras responsabilidades como líderes justos e honestos. Mas, eu não posso.

Ele saiu da sala, a motivação impregnando totalmente seu espírito. Ele atravessou seu próprio gabinete, depois o salão de baile e as portas da frente, onde Erebus já havia sido entregue. Ele tinha enviado uma mensagem ao menino do estábulo no momento em que saiu dos jardins com a Princesa.

Ele estava montado e já ia saindo do pátio, quando percebeu que havia deixado o palácio com nada além das roupas no corpo. Ele não tinha nenhum plano. Nenhum curso de ação ou estratégia para sua próxima jogada. Tudo o que ele sabia era que amava Arabelle. E precisava dizer a ela, não importando o que ela diria em resposta. A urgência tomou conta dele rapidamente, empurrando-o a seguir em frente.

Através da escuridão silenciosa de Sylus, apenas o Silver Crown ainda estava aberto, com gargalhadas e vozes abafadas. Ele não viu Nikolai e sua tropa na estrada principal. Ele parou perto da casa e da loja do ferreiro, que estavam



sem nenhum sinal de alguém lá dentro e nem qualquer tipo de iluminação. Ele deu a volta e incitou Erebus a sair de Sylus, ao longo da trilha para Larkin Wood, que levava à casa de madeira.

Nuvens de tempestade bloqueavam a lua e as estrelas, cobrindo a noite em silêncio. Uma coruja piou na escuridão, causando arrepios sombrios na pele de Marius. Quando ele fez a curva sob um espesso conjunto de árvores, sentiu cheiro de sangue derramado. Muito sangue.

Ele puxou Erebus para parar, olhando para as sombras, atijando seus sentidos de vampiro. Erebus relinchou em protesto, esquivando-se como para escapar do cheiro da morte e da violência. O ar engrossou, com a tempestade que se aproximava trovejando à distância, como um gigante adormecido que rugia acordando.

— Eeii, calma, garoto.

Ele saltou da sela e seguiu o cheiro da morte até uma moita, onde o corpo de um homem tinha sido jogado, de bruços, com os membros amarrados. Agarrando o ombro do homem morto, ele o virou.

O ferreiro.

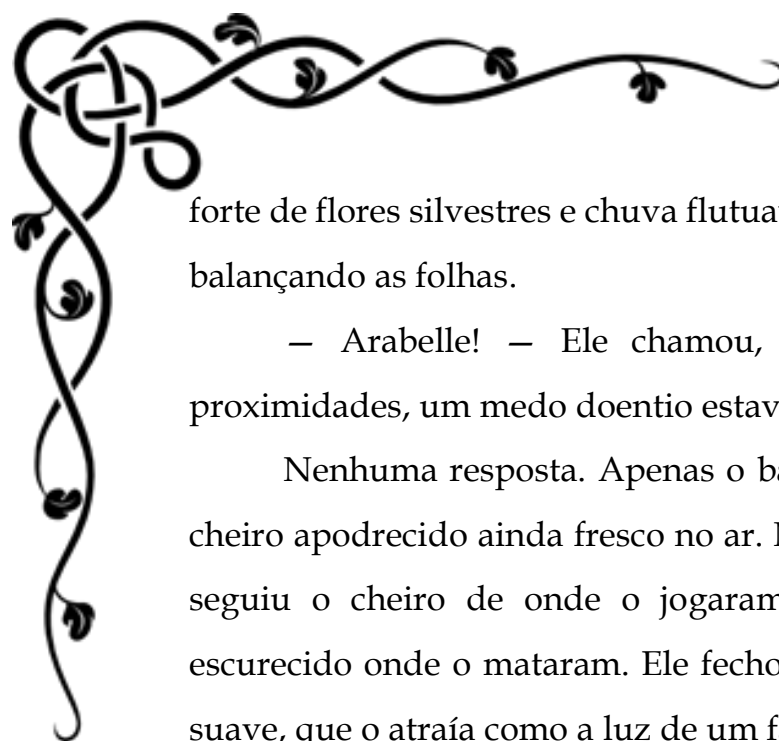
Ele tinha a garganta aberta e as entranhas expostas, seu corpo estava completamente drenado de sangue.

Quando se lembrou do momento da troca da Princesa pelos camponeses, ele tinha visto Arabelle montando ao lado do ferreiro. Seu coração parou.

Houve um movimento na floresta. Erebus relinchou. Marius assumiu uma posição de luta, procurando a origem do som. Não muito longe, estava Willow. Ele correu para ela, mas a égua estremeceu com medo e tentou se afastar. Sua perna estava machucada.

— Calma, menina. — Ele sussurrou — Calma, garota.

Então ela o reconheceu, pois parou e balançou a cabeça em direção a ele. Ele se aproximou e acariciou seu pescoço com movimentos suaves. O cheiro



forte de flores silvestres e chuva flutuava sobre ele. O vento sacudiu as árvores, balançando as folhas.

— Arabelle! — Ele chamou, esperando que ela tivesse caído nas proximidades, um medo doentio estava atravessando seu corpo.

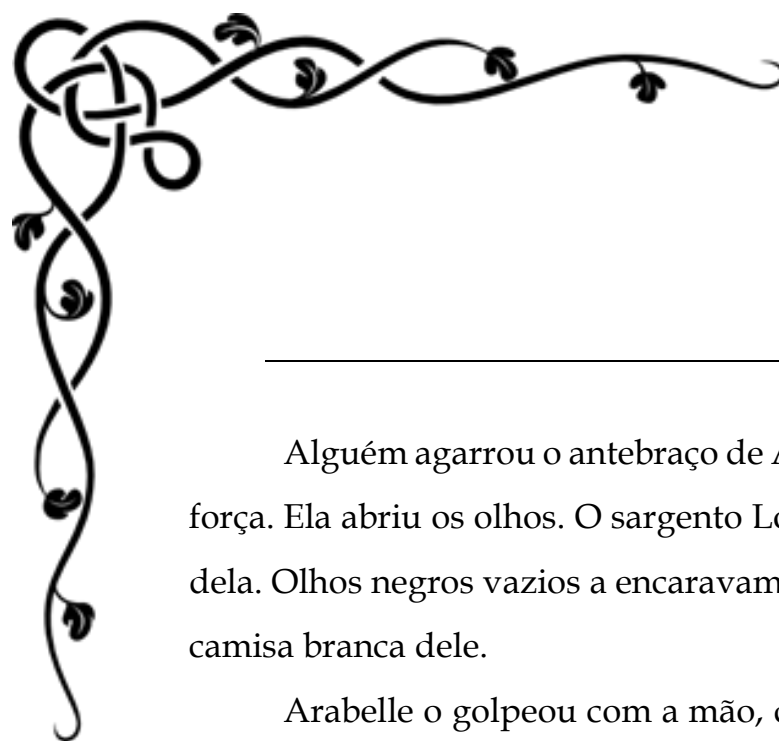
Nenhuma resposta. Apenas o barulho de Erebus, desconfortável com o cheiro apodrecido ainda fresco no ar. Marius voltou para o corpo do ferreiro e seguiu o cheiro de onde o jogaram da estrada, encontrando o gramado escurecido onde o mataram. Ele fechou os olhos e procurou sentir o perfume suave, que o atraía como a luz de um farol.

E lá estava. Ele seguiu para o lado do chão embebido de sangue. Sim, ela esteve ali, provavelmente assistindo enquanto eles matavam seu amigo. Havia tantos odores de vampiros misturados com o perfume de Arabelle, que seguiam para fora da floresta, para campo aberto. Ele olhou para cima, enquanto seu peito batia com uma fúria incontrollável, enquanto encarava o lugar para onde a trilha do cheiro conduzia.

Sua casa.

As luzes da Torre de Vidro brilhavam majestosamente contra o céu noturno e a tempestade. Ali, sua amada havia sido levada contra a vontade dela. Ali, os vampiros com *furorem sanguinea* haviam arrastado ela para algum lugar improvisado, nas masmorras do palácio. Pois era o único lugar onde ele não teria sentido seu cheiro e onde ninguém teria visto a prisioneira de cabelos claros.

Engolindo o pavor que ameaçava fechar sua garganta, ele fechou os punhos ao lado do corpo e vislumbrou um raio no céu escuro. Tomado por uma fúria enlouquecedora, ele correu para o palácio a pé, imaginando como ele destruiria os sequestradores. Ele os rasgaria ao meio com as próprias mãos.



Capítulo 28

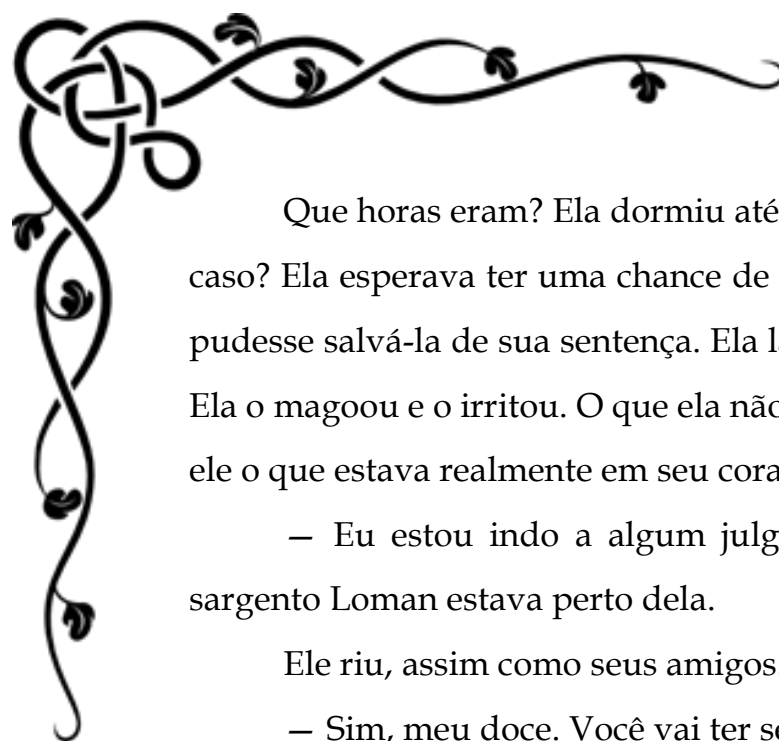
Alguém agarrou o antebraço de Arabelle e afastou sua mão da orelha com força. Ela abriu os olhos. O sargento Loman, a criatura, estava agachada diante dela. Olhos negros vazios a encaravam. O sangue havia manchado o queixo e a camisa branca dele.

Arabelle o golpeou com a mão, derrubando-o. Ela se apressou para uma posição de pé e se preparou para se defender. Ele riu enquanto dois vampiros arrastaram o corpo sem vida de Mary da cela, deixando um rastro de mancha escura pelo caminho.

— Ainda resta alguma luta em você, hein? Bem, é melhor você vir comigo em silêncio. Alguém quer te conhecer.

Percebendo que a estavam levando desta sala de tortura e morte, ela não resistiu quando ele agarrou seu braço e a empurrou para a frente. O selvagem com as presas afiadas estava andando na frente dela, bloqueando sua visão enquanto eles atravessavam um corredor escuro, passando cela após cela, indo cada vez mais para dentro da masmorra.

Alguém bateu suas correntes enquanto se movia na escuridão silenciosa de uma cela. Outra pessoa chorou e fungou. Arabelle se perguntou sobre os crimes cometidos por esses prisioneiros, para serem trancados neste lugar frio e úmido. Ela engoliu o medo que tentava fechar sua garganta, sabendo muito bem que ela cometeu crimes hediondos contra a coroa. Havia apenas uma penalidade para um crime desse tipo. Mas, geralmente, era o contrário – primeiro os criminosos eram levados para fora, ao ar livre, diante de um tribunal e depois enfiados em um calabouço, e não retirados do calabouço para sair ao ar livre.



Que horas eram? Ela dormiu até o amanhecer? Marius seria o juiz de seu caso? Ela esperava ter uma chance de vê-lo mais uma vez, mesmo que ele não pudesse salvá-la de sua sentença. Ela lamentou seus últimos momentos juntos. Ela o magoou e o irritou. O que ela não faria para voltar no tempo e confessar a ele o que estava realmente em seu coração.

— Eu estou indo a algum julgamento? — Perguntou, sabendo que o sargento Loman estava perto dela.

Ele riu, assim como seus amigos.

— Sim, meu doce. Você vai ter seu próprio julgamento particular.

Os cabelos na parte de trás do pescoço dela ficaram de pé com o tom sinistro de sua voz. Não seria um julgamento formal. Então, o que aconteceria? Para onde eles estavam indo?

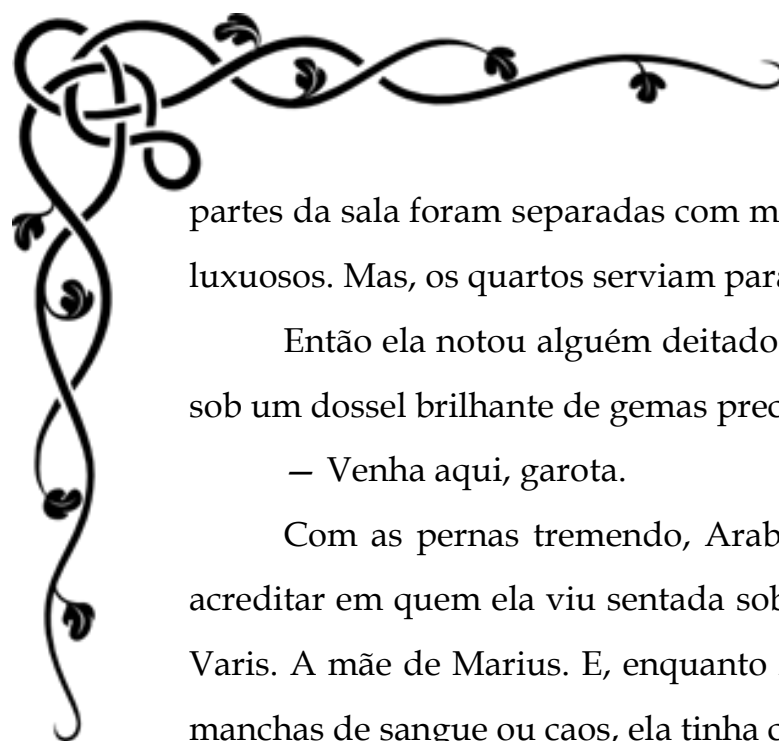
Eles fizeram uma curva sinuosa, descendo novamente por uma ladeira. Ela precisou se equilibrar nos estreitos muros do corredor, a escuridão estava grossa como veludo. Finalmente, eles chegaram a uma porta de ferro. O selvagem abriu a porta com uma chave. A porta se abriu muito facilmente para uma porta que parecia ser velha e sem uso, pois ela podia ver o mofo e a ferrugem crescendo ao longo dos sulcos e rebites, pela luz das tochas.

No beco do corredor, o sargento a empurrou para baixo em uma escada sinuosa. Esperando para sair em outra sala infernal de pedra, ela ficou surpresa quando eles pisaram dentro de um terreno nivelado, em um tapete vermelho de pelúcia, onde as cortinas finas pendiam de uma extremidade para a outra e a luz de velas banhava a sala com um brilho suave.

Arabelle parou, incapaz de discernir as formas além do véu branco.

— Continue. — Disse ele, empurrando-a para a frente.

Ela atravessou a cortina fina, como se estivesse em algum tipo de fantasia exótica. À primeira vista, não viu nada além de almofadas de seda e cortinas do chão ao teto, em uma miríade de cores: vermelho, ouro, prata, roxo, preto. As



partes da sala foram separadas com mais cortinas transparentes, como quartos luxuosos. Mas, os quartos serviam para o quê?

Então ela notou alguém deitado sobre uma torre de almofadas de prata, sob um dossel brilhante de gemas preciosas penduradas em cordas.

— Venha aqui, garota.

Com as pernas tremendo, Arabelle deu um passo à frente, incapaz de acreditar em quem ela viu sentada sobre aquele trono fantástico - a Rainha de Varis. A mãe de Marius. E, enquanto Arabelle não via nenhuma evidência de manchas de sangue ou caos, ela tinha certeza de que este era um lugar de ações nefastas. Uma câmara escondida nas profundezas mais sombrias da masmorra era o lugar perfeito para se esconder dos olhos de outros vampiros. A Rainha sabia sobre a compulsão por sangue o tempo todo.

Vestida com uma seda preta, que abraçava sua forma perfeita, a Rainha observava Arabelle com uma calma predatória, enquanto ela se aproximava. Ela acenou para o sargento Loman, que imediatamente sentou sobre a cama de seda, com a cabeça apoiada sobre um travesseiro sob o braço, como uma criança enrolada ao lado de sua mãe. Ela afastou o cabelo do rosto dele.

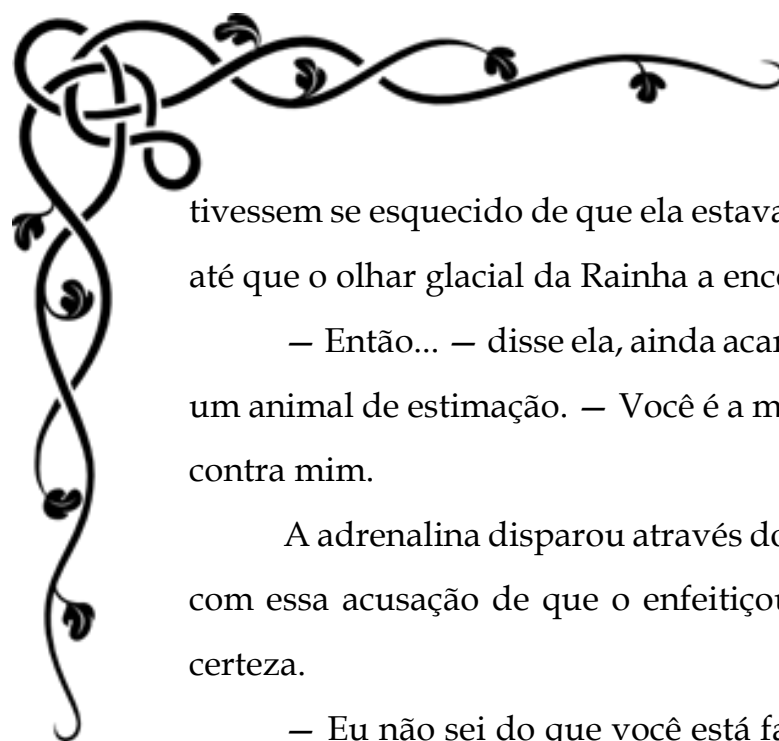
— Você precisa se limpar após se alimentar, meu querido.

— Sim, minha Rainha. Você nos convocou enquanto nos saciávamos. Peço desculpas.

Seus olhos negros se tornaram azuis como gelo, enquanto ele olhava para ela com um olhar de pura adoração. Arabelle ficou enojada com o que estava vendo e focou em não permitir que seus joelhos cedessem ao medo e ao choque.

— Tudo bem. — Ela cantarolou. — Você ainda não terminou de se alimentar. Depois, você pode se limpar e voltar para mim, por sua recompensa.

Ela passou os dedos na gola em V de sua camisa e deslizou a mão abaixo, tocando-o, acariciando-o. O homem chegou a grunhir apenas com seu toque, os olhos se fecharam e ele soltou um gemido erótico. Ela pensou que talvez eles



tivessem se esquecido de que ela estava ali, assim como os vampiros atrás deles, até que o olhar glacial da Rainha a encontrou mais uma vez.

— Então... — disse ela, ainda acariciando o sargento Loman, como se fosse um animal de estimação. — Você é a mulher que enfeitiçou meu filho. E o virou contra mim.

A adrenalina disparou através do corpo de Arabelle ao pensar em Marius, com essa acusação de que o enfeitiçou. Marius agora a desprezava, ela tinha certeza.

— Eu não sei do que você está falando. — Sua voz tremia, apesar de sua tentativa de se acalmar.

— Sim, você sabe. — Ela se apoiou no estrado. — Você sabe muito bem o que você fez. Mas, eu estou aqui para lhe dizer que isso não importa mais. Uma vez que estiver morta, ele vai se esquecer de você. Ele tomará sua noiva e seu lugar legítimo no trono de Arkadia.

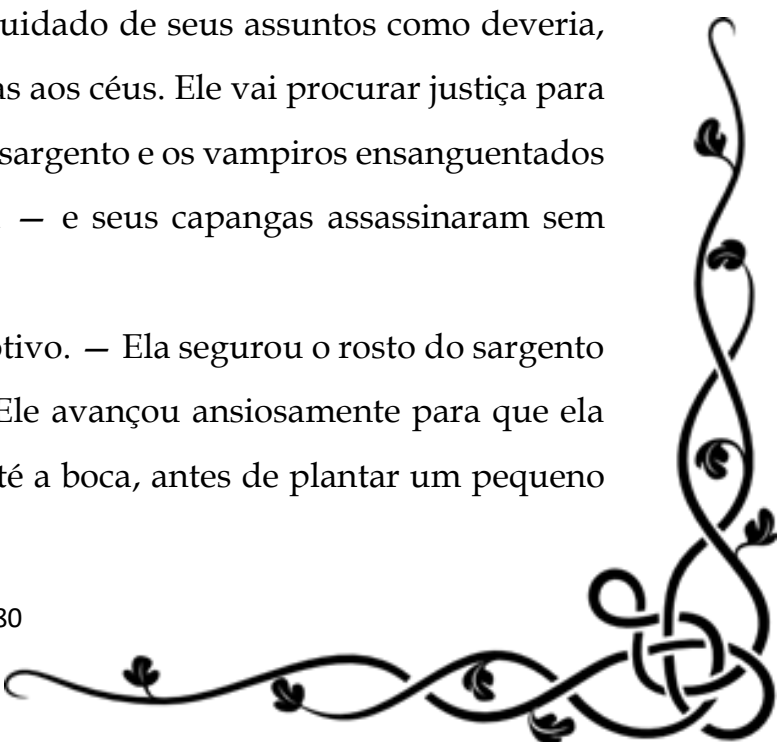
Com o coração acelerado, Arabelle encolheu os ombros como se o que a Rainha disse não a tivesse ferido por dentro.

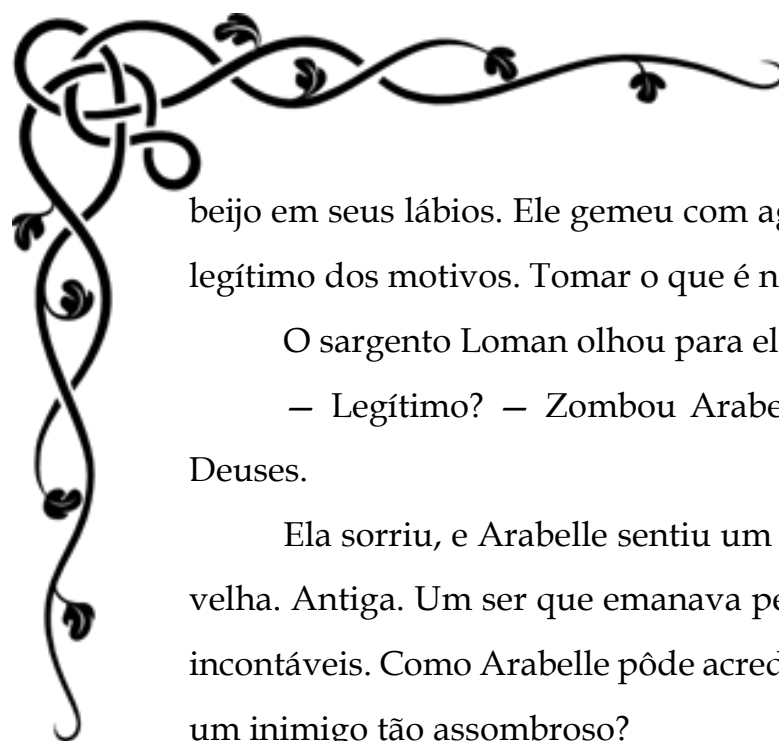
— Pode até ser... Mas, você não conhece seu filho tão bem assim como você pensa.

— Sério? Por favor, esclareça-me.

— Mesmo depois que eu morrer, ele não vai me esquecer ou esquecer de seu povo. Você, obviamente, não tem cuidado de seus assuntos como deveria, mas ele não é nada parecido você, graças aos céus. Ele vai procurar justiça para aqueles que você... — ela acenou para o sargento e os vampiros ensanguentados que estavam de guarda em torno dela — e seus capangas assassinaram sem motivos.

— Oh, garotinha. Não foi sem motivo. — Ela segurou o rosto do sargento para aproximá-lo ainda mais do dela. Ele avançou ansiosamente para que ela pudesse lamber uma linha do queixo até a boca, antes de plantar um pequeno





beijo em seus lábios. Ele gemeu com agonia quando ela se afastou. — É o mais legítimo dos motivos. Tomar o que é nosso por direito.

O sargento Loman olhou para ela completa e totalmente em êxtase.

— Legítimo? — Zombou Arabelle. — Direito de vocês? Vocês não são Deuses.

Ela sorriu, e Arabelle sentiu um tremor subir pela espinha. A Rainha era velha. Antiga. Um ser que emanava perigo, cuja presença sussurrava segredos incontáveis. Como Arabelle pôde acreditar que o Black Lily poderia lutar contra um inimigo tão assombroso?

— Mas é aí que você se engana. — Ela sorriu para a criatura ao seu lado e direcionou seu olhar para Arabelle, estreitando os olhos. — *Nós* somos Deuses. E *eu* governo sobre todos eles.

Endireitando as costas, Arabelle elevou o queixo.

— Uma governante que não se importa com os assuntos do governo não é uma verdadeira governante, Rainha ou Deusa, para mim. Mesmo que você me mate, o Black Lily vai viver para lutar por um mundo melhor, sem você nele.

— Eu duvido disso. E, se o fizerem, simplesmente os esmagarei, como fiz com todos os rebeldes e revolucionários que vieram antes de você.

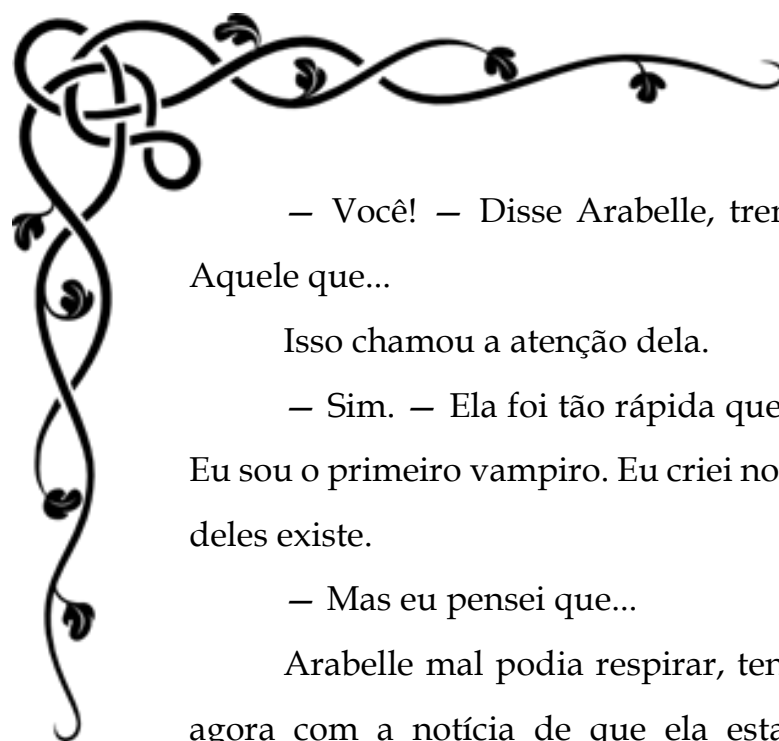
— O que você quer dizer? Conheço bem a nossa história. Nunca houve uma revolução humana antes.

— Não, não uma revolução. Eliminei qualquer resistência antes que pudessem sequer começar.

Confusos, os pensamentos de Arabelle percorreram pela história e pelo tempo, procurando um momento em que os rebeldes haviam se deparado com a monarquia dos vampiros. Não houve nenhum, nem uma única vez. Nunca houve um momento em que...

— Espera aí, você está falando do início de tudo?

A Rainha Morgrid a ignorou, acariciando o vampiro hipnotizado ao seu lado. A realização a atingiu com uma onda chocante de náusea.



— Você! — Disse Arabelle, tremendo. — Você foi o *primeiro* vampiro. Aquele que...

Isso chamou a atenção dela.

— Sim. — Ela foi tão rápida que Arabelle não detectou o movimento. — Eu sou o primeiro vampiro. Eu criei nossa raça. É por minha causa que cada um deles existe.

— Mas eu pensei que...

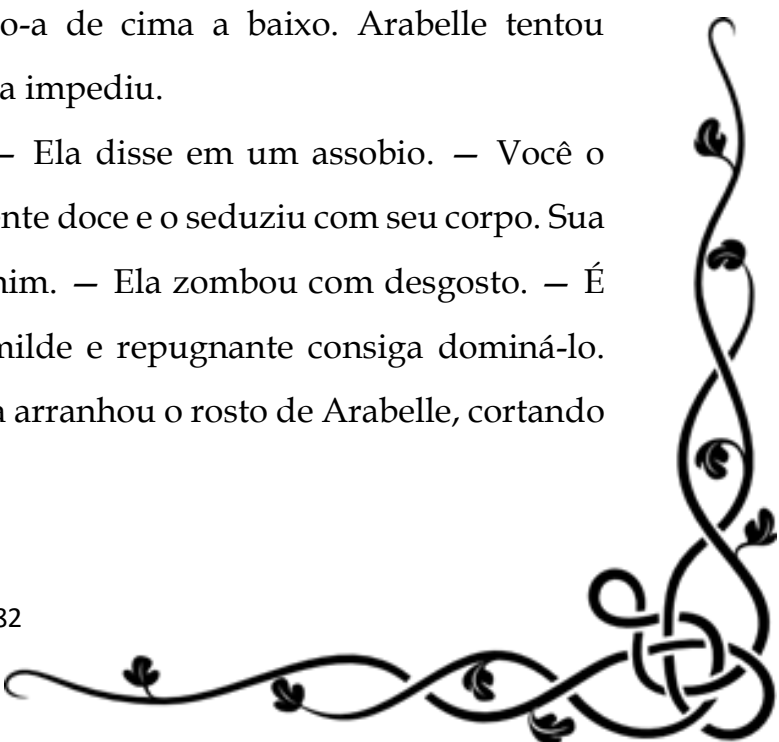
Arabelle mal podia respirar, tendo crescido com o trauma que sofreu e agora com a notícia de que ela estava diante do vampiro mais poderoso existente. A pessoa transformada pela *Hartstone* em uma criatura imortal, que se alimentava da força vital dos humanos.

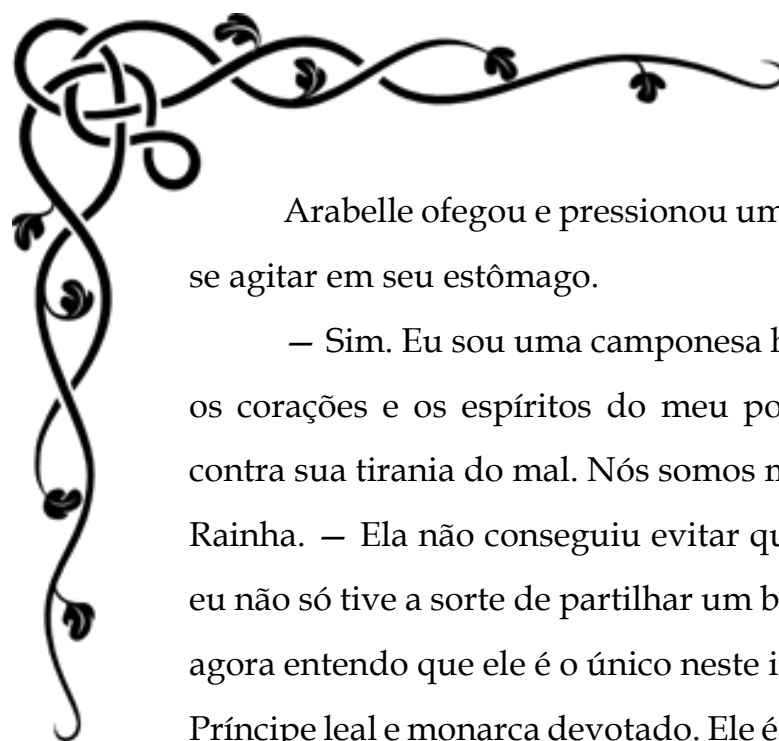
— A história nos diz que foi o Rei Grindal. — Arabelle falou em um sussurro, como se tentasse se convencer de que o que ela acabara de perceber não era verdade.

— A história diz o que eu quero que ela diga. É mais fácil governar das sombras, através de um fantoche. Ele tem cumprido bem seu papel. Até agora.

Ela falou sobre o marido como se ele fosse um objeto. Mas, é claro, ela via todos eles como objetos, seja para ajudá-la a realizar seus desejos ou como obstáculos para alcançá-los. Uma escuridão negra tingiu sua íris e o branco de seus olhos, e Arabelle temia estar olhando para um demônio em vez de uma Deusa. Ela se aproximou, examinando-a de cima a baixo. Arabelle tentou recuar, mas um dos homens da Rainha a impediu.

— Você envenenou meu filho. — Ela disse em um assobio. — Você o infectou com seu cheiro insuportavelmente doce e o seduziu com seu corpo. Sua própria existência é abominável para mim. — Ela zombou com desgosto. — É imperdoável que uma camponesa humilde e repugnante consiga dominá-lo. Você não é digna de sua lealdade. — Ela arranhou o rosto de Arabelle, cortando sua bochecha.





Arabelle ofegou e pressionou uma mão em sua bochecha, sentindo a fúria se agitar em seu estômago.

— Sim. Eu sou uma camponesa humilde. Sou aquela que conseguiu tocar os corações e os espíritos do meu povo, para que pudéssemos nos levantar contra sua tirania do mal. Nós somos mais numerosos do que você sabe, minha Rainha. — Ela não conseguiu evitar que seu tom transbordasse sarcasmo. — E eu não só tive a sorte de partilhar um breve momento com seu nobre filho. Mas, agora entendo que ele é o único neste império que realmente merece o título de Príncipe leal e monarca devotado. Ele é um verdadeiro nobre. — Arabelle queria controlar sua língua, mas não conseguiu. — O resto de vocês não passa de um ninho de víboras, que merecem ser jogados no poço do inferno.

Um coro de rosnadas e assobios se elevou com sua última observação.

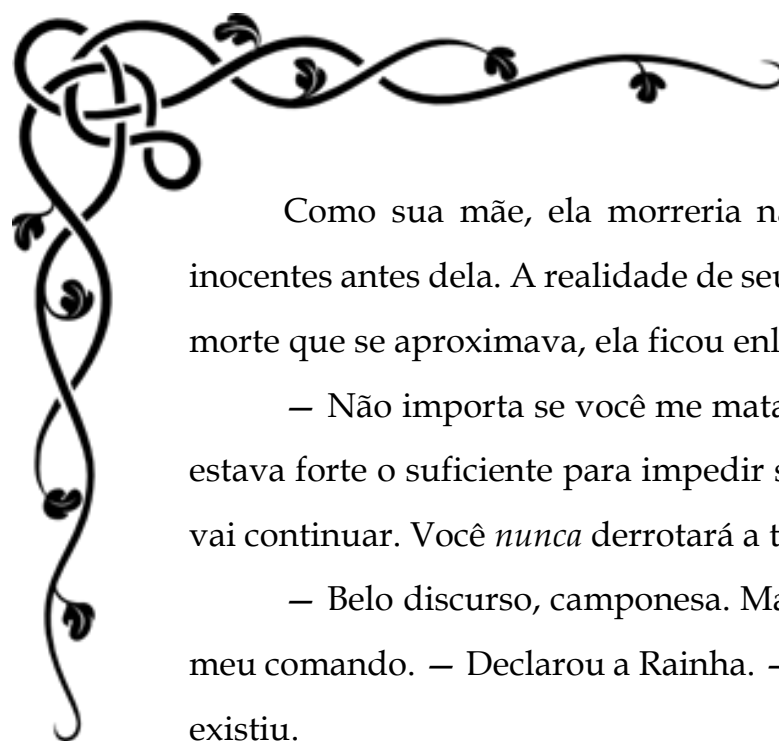
— Eu já terminei com ela, Adrian. — Os olhos da Rainha brilhavam de raiva. — Beba do sangue dela. Até que não reste mais nenhuma gota.

O instinto de luta de Arabelle se ativou com o pânico. Ela se afastou do vampiro selvagem e correu para se esconder atrás da cortina, apenas para esbarrar diretamente no corpo firme de outro guarda. Ele a levantou pela cintura, atirou-a por cima do ombro e a levou de volta pela cortina, onde a deixou cair no tapete vermelho.

— Obrigada, Radomir. — Disse a Rainha, com uma calma relaxante.

Antes que Arabelle pudesse piscar, outros vampiros a seguravam pelas costas, apertando seus pulsos e tornozelos. O sargento a encarou, enquanto sentava sobre ela, acabando com qualquer chance que ela tinha de tentar lutar livremente.

— Eu esperei muito tempo por isso. — Ele passou uma mão ao redor de sua garganta, pressionando a cabeça dela para o chão. — Relaxe. Você pode até gostar disso. Antes de morrer.



Como sua mãe, ela morreria nas mãos de um vampiro. Como tantos inocentes antes dela. A realidade de seu destino a atingiu. Em vez de temer pela morte que se aproximava, ela ficou enlouquecida com a raiva.

— Não importa se você me matar. — Ela disse, enquanto seu aperto não estava forte o suficiente para impedir seu discurso. Ainda não. — O Black Lily vai continuar. Você *nunca* derrotará a todos nós.

— Belo discurso, camponesa. Mas você está errada. Todos morrerão, sob meu comando. — Declarou a Rainha. — E Marius vai esquecer que um dia você existiu.

— Cale essa boca, sua prostituta imunda. — Disse o sargento, apertando sua garganta.

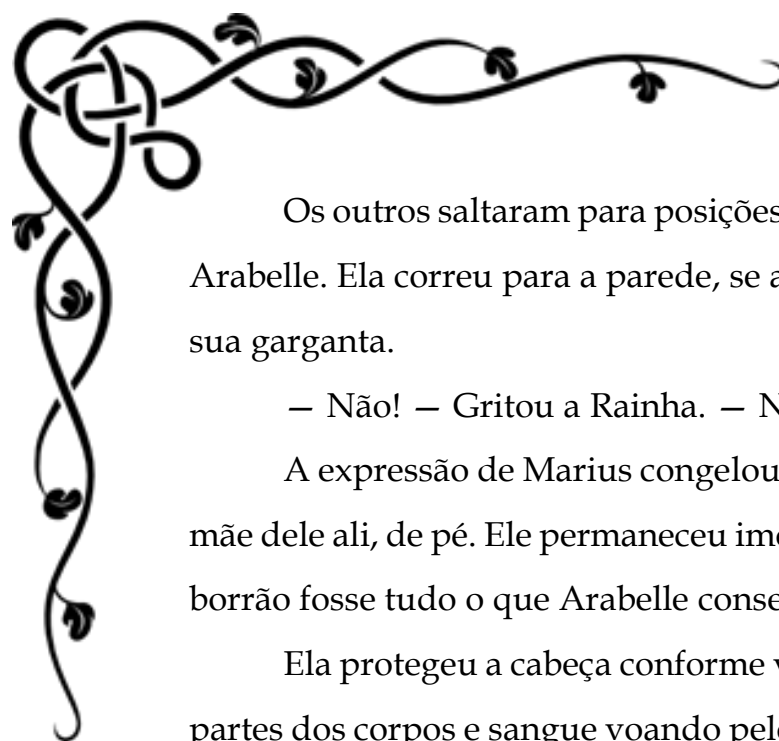
Arabelle bateu os braços e as pernas sem sucesso, suas vias aéreas se fechando cada vez mais. Ela podia sentir o sangue correndo para o rosto dela. A luz estava diminuindo. Alguns segundos mais e ela sucumbiria, nunca se vingando por Deek e Mary, nunca tendo levado seu povo à liberdade, nunca tendo dito a Marius que ela o amava, de coração e alma.

— Não, Adrian. — Disse a Rainha, com a voz calma. — Eu quero que ela sofra, que sinta dor, não que tenha uma morte rápida. Beba seu sangue.

Ele soltou sua garganta. Ela sugou uma enorme quantidade de ar, mas o demônio ainda não tinha terminado. Ele sorriu para sua presa. Suas pupilas se dilataram e escureceram completamente, mostrando suas presas ferozes. Ele rosnou fundo, abriu a boca e...

Um grunhido perverso trovejou através do quarto, quando um borrão que ela não conseguiu distinguir entrou e colidiu contra o sargento, levantando-o pela garganta e depois o esmagando na parede. Seu crânio rachou com o impacto, fazendo um barulho horrível. Então, ele caiu no chão, com seu assassino olhando furiosamente para os vampiros restantes na sala.

— Marius. — Sussurrou Arabelle.



Os outros saltaram para posições defensivas, liberando seu controle sobre Arabelle. Ela correu para a parede, se afastando e pressionando uma palma em sua garganta.

— Não! — Gritou a Rainha. — Não o machuquem.

A expressão de Marius congelou horrorizada, quando percebeu que era a mãe dele ali, de pé. Ele permaneceu imóvel por mais um segundo, antes que um borrão fosse tudo o que Arabelle conseguiu ver.

Ela protegeu a cabeça conforme vampiros colidiram contra a parede, com partes dos corpos e sangue voando pelo ar. Um braço arrancado caiu aos pés de Arabelle. Uma cabeça cortada bateu na parede, perto dela. Era a cabeça do selvagem que tinha tido tanto prazer em matar Deek. Arabelle se agarrou à amarga justiça, sabendo que pelo menos alguém havia tido o que merecia. Ela engoliu a bile na garganta, enquanto ouvia uma cacofonia de grunhidos e gritos de dor, quando o estalar dos membros e a trituração de ossos atingiam seu pico, depois morriam, de uma só vez, com sangue quente e úmido salpicados sobre as almofadas de seda e as cortinas.

De pé no centro da sala, coberto de sangue além do reconhecimento, estava Marius. O peito dele subia e descia, enquanto ele ficava diante de sua mãe, ainda transbordando raiva. Arabelle nunca tinha visto a expressão primitiva e brutal com que ele olhava para a Rainha.

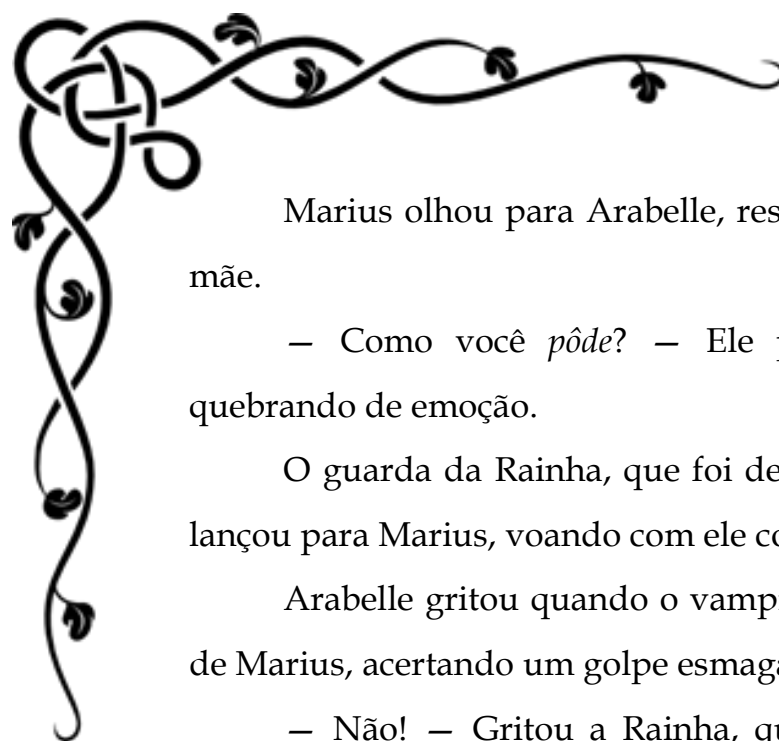
— Você faria isso comigo? — Ele a agarrou pela garganta. Ela não lutou contra ele. — Matar a única mulher que eu já amei?

— Marius, meu filho. — Seu tom tinha suavizado daquele que ela falara com Arabelle. Quase como se ela fosse uma mulher completamente diferente.

— Você não entende a importância de tomar seu direito de nascimento.

— Cale essa boca! O que eu entendo é que você não vai parar por nada, para conseguir o que deseja. Esses vampiros tinham compulsão por sangue.

— Ela sabia. — Disse Arabelle, ficando finalmente de pé, ainda que paralisada.



Marius olhou para Arabelle, respirando fundo antes de voltar para sua mãe.

— Como você *pôde*? — Ele perguntou em um sussurro, sua voz quebrando de emoção.

O guarda da Rainha, que foi derrubado e estava quase inconsciente, se lançou para Marius, voando com ele contra a parede.

Arabelle gritou quando o vampiro musculoso saltou e pousou em cima de Marius, acertando um golpe esmagador no rosto dele.

— Não! — Gritou a Rainha, que estava caída de volta ao estrado de travesseiros. — Radomir, pare!

Os dois caíram pelo chão, em uma confusão de punhos. Então, Marius gritou quando o guarda afundou suas presas em seu ombro.

— Pare! — Gritou a Rainha.

Marius jogou o homem do outro lado da sala. Ele bateu na parede acima da cabeça de sua mãe antes de pousar ao lado dela, onde caiu fazendo um barulho alto e obviamente ferido, mas ainda pronto para defender sua Rainha. Ela colocou uma mão em seu ombro para mantê-lo ao lado dela.

— Chega, Radomir. — Disse ela.

Marius percorreu a sala, com o ombro sangrando e envolveu Arabelle em seus braços.

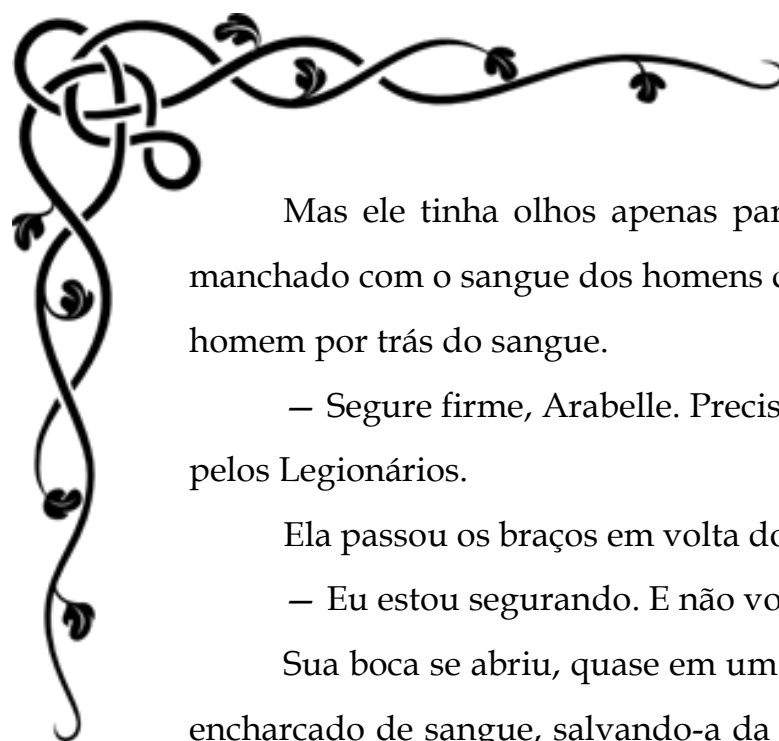
— Marius. — A Rainha o chamou, com desespero. — Eu sou sua própria carne e sangue.

Ele se virou para a cortina rasgada, que agora estava caída no chão, revelando as paredes de um calabouço de pedra fria, quebrando a ilusão de fantasia da sala.

— Você não é mais minha mãe. E eu não sou mais o seu Príncipe. Ou seu filho. Você não é mais nada para mim.

Ele atravessou a porta e subiu os degraus.

— Marius! — Ela gritou atrás dele.



Mas ele tinha olhos apenas para Arabelle. Embora seu rosto estivesse manchado com o sangue dos homens que ele acabara de matar, ela podia ver o homem por trás do sangue.

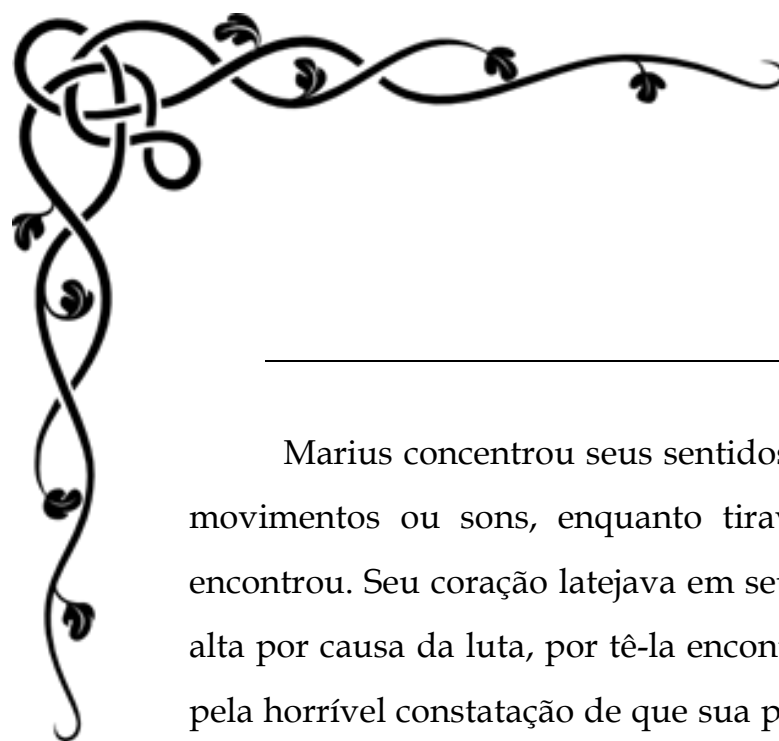
— Segure firme, Arabelle. Precisamos ir bem rápido se quisermos passar pelos Legionários.

Ela passou os braços em volta do pescoço dele.

— Eu estou segurando. E não vou soltar.

Sua boca se abriu, quase em um sorriso, e então ele a tirou do calabouço encharcado de sangue, salvando-a da morte. Mas, ainda mais, provando a ela que sua teoria original estava errada, que nem todos os vampiros eram doentios, que nem todos os vampiros mereciam morrer por seus crimes contra a humanidade. Marius não era apenas um Príncipe vampiro. Ele era bom e corajoso, disposto a se afastar do único mundo que conhecia pelo que era certo e justo.

Por ela.



Capítulo 29

Marius concentrou seus sentidos ao redor deles, detectando os menores movimentos ou sons, enquanto tirava Arabelle do inferno em que ele a encontrou. Seu coração latejava em seus ouvidos, sua adrenalina ainda estava alta por causa da luta, por tê-la encontrado a apenas dois segundos da morte, pela horrível constatação de que sua própria mãe estava no comando - não só da execução de Arabelle, mas também dessa gangue de vampiros que estavam, obviamente, infectados com a compulsão por sangue.

Ela sabia o tempo todo.

Ele apagou os pensamentos de sua mãe e mais uma vez se concentrou na tarefa em questão; tirar Arabelle deste lugar e levá-la para longe. Finalmente, ele abriu caminho para a entrada, onde um Legionário estava de plantão.

— Abra a porta. — Ele ordenou.

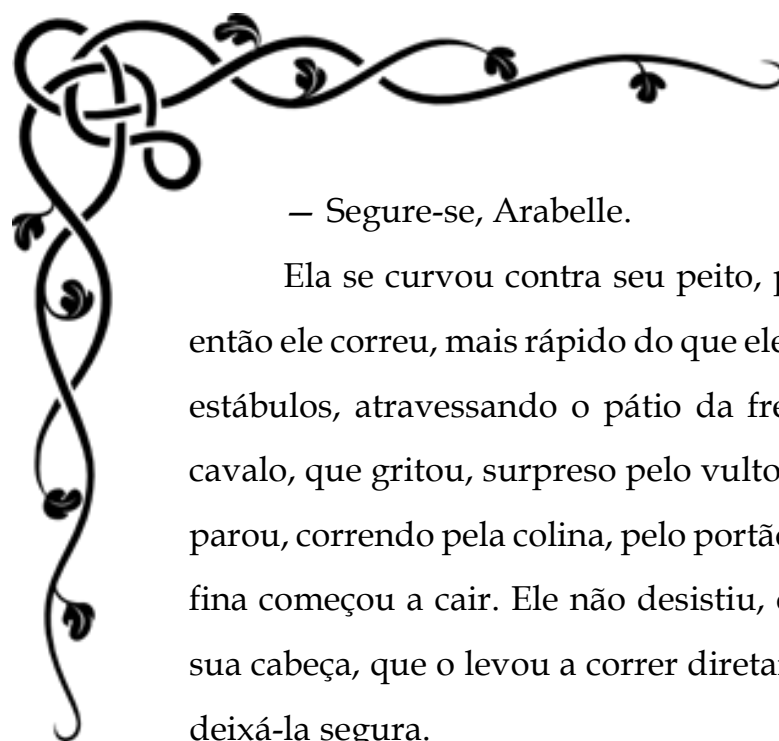
O Legionário, um jovem soldado com trinta e poucos anos, olhou confuso para Arabelle. Talvez ele não tivesse visto que eles a tinham capturado.

— Soldado, abra essa porta imediatamente. — Disse Marius, impondo sua autoridade de forma mais agressiva.

— Sim, Sua Alteza.

Ele se atrapalhou com a chave, mas abriu a porta em segundos. Marius atravessou o pátio do lado sul do palácio. Seria mais rápido atravessar o palácio, mas eles correriam maior risco de serem interceptados.

Um raio reluziu no céu. O trovão vibrou no ar. Sua respiração estava difícil, mais do que ele já havia experimentado antes. O esforço da luta e a ferida sangrando em seu ombro, juntamente com o fato de que ele não se alimentava há duas semanas, o debilitou. Ele precisava tirá-la daqui antes de perder a consciência.



— Segure-se, Arabelle.

Ela se curvou contra seu peito, pressionando seu rosto no pescoço dele, então ele correu, mais rápido do que ele já havia corrido na vida, passando pelos estábulos, atravessando o pátio da frente e passando pelo guarda noturno a cavalo, que gritou, surpreso pelo vulto que o pegou desprevenido. Mas ele não parou, correndo pela colina, pelo portão do palácio e por Sylus, onde uma chuva fina começou a cair. Ele não desistiu, com um único pensamento rodando em sua cabeça, que o levou a correr diretamente para Larkin Wood – ele precisava deixá-la segura.

A chuva continuou a cair, encharcando-os, enquanto ele sentia as pernas começando a falhar. Mas a sorte sorriu para eles. Talvez os céus estivessem do lado deles, eliminando qualquer chance de os perseguidores encontrá-los.

Ele se forçou a ir mais longe, correndo diretamente para a Floresta de Silvane, assustando um coelho que correu para sua toca.

— Espere. Desacelere. — Disse Arabelle. — Me solte, Marius. Você está cansado.

— Ainda não. Precisamos encontrar um lugar seguro para se esconder. Não sei quanto tempo vai demorar para minha mãe enviar os Legionários atrás de nós.

— Naquela direção. — Ela apontou para um espesso conjunto de carvalhos pretos. Não havia trilha. — Siga por este bosque, naquela direção. Você vai chegar à casa de Sienna.

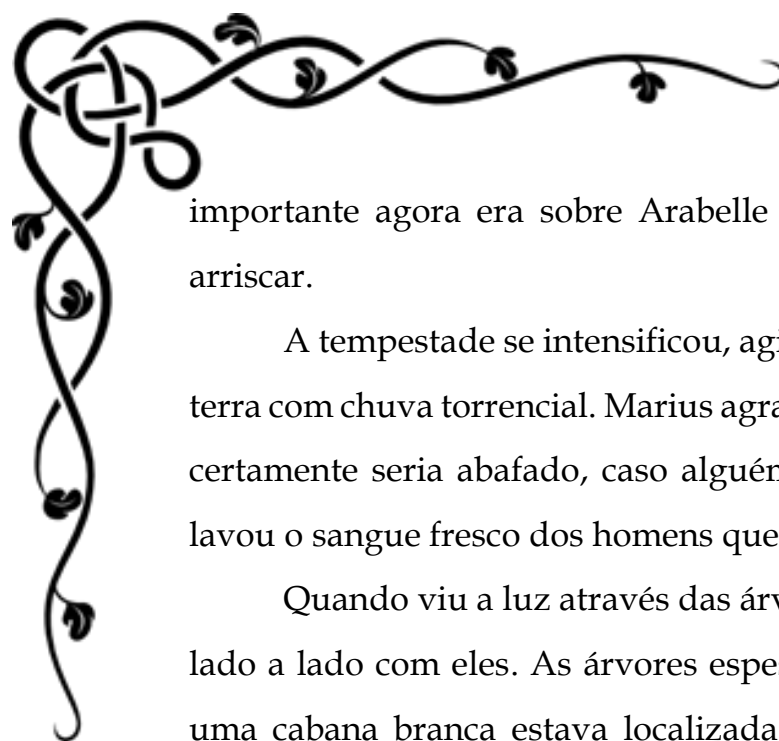
— Sienna?

— A mulher dos lobos místicos. Ela agora é minha amiga.

— Sua, não minha.

— Ela não vai machucar você. Nem os lobos. Eu prometo.

Ele teria que confiar nela. Se os lobos o atacassem agora, ele certamente morreria. Ele não tinha forças para se defender. Mas, seu pensamento mais



importante agora era sobre Arabelle e deixá-la em segurança. Ele teria que arriscar.

A tempestade se intensificou, agitando o mundo com trovões e batendo a terra com chuva torrencial. Marius agradeceu novamente aos céus. Seu perfume certamente seria abafado, caso alguém tentasse rastreá-los. A chuva também lavou o sangue fresco dos homens que ele matou. Não, não homens. Monstros.

Quando viu a luz através das árvores, ouviu o som de lobos caminhando lado a lado com eles. As árvores espessas se abriram para uma clareira, onde uma cabana branca estava localizada, com a porta aberta e uma mulher de cabelos castanho-avermelhados de pé, olhando para fora. O lobo branco estava ao lado dela, na chuva.

— Voltem, Hugo e Kai! Não, Luca!

Marius parou dentro da clareira, encarando os três lobos machos que os rodeavam, com os dentes a mostra. O lobo preto mostrou os dentes com um rosnado.

— É Arabelle, Luca. Agora, se comporte. — A mulher, que Arabelle disse se chamar Sienna, saiu na noite chuvosa e os conduziu para dentro.

Marius não hesitou, mas no momento em que atravessou o limiar, na sala quente e seca, ele desabou de joelhos, com Arabelle ainda em seus braços. A porta se fechou atrás deles.

Ela saiu de seu abraço. Ele caiu com as mãos no chão, respirando profundamente, sua visão embaçando.

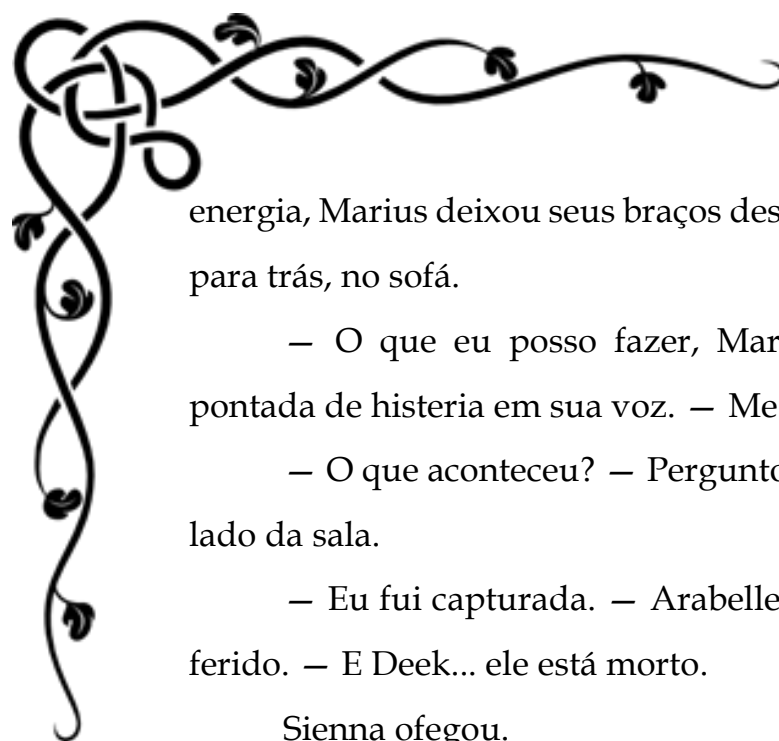
— O que aconteceu? — Perguntou Sienna.

— *Marius*. Você consegue me ouvir?

Arabelle se ajoelhou ao lado dele, tirando o cabelo molhado do rosto dele.

— Vamos levá-lo para o sofá.

As mulheres o ajudaram a se levantar, apoiando-se cada uma a um lado dele. Cambaleando, elas conseguiram levá-lo até o sofá. Totalmente sem



energia, Marius deixou seus braços desabarem nas almofadas e a cabeça tombar para trás, no sofá.

— O que eu posso fazer, Marius? — Perguntou Arabelle, com uma pontada de histeria em sua voz. — Me traga um pano, por favor, Sienna.

— O que aconteceu? — Perguntou a outra mulher, correndo para o outro lado da sala.

— Eu fui capturada. — Arabelle rasgou sua camisa, para expor o ombro ferido. — E Deek... ele está morto.

Sienna ofegou.

— Fodam-se, todos eles! — Ela voltou para o lado de Arabelle e entregou um pano grosso.

Arabelle cobriu a ferida aberta da mordida de Radomir. Ele estremeceu, porque a carne estava sensível.

— Nem todos. — Disse Arabelle. — Marius os matou. Ele me salvou.

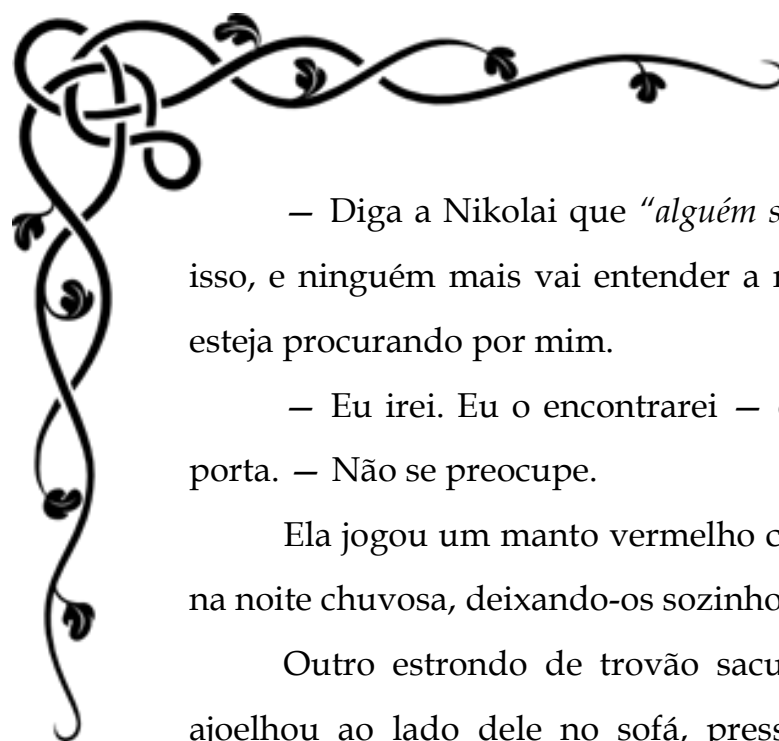
A ternura em sua voz o tocou. Mas ele estava muito fraco para levantar a cabeça.

— Marius, sua ferida não está curando. Por que você não está se curando?

— Eu preciso... — Ele não podia nem dizer a palavra *sangue*, pois ele sabia a reação que ela teria, especialmente depois do que testemunhou nas profundezas do calabouço de seu próprio palácio. Ele não suportaria ver medo ou nojo em seus olhos. Não agora. — Você conseguiria, de alguma forma, encontrar meu amigo, o Tenente Nikolai? — Ele perguntou a Sienna. — Ele deve estar em Sylus. Ele estava patrulhando esta noite.

— O que devo dizer a ele? — Perguntou Sienna. — Os outros Legionários não podem saber sobre suas lesões ou onde você está. Eles podem ser mais leais à coroa do que a você.

Marius conseguiu levantar a cabeça.



— Diga a Nikolai que “alguém sente a escuridão de Cutters”. Diga apenas isso, e ninguém mais vai entender a mensagem, apenas ele. Talvez ele até já esteja procurando por mim.

— Eu irei. Eu o encontrarei — disse Sienna, caminhando em direção à porta. — Não se preocupe.

Ela jogou um manto vermelho com capuz sobre a cabeça e então entrou na noite chuvosa, deixando-os sozinhos.

Outro estrondo de trovão sacudiu os vidros das janelas. Arabelle se ajoelhou ao lado dele no sofá, pressionando o pano na ferida aberta. Ele estremeceu de dor. Radomir havia ferido seu ombro para se vingar.

— Não quer parar de sangrar. — Ela disse, suas mãos tremendo.

— Vai dar tudo certo... quando Nikolai chegar aqui. — Embora ele não tivesse tanta certeza de que Nikolai chegaria a tempo.

— Por que você não está se curando?

Ele fechou os olhos, sentindo o sono se apoderando dele. Seu corpo estava tentando desligar.

— Marius!

Ele abriu os olhos. Ela colocou o rosto dele entre as mãos, com medo escrito por toda sua face.

— Os vampiros se curam sozinhos. Eu sei disso. E você é um Varis. Você devia estar se curando. O que está acontecendo com você? A mordida dele fez alguma coisa?

— Não. Eu preciso... me *alimentar*.

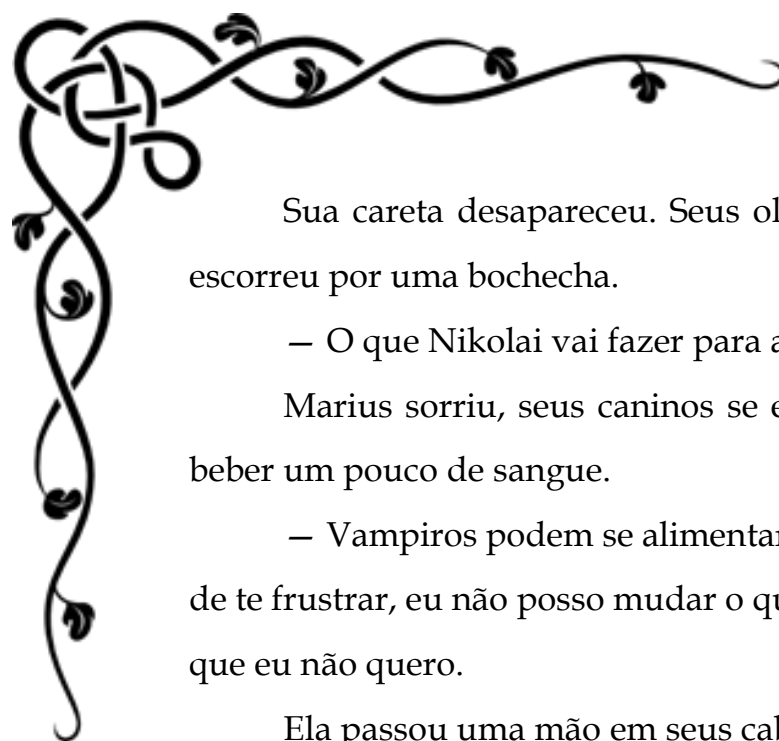
Um olhar franzido enrugou a testa dela.

— Quando foi a última vez que você se alimentou?

— Na noite em que você acertou a adaga no meu coração.

— Eu errei seu coração, se você não se lembra.

— Oh, eu me lembro muito bem. E você não errou.



Sua careta desapareceu. Seus olhos lacrimejaram, até que uma lágrima escorreu por uma bochecha.

— O que Nikolai vai fazer para ajudar?

Marius sorriu, seus caninos se estendendo com o mero pensamento de beber um pouco de sangue.

— Vampiros podem se alimentar de outros vampiros, Arabelle. E, apesar de te frustrar, eu não posso mudar o que eu sou. Nem mesmo se eu quisesse. O que eu não quero.

Ela passou uma mão em seus cabelos, afastando os cabelos molhados.

— Eu não quero que você mude. — Ela se sentou lentamente sobre seu colo. — Eu te amo exatamente como você é, Marius.

Ele dificilmente conseguia acreditar no que tinha ouvido, pensando que não passava de um truque de seu corpo fragilizado. Se morresse agora, morreria feliz. Ele não pôde deixar de sorrir. Ele mal conseguia levantar o braço, sentindo seus membros pesados, o que era um claro sinal de que estava perto da inconsciência. Mas ele não conseguiu se impedir de tocá-la, agarrando sua bochecha suave e saboreando suas palavras.

— Diga isso de novo. — Disse ele. — Por favor.

Ela chegou ainda mais perto, encostando seus lábios contra os dele.

— Eu te amo, Marius.

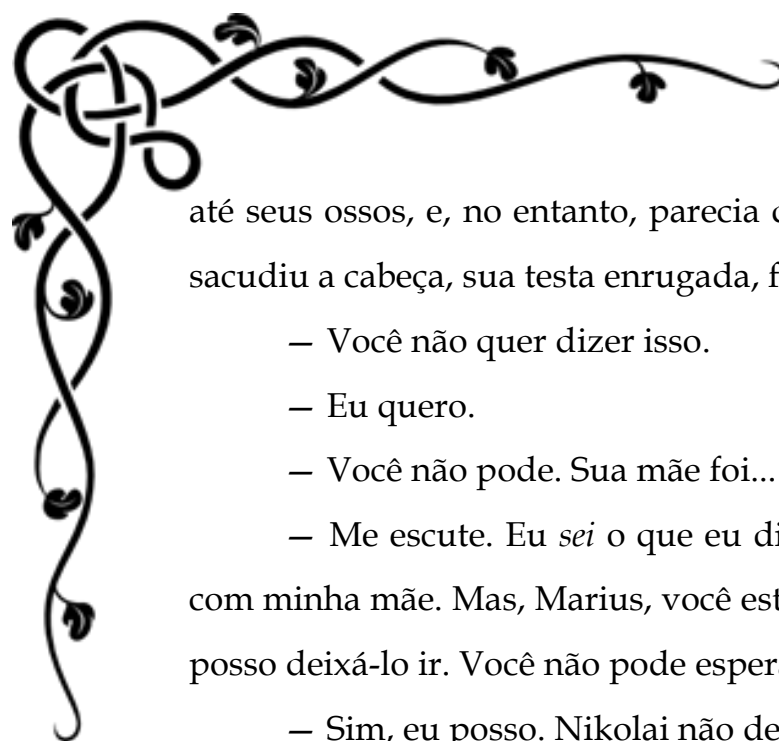
Ela abriu a boca sobre a dele, beijando-o suavemente.

— Beba de mim.



Seus olhos cintilaram como estrelas brilhantes, sua boca se abriu, suas presas alongaram, afiadas e preparadas. Arabelle tinha certeza de suas palavras





até seus ossos, e, no entanto, parecia que Marius não conseguia acreditar. Ele sacudiu a cabeça, sua testa enrugada, formando uma careta.

— Você não quer dizer isso.

— Eu quero.

— Você não pode. Sua mãe foi...

— Me escute. Eu *sei* o que eu disse, e não, não esqueci o que aconteceu com minha mãe. Mas, Marius, você está morrendo diante dos meus olhos. Não posso deixá-lo ir. Você não pode esperar mais.

— Sim, eu posso. Nikolai não deve demorar a chegar.

Mesmo que ele falasse poucas palavras, ainda estava sem fôlego. Estava na hora de usar um pouco mais de persuasão. Ela agarrou a manga cavada do vestido, que pendia nos ombros e o puxou para baixo, tanto quanto o corpete permitiu, então chegou ainda mais perto dele.

— Beba de mim, Marius. Eu quero que você pegue o que precisa. De mim. Não de Nikolai ou de qualquer outra pessoa. Eu quero cuidar de você.

O olhar dele já tinha baixado para o pulsar latejante em seu pescoço.

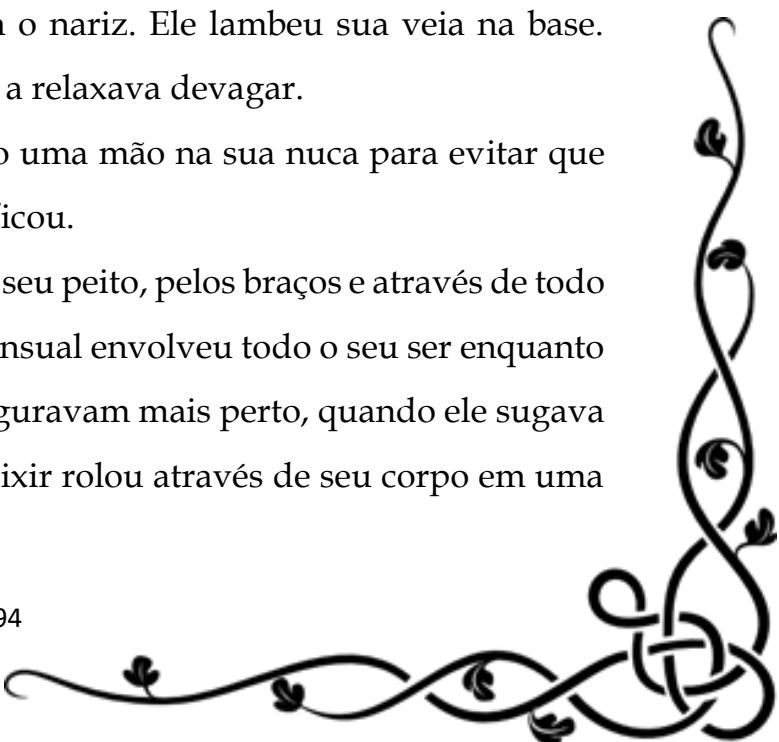
— Você tem certeza? — Ele sussurrou, conforme suas pupilas dilataram.

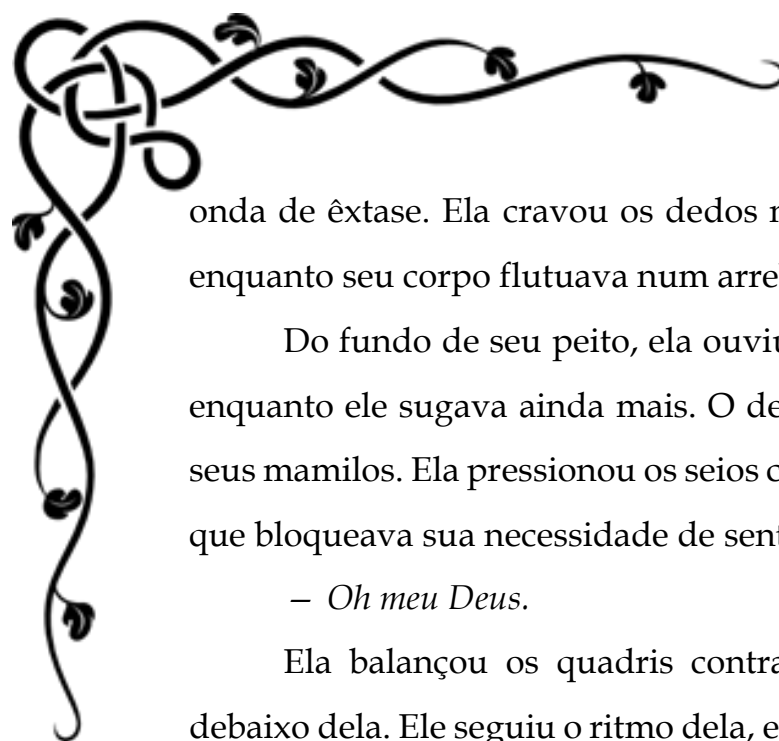
— Sim. Eu tenho. — Ela inclinou a cabeça para o lado, oferecendo-lhe o que ele precisava.

Ele envolveu ambas as mãos em volta da cintura dela, segurando-a com rapidez e acariciando seu pescoço com o nariz. Ele lambeu sua veia na base. Uma leve físgada a picou, enquanto ele a relaxava devagar.

— Ah. — Ela ofegou, envolvendo uma mão na sua nuca para evitar que ele se afastasse quando a dor se intensificou.

Uma onda de euforia desceu pelo seu peito, pelos braços e através de todo seu corpo, até suas pernas. Uma aura sensual envolveu todo o seu ser enquanto os braços de Marius a abraçavam e a seguravam mais perto, quando ele sugava a veia no pescoço dela. Seu poderoso elixir rolou através de seu corpo em uma





onda de êxtase. Ela cravou os dedos nos bíceps dele, segurando-se com força enquanto seu corpo flutuava num arrebatamento hipnótico.

Do fundo de seu peito, ela ouviu um ruído profundo, feito um rosnado, enquanto ele sugava ainda mais. O desejo pulsava dentro dela e sensibilizava seus mamilos. Ela pressionou os seios contra o peito dele, frustrada pelo corpete que bloqueava sua necessidade de sentir a pele na pele.

– *Oh meu Deus.*

Ela balançou os quadris contra ele, encontrando-o duro como pedra debaixo dela. Ele seguiu o ritmo dela, enquanto continuava a beber até se saciar. O puxão de sua sucção pinicava na pele dela. Uma leve dor a invadiu novamente, se unindo ao elixir que amplificava seu prazer.

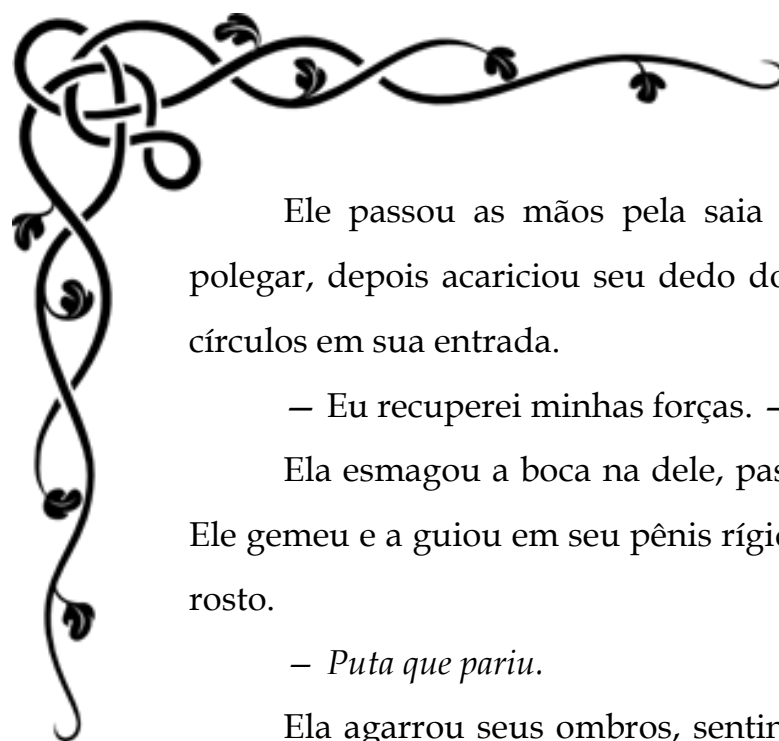
Ela podia sentir sua força voltando, simplesmente pelo jeito que ele se agarrou a ela e se sentou mais reto, para lambar e passar sua língua em sua garganta. Ela se preparou para a dor de sua mordida. Mas ela não se preparou para a sensação erótica que tomou conta dela, afastando todos os seus pensamentos, exceto tê-lo dentro dela. Agora.

Ele parou de sugar em sua garganta. Um rubor saudável apareceu em seu pescoço e bochechas, enquanto os músculos firmes e fortes em seu ombro ferido se uniam e a pele se recuperava, bem diante de seus olhos.

Ela inclinou os braços para trás, tentando soltar os laços de seu corpete. Ele a ajudou, arrancando-os, estourando um, antes de retirar o corpete e jogá-lo de lado. Subindo o vestido até a cintura, ele deixou rastros de beijos no caminho até seus seios, raspando sua carne macia com uma das presas, mas não doeu. Foi só para provocar, antes dele lambar seu seio, circulando o mamilo com a língua.

Parcialmente de joelhos, ela alcançou entre as pernas dele e afrouxou a calça, depois puxou a própria saia para fora do caminho.

Ela xingou, tentando febrilmente remover todas as barreiras entre eles.



Ele passou as mãos pela saia e esfregou seu clitóris inchado com o polegar, depois acariciou seu dedo do meio ao longo de sua boceta, fazendo círculos em sua entrada.

— Eu recuperei minhas forças. — Ele disse, com um sorriso.

Ela esmagou a boca na dele, passando a língua sobre os dentes afiados. Ele gemeu e a guiou em seu pênis rígido, puxando a boca da dela para ver seu rosto.

— *Putá que pariu.*

Ela agarrou seus ombros, sentindo os músculos tencionarem com força sob seus dedos, enquanto ele empurrava dentro dela repetidas vezes. Ela tentou montá-lo, mas ele criou um ritmo próprio, que ela não conseguiu acompanhar.

Ele sorriu, mostrando seus caninos. Ela não pôde deixar de lambe os lábios ao vê-los. Ela nunca imaginou que um dia iria olhar para as presas de um vampiro com um desejo tão evidente. Mas, também nunca imaginou ter um amante como Marius.

Um verdadeiro amante.

— Me morda novamente. — Implorou. — Por favor, Marius.

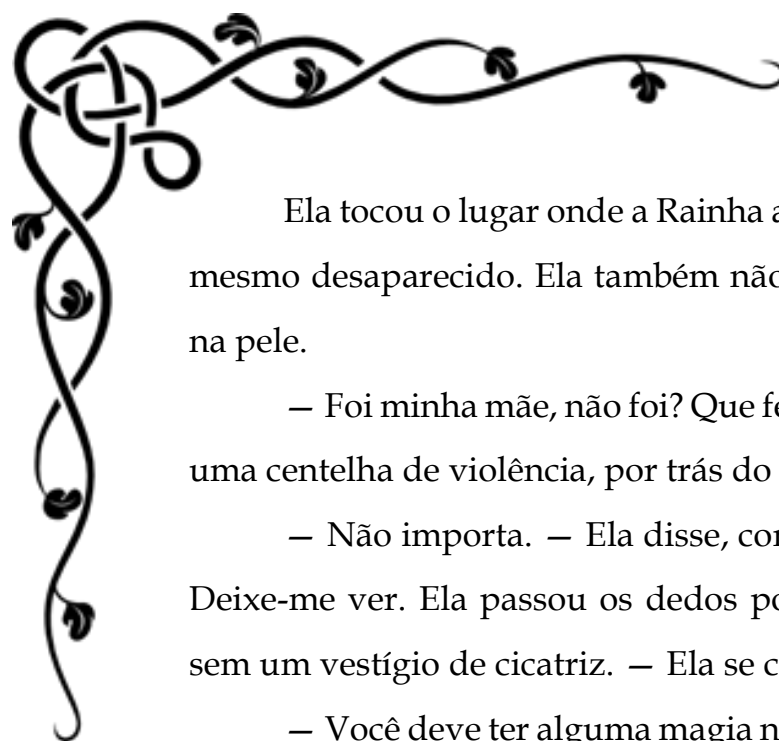
Um grunhido percorreu a sala enquanto ele se movia na velocidade de um vampiro, colocando-a no tapete ao lado da lareira. Elevando uma das pernas dela para cima com o braço, ele empurrou para dentro dela e afundou suas presas em sua carne novamente, mais faminto do que antes. Ele lambeu o pescoço dela e investiu em sua boceta, até que ela não aguentou mais e gozou com um grito, e ele pulsou dentro dela, soltando um gemido desesperado.

Ele lambeu os novos furos na base do seu pescoço, apoiando-se nos antebraços para olhá-la. Ambos sem fôlego.

— Por que você faz isso? — Ela perguntou, soltando um suspiro.

— Para selar a ferida. Eu quero me certificar de que ela se curou direito.

— Ele passou os dedos em sua bochecha. — Agora, o arranhão que você tinha aqui desapareceu.



Ela tocou o lugar onde a Rainha a feriu, franzindo a testa porque ele havia mesmo desaparecido. Ela também não sentiu os efeitos doloridos da mordida na pele.

— Foi minha mãe, não foi? Que fez isso com você? — Seu olhar sustentava uma centelha de violência, por trás do olhar preguiçoso de um amante saciado.

— Não importa. — Ela disse, com uma sacudida de cabeça. — Sua lesão. Deixe-me ver. Ela passou os dedos por seu ombro nu, perfeitamente curado, sem um vestígio de cicatriz. — Ela se curou tão rapidamente.

— Você deve ter alguma magia no seu sangue. — Ele provocou, roubando um beijo de seus lábios inchados.

— Esse elixir que foi liberado quando você me mordeu? Tem poder de cura?

— Sim. É também está presente no nosso sangue, que é como nós curamos as feridas corporais.

— Esse sentimento... Esses sentimentos atingem a todos os humanos que são mordidos?

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Que sentimentos seriam esses?

— Ha! — Ela empurrou seu peito, mas ele não se moveu. — Você sabe quais sentimentos.

— Não. Não tenho ideia do que você está falando. — Ele colocou um beijo no ombro dela.

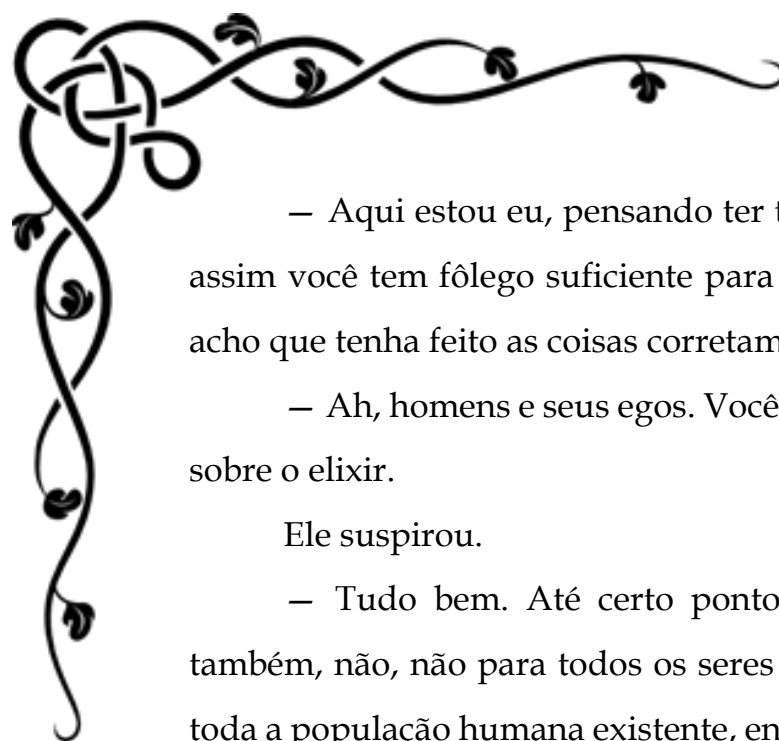
— Sim, você sabe. O sentimento que me faz querer arrancar todas as suas roupas e violá-lo de todas as formas possíveis.

— Me violar? — Ele riu, uma mecha de cabelo preto caindo na frente de um olho. — Isso parece delicioso.

— Estou falando sério.

— Eu também, bastante sério.

— Marius! Pare com isso. Conte-me sobre o elixir.



— Aqui estou eu, pensando ter te levado a um êxtase silencioso, e ainda assim você tem fôlego suficiente para me fazer uma dúzia de perguntas. Não acho que tenha feito as coisas corretamente.

— Ah, homens e seus egos. Você fez tudo muito bem, mas eu quero saber sobre o elixir.

Ele suspirou.

— Tudo bem. Até certo ponto, sim, tem um efeito semelhante. Mas também, não, não para todos os seres humanos. Claro, eu também não morde toda a população humana existente, então não posso dizer com certeza. Mas, eu sei de histórias e de conversas com outros vampiros, que o elixir pode criar uma gama de sensações no bleeder. Às vezes, eles podem se sentir relaxados e com sono, às vezes revigorados, como se tivessem acabado de correr uma maratona. Ouvi até mesmo sobre uma humana que jurou ter visto fadas.

Arabelle riu.

— Fadas? Isso é bobagem.

— Não. É verdade. Bem, é verdade que ela acha que as viu, mas o sujeito que a mordeu disse que não viu mais ninguém na sala.

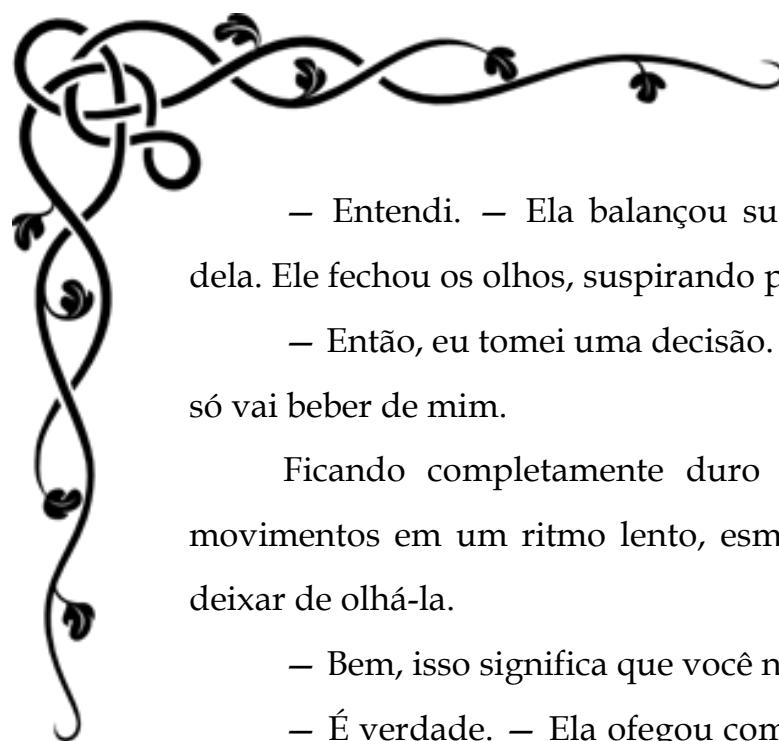
— O que mais?

— Eu já ouvi falar que o elixir também cria a sensação de medo bruto em um ser humano, mas eu só ouvi que causa isso quando os vampiros tomam um humano pela força ou os intimidam a se tornar um bleeder. E, claro, como você bem notou, pois certamente tentou arrancar minhas roupas, ele também tem um efeito bastante erótico.

Arabelle se balançou debaixo dele, curtindo a sensação de ele ainda estar dentro dela enquanto conversavam casualmente. Ele grunhiu quando ela se moveu e soltou uma respiração, permanecendo imóvel.

— E... essa tem sido sua experiência... com humanos? *Todas* as suas bleeders tem essa sensação *erótica*?

Ele encolheu os ombros em resposta.



— Entendi. — Ela balançou suavemente a pélvis, segurando-o dentro dela. Ele fechou os olhos, suspirando pesadamente.

— Então, eu tomei uma decisão. — Disse ela. — De agora em diante você só vai beber de mim.

Ficando completamente duro em um instante, ele recomeçou seus movimentos em um ritmo lento, esmagando os quadris contra os dela, sem deixar de olhá-la.

— Bem, isso significa que você nunca mais pode sair do meu lado.

— É verdade. — Ela ofegou com seu próximo impulso, já que ele estava totalmente duro novamente e atingindo-a profundamente. — Mas faz parte da tradição que marido e mulher permaneçam um ao lado do outro.

Ele parou.

— Não. — Protestou ela. — Continue se mexendo.

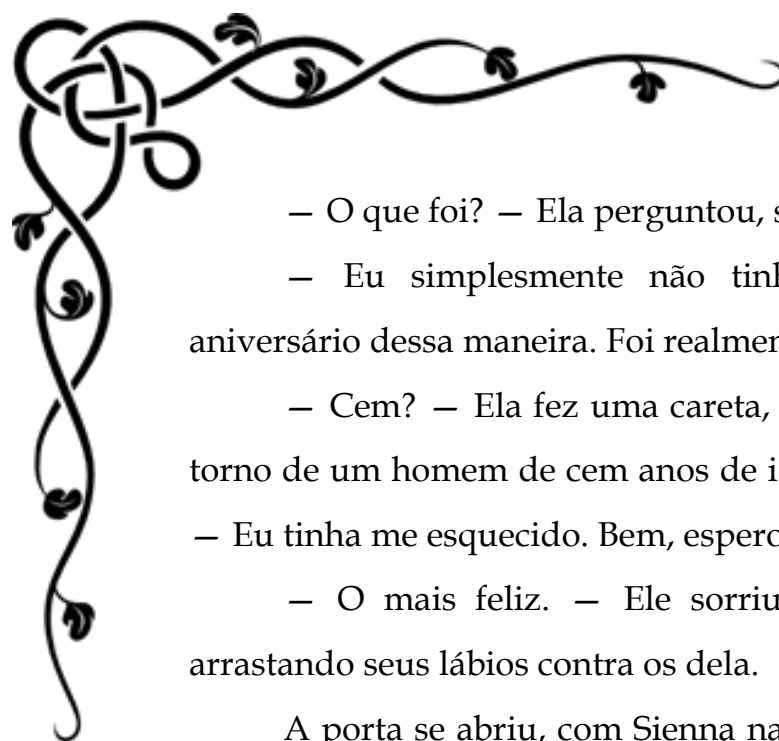
Ele se forçou a esperar.

— Marido e mulher, hein? Não me lembro de você me pedir em casamento. — Então, ele acelerou o ritmo.

— Bem, o que você acha disso como proposta? — Ela agarrou sua nuca e o puxou para baixo, até que seus lábios estivessem pairando sobre os dela, enquanto ele continuava empurrando profundamente dentro dela. — Você quer se casar comigo, Marius, Príncipe de Varis? Você quer aquecer minha cama todas as noites? Quer me amar, mesmo quando nossos dias forem curtos e nossas noites forem longas? Você amará as crianças que vierem da nossa união e nos protegerá com sua própria vida, se for preciso? Se você disser que sim, eu farei o mesmo por você. Eu prometo te dar meu corpo, meu sangue, até minha própria vida, até que a morte nos separe.

Ele empurrou mais forte, balançando seus quadris em um círculo, para atingir ainda mais fundo a cada vez.

— Sim. — Ele disse, voltando para dentro dela, estremecendo com sua liberação. — Sempre. — Então ele riu.



– O que foi? – Ela perguntou, sem fôlego.

– Eu simplesmente não tinha imaginado passar meu centésimo aniversário dessa maneira. Foi realmente muito diferente do que eu esperava.

– Cem? – Ela fez uma careta, ainda tentando envolver sua cabeça em torno de um homem de cem anos de idade, que parecia tão bem, no seu auge.

– Eu tinha me esquecido. Bem, espero que tenha sido um aniversário feliz.

– O mais feliz. – Ele sorriu, com os caninos ainda estendidos, e arrastando seus lábios contra os dela.

A porta se abriu, com Sienna na frente e Nikolai logo atrás dela, ambos encharcados pela chuva.

– Oh, meu Deus! – Sienna girou de volta e esbarrou no peito de Nikolai.

– Eu sinto muito.

– Ah, caralho, Marius! – Disse Nikolai, segurando Sienna com firmeza e sorrindo por cima do ombro. – Não me parece que você está à beira da morte, como eu fui informado.

– Saia! – Gritou Marius, puxando um cobertor do sofá para cobrir Arabelle.

– Não mesmo, meu amigo. Eu já estou todo molhado.

– Nos dê apenas dois minutos. – Disse Arabelle, sorrindo.

– Dois minutos? Só isso? – Perguntou Nikolai, com ironia.

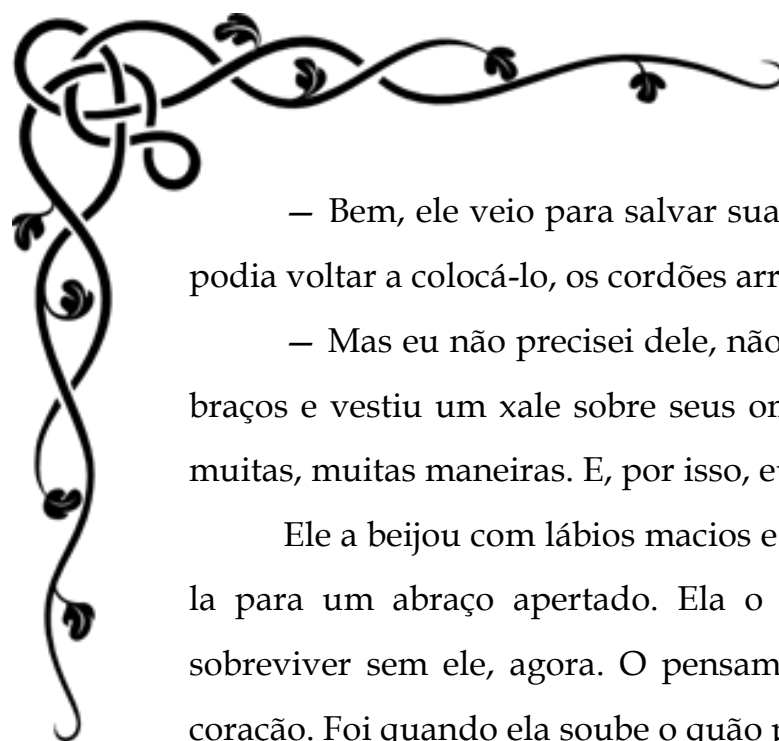
– *Vamos lá*, Tenente. Para fora. – Disse Sienna, empurrando-o pelos ombros e enxotando-o para fora.

– Você cora lindamente quando está envergonhada, senhorita. – Disse Nikolai. – Eu adoraria ver o quão longe esse rubor vai.

– Mas você não vai, Tenente. – E então ela bateu a porta atrás deles.

Arabelle puxou o vestido de volta enquanto Marius puxava a calça.

– Tinha que ser o maldito Nikolai para arruinar um momento perfeitamente romântico.



— Bem, ele veio para salvar sua vida. — Ela pegou o corpete e riu. Não podia voltar a colocá-lo, os cordões arrebitados pendiam inutilmente.

— Mas eu não precisei dele, não é? — Marius a girou de volta para seus braços e vestiu um xale sobre seus ombros. — Você me salvou, Arabelle. De muitas, muitas maneiras. E, por isso, eu sou eternamente grato.

Ele a beijou com lábios macios e golpes de língua suaves, antes de puxá-la para um abraço apertado. Ela o segurou, sem saber como ela poderia sobreviver sem ele, agora. O pensamento infligiu um medo terrível em seu coração. Foi quando ela soube o quão profundo era seu amor por este homem.

Por este vampiro.

Ela se agarrou a ele e sussurrou em seu ouvido com toda a ternura que conseguiu reunir.

— Você é meu Príncipe valente, que veio para me salvar - não da torre de marfim em que eu habitava, mas do buraco escuro, cheio de desespero que era meu coração. Meu mundo agora tem mais luz, por causa de você, meu amor.

Ele passou os dedos pela bochecha dela.

— Igual ao meu, minha futura esposa.

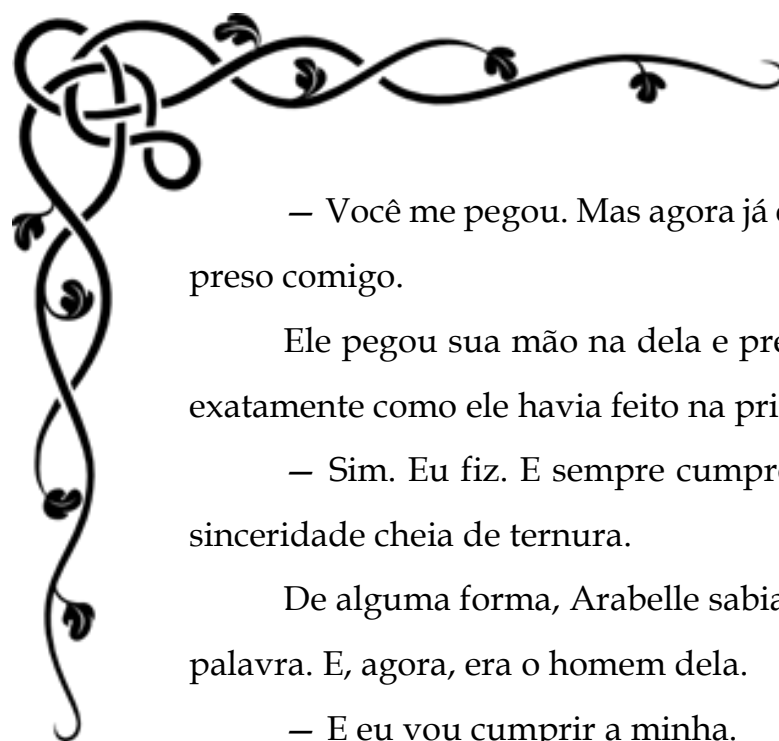
Inalando uma respiração profunda, ela roubou mais um beijo e depois caminhou para a porta, com um sorriso brilhante estampado em seu rosto.

— Bem, agora que está tudo resolvido, suponho que seja hora de trazer você e seu Tenente para o círculo de confiança.

— Círculo de confiança?

— Sim. — Ela disse, quando chegou à porta. — Engraçado. Nunca pensei que um dia alistaria vampiros ao Black Lily.

— Na verdade, eu pensei que tinha sido por isso que você me pediu em casamento. — Ele a agarrou por trás, antes que ela pudesse abrir a porta e deu um beijo em seu pescoço. — Me diga a verdade. Esse era o seu plano o tempo todo, não era?



— Você me pegou. Mas agora já era. Você fez uma promessa. E agora está preso comigo.

Ele pegou sua mão na dela e pressionou um beijo suave em seus dedos, exatamente como ele havia feito na primeira noite em que se encontraram.

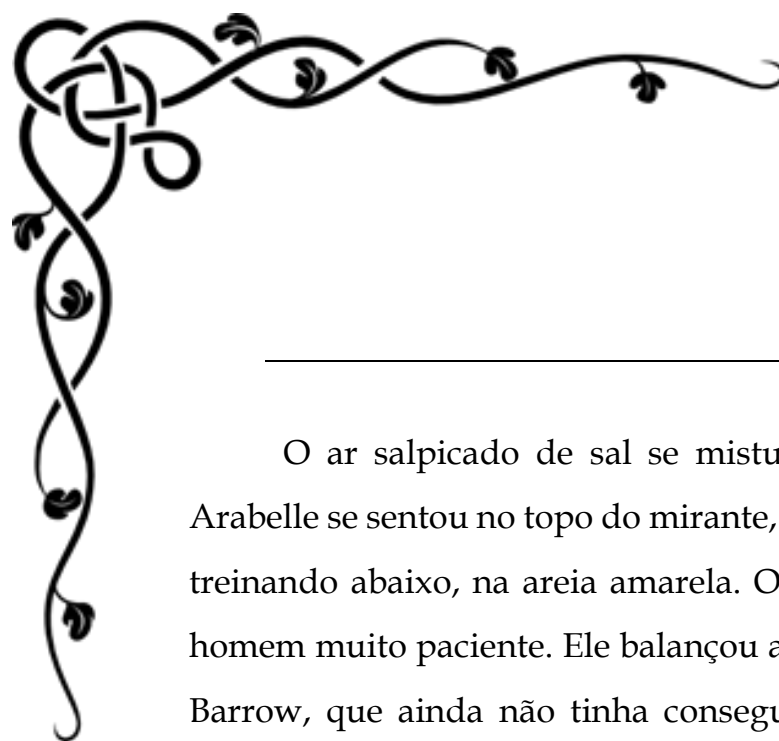
— Sim. Eu fiz. E sempre cumprio minhas promessas. — Disse com uma sinceridade cheia de ternura.

De alguma forma, Arabelle sabia que era verdade. Ele era um homem de palavra. E, agora, era o homem dela.

— E eu vou cumprir a minha.

Então, eles abriram a porta.

Juntos.



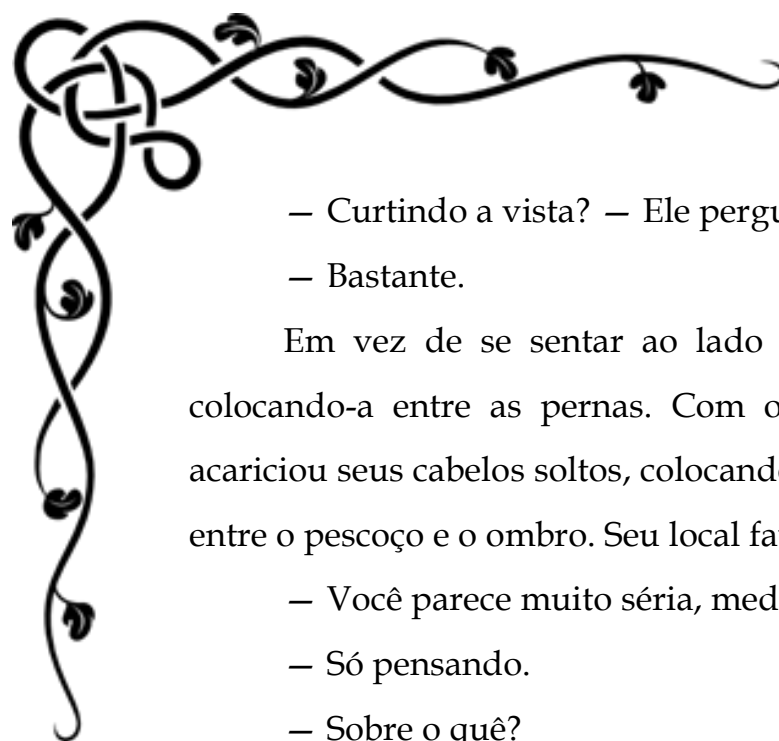
Epílogo

O ar salpicado de sal se misturava a neblina acima da arrebentação. Arabelle se sentou no topo do mirante, não olhando o mar, mas para os homens treinando abaixo, na areia amarela. O amigo de Marius, Nikolai, não era um homem muito paciente. Ele balançou a cabeça para Wyatt, o amigo dos irmãos Barrow, que ainda não tinha conseguido pegar o jeito certo de manusear a espada de maneira defensiva. Nikolai agarrou o pulso do homem e o ergueu até a altura adequada e fez todos os gestos de mão selvagens, sua boca derramando um fluxo de comandos severos, antes de sair do caminho e deixar o aprendiz ir em mais uma rodada com Ivan, que estava ali, esperando e sorrindo.

Marius subiu a passos largos em direção ao lugar em que Arabelle estava. Seu olhar mudou de rumo, indo da praia para o vampiro, que agora era seu marido.

Eles tiveram uma cerimônia muito pequena, apenas Sienna e Nikolai presentes em uma igreja em Hiddleston, à meia-noite - a hora certa para os casamentos de vampiros. Arabelle não se importou, pois também foi o melhor momento para um casamento clandestino. Era, de longe, o casamento mais inconformista que ela já havia assistido. O seu próprio. O padre era um amigo de Sienna e, por isso, ele não fez perguntas.

A brisa que soprava do oceano agitou os cabelos pretos de Marius, bagunçando-o, e pressionou a camisa de linho branco em seu peito, revelando o físico perfeito por baixo. Suas mangas estavam enroladas até um quarto de comprimento, expondo seus antebraços fortes e suas mãos, para facilitar o treinamento. Tudo o que Arabelle conseguia pensar era em todas as outras coisas maravilhosas que ele poderia fazer com essas mãos, na privacidade de seu quarto.



– Curtindo a vista? – Ele perguntou, quando chegou até ela.

– Bastante.

Em vez de se sentar ao lado dela, ele se sentou atrás e a abraçou, colocando-a entre as pernas. Com os braços ao redor de sua cintura, ele acariciou seus cabelos soltos, colocando-os de lado, para beijar a curva sensível entre o pescoço e o ombro. Seu local favorito.

– Você parece muito séria, meditando sozinha aqui em cima.

– Só pensando.

– Sobre o quê?

– Para onde vamos. Por onde estivemos.

Nate correu pelas ondas com o cachorro de Deek, Bruno, perseguindo-o dentro e fora da linha de água, conforme cada onda alcançava a praia. As orelhas moles de Bruno e sua barriga pesada não eram propícias à energia excessiva de Nate. Mas, o velho cachorro fez o seu melhor para acompanhar.

– Não olhe para trás, Arabelle.

– Eu não consigo evitar. Quando penso em Deek. E Mary...

– Eu sei. – Ele a apertou, suspirando pesadamente.

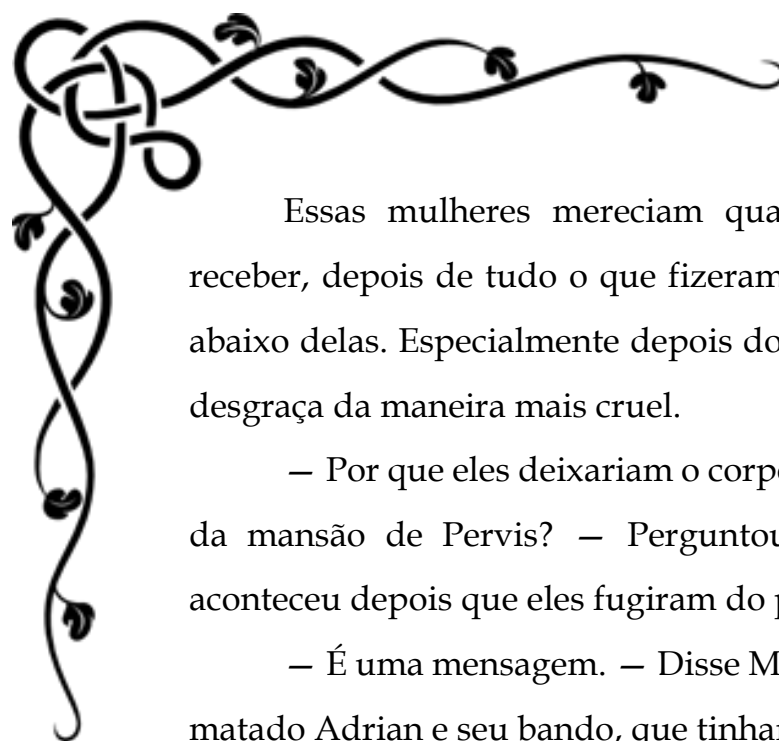
Arabelle não conseguia descobrir qual dos dois havia perdido mais. Sim, ela perdeu seu amigo mais querido, aquele que formou o Black Lily ao lado dela. E Mary, uma boa amiga também. Mas, Marius perdeu seus pais. Renegá-los - especificamente a mãe dele - não fazia doer menos.

Marius deu um beijo gentil em sua têmpora.

– Mas, você não precisa se preocupar. Os homens responsáveis por tudo aquilo já se foram. E Nikolai garantiu que a família Pervis pagasse por seus crimes antes de partir.

– O que aconteceu com elas, quando os Legionários tomaram suas terras e propriedades, por não pagar impostos para a coroa?

– Eu não sei. Mas sei que elas não tinham dinheiro nem roupas, exceto as que usavam quando foram expulsas de Sylus.



Essas mulheres mereciam qualquer destino horrível que pudessem receber, depois de tudo o que fizeram para abusar de sua posição e de todos abaixo delas. Especialmente depois do que fizeram à pobre Mary, selando sua desgraça da maneira mais cruel.

— Por que eles deixariam o corpo de Mary tão publicamente nos degraus da mansão de Pervis? — Perguntou Arabelle, ainda questionando o que aconteceu depois que eles fugiram do palácio.

— É uma mensagem. — Disse Marius. — Da minha mãe. Talvez eu tenha matado Adrian e seu bando, que tinham a compulsão por sangue. Mas, ela está deixando saber que tem mais pessoas a seu serviço, para fazer seu trabalho sujo.

— E seu pai? Ele também faz parte disso?

Marius suspirou.

— Eu não sei.

Tendo visto o horror da compulsão por sangue e o tipo de poder que ela tinha sobre os infectados, Arabelle se preocupava, tentando descobrir como vencer um inimigo desse tipo. Isso, se fosse mesmo possível.

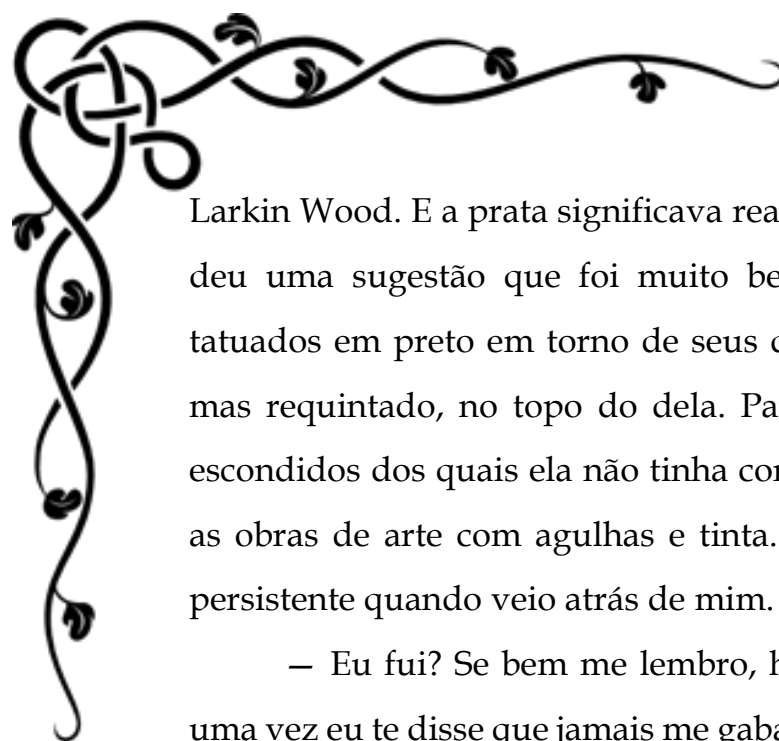
— Deve haver mais vampiros infectados. — Disse ela, trazendo a conversa de volta.

— Provavelmente. Eu tenho um primo que mora no Norte, perto de Terrington, e ele está investigando sua região. E Nikolai também tem um informante dentro do palácio. Quando for a hora certa, ele voltará e conseguirá informações. Agora ainda é muito perigoso. Eu conheço minha mãe. Ela vai nos procurar.

— Ela é persistente, não é?

— Você não tem ideia.

— Hmph. Acho que tenho uma ideia. — Ela colocou os braços sobre os dele, admirando o anel ao redor do dedo esquerdo. Num primeiro momento, eles não conseguiam decidir o que usar para simbolizar seu casamento. O ouro estava fora de questão, apesar de ainda terem um grande arsenal escondido em



Larkin Wood. E a prata significava realeza. Não seria adequado. Então Nikolai deu uma sugestão que foi muito bem-vinda. Agora, ambos usavam anéis tatuados em preto em torno de seus dedos. Arabelle tinha um lírio pequeno, mas requintado, no topo do dela. Parecia que Nikolai tinha alguns talentos escondidos dos quais ela não tinha conhecimento, pois foi ele quem desenhou as obras de arte com agulhas e tinta. E algumas horas. — Você foi bastante persistente quando veio atrás de mim. — Ela o lembrou.

— Eu fui? Se bem me lembro, houve algum pedido de sua parte. Mas, uma vez eu te disse que jamais me gabaria, mesmo quando você implorasse por mim.

— Ha! — Ela tentou se soltar de seu abraço, mas ele a apertou ainda mais e sorriu.

— Não, você não vai mais sair. Você é minha agora.

Ela riu quando ele mordiscou levemente seu pescoço.

— Eu sei. Existem testemunhas, incluindo seu melhor amigo, lá embaixo.

— Hmm.

Ela inclinou a cabeça para um lado, para que ele continuasse dando atenção ao seu pescoço.

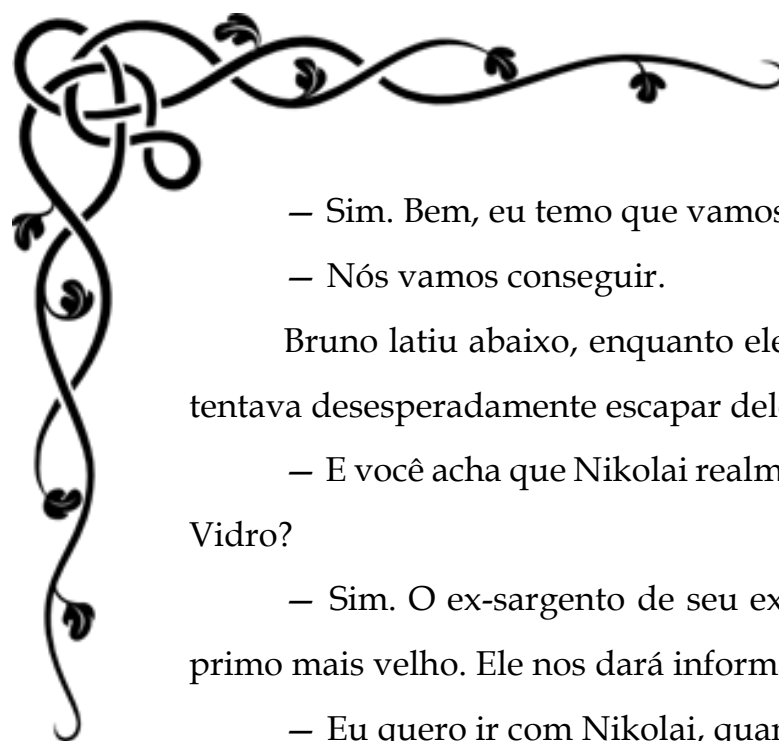
— Marius, ele se arrepende de vir conosco?

— Claro que não. Não havia outra opção quando eu lhe contei o que aconteceu. Nikolai não é um bom mentiroso. Ele não conseguiria continuar cumprindo seus deveres, sabendo o papel que minha mãe desempenhou em tudo isso. E, somos mais irmãos do que amigos. Eu já esperava que ele viesse.

— Ele fez mais do que apenas vir. Agora ele está treinando nosso exército. Marius riu.

— Ele gosta de estar no comando. Espero que você não se importe.

— De modo algum. Ele é o especialista, com toda sua experiência. Ele tem sido uma bênção, se certificando de que nossos novos recrutas tenham padrões adequados.



– Sim. Bem, eu temo que vamos precisar de mais do que isso.

– Nós vamos conseguir.

Bruno latiu abaixo, enquanto ele e Nate perseguiram um caranguejo que tentava desesperadamente escapar deles.

– E você acha que Nikolai realmente pode obter informações da Torre de Vidro?

– Sim. O ex-sargento de seu exército é o primo dele. Riker é leal a seu primo mais velho. Ele nos dará informações, se puder.

– Eu quero ir com Nikolai, quando ele retornar.

– Não. Ainda não. É muito cedo. Nós já conversamos sobre isso.

Ela suspirou.

– Tudo bem. Mas ele *precisa* ir procurar Sienna. E Willow. Eu insisto.

– Ele já prometeu que irá fazer isso. E, você recebeu uma carta de Sienna, dizendo que Willow está se recuperando bem.

– Suponho que Nikolai mantenha suas promessas tão bem quanto você.

– É claro que sim. Pare de se preocupar com sua amiga. E com sua égua. Elas têm os melhores guarda-costas, melhores do que qualquer um que eu conheça.

Arabelle sorriu.

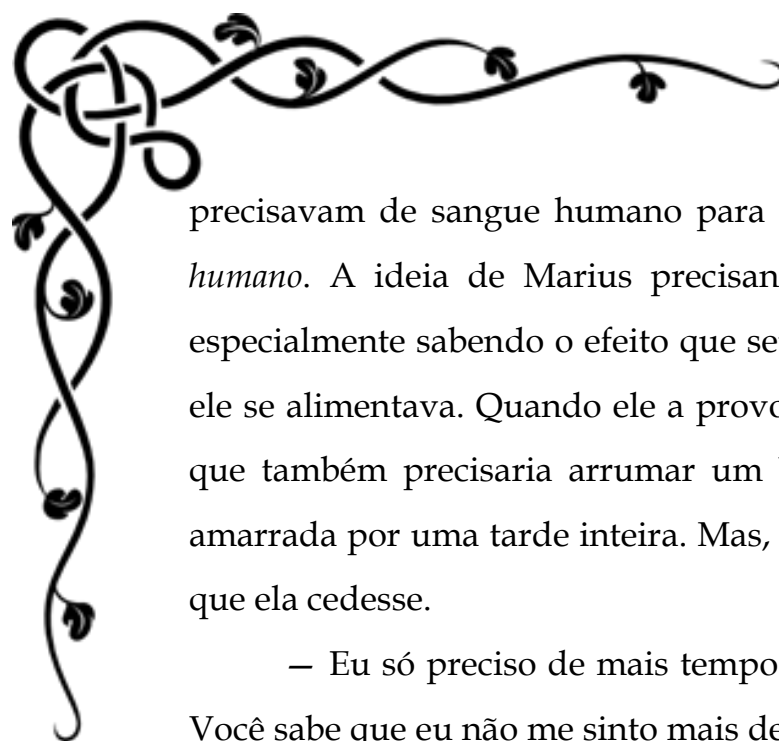
– Verdade. Mas eu ainda quero saber notícias dela quando ele retornar.

– Considere feito. Falando nisso, quanto tempo mais eu devo esperar, antes de você cumprir sua promessa?

– Qual delas? – Ela perguntou, sabendo exatamente a qual ele se referia, o que fez seu coração acelerar.

– Não seja medrosa.

Eles tiveram mais de uma discussão a respeito dela permanecer humana. Para Marius, não havia opção. Ele se recusava a viver séculos além de sua esposa. E, havia todo o dilema de beber sangue. Enquanto ela sabia que os vampiros poderiam se alimentar temporariamente de outros vampiros, eles



precisavam de sangue humano para viver. Não sangue animal, mas sangue *humano*. A ideia de Marius precisando de uma bleeder a deixava doente, especialmente sabendo o efeito que seu elixir tinha sobre as pessoas das quais ele se alimentava. Quando ele a provocou sobre seu ciúme, ela o recordou de que também precisaria arrumar um bleeder próprio. Isso o deixou de cara amarrada por uma tarde inteira. Mas, no final, ele continuou implorando para que ela cedesse.

— Eu só preciso de mais tempo. E não, não é porque a ideia me repele. Você sabe que eu não me sinto mais dessa maneira.

— Sim. Eu sei como você se sente. — Ele mordiscou mais forte em um ponto macio, rasgando cuidadosamente a pele e sugando suavemente. — Você poderia ter séculos disso.

O brilho cintilante de seu elixir fluíu rapidamente através de seu corpo.

— Marius, isso é trapaça.

— É persuasão.

— Coação.

— Você seria mais forte e estaria mais protegida como vampira. Para o Black Lily.

— E para você.

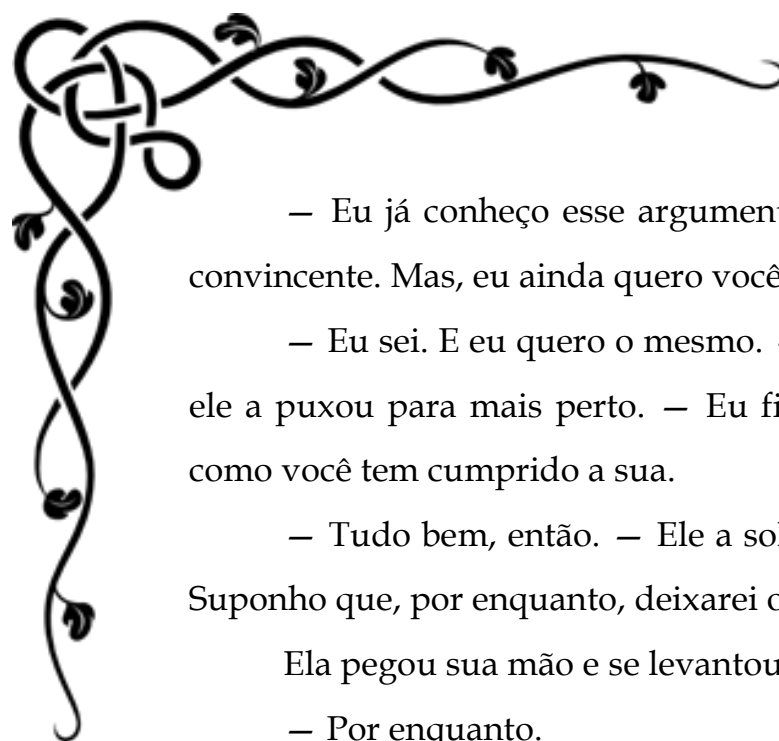
— Sim. E para mim. — Ele confessou. — Não vou negar. Verdade seja dita, eu só quero isso por mim, sou um idiota egoísta. Bem, e talvez para os nossos filhos.

Ela riu.

— Filhos?

— Hmm.

— Eu prometo que vou deixar você me transformar. Mas, ainda não. O Black Lily precisa de um ser humano para liderá-los. Não um vampiro. Eles não vão confiar em mim se eu, de repente, mudar minha lealdade.



— Eu já conheço esse argumento. Já escutei isso mais de cem vezes. É convincente. Mas, eu ainda quero você. Enquanto eu puder te ter.

— Eu sei. E eu quero o mesmo. — Ela envolveu seus braços com força, e ele a puxou para mais perto. — Eu fiz uma promessa. E a cumprirei. Assim como você tem cumprido a sua.

— Tudo bem, então. — Ele a soltou, se levantou e ofereceu sua mão. — Suponho que, por enquanto, deixarei o Black Lily ficar com você.

Ela pegou sua mão e se levantou, beijando-o na bochecha.

— Por enquanto.

— Mas não para sempre. — Ele disse, ficando mais sério e arqueando sua linda sobrancelha.

— Não. Para sempre, não. Isso pertence a você.